

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA

Daniela Adriana Garces de Oliveira

“TODA ALMA QUE SE ELEVA, ELEVA O MUNDO”:  
o discurso do periodismo católico dirigido às mulheres em Portugal – 1934-1969

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Musa Fay  
Orientadora

Porto Alegre  
2017

Daniela Adriana Garces de Oliveira

“TODA ALMA QUE SE ELEVA, ELEVA O MUNDO”:  
o discurso do periodismo católico dirigido às mulheres em Portugal – 1934-1969

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutora em História na área de concentração de História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Porto Alegre

2017

## Ficha Catalográfica

O48 Oliveira, Daniela Adriana Garces de

"Toda a alma que se eleva, eleva o mundo": o discurso do periodismo católico dirigido às mulheres em Portugal, 1934/1969 / Daniela Adriana Garces de Oliveira. – 2017.

336 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Cláudia Musa Fay.

I. mulheres católicas portuguesas. 2. feminismo. 3. imprensa católica. 4. estado. 5. maternidade. I. Fay, Cláudia Musa. II. Título.

Daniela Adriana Garces de Oliveira

“TODA ALMA QUE SE ELEVA, ELEVA O MUNDO”:  
o discurso do periodismo católico dirigido às mulheres em Portugal – 1934-1969

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutora em História na área de concentração de História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Aprovada em: 31 de março de 2017

BANCA EXAMINADORA

LUCIANO ARONNE DE ABREU  
Coordenador do PPGH/PUCRS

CLAUDIA MUSA FAY  
Orientadora

ANA MARIA COLLING  
UFGD

JOANA MARIA PEDRO  
UFSC

LUCIANO MARQUES DE JESUS  
PUCRS

MARLENE NEVES STREY  
PUCRS

Ao meu filho, João Inácio, que foi forte e soube entender tudo o que se passava, aos seis anos de idade. A saudade foi transatlântica, mas o amor foi maior.  
À minha mãe, Leonor, que cuidou de mim e dos meus dez irmãos.

## AGRADECIMENTOS

Eu não sei, nem faço questão de explicar, como a vida seguiu por esse caminho, porque eu, quando escolhi ser professora de História, sem nenhuma dúvida, já na primeira infância, cheguei até aqui. Talvez tenha sido por algumas felizes coincidências e alguns encontros oportunos.

Quando brincava na velha casa de madeira em Alegrete, corroída pelos cupins, sabia que era uma professora de História. Alguns anos depois, já na faculdade, perguntada, na primeira aula de Teoria e Metodologia da História, “Por que escolheste essa profissão?”, a resposta foi: “-Nunca me imaginei em outra”. De fato, fiz a graduação em História viajando quatro horas por dia, durante cinco anos, portanto era uma certa certeza. Por outro lado, a crença de que filhos da pobreza não pudessem estar nos bancos universitários fez-me não olhar para a quilometragem dos anos, isso era só um detalhe perto da vida que descortinava para mim. Comemorei a matrícula e agarrei aquilo com ferocidade. Sou a décima primeira filha do Constantino e da Leonor e a primeira a ter levado tão longe a universidade.

Hoje, as vésperas dos quarenta anos, já não sou portadora de tantas certezas e de tanta ousadia, aliás fico arrasada quando tenho alguma certeza no presente, mas se há nesse mundo transitório algo perene, são os amigos. E os amigos que fiz e os afetos que colhi durante os anos dessa longa jornada de formação são meus maiores bens. Portanto, faço esses agradecimentos com muito gosto.

Começo a lista de agradecimentos, dizendo um muito obrigado à minha querida professora e orientadora do mestrado – que, gentilmente, recebeu-me no doutorado a que fui selecionada sob sua orientação –, por quem tenho o maior apreço, Margareth Marchiori Bakos. Se na altura que cheguei à procura de um orientador, com meu sotaque alegretense, em 2007, não tivesse encontrado com sua generosidade, não sei se estaria escrevendo esses agradecimentos na minha tese de doutoramento.

Igualmente generosa e pela qual nutro um especial carinho, a orientadora da última fase dessa trajetória, Professora Doutora Claudia Musa Fay. A ela, um muito obrigado, no nível mais profundo do tratado da gratidão de São Tomás de Aquino. A paz que me transmitiu naquele fatídico julho de 2016, alguns dias depois do meu retorno de Portugal para o Brasil, foram imprescindíveis para a finalização dessa pesquisa. Estou certa que meu agradecimento, como pontua António Nóvoa, está no nível do comprometimento e do vínculo. Nunca esquecerei da tua mão estendida, quando me vi sozinha a lutar contra a opressão. Dessa

forma, no terceiro sentido do tratado da gratidão, fico-vos obrigada. “Fico vinculado perante vós. É nesse preciso sentido que digo-vos: muito obrigado”.

À querida orientadora do Estágio Sanduíche, Anne Cova, meu agradecimento sincero pela afetiva recepção no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, entendendo que havia muito trabalho, mas que também, quando meu filho viajou para me visitar, eu deveria parar, manifestando, desse modo, uma generosidade incrível. Agradeço pela orientação atenta e impecável, possibilitando a livre criação, mas também dando sugestões que permitiram olhar para o objeto estudado com múltiplos olhares.

Ao querido, generoso e correto, Professor Doutor René Gertz, que me recebeu e ouviu atentamente na volta de Portugal, dando conselhos preciosos para o andamento do trabalho, sugerindo leituras e falando sobre a escrita, muito obrigado. Também foi o que acenou que a mudança era possível, sem julgamentos.

Ao Professor Doutor Luciano Marques de Jesus, às Doutoras Marlene Strey, Joana Maria Pedro e Ana Maria Colling, um muito obrigado por aceitarem integrar a banca de avaliação desse trabalho e colaborar para minha formação.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que possibilitou todas as condições de trabalho. No ano que completamos dez anos de um casamento feliz, estou despedindo-me e agradecendo por toda estrutura que sempre tive.

Às queridas e competentes Carla Carvalho e Henriët Shinohara, muito obrigado pelas resoluções das questões e pela atenção a prazos, matrículas e tudo que cerca a administração do curso, além do sempre abraço apertado.

À querida e competente Gilsene Dupont, revisora atenta desse trabalho, um super obrigado. Sem ela, o uso da vírgula teria ficado comprometido, além da formatação. Ela foi incansável na última fase dessa trajetória.

Aos meus colegas e amigos do pós-graduação, Leonardo Conedera e Geneci Guimarães que integram o grupo da professora Claudia, e também ao Antonio de Ruggiero, que é sempre muito generoso e gentil.

Em terras lusas, agradeço o suporte das senhoras da Hemeroteca Municipal de Lisboa, Luíza Matos, Alda Anastácio e Rita Gonçalves, que auxiliaram muito na busca pelos jornais que eu precisava, e, quando eu não aparecia, por estar em outros “sítios”, ligavam-me para saber se tudo estava a correr bem. Era uma verdadeira demonstração de carinho, da qual, fui agraciada, não tenho a menor dúvida.

No Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, meu muito obrigado às funcionárias da biblioteca, Paula, Madalena Reis e Andreia Cristina, que tiveram toda

paciência em explicar como os meios de busca portugueses funcionavam. Também agradeço o suporte de Maria Goretti Matias e a Susana Mela, com a documentação para o SEF e tudo que se referia a vistos e cartas para a Capes.

Aos professores António Costa Pinto, Paula Borges Soares, Irene Vaquinhas, José Barreto, Maria Inácia Rezola Clemente e Paulo Fernando Fontes, por terem colaborado com a pesquisa, respondendo as muitas problemáticas que eu os levei.

Em Portugal, fiz uma ampla rede de amigos, tive a dádiva de estar no lugar certo, na hora certa. Formamos um grupo chamado Investigadores Brasil-Portugal, que, além do apoio emocional, fora fundamental na instalação de muitos colegas, indicando serviços, doando utensílios e tomando imperial ou vinho, dependendo da temperatura. Cândida Moraes, Adriana Rocha Bruno, Ivan Faria, Daniela Reis e João Peçanha, vocês foram e são incríveis. O grupo atualmente é imenso, ainda presta todo o apoio a pós-graduandos recém-chegados a Portugal.

Na mesma ocasião estavam em Pós-doutorado as queridas Maria Leônia Chaves da Universidade Federal de São João Del Rey, Maria Paula Araújo da UFRJ, e Claudia Viscardi da UFJF. Quando nos encontramos, uma com cada sotaque, não tivemos a menor dúvida, formamos o grupo “As Bonitas de Lisboa”. Desse grupo, eu fui a que fiquei mais tempo, a penúltima a embarcar fora a Paula, naquele dia chorei todas as lágrimas à beira do Tejo.

Uma grata surpresa no ICS fora a minha querida, e depois vizinha, Maria Tarcisa Bega, da Universidade Federal do Paraná, que também estava em pós-doc. Adorávamos fazer peregrinações na Feira da Ladra e sua companhia foi essencial.

Às minhas amoras e amores, Léa Barreau Tran, Federica Toldo, Debora Terra, Victor Barros, José Duarte e Ana Ferreira, que formavam um grupo heterogêneo com africanos, franceses, italianos, portugueses e brasileiros, vocês estão gravados no meu coração. A Léa, por ser francesa, traduziu o resumo dessa pesquisa, o que me deixou muito feliz e grata.

À Maitê Peixoto, querida amiga de sempre, exemplo de coragem e perseverança, a qual, pela força que expressa, acaba contagiando a todos.

Ao Coletivo Andorinha, organização que fiz parte nas jornadas de luta pela democracia. Muitos “Fora Temer”, nos uniram, denunciemos incansavelmente o golpe midiático e jurídico que aconteceu no Brasil, fomos notícias em muitos canais de comunicação alternativos. A vocês todos, muito obrigado.

À Jane Machado, amiga querida, ajudou-me a colocar a “vida” de nove meses dentro de duas malas e, ainda, ficou comigo no aeroporto até a hora da partida em uma madrugada fria.



Aos amigos que fiz no GT de Gênero, do qual fui coordenadora nos últimos anos: Mônica, Paulo Souto, Gregory Balthazar, Camila Petró, Elisa Fauth, Natalia Pietra Mendez e Rejane Jardim e Ana Maria Colling.

Minha irmã Rosa é sempre meu porto; talvez por ser eu a caçula dessa imensa família, ainda temos a relação da infância. Na última fase, quando fiquei muito doente, fostes as minhas mãos para cuidar do João, já que a psoríase só atacava as minhas mãos, numa luta, inclusive, simbólica. Nem tenho como agradecer a ti e tua família, que estão sempre me suportando, no sentido do amor, como tu dizes. Tua fé, às vezes, me reconcilia com Deus e me faz devedora das muitas orações que tu fazes por mim.

À Darcy Dutra, vó do João Inácio, muito obrigado pelo cuidado com meu filho e o carinho que tens por ele.

Às minhas amigas, com as quais partilho várias experiências e que conheci na escola do meu filho: Karen Amaral Gil, Bianca Severo, Claudine Montenegro e Henriete Altieri, adoro nossas reuniões, churrascos e afins.

E, finalmente, agradeço ao Leandro, pai do João Inácio, que foi incansável e um dos maiores incentivadores que eu resistisse. Há vinte anos nos conhecemos, e há vinte anos dizes que vou conseguir. Creio que sofremos fraturas, mas minha amizade e respeito serão sempre imensuráveis. Obrigado pelo cuidado com nosso filho nos nove meses em que estive ausente. Isso foi tão feminista, não deveria impressionar, mas ainda impressiona. Também, agradeço a imensa ajuda na catalogação das tabelas e na organização dos dados. É verdade que quando falei no número de jornais que eu possuía, ficastes chateado com tanto jornal “velho”, mas fiz que não percebi.

“Que desgraça o se nascer mulher! Frágeis, inaptas por obrigação, por casta, obedientes por lei a seus donos, senhores sôfregos até de nossos males...”

(Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa)

## RESUMO

A investigação, desenvolvida no campo dos estudos de gênero e da história das mulheres, consiste na análise das concepções de feminino que permearam os periódicos católicos em boa parte do Século XX, em Portugal. Os jornais ou revistas católicas, destinados às mulheres, atuavam com função pedagógica na educação das raparigas e na criação do sujeito Mulher-MÃE. Esse imaginário irá sendo construído por uma elite feminina católica letrada, preocupada em escrever sobre os ideais femininos a seguir. Tal grupo estava intimamente articulado com a política de enquadramento feminino no Estado Novo. É imperativo saber que as mulheres católicas não eram um grupo homogêneo, porém o presente trabalho deteve-se apenas nos textos propalados, com o objetivo de que o feminino admitisse sua natureza doméstica e dócil. A pesquisa tem por objetivo, verificar a influência do pensamento e do discurso dessas mulheres católicas que publicavam sobre outras mulheres, mostrando as tensões, resistências e negociações de um discurso colonizado e as suas reflexões que eram construídas na imprensa. No que diz respeito às fontes, além da bibliografia sobre o tema, utiliza-se os discursos dos Jornais Novidades, da Revista Alleluia e da Revista Stella: a revista da mulher católica, ambas revistas católicas, destinadas ao público feminino. Também visitou-se o acervo pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo, uma das principais expoentes do catolicismo feminino. Com base nesse *corpus* documental é possível delimitar o enquadramento feminino, observando as tensões sobre o oposto do ideal e o seu combate. Do ponto de vista teórico, foram utilizadas as obras de diversos autores, que tiveram o gênero como principal categoria de análise.

**Palavras-chave:** Mulheres católicas portuguesas, feminismo, Estado e imprensa católica.

## RÉSUMÉ

Cette recherche, développée dans le champ des études de genre et de l'Histoire des Femmes, fait l'analyse des conceptions du féminin qui ont imprégné les journaux catholiques pendant une bonne partie du 20<sup>ème</sup> siècle, au Portugal. Les journaux et les revues catholiques, destinés aux femmes, avaient une fonction pédagogique dans l'éducation des jeunes filles et dans la création du sujet Femme-Mère. Cet imaginaire a été construit par une élite féminine catholique érudite, soucieuse d'écrire sur les idéaux féminins à suivre. Ce groupe était intimement lié à la police d'encadrement féminin de l'État Nouveau portugais. Il demeure essentiel de savoir que les femmes catholiques ne représentaient pas un groupe homogène, ce travail se concentre donc seulement sur les textes divulgués avec l'objectif de faire reconnaître aux femmes leur nature domestique et docile. Cette recherche a pour objectif de vérifier l'influence de la pensée et du discours de ces femmes catholiques qui publiaient sur d'autres femmes, en soulignant les tensions, les résistances et les négociations d'un discours colonisé et la façon dont ces réflexions étaient construites dans la presse. En ce qui concerne les sources, en plus de la bibliographie sur le thème, ce travail analyse les discours de *Jornais Novidades*, de *Revista Alleluia* et *Revista Stella* : la revue de la femme catholique, toutes deux étant des revues catholiques destinées à un public féminin. Les archives personnelles de Maria de Lourdes Pintasilgo, une des principales représentantes du catholicisme féminin, ont également été exploitées. À partir de ce *corpus* de documents il est possible de délimiter l'encadrement féminin, en observant les tensions entre l'opposé de l'idéal et son combat. D'un point de vue théorique, ce travail puise ses sources dans les œuvres de divers auteurs qui utilisent le genre comme principale catégorie d'analyse.

**Mots clés:** Femmes catholiques portugaises, féminisme, État et presse catholique.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1: Serviço de propaganda do Estado Novo .....                  | 89  |
| Figura 2: O carimbo da censura .....                                  | 121 |
| Figura 3: Consequências do trabalho da mulher .....                   | 159 |
| Figura 4: A maternidade honra e glorifica a mulher .....              | 183 |
| Figura 5: Cartaz de Mendes Barata da série “A lição de Salazar” ..... | 214 |
| Figura 6: O divórcio é uma piada .....                                | 228 |

## LISTA DE SIGLAS

|      |   |
|------|---|
| ACP  | Acção Católica Portuguesa                   |
| ANTT | Arquivo Nacional da Torre do Tombo          |
| CCP  | Centro Católico Português                   |
| CUF  | Companhia União Fabril                      |
| IAN  | Instituto dos Arquivos Nacionais            |
| ICS  | Instituto de Ciências Sociais               |
| JACF | Juventude Agrária Católica Feminina         |
| JC   | Juventude Católica                          |
| JCF  | Juventude Católica Feminina                 |
| JEC  | Juventude Escolar Católica                  |
| JECF | Juventude Escolar Católica Feminina         |
| JIC  | Juventude Independente Católica             |
| JICF | Juventude Independente Católica Feminina    |
| JOCF | Juventude Operária Católica Feminina        |
| JUCF | Juventude Universitária Católica Feminina   |
| LACF | Liga de Acção Católica Feminina             |
| LICF | Liga Independente Católica Feminina         |
| LOCF | Liga Independente Operária Feminina         |
| MPF  | Mocidade Portuguesa Feminina                |
| OMEN | Obra das Mães pela Educação Nacional        |
| PIDE | Polícia Internacional e de Defesa do Estado |
| PVDE | Polícia de Vigilância e Defesa do Estado    |
| UMAR | União de Mulheres Alternativa e Resposta    |
| UN   | Unidade Nacional                            |

## **ARQUIVOS CONSULTADOS**

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Biblioteca Nacional de Portugal

Biblioteca da Comissão para Igualdade de Género (CIG)

Biblioteca Feminista Ana de Castro Osório

Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa

Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Hemeroteca Municipal de Lisboa

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO: O ESTADO DA ARTE OU DE QUE ESQUINA SE FALA!! ....</b>                                   | <b>15</b>  |
| <b>1 A TRÍADE: ESTADO, IGREJA E MULHERES .....</b>   | <b>31</b>  |
| 1.1 OS PRIMEIROS ORGANISMOS CATÓLICOS FEMININOS .....  | 47         |
| 1.2 ENTRE NACIONALISMOS E ORGANIZAÇÕES CATÓLICAS: OS APONTAMENTOS DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO ..... | 70         |
| <b>2 A MULHER CATÓLICA NA VIDA POLÍTICA .....</b>  | <b>89</b>  |
| 2.1 A MULHER CATÓLICA NO COMBATE AO COMUNISMO .....  | 114        |
| 2.2 O ENSINO DA MORAL A SERVIÇO DA POLÍTICA: AS CAMPANHAS DE MORALIZAÇÃO PARA AS MULHERES .....        | 118        |
| <b>3 SOBRE A IMPRENSA CATÓLICA EM PORTUGAL: OS IDEAIS DA BOA IMPRENSA E A VIGILÂNCIA SOCIAL .....</b>  | <b>121</b> |
| 3.1 LER? SÓ SE FOR PARA LER OS JORNAIS CATÓLICOS .....   | 129        |
| 3.2 A CENSURA COMO PATRIMÔNIO DA DITADURA .....  | 136        |
| 3.3 EXPRESSÃO E OPRESSÃO: A IMPRENSA FEMININA CATÓLICA DEDICADA ÀS MULHERES .....                      | 143        |
| 3.4 DA MULHER: A COLUNA FEMININA DO JORNAL NOVIDADES .....   | 150        |
| <b>4 A FORMAÇÃO CATÓLICA PARA AS RAPARIGAS, ATRAVÉS DA IMPRENSA CATÓLICA .....</b>                     | <b>159</b> |
| 4.1 A INSTRUÇÃO FEMININA E A SALVAGUARDA DO LAR .....  | 174        |
| 4.2 A MISSÃO DA MULHER .....   | 179        |
| 4.3 A MISSÃO DA MULHER: A MATERNIDADE .....  | 182        |
| 4.4 A MISSÃO DA MULHER: ZELAR PELO MATRIMÔNIO .....  | 208        |
| 4.5 A MISSÃO DA MULHER: RESPONSABILIDADES FAMILIARES .....   | 213        |
| 4.6 A MISSÃO DA MULHER: COMBATER O DIVÓRCIO E A DISSOLUÇÃO MORAL DA FAMÍLIA .....                      | 227        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>239</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>244</b> |
| <b>FONTES DOCUMENTAIS .....</b>  | <b>259</b> |
| <b>OBRAS CONSULTADAS .....</b>   | <b>260</b> |
| <b>APÊNDICE .....</b>  | <b>267</b> |
| <b>APÊNDICE A – Principais temas abordados pelas mulheres .....</b>                                    | <b>267</b> |



## INTRODUÇÃO: O ESTADO DA ARTE OU DE QUE ESQUINA SE FALA!!

Você considera que as mulheres são profissionalmente tão capazes quanto os homens? Revolta-se quando alguém é discriminada, sofre violência ou é desqualificada por ser mulher? Acha que as mulheres, assim como os homens, têm direito ao prazer sexual? Se respondeu sim a essas questões, então você se identifica com uma importante bandeira do feminismo: a igualdade de direitos para homens e mulheres. Mas você se autodenomina feminista? (PEDRO, 2012, p. 238)

A epígrafe que aqui está posta é uma provocação para o leitor e a leitora pensarem acerca dos percursos que a palavra e o ser “feminista” suscitaram. Confrontados com o que é corrente no senso comum, quase todos, quando questionados, concordam que os direitos devem ser iguais e as formas de violência, levadas a cabo pelo gênero, devem ser extintas. Mas por que há desconforto em dizer-se feminista? A gênese dessa querela inicia-se com o que a palavra feminismo fora atrelada quando pronunciada, inclusive na imprensa, principal base documental dessa investigação. Se ao feminismo foram tecidos os piores adjetivos, e ainda padece-se dos estigmas na atualidade, não fora diferente em Portugal do início do século XX, sob o governo de António de Oliveira Salazar, no Estado Novo. Por conseguinte, não bastava não ser feminista, mas ser antifeminista, assertiva que estará acompanhando a variedade de publicações para as mulheres, durante boa parte do século XX, em terras lusas.

Todavia, volte-se ao título dessa introdução, referenciando as esquinas que permeiam a investigação que ora se empreende, mas também prometendo dizer de que “esquina se fala”, fazendo, desse modo, uma alusão ao que a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz enuncia acerca do ofício do historiador, quando afirma que a história, dependendo da esquina que se está, pode ser contada de um jeito ou de outro. Ao ouvir essa metáfora, ela pareceu pertinente para introduzir esse debate e situar a pesquisa, portanto dizendo em que esquina este estudo se encontra.

Cá, entre os afetos da pesquisadora, tem-se os estudos de gênero e os estudos feministas; lá, além mar, as mulheres descobertas no estudo e a política conservadora que as castrara. Portanto, as fronteiras que delimitam as esquinas estão diretamente ligadas à militância feminista e à compreensão pessoal de mundo, no qual ainda persiste extremamente desigual e, por isso, passível de ser problematizado.

Ao ser interrogada sobre a pesquisa na seleção de ingresso para o doutorado, em dezembro de 2012, foi perguntado se a militância não atrapalharia a pesquisa, ainda na lógica

que a militância traria pouca cientificidade à investigação<sup>1</sup>, pois estaria contaminada com as pautas das ruas, que pouco se fala nos âmbitos acadêmicos ou que também não é de bom tom falar. Por isso, na ocasião, a resposta à pergunta foi que há muito tempo se havia perdido a pretensão da neutralidade, por isso a pesquisa também fala do pesquisador, e nisso se inscreve desde as pequenas lutas do cotidiano até as grandes batalhas que Ela propõe-se a lutar. E, entretanto, a universidade é vestida de gênero, e quando se cruza os espaços acadêmicos e faz a mais simples etnografia sobre os lugares que as mulheres ocupam, está se fazendo gênero. É imperativo entender que a universidade também é gerida pelo gênero.

Ingressou-se com projeto distinto do que resultou na presente tese de doutoramento. Na altura, o projeto original buscava problematizar e pensar as masculinidades no Rio Grande do Sul, objeto de interesse naquela ocasião, entretanto, no decorrer do cumprimento dos créditos obrigatórios, o olhar deslocou-se novamente para as mulheres.

Foi também, nessa altura, que se conheceu o Jornal Católico “Novidades” e a sua página da coluna feminina, que circulava em Portugal, no Estado Novo. Começando a leitura e a pesquisa sobre o que tinha sido escrito, logo ficou claro que pouco tinha sido escrito sobre o periodismo católico e sua influência na sociedade portuguesa. Também, percebeu-se que a coluna feminina, que existiu por décadas, não havia sido pesquisada, problematizada e que não havia referências sobre ela em nenhuma pesquisa que versasse sobre a história das mulheres em Portugal.

Portanto, o desafio estava posto, a pesquisadora estava em Porto Alegre, no Brasil, refazendo o projeto de pesquisa e formulando uma investigação que exigiria que ficasse alguns meses em Portugal, portanto, como estrangeira e longe de casa. Além disso, o programa previa muitas horas em arquivos e que a bibliografia fosse exaustivamente estudada a tempo da qualificação, a fim de justificar tal projeto e tal investigação no exterior, ancorada por uma bolsa governamental.

É verdade que desde a qualificação se percebe o crescimento no *métier* da pesquisa, mas não só. Percebe-se, sobretudo, que a pesquisadora era depositária de uma ignorância atroz por ocasião da escrita do exame de qualificação, mas isso fora em parte (equívocos e

---

<sup>1</sup> “Durante muitos anos, investigadoras/es com o envolvimento activo nos mais variados movimentos sociais reportaram que um dos principais obstáculos à manutenção e aprofundamento desse envolvimento era o facto de suas instituições e colegas entenderem o activismo como uma atividade incompatível com a produção do conhecimento científico rigoroso e credível. A participação em iniciativas de intervenção social e política era vista por muitos/as como uma indesejável transgressão das supostas fronteiras fundamentais entre ciência e política, e entre o mundo social e as/os investigadoras/es que o analisam. A ideia de que essa transgressão produzia uma inaceitável contaminação ou ‘poluição’ (Morley 1998) da pesquisa era invocada nas mais variadas instâncias para, de forma mais ou menos explícita, deslegitimar o trabalho destas/es investigadoras/es, monitorizar a sua actuação e limitar a sua progressão profissional.” (PEREIRA, 2011, p. 3-13)

erros, certamente, fazem parte do trabalho) solucionado no contato com as fontes, com a cidade, com a universidade, e esse conjunto de condições auxiliou no processo de maturação da pesquisa.

Foram trinta e cinco anos do jornal Novidades, foram muitas horas de arquivo. Com temor que as fontes não fossem suficientes para compreender o complexo contexto Salazarista, foram adicionadas algumas revistas que transversalmente dialogavam com o Jornal Novidades. Portanto, foram mais algumas décadas das revistas “Alleluia” e “Stella: a revista da mulher católica”. Não contente com todo o trabalho de arquivo, percebeu-se que era necessário atentar ao que circulava em outras imprensas que não estivessem sob a égide da Igreja Católica Portuguesa, lendo e fotografando muitas revistas “Modas e Bordados”, um suplemento do Jornal “O Século”. Ela não constituía diretamente a fonte, mas daria o conforto de conhecer a pauta e a agenda de outra perspectiva da imprensa para a mulher portuguesa.

Faltava, contudo, um elemento, que era saber como a censura atuava, porque já se tornara perceptível que todos os jornais traziam consigo o carimbo que alertava o leitor que aquele periódico havia sido visado pela comissão da censura. De outra borda, algumas questões que não estavam respondidas (exceto por ler alguns artigos sobre a grande repressão da censura) impeliram a vasculhar esse arquivo.

As questões que circundaram o tema censura foram muitas, cabendo enfatizar as que mais apareceram nessa incursão sobre a imprensa: Como atuavam? O que não era publicado? O que era passível de censura? Diante dessas perguntas, a pesquisa deslocou-se da Hemeroteca Municipal de Lisboa para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, perscrutando os relatórios de censura que ficavam sob confidencialidade na pasta do Gabinete do Interior, sob tutela do Ministro do Interior, no período do Estado Novo.

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo tem alguns critérios para ser acessado e a Pasta do Gabinete do Ministério do Interior não pode ser digitalizada, há apenas o consentimento por parte do arquivo para a cópia manual (com caderno e caneta ou digitando em seu computador) das informações que interessam. Optou-se por copiar o que se traduzia em respostas para entender os *media* portugueses e seu funcionamento, bem como de compreender como os censores ordenavam as pautas e silenciavam matérias inapropriadas.

Concomitante ao trabalho nos diversos arquivos, nomeadamente a Hemeroteca Municipal de Lisboa, a Biblioteca Nacional de Portugal, o Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, além das bibliotecas especializadas que versam sobre as mulheres e os estudos

feministas, surgiram grandes oportunidades de diálogos com investigadores portugueses e estrangeiros, e que foi, indubitavelmente, o que agregou mais valia a essa investigação.

Os colóquios, seminários e congressos organizados pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, local que acolheu essa doutoranda visitante, foram extremamente importantes para a formação intelectual e humana. Destaca-se, nesse mister, a semana “Falar de Género”, que reuniu diversos pesquisadores, com formações igualmente diversas, falando das mais variadas problemáticas acerca do gênero.

Sublinha-se, todavia, o documentário “Partir do Zero”, sobre a violência doméstica contra as mulheres, seguido de discussão com as autoras que enfatizaram as dificuldades de trabalhar e filmar a dor da violência. Também, a partir do suporte documentário, discutiram as questões relativas à produção desse documento audiovisual, pelo qual narram fatos reais, ao mesmo tempo em que mostram esses rostos femininos, demonstrando os desafios da denúncia e o recomeçar dessas mulheres portuguesas, sem trabalho, com filhos e com muitos traumas, asseverando os marcadores sociais de gênero, classe e raça<sup>2</sup>.

A semana “Falar de Género” fora também palco das últimas publicações que perpassaram o gênero e a História das Mulheres, entre elas, a obra de Virginia Baptista sobre a proteção as mulheres trabalhadoras, assinalando, portanto, o advento do Estado Providência, desfazendo em parte, a invisibilidade que as mulheres trabalhadoras sofriam em Portugal.

Do mesmo modo, a conferência “*Gender stereotypes and the maintenance of gender hierarchy in higher education: perspectives from social psychology*” da psicóloga Catherine Verniers, que tratou dos marcadores de gênero dentro do ensino superior, fora importante para a interlocução com outras áreas do conhecimento e pesquisas que privilegiam as questões que atravessam os estudos de gênero.

Entretanto, “Onde está o gênero? Etnografia da academia em Portugal”, de Maria do Mar Pereira, investigadora da Universidade de Warwick, no Reino Unido, apresentada também na semana “Falar de Género”, fora um dos maiores exercícios de reflexão que se viu acontecer coletivamente.

Entre os principais eixos da conferência de Maria do Mar Pereira, merece destaque: Estatuto das questões de gênero em Portugal; a investigação de gênero não levada a sério, com um caráter sem ciência ou de uma ciência menor; total desprezo pelo gênero; de onde vem a ideia do que é conhecimento, do que é ciência; análise cartográfica acerca da ciência –

---

<sup>2</sup> Para Lilia Moritz Schwarcz (1996), no Brasil, nós vendemos e agenciamos cores. Portanto, mesmo que exista apenas uma raça: a humana, existem marcadores sociais vinculados a cor da pele e nisso a historiadora e antropóloga advoga a existência de uma raça social. Enfatizando que uma discussão importante é das cores no Brasil e que as cores formam uma linguagem.

o trabalho de fronteira e negociações; o estatuto da investigação sobre gênero (porta do cavalo?<sup>3</sup>); reconhecimento (adversativo e condicional) que desvaloriza, corta e inviabiliza; discurso oficial *versus* cultura do gozo nas conversas de corredor; crítica e conformidade com a investigação crítica como “produto com valor”; produtividade: remédio e doença; universidade performativa? A investigação sobre gênero é útil, mas... Usam o humor e o exagero para desqualificar a área; desvalorização do *expertise*; e dizem e fazem piada com o pretexto da brincadeira. A fala de Maria do Mar Pereira fora extremamente importante para que se pudesse pensar o campo do conhecimento sobre gênero em Portugal.

Igualmente importante para a trajetória da investigação fora o convite a apresentar a pesquisa que, na altura, trabalhava com algumas hipóteses, mas que ainda estava cercada de dúvidas e incertezas. Com o objetivo de ouvir as contribuições dos colegas que trabalham com gênero em Portugal, a conferência “Mulheres Católicas durante o Estado Novo: o caso do Jornal Novidades” foi apresentada. Teve lugar no quinto piso do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, no dia 12 de janeiro de 2016, e contou com a presença de muitos pesquisadores da área, que contribuíram com sugestões, questionamentos e, sobretudo, generosidade para com a estrangeira que ousava problematizar os estudos, nos quais os lugares de falas eram do outro. Nesse momento foi importante a interlocução com Maria Manuela Tavares, Virgínia Baptista, Rita Carvalho, Helena Lopes Braga, Natividade Monteiro e Maria Paula Araújo, assim como pesquisadores brasileiros, estrangeiros e amigos que foram assistir à fala dessa doutoranda. Certamente, esse momento foi de grande valia para a trajetória da pesquisa e para a mudança de alguns referenciais e conceitos.

Mesmo em trabalhos que não estivessem ligados diretamente ao tema da presente pesquisa, vez por outra, optou-se por participar, pois eles serviam para perceber como uma universidade estrangeira gera e promove seus eventos. Entre os mais importantes eventos que foram promovidos, no período da pesquisa, destacam-se: “*Faces Research Seminar: Facets of the right: Between authoritarianism and democracy*”; “Portugal: da revolução à democracia: partidos, movimentos e atores internacionais na oposição ao PREC”; e “Salazar e os *Media*: os *Media* e Salazar”.

Nesta perspectiva, o período do estágio sanduíche fora providencial para assistir seminários e estabelecer redes de contatos com outros pesquisadores. Além do levantamento de fontes, fichamentos bibliográficos, diálogos com investigadores de outras áreas e também com colegas que partilhavam das mesmas ou de diferentes concepções da pesquisa e da

---

<sup>3</sup> Provérbio local.

escrita. Entretanto, isso tudo só fora possível, por estar a pesquisadora num centro de pesquisa ativo. O Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa é um dos centros de excelência de formação para qualquer investigador, pois tem um corpo docente especializadíssimo e sua estrutura é impecável, o que dá aos pesquisadores condições de trabalharem em suas dependências, e é também o que atrai muitos doutorandos e pós-doutorandos, além de oferecer uma biblioteca específica, com um acervo voltado à História, Ciências Sociais, Antropologia e Ciência Política. Deve-se lembrar também do Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais, que conta com um expressivo acervo documental.

Ainda, na trajetória da pesquisa e do estágio sanduíche em Lisboa, é de lembrar e assinalar a importância de investigadores que receberam essa pesquisadora para ouvir sobre o tema de pesquisa e, gentilmente, deram inúmeras contribuições. Na Universidade Católica Portuguesa, foram dois encontros com o Professor Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes; essas reuniões aproximaram-me do catolicismo e dos estudos da Igreja Católica em Portugal e foram imprescindíveis para que eu pudesse compreender o catolicismo em terras portuguesas.

Na Universidade de Coimbra, houve um encontro com a Professora Doutora Irene Montezuma Vaquinhas, a qual foi também extremamente generosa e forneceu informações preciosas sobre bibliografia e alguns nortes que poderiam tomar a pesquisa, que naquela altura, ainda era incipiente.

Na Escola Superior de Comunicação Social, Maria Inácia Rezola Clemente foi uma ouvinte das angústias sobre a escassez da bibliografia que historicizasse a imprensa portuguesa e também respondeu com generosidade a questões sobre o catolicismo português, procurando alertar sobre como o tempo, às vezes, pode ser um inimigo, sobretudo, quando se tem muito trabalho, lembrando da disciplina que um pesquisador deve ter.

No Instituto de Ciências Sociais (ICS) teve-se o privilégio de ouvir por quatro horas, e anotar o que a mão conseguira, o Professor Doutor José Barreto. Recepcionou essa pesquisadora no café do Instituto de Ciências Sociais e, como grande especialista em história da Igreja Católica em Portugal, foi extremamente generoso, respondendo questões que se sobrepunham a outras. Ainda no ICS, as portas abertas do gabinete do Professor Doutor António Costa Pinto foram essenciais para o estudo da questão da Igreja, do Estado e das Mulheres.

No entanto, como parte do lado da esquina de onde essa doutoranda fala e escreve, é relevante sublinhar que a presença de uma orientação especializada, como a recebida em Lisboa, da Professora Doutora Anne Cova foi providencial para traçar o programa de

trabalho, estabelecer as fontes e fazer o recorte cronológico da presente investigação. Portanto, essa introdução começa por valorizar a bolsa recebida do governo federal, a qual proporcionou a realização de todas essas atividades e a construção como pesquisadora e sujeito, dentro desse duro caminho que é o doutoramento. Como a pesquisa é transformação, durante todo o processo de escrita, houve metamorfoses, portanto esses escritos são resultados das muitas transformações e influências recebidas.

Em Lisboa, foram contatados os grupos feministas que lá levantam suas muitas bandeiras, destacando-se a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), a Plataforma Maria Capaz e a Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres. Também participou-se da Marcha pelo fim da violência contra as mulheres de 25 de novembro de 2015. (Em 25 de novembro de 2016, estava novamente em Lisboa, apresentando um trabalho na Assembleia da República, participando também da segunda edição, entoando em coro: “Quebra o silêncio”!)

Na volta ao Brasil, depois de nove meses residindo em Lisboa, com muitos livros digitalizados, décadas de jornais fotografados, que totalizaram dez mil imagens e muitas inquietações, a angústia residia em como aproveitar todo o material que fora exaustivamente pesquisado. Todavia, percebeu-se que não era possível utilizar tudo. Catalogar, sistematizar, ler e fichar consistiram apenas em um dos vértices da investigação e constituíram uma parte dos desafios.

Já no Brasil, a Professora Doutora Claudia Musa Fay forneceu as condições necessárias para a escrita desse trabalho, além de uma orientação cuidadosa. Privilegiando o diálogo, contribuiu de modo efetivo para que esse trabalho, que é por natureza, cansativo, fosse finalizado. Advertiu quando necessário, mas sempre com afeto, e isso fez toda a diferença nesse percurso.

Em que pese todas as condições propícias, os desafios ainda foram intensos, desde as hipóteses iniciais que poderiam não ser confirmadas no contato com as fontes até as questões humanas, sobre como é bom e difícil permanecer como estrangeira por tanto tempo, inclusive sendo estrangeira na sua própria casa. Todavia, o que animou e fez diariamente reacender a chama de chegar ao término foi a perspectiva do ineditismo e da atualidade das questões no que concerne à história das mulheres e às muitas perspectivas que ficarão guardadas para pesquisas futuras sobre as mulheres católicas em Portugal.

Não há a veleidade de supor que essa é a história, mas uma história, com um olhar, sobre de que modo as organizações católicas femininas juntamente com a imprensa feminina católica foram os grandes articuladores e promotores de uma aparente paz social, servindo, desse modo, de um forte elo para a manutenção do *status quo*. A persistência do passado no

presente mostra-se de forma contundente, asseverando que o discurso propalado sobre os sujeitos, repetidos e publicados, assegura o lugar de cada indivíduo na sociedade da ordem. Evidentemente, que essas ações refletem reações, entretanto sublinhe-se que nesse momento serão analisados a imprensa católica e seus discursos dirigidos às mulheres.

Na perspectiva do objetivo proposto, é preciso inventariar como surge o campo “história das mulheres”<sup>4</sup> em Portugal e como os estudos de gênero (PEDRO, 2011) chegaram à academia e fizeram uma intersecção com esse campo, formando os hibridismos teóricos, em que a história das mulheres abre a discussão de que a História não era só a história dos homens e, portanto, produz uma história que coloca a mulher como protagonista. No avanço das discussões e dessa primeira abordagem, a categoria gênero propõe ir além das diferenças sexuais, incitando a relação entre os sujeitos, movida por negociações, tensões e acordos. No que concerne à história das mulheres, o gênero<sup>5</sup> como análise agregou incursões sobre as muitas facetas de um corpo social. Desse modo, a história das mulheres conjuga diferentes autores, incorporando teóricos e metodologias próprias para estudar a cultura, as estruturas e a relação que os sujeitos mantiveram ao longo da história.

Em razão das experiências femininas vivenciadas por um estado de exceção, as mulheres portuguesas trazem na sua história um passado, quase sempre, marcado pela repressão, com ações proibitivas vinculadas a seu sexo biológico, legitimamente colocadas pelo discurso jurídico da inferioridade sexual naturalizada, no que diz respeito a direitos.

---

<sup>4</sup> “A história das mulheres adquiriu expressão a partir da década de 1970, inspirada por questionamentos feministas e por mudanças que ocorriam na historiografia, entre as quais, a ênfase em temas como família, sexualidade, representações, cotidianos, grupos ‘excluídos’. Seu sucesso atrelou-se aos avanços da *Nouvelle Histoire, Social History, Cultural History* e os estudos de população. A produção historiográfica passível de ser reunida sob o título História das Mulheres foi e é bastante diversificada em termos de assuntos, métodos e qualidade intelectual. Entretanto, esses trabalhos têm em comum: atenção às mulheres do passado e o reconhecimento de que a condição feminina é constituída histórica e socialmente”. (PINSKY, 2009, p. 159-189)

<sup>5</sup> “A definição de gênero que Scott apresenta nesse texto parte de duas proposições: a) gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e b) gênero é um modo primário de significar relações de poder. A primeira refere-se a processos de construção das relações de gênero. A segunda refere-se à pertinência da aplicação do termo como categoria de análise e outras relações de poder. Para Scott, a definição de gênero envolve ainda três elementos que podem operar em conjunto: a) símbolos que evocam múltiplas representações (por exemplo, Eva e Maria, inocência e corrupção, virtude e desonra). Eles devem ser pesquisados em modalidades e nos contextos específicos em que são invocados; b) conceitos normativos que evidenciam as interpretações e os significados dos símbolos (doutrinas religiosas, regras sociais, científicas e políticas), e que remetem a afirmações dominantes dependentes da rejeição ou repressão de possibilidades alternativas. Aqui, o desafio das pesquisas seria revelar o debate por trás da aparência de uma permanência eterna na representação binária e hierárquica do gênero; c) política, instituições e organização social, noções e referências que devem ser incluídas nas análises, pois gênero é construído tanto no parentesco quanto na economia e na política; e d) identidade subjetiva. O pesquisador pode examinar os modos pelos quais as identidades de gênero são constituídas, relacionando-as as atividades (educacionais, políticas, familiares etc.) organizações e representações sociais contextualizadas. Enfim, Scott propõe que os pesquisadores observem ‘os efeitos do gênero nas relações sociais de maneira sistemática e concreta’”. (PINSKY, 2009, p. 165)



Todavia, esse discurso é um importante marcador social e um dos artífices que corroboram a história escrita sobre homens públicos, brancos e heterossexuais, em Portugal, como se o “homem ocidental fosse a medida da humanidade” (PINSKY, 2009, p 164). Portanto, uma história de um sujeito universal foi a realidade da historiografia portuguesa, na qual a Nação, os feitos e os desbravamentos foram exaltados e, nessa cena, pouca referência terão as mulheres que viviam nessa sociedade.

A história escrita sobre as mulheres e sobre suas ações, lutas e resistências só fora possível com o desenvolvimento das ciências sociais em Portugal e isso só aconteceu no pós- vinte e cinco de abril de 1974 (VARELA, 2014, p. 77-98), com a democratização. O conhecimento produzido para estudar mulheres, os empreendimentos de pesquisa e escrita da história das mulheres iniciaram das problemáticas e do terreno árido em que os primeiros pesquisadores lançaram-se. É da criação desse campo que se pode olhar as mulheres do passado, e as produções mais importantes que existem partem da associação das ciências sociais com o feminismo. Como elucida Tavares (2008, p. 1):

Deste modo, precisamos de estabelecer uma ligação entre algumas fragilidades e especificidades dos feminismos num país com uma das mais longas ditaduras do século XX e o atraso nos estudos feministas. Um outro obstáculo prende-se com a dificuldade apontada por Florence Rochefort aos feminismos como objeto de investigação histórica. O espaço intelectual estreito resultante do silenciamento dos feminismos enquanto movimentos sociais e os estereótipos resultantes de uma análise preconceituosa e distanciada têm levado a encarar a história dos feminismos como uma história militante, um campo marginal da própria história. Um campo que não daria uma competência histórica tão sólida como outros campos de investigação.

Falar de feminismos e história das mulheres em Portugal só foi possível depois que investigadoras empreenderam-se num terreno arenoso e movediço, pois o caminho da visibilidade<sup>6</sup> e da não discriminação é longo, e nele muitos tabus foram transpostos. Só nos anos 80 do século XX, rompendo os muitos preconceitos, algumas pesquisadoras moveram seus olhares para as condições ou a condição<sup>7</sup> feminina, conforme um conceito muito

---

<sup>6</sup> Visibilidade e invisibilidade das mulheres é amplamente trabalhado por Michele Perrot, que assevera: “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história? A questão parece estranha. ‘Tudo é história’, dizia George Sand, como mais tarde Marguerite Yourcenar: ‘Tudo é história’. Por que as mulheres não pertenceriam a história? Tudo dependendo do sentido que se dê à palavra ‘história’. A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades, mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem *story* e *history*. As mulheres ficariam muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. (PERROT, 2007, p. 16)

<sup>7</sup> As primeiras narrativas da história das mulheres privilegiavam uma abordagem dominação x opressão, deixando poucos espaços a resistência. Nessa perspectiva, entraria a tal “condição” feminina.

abordado no período. Dessa forma, a dinamização na área foi possível e a história pôde ser escrita<sup>8</sup>. Conforme o excerto de Tavares (1983, p. 875):

Numa sociedade em mudança como é, em Portugal, a do virar do século e primeiras décadas do século XX, os conceitos relativos ao papel da mulher na sociedade, à sua função e valor como pessoa e à sua afirmação individual e relação social são inevitavelmente postos em causa, como postos em causa são muitos outros conceitos e valores fundamentais. A pouco e pouco desenha-se um movimento e uma corrente de tom nitidamente feminista que, elitista embora no tipo de mulheres que reúne, se reveste de um significado notável pelos esforços que congrega, pela ideologia que difunde, pela unidade visível de objetivos e aspirações que traduz e pelas expressões e ações concretas que assume e realiza, enquanto movimento organizado.

O que Tavares coloca são alguns fatores que não devem ser refutados, como as diferenças e especificidades entre femininos que pautam uma determinada militância feminina e promovem uma escrita e um olhar; é errôneo, portanto, pensar que todas as mulheres estavam envolvidas na reivindicação de direitos e na luta pela discriminação e violências contra o feminino<sup>9</sup>. Também é importante assinalar que muitos grupos femininos tomaram consciência de seus lugares no mundo e posicionaram-se politicamente contra a opressão. Igualmente, nesse caso, percebem-se as diferenças que o despertar tem na vida de um indivíduo. O acesso às letras e a uma mínima instrução permitiu a luta e a tornou possível. Todavia, não é correto afirmar que apenas isso é elemento transformador, mas, sim, que a instrução, de certa forma, colaborou para a indignação feminina.

O que também não pode ser negado são os tipos de preconceitos sociais gerados a partir do gênero para deslegitimar os estudos sobre mulheres. O argumento assumia caráter de um estudo menor, feito por mulheres burguesas – o estatuto de uma teoria esbarrava nesses preconceitos para se constituir. Por isso, os estudos que preconizavam temas relativos a direitos e igualdade das mulheres em Portugal foram os mais tardios na Europa. A teoria buscava louvar o feminino e influenciava de alguma maneira “a situação concreta das mulheres, que efetivamente, não correspondia a qualquer reconhecimento teórico de um estatuto social de igualdade”. (SILVA, 1983, p. 876)

Nos anos 90 do século XX, os estudos acadêmicos relativos às mulheres tomaram um novo fôlego e alguns centros de estudos foram criados; a área alcançava outro estatuto e se

<sup>8</sup> Regina Tavares da Silva, uma das primeiras investigadoras a trabalhar com a questão da mulher e dos feminismos, no âmbito acadêmico, apresenta algumas indagações sobre a produção do conhecimento acerca dessas mulheres e como o campo gênero foi gestado na História.

<sup>9</sup> Durante a escrita desta tese utiliza-se o termo “feminino” como sinônimo de mulher. Entretanto, não há qualquer intenção de atrelar a palavra ao binarismo que historicamente ela representa, pois não advoga-se que há um mundo feminino e um mundo masculino, conforme o uso da palavra poderia suscitar. Contudo, para ser empregada como sinônimo e evitar repetições no texto da palavra “mulher”, em algumas ocasiões usa-se a palavra “feminino”.

reconheciam, na inquietação dos pesquisadores, os muitos femininos que existiram em Portugal e que pouco foram estudados e aprofundados até aquele momento. Segundo Vaquinhas (2002, p. 202):

A multiplicação de trabalhos vindos a lume nos últimos tempos e a receptividade que têm merecido por parte do público são, no entanto, a face visível do dinamismo deste novo território. Porém, por oposição a outros países onde o esforço de teorização tem sido notável, como é o caso dos Estados Unidos da América, em Portugal os estudos permanecem, salvo raras exceções, mais convencionais, empíricos e de cunho informativo e positivista ou neopositivista, fundamentados num paciente trabalho de arquivo ou biblioteca, embora abertos os diálogos com outras disciplinas e correntes da história, bem como a crítica hermenêutica das fontes pela desmontagem do discurso ideológico que lhes está subjacente.

A autora alerta para o caráter descritivo que algumas obras têm, colocando apenas as mulheres na vitrine, sem uma reflexão sobre as lutas, os infortúnios, as reivindicações e os quereres específicos de cada grupo feminino. No entanto, essa história produzida aos moldes positivistas serviu de alguma forma para romper o silêncio<sup>10</sup> e denunciar as muitas situações presentes no feminino. Além, de socializar as fontes, e nisso as investigações portuguesas são impecáveis, percebe-se o exaustivo trabalho de arquivo feito pelos historiadores, e nessa cena, as mulheres foram sendo desenhadas. Havia uma invisibilidade que pairava sobre as mulheres na história, como assevera Michele Perrot (2007, p. 13): “Uma história ‘sem as mulheres’ parece impossível. Entretanto, isso não existia”.

O fato de as mulheres serem estudadas no âmbito acadêmico é algo relativamente novo para o mundo da historiografia, desde as mudanças nas próprias concepções e nos objetos da história como entre os investigadores ligados ao estudo das mulheres, do gênero e do feminismo. Em Portugal, alguns estudos que privilegiaram as mulheres devem ser destacados como pioneiros na análise desse sujeito. Por essa razão, fez-se um mergulho no que foi escrito, buscando entender as diferenças que nortearam as análises indicadas nestes trabalhos, sendo de extrema importância visualizar as mudanças que serão repercutidas na episteme dos estudos sobre a mulher em Portugal, no que se refere às mudanças teóricas e de perspectiva.

Entretanto, é preciso levar a categoria gênero às fontes e pensar na especificidade das portuguesas e refletir que o gênero está marcado pelas muitas identificações femininas, adquirindo, nesse caso, o *status* da diversidade, e não único, como a gênese de uma história das mulheres sugeria. É evidente que isso não fora afirmado, mas os recortes que o início da

---

<sup>10</sup> “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas.” (PERROT, 2007, p. 16)

história das mulheres, em alguns lugares, propunha, deixava essa grande lacuna e consequentemente isso viera a fazer parte das críticas mais contundentes.

É importante saber que dentro dos muitos femininos coexistem muitas formas de ver, pensar e sentir o mundo, o que contribui, dessa forma, para a multiplicidade das relações que as mulheres estabelecem com os seus demarcadores sociais. Esta pesquisa situa-se na fronteira dessas facetas femininas, e na necessidade de acatar a ordem vigente do período que previa a uniformização das mulheres. Quereres e diferenças nas visões de mundo não seriam mais levados em consideração, as especificidades foram colocadas numa mesma gaveta, na qual todas deveriam procurar identificação; as que não estivessem enquadradas deveriam objetivar parecer com os modelos criados pelo Estado, o modelo da mulher ideal.

Com o caráter da brevidade, pois é impossível condensar a história das mulheres e do gênero em uma apresentação, essa guisa à introdução, enuncia que as mulheres portuguesas e sua história permaneceram presas às gavetas dos arquivos, sendo somente investigadas com a abertura política, em que a democracia, que é o grande valor social, fora realidade, mas também, porque os jogos históricos e suas tramas mudaram.<sup>11</sup>

Pauta-se a ideia de história e jogo através de Foucault, e como menciona Albuquerque Junior (2004, p. 83), como seres em busca de algo que ainda não foi dito ou de um olhar que ainda não foi desvelado. Desse modo, o autor caracteriza o trabalho do historiador, baseado na prática foucaultiana,

Como a bola de futebol, os objetos e os sujeitos históricos são feitos de múltiplos gomos, da costura às vezes malfeita e aparente, de diferentes temas, enunciados, conceitos, conteúdos, formas. E todos eles têm furos, rachaduras, por onde sempre ameaçam vaziar a sua essência de vento. Suas formas enfatuadas e roliças podem, com um simples gesto de corte feito pelo saber do historiador, pela lâmina de sua crítica, tornar-se a lástima de uma bola murcha, traste deixado em escanteio. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2004, p. 83)

Como um traste, envolto em preconceitos, muitas vezes o gênero foi refutado pelos historiadores, como assinala Albuquerque Junior (2004, p. 83) acerca de recortes e olhares de historiadores sobre fatos e causas, muitas vezes esquecendo de pequenos indícios que revelam

---

<sup>11</sup> Aqui o jogo adquire a conotação dada por Foucault ao falar da história e seus meandros. Foucault recorre ao artifício do jogo para pautar sua análise e, desse modo, criar um novo olhar sobre a História. Segundo Albuquerque Junior, “Para Foucault, se o historiador tiver o cuidado de entrar de corpo e alma na história, admitindo que só se faz a história participando de seu próprio jogo, que não se pode escrever a história como um espectador, torcendo da arquibancada, sendo um historiador atleta e não um historiador assistente, se perceber que só se escreve a história suando a camisa, não a olhando de binóculo de um camarote refrigerado, ele aprenderá que ‘atrás das coisas há algo inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhes eram estranhas”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2004, p. 79-100)

a realidade de alguns sujeitos nas teias da história, e em Portugal fora preciso desfazer muitos estigmas e estereótipos para a consolidação dos estudos de gênero.

Em terras portuguesas, devido à construção do campo mais tardiamente, os estudos que privilegiaram as mulheres, os feminismos, as masculinidades<sup>12</sup>, tendo como cerne de análise a categoria gênero, só sofrem uma dinamização com a Comissão da Condição Feminina (TAVARES, 2008, p. 2). Temas que figuram e que integram o interesse dos pesquisadores centram-se em investigações voltadas ao feminismo, às mulheres nos oitocentos, às mulheres republicanas, às mulheres escritoras, às oposições femininas ao Estado Novo, à formação da mulher, às lutas pela instrução e à história das organizações femininas no Estado Novo. Contudo, há também temas que privilegiam a história presente, como as questões de violência e igualdade.

Regina Tavares da Silva, João Gomes Esteves, Vanda Gorjão, Anne Cova, Helena Neves, Teresa Joaquim, Ligia Amâncio, Conceição Nogueira, Maria Manuela Tavares, Virginia Baptista, Irene Vaquinhas, Virgínia Ferreira e Maria José Magalhães levaram a cabo trabalhos de investigação sobre as mulheres portuguesas que são contributos importantes para entender as relações sociais entre os sujeitos, as resistências e dominações históricas.

Dito isso, nessa breve contextualização sobre o campo da história das mulheres e dos estudos de gênero situa-se essa investigação em uma história que privilegia a análise das relações sociais através dos seus enunciados de poder, através da repetição exaustiva de um discurso de inferioridade para com a mulher, no qual a categoria gênero<sup>13</sup>, pensada por Joan Scott (1990), permite codificar as diferenças através do corpo, sendo que por essa percepção as relações de poder são articuladas na sociedade.

Para mapear as codificações das relações de poder entre discurso, política, Igreja e mulheres que existiam em Portugal entre 1934 e 1969 do século XX, além da bibliografia que privilegia as mulheres, esse estudo compõe-se de um *corpus* documental que destaca a imprensa católica como principal cerne para análise dos vértices abordados. O primeiro conjunto de fontes analisadas é a Coluna Feminina do Jornal Novidades, que figura com

<sup>12</sup> No campo da História, não se encontrou nenhum trabalho que privilegiasse as masculinidades. Essa temática tem sido objeto da psicologia social, da antropologia e da sociologia, em Portugal.

<sup>13</sup> “Sabemos que existem outros estudos que aprofundam a discussão sobre o gênero. Judith Butler, por exemplo, desconstruiu o conceito de gênero que parte da premissa que sexo é natural e o gênero é construído. Ao defender a teoria performática, na qual o gênero pode ser entendido como performances sociais, ou seja, palavras e gestos que, ao serem expressos, criam uma realidade, Butler concebe o sexo como um resultado discursivo, cultural, questionando o gênero como uma interpretação cultural do sexo. Aludindo a afirmação de Simone de Beauvoir de que “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”, Butler aponta para o fato de que “não há nada em sua explicação que garanta que o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea”. (BUTLER, 2003, *apud* LEAL, 2013, p. 17)

aproximadamente mil oitocentos e vinte colunas, que compuseram o recorte cronológico escolhido. Como fontes transversais, que integram a análise do que era publicado sobre as mulheres, têm-se como referências a Revista Alleluia, da Liga Independente Católica Feminina<sup>14</sup>, e a Revista Stella: a revista da mulher católica, que foi descoberta através das publicidades da coluna feminina do jornal Novidades. A revista Modas e Bordados não integra o periodismo católico, mas foi também pesquisada, conforme já mencionado, para entender e conhecer a pauta<sup>15</sup> que era dirigida às mulheres na primeira metade do século XX, em Portugal.

Tânia de Luca (2005, p. 126), ao lançar um olhar sobre a imprensa e a história (MAUAD, 2007), assevera que desde os anos setenta do século XX os historiadores começaram a utilizar a imprensa como fonte. Ela observa que:

As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder. Os questionamentos desse campo, imbricados com os aportes da História Cultural, renderam frutos significativos. (DE LUCA, 2005, p. 128)

No entanto, mesmo que a imprensa seja uma fonte rica em informações (SOUZA, 2012), há que se ter cuidado com os discursos que são publicados (ELMIR, 1995), entendendo que são carregados de significados e filtros, conforme a vertente de cada periódico, mediada por quem escreve e porque escreve. Assim, a tarefa do historiador em analisar as diversas correntes jornalísticas é um verdadeiro desafio, pois não há objetividade e imparcialidade, há interesses que conformam o cenário das redações, evidenciando mais um tema que outro. E nisso, os jornais oferecem vasto material sobre as histórias que emaranham os cotidianos dos indivíduos.

É imperativo dizer que as fontes foram trabalhadas com o olhar de que não há isenção, portanto elas foram analisadas como portadoras de uma ideologia intrínseca à redação que estavam submetidas, aliado à compreensão de que o fazer jornalístico produz muitos mundos e há nos discursos da imprensa interesses que são inerentes à vertente social na qual a redação se inscreve.

Como metodologia adotou-se, devido aos objetivos e natureza das fontes, a análise de conteúdo ou análise textual qualitativa. Essa metodologia consiste em uma gama de procedimentos que orientam a categorização, sistematização e interpretações de séries

---

<sup>14</sup> Setor especializado da Ação Católica Portuguesa, que estará melhor explicitado no Capítulo 2.

<sup>15</sup> Sobre as principais pautas, destaca-se o quadro no Apêndice A que enuncia os principais temas abordados pelas mulheres.

textuais. “A análise de conteúdo não estabelece limites quanto ao referencial teórico a ser usado na construção do objeto e na interpretação final das unidades textuais selecionadas, sendo perfeitamente ajustadas aos nossos questionamentos de pesquisa”. (MARTINS, 2010, p 13)

Acompanha essa investigação um apêndice com uma das tabelas usadas para verificar as reportagens e temas na longa duração. Acredita-se que, desse modo, a metodologia utilizada para a escrita desse estudo seja melhor compreendida. Essas tabelas também possibilitam ao futuro pesquisador vislumbrar algumas temáticas que não foram trabalhadas nessa investigação.

Diante dessas premissas e assertivas, a presente investigação está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, “A tríade: Estado, Igreja e Mulheres”, analisam-se os acordos, desacordos, bonanças e tensões entre Estado e Igreja, contextualizando os elementos que conformam a sociedade em Portugal, no início do Século XX, enfatizando, sobretudo, os conceitos de autoritarismo, corporativismo, conservadorismo e fascismo que estabeleceram um diálogo com a Igreja, asseverando que os detratores do regime no seio do catolicismo foram uma realidade e também que esses se autodenominaram os “vencidos do catolicismo”. Ainda, nesse capítulo, são abordados os primeiros organismos católicos femininos e a figura de Maria de Lourdes Pintasilgo, estabelecendo um paralelo entre os nacionalismos e as primeiras associações católicas que reuniam as raparigas.

No segundo capítulo, “A mulher católica na vida política”, discorre-se sobre a presença de um núcleo feminino na Assembleia da República e como as primeiras deputadas pertenciam a um grupo conservador que privilegiava o discurso de retorno da mulher ao lar, e quais foram as atuações que elas tiveram no que concerne a política voltada para as mulheres. Ainda, trabalha-se como o combate ao comunismo fora um dos discursos mais utilizados na captação de eleitoras para António Oliveira Salazar.

No terceiro capítulo, “Sobre a imprensa católica em Portugal: os ideais da boa imprensa e a vigilância social”, faz-se uma incursão sobre a imprensa portuguesa, destacando a historicidade que a imprensa portuguesa possui e os conceitos que foram tecidos sobre ela, colocando em relevo os conceitos de boa e de má imprensa. Ressalta-se, ainda, que o analfabetismo fora um dos importantes obstáculos condicionantes da expansão da imprensa em Portugal. Todavia, a problematização dos órgãos censórios é um dos quadrantes que perfazem esse capítulo, asseverando que a censura fora uma importante ferramenta de repressão à palavra escrita, e na última parte desse capítulo, “Expressão e Opressão”, versa sobre a imprensa feminina, sua agenda e sua pauta destinadas ao público feminino.

No quarto capítulo são dissecadas as principais pautas citadas no capítulo anterior, mostrando que os discursos de combate ao divórcio, de preservação do matrimônio e, principalmente, da mulher-mãe formaram um importante conjunto discursivo que criara a ideia de estar a mulher condenada à sua natureza. Esses discursos privilegiavam um “tipo” feminino e buscava enquadrar TODAS as mulheres em um mesmo ideal de feminilidade.

Essa investigação, ao esquadrihar discursos da imprensa confrontados com a bibliografia sobre história das mulheres em Portugal, com suas ambiguidades, paradoxos e contradições, pretende responder à questão que está na gênese do empreendimento dessa pesquisa. E essa pergunta refere-se à constatação de que é a formação de um núcleo católico letrado feminino que dá sustentação a um discurso sobre as mulheres que é reiteradamente publicado na imprensa, e mais, que esse discurso também auxilia na manutenção de uma política conservadora no que concerne aos sujeitos. Essa investigação ampara-se na grande diversidade de estudos sobre o tema no pensamento ocidental, pois muitos pesquisadores abordaram a questão com as mais variadas fontes. Entretanto, a resposta à questão não ocorre de maneira conclusiva, pois ao trabalhar com humanidades, o elemento inconclusivo é uma realidade, que lembra os limites que temos como pesquisadores.



## 1 A TRÍADE ESTADO, IGREJA E MULHERES

“Sei muito bem o que quero e para onde vou, mas não se me exija que chegue ao fim em poucos meses”. (SALAZAR, 1961, p. 1-6)

O que António Oliveira Salazar preferira no seu discurso, citado à epígrafe, é, antes de tudo, um projeto longo, talvez mais longo do que o próprio Oliveira Salazar imaginasse naquele momento<sup>16</sup>. Embora o calendário e os objetivos ali expostos tratassem das finanças, foi na política repressora e opressora em relação às mulheres que esse projeto governamental ficou mais evidente e isso, como afirmou Salazar, durara longas décadas. Eram necessários muitos anos para que a consolidação e educação dos costumes estivessem estabilizadas. Porém, dentro desse projeto que terá como protagonista a figura de António Oliveira Salazar que participará ativamente de todas as modificações sociais, há três elementos importantes que darão sustentação e embasamento para a investigação que se desenvolve no campo dos estudos de gênero e de política para mulheres; esses três elementos serão a Igreja, o Estado<sup>17</sup> e as Mulheres Católicas<sup>18</sup>, através do discurso do periodismo católico.

<sup>16</sup> “Salazar é caso único entre os ‘grandes ditadores’ do século XX na medida em que seu protagonismo público decorreu do seu mérito acadêmico. [...]. Tendo tido uma ascensão rápida na hierarquia da Universidade de Coimbra, um Salazar politicamente ambicioso foi obrigado a marcar passo até 1926, já que suas predileções políticas católicas não contavam com as boas graças da I República Portuguesa. Nesse ano, o Exército derrubou o regime moribundo, procurando depois constituir uma equipe de especialistas civis destinada a ajudar a endireitar as finanças e a vida econômica portuguesas e a moldar novas instituições políticas. Salazar tirou pleno partido da nova situação. Em 1928, aos trinta e nove anos de idade, tornou-se o ‘ditador das finanças’ do país, assumindo o Ministério das Finanças, no Terreiro do Paço; quatro anos depois, mudou-se para o palácio de São Bento, ao ser nomeado presidente do conselho de ministros, cargo que haveria de ocupar durante os trinta e seis anos seguintes” (MENESES, 2011); “A imagem que Salazar cultivou foi a do ditador reservado, puritano e provinciano, marca que perdurou até sua morte. Enquanto jovem militante católico saiu uma única vez de Portugal, para participar num congresso católico na Bélgica. Após a sua chegada ao poder, viajou pouco (uma única ida a Espanha, para se encontrar com Franco). Ditador com um império colonial, nunca visitou uma única colônia, ao longo dos 36 anos do seu consulado, ou no Brasil, ‘o país irmão’. Andou de avião uma única vez e não gostou. No entanto, seria errado associar o seu provincianismo dos seus comportamentos com ausência de cultura política ou com ‘espírito de caserna’. Ditador, ‘catedrático’, Salazar acompanhava a política internacional e o movimento de ideias de perto”. (PINTO, 2007, p. 29)

<sup>17</sup> As análises que permeiam as relações Estado e Igreja são distintas. Os pesquisadores dividem-se em elementos contrários para atestar a união do Estado e da Igreja. “De um lado, os que, como Fernando Rosas, advogam ter existido um casamento efectivo entre as duas instituições, com um elevado grau de colaboração e apoio, afirmando que a Igreja Católica foi “a suprema força informadora da acção do Estado Novo”. Em seu entender, a religião funciona como um “elemento de sujeição e obscurecimento das massas, cujos sentimentos religiosos são explorados para manter uma ordem política assente na estagnação parasitária, na exploração e na opressão. No campo oposto os que, como Manuel Braga da Cruz, afirmam que a política religiosa do Estado Novo não terá sido regalista ou jacobina mas antes de separação concordatada, isto é, separação de facto, autonomia de ação e de pontos de vista. Finalmente, outros, como António Costa Pinto, para quem o “catolicismo tradicionalista” e a Igreja foram “um dos elementos mais poderosos da “ditadura” mas também um fator de “limitação à fascistização do regime”; o autor vai mais longe afirmando que os católicos formam “o principal elemento motor do pluralismo limitado ao Estado Novo.

<sup>18</sup> Utiliza-se a designação mulheres católicas como categoria e essa designação percorrerá todo o estudo para diferenciar o gênero e suas especificidades.

Por certo que António Oliveira Salazar não foi o único a engendrar todo o projeto de doutrinação para mulheres, há nessa complexa teia uma série de fatores que colaboraram para a disseminação do pensamento autoritário<sup>19</sup>. Contudo, a postura religiosa do próprio Salazar também é determinante para algumas políticas instauradas para o feminino. Em que pese ele ter dito à Igreja, em 1928, através do Jornal “Novidades”, que podia dar-lhes pouco, era na política relativa aos indivíduos que poderia agradar-lhes no discurso. Em suas palavras: “Diga aos católicos que meu sacrifício (entrada no governo) me dá o direito de esperar deles que sejam de entre todos os portugueses os primeiros a fazer os sacrifícios que lhes peço, e os últimos a pedir os favores que eu lhes não posso fazer”. (REIS, 2000, p. 187)

O descontentamento dos católicos<sup>20</sup> em relação a seu par António Oliveira Salazar, líder com um longo histórico de vida católica e saído dos núcleos políticos da Igreja Católica Portuguesa<sup>21</sup>, não era pouco. Em suas primeiras medidas, Oliveira Salazar anunciara que ele não teria a intenção de privilegiar a Igreja Católica, como era suposto que faria. António Oliveira Salazar conseguiu arrefecer os ânimos na dinâmica social através de políticas conservadoras para com os sujeitos, dos quais a mulher sofreria os maiores rechaços, através dos discursos que a encerravam na inferioridade feminina. Eis aí um lugar comum entre a política e a Igreja Católica portuguesa: as duas estruturas acreditavam, em maior ou menor grau, em um lugar único para a mulher, a casa. Portanto, Oliveira Salazar embora não agradasse a todos, comungava de pensamentos centrais que uniam Estado e Igreja na pedagogia social para com os sujeitos.

<sup>19</sup> As matrizes do autoritarismo português residem em três elementos fundamentais: “o conservadorismo católico, o pensamento militar de feição positivista e um tipo de radicalismo nacionalista fortemente influenciado pelos movimentos fascistas”. (MARTINHO, 2007, p. 9-30)

<sup>20</sup> “[...] o estado continuou a afirmar-se separado da Igreja e a funcionar com plena autonomia em relação a ela. O epíteto nacional-catolicismo, atribuído ao vizinho autoritarismo franquista, não tem aplicação no salazarismo, institucionalmente considerado, já que em Portugal, ao contrário do que aconteceu em Espanha, ‘nem o catolicismo foi religião de Estado, nem o nome de Deus foi constitucionalizado, nem se exigiu que fosse católico o Chefe do Estado, nem se proibiu o culto público de outras religiões, nem os membros da hierarquia ocuparam por inerência funções nos órgãos de soberania, nem as escolas católicas foram subsidiadas pelo Estado. O laicismo liberal-republicano, por vezes de expressão maçónica, teve o seu espaço e expressão no salazarismo, condicionando compromissoriamente a maior influência doutrinária do catolicismo da maioria dos seus dirigentes”’. (CRUZ, 1990, p. 202)

<sup>21</sup> Sobre o percurso de Salazar dentro dos núcleos políticos da Igreja, historiadores afirmam que fora uma junção de coincidências e um real aproveitamento de oportunidades. Da infância pobre, da aldeia simples preservou os vínculos com a terra e com os aspectos rurais da vida. Quando falava da sua ascensão dentro da Universidade de Coimbra enfatizava: “O seu padrinho, porém, veio em sua ajuda, e conseguiu metê-lo num seminário. Porque os seminários substituem um pouco os antigos conventos onde se ensinavam e se educavam as classes pobres”. Contou com todos os privilégios que a Igreja poderia dar-lhe e, a sua entrada para o governo, significou para alguns núcleos católicos a vitória de um “verdadeiro católico”. (MENESES, 2011, p. 38)

Por isso, a imprensa, personificada no *Jornal Novidades*<sup>22</sup>, é uma das grandes propagandistas de Oliveira Salazar. Matéria digna de nota fora o aniversário de 25 anos, na qual o matutino louva o governo de António Oliveira Salazar:

25º aniversário da entrada de Salazar para o governo da nação:

Toda a nação, na metrópole, no ultramar, se prepara para festejar solenemente a data do 25º aniversário da entrada do Sr. Dr. Oliveira Salazar para o governo. O país, agradecido ao homem que tem gasto a maior parte da sua vida ao leme da Governação, deseja manifestar-lhe o muito apreço em que a sua obra, magnificamente documentada no progresso interno da nação e no grande prestígio de que Portugal desfruta no Mundo. Em Lisboa, essa manifestação revestir-se-á da grandiosidade que exigem Salazar e a sua obra. (NOVIDADES, nov. 1951)

Salazar e sua obra são veementemente saudados no periodismo católico, criando uma atmosfera de consensos, evitando-se desse modo os contrassensos. A imprensa, como era controlada pela censura, incluindo o periodismo eclesiástico, divulgava e publicava, na maior parte das vezes, um Portugal renovado, um Portugal majoritariamente católico. São muitas as especificidades que envolvem esses três elementos – Igreja, Estado e Mulheres –, iniciando-se por definir o catolicismo aliado ao Estado, através da análise de um estudioso do tema que propõe e discute as especificidades do espaço, do tempo e do próprio catolicismo. Muitas questões são postas por Bruno Cardoso Reis (2009, p. 265) dentro da relação Estado, Igreja e Sociedade. E isso:

[...] Deve significar, no entanto, atentar mais ao facto de que na Igreja Católica existem vários níveis e tipos de instituições em interacção complexa: uma Santa Sé em Roma, um episcopado “nacional”, um clero secular e regular, um laicado mais ou menos diversamente organizado. Pressupor aqui um alinhamento automático, numa linha simplesmente hierárquica, é um dos possíveis custos do simplismo conceptual e metodológico ao olhar para a Igreja Católica.

[...] Ao nível do Estado importa recordar que crentes e dirigentes católicos são simultaneamente cidadãos. O que coloca a questão dos limites sempre complexos e permanentemente negociados de qualquer separação entre o Estado e as confissões religiosas, especialmente as que têm uma significativa presença numa determinada sociedade. (REIS, 2009, p. 265)

Não é possível refutar essa significativa presença de alguns líderes religiosos dentro dos espaços públicos, demarcando, desse modo, uma posição política, ainda que não oficial. Os poderes espirituais e seculares, na história de Portugal, por vezes, confundem-se. Contudo, há momentos em que esses espaços também são tensos e negociados, manifestando a

<sup>22</sup> *Jornal Novidades* era o jornal officioso da Igreja, e por officioso entende-se o objetivo de orientar a consciência pública à luz da doutrina católica. Ficou conhecido pela sua íntima relação com a hierarquia da Igreja. Isso estará mais explicitado no terceiro capítulo, que versa sobre imprensa católica.

diversidade dos fiéis<sup>23</sup>. Nota-se esse estremecimento nas declarações que Salazar faz na imprensa – são inúmeros discursos em que enfatiza que católicos devem se unir em torno das questões sociais e que mesmo os que se interessem mais<sup>24</sup> pelas questões políticas aceitem e sigam o programa que lhes é apresentado. Em outras palavras, ele queria do segmento católico “carta branca” até para as medidas impopulares, como saneamento das finanças com cortes e arrochos, sem data de término. Era esse o apoio que Salazar buscara entre os católicos, que em maior número, consentiram, entretanto estava ainda longe de ter a unanimidade que ele esperava.

Estado e ordem eclesial, personificada em Dom Manuel Gonçalves Cerejeira<sup>25</sup>, o cardeal patriarca de Lisboa (CARVALHO, 2010) – a quem Luís Salgado de Matos (2001, p. 806) descreveu como homem que “tem mão de ferro com luva de veludo”, pois sabia privilegiar o contato humano e seduzir –, nesse contexto agiam em concordância. O Cardeal

---

<sup>23</sup> “Pode-se perceber algumas fases de aproximação e distanciamento entre Igreja e Estado. “Na primeira fase, que vai desde a revolução de 1926 até a assinatura da Concordata de 1940, as relações entre Estado e a Igreja caracterizaram-se por uma progressiva aproximação e por uma franca colaboração. O pós-guerra determina o início de uma segunda fase de crescentes problemas e tensões nessa colaboração, tanto a nível interno como sobretudo externo (com o vaticano), que culminarão com a aberta dissidência de algumas figuras do episcopado, de que os casos do Bispo da Beira e do Bispo do Porto foram demonstração, e com o desentendimento progressivo entre uma Igreja que os ventos do Concílio Vaticano II abalavam e um Estado que os rumores das guerras de África minavam”. (CRUZ, 1990, p. 203)

<sup>24</sup> António Oliveira Salazar acreditava que as pessoas deveriam cada vez se interessar menos pela política, e fazia severas objeções à participação dos indivíduos na política.

<sup>25</sup> D. Manuel Gonçalves Cerejeira fora uma das mais importantes influências para António Oliveira Salazar. Tido como o príncipe da Igreja Católica Portuguesa, ele tinha poderes que nenhum outro português teve sobre Salazar. Partilhavam da intimidade que uma longa amizade proporcionara. Foram entusiastas e militantes católicos, moraram juntos no Convento dos Grilos em Coimbra. Entretanto, a amizade e a cumplicidade e até mesmo similaridade no pensamento não impediu as divergências. Irene Pimentel escreve a biografia pública de D. Manuel Gonçalves Cerejeira e é ela que adverte para a relação complexa entre dois sujeitos dotados de poder, um na Igreja, outro no Estado. Pimentel mostra o universo de tensões que existira quando Salazar aproximou-se da juventude hitleriana, o Cardeal Cerejeira foi peremptoriamente contrário a isso e não menos contrário à criação da Mocidade Portuguesa Feminina, com cariz fascista e inspirado nos modelos que já existiam na Alemanha e na Espanha. Contudo, essas diferenças não eram evidentes e só foram conhecidas após uma longa análise dos documentos que remetem ao período, permanecendo desconhecidas do público até que pesquisas historiográficas assim o concluíssem. Era consenso que a união dos dois era indissolúvel e duas obras assinalam e testemunham essa relação: PIMENTEL, Irene Flunser. **Cardeal Cerejeira: o príncipe da Igreja**. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010; e ALMEIDA, Rita Carvalho de. **António Oliveira Salazar, Manuel Gonçalves Cerejeira: correspondência política (1928-1968)**. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2010. Sobre a longa vida cristã católica de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, o Jornal Novidades publicara em 29 de novembro de 1968 um suplemento, alusivo aos 80 anos do cardeal patriarca de Lisboa. Com o título de “Predestinado da Providência”, o cardeal Fernando Cento tece suas considerações sobre aquele, segundo ele, que fora um “predestinado da providência para o maior bem da sua pátria”. O suplemento comemorativo traz a trajetória da vida de D. Manuel Cerejeira dentro da Igreja católica portuguesa e é digno de nota, pois o discurso veiculado no jornal oficioso é ufanista, manifestando os feitos do cardeal patriarca por Portugal, assinalando portanto, os beneméritos serviços prestados à sociedade através da caridade e do servir ao outro. (BRANDÃO, 2002, p. 22); “Durante todo o Estado Novo, de formas e intensidades diferentes, as elites católicas vão apoiando as políticas de Salazar e as suas filosofias de Estado. Os doutrinadores católicos empenham-se em cristianizar o corporativismo, e no jornal O Trabalhador aparece a seguinte observação: O regime corporativo português é declaradamente filho da democracia cristã. Neste contexto, o clero chega a afirmar, pretende-se tornar cristão o corporativismo português, para que dure e seja justo”.

Patriarca de Lisboa fora um dos grandes aliados, mesmo com divergências, na instalação de um Estado aparentemente conformado com o governo. Se no campo político nunca houve uma afirmação do Estado veiculado à Igreja<sup>26</sup>, no campo social e de normatização essas instituições unem-se na manutenção da ordem. A moral cristã e católica era um forte elo que reunia as instituições, mesmo com diferenças em outros campos. Embora fosse notório o descontentamento de setores católicos com o Estado no que tangenciava à negação, ou o fato de Oliveira Salazar nunca ter assumido a religião católica como única – e, nesse caso, pontua-se, sobretudo, a falta que Deus fizera na Constituição e isso era algo sempre latente que causava desconforto em muitos católicos e propiciara um estremecimento, que, vez por outra, aparecia –, ainda assim, o aspecto de união com elos fortes mantinha-se. Contudo, como alerta Steffen Dix (2010, p. 17):

Embora a separação entre Estado e Igreja Católica não se tenha alterado com a concordata de 1940 (Portugal continuou a ser oficialmente um Estado não confessional), deu-se nos anos seguintes uma simbiose, ou coabitação íntima, entre os dois. Este contrato entre o Vaticano e o Estado português significou um reestabelecimento de uma parte importante dos privilégios que a Igreja antigamente possuía, reconhecendo, por exemplo, a ‘propriedade dos bens que anteriormente lhe pertenciam’ (TORGAL, 2004, p. 109). De certa maneira poder-se-á falar de um negócio bem rentável para os dois lados. A Igreja legitimou ideologicamente o Estado, que ofereceu, em contrapartida, vários privilégios, como a exclusividade do ensino religioso, alguns benefícios fiscais, ou o monopólio da assistência religiosa nos hospitais, nas prisões, nas forças armadas, etc. Assim, a Igreja Católica conheceu entre os anos 1930 e 1960 uma fase extremamente fértil, e a sua afirmação e reconfiguração, iniciando de facto uma cristianização dos portugueses, sufocou quase por completo todas as aspirações seculares dentro da sociedade.

Entre negociatas e descontentamentos, como pode-se constatar, se de um lado havia os insatisfeitos da Igreja para com um regime que se instalara para durar, por outro lado o Estado soube negociar e dar à Igreja sobejamente o que lhe interessava – bens que alargaram seu patrimônio – e fizeram-na detentora de uma enorme fatia imobiliária das cidades. Não obstante, ainda anda-se pelas cidades portuguesas na atualidade e não são poucas as placas

---

<sup>26</sup> Sobre Estado e Igreja é interessante a análise de Joaquim António de Sousa Pintassilgo que fala: “Em geral, a concordata confirma a tendência do Estado Novo para preservar, contrariando as expectativas da Igreja, e ao contrário do que aconteceria em Espanha com o Franquismo, o essencial do regime de separação instituído pela República. Por cá, o regime não retornou ao confessionalismo de Estado nem o nome de Deus foi introduzido na constituição. A política religiosa do salazarismo foi, nas palavras do mesmo Braga da Cruz (1999), de “separação concordatada”, uma espécie de catolaicismo, em que a laicidade do Estado se associou uma orientação católica dominante, à separação jurídica se juntou uma estreita colaboração moral. (PINTASSILGO, 2010. p. 181-198)

que trazem a seguinte inscrição “patrimônio da Igreja”<sup>27</sup>. A estratégia dos privilégios concedidos por Oliveira Salazar à Igreja controlava a tensão da falta de Deus na Constituição.

No entanto, esses conflitos que ora são explicitados só puderam ser desvelados a partir dos estudos feitos pela Sociologia, Antropologia, Ciência Política e História, que analisaram as trocas de correspondências entre a hierarquia e Oliveira Salazar. As investigações colocaram em relevo as disputas, conflitos, enfrentamentos e negociações entre Estado e Igreja que estiveram em cena no Estado Novo (SANTOS, 2012, p. 2), a começar pela Primeira República, capítulo sombrio para o catolicismo, no qual a Igreja sofrera um dos maiores ostracismos da sua história em solo português. A transição daquela República laica e intransigente com o catolicismo representara uma mudança vantajosa para a Igreja, e ter um líder católico no poder representou para a Igreja ocupar a centralidade que ela julgava merecer.

Não foram poucos os anseios dos militantes católicos em relação ao Estado na efetivação de um lugar privilegiado à religiosidade pós-Primeira República, ou mais especificamente, a apenas uma religião. A Primeira República instalara-se com um verniz laico e pretendia-se secular, portanto acabara por deixar no completo abandono as relações entre Estado e Igreja Católica. Isso fora um dos grandes erros, nomeadamente assinalados pelos estudiosos do período relativo à Primeira República, que viram nas sanções o fator de maior impopularidade da república e a fácil aceitação de uma ditadura civil militar repressiva.

Mesmo não contentando os católicos, o regime que tinha como protagonista António Oliveira Salazar fomentou de certo modo a paz social<sup>28</sup>, pois era quase consenso que estavam em melhor situação do que na República (HESPANHA, 2000, p. 297; MEDINA, 2001), e isso dava um outro *status* ao católico militante. O que reforçara no católico praticante a ideia de viver num país melhor com a ascensão de Oliveira Salazar foram os discursos em uníssono com a Igreja e um deles, talvez o mais forte, seja o combate ao comunismo. O perigo vermelho era ponto de intersecção entre as duas instituições. Foi com esse discurso que

---

<sup>27</sup> Um dos fatores para grande doação de terrenos por parte do Estado para a Igreja, fora o cuidado com os desvalidos da urbe que a Igreja sempre se dedicara. “A função de destaque da Misericórdia na recepção dos desvalidos foi sempre reconhecida pelos vários monarcas, que lhe foram concedendo privilégios e isenções (entrega de bens de pessoas que morriam sem parentes, atribuição de uma percentagem dos tributos ou ofertas voluntárias feitas aos párocos, ‘conhecenças’) (carta régia de 31 de janeiro de 1775)”. (BAPTISTA, 2016, p. 85; HESPANHA, 2000)

<sup>28</sup> As relações entre Estado e Igreja no pós-guerra foram, em grande parte, boas. Após a revisão da constituição de 1951, o seu artigo descrevia a fé católica como a “religião da nação portuguesa”. José Nosolini, nomeado embaixador junto da Santa Sé, descreveu Salazar ao papa Pio XII, após a apresentação de credenciais, como uma “alma cristã por estrutura, por educação e por inteligência crê e é filho da Igreja”.

Oliveira Salazar também aquietou os ânimos da comunidade internacional que, em dada altura, vira com maus olhos o regime.

No horizonte de combate ao comunismo, ao perigo vermelho que rondava o mundo, o *Jornal Novidades* não poupou manchetes nas mais diversas seções a tratar do tema, a explicar o seu perigo e a chamar os fiéis à luta contra esse inimigo voraz. Num contexto em que o mundo combatia o comunismo, António Oliveira Salazar soube muito bem manipular o discurso de combate ao comunismo a seu favor. Fora sempre necessário, ao longo do regime, reforçar a ideia de que o comunismo era um perigo iminente, como iminente foram algumas modificações do mundo moderno, as quais a política portuguesa refutara, como também refutara as vozes descontentes que viriam a tornar-se desgraçadas. Essa questão merecerá mais atenção e à medida que se submerge na história de Portugal, pois foi dele que se utilizou António Oliveira Salazar para a complacência dos órgãos internacionais.

Era o que aconteceria com a oposição católica ao Estado Novo. De dentro do núcleo da Igreja brotaram os que viam na união eclesial com o Estado algo que era impróprio para o cristianismo de fato. Em os “Vencidos do Catolicismo”, Ruy Belo (SILVA, 2014) – poeta, ensaísta e crítico literário –, um dos maiores nomes da literatura portuguesa do século XX, faz uma alusão às desilusões que tiveram, ele e outros, com o catolicismo. Como muitos, Ruy Belo esteve intimamente ligado ao catolicismo português, mas é possível atestar que, como ele, houveram muitos dissidentes que se tornaram as ovelhas desgarradas da política e da Igreja. Sobre sua decepção é cabível transcrever o poema “Toda a Terra”, de 1976: “Sou um contrabandista e levo para hispania a primavera vista e tida na Itália. Talvez me abram as malas e procurem joias ou drogas, mas a primavera não importa à polícia. E no entanto é perigosa pois não cabe no código católico”. (BELO, 1976, *apud* REVEZ, 2007/2008, p. 399)

Como no código católico não caberia abertamente o questionamento e a luta dos fiéis em contrapor as políticas praticadas pela Igreja do período (pelo menos oficialmente, o espaço para vozes dissonantes não era amplificado, mas sabe-se que não foram poucos os subversivos nos quadros da igreja, motivados pelo cristianismo primitivo, os que perderam na luta da fé para questões seculares), Ruy Belo torna-se símbolo do que vem a ser chamado vencidismo católico (REVEZ, 2007/2008), àqueles que, em maior ou menor grau, abandonaram a instituição Igreja em detrimento da fé, pois há que se pontuar que nos jogos do poder, há uma crise que fica visível e cada vez mais inegável. As negociações em que estavam envolvidos alguns clérigos, muitos sendo também informantes do regime através do confessionário, acabaram por macular a equação Deus, Igreja e Fé. Por isso, o principal texto

que expressa isso, ainda que na forma literária e, portanto, de forma metafórica, é o poema que se transcreve abaixo:

Nós os vencidos do catolicismo  
 Que não sabemos já donde a luz mana  
 Haurimos o perdido misticismo  
 Nos acordes dos carmina burana  
 Nós que perdemos na luta da fé  
 Não é que no mais fundo não creiamos  
 Mas não lutamos já firmes a pé  
 Nem nada impomos do que duvidamos  
 Já nenhum garizim nos chega agora  
 Depois de ouvir como uma samaritana  
 Que em espírito e verdade é que se adora  
 Deixem-me ouvir os carmina burana  
 Nesta vida é que nós acreditamos  
 E no homem que dizem que criaste  
 Se temos o que temos o jogamos  
 Meu deus, meu deus, porque me abandonaste? (BELO, 2004, p. 269)

A interrogação posta acima: “Meu Deus porque me abandonaste?” traduz o sentimento que impregna Ruy Belo, o da crise da fé, como se existisse uma desvinculação do catolicismo com Deus, e os muitos questionamentos e descontentamentos que pairavam sobre alguns grupos católicos. Ruy Belo soube escrever e decifrá-los, manifestando desse modo sua desilusão. Muitos aspectos da biografia de Ruy Belo não são conhecidos, mas sabe-se que foi criado dentro da moral católica, com pais extremamente vinculados à Igreja e que, em maior parte, a sua educação religiosa fora responsabilidade da sua mãe, fato comum para a época. No entanto, o que se registra da sua biografia é o estreito vínculo com a formação católica nos liceus, nos quais fora participante ativo da Juventude Escolar Católica<sup>29</sup>, organismo da Ação Católica. Do mesmo modo, na Universidade de Coimbra tem sua passagem pelo *Opus Dei* e sua militância é tamanha que se espera dele o sacerdócio. Esse último ponto não fora atendido, mas as expectativas dos clérigos eram de que ele pudesse chegar aos mais altos postos como sacerdote daquele instituto.

É provável que a cisão com o catolicismo português tenha se dado pela sua estada na Itália e sua aproximação com outras vertentes do catolicismo, como a Teologia da Libertação, mas não há ainda nenhum estudo que ateste isso. O que há como elemento concreto são seus

---

<sup>29</sup> “Outra forma que marcou a estruturação do catolicismo e a sua capacidade de enraizamento e influência na sociedade foi a criação de instituições sociais próprias, em particular nos campos do ensino e da ação social, favorecendo a intervenção direta e, simultaneamente a formação de novos agentes. Ao fazê-lo, a Igreja visava a reconstituição de um tecido social cristão, no marco do seu projeto de recristianização da sociedade”. (FONTES, 2011, p. 234)



textos e sua literatura de protesto, as denúncias sobre os silêncios dos muitos católicos eram dadas a conhecer através da sua obra, como na passagem que escreve:

No termo de dez anos de uma aventura mística que terminou há dez anos, eu saí para a rua e para o dia-a-dia com este punhado de poemas, com estas palavras que me consentiram escrever nos breves intervalos de um silêncio durante muitos anos imposto, a pretexto de que, de contrário, a minha alma correria perigo, como se eu tivesse uma coisa como alma, como se correr perigo não fosse talvez a minha mais profunda razão de vida. [...] esta colectânea [...] terá sido e continuará a ser suficiente para, de certa maneira, me permitir integração naquela geração que, em Portugal – e para glosar José Sena – perdeu o jogo do catolicismo e, talvez, como nenhuma outra, proveniente de qualquer setor ideológico, aliás incondicionalmente merecedor do meu maior respeito, haja contribuído tanto para a luta tendente a emancipação do povo português, não só pela sua atividade como pela constante e inexorável capacidade de reflexão e métodos. (REVEZ, 2007/2008, p. 400)

Assim, essa aparente derrota que expressa os textos de Ruy Belo sobre uma geração que via na ruptura uma saída para seu descontentamento mostra uma outra face do catolicismo português e o quanto era formado por grupos heterogêneos. A secularização das sociedades e um crescente fluxo internacional com experiências distintas pareceriam provocar novas expectativas acerca da religiosidade e do próprio catolicismo. Se por um lado, “o II concílio do Vaticano representou, para determinadas franjas católicas, a esperança de um rejuvenescimento, de uma forma quase incontornável de diálogo entre a Igreja e o Mundo” (REVEZ, 2007/2008, p. 414), por outro lado, reafirmou posicionamentos e posturas que fariam os que se sentiram vencidos distanciarem-se cada vez mais da Igreja, pois é seguro afirmar que os letrados percebiam a intimidade entre política secular e política eclesiástica. Para Pietro Tessori (2014, p. 56):

A visão católica dentro da sociedade salazarista procurava construir uma atitude defensiva de valores úteis para evitar desvios morais da religiosidade, enquanto que o Estado Novo invocava uma defesa moral da Nação, onde a imagem de uma pátria gloriosa tinha que ser suportada, por uma condição de devoção moral e espiritual cristã puramente patriótica fundada num espírito tradicionalista. A identidade católica de cada português tinha que ter como exemplo a beleza moral e intelectual de um chefe que, com a sua “doutrina” conseguiu “curar” Portugal quer economicamente quer espiritualmente, dando continuidade às dinâmicas tradicionais que simbolizavam a Nação, de facto, para a massa esclarecida do povo português dizer-se alguém católico era equivalente a dizer-se salazarista.

Nessa simbiose entre Estado e Igreja (CRUZ, 1980), entre católicos e vencidos do catolicismo, pode-se perceber que nem sempre dizer-se ser católico era dizer-se salazarista, mas esse imaginário é quase consenso. Por outro lado, a identificação católica é uma marca, até para aqueles que foram representados com os versos de Ruy Belo acerca do vencidismo

católico. Para esses indivíduos não era fácil assumir a postura contrária às expectativas sociais e culturais de uma sociedade com forte cariz católico e, ao fim e ao cabo, todo e qualquer questionamento que envolvesse a negação da religiosidade ou até a manifestação de outras religiões era sufocado.

Embora na Constituição de 1933 (BURNEAU, 1986) estivesse sublinhado o livre culto, na prática isso não se traduzia em uma realidade que pudesse inserir o sujeito não católico na sociedade. Um não católico era uma figura quase sempre invisível e ao mesmo tempo visível demais, pois há que se compreender que os tentáculos do Estado<sup>30</sup> eram demasiados longos. Se ao mesmo tempo o sujeito tornara-se invisível para um modelo social que predisponha o entendimento de um deus que era na sua gênese católico, por outro lado a visibilidade desse sujeito surgia pelo entendimento do controle, e controlar, perseguir e aprisionar era uma das marcas desse governo feito em sua essência para durar e uniformizar, conforme o discurso da unidade portuguesa. Todavia, é interessante refletir sobre a análise de Pietro Tessadori (2014), que, na sua dissertação de doutoramento, apontou para alguns aspectos dos letrados e iletrados, dos seguidores do catolicismo e dos seguidores do salazarismo, afirmando que um não existira sem o outro. Por norma, talvez isso seja o recorrente, no entanto tem-se dentro da Igreja setores não contemplados pela política de Salazar, e afirma-se que não foram apenas os vencidos do catolicismo que, de fato, romperam e que a história não pode ser compreendida dicotomicamente, mas há aí uma pista para entender os conflitos que existiram entre seguidores da fé e seguidores da política.

Posição antagônica a essa é desenvolvida na tese de doutoramento de João Miguel Almeida<sup>31</sup>, que vê a oposição católica ao Estado Novo como algo real, muitas vezes negligenciado, formando um senso comum de Estado e Igreja em harmonia. Almeida desconstrói essa teoria, mostrando o caráter rebelde de alguns grupos católicos (BARRETO, 1994) e padres excomungados, ressaltando que o regime trabalhara no ofuscamento desses sujeitos. Demonstra também que o apagamento dessa realidade dá-se pela não formação de

---

<sup>30</sup> “A recusa do individualismo social, aliás, da soberania do indivíduo sobre o Estado, o limite da propriedade privada relativamente ao interesse público e o recuperar dos valores morais como valores normativos, orientam o Estado Novo na procura de uma harmonia social que baseia a sua força na manutenção da ordem constituída. Como sublinha Bruno Cardoso Reis: ‘Salazar em finais de abril de 1928 da pasta das finanças foi ela própria fruto de uma estratégia definida e disciplinadamente executada. Em que, aliás, o peso do catolicismo político foi decisivo’.” (TESSADORI, 2014, p. 55)

<sup>31</sup> Ver também: ALMEIDA, João Miguel. A oposição católica ao Marcelismo. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2ª série, n. 16, p. 273-293, 2004.

um grupo coeso, nem com linhas de atuação definidas. Pontua o caso do bispo do Porto<sup>32</sup> como simbólico de um estado de coisas e sujeitos, ao que diz:

Em 1958, um grupo de católicos de origens diversas, num contexto de séria crise, demarca-se do regime e questiona a relação concreta entre poder temporal e poder espiritual. O bispo do Porto, em carta tornada célebre, dá aval e desenvolve os fundamentos destas críticas. Estávamos perante um virar de página nas relações entre regime e os católicos. Até a revolução de 1974, quando todo jogo político é alterado, os oposicionistas católicos põem em causa a legitimação do regime como fiel intérprete e cumpridor da doutrina cristã e conquistam o direito de intervenção cívica e política no campo da oposição. (ALMEIDA, 2008, p. 20)

Como assevera Almeida, 1958 será o ano em que Salazar faz algo até então inédito: reconhece que há uma crise entre setores da Igreja<sup>33</sup> com a política vigente. Dez anos antes o padre Abel Varzim<sup>34</sup> fora retirado da Acção Católica Portuguesa (ACP) por perturbar as consciências<sup>35</sup>, ocasião em que a hierarquia fora chamada a agir. Salazar nunca antes tinha lançado mão de usar a concordata como moeda de negociação, o que fizera na ocasião. A ameaça de rever a concordata era a forma de conter os ânimos e ameaçar os setores da Igreja.

<sup>32</sup> Os últimos trechos da Carta enviada a Salazar pelo Bispo do Porto são ousados: “1)Tem o Estado qualquer objeção que a Igreja ensine livremente e por todos os meios, principalmente através das organizações e serviços da Acção Católica, a sua doutrina social? 2)Tem o Estado qualquer objeção a que a Igreja autorize, aconselhe e estimule os católicos a que façam a sua formação cívico-política, de forma que tomem plena consciência dos problemas da comunidade portuguesa, na concreta conjuntura presente, e estejam aptos a assumir as responsabilidades que lhe podem e devem caber, como cidadãos católicos? 3)Tem o Estado qualquer objeção a que católicos definam, publiquem e propaguem o seu programa ou programas, politicamente situados, em concreto *hinc e nunc*, o que evidentemente não pode ir sem o despertar de esperanças de mutações ousadas e substanciais e do seu clima emocional? 4) Tem o Estado qualquer objeção a que católicos, se assim entenderem, iniciem um mínimo de organização e ação políticas, a fim de estarem aptos, nas próximas eleições legislativas ou quando o julgarem oportuno, a concorrer ao sufrágio, com o programa definido e com os candidatos que preferirem?”. (MENESES, 2011, p. 482; BARRETO, 2007, p. 11-33)

<sup>33</sup> “[...] Do outro lado destas boas relações deparamos com movimentos de resistência ao Estado Novo, levados a cabo por alguns católicos a quem não agradava esta cumplicidade. Entre eles, estão [...] O padre Joaquim Alves Correia, exilado nos Estados Unidos desde 1946, o padre Abel Varzim, pároco de uma igreja popular de Lisboa, e do seu semanário ‘O Trabalhador’, censurado desde 1948, assim como o Bispo do Porto, que, na sequência de uma carta escrita em 1958 vai para um exílio de dez anos, fora de Portugal”. (PESSOA, 2005, p. 152)

<sup>34</sup> O padre Abel Varzim destaca-se na cena episcopal. A sua formação fora do país traz-lhe a possibilidade de vivenciar outras experiências e reconhecer que a educação, a organização e melhoria das condições de trabalho eram elementos fundamentais para os indivíduos. Foi um padre com forte militância social, atuando junto a sindicatos e promovendo a publicação “O Trabalhador”, filiada a LOC, cuja a matriz discursiva era a reivindicação de direitos e a denúncia dos problemas. (RODRIGUES, 1990, p. 31); “No ano em que inicia os estudos de Ciências Políticas Sociais, em Lovaina, é publicada pelo Papa Pio XI, a 15 de maio de 1931, a Encíclica Quadragésimo Anno sobre a questão social ou a relação capital-trabalho, tendo como mote a comemoração da primeira encíclica na questão social, *Rerum Novarum*, de 1891, publicada e redigida pelo Papa Leão XIII. [...] Abel Varzim apontou uma perspectiva das encíclicas sociais: “Com efeito, as encíclicas sociais, e na sua perspectiva, a Escola de Lovaina, inspiravam um corporativismo que deveria nascer e organizar-se por iniciativa dos trabalhadores, brotando portanto debaixo para cima, numa palavra o corporativismo voluntário”. (ANJOS, 2014, p. 8)

<sup>35</sup> Em 1948, o padre Abel Varzim foi gradualmente afastado, por insistência do governo, dos cargos que desempenhava na Acção Católica e o seu jornal, “O Trabalhador”, foi encerrado. (MENESES, 2011, p. 480)

No ano de 1958, “as relações entre Igreja e estado mudam na forma e no ser”. (ALMEIDA, 2008, p. 14)

Nesse ínterim, há ainda aqueles que permaneceram dentro da Igreja e formaram as vozes dissonantes, engrossando o coro dos que não aprovavam as medidas impostas pelo governo de Oliveira Salazar, mas não abandonaram os bancos da Igreja, o que de certa forma coloca Salazar em lugar confortável, pois mesmo que houvesse rebeldes, estes se mantinham calados, situação ideal para o governo. Como observa António Costa Pinto, “partidos, governos, parlamentos, assembleias corporativas, juntas e todo um conjunto de “estruturas paralelas e auxiliares de dominação, mobilização e controle” se tornaram símbolos da (muitas vezes tensa) diversidade característica dos regimes autoritários” (PINTO, 2014, p. 18).

No magma do catolicismo, muitas eram as ramificações que existiram e, obviamente, falar de vencidos e vencedores não mostra a total complexidade que pairava na Igreja Católica do período. Conforme Paulo Fernando de Oliveira Fontes, que trabalhou com as elites católicas, justificou dizendo que trabalhar elites católicas limita e restringe o campo, pois a Igreja Católica portuguesa era formada por vários grupos. Entretanto, entender como eram formadas as lideranças leigas e eclesiais era fundamental para conhecer as dinâmicas que aconteciam no núcleo duro da Igreja, e dessa perspectiva, ele afirma: “Não se trata, porém, de estudar os setores dirigentes da instituição eclesial, mas de procurar acompanhar a formação e percurso daqueles católicos que se distinguiram pela sua capacidade de intervenção num determinado sector da realidade social” (FONTES, 2011, p. 7).

Nessa problemática instaura-se o conceito de elite católica e suas atribuições e a identificação dentro da sociedade desses sujeitos, que, ao fim e ao cabo, são oriundos dos quadros dirigentes e que manifestam poderes e legitimidades em níveis institucionais e pessoais. A complexidade de estudar a Igreja Católica é dada a conhecer por Paulo Fontes (2011, p. 7), ao que diz:

[...] portanto, porque estamos distantes de uma realidade social – o catolicismo português – e institucional – a Igreja católica no século XX –, cujos contornos não são fáceis de esboçar. O catolicismo só se apreende no estudo da própria sociedade que integra e de que é parte, onde se manifesta a sua vitalidade e se evidenciam as suas fragilidades; ele não refere apenas a uma pertença religiosa, nem uma vinculação confessional, mas aponta para determinada mundividência e conjunto de práticas sociais enformadas por uma compreensão religiosa do mundo e da vida.

É importante, como assinala Fontes (2011), a fundamental distinção do catolicismo português e do catolicismo romano. A Igreja Católica portuguesa coexistirá com a Igreja romana em aspectos fundamentais, porém com suas características próprias. O mundo vive um período de mudanças, através das guerras e das transformações das evoluções do capitalismo, cada vez mais capacitado, instrumentalizado e acomodado à sociedade moderna.

E é dessa modernidade e transformação dos tempos, que é dada na cultura, que atravessa as experiências humanas, e que condena e aprova as mulheres, na mesma medida, que coexiste a liberdade vigiada dos indivíduos. O olhar inquisitório do Estado e da Igreja reivindicará a responsabilidade moral das mulheres, através da educação que recebe e da educação que dá aos filhos, formando, desse modo, o cidadão do Estado Corporativista<sup>36</sup>, o que conflui diretamente na ordem e no lugar que cada um ocupa nessa sociedade. Não é difícil presumir que a mulher terá a incumbência de obedecer, há que saber, portanto, como eram os dispositivos que mediam essa obediência e faziam delas a católica ideal ou a subversiva.

Em boa medida, a questão Estado, Igreja e Mulheres é complexa, pois expõe a união de forças díspares e que colaboraram para o combate dos conflitos instalados pela desigualdade. Oficialmente, a Igreja é desvinculada do Estado, o que gera descontentamento em setores que contavam com certa oficialização da religião católica através de um filho do catolicismo que quase fora ordenado padre e que chega ao poder, pois teve sua formação política amalgamada no epicentro católico, entretanto a desvinculação não conferirá menos poder à Igreja<sup>37</sup>; ao contrário, há o renascer da Igreja nas esferas políticas e públicas, atuando na autenticação do poder civil. “Assim encontram explicação as mudanças na questão do ensino, existindo uma recatolização das consciências e da educação, ou a própria firmação de concordatas, confirmando privilégios a Igreja Católica” (SANTOS, 2012, p. 16).

E será na educação e na pedagogia social em relação às mulheres que a Igreja terá poder e aval para disseminar seu pensamento. Não advoga-se que as mulheres dos núcleos católicos só tinham participação no âmbito privado, embora isso fosse pregado diuturnamente,

---

<sup>36</sup> “O corporativismo português era, em última análise, caro e desprovido de conteúdo. Inicialmente importante, também ele evoluiu, depois de obstáculos muito reais serem colocados no seu caminho, de forma que assegurasse o objetivo último de Salazar – a sua própria sobrevivência política. Salazar chegou ao poder imbuído de uma série de verdades teóricas, sendo que uma delas era o corporativismo; prometia no papel reconciliar os princípios aparentemente contraditórios do progresso e da tradição e retirar a luta de classes do vetor de modernização, de modo que Portugal pudesse viver em paz consigo próprio. Mas, se não quiser ser entendido como uma forma de coerção o corporativismo tem de ser construído de baixo para cima e nada indica que tal correspondesse aos desejos de nenhuma das partes diretamente ligadas à economia, patronato e trabalhadores. O próprio Salazar admitiu em 1938: “Aplicar princípios originais, diferentes, a velhas sociedades habituadas para viver com outras engrenagens, e sobretudo, com outro espírito, é tarefa sempre difícil”. (MENESES, 2011, p. 125; ROSAS, 2012)

<sup>37</sup> A história entre Estado, Igreja e suas implicações sociais, mostra-se complexa e não linear. Há momentos de recatolização e há momentos de descontentamento entre as instituições que formam a sociedade.

o que se busca problematizar é a presença de um núcleo feminino militante católico, que pensava e articulava as questões femininas, e pauta-se a abordagem da mulher líder nos grupos católicos (LOPES, 2007, p. 95-96) de forma ativista no ideal feminino. Esse ideal feminino estará presente no imaginário das mulheres<sup>38</sup> que escrevem, nas mulheres que vão a missa, nas mulheres que ajudam nas celebrações eclesiais e é desse ideal que se está a falar e a problematizar. Elas poderiam exercer todas as atividades que fossem de “acordo com a psicologia feminina”, conforme informa o *Jornal Novidades* (18 mar. 1941), mas nunca, jamais, em posições de mando.

E, se dentro da Igreja as coisas se passam aproveitando todas as múltiplas atividades femininas, sem nunca atribuir, porém, à mulher posições de comando e orientação e se à Igreja, como todos reconhecemos, até os seus inimigos, quem melhor conhece a natureza humana e as suas possibilidades, lógico é concluir também que é a resolução errada confiar quaisquer posições de comando e orientação a mulheres, por inadequadas a sua psicologia e contrárias ao florescimento das suas virtudes naturais. (Não merecem consideração as exceções constituídas por ‘mulheres, homens, de musculatura rija e alma de sargento’, visto que essas exceções devem considerar-se tão humilhantes para os meios femininos como a hipertricose dispendiosa e inestética, da que receberam generosamente da natureza pera e bigode. (NOVIDADES, 18 mar. 1941)

As mulheres, com “alma de sargento”, traduziam-se em verdadeiras aberrações no periodismo católico que manifestava o caráter excepcional que determinados comportamentos femininos tinham, haja vista que, para os editores e redatores, jornalistas eclesiais e colaboradores, uma coisa era unânime, a mulher não poderia ter um cargo de comando dentro das esferas da Igreja e só atuaria em funções que fossem iminentemente femininas. Com a perspectiva da educação dos sentidos e da valorização de atributos femininos, a Igreja com essas publicações cria os aspectos que definem e cerceiam as mulheres quanto às suas atividades dentro da esfera eclesial. Contudo, é cabível mencionar que não foi só entre as mulheres que a educação católica penetrou com objetivos claros; as exigências para com os homens não são menores e cabe também dentro dessa reflexão pontuar as políticas implementadas por Salazar para acabar com a vadiagem masculina. É frequente o uso da imprensa para manifestar a necessidade da provisão doméstica por parte dos homens, advogando que uma casa bem conduzida deveria ser sustentada pelo homem e que ele não deveria fugir às suas obrigações. O homem que não exercia esse propósito era perseguido pela

---

<sup>38</sup> É imperativo dizer que as mulheres que pensam, escrevem e atuam nos meios eclesiais pensam em si através do olhar do outro. Por isso, a imagem cristalizada e refletida é impregnada de subjetividades que o outro construiu. (PORTER, *apud* BURKE, 1992, p. 291-326)

opinião pública<sup>39</sup> e fadado à exclusão, constituindo-se em um mau exemplo para a sociedade. A Igreja, através dos boletins direcionados aos mais diversos setores, também será agente na propagação do homem ideal, combatendo hábitos ditos masculinos, como o álcool e o jogo, vícios nocivos à sociedade.

A normatização e uma normalização dos comportamentos femininos é a questão colocada com veemência e que permeará a problemática da mulher católica e das dirigentes dos núcleos católicos femininos que escrevem no periodismo, com intento de formar a mulher-mãe católica. Essa normatização virá acompanhada das alianças, muitas vezes veladas, entre Estado e Igreja (BLOCK, 1995, p. 27), na sujeição, através do não reconhecimento de direitos. Essas duas estruturas figurarão com maestria na tentativa de orquestração dos sujeitos e disporão de meios para a doutrinação dos indivíduos. Um dos meios mais eficientes é as homilias e os boletins direcionados a homens e mulheres.

Esses três grandes eixos temáticos – Mulheres, Igreja e Estado – quase sempre foram estudados de forma inflexível e colocados em categorias rígidas, como coexistindo, mas não se relacionando. Quer-se aqui estabelecer as relações que existiram e que movimentaram a dinâmica das negociações. Operacionalizar essas categorias não é tarefa fácil, mas percebê-las nas suas dimensões relacionais é fundamental para entender a face do conservadorismo e do autoritarismo que esteve em cena entre os portugueses durante décadas. Não perceber as nuances que estão no pano de fundo desses elementos é colocar o bebê fora com a água suja da banheira (GINSBURG, 1987, p. 22) ou, como pontuaria Margareth Rago ao tratar dos novos objetos da história e mais especificamente da categoria analítica gênero, “temos ainda operado com categorias pouco flexíveis que dão conta de algumas dimensões das relações sociais, muito mais racionais do que emocionais, psíquicas, intuitivas, sentimentais e afetivas, o que sem dúvida empobrece demais a experiência humana” (RAGO, 1998, p. 92).

---

<sup>39</sup> O Estatuto da Assistência Social, de 1947 era um dos protagonistas no combate a vadiagem. “Nele, o Estado propunha-se ‘valer aos males e deficiências dos indivíduos, sobretudo pela melhoria das condições morais, econômicas ou sanitárias dos agrupamentos naturais’, cabendo-lhe ‘orientar, tutelar e favorecer’ as iniciativas particulares ou ‘suscitar, promover e sustentar’ ele próprio obras de assistência quando elas faltassem. Com uma tônica preferencialmente preventiva ou recuperadora, em detrimento do caráter curativo, a assistência deveria ser prestada em coordenação com a previdência e com os organismos corporativos, não favorecer a ‘preguiça’ ou a ‘pedinchice’ e ter em vista ‘o aperfeiçoamento da pessoa e da família’”. (PIMENTEL, 1999, p. 477-508)

Assim, por não empobrecer a experiência desses sujeitos, coloca-se a difícil intenção de tratar os temas em seus aspectos mais sensíveis e a sensibilidade<sup>40</sup> pressupõe a lógica de muitas percepções, distantes, todavia (ou pelo menos tenta-se), do modo que os sujeitos são cristalizados e emoldurados na história. E é nessa teia de complexas relações que se situam Estado, Igreja e Mulheres. Buscar-se-á não cair na famigerada descrição, portanto. Nas dimensões mais miúdas e nas mais sofisticadas é que se percebem os traços que a Igreja e o Estado, através de uma linha extremamente conservadora de comportamentos, tentará explicitar, desenvolver e aperfeiçoar nas mulheres portuguesas, através da sua imprensa.

Por isso, remonta-se através da documentação acessada a um sujeito mulher que estará intimamente ligado a um sistema de exceção, seja pela repressão sofrida, seja pelo consentimento que à mulher caberia nesse lugar denominado Estado Novo. Não obstante, a sistemática repreensão de alguns movimentos femininos – sendo que o feminismo (PINTO, 2010, p. 15) será o que figurará com mais frequência e é também o que sofre as maiores críticas – colaborará para o fundar desse sujeito mulher-mãe católica. Com isso, será nesse regime de exceção que um tipo “mulher” será ventilado e disseminado, e a essa mulher que se dá maior visibilidade e é a que interessa a essa incursão, a mulher dentro do ideal estado-novista e a mulher católica ideal.

Uma das mais longas ditaduras contou com as barganhas, que não foram poucas e cuja manutenção exigia recorrer a estratégias próprios de governos conservadores e autoritários. Oliveira Salazar ainda figura com dubiedade para os estudiosos do período, pois, como símbolo primeiro do Estado Novo, fez um jogo de trocas<sup>41</sup> e de artimanhas para conservar-se no poder. O poder, para Oliveira Salazar, compreenderia controlar todos os segmentos sociais, estando com os olhos pousados sobre o rele indivíduo até o mais alto sujeito na hierarquia da Igreja e de outras instituições. Importava considerar todos os sujeitos para a manutenção da

---

<sup>40</sup> “As sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, a si e ao mundo, comparecendo como uma área de tradução da realidade através das emoções e dos sentidos. Mas, para o historiador, é preciso encontrar a tradução externa de tais sensibilidades produzidas a partir da interioridade dos indivíduos. Ou seja, mesmo as sensibilidades mais finas, como os sentimentos, devem ser expressas e materializadas em alguma forma de registro objetivo, passível de ser resgatado pelo historiador. Tornar inteligível o sensível, capturar o mutável, volátil, enigmático, o terrivelmente temporal dos sentimentos, implica construir um discurso de verossimilhança sobre o real. [...] sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído e pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construídas sobre o mundo”. (PESAVENTO, 2008, p. 14)

<sup>41</sup> Uma das grandes negociações de António Oliveira Salazar é a concordata feita com a Igreja Católica em 1940. Rita Almeida de Carvalho afirma que a figura de Salazar fora determinante nas negociações entre Estado Português e a Santa Sé, que fora uma das mais longas tratativas, pois iniciou em 1937 e fora efetivamente assinada em 1940. (CARVALHO, 2013, p. 15)



ordem vigente e estabelecimento de políticas que visavam cercear cada vez mais as liberdades individuais<sup>42</sup>, assim o Estado penetrava em todos os campos e fazia da aparência de homogeneidade sua marca. As vozes dissonantes e descontentes eram persistentemente abafadas e tolhidas<sup>43</sup> pela censura e pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE)<sup>44</sup>.

## 1.1 OS PRIMEIROS ORGANISMOS CATÓLICOS FEMININOS

Na transubstanciação do tempo, cumpre remeter aos primeiros organismos católicos do século XX. Incursiona-se essa linha de estudo através da ACP. As associações católicas que interessam para verificar, aferir e analisar a participação das mulheres no corpo da Igreja partem dessa grande realização do catolicismo português.

A Ação Católica Portuguesa, emblemática em muitos aspectos, seja no campo social, seja no campo religioso, foi a grande responsável pela formação e manutenção de uma elite católica letrada e uma das grandes responsáveis pela modernização do país, intimamente ligada ao catolicismo nacional que tem como mote a crença de que Deus fora providencial com Portugal e que, com os portugueses, mantivera relação especial, pois, segundo o

---

<sup>42</sup> As liberdades individuais eram tolhidas com as persistentes perseguições da polícia política. Segundo Neville Vincent, advogado que ajudou a criar a anistia internacional, em 1961 concede uma entrevista e fala sobre o Estado português: “O mundo exterior não faz a mínima ideia do que se passa em nome de Salazar [...] Portugal não é uma anedota de music-hall, mas um Estado policial tão brutal e corrupto como a Alemanha nazi [...]. Durante a minha estada, encontrei-me com mais de trinta portugueses responsáveis, inclusive ex-prisioneiros, normalmente em segredo – num parque, num campo, nas traseiras de um carro com as luzes desligadas. A polícia secreta está por toda a parte, muitas vezes sob o disfarce de taxistas, guias, empregados de bar e por aí fora. [...] Deve haver pelo menos mil pessoas apinhadas nas duas prisões políticas de Lisboa, Caxias e Aljube (*sic*). A tortura da ‘estátua’ é muito utilizada [...]. Uma outra tortura consiste em ser colocado numa cela escura e suja para, uns dias depois, ser transferido para outra cela onde a parte de baixo está pintada de amarelo e a parte de cima é azul. Muitos presos acreditam que o azul é o céu e desatam a correr e saltar contra o teto.” (MENESES, 2011, p. 625)

<sup>43</sup> Um dos casos mais emblemáticos fora o assassinato do opositor General Humberto Delgado, o qual fora assassinado pelos agentes da PIDE em território espanhol. Segundo Filipe Meneses, a violência que existira no âmago do regime estava assentada nas condições que o próprio Salazar proporcionara: “[...] duas coisas são indesmentíveis: que ele criou um regime que permitia à polícia secreta acreditar que podia agir deste modo sem que daí adviessem consequências e que, quando se tornou óbvio para todos que a PIDE tinha de fato assassinado Humberto Delgado, não rolaram cabeças”. (MENESES, 2011, p. 633)

<sup>44</sup> Segundo Irene Pimentel (2007, p. 11): “[...] criada em 1945 a partir da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE, 1933-1945), e a sua sucessora, Direção Geral de Segurança (DGS), instituída em 1969, constituíram a polícia política desse regime, cuja principal função era o combate aos “crimes políticos”, considerados “contra a segurança externa do Estado”. Também é imperativo assinalar que a obra de Irene Pimentel sobre a PIDE constitui uma pesquisa exaustiva sobre as atuações dessa polícia, também esse livro fora dedicado a Maria Ângela Vidal e Campos e Maria Fernanda de Paiva Tomás, as duas mulheres que durante mais tempo permaneceram presas por razões políticas pela PIDE. (PIMENTEL, 2007, p. 6)

periodismo católico, “Por Deus e por Portugal”, proliferaram-se publicações reivindicando um Portugal católico<sup>45</sup>.

Desde a institucionalização da Ação Católica Portuguesa em 1933 até sua extinção em 1974, essa simbólica, duradoura e moderna forma de evangelizar serve para entender o catolicismo contemporâneo e suas manifestações. Também serve como baliza para entender o papel central ocupado pela Igreja naquela sociedade. Segundo Paulo Fontes (1994, p. 63), “a institucionalização da Acção Católica Portuguesa a 16 de novembro de 1933, com a publicação de suas bases orgânicas, inscreve-se no quadro de recomposição do catolicismo e de reestruturação da Igreja em Portugal”.

E estas resoluções serão fundamentais para a remodelação do catolicismo português. Nesta esteira têm-se esforços voltados para a educação cristã, a formação de leigos e, conseqüentemente, uma nova “casta” é desenvolvida, que se distingue das demais por trazer a bandeira do catolicismo, da evangelização, da caridade e da disciplina em Cristo. Essa última será uma das mais importantes na educação dos corpos. A disciplina representará simbolicamente muitos discursos formulados a respeito das mulheres dentro das associações de cariz católico.

O projeto de restauração cristã estabelece algumas fronteiras importantes para as sociedades com tradição católica, entre elas, Portugal. A objetivação de aproximar o catolicismo de camadas antes não contempladas leva o Papa Pio XI a redobrar os esforços para alcançar o que ficou conhecido como catolicismo social, que tentará de alguma forma regenerar a ideia de um país cristão.

Por isso, a Igreja Católica portuguesa criará movimentos associativos em que reuniriam as mulheres, como forma de contemplar todos os sujeitos. Com isso, as bandeiras da evangelização, da caridade, da assistência e da correção na educação das raparigas estariam contempladas, estando também envoltas na emergência do catolicismo social, o qual Maria

---

<sup>45</sup> Essa visão está consubstanciada pelos conceitos nacionalistas desenvolvidos na trajetória do Estado Novo. Felipe Ribeiro Meneses assevera: “O nacionalismo era necessário como meio que permitiria manter a sociedade portuguesa unida em face as dificuldades. Era igualmente parte do processo por meio do qual se poderia se ultrapassar a luta de classes. Dirigindo-se a uma manifestação de trabalhadores em fevereiro de 1939, Salazar anunciava à audiência o dia vindouro que poderiam olhar para as imagens dos que, há oito séculos, fundaram Portugal e dizer-lhes: “Nós somos bem os filhos do vosso sangue e os legítimos continuadores da vossa história!”. [...] Um corpo de princípios de direito público, de política básica, de economia geral e de colonização portuguesa. Pretende organizar a Nação, o Estado, as autarquias, as famílias e as corporações com o espírito da civilização tradicional da Europa e do país, na coexistência do poder forte e das liberdades individuais bem compreendidas”. Felipe Meneses também faz uso do discurso de Salazar, para falar do nacionalismo do Estado Novo. Nas palavras de Oliveira Salazar: “[...] Queremos em última análise saber absolutamente com que contamos para o ressurgimento nacional, chamar a nós os melhores valores construtivos da sociedade portuguesa e formar no estudo, na obediência e na disciplina os futuros chefes”. (MENESES, 2011, p. 141)

Inácia Rezola assim sintetiza: “Por católicos sociais entendemos aquele grupo de homens da Igreja, leigos e consagrados, em cuja a acção e pensamento a questão social é central” (REZOLA, 1994, p. 101).

Em consonância com o catolicismo social e com a regeneração da sociedade em torno de ideais cristãos, o catolicismo integral também assenta suas bases através da Acção Católica Portuguesa e seus tentáculos associativos que abrangiam as mulheres. É inegável o papel que essas associações tiveram na subjetividade construída em torno do feminino. As mulheres portuguesas carregam em sua história uma forte ligação com a Igreja, mesmo entre as que se opuseram ao ideal feminino perpetrado por essa estrutura. O catolicismo integral inscreve-se nessa sociedade sintonizado às questões sociais e políticas. Conforme explicita Paulo Fernando Fontes (1994, p. 64), “na perspectiva do catolicismo integral, critica-se a noção de separação do Estado e da Igreja, limita-se a autonomia das realidades temporais e afirma-se a necessidade de uma melhor compreensão dos direitos na sociedade política”.

Essa “reconquista” do catolicismo inscreve-se na retomada de alguns postos ocupados pela Igreja e retirados no advento da Primeira República portuguesa. Mesmo que oficialmente a Igreja não estivesse ligada ao regime, veladamente fazia-se, em alguns aspectos, aliada de Salazar<sup>46</sup>. Não ocupara o lugar de destaque que esperava, mas já ocupava e regulava a vida de boa parte dos portugueses. Em 1926, ano em que realiza o concílio plenário, algumas diretrizes serão traçadas no sentido de ampliar, captar e estar em sincronia com outros núcleos sociais, que nessa época não eram representados no seio da Igreja.

Para essa finalidade – ampliar a linha de ação da Igreja e captar mais fiéis – foram criados muitos organismos femininos dentro da Igreja Católica portuguesa, com um número considerável de associadas organizadas segundo seu lugar na sociedade. Segundo Irene Pimentel (2015, p. 110):

Em 19 de março surgiram por seu turno os estatutos das duas grandes organizações femininas: a Liga da Acção Católica (LACF) e a Juventude Católica Feminina (JCF). Nesta última que já contava no mês de maio de 1934 com dez mil associadas, foram organizadas, segundo o meio social, as organizações católicas femininas de ‘juventude independente’, ‘universitária’, ‘escolar’, ‘agrária’ e ‘operária’, a última a

---

<sup>46</sup> “Toda a arte de Salazar no seu relativamente longo e sinuoso caminho conducente à tomada do Poder se pode resumir, já o sugerimos, nesta ideia central: a capacidade de – numa situação de crise econômica e financeira e de dispersão e hesitação das forças conservadoras – saber liderar o processo de estabelecimento de um sistema de alianças entre elas, em torno de um programa comum, e de definir e aplicar uma tática susceptível de as colocar e manter no controle do aparelho de Estado. O Salazarismo surge-nos, assim, como um compromisso entre as diversas correntes políticas da direita e os vários setores de interesses das ‘forças vivas’, a partir de uma base comum de rejeição ao liberalismo herdado da I República e da apologia de um Estado política, econômica e socialmente forte e interventor – o único capaz de dar, na viragem dos anos 20 para os anos 30, uma resposta à crise que fosse consensual para os grupos dominantes”. (MATTOSO, 1998, p. 168)

ser criada com dirigentes provenientes inicialmente do meio estudantil. A ACP começou assim por organizar as mulheres e as jovens, e, em primeiro lugar, as alunas – liceais e universitárias –, facto ao qual não terão sido alheias a sua própria implantação, inicialmente só no seio das elites, e a preocupação em disputar ao Estado o monopólio da formação do futuro ‘escol’ feminino. Quase todas as organizações masculinas foram criadas posteriormente sem nunca atingir a expansão das femininas, que englobavam três vezes mais membros do que aquelas.

No entanto, em meio a todas as seções que compunham essas duas grandes organizações, escolheu-se a Juventude Universitária Católica Feminina (JUCF), pela presença de uma figura bastante importante na luta pelos direitos das mulheres, Maria de Lourdes Pintasilgo, e seu legado na luta cristã referente ao feminino, e a Liga Independente (LICF) Católica Feminina, por tratarem-se de extratos urbanos, fator interessante para aferir a penetração do Estado e, também, por um fator não menos importante que diz muito do ofício do historiador – o seu olhar e suas escolhas. Talvez as escolhas para outrem não sejam as mais interessantes, porém desde que se começa a escrever a História, é possível afinar-se ou não com as temáticas e escolhas dos historiadores. Por isso, há que se sublinhar o que Paul Veyne (1998, p. 11) vaticinou: “os historiadores narram fatos reais que têm o homem como ator, a história é um romance real”.

E nessa cena, a que tem o historiador como principal articulador na escolha das fontes (MORAIS; DIAS, 2013, p. 25; SOUZA, 2015), na escolha das linhas teóricas a serem desenvolvidas e a justificativa pela qual refuta ou seleciona, refuga ou escolhe, é que a alquimia é desenvolvida. Para isso, o tratamento arquivístico faz-se exaustivamente, pois é das fontes e da crítica que se estabelece com elas que se pode narrar os pontos de partida e os prováveis rastros do passado. Essas conclusões não têm a pretensão de reivindicar a verdade, mas pretende-se sim, lançar um olhar sobre o passado e esse olhar está diretamente ligado com a subjetividade que envolve a tarefa de pesquisa, as influências e inspirações do autor. Não é possível, contudo, deixar de mencionar que a escrita carrega em si a “estrangeiridade” da autora, face à sociedade abordada. Portanto, o desafio de colocar sobre o outro a alteridade é duplo, preservando desse modo, o lugar de fala, o que não é tarefa fácil.

Lamenta-se a exclusão da Liga Operária Católica Feminina (LOCF), mas o acesso à documentação foi insuficiente, inviabilizando, desse modo, a pesquisa. Poderiam ser fontes distintas, corroborando os aspectos paradoxais de cada núcleo, seriam importantes para a compreensão da força ou não, que alguns organismos católicos femininos tiveram no Estado Novo, mesmo dentro da Igreja e com funções diferentes do esperado, todavia uma coisa que se sabe acerca da LOCF é que a realidade que essas mulheres vivenciavam eram diametralmente opostas aos intentos do Estado, pois essas mulheres eram operárias, portanto

estavam fora dos limites da vida privada. Nessa perspectiva, já que a realidade não correspondia ao ideal, melhor seria que debaixo da Igreja estivessem abrigadas, através dos consensos que permeavam cada classe.

Como não há estudos de referência sobre a temática “mulheres católicas em Portugal”, para pesquisar esses núcleos associativos católicos<sup>47</sup>, recorreu-se às publicações feitas e destinadas às mulheres que integravam esses grupos; analisando seus aspectos **formadores e deformadores** [grifo no original], conforme os interesses do Estado e da Igreja. Dentre os boletins e revistas destinados às católicas produzidos pela Liga Independente Católica Feminina, a revista “Alleluia” será o aporte documental principal para embasar as questões postas e seu discurso normatizador, mas não só, o Jornal “Novidades”<sup>48</sup> também integrará como fonte para observar-se a divulgação e o chamado às jovens da nação. Dialogando com essas duas fontes principais, tem-se a Revista “Stella”, a revista da mulher católica, que servirá como coadjuvante nos discursos assentados sobre o feminino.

Uma associação que se destaca dentro da Acção Católica é a Liga Independente Católica Feminina e a revista Alleluia que ela produziu, ligada a setores independentes, autônomos e elitistas da sociedade portuguesa. No entanto, quando se fala e situa a questão econômica em Portugal é sempre problemático (PINTO, 1992, p. 575-613), tem-se que atentar à realidade em uma aristocracia num país que tem significativas taxas de pobreza e no qual essa curva de análise econômica é lenta na sua mudança, propiciando muitos problemas sociais<sup>49</sup>, é, em certa medida, errôneo. Todavia, as questões de instrução serão os maiores signos de distinção, diferenciando classes e recursos financeiros. As taxas de analfabetismo denunciam os graves problemas que pairavam sobre Portugal (MÓNICA, 1977). Neste viés, pode-se sim, falar em uma pequena elite, que reivindica para si aspectos aristocráticos, e o que se pode perceber é que as associações elitistas ou não, com identificação com o Estado ou não, tinham em seus quadros, como dirigentes, mulheres católicas com forte identificação militante, a serviço da família e da moral e esses elementos tinham fortes implicações políticas.

<sup>47</sup> As mulheres católicas aparecem em investigações, nas quais elas não são o objeto principal, apenas citadas, figuram como parte da sociedade.

<sup>48</sup> “O Novidades” era o órgão oficioso da Igreja Católica, com contatos estreitos com o Patriarcado e mostrando-se apoiante do regime. Segundo Guilherme Sampaio, este diário correspondia “na prática a um jornal católico nacional que se propunha orientar a consciência pública à luz da Doutrina Católica”. (ADÃO, 2011, p. 30)

<sup>49</sup> Sobre os descontentamentos por parte de grupos católicos com o Estado Novo, residiria nos problemas sociais a maior parte das insatisfações: “[...] Apesar dessa boa relação com a hierarquia da Igreja, a verdade é que as persistentes dificuldades econômicas da população se repercutiam na Igreja, particularmente entre os prelados e os leigos que trabalhavam em organizações como a Acção Católica e que tinham dificuldade em dar resposta às queixas dos jovens e dos trabalhadores” (MENESES, 2011, p. 480)

Faz-se necessário empreender essa viagem dentro da vida política para entender como foram criados organismos associativos e quais eram as agendas para o feminino dentro desses órgãos, o que não quer dizer que tudo que a política impunha as mulheres era seguido pela Igreja, mas o contrário era sempre mais recorrente.

O discurso acerca das mulheres por parte da Igreja e do Estado (prenhes da natureza feminina<sup>50</sup> para o lar e a maternidade) centra-se em duas principais questões que terão lugar nos encontros femininos, nomeadamente o primeiro grande encontro da Juventude Universitária Católica Feminina: o papel da mulher na sociedade e a questão social e como as jovens mulheres pretendem contribuir. Nem concupiscência, nem paixão, nem lascívia... era o que se esperava para a mulher dentro de um organismo católico feminino: disciplinar as condutas, combatendo toda forma imoralidade, adotando uma moral cristã irrepreensível (MARQUES, 1991).

Não pode-se, todavia, descolar o contexto político do contexto religioso (MÓNICA, 1978), pois ambos são discursos que modelam e criam um ideal de mulher, e isso estará presente no cotidiano e na formação da mulher na sociedade portuguesa. É importante entrecruzar esses elementos para uma melhor compreensão do que se passava com as mulheres naquela altura do Estado Novo. António Oliveira Salazar trabalhara com mão de ferro na dominação das vontades e das liberdades individuais, portanto é seguro asseverar que a criação dos organismos católicos femininos, mesmo distantes e descolados da política oficialmente, não se distanciou nenhum milímetro do que se esperava do discurso dirigido às mulheres.

Ora, em uma sociedade cuja dominação sobre o outro – e, nesse caso, o outro é a mulher – é tamanha que em todas as relações o homem tem autoridade sobre a mulher, não é difícil presumir que Salazar<sup>51</sup> administrara a vida política segundo os preceitos da vida doméstica: aos homens a dominação e suas implicações e às mulheres, o dever de obedecer.

---

<sup>50</sup> O discurso da natureza feminina estabelece suas bases no período vitoriano. “[...] o quadro rousseaniano ficaria completo com o regresso a inocência da primitiva Natureza com as mães a amamentar os seus filhos. Quando o aleitamento é apresentado às mulheres, numa retórica de felicidade, como a essência da maternidade, este discurso pode trazer em si uma crítica velada às mães que não alimentam os filhos ao seio, rotulando-as como menos adequadas. [...] Rousseau, o incansável ideólogo do discurso do regresso a natureza, promete às mães a ‘glória’ *da estima e do respeito públicos*”. (FIDALGO, 2000, p. 153).

<sup>51</sup> Em uma entrevista a Serge Groussard, do Jornal Le Figaro em 1958, António Oliveira Salazar afirma as “naturais desigualdades” que devem existir na sociedade. “Se a democracia consiste no nivelamento pela base e na recusa de admitir as desigualdades naturais; se a democracia consiste em acreditar que o poder encontra a sua origem na massa e que o governo deve ser obra da massa e não do escol, então, efetivamente, eu considero a democracia uma ficção. Não creio no sufrágio universal, porque o voto individual não tem em conta a diferenciação humana. Não creio na igualdade, mas na hierarquia. Os homens, na minha opinião, devem ser iguais perante a lei, mas considero perigoso atribuir a todos os mesmos direitos políticos”. (O PENSAMENTO de Salazar, 1960, p. 37)

Mesmo que essa obediência não estivesse sido dita, ela estava estabelecida em cada passo que o Estado tomara, na dissolução dos direitos que as mulheres adquiriram na Primeira República e um exemplo paradigmático disso é a questão do divórcio.

Entretanto, é interessante pontuar as desigualdades, inclusive dentro dos órgãos associativos<sup>52</sup>, compreendendo que as conjunturas não se desligam e estão imbricadas. Discurso religioso e discurso político nesse microcosmo confluem e é certo que muitas associações de lutas pelos direitos das mulheres nasceram dessas sociabilidades, mas aqui onde começa essa história, ainda há um longo caminho para vislumbrar as primeiras conquistas no âmbito de direitos iguais para as mulheres (AFONSO, 2012, p. 11). O discurso que paira no periodismo católico é a volta da mulher a sua essência, o amor:

J.C.F.

Neste século, em que a mulher tem conquistado uma liberdade que em outras épocas não lhe era permitida e que, infelizmente em tantos casos, parece que só a tornou mais frívola, menos sensata, afastando-a do lar, roubando-lhe graça feminina e espiritualidade, é sobremaneira agradável e consolador ver que as raparigas da J.C. exercem a sua atividade conservando-se no caminho, sem deixarem de cultivar o espírito, de apreciar a vida nas suas diversas modalidades, e de terem aquele desempenho que não é ousadia, mas consciência esclarecida, necessária no tempo em que vivemos. (NOVIDADES, 17 de abril de 1942)

A frivolidade, qualidade sempre atribuída à mulher, pode ser combatida pelas organizações femininas católicas. É um consolo, portanto, que tenha se disseminado junto à sociedade as juventudes católicas que reúnem as mulheres. Nessa perspectiva, na celebração dos vinte e cinco anos da LICF, a Revista Alleluia faz um número comemorativo, apontando os primeiros caminhos dessa liga, criada em 1937 e que tem sua primeira publicação, no formato de revista, em 1947. Há nessa edição uma breve biografia das primeiras dirigentes, mostrando o grau de distinção que tão devotas senhoras tinham. Uma síntese do que era a LICF se destaca na publicação:

Liga Independente Católica Feminina

Por quê?

...Porque as classes superiores e médias esqueceram em grande parte, a missão providencial que têm a desempenhar no mundo moderno;

... porque o formalismo religioso matou, em muitas almas, a vida sobrenatural;

... porque o neopaganismo se tem infiltrado nas classes dirigentes, através de doutrinas incompatíveis com o Evangelho e de costumes degradantes.

Para quê?

... para que as classes superiores e médias reencontrem o sentido divino da vida familiar e social;

... para que deem generosamente o seu esforço na reconstrução da cidade cristã;

<sup>52</sup> A Mocidade Portuguesa Feminina no Liceu Nacional Infanta D. Maria de Coimbra (1948-1974).

... para que se criem verdadeiros valores sociais;  
 ... para que se restaure nas famílias e na vida de sociedade a pureza de costumes;  
 Como?  
 ... pela formação integral das suas associadas;  
 ... pelas atividades coletivas;  
 ... pelas reuniões dos estudos e de piedade;  
 ... pelos cursos intensivos de formação;  
 ... pelas conferências, bibliotecas e publicações;  
 ... pelos retiros espirituais;  
 ... pelas obras de assistência e beneficência, etc. (ALLELUIA, 1952, p. 9)

Com o cariz da reconquista dos valores cristãos voltados às classes superiores e médias, conforme sublinham as razões pelas quais a publicação é necessária, tem-se alguns rastros dos objetivos e demandas das licistas. Parecem estar de acordo que é através dessas classes que a educação dos corpos e da disciplina poderiam criar um Portugal católico, com formação integral que privilegiasse a cristandade e manutenção do ser mulher. Outro ponto interessante é o combate às doutrinas modernas, que ensejavam novos costumes e comportamentos. No prosseguimento da matéria comemorativa dos vinte e cinco anos da LICF, o texto enfatiza as razões pelas quais a Liga Independente Católica Feminina fora criada:

A primeira grande dificuldade que, em alguns países, a Acção Católica teve de vencer, para poder organizar-se, foi da multiplicidade das associações e obras católicas, anteriormente criadas com os mais diversos objetivos. Entre nós, quando chegou a hora de ser lançada essa providencial cruzada da reconquista cristã, a pobreza da nossa organização social foi um mal que pôde redundar em bem. Podemos assim dar à Acção Católica Portuguesa uma organização bastante perfeita, em que a unidade e a especialização se completam e, sem custo, se conciliam. A nossa pobreza, porém, não era tão grande como a muitos se afigura. Tínhamos, entre outras, uma associação católica feminina com larga e brilhante história, que a Acção Católica Portuguesa em boa hora enquadrou na sua organização. [...] E, desde então para cá, as duas legítimas herdeiras espirituais da antiga Liga de Acção Social Cristã, que são a Liga de Acção Católica Feminina e a Juventude Católica Feminina, não tem cessado de prosperar. Contavam, há dez anos, um número relativamente reduzido de filiadas. Dez anos passados, elas conseguiram estender por todo o país a sua benéfica acção e conglobar no seio mais de 50.000 associadas que, sob dependência direta da Hierarquia, trabalham, sem cessar, pela dilatação do Reino de Deus na nossa terra. (ALLELUIA, 1952, p. 11)

Os dados representavam um crescimento expressivo no número de sócias e de seções que se multiplicavam pelo país, com as bandeiras da recristianização e com a máxima “Portugal para Deus” (CEREJEIRA, 1954, p. 165). No entanto, é cabível dizer que essas associações baseadas na cristandade e na religiosidade também ocupavam um papel central na caridade. Lugares muito pobres, os quais eram esquecidos pelo Estado, não eram esquecidos pelas seções locais dos órgãos da Acção Católica. Sobre a multiplicação das Juventudes Católicas Femininas, o Jornal Novidades informa na matéria “Mulheres em Marcha”:



O relatório anual da J.C.F. acusa a existência de 1398 seções organizadas devidamente e 219 seções em formação. Todos esses núcleos de raparigas que se consagram ao apostolado da Acção Católica encontram-se dispersos por todo o continente e ilhas, fortemente unidas pelos laços da organização cuja vida pulsante se afirma dia a dia. Por vezes, pergunta-se, aqui ou além, o que faz a J.C.F. e pretende-se minimizar o seu valor porque não se fixou em determinada atividade apostólica ou beneficente. Quando se observam as dirigentes superiores ou diocesanas na azáfama ingrata dos secretariados, entregues as minúcias da engrenagem burocrática, os menos advertidos ou desconhecedores da importância real de uma organização séria, serão tentados a considerarem tal atividade de somenos importância, sobretudo quando se põe em confronto com esta ou aquela realização, feita em destaque pela imprensa. Mas quando se compulsam os relatórios e se vê a expansão do movimento, a sua profunda penetração em todos os meios sociais, numa acção discreta de fermento a levedar a massa, não se pode deixar de reconhecer a seriedade e a importância da organização. Sem pretensões e sem espírito de exibicionismo, apenas para a elucidação de quantos se interessam pela cruzada da Acção Católica, aqui serão dadas, sucessivamente, notícias do movimento da J.C.F. [...] Isto basta para nos levar a pensar na multidão inumerável de raparigas de todas as condições sociais que foram postas diante do problema urgentíssimo da sua formação, tendo em vista o futuro próximo que o mundo lhes reserva. O Santo Padre, na páscoa do ano passado dizia as raparigas italianas que a vida moderna ameaça a juventude na sua dignidade e na sua formação e que se torna indispensável à rapariga de hoje abroquelar-se da couraça de uma formação mais sólida, sob pena de soçobrar. A J.C.F. é escola de formação integral, preparando a rapariga portuguesa para as horas difíceis do nosso dia. (NOVIDADES, jul. 1952)

Essa formação integral a que o periódico se refere irá formar a mulher que cumpre sua função com a pátria servindo a Deus. A mulher a serviço da pátria e da Igreja (COVA, 2000, p. 46) dá-se dentro da atmosfera de reverberação de um forte discurso nacionalista, com cunho autoritário. Com espírito de cruzada, as agremiações e associações irão cooptando raparigas e jovens senhoras, coadunadas com o Estado, criando um ambiente propício para a formação da católica ideal. Sobre os dados e as funções, o Jornal Novidades esclarece:

Na Liga Católica Feminina:

Em 1934 a Liga Católica Feminina, nos seus cinco organismos especializados – L.A.C.F., L.E.C.F., L.C.F., L.O.C.F. e L.U.C.F. – contava apenas 1050 inscrições. Pouco a pouco foi-se formando e desenvolvendo, tendo em 1953, 23259 associadas em 748 seções locais. A sua maior expansão regista-se, em quase todos os organismos especializados, a partir de 1943, e o aperfeiçoamento dos métodos é notável, à medida que os seus quadros são renovados pela chegada de dirigentes experimentadas na técnica e no espírito da verdadeira A.C. Sem perder de vista a indispensável unidade fez a L.C.F. passos largos no sentido de uma vez mais perfeita especialização, em linha bem marcada de acção familiar, que a levou a uma aproximação colaborante com os organismos afins da Liga Católica Masculina, havendo já a registar resultados muito apreciáveis. Em alguns setores, esta colaboração estende-se até os organismos juvenis afins, o que é o de um visível proveito para o levantamento em conjunto de todo o meio social, através de campanhas, planos de estudo, etc. A L.A.C.F. e a L.O.C.F. estão a dar passos já bastante seguros na formação pela acção dos seus membros, aumentando constantemente o número de chefes dos próprios meios, que se mostram não apenas dedicados e entusiastas mas competentes para enfrentar e resolver seus problemas fundamentais. A L.A.C.F. e a L.O.C.F. estão a dar passos já bastante seguros na

formação pela acção dos seus membros, aumentando constantemente o número de chefes dos próprios meios, que se mostram não apenas dedicados e entusiastas mas competentes para enfrentar e resolver seus problemas fundamentais. (NOVIDADES, nov. 1953)

As matérias que se referem às Ligas e Juventudes Católicas Femininas são uníssonas em revelar os números e o crescimento desses tipos associativos (FERREIRA; FONTES, 2000, p. 9-19) e suas funções sociais, mostrando-se o caminho para as jovens católicas formarem-se. Outra preocupação é a formação das dirigentes, manifestando a preocupação com a constante criação de novos quadros para o trabalho da Acção Católica. É importante frisar o carácter missionário dessas publicações quando tratam das ligas e juventudes, as quais dirigem-se às mulheres incentivando que não abandonem a missão que têm no mundo. Alleluia, em um dos seus editoriais ressalta isso, conclamando as mulheres católicas:

Aparece essa revista numa das horas mais extraordinárias da vida social, quando em todo mundo, a personalidade feminina é tema obrigatório de discussão, de controvérsia, de interesse apaixonante. A mulher, com os seus direitos e seus deveres; a mulher com sua influência decisiva na formação dos homens e na condução do mundo, a mulher e sua ascensão em todos os planos da comunidade humana; a mulher e sua missão no lar, nas obras de assistência, de educação, de recreio; a mulher e a conquista da sua libertação – tudo constitui objeto de estudo, de preocupação, de aliciantes discussões. (ALLELUIA, mar. 1947)

Essa assertiva acerca dos tempos e da mulher e sua natural vocação serão o mote da Revista Alleluia, que não se distanciará das licistas e que não dispensará a máxima em seus editoriais: “uma preocupação dominará sempre a Alleluia – a de levar a mulher do século XX a permanecer mulher”. E prossegue da seguinte maneira:

A revista que ora se lança na tumultuosa vida da sociedade e pretende dizer a sua palavra a todas as mulheres conscientes de sua grandeza e sua dignidade feminina, há de ser porta-voz serena e ousada, amiga e sincera da doutrina que deve orientar, informar a mulher moderna, em todas as circunstâncias da sua vida e na complexidade dos problemas que torturam sua alma. (ALLELUIA, mar. 1947)

É na contradição entre dever natural da mulher e realidade advinda das ruas (MARQUES, 2007) que repousam os textos dirigidos a mulheres católicas. Não se pode afirmar, contudo, que essa revista tinha apenas circulação nos meios católicos – é impossível saber do alcance e receptividade –, mas supõe-se que tinha fácil penetração social, dado ao longo alcance do catolicismo. Ao afirmar que os tempos eram tumultuados para as mulheres, tem-se um sintoma do discurso que circulava entre as mulheres. As editoras, a condessa de Fornos, Francisca da Câmara Pinto Basto, Condessa de Valle dos Reis e Maria Luiza da Costa

Carneiro compunham a equipe que propunha temáticas que versassem e interessassem às mulheres e segundo o que dizem: “Não é jogo de palavras. No mundo actual quando se apregoam aos quatro ventos os direitos da mulher, importa reivindicar para ela o seu primeiro e insubstituível direito – o direito de ser mulher”. Os discursos fundem-se na essencialização do ser mulher, e uma das prerrogativas do ser mulher nos discursos é ser católica. Com essa assertiva, a Revista Alleluia publica “O melhor argumento a favor do catolicismo é um bom católico”, enfatizando a missão das mulheres católicas e seu bom testemunho no mundo moderno:

Em Portalegre, onde habitava há muitos anos, faleceu em 14 de março, D. Olinda Heitor Esperança Sardinha, que foi nesta cidade durante o último quartel da sua vida Presidente Diocesana da Acção Católica Feminina. Pelo exemplo de fervor e pura crença religiosa que nos deixou mais do que pelos cargos que lhe foram confiados na Diocese, esta senhora deve ser tida como modelar e este respeito se referiu no Jornal ‘O Distrito de Portalegre’, sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>a</sup> Arcebispo da Arquidiocese de Évora, senhor D. Manuel da Conceição Santos. Nas singelas notas biográficas, que então se publicaram, coloca-se em relevo à coerência da sua crença e publica-se em confronto a sua vida com a sua morte. Tal vida, tal morte. Morreu como viveu em perpétuo holocausto e adoração e servidão a Deus! Morte cheia de resignação cristã, de paz, de tranquilidade, de adoração a Deus, de fé, de confiança no Senhor e, ao mesmo tempo, num derradeiro serviço prestado aos homens que assim morrem nessa atmosfera de paz e tranquilidade os que souberam sacrificar-se pelos que sofrem, pelos fracos e oprimidos. [...] ‘Não lhe sofria o ânimo deixar de receber as reparigas em perigo moral, mas com o número destas é infinito como o Estado exige que se preste assistência a grande número, daí os momentos de grande angústia que por vezes roçavam pelas culminâncias da tragédia, como quando, lhe apresentavam contas para pagar, urgentes, com carácter imperativo e ela não tinha dinheiro. Em tais apuros socorria-se das joias, que vendia. E, tudo sofria com resignação, dizendo que as reparigas tudo mereciam, pois eram almas que se salvavam para Deus e corpos que se recuperavam para a sociedade’. (ALLELUIA, abr./jun. 1950, p. 30)

É emblemático o último parágrafo da matéria. A subjugação dos corpos femininos, a resignação e a operação de poder que sofrem, para, ao fim e ao cabo, sujeitarem-se às normas. As reparigas perdidas pelas concupiscências do corpo são redimididas pelas boas senhoras católicas e recuperadas para estarem em sociedade, criando-se um benefício precioso para o Estado. Sobre esse corpo incide os perigos morais, sobre esse corpo produzem-se discursos e neles, o discurso reitera-se, mas esse corpo só pode ser sujeitado mediante a disciplina que se instala sobre ele. O corpo disciplinado tornar-se-á um corpo útil<sup>53</sup> (FOUCAULT, 2008, p. 117). Os ensejos de um corpo domesticado e útil também são fabricados e produzidos nos discursos da imprensa, como é possível perceber ao analisar as publicações.

<sup>53</sup> “A emergência da disciplina remonta à época clássica e a descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Nesse período, há um grande enfoque ao corpo, um corpo passível de ser manipulado, modelado, treinado, “que se treina, que obedece, que responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”. As disciplinas têm seu momento histórico marcado pelo nascimento de uma nova arte do corpo humano que visa à construção de uma relação que o torna tanto mais obediente quanto mais útil, e inversamente” (MEDEIROS, 2010, p. 3)

Esse discurso reverbera com força nos organismos católicos (FONTES, 2009) criados para reunirem as mulheres; elas estarão com missões que a Igreja entenderá como sendo “da mulher” e missões que o Estado, personificado nas figuras de Salazar e seus aliados políticos também entenderam que é relegado às mulheres (BRAGA, 1982, p. 773-775). Nesse espaço – tempo –, os discursos encontram pontos de intersecção e têm mais semelhanças do que diferenças. Por isso, não é possível dissociar o contexto político do contexto religioso e instala-se com a união dos contextos, o ambiente propício para a manutenção da ordem e do conservadorismo, restando todas as conquistas e direitos das mulheres.

Entretanto, as divergências estarão nas entrelinhas, por isso o trabalho de análise torna-se tão complexo. No editorial da Revista Alleluia é demonstrada essa complexidade, ao falarem, mesmo que brevemente do feminismo – termo quase proibido entre as mulheres, mas que já era bastante comentado nos jornais e textos escritos pelos homens –, para combatê-lo. Há uma tentativa de aproximação com o termo, manifestando que só era admitido o feminismo que respeitasse a essência da mulher. Alguns colaboradores das revistas acreditavam em um feminismo que deixasse tudo no seu lugar. Já outros eram contundentes na desaprovação de uma tentativa de aproximação com o feminismo, movimento que figurava como libertário e que as mulheres eram advertidas para não se contaminarem, como explica a matéria do Jornal Novidades, de março de 1941, no Suplemento Acção Escolar:

A seguir vem essa explicação das características do feminismo: ‘Embora a alguém esta afirmação possa parecer estranha e mesmo paradoxal, nem por isso é menos verdade que o feminismo se caracteriza pela *desfeminização da mulher*. O seu ideal consiste em torna-la qualquer coisa que se não distinga muito do homem. Tal é a razão última e o sentido profundo, deste movimento, que se propõe ser progressista e libertário’. São evidentes as infiltrações de caráter feminista em todos os setores sociais, considerando o feminismo como *desfeminização da mulher*. Desde as modas, que foram buscar no vestuário masculino muito da sua novidade sedutora, até a aspiração de vencer pelo desporto e por outras atividades o esforço do homem, há manifestações múltiplas do anseio de *desfeminização* que se exerce com o prejuízo das funções, especialmente inerentes à natureza feminina.

Quem escrevia? A pergunta situa-se na fronteira entre quem poderia escrever e pensar sobre as mulheres. Pelas publicações, no que concerne às revistas, que eram geridas pelas mulheres, sugere-se que as lideranças do corpo editorial formulavam as pautas e temas abordados em cada número. Eram mulheres instruídas, entretanto as suas instruções davam-lhe o aval para ditar o que deveria a mulher saber, sempre a partir de um pensamento colonizado acerca da mulher. No jornal Novidades, há poucas colaboradoras, sendo a redação majoritariamente masculina.

Contudo, é de salientar o espírito de aglutinação que essas mulheres tinham, não esquecendo também da liderança que exerciam em determinados segmentos católicos, perfazendo uma elite (FONTES, 2011, p. 199) com capital intelectual e pessoal. Na crença de uma identidade (ou identificação<sup>54</sup>, para pensar a questão do sujeito em processo de subjetivação) religiosa católica portuguesa foram edificadas as bases para a formação de uma elite católica, com seus braços e linhas, que abrigavam homens e mulheres. Sublinha-se, porém, o conceito de elite católica<sup>55</sup>, compreendendo todo o processo de formação e desenvolvimento intelectual tecido nas entranhas da Igreja e tendo como participante em relevo o discurso do catolicismo nacionalista<sup>56</sup>.

Quem escreve e para quem escreve serão os substratos para tecer a influência que os discursos terão na subjetividade feminina e na formação do sujeito, bem como sua influência no que era pensado e falado sobre a mulher. Ao examinar as listas dos corpos editoriais dessas publicações, pode-se novamente constatar que há uma pequena elite feminina letrada e que ela pode estar em mais de um corpo editorial, tendo em vista que é comum encontrar o nome ou pseudônimo de uma mulher em muitas e variadas publicações católicas. E para assinalar a questão da elite feminina que integrava essas redações, recorre-se à obra de Paulo Fernando Fontes, porque as questões das elites católicas portuguesas se colocam com veemência no trabalho de pesquisa exaustivo executado por ele, estudioso do tema e da formação e influência dessas elites em Portugal. O autor salienta que a formação de uma elite católica dá-se pela influência dos clérigos nas comunidades, asseverando que o grau de instrução e o simbolismo da representatividade nas comunidades facultavam aos padres lugar de ascensão e destaque nas aldeias. É oportuno pontuar que uma das questões que envolvem essa formação das elites é o grau de letramento dentro de uma sociedade iletrada (FONTES, 2011, p. 718).

---

<sup>54</sup> “O conceito de ‘identificação’ acaba por serem um dos conceitos menos bem desenvolvidos da teoria social e cultural, quase tão ardiloso – embora preferível – quanto o de identidade. Ele não nos dá, certamente, nenhuma garantia contra as dificuldades conceituais que têm assolado o último. [...] Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”. (HALL, 2000, p. 106)

<sup>55</sup> Para Fontes (2011, p. 110), o terreno que a elite católica tomou em Portugal foi extremamente grande. O que ele afirma: “[...] desde logo, uma observação se impõe: o reconhecimento de que o clero católico constitui de facto, por si, uma elite específica no interior da sociedade portuguesa. Especificidade que advém do percurso pessoal e formativo daqueles que abraçam o estado eclesiástico, mas também do papel social, cultural e institucional no interior das comunidades onde eram chamados a desempenhar o seu múnus religioso”.

<sup>56</sup> “Para a Igreja Católica, a sua liberdade de organização e iniciativa assim como a sua autonomia de acção na sociedade constituíram duas questões centrais na relação com os Estados modernos, em particular no contexto de concepções totalitárias de poder. Tanto em Portugal como nos restantes países onde a afirmação do Estado-Nação implicara quer o anticlericalismo ideológico quer, sobretudo, uma política de laicização nas principais instituições sociais, o reforço da capacidade de intervenção da Igreja Católica na sociedade implicou uma recentragem da sua atividade nas áreas consideradas essenciais à sua missão religiosa, assim como o reforço da sua unidade e organização interna, tanto nos planos diocesanos, quanto nacional.” (FONTES, 2011, p. 110)

Nessa perspectiva, os clérigos tinham acesso à instrução e, portanto, uma ascendência social mais ou menos garantida. Intelectual e culturalmente mais formados que o resto da população, garantiam autoridade naquilo que pregavam e falavam, prerrogativas essas que há muito têm recrutado fiéis. Nessa conformação social, o clérigo torna-se o explicador de conteúdo, o visionário e isso se dá conforme a sua ideologia de mundo; nisso, pode-se constatar que o catolicismo chegou a quase todos os cantos, influenciando sensivelmente os portugueses.

Oposição a isso faz uma pequena elite intelectual laica e “neste sentido, vale a pena relembrar o conflito que, desde o século XIX, se mantinha em aberto a [em] nível das elites culturais, administrativas e políticas do país” (FONTES, 2011, p, 179). No entanto, essas oposições não faziam sombra ao recrutamento, formação e manutenção da ampla rede que a criação da Acção Católica conseguiria fazer. A capacidade de organização da Acção Católica Portuguesa foi realmente competente no que se propôs a executar, criando novos conceitos e concepções para funções que eram seculares. Exemplo emblemático disso é a figura do padre, não mais visto apenas como o curador de almas, mas como o pastor do rebanho, o cuidador e, porque não, o vigilante. Os olhos do padre tudo verão, o que o tornará figura proeminente na sociedade local, ora como abade da reconquista, ora como informante das subversões dos fiéis através do confessorário<sup>57</sup>. Incorre-se aqui em uma das facetas do ofício do sacerdócio. Pontua-se que o padre era um vocacionado da Igreja, o que não o eximia dos sentimentos de poder ou das vontades de poder, conduzido, às vezes, por sentimentos hierárquicos, o que não o tirava das disputas de poder e o poder<sup>58</sup> pode ser conquistado de muitas formas, inclusive nas delações e nas trocas dentro das instituições, portanto Igreja e Estado novamente aparecem como protagonistas.

O confessorário, lugar de relatar a intimidade e devassar a privacidade, será palco no teatro da vida católica. Ali, o sagrado e o profano emitiram saberes sobre as condutas e o tamanho do pecado será verificado pelos demais, através das muitas penitências que são

---

<sup>57</sup> Tal suposição é ancorada nas conversas com os investigadores que tangenciaram esse tema. Um dos padres emblemáticos e que fora atribuída essa prática foi o padre Gustavo de Almeida, apologista e apoiador de Salazar, pároco na Igreja de São Nicolau e que era um dos editores e colunista do *Jornal Novidades*. A afirmação do confessorário é sempre delicada, já que os valores éticos da ordenação estão prementes e que há o consenso sobre o segredo da confissão. Sobre informantes e informadores, ver: PIMENTEL, Irene. *A história da PIDE*. Lisboa: Círculo de Leitores, Lisboa, 2007.

<sup>58</sup> Para o conceito de poder, alinha-se a perspectiva de poder capilar, constituído por Michel Foucault. O poder para Foucault atravessava toda experiência humana, não sendo apenas privilégio das instituições e da política. Portanto, a questão de poder no texto desenvolvida, está em todas as esferas e principalmente nesse contexto, na figura do padre, que exerce poder local e também pode com isso alcançar poder institucional, através dos seus saberes. Esse poder caracteriza-se por ser flutuante e por isso não estar centrado em um sujeito específico, por isso esse poder passará de um para outro que poderá ou não exercer o poder, conforme sua vontade. O saber constitui-se de conteúdo e será um instrumento ativo no exercício do poder.

impostas aos pecadores, que, levados pela fé e pelo temor, povoam as igrejas rurais e urbanas (FERREIRA, 2013). A recristianização forçará a recriar ou reanimar velhas ordens, a estabelecer com vigor as parcerias, pois há que ter uma revitalização do pessoal eclesiástico, sintonizado com os novos rumos da Igreja, o que não quer dizer que não se deu lugar a pensar na qualificação da gente envolvida. O trabalho da Igreja e da Acção Católica Portuguesa foram imbatíveis nos graus de ensino eclesiástico, capacitando padres e leigos e buscando o recrutamento massivo de seminaristas. Segundo Paulo Fontes (2011, p. 180), “a estratégia de recrutamento massivo de seminaristas, ensaiada desde o final do século XIX, catapultou assim o número de padres e religiosos, em termos absolutos, para patamares jamais atingidos”. A vocação, prerrogativa primeira para o chamado da Igreja, no período da criação da Acção Católica atingiu o simbolismo da era que o catolicismo iniciara em Portugal.

Por outro lado, o que se tornará um empecilho para a Igreja na formação e capacitação intelectual dos católicos será a questão do ensino (ARAÚJO, 1996). O ensino constituía-se em grande parte, estatal, entretanto, havia a permissão de alguns liceus católicos. E durante quase todo o Estado Novo, assim permaneceu e eram poucos os espaços de interlocução para que esse cenário mudasse. O Estado detinha um monopólio liceal<sup>59</sup> abrangente, pois mesmo que concedesse o direito do sujeito estudar em escolas particulares, os exames que atestavam a escolaridade do indivíduo eram realizados pelo Estado, o que, em maior ou menor grau, fazia dele detentor do poder de formar ou barrar a formação de escolas particulares, uma vez que através da aprovação ou reprovação, uma escola era condenada ou promovida.

Outra questão que tangencia a questão do ensino e da formação dessas elites serão os seminários, que estarão diretamente ligados à criação de uma elite eclesial interna. O impacto dos seminários na sociedade vale a pena sublinhar e individualizar. Essas instituições terão um grande peso na questão da instrução, conforme salienta Paulo Fontes (2011, p. 718):

---

<sup>59</sup> “[...] A escola portuguesa como um importante veículo oficial da política educativa do Estado Novo, sendo um recurso usado pela tutela para orientação pedagógica-didática e ideológica” dos sujeitos. (PEREIRA, 2014, p. 64). Sobre a educação no Estado Novo, é interessante ler o relato de António Nóvoa, intitulado “As minhas lições de escola”: “A palmatória do prof. Laureano guardava a memória de muitas gerações de caminhenses, que lhe ficaram devendo o diploma do ensino primário. Ela sabia as matérias de programa na ponta da língua. Mas o que mais impressionava era a sua aritmética da justiça: um cálculo rigoroso decidia o número e a intensidade das reguadas. Nada era deixado ao acaso. A honradez e a incompetência do mestre estavam acima de qualquer suspeita. ‘Cá dentro os meninos são todos iguais’ – repetia uma e outra vez, momentos antes de aplicar o corretivo. *A mão do ensino*, como então se dizia. Depois, ficava apenas o som da madeira a percorrer o espaço. Como filho do sr. Juiz, terei sido poupado algumas vezes. Mas, na hora de dar o exemplo, a menina habituara-se a olhar na minha direção. E se as mãos se encolhiam no instante do encontro, o castigo era a dobrar.” (NÓVOA, 2002). Ver também: SILVA, Filomena Maria. *A educação cívica em Portugal desde a I República ao final do Estado Novo. Sociedade Brasileira de História da Educação*, Uberlândia, MG, s. d. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/7141.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

De facto, os seminários são uma instituição importante para se compreender o papel da Igreja Católica no campo da educação e na formação do clero e assim, no da formação das elites internas e, indirectamente da sociedade em geral. Por via dos seminários, muitas crianças e jovens do sexo masculino, oriundos sobretudo do meio rural, puderam fazer a sua escolaridade básica e iniciar seu processo de mobilidade social ascendente.

No entanto, o fato da Igreja ter formado um grande contingente do sexo masculino não quer dizer que estes continuaram na vida religiosa, mas sim, que o nível de letramento de muitos homens foi pautado pela passagem nessas instituições, que tinham grande número de matrículas e tornaram-se tradicionais no ensino para os homens, com posses ou não. E isto é digno de nota: em um país no qual a educação nunca fora prioridade para Salazar, a Igreja terá um papel social preponderante no que se refere à instrução básica para homens, o que não abrange as mulheres, que nessa altura ainda estão inscritas nos liceus urbanos, os quais terão condicionamento e conteúdo específico para o sexo feminino e não são todas que podem participar, pela questão econômica, cultural e de acesso.

Através das hierarquias eclesiásticas, conforme as demandas locais e da época, foram criados dentro da Acção Católica Portuguesa muitos organismos femininos, que não destituíram os já existentes, mas faz-se necessário sublinhar que eles não foram incorporados aos existentes, mesmo que muitas vezes trabalhassem juntos. Na nova visão católica, havia a necessidade da criação de organismos mais modernos, que dessem conta das muitas condições sociais nas quais os indivíduos estavam inscritos e, sobretudo, pudessem estar dentro de uma nova visão de cristianização.

Em reportagem da Revista Alleluia na seção “Porque entrei para a LICF”, é possível ler o que escreve uma licista e assim perceber como o discurso de estar associada a um organismo católico é fator distintivo para a mulher e muitas vezes é enaltecido de uma certa feminilidade. A mulher descreve sua vida como tranquila e suave, que sempre quis ter uma função social e que acreditava que assim viveria rodeada de felicidade (ALLELUIA, maio 1947, p. 20). Ela, desse modo, faz as seguintes afirmações:

Casei, os anos passaram e sempre, ao mesmo ambiente agradável e fácil, os meus filhos foram criados, eles cresceram, e assim diminuíram os meus trabalhos com eles, ficando-me portanto mais tempo livre que ocupava de maneira mais ou menos fútil. Assim fui indo até que um dia, conversando com uma pessoa amiga e dizendo-lhe que queria fazer qualquer coisa para Deus, a quem tanto tinha a agradecer, lembrou-me essa amiga a necessidade que a Acção católica tinha de pessoas que quisessem dedicar-se com interesse um pouco a essa boa causa. (ALLELUIA, maio 1947, p. 20)



Esses depoimentos perfaziam parte da revista e eram vitais para a renovação dos quadros e a revitalização dos discursos. Era essencial que as mulheres estivessem motivadas a trabalhar pela causa da Igreja, por isso em cada associação e em cada organismo, por menor que fossem, eram veiculados discursos de mulheres felizes e realizadas no trabalho da conscientização da importância da cristandade para as mulheres. Também, como parte integrante da revista *Alleluia*, tinha-se o quadro a “LICF na vida da Sociedade”, no qual eram vistas as famílias e, em geral, a mulher aparecia retratada em seu casamento ou na cena – mulher e marido, rodeado de filhos, mostrando a distinção social –, corroborando a felicidade ensejada com filhos e matrimônio harmonioso.

Essa compreensão e visão católica acerca da mulher e das famílias, retratada nas revistas com cariz católico, estava calcada na questão sociológica da realidade, a denominada sociologia católica (FONTES, 2011, p. 226). Essa compreensão leva a entender como se projetou e se configurou o catolicismo integral, ressignificação essa que caracterizará os organismos criados à luz de modernas formas de organização, com novas indagações e novos valores, mais centrados no cristianismo primitivo, opondo-se às opulências eclesiásticas.

As organizações criadas procuram abarcar as múltiplas vocações, destacam-se aí o controle das parcelas da vida, as juventudes, homens e mulheres e alguns setores, operários, universitários e comunidade agrária. É inegável também, o tom saudosista que se percebe nas publicações, o retorno aos tempos idos, em parte, criticando a modernidade dos tempos. Em “O nosso lar: um culto que é preciso reviver”, o professor Doutor Costa-Sacadura<sup>60</sup> escreve às mulheres, na Revista *Alleluia*, alertando-as dos perigos da modernidade e do vital trabalho das mocidades portuguesas na manutenção da ordem das coisas e pessoas:

Só raros de nós, os velhos, podemos compreender esses sentimentos que os novos procuram esbater. O progresso vai destruindo as nossas casas, e, o que é pior, a alma familiar que as enchia, procurando mesmo criminosamente destruir os laços de família. Vão desaparecendo as reuniões familiares. Já não se convida para o chá em família. Já não há o serão familiar e cultural. Combina-se o encontro na pastelaria, na esplanada, no dissolvente cinema – à americana. Há tempos apadrinhei uma noiva. O *lunch* serviu-se nos salões de um cinema. Oxalá ao noivado se não siga algum filme movimentado, descambando em tragédia ou farsa... [...] Não se nasce na nossa casa, nasce-se em série numa maternidade. Por isso mesmo muito de louvar é o esforço que ainda dispense um grupo simpático da Mocidade Feminina para salvar princípios que o progresso quer fazer derruir, tradições que tanto nos nobilitaram. (ALLELUIA, jul./set. 1950, p. 6)

<sup>60</sup> Joaquim (1983), *apud* Fidalgo (2000), cita como exemplo a referência de Costa Sacadura: “Durante o primeiro mês a parturiente trata quase exclusivamente da criança. Dá-lhe de mamar ao miúdo – mais vezes do que indicam as boas regras de puericultura”.

Sobre os nascimentos, o professor Doutor Costa-Sacadura informa que deu palestras sobre o grande avanço social que era a criação de maternidades, até que se deu conta do trabalho antissocial que estava realizando, pois fazendo apologia às maternidades, deslocava as mulheres do seio de seu templo sagrado, a casa. Ele, por sua vez, aceita um novo convite para palestrar sobre as maternidades e corrige o erro:

Aceitei por isso logo um convite que amavelmente me foi feito e em 26 de maio de 1939 proferi na Associação dos Médicos Católicos nova conferência subordinada ao título 'As maternidades e a família', em que eu proclamei o parto, como acto fisiológico, natural, tem o seu ambiente próprio e lógico no domicilio. É na serenidade do santuário familiar que a mulher tem a atmosfera mais adequada às nobres funções da maternidade. [...] A regra geral, a normal, a natural, é que as mulheres tenham os partos em sua casa, com uma assistência bem feita, organizada com garantias muito sérias. O abandono da casa pela Mãe, ainda que por alguns dias, acarreta prejuízos de ordem moral à consistência do lar, do matrimônio e da família. Basta citar o caso arrepiante do Boletim 15896 da Maternidade Dr. Alfredo da Costa, que me abstenho aqui de trazer à luz da publicidade. (ALLELUIA, jul./set. 1950, p. 6)

A preservação dos laços familiares constitui-se elemento argumentativo cada vez mais contundente e ele ratifica sua fala através de exemplos práticos para a vida das mulheres, conforme segue:

[...] Têm importância – e muita, para a firmeza dos laços conjugais as preocupações do marido que assiste ao sofrimento da mulher na hora do nascimento do seu filho. Na ignorância desse sofrimento, quando ele se passa na clínica ou na Maternidade, quantas vezes à mesma hora está ele no Clube, na taberna a dissipar o que devia constituir o sustento dos filhos e a desfazer em más companhias laços que à sua esposa o deviam prender. Mal e muito mal faz, portanto, toda a mulher que, tendo casa, marido e família, busca as comodidades e facilidades duma clínica ou maternidade para os seus partos. E mal fazem os que isso lhe aconselham e os que isso lhe consentem. [...] E é aí que a Senhora Católica tem um papel primacial a desempenhar na assistência social às internadas nas maternidades: *levar a estas os factores morais ou sentimentais próprios do parto no ambiente tradicional da família*. Ninguém melhor que a Senhora Católica devia estabelecer laços de íntima relação entre a família e a desventurada, minorando com palavras de conforto essas dores e misérias. Exerceria caridade moral e digna de gratidão. (ALLELUIA, jul./set. 1950, p. 6) [grifos no original]

Não trata-se, portanto, apenas da maternidade<sup>61</sup>, da maternagem, dos espaços que as mulheres teriam seus filhos, em casa ou em clínicas. Trata-se, também, da afirmação da função social das mulheres católicas, no aconselhamento, no cuidado e no preparo das mulheres para a vida em sociedade, além da expiação dos pecados alheios, e disso, o

---

<sup>61</sup> Sobre maternidades, aprofundar-se-á no capítulo 4, no item que tratará só da questão da maternidade.

professor doutor Costa-Sacadura é mais enfático em relação as interrupções gestacionais. O aborto é assim descrito:

E – nesse recanto hediondo das Maternidades, onde sofrem martírios e onde tantas vezes agonizam as vítimas desse crime execrável, as vítimas do aborto – que lindíssima tarefa a exercer! Tarefa para as mais pacientes, mais apostólicas... mais santas. Para ali vai a pior ressaca dos temporais da vida, a última degradação, a maior apostasia das leis da vida e do Senhor, consciente ou inconscientemente praticada, com ou sem remissão de pecado, merecedora de castigo ou digna de enormíssima piedade. O valor que ali teria uma palavra de consolo, de conselho, de perdão! E dita, de mais a mais, por lábios sinceros de mulher, de mulheres que, em geral, nesses casos, raro consolam, raro aconselham, raro perdoam! (ALLELUIA, jul./set. 1950, p. 6)

Com o cariz da diversidade, pois trabalha-se nos vários âmbitos estruturais da sociedade, essas organizações estarão (re)ligando espaços antes não contemplados dentro da Igreja, com a possibilidade de enraizamento nos diversos ambientes sociais e culturais, como exemplo, as maternidades. A conferência que o excerto dá a conhecer mostra uma das muitas funções que são destinadas a mulher católica. Ocupar esses espaços é, de certa forma, apregoar as bondades e as penitências, dirigidas de mulher para mulher, através do discurso patriarcal, escrito pelos homens.

Peça central nesse jogo, tem-se os inquéritos, forma sociológica de conhecer quem são os sujeitos que integram aquele organismo, e isso permitiu uma maior aproximação e uma maior capacidade de intervenção por parte da Igreja e das dirigentes de determinados organismos. Outro fator preponderante na disseminação desses organismos foi a capacidade dos inquéritos auxiliarem na formação das mulheres, ao perscrutarem a outra, com um roteiro de perguntas, poderiam conhecer melhor as realidades. A educação do corpo diretivo das associações, através dos inquéritos, constitui-se peça chave na captação de pessoal preparado para a nova visão que a Igreja tinha e, para alcançar os objetivos da hierarquia, levar o evangelho a todos e educar o costume dentro da visão católica.

As mulheres católicas, em boa medida, cumpririam essa missão, através das associações católicas femininas. Com discurso moralizador, o cardeal patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, em mensagem natalina publicado no Jornal “As Novidades”, não poupa adjetivos aos tempos modernos. Em mensagem publicada sob o título “A tragédia moral do nosso tempo” no jornal Novidades, o cardeal Cerejeira manifesta apreensão pelos acontecimentos que marcam os tempos, entre eles o que mais o deixara perplexo é a perda da moralidade, nisso ele adverte os católicos de seu papel e faz um apelo às

associações católicas que promovam a moral católica e a preguem a todos, em todos os lugares.

Situação semelhante é o editorial do Jornal Novidades com o título “Os católicos devem ser arautos de um mundo melhor, como Deus o quer”. Esse editorial traz as palavras do papa, proferidas em Roma e estendidas a todo o povo católico. Em apelo aos católicos, o papa diz que é preciso combater os perigos que assolam a humanidade e que “forças opostas disputam o mundo” (NOVIDADES, 11 fev. 1952), ao que segue e argumenta:

[...] Roma reviverá sua missão secular de senhora espiritual dos povos, não apenas em virtude da cátedra da verdade que Deus instalou adentro das suas paredes, mas também pelo exemplo de seu povo, novamente fervoroso na sua fé, exemplar nos seus costumes, unido no cumprimento dos seus deveres religiosos e cívicos e, se Deus quiser, próspero e feliz.

Esses textos publicados em jornais de cariz católico e lidos pelas classes dirigentes têm a força de formar o discurso acerca do tempo e seus perigos, portanto quanto mais é apregoada tragédia moral dos tempos modernos, mais necessário faz-se estabelecer grupos, associações e organismos que congreguem os jovens, as raparigas e os demais setores do corpo social. Em relação às juventudes, cabe ressaltar que, no período, esse ainda era um conceito em formação, portanto a questão do “jovem” ainda era nova para a sociedade e para a Igreja.

Contudo, o que se sabia sobre o jovem era que a catequese não era mais suficiente para formar esse sujeito e que eram necessários outros dispositivos para enquadramento e que esses dispositivos concorriam com outros, como, por exemplo, as associações escutistas (VICENTE, 2004, p. 203) e suas muitas variantes, de cariz religiosa ou secular. Outro exemplo de concorrência e oposição Estado/Igreja eram as associações da mocidade portuguesa, em sua versão masculina e feminina, essas associações que foram combatidas pela hierarquia da Igreja, por terem inspirações nazistas e fascistas, também eram concorrentes dos organismos de enquadramento feminino católico.

Com temas relacionados a ensino e educação, englobados por um projeto maior de recristianização, a Igreja estende seus braços, usando concretamente a imprensa católica e a rádio Renascença e faz uma aproximação e um chamamento às mulheres e raparigas de Portugal. No entanto, com a junção de recursos e com uma máquina estruturalmente desenvolvida, não há trabalhos que privilegiem a análise dos organismos católicos femininos, o que dificulta a referência teórica, como sublinha Paulo Fontes (2011, p. 248):

[...] da feminização do catolicismo contemporâneo, assim como o desenvolvimento das mais diversas obras do apostolado e associações de piedade ou de acção destinadas a mulher, pese embora, no caso português, a falta de estudos existentes sobre estas formas de organização católica.

Consciente desse desafio, que é estabelecer uma categoria e discorrer sobre ela, converge-se para a visão de Cova, acerca da criação e efetivação das associações católicas femininas criadas em Portugal. Uma das grandes bandeiras desses agrupamentos é a crença num papel essencial feminino<sup>62</sup>, portanto dá-se aí, e é amplamente propagada e disseminada, a essencialização da maternidade, da mulher com destino ao matrimônio e aos cuidados da família, uma mulher útil ao Estado, com função social definida e um amor incondicional à sua pátria.

Entretanto, há que sublinhar que essas associações não desconsideravam os fenômenos que ocorriam com as mudanças advindas dos processos de industrialização, do pós-guerra, dos entreguerras e das guerras propriamente ditas. Por mais que Portugal não estivesse nas rotas de participação ativa dos conflitos que marcaram o início do século XX, as mudanças internacionais conotaram muitas modificações no âmbito social e no comportamento feminino.

Ainda que essas mudanças estivessem a passos lentos, já era visível e já não podia-se esconder que a mulher engrossava as fileiras de trabalho (FERREIRA, 1998, p. 202), inclusive, mantendo concorrência direta com os homens. Portanto, havia que se educar e criar a consciência da maternidade, da família e do casamento – essa questão era sempre crucial, além do cuidado com o marido –, que era ferramenta primeira na manutenção e sucesso da família. As organizações femininas deveriam tratar disso, além de ditar os ideais bíblicos e católicos à mulher. Sobre isso, Paulo Fontes cita o discurso das semanas sociais portuguesas:

[...] decadente na sua estrutura, nos seus meios econômicos e nas suas bases morais para receber no lar ascendentes velhos, os órfãos de um ramo colateral ou outros membros da mesma família, mas cuja a existência independente se tornou impossível. A família portuguesa não sofreu, é certo a dissolução de outros países; contudo, ela não está isenta de mácula e não reputo inoportunas as campanhas levadas a efeito, nos últimos tempos, em seu auxílio. (PORTO, 1950, *apud* FONTES, 2011, p. 250)

Também não eram inoportunas as campanhas a favor da família para uma considerável parcela da sociedade, que percebia o mundo natural a partir da família, branca, heterossexual e feliz. Por isso, concomitante à criação das estruturas que abrigariam as mulheres, estava a

---

<sup>62</sup> Entre os principais discursos que fizeram a mulher absorver o discurso do patriarcado, estará o da maternidade.

criação de grupos que dessem conta de tratar de aspectos da conjugalidade e suas pequenas e grandes dimensões. Esses aspectos da conjugalidade inserem a Igreja em um novo apostolado, o do aconselhamento familiar para preservação da família tradicional. As preocupações sacerdotais igualmente abrangiam a educação das crianças, dos jovens, das raparigas, das mulheres e do futuro cidadão dessa nação. Contudo, é na formação da rapariga que se nota um maior esforço por parte dos ideários do catolicismo, pois é delas a responsabilidade pela manutenção da família, ao passo que para o Estado Novo é delas a responsabilidade da família com acréscimo da pátria, ou seja, a família que ama a Pátria:

A educação da rapariga e a formação da mulher constituíam, assim, uma preocupação no seio do catolicismo, que não pode ser reduzida, a uma questão exclusivamente ideológica, decorrendo sobretudo da preocupação de defender moral e economicamente a mulher e de a promover socialmente. Para fazê-lo, procurava actuar-se ao nível da base de sustentação e reprodução da sociedade, já que a mulher - entendia-se - caberia sobretudo a procriação, a educação dos filhos, assim como o cuidar da família e do lar. Esta será a perspectiva dominante no catolicismo social e que perdurou ao longo da década de 50. (FONTES, 2011, p. 252)

Fontes (2011, p. 250) sintetiza a ideologia que permaneceu viva no catolicismo social, a da mulher para reprodução, portanto presa ao corpo biológico. Ela existia e era formada para isso, no entanto essa formação conduz ao aprisionamento das mulheres em modelos rígidos e que em alguma medida produziam a exclusão de outros setores femininos. É evidente que a Igreja também versou sobre outras realidades femininas, exemplo disso é a Liga Operária Católica Feminina, uma das organizações que é colocada frente a questões concretas femininas, no mundo do trabalho, fora do âmbito privado.

O impacto do reconhecimento das realidades que distinguiam os grupos femininos parece dar conta de uma Igreja que estava de algum modo percebendo as mudanças, no entanto algumas premissas dos ideais cristãos não poderiam ser perdidas, entre elas a de que a mulher seria (e era) responsável pela reprodução no meio social, posteriormente à educação da prole. Por outro lado, uma das únicas ordens que pregaram com mais ênfase a instrução feminina como consequência da sua função reprodutiva foram as Noelistas<sup>63</sup>, que constituíram esse discurso, as quais eram originárias da França e aportaram em Portugal com

---

<sup>63</sup> “[...] O Noelismo surgiu inicialmente como dinâmica voltada à educação das crianças e jovens do sexo feminino, em articulação com a então chamada ‘boa imprensa’, vindo a desenvolver-se como movimento feminino, de cariz formativo e apostólico, envolvendo adolescentes, jovens e senhoras. A sua fundação data de 1901, ligada a primeira peregrinação de crianças a Lourdes organizada pela revista. Esta experiência foi conhecida pouco tempo depois no país, fortemente marcado por uma influência cultural e religiosa francesa a nível das elites sociais. Em 1908 há já registro da existência de noelistas portuguesas. Mas só em 1913 se funda o primeiro núcleo Lisboa-Estrela, que se reuniu pela primeira vez em 22 de dezembro, com sete presenças”. (FONTES, 2009, p. 108)

apelos à educação e instrução feminina, trazendo consigo a bandeira de que a mulher deveria desenvolver variadas atividades e que em todas elas deveria destacar-se o caráter formativo.

Em oposição aos aspectos de formação, figura António Oliveira Salazar, que não tinha interesse em um número expressivo de indivíduos instruídos, e isso era ainda mais evidente quando se tratava de mulheres. Oliveira Salazar não falava ou opunha-se abertamente à instrução feminina, mas entendia que a mulher deveria estar em casa, saber das coisas da vida doméstica, portanto a ideia de uma mulher instruída suscitava outras querelas. É patente que a presença de Oliveira Salazar, por tantos anos a governar Portugal, contribuiu para a manutenção e institucionalização de uma forma de ser mulher e estigmatizou outras formas de viver o feminino.

Essa assertiva passa a ser evidente, pois ela pode ser percebida até mesmo no periodismo secular. Em matéria publicada em “Modas e Bordados” (1937, p. 12), na seção “*Ao rebusco*”, a questão que se coloca é a seguinte: “Quem é Salazar”? A pergunta é posta em formato de inquérito e essa indagação é levada às crianças do ensino primário do Porto. Quem faz esse estudo é a inspetora do ensino primário, a quem a revista descreve como uma devota virtuosíssima e um “espírito de larga cultura e lúcida inteligência”. Ela pergunta às crianças sobre o conhecimento que têm do primeiro ministro, também perguntando, na ocasião, com o que gostariam de presentear-lo e o que gostariam que ele fizesse no governo. Aurea Amaral apresenta Salazar como um “amigo dos meninos que, em penhor dessa qualidade enternecida, tem o seu retrato presente nos corações”. (MODAS E BORDADOS, 1937, p. 12)

É o chefe do governo e um grande homem. É um dos maiores ministros que tivemos em Portugal. É um homem de caráter, de inteligência e de saber. É um grande patriota que tem causado assombro pelos seus feitos. É um homem honesto, trabalhador, que todos devem respeitar. É um senhor bondoso, que tem feito muito aos pobrezinhos. É um homem que salvou Portugal. (MODAS E BORDADOS, 1937, p. 12)

É evidente que a censura existente no período controlava o que poderia ser dito ou não, e é óbvio que esse tipo de imaginário criado sobre António Oliveira Salazar encontrava respaldo entre os comitês de censura e os órgãos de propaganda do governo. A correspondência que chegava ao gabinete do Ministério do Interior com esse tipo de texto dava ciência do que estava sendo dito sobre Oliveira Salazar. No que segue essa reportagem, as crianças, ao serem apresentadas a António Oliveira Salazar, desejam-lhe dar as mais belas prendas, entre elas será simbólica a menina que não o presenteará, pois é demasiado pobre e não tem o que lhe oferecer. Simbólica também é a menina que dará a cruz de Cristo, para que

este guarde seus caminhos. O que as crianças responderam que queriam que ele fizesse é ainda mais surpreendente, manifestando que as doutrinações da política abrangiam com voracidade a esfera educacional: “Nunca abandone o governo de Portugal, continue a governar como tem governado, que ponha Portugal cada vez mais bonito, até mais bonito que os países do mundo”. (MODAS E BORDADOS, 1937, p. 12)

A educação em seus aspectos mais diversos, abrangendo todo indivíduo desde a primeira formação, é um bom ponto de partida para entender como as coisas se davam. A disciplina da obediência e a consciência de que em Portugal existia um bom governo estavam na pauta estudada nas escolas (REMÉDIOS, 2002). A crítica era desencorajada, portanto inexistia na maior parte dos discursos publicados.

É nessa lacuna, e, buscando entender os movimentos que o catolicismo português fez em direção às mulheres, que se inscreve essa investigação que pretende perceber os desdobramentos da união entre tradição e modernidade para as mulheres de acordo com os preceitos cristãos, alinhavados pelo discurso da natural inferioridade, alicerçando uma absorção do discurso e colaborando para a manutenção do regime.

As organizações católicas femininas em Portugal ainda são pouco estudadas e são escassos os rastros da presença das mulheres no âmbito da Igreja, embora tenham ocupado lugar considerável nas organizações católicas. Como estudar todas as organizações profundamente não é tarefa para uma única tese, justifica-se também a escolha pela Liga Independente Católica Feminina e a Juventude Universitária Católica Feminina (JUCF) pela personagem que estará de alguma maneira dirigindo essas associações.

Pensar mulher católica e escrever sobre as mulheres católicas sem fazer referência à Maria de Lourdes Pintasilgo parece deveras incongruente, portanto ela estará atravessando quase sempre o caminho que levará até as mulheres católicas de Portugal, ensejando conexões, rupturas e resistências entre Estado e Igreja.

## 1.2 ENTRE NACIONALISMO E ORGANIZAÇÕES CATÓLICAS FEMININAS: OS APONTAMENTOS DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO



Finalidade destas aulas: ser cada vez mais portuguesa, para não trair a confiança que Deus em nós depositou, dando-nos por pátria um país cujos feitos estão gravados em letras de oiro na história.<sup>64</sup>

Do caderno-diário de formação nacionalista da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF)<sup>65</sup> de Maria de Lourdes Ruivo da Silva Pintasilgo tem-se as pistas e os rastros da intervenção do Estado e da Igreja na vida das mulheres, asseverando o que se pressupunha como hipótese inicial, as mulheres a serviço de Deus e da Pátria. O ano desse registro era 1944, dez anos depois do início desse estudo, mas guarda-se na trajetória temporal o tempo, não da forma linear como é praxe, mas como o tempo que vai e vem, trazendo as modificações e as mudanças dentro da história. Por isso, o caderno-diário de formação nacionalista ajudará a compreender as semelhanças temporais de uma sociedade que vê nos pesos da mudança uma ameaça e que cria no conservadorismo uma ponte para o passado que teima em não passar, através dos muitos discursos envoltos na figura da mulher. Reserva-se, portanto, a prerrogativa de usar diferentes temporalidades para analisar discursos, e, ao fim e ao cabo, constatar se eles modificam-se ou não. Com efeito, as temporalidades que aparecerão ao longo do capítulo estão dentro do recorte cronológico previsto para esta investigação.

Muitos estudos privilegiaram Maria de Lourdes Pintasilgo, mas, como assinala Paul Veyne (1995, p. 18), “um livro de história não é, na realidade, o que aparenta ser, assim, ele não trata do Império Romano, mas daquilo que ainda podemos saber sobre esse Império”, por isso o cerne da questão centra-se em documentos que para esta pesquisa são fulcrais e que pouco ou nunca foram mencionados no que se relaciona à educação das mulheres no Estado Novo, como alguns documentos do acervo pertencente à Maria de Lourdes Pintasilgo, figurando como melhor exemplo de documentação inexplorada, as questões das disciplinas nacionalistas ministradas nas aulas para as raparigas da Mocidade Feminina.

Contudo, parafraseando Paul Veyne, estabelece-se a indagação: o que ainda pode-se saber sobre Maria de Lourdes Pintasilgo? Seria certo antecipar algumas conclusões, porém ao esmiuçar a documentação, a ler seus escritos, a formação que tivera na Mocidade

<sup>64</sup> Centro de Documentação e de Publicações Fundação Cuidar o Futuro. Pasta 0105.005; Caderno de apontamentos de Maria de Lourdes Pintasilgo, sobre as lições dadas na disciplina de Formação Nacionalista, no curso de graduadas da Mocidade Portuguesa Feminina. 1944/1945.

<sup>65</sup> A Mocidade Portuguesa Feminina fora criada em 8 de dezembro de 1937 pela Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), por delegação do ministro da Educação Nacional, exercido por um comissariado nacional, constituída por uma comissária e duas adjuntas escolhidas pelo ministério. O intuito era criar nas mulheres a ordem do regime: “Deus, Pátria e Família. Por isso, no seu regulamento estão explicitadas essas premissas: “A seção feminina da organização nacional da Mocidade Portuguesa (MPF) a cargo da Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), tem por fim estimular nas jovens portuguesas a formação do carácter, o desenvolvimento da capacidade física, a cultura do espírito e a devoção ao serviço social, no amor de Deus, da Pátria e da Família”: Artigo 1º do Regulamento da Mocidade Portuguesa Feminina, 1937.

Portuguesa Feminina, a analisar a dimensão humana e por isso paradoxal, não pode-se deixar de dar atenção ao que passou despercebido e corrobora ou opõe o que dela foi escrito<sup>66</sup>.

Uma das três raparigas a ingressar na faculdade de engenharia químico-industrial, Maria de Lourdes Pintasilgo fora uma mulher que esteve na vanguarda da luta pelas mulheres no que se refere à educação e instrução. É verdade que como uma mulher católica, como ficou conhecida durante toda a sua trajetória, fazia alguns apelos à instrução feminina igualitária para homens e mulheres, entretanto, com as devidas adaptações a feminilidade da mulher. Essa dicotomia precede a forma dual que tem sua estrada. De um lado, uma mulher, expoente da luta na melhoria das condições femininas, de outro lado, uma mulher católica que acredita na submissão da mulher diante do marido, o que deixa muitas perguntas acerca dos organismos católicos influentes e de algumas figuras com expressiva influência, como seria o caso de Pintasilgo, na manutenção do *status quo* do regime, pois sua resistência não renunciou uma perseguição, como ocorrera a outras mulheres, o que, de certa forma, a coloca como uma grande negociante da condição feminina. Embora estivesse reivindicando melhores condições e acessos, permaneceu expoente das católicas letradas, sem sanção do regime.

Com a prerrogativa da interrogação sobre as mulheres católicas no Estado Novo, o inquérito se impõe. É possível dizer que os agrupamentos femininos católicos tiveram prestígio e notoriedade a ponto de influenciarem as jovens raparigas dentro da dinâmica da norma vigente? Esses núcleos manifestavam alguma resistência, mesmo que velada as políticas em relação às mulheres? É possível seguir os rastros dos discursos e entender melhor

---

<sup>66</sup> Sobre o acervo, Maria de Lourdes Pintasilgo: “O Centro de Documentação e de Publicações (CDP) da Fundação Cuidar O Futuro constituiu-se em abril de 2004, com o objectivo de proceder à organização e conservação do acervo documental da Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004), por esta entregue à Fundação Cuidar O Futuro em regime de doação em 2002. Em Fevereiro de 2006, com o objectivo de preservar e comunicar o património arquivístico à sua guarda e garantir a sua disponibilização em suporte digital e na Internet, o CDP iniciou o projecto Memória na Internet de Maria de Lourdes Pintasilgo, apoiado pelo Programa Operacional Sociedade do Conhecimento no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio, pela Caixa Geral de Depósitos, pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pela Fundação Oriente. A 23 de Janeiro de 2008, o CDP apresentou publicamente os resultados do referido projecto, com a inauguração deste portal. O número de *downloads* da documentação disponibilizada em linha, num total de 269.279, realizados entre 23 de janeiro e 31 de outubro de 2008, comprova o interesse do público por esta iniciativa. Actualmente, o CDP prossegue o tratamento e a informatização do acervo Maria de Lourdes Pintasilgo, tendo em vista a abertura gradual à consulta pública da totalidade das unidades textuais e não textuais, nomeadamente as fotográficas, que o compõem. A criação de uma biblioteca, composta por livros e publicações periódicas do espólio Maria de Lourdes Pintasilgo, além de um fundo bibliográfico a adquirir e de outras contribuições (doação, herança, legado, permuta), é outra das acções previstas. Também o desenvolvimento de projectos editoriais, envolvendo documentação inédita do arquivo e/ou os resultados das investigações promovidas no âmbito da Fundação Cuidar O Futuro, constitui outro campo de acção do CDP. Nestes anos, a actividade editorial do CDP também se consolidou através da edição de três publicações, tendo para o efeito estabelecido parcerias com editoras nacionais”. Disponível em: <<http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/Categoria.aspx?cat=27&id=1>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

a história desses ajuntamentos femininos uníssonos ou não, mas que em maior ou menor grau foram extremamente ativos em Portugal no Estado Novo, através do acervo discursivo que deixaram.

Na cartografia feminina católica colocam-se questões paradoxais, pois amiúde todos os grupos femininos católicos foram vitais para a Igreja e colocaram a mulher em cenas diferentes e em discursos igualmente diferentes. No entanto, escolhem-se os discursos das revistas, dos manuscritos e da própria fala de Maria de Lourdes Pintasilgo para perceber a dimensão desses organismos, pois eles supostamente estão de alguma forma no âmbito público, para problematizar a questão do discurso normatizador e sua eficácia junto às mulheres.

Com a pretensão de pensar os discursos das escritoras dos boletins católicos articulados com o discurso estatal, é emblemático os escritos que foram anotados e preservados no caderno de formação nacionalista que Maria de Lourdes Pintasilgo estudara. Através dele, pode-se ter a dimensão da educação reforçada pelos órgãos estatais para as raparigas. A escolha por tratar o conjunto documental de Pintasilgo dá-se pelo fato dela reunir algumas características importantes para a análise da tríade abordada – Estado, Igreja e Mulheres, mas também por ter ela sido uma líder importante de um organismo católico feminino.

É fulcral repetir que se sabe que, mesmo diante de um Estado regulador, as mulheres ocupavam um crescente lugar no mercado de trabalho. Opondo-se à política da “mulher para a família”, as mulheres estavam nas ruas e não raras vezes nos espaços universitários, antes apenas ocupados pelos homens, como fora o caso de Pintasilgo, exemplo sempre emblemático, pois escolhera a carreira de engenharia, cujo público era majoritariamente masculino.

A frente da Juventude Universitária Católica Feminina<sup>67</sup>, Maria de Lourdes Pintasilgo tecerá suas primeiras bandeiras. É verdade que o início de sua trajetória fora marcado pela presença forte da educação do Estado Novo para a mulher. Por isso, não é por demais enfatizar que os primeiros anos políticos de Maria de Lourdes Pintasilgo foram, em certa medida, estar sob a égide do discurso do poder. Isso não quer dizer que sua trajetória também

---

<sup>67</sup> “A JUCF organizava-se em duas seções: a nacional e a local. A nível nacional era composta pelas associações dos institutos universitários e superiores, e a nível local, pelas associadas das diversas faculdades. [...] Em 1952 Maria de Lourdes Pintasilgo torna-se presidente da Juventude Universitária Católica Feminina, cargo que ocupa até 1956. É nesta função que desenvolve as reconhecidas competências de liderança e oratória e co-preside, em 1953, com Adérito Sedas Nunes, presidente da JUC, ao I Congresso Nacional da Juventude Católica. A 17 de abril de 1953 Maria de Lourdes Pintasilgo discursa sobre “A mulher na Universidade”. (DUARTE, 2011, p. 11)

não tenha sido marcada pela subversão aceitável, se é que se pode descrever suas reivindicações e atuações desse modo, no que se refere à luta pelos direitos da mulher.

Ao questionar o *status quo* sobre a condição feminina, Pintasilgo incorre na oposição “da mulher para o lar”. Todavia, esse questionamento não traduzirá uma quebra de paradigma completa, pois, à medida que ocupa lugares masculinos, faz discursos em consonância com os ideais da Igreja e do Estado, como será visto a seguir, o que também não quer dizer que não estivesse iniciando uma revolução no modo de pensar e agir da mulher no Estado Novo. Dignas de citação serão as atas do Primeiro Congresso da Juventude Católica, ocorrido em Lisboa de 15 a 19 de abril de 1953 (FONTES, 2011, p. 617), o qual Maria de Lourdes fora relatora e uma das primeiras a falar sobre o problema das mulheres nas universidades:

Acta da Reunião Parcial do Primeiro Congresso da JUC em que se debateu o Tema: ‘A mulher na Universidade’:

Relatora: Maria de Lourdes Pintasilgo (I.S.T. Lisboa)

Aberta a sessão pela presidente da mesa, Maria Ivone Mendes, usaram da palavra sucessivamente:

Maria de Lourdes Pintasilgo, lendo o seu trabalho subordinado ao tema “A mulher na universidade”.

Maria Idalia Correia (Medicina, Lisboa)- Partindo da conclusão que se chegou através dos inquéritos efectuados, de que não há, na maioria das raparigas das nossas escolas superiores, uma verdadeira vocação universitária, e virando como consequência necessária que elas não deveriam ter ingressado na universidade, pergunta o que fazer se tantas raparigas que embora sem vocação universitária, sintam a necessidade de aperfeiçoamento. Terminando o curso do liceu ou das escolas técnicas acha que nada há onde essas raparigas possam adquirir aquele alargamento de ideias, aquele conhecimento mais fundo do mundo e da sociedade de que mais tem verdadeira necessidade

Rui Silva (Histórico-Filosóficas): Pareceu-lhe haver contradição quando se relaciona afirmar que ‘Deus criou a mulher para completar o homem e citou mais adiante Lertillage dizendo ‘que a mulher não foi feita em função do homem’. A sua opinião é que a mulher foi feita como complemento do homem. Portanto, ao ir para a universidade ela só deve fazer na universidade o que valorizar o lar, tornando-se mulher educadora, melhor esposa. Quando a rapariga pretende adquirir na universidade frivolidades, tais que a tornam mais capaz de se bastar a si própria, entende que fugindo do seu fim. [...] os rapazes universitários escolhem para esposas raparigas, não diplomadas, mas ‘melhores donas de casa’.

António Freixas Leal: Chamava a atenção para a grande responsabilidade que tem a mulher na valorização total do marido e de todo o conjunto familiar. Fez notar ainda o caso de muitos que por vaidade e mediocridade, se casam com mulheres de cultura inferior a sua por se sentirem por elas elogiados e admirados, já que o valor próprio os não impõe a sociedade.

Arminda Cépeda (formada em Direito, Lisboa) Propõe a criação de cursos especiais, em Direito, onde se estudasse a delinquência infantil e de adolescência. Tocou o problema das raparigas que criam e a necessidade de serem mulheres a resolver tais casos. Falou-nos ainda do muito oportuno trabalho já começado nos reformatórios e cadeias.

Maria Helena Teves Costa (formada em Letras, Lisboa) Aceita a crítica feita a mediocridade feminina universitária. Afirma, o dever, mais que o direito, da mulher se cultivar. Respondendo a uma intervenção anterior (Rui Silva) afirmou: ‘A mulher completa o homem no plano psicológico, não foi criada para ele. O facto de algumas mulheres não casarem levaria a pensar que não foram criadas para coisa alguma’. Preconiza a substituição da universidade actual, de carácter nitidamente masculino,

por uma instituição que responda as necessidades das muitas centenas de raparigas que a frequentam.

Maria Alice Amorim de Carvalho: Frisou a necessidade de cultura da mulher, sobretudo como futura mãe dizendo que “o homem é aquilo que a mãe quer que ele seja e mostrando assim a responsabilidade da formação das raparigas de hoje com vista à educação do homem de amanhã

Maria Clotilde Rocha: Afirmou que antes de profissionais competentes, devem ter preocupação de ser plenamente mulheres. Isto exige uma reforma na universidade atual<sup>68</sup>.

A ata prossegue com algumas falas, de mulheres e homens que integraram o I Congresso da Juventude Católica. Pode-se perceber que a “questão da mulher na universidade”, como era o tema em debate, suscitou as mais diversas teorias. No entanto, o que verificou-se com ênfase nas falas fora o caráter formativo que a mulher deveria ter para exercer as funções, conforme sua natureza.

A partir dos debates, pode-se entender a influência que a figura de Pintasilgo teve para uma geração de mulheres, sobretudo dos núcleos católicos. Mesmo que o discurso estivesse embrenhado de muitos conceitos e pensamentos acerca da mulher, ele já ensejava um desejo de mudança. Descrever Maria de Lourdes como uma pensadora católica da questão feminina parece mais correto. Era uma mulher do seu tempo, com suas influências e crenças, portanto, na vanguarda para algumas questões e conservadora no que se referia a valores indispensáveis da Igreja. Por isso, a diferença temporal e de discurso que marcam a vida de Maria de Lourdes Pintasilgo correm o risco de um possível anacronismo, pois são por deveras paradoxais. A mulher que teve a formação nacionalista aos poucos irá transformando-se na grande lutadora pelos direitos da mulher.

Assinala-se, com ênfase, suas memórias que demonstram o quão revolucionário era seu pensamento em algumas declarações, ela não poupou o público do que pensava na infância sobre a mulher. Foi indelevelmente uma subversiva-comedida no pensar e no agir, preocupando-se com as causas das mulheres, com as concepções do ser mulher e também mantendo diálogos com os feminismos que afloravam no país, sem nunca ter-se assumido feminista. Lutou contra a misoginia dentro da universidade e conta o que desde a infância pensava sobre o lugar das mulheres na sociedade:

Desde muito cedo, na convivência com outras crianças e adolescentes pôs-se-me a interrogação: será que as mulheres podem fazer o mesmo que os homens? [...] Comecei então (teria 10, 11 anos) a desejar verificar se seria capaz de tirar o curso de engenharia. Essa interrogação não me levou só ao Técnico, nessa altura um reduto ainda esmagadoramente masculino mas incorporou-se à minha abordagem de todas as novas situações e de todas as tarefas que me foram propostas: será que a

---

<sup>68</sup> Pasta: 0001.073, Arquivo Fundação Cuidar do Futuro.

diferença entre os homens e as mulheres impede a igualdade de capacidade de uns e outras? (PINTASILGO, 1995, p. 216-217)

A interrogação que perpassou a infância de Maria de Lourdes Pintasilgo esbarrara na instrumentalização do Estado em relação às mulheres no que tangenciara as políticas de uniformização e pode ser relacionada com o tema tratado no I Encontro de Juventudes Católicas. Conforme o pensamento esboçado sobre a mulher no espaço universitário, as controvertidas falas também dizem muito do Portugal cerceado e penalizado com uma educação desigual para homens e mulheres. Em diferentes contextos e com graus de intensidade igualmente diferentes, Pintasilgo introduz o debate e faz das associações femininas católicas um espaço de sociabilidade e um espaço para pensar a mulher portuguesa da primeira metade do século XX. É inegável que esteve ligada tanto à vida secular quanto à vida religiosa e fora a mais proeminente mulher dos núcleos católicos, com um pensamento diferenciado e inovador, contrapondo a educação que recebera ideologicamente.

Formar ideologicamente a geração sadia em cujas mãos (havia) de prosperar o Estado Novo, sem a integrar num partido ou milícia, mas num movimento nacionalista de caráter espiritual e de educação corporativa, foi um objetivo que Carneiro Pacheco já tinha definido antes de tomar posse do Ministério da Instrução. (PIMENTEL, 1998, p. 163)

É nesse contexto que Maria de Lourdes Pintasilgo estará conectada com a questão religiosa e com a questão nacional, pautada na educação que recebera<sup>69</sup>. No entanto, um esclarecimento faz-se necessário: as organizações católicas femininas eram diferentes das que

---

<sup>69</sup> São necessários alguns esclarecimentos acerca de Maria de Lourdes Pintasilgo e conteúdo no qual faz parte dessa escrita, que por vezes parecerá incongruente. Trata-se do seu percurso e sua trajetória de vida. Fora uma militante católica, uma professora da matéria nacionalista, mas também uma feminista. Com esses elementos constitutivos de uma vida complexa, pontua-se sua existência. Assim como por diversas vezes engrossou o coro das mulheres e suas vocações, também fora uma lutadora pelo direito das mulheres e uma teórica das condições femininas em Portugal. Fato que legitima sua militância em causas femininas é a escrita do prefácio de “Novas cartas Portuguesas”, livro de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, publicado em 1972 em plena primavera marcelista e proibido pela censura pelo conteúdo tido como amoral pelos órgãos de censura. Taxado como um ultraje aos costumes e com conteúdo pornográfico, o livro é retirado das livrarias. Essa obra é emblemática e suscita uma solidariedade internacional acerca das condições femininas em Portugal. A denúncia sobre essa obra alcançou tal notoriedade que fora parar nos tribunais internacionais, sendo defendida sua publicação por Simone de Beauvoir. Essa obra fora escrita em conjunto e uma das suas grandes inovações fora o caráter intimista, em formato de missivas, as autoras escreviam semanalmente. Não há referência sobre as autorias individuais do texto, pois esse detalhe fora mantido pelas autoras que tiveram o cuidado de compilar e publicar com os textos anônimos, apenas a referência autoral é mencionada em conjunto. Uma das questões do livro, tido como amoral, é essa: “Que mulher não é freira, abnegada, sem vida sua, afastada do mundo? Qual a mudança, na vida das mulheres, ao longo dos séculos? No tempo de tia Mariana as mulheres bordavam ou teciam ou fiavam ou cozinhavam, sujeitavam-se aos direitos dos seus maridos, engravidavam, têm abortos ou fazem-nos, têm filhos, nados-mortos, nados-vivos, tratam dos filhos, morrem de parto, às vezes, em suas casas, onde apenas mudou o feitio dos móveis, das cadeiras e dos cortinados. (HORTA; BARRENO; COSTA, 1972, p. 152)

foram criadas pelo Estado, através do Ministro da Educação, António Carneiro Pacheco<sup>70</sup>. Essas últimas eram mais identificadas com o fascismo e com certa resistência de alguns grupos católicos (o que não é unanimidade, pois alguns autores trabalham a hipótese que ambas estruturas coexistiam harmoniosamente, sem oposição da Igreja) que viam nessas associações aspectos totalitários que ameaçavam a ideologia da Igreja, o que não impediu muitas católicas de lá estarem.

Foram muitos os escritos sobre a personalidade dessa precoce líder formada no seio da Igreja Católica portuguesa. Há quem diga que sempre renegou o posto de feminista, compreensível para o que o termo feminismo evocara<sup>71</sup>. No entanto, suas preocupações com a condição feminina expõem o contraditório do seu discurso e alertam para os organismos católicos femininos e sua importante presença também conformando a história dos feminismos em Portugal. Sobre o feminismo, Pintasilgo irá escrever na Revista Presença, da Juventude Católica Universitária Feminina, um artigo intitulado “Os problemas femininos serão uma realidade?”:

Quando olhamos para o pensamento e para a evolução do pensamento acerca da Mulher, vemos que desde o princípio do século houve uma profunda transformação, e que, por isso, a sua presença na vida social se tornou cada vez mais digna de nota. Apesar da doutrina da Igreja, que desde os primeiros séculos do cristianismo reconheceu a dignidade essencial da pessoa humana (‘daqui em diante não haverá nem gentio, nem judeu, nem homem, nem mulher, mas todos serão um em Cristo’), a penosa evolução das ideias, da cultura, e também o progresso material, não permitiu a imediata realização da doutrina católica a esse respeito. [...] Assim nasceu o feminismo, que punha em relevo a igualdade de direito do homem e da mulher, e se esforçava para dar a essa um lugar na vida social, política, cultural. Tinha nascido de uma necessidade de vida plenamente vivida por parte das mulheres que a burguesia, desprovida de grandeza e de ideal abafava, e se nele se encontrava uma parcela de verdade, continha, no entanto, erros profundos. Com efeito, pretendia a igualdade do Homem e da Mulher, o que profundamente era a negação total da presença feminina no mundo. A mulher invadiu os domínios do Homem sem pensar em conservar-se feminina. Por isso, não pôde trazer a atividade humana a cooperação insubstituível da autêntica feminilidade. Tornou assim ineficaz a sua presença; e enquadrando-se à vontade numa sociedade donde a ideia de Deus fora excluída, aceitando tarefas em que o sentido da pessoa humana estava pervertido, a Mulher traiu a sua missão essencial.<sup>72</sup>

<sup>70</sup> António Carneiro Pacheco, ministro da Educação leva a cabo o que Gustavo Cordeiro, ministro da instrução pública idealizara. O propósito de criar uma organização que reunisse as mulheres para serem educadas ao amor à pátria e suas tradições e nos princípios da família, da ordem, da hierarquia e da autoridade. Com isso, tem-se a criação da Mocidade Portuguesa Feminina.

<sup>71</sup> O feminismo no discurso simbólico e prático foi atrelado a um estigma perverso, no qual as mulheres que eram relacionadas com esse fenótipo, eram verdadeiras aberrações sociais. Márcia Tiburi (2015) advoga que esse discurso tem sua raiz no patriarcado e que é este que constitui as matrizes que estigmatizaram as mulheres feministas. E sua maior assertiva é que o “feminismo é revolucionário”. (<https://www.youtube.com/watch?v=bNzJufpeeto>)

<sup>72</sup> Arquivo Fundação Cuidar o Futuro, acervo pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo; Pasta: 0002:007, Data: Março-Abril de 1955.

Sobre o feminismo, no ano de 1955, Pintasilgo afirma:

Hoje o feminismo desapareceu, mas deixou rasto. Adquirindo os mesmos direitos que o Homem, suportando as mesmas dificuldades na realização de tarefas idênticas, substituindo-o em todos os domínios, a Mulher tornou-se-lhe igual. Esqueceu-se da sua vida, da sua vocação própria, e em consequência disso, não dá conta muitas vezes dos problemas femininos, da existência de uma vocação de Mulher. [...] E, no entanto, se se meditar nos primeiros passos de Gênesis ou no sentido da pessoa de Maria na humanidade, não pode deixar de se chegar a evidência de uma diferenciação nítida entre o Homem e a Mulher no plano de Deus.<sup>73</sup>

Maria de Lourdes Pintasilgo, como uma mulher do seu tempo, embora com preocupações sobre questões femininas e ativista nelas, não se reconhece como uma feminista. Todavia, percebem-se na trajetória de Pintasilgo diferentes momentos de seu pensamento. Nos anos cinquenta do século XX, ela não só refuta o feminismo, como está sob a égide do patriarcado, da religiosidade e do Estado e todos esses elementos justapostos criam um cenário patriarcal, no qual as mulheres só são mulheres por estarem submissas a um homem, têm uma existência secundária. Com formação nacionalista e religiosa, Pintasilgo situa a mulher com um papel bem definido na organização social. Ainda que lutasse pela instrução feminina, essa serviria como aporte para melhor conduzir as questões familiares e do lar.

Entretanto, nos anos setenta do século XX, quando já ocupa uma posição impensável para uma mulher do início do século XX, pois é a primeira mulher a ocupar o cargo de primeira ministra, Pintasilgo será identificada com o feminismo. A palavra ainda causava estranheza, mas já não era mais refutada, estava mais próxima do que distante dos feminismos, ocasião em que defendeu publicamente a obra das três Marias, “As novas cartas portuguesas”. Conforme Duarte (2011, p. 41), em entrevista ao semanário *Interviu*, em 1979, ela fala sobre ser feminista:

Bueno, en el sentido de que las mujeres deberían tener exactamente las mismas posibilidades que los hombres, sí, soy feminista. Porque, sobre todas las cosas, pretendo una igualdad de oportunidades para todos los seres humanos. Y en el sentido que las mujeres puedan hacer en la historia una contribución nueva, como una fuerza solidaria través del mundo, también soy feminista. Pero no lo soy en esa otra forma, un poca loca, de algunas personas que abogan por la segregación, por el asilamento de la mujer respecto del hombre. Em esto no estoy de acuerdo.<sup>74</sup>

<sup>73</sup> Arquivo Fundação Cuidar o Futuro, acervo pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo; Pasta: 0002:007, Data: Março-Abril de 1955.

<sup>74</sup> Arquivo Maria de Lourdes Pintasilgo, doc 0184.002.



Um feminismo comedido é o que prega Pintasilgo. Interessante perceber como é paradoxal uma trajetória de vida, com muitas mudanças e rupturas, mas também com algumas permanências e continuidades. Maria de Lourdes Pintasilgo situa-se nessa fronteira, a fronteira da luta, portanto, mas sem refutar a fé que a acompanhou desde criança até a sua morte; fora uma católica dedicada e permaneceu fazendo a diferença no seio da Igreja.

Contudo, concorda-se com Vânia Duarte, pesquisadora dessa mulher que reunia modernidade e tradição em discursos que, em maior ou menor grau, influenciavam as mulheres do seu tempo e que na posteridade deixaram suas marcas nas feministas contemporâneas. Para Duarte (2011, p. 5), Maria de Lourdes Pintasilgo “não foi exclusivamente uma mulher política, mas foi antes de tudo, uma mulher de fé”.

Uma mulher de fé que tem, nos seus primeiros anos de formação compulsórios sobre os ideários salazaristas de família, o contato com a ideologia que vigorara no Estado Novo. É inegável sua luta pela condição feminina, mas também é inegável que os pesos que as doutrinas do Estado e da Igreja tiveram na sua formação como mulher determinaram discursos e condutas. Por mais integrada que estivesse nos grupos e associações que militavam pela reivindicação de direitos da mulher, isso se dava para o fim de inserção e instrução, mas as qualidades indissociáveis da mulher da época continuavam prevalecendo. Dizia que a mulher pode trabalhar fora, mas sem esquecer seus afazeres e o cuidado com o marido, e sobre o casamento, tecera muitos textos endereçados às mulheres.

Todavia, em sua fase de rapariga da Mocidade Portuguesa Feminina, estudou sobre o nacionalismo, disciplina que preservou o caderno de apontamentos e que acabou por formar uma geração, perpassando a vida de muitas portuguesas. Entre os manuscritos de Maria de Lourdes Pintasilgo é possível vislumbrar na matéria nacionalista todos os elementos que o Estado pretendia encontrar na mulher portuguesa. Sobre a matéria nacionalista, escreveu em seu bloco de anotações:

O Estado é a nação política e juridicamente organizada. A Nação é um agregado populacional. A Nação é um agregado populacional com as mesmas tradições, usos, costumes, aspirações e necessidades. A doutrina nacionalista é a que tem sempre em vista servir a Nação, isto é, servir o bem de todos, ainda que se tenha de sacrificar os interesses individuais. Resume-se nisto: - ‘Tudo pela Nação, nada contra a Nação’. A doutrina que se opõe à Nacionalista é a individualista.<sup>75</sup>

Os conceitos de nação ensinados a Maria de Lourdes Pintasilgo dão conta de uma sociedade que pretende a superioridade da nação em face ao individualismo moderno, fato

<sup>75</sup> Centro de Documentação e de publicações Cuidar do Futuro. Caderno – Diário de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre a Doutrina Nacionalista, disciplina ministrada para a Mocidade Portuguesa Feminina.

que diz muito sobre a ideologia de Estado instalada em Portugal com a consolidação do Estado Novo, e por moderno entende-se o indivíduo calcado na modernidade, que pressupõe um culto ao sujeito<sup>76</sup>, ao domínio da vida privada, da laicidade. Portanto, a ideia de nação que Pintasilgo recebera é aquela na qual pode-se formar o homem ciente de seu papel social, oposição ao Estado democrático, o qual cria sujeitos individualistas e proporciona a dissolução da família. Ainda, dentro dos pressupostos de nação é preciso encontrar o amor à pátria há muito perdido, é preciso relacionar o presente com o passado desbravador, com o aventureiro e empreendedor povo português. Esse nacionalismo exacerbado fincará suas raízes de forma profunda na condução dos indivíduos, e esse é um dos únicos pontos de intersecção com a modernidade.

A modernidade inicia como o espaço de pensamento autônomo, do homem como a medida da racionalidade, portanto o Estado Laico é primordial na sociedade moderna. Por isso, Oliveira Salazar não manifestava intimidade com a República, a sua base no catolicismo e suas conferências públicas explicitavam um católico com fortes ligações com a hierarquia da Igreja, mostrando que a laicidade era um conceito distante da política vigente, mas a modernidade também é o espaço de enquadramento, do apogeu de alguns discursos opressores e da famigerada distribuição de papéis sociais. Esses papéis sociais não escaparam dos apontamentos da disciplina nacionalista estudada por Maria de Lourdes Pintasilgo, no que propagandeava:

O Estado Novo beneficiou a família no campo político e na assistência. O principal papel da obra das mães é o de assistência cultural e moral. O alcance da semana da mãe é incentivo nas raparigas a homenagem pelas mães de Portugal. O alcance da organização corporativo é valer aos interesses comuns. O secretariado de propaganda nacional pretende chegar ao meio rural. O trabalhador tem tido grande proteção da parte do Estado Novo. Os reformatórios combatem os defeitos das crianças que tendem a ser criminosas. Como a criação do Estado Novo há também os bairros sociais e a concepção nova do império português.<sup>77</sup>

Esse amor à pátria será propagado nas revistas femininas com o mote das mudanças necessárias na política e uma dessas mudanças é que a mulher ame a sua pátria e por ela trabalhe, educando os cidadãos do futuro. E como uma mulher sem as noções básicas do que

<sup>76</sup> Sobre a questão do sujeito, tem-se afinidade com o conceito elaborado por Foucault sobre o indivíduo moderno e que foi esmiuçado na dissertação de mestrado de Carolina de Souza Noto. Para Foucault: “No campo da investigação sobre a relação com o indivíduo consigo mesmo, daquilo que ele é enquanto sujeito, o efeito deste tipo de análise será, então, a possibilidade de constituir novas formas de subjetividades dentro dos limites possíveis a serem ultrapassados. Isto, por fim, não invalidará que Foucault havia dito acerca de um sujeito que se constitui historicamente pelas determinações dos saberes e dos poderes de uma época, pois dizer que o sujeito pode ser diferente e que os limites para essa diferença estão inscritos em seu próprio ser histórico, em sua própria atualidade”. (NOTO, 2009, p. 11)

<sup>77</sup> Centro de Documentação Cuidar o Futuro, caderno-diário de Maria de Lourdes Pintasilgo.

era a pátria poderia colaborar para a sociedade que Salazar intentara? Reside aí algumas pistas para a explicação que se formula acerca da criação das associações femininas de caráter fascista. É na doutrinação de homens e mulheres que se pretende controlar as vozes, que não eram poucas, discordantes.

Havia um espaço tênue entre o que as católicas pensavam e o que o Estado executava. Estavam, em grande medida, lado a lado, mas havia alguns espaços de tensão, sobretudo quando se tratava das políticas autoritárias; havia um temor por parte de grupos católicos que o Estado ficasse mais centralizador, tomando inclusive o lugar da Igreja:

A propósito das obras de formação juvenil – estatais criadas em toda a Europa, e numa referência velada a Mocidade Portuguesa, Durão considerou uma tremenda calamidade, esta servidão da consciência ao Estado onnipresente – e apelou a colaboração da Igreja, Família e Estado nas tarefas da educação nacional. (PIMENTEL, 1998, p. 165)

Nos espaços que poderiam tratar desses temas – a educação nacional – e suas atribuições, os católicos privilegiavam os ideais de nação, pontuando o dever de cada um e também combatendo a modernidade dos tempos e das relações.

Do caderno-diário da formação nacionalista retira-se os pressupostos da vida da mulher portuguesa, seu dever com a pátria e o ensinamento de que o Estado Novo era responsável pelas transformações sociais positivas, como a assistência e os valores da família e da religião católica. A motivação à maternidade é recorrente nos discursos e a formação da mulher para a futura mãe é objeto das preocupações das primeiras associações femininas estado-novistas, pois uma boa mãe forma o sujeito ideal, livrando-o da correção do Estado e dos reformatórios que prometiam sanar o que a família desestruturada criara: o sujeito que não teve os ensinamentos condizentes com os ideais perpetrados pelo Estado.

A formação da mulher era uma preocupação latente do Estado. O advento da modernidade propiciara outras formas de pensar e ver a mulher da época, fator que era mal visto e insistentemente alardeado na imprensa local. As publicações destinadas às mulheres manifestavam as mudanças no âmbito feminino, entretanto o Estado Novo irá trabalhar firmemente para desfazer essas nuances modernas que pairavam no ar. Nos idos dos anos 1940, as preocupações com o lugar de cada um na sociedade serão a pauta dos encontros femininos e a matéria de formação nacionalista era um dos canais que ajudava o Estado a doutrinar a mulher portuguesa, uma vez que a doutrinação religiosa ficava a serviço das associações católicas.

No sumário do caderno-diário de Maria de Lourdes Pintasilgo destacam-se os temas abordados para as aulas que eram ministradas, entre eles: “Indicação de algumas criações do Estado Novo, Referência à obra de proteção a família, ao trabalhador, às instituições da previdência social, à concepção do império português”. Todas essas questões estavam abordadas no sentido de ressaltar os feitos dos portugueses e principalmente do Estado Novo, personificado na figura de Salazar. Não era raro ver nos jornais menções às falas do Dr. Oliveira Salazar no tocante ao que o Estado queria criar como ideal de sociedade. O contraditório não era dado a conhecer e comumente o que desagravava as políticas vigentes era escondido através da censura que tudo via, lia e perseguia.<sup>78</sup>

Entre as lições que se aprendia no período, destaca-se ainda a “A mulher portuguesa a serviço da doutrina nacionalista. Qualidades requeridas: o espírito da ordem e da disciplina”, ou seja, a mulher portuguesa tivera um protagonismo desde a tenra idade nos pressupostos políticos do Estado Novo. Não se mantém a ordem e a disciplina de um regime sem a preocupação com todos os sujeitos que integram o corpo social. Por isso, público e privado confundem-se.

A educação, deveras importante para o Estado Novo, coloca-se mais viva para os jovens da nação, como forma de criar cidadãos leais, mas é especialmente entre as mulheres que é possível ver um superaparelhamento do Estado e uma instrumentalização dos modos de controle e vigilância. No que concerne às estruturas criadas para enquadramento feminino são muitos os dispositivos que irão colaborar com o Estado. Logo, entre Estado e Igreja subsistem, por força das relações de poder, forças similares e convergentes, com objetivos em comum. Sobre os primeiros organismos associativos de mulheres católicas, Irene Flunser Pimentel (2007, p. 19) irá dizer:

No início da década de trinta, ao contrário do que se passou na Itália e na Alemanha, onde os regimes de Mussolini e de Hitler ascenderam ao poder através de movimentos políticos que também incluíram secções femininas, não havia em Portugal, à exceção das associações da Acção Católica Portuguesa (ACP), organizações autónomas de mulheres na direita do espectro político.

Reclamando submissão e poder, os boletins eclesiais, a imprensa católica, a imprensa não oficiosa e a imprensa conservadora competem com reportagens que visam estabelecer um claro modelo de mulher a ser criado, mas isso não era o bastante, era necessário que o Estado e a Igreja pudessem ter associações que colaborassem nesse intento.

---

<sup>78</sup> Centro de Documentação Cuidar o Futuro, caderno-diário de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Como as organizações estatais são mais conhecidas a partir de estudos com grande fôlego, riqueza de dados e uma pesquisa impecável que mostra as intervenções estatais na vida das mulheres, procurou-se nessa investigação privilegiar os organismos interiores da Igreja na manutenção da ordem para o feminino. Cita-se, todavia, o amplo estudo feito por Irene Flunser Pimentel para destacar as pesquisas em que convergem Estado e Mulheres. É ela que esclarece e assevera as políticas do Estado em relação ao enquadramento feminino:

Reeducar as mulheres adultas, educar as crianças e as jovens enquadrando-as em organizações estatais foram os objetivos do ministro da Educação Nacional, António Carneiro Pacheco, ao fundar em 1936, a Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), em 1937, a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF). (PIMENTEL, 2001, p. 220)

O Estado estava aparelhado para tratar as questões das mulheres. Contava, entre as formadoras das associações femininas, com mulheres que estavam dentro da Igreja e que tinham uma militância junto aos órgãos católicos. Essas mulheres não eram escolhidas a esmo, faziam parte de uma elite católica e eram as mulheres certas para formar e levar a cabo os ideais de família apregoados pelo Estado. Sobre as mulheres e as transformações sociais que existiam e estavam em curso para o feminino, Paulo Fontes destaca que a Igreja teve que se adaptar e lidar com todas as modificações que o período ensejara para as mulheres. Segundo Fontes (2011, p. 260):

No entanto, e numa perspectiva política comparada, pode afirmar-se: Uma vez que a componente católica foi sempre dominante na OMEN e na MPF (e, mais tarde, no Movimento Nacional Feminino, a última associação feminina criada pelo regime, em 1961), não ocorreram divergências significativas entre as organizações oficiais e organizações da Igreja, ao contrário do que sucedeu tanto na Alemanha como em Itália, e também, embora em menor grau, em Espanha.

Nesse mesmo contexto e complexidade de associações e influências, localiza-se Maria de Lourdes Pintasilgo, a jovem dirigente dos movimentos católicos femininos e uma das figuras mais proeminentes da Igreja Católica portuguesa. Ainda cedo, alcançou notoriedade, conforme já explicitado. Não menos notáveis são os discursos proferidos por ela, que são encontrados no arquivo de Maria de Lourdes Pintasilgo, no Centro de Documentação Vinte e Cinco de Abril da Universidade de Coimbra. Eles refletem sobre a questão da mulher, do casamento e da maternidade. Em um boletim preparado para distribuição entre as jecistas, Maria de Lourdes Pintasilgo adverte as mulheres em relação à vontade de Deus para com a

procriação, mas também pensa nos efeitos econômicos<sup>79</sup> que o mandamento divino gera. Crescei e multiplicai esbarra nas questões econômicas de um país com altos índices de analfabetismo, com uma economia periférica e uma pobreza que salta aos olhos<sup>80</sup>. Por isso, há uma advertência para as jecistas no boletim no qual o tema é a vocação da mulher: a resposta para a verdadeira vocação da mulher é o casamento. Sobre isso, Maria de Lourdes Pintasilgo enumera os tópicos que desenvolverá sobre o tema “casamento”, e entre eles está o sacramento (filhos – geração e educação). Pintasilgo inicia sua fala admitindo que sabia que o tema era deveras espinhoso, no entanto não era demais falar sobre isso numa sociedade que já se distanciara dos princípios e propósitos do casamento firmado na vontade das escrituras e no que a Santa Madre Igreja quisera. Maria de Lourdes Pintasilgo escreve às mulheres sobre as práticas anticoncepcionais, condenando-as peremptoriamente, critica as técnicas que colaboram com a contracepção, fato que se opõe completamente ao propósito de Deus para o

---

<sup>79</sup> O Fator econômico é sempre preponderante nas análises feitas pelas mulheres católicas nas associações de mesmo cariz, o problema da economia em relação a Europa é pauta em todo e qualquer boletim. O cuidado com os pobres, com os necessitados é uma herança que não pode ser suprimida. Apesar das mudanças drásticas que operaram nas transições do antigo regime para o liberalismo, Portugal ainda padecia da lenta transformação na economia. Entretanto, mesmo que as modificações arrastassem-se, ainda assim elas promoveram uma profunda repercussão econômica. O liberalismo inaugura a propriedade privada e terras da Coroa e da Igreja são expropriadas em detrimento das “cercas” que instituíam uma nova dinâmica econômica a Portugal. Como na história as mudanças não promovem uma mudança considerável a curto prazo, o Estado Novo ainda terá que lidar com as questões de pobreza, de fraco desenvolvimento da indústria e dos serviços, além da desigualdade que é recorrente no liberalismo. Sobre a economia portuguesa Álvaro Ferreira da Silva e Luciano do Amaral explicam: “O novo regime implantado a 28 de maio herda também a sua questão financeira. A exemplo do que tinha acontecido na transição da monarquia para a república, também o regime autoritário que põe fim ao parlamento republicano pretende disciplinar o “caos financeiro”, repor a ordem e a autoridade”. (SILVA; AMARAL, 2011, p. 290)

<sup>80</sup> Mesmo com uma censura eficaz, a pobreza nem sempre conseguia ficar escondida das páginas dos jornais. Modas e Bordados, um suplemento do Jornal o Século, já é bastante procurado pelas mulheres do período. A revista estabelece-se com um cariz de variedades para as mulheres, trazendo desde como vestir-se na França até como dar o nó na gravata do marido, também com seções dirigidas as mães, ensinando como preparar o biberon até como educar o filho para não importunar o pai quando chega do trabalho. Pois, mesmo essa revista que poderia ser só mais uma revista feminina, com coisas fúteis, como era o consenso do que seria uma revista feminina no período, denuncia uma situação de pobreza, enfatizando a miséria no Bairro de Alfama. Sobre isso na seção intitulada “A Irene vai a fonte”, escrevem: “Alfama, lugar triste e miserável este onde o sorriso da criança é mais pálido, sem claridades fortes, sem gargalhadas felizes. Almas desabrochando em ruas escuras, estreitas, sem que um beijo do sol jamais os tenha ido acordar nas suas camisas pobres. Na Alfama também não há creches, apenas algumas escolas Mas nenhum lugar carinhoso e bom onde a criança ao mesmo tempo que vai aprendendo a ler, seja também iniciada em hábitos de higiene em vez de andar por ali, na rua suja – descalcinhos uns, mal calçados outros, sem uma nota de mão terna que os alinde, para encanto dos olhos. Os pais lutam com a miséria. A falta de trabalho marcou sua trágica passagem em muito lar pobre de Alfama. Dum interior triste, quâsi sórdido, surge uma figurinha minúscula, brilha a cabeça, tanagra pequena, graciosa, no seu descuidado trajar. É a Irene. Quando a chamo fica indecisa, envergonhada. Ia a fonte, bilha a bilha lá vai carregando água para a casa. Mais familiarizada agora, a Irene – um suavíssimo sorriso de criança – conta, envergonhada, seus desejos. Um é ir a escola, porque ainda não vai. Só tem mãe e essa mesma agora não trabalha. Teve um menino. - Gostas dele?? – Perguntei. - Muito. A expressão da Irene transfigura-se. A mãe que vive na alma de todas as raparigas, sorri no sorriso de Irene. - Gosto muito, eu pego nele. - Tens bonecos? – Perguntei. - Não, tenho só o menino. É com ele que eu brinco. A Irene tem 7 anos, mas aparenta menos. Todavia é já uma utilidade dentro de casa. Orgulhosa de seus préstimos, conta-me que já trabalha – a gente de Alfama ama o trabalho, sente-se isso já nas crianças. Pois a Irene já lava a loiça e varre a casa. - Bravo!

homem. Para além da contracepção, critica duramente o “atentado contra o filho no ventre materno”. O aborto é descrito como fato condenável e torpe, traduzindo-se em pecado severo. Ela alerta que são pecados graves, que através de duas ou três palavras não resolvem-se, porém propõe uma série de estudos para falar dos prejuízos trazidos para a vida da mulher que ousa pensar em cometê-los. A questão da pobreza é sempre pauta quando fala-se em procriação. Nas palavras de Pintasilgo:

As doutrinas aceites por muitos, se não em teoria, pelo menos na prática, porque é difícil convencer, por exemplo, os que lutam com aflitivas situações económicas de que, apesar de tudo, têm o dever de aceitar o nascimento de mais um filho, mais uma boca a comer, a vestir, a calçar, a educar. Há, é certo, uma maneira de conciliar as dificuldades económicas mais a sério com a lei de Deus: à a castidade entre os esposos livremente aceite por ambos... Isso supõe, porém, que ambos vivem o mesmo ideal e o viverem suficientemente a sério para acharem que vale a pena o sacrifício, a abstinência, a não satisfação das paixões. Isto supõe aquilo que dissemos no estudo do mês passado, é que ambos encaram o casamento com dignidade humana e cristã, isto é, como sacramento.<sup>81</sup>

Para cumprir a vontade de Deus e da Igreja, aplacando a contracepção, a proposta para a mulher que é ciente dos valores do casamento, mas que também é ciente de como é complicado alimentar mais uma boca, vestir e calçar, além de educar, é a castidade. Seus escritos desse período são contundentes nos valores que as mulheres devem seguir, presumivelmente devido a seu prestígio como mulher devota e como mulher que reúne muitas qualidades dentro e fora do lar, pois Maria de Lourdes Pintasilgo tivera uma vida profissional, fora do âmbito privado, mas também fora uma militante acerca das vocações da mulher e essas vocações eram as que não confrontavam a visão da Igreja, portanto quando critica o casamento moderno diz:

Ora, isto não sucede muitas vezes, desgraçadamente. O casamento para muitos é, apenas, um meio legal de satisfazer a sensualidade. Para outros, que levam as coisas um bocadinho mais a sério, o casamento não é isso: entram em linha de conta com uma amizade sincera e com respeito mútuo, mas estão ainda no plano natural, não abrem a alma à graça e, por isso, a coragem heroica da moderação dos sentidos e até a privação total da sua satisfação – parece demasiado difícil e mesmo impossível. Esses não pecam com indiferença, mas, de alma oprimida e amargurada, cedem àquilo que julgam ser a fatalidade da vida.<sup>82</sup>

Os conselhos de Maria de Lourdes Pintasilgo às jecistas reproduzem ideais de seu tempo, quando o casamento era um valor fundamental e sabê-lo conservar era atribuição da mulher, que deveria estar atenta às implicações que a satisfação dos desejos traria. Portanto,

---

<sup>81</sup> Folha da Equipa. A Jucista na Equipa. Arquivo Maria de Lourdes Pintasilgo.

<sup>82</sup> *Ibidem*.

não é raro encontrar em boletins católicos admoestações como essa que Pintasilgo faz às mulheres. Exortações dessa ordem são recorrentes e mostram como a vida íntima é discutida publicamente. O foro privado é tratado com atenção, pois há o reconhecimento de que o espaço da Igreja também é um espaço de sociabilidade e convivência. Saber portar-se para atingir a finalidade de um bom casamento e, posteriormente, ensinar isso dentro da Igreja será uma das questões que os clérigos deixaram por conta das dirigentes das associações que integram a Ação Católica Portuguesa.

A pauta sobre como arranjar um bom casamento e como mantê-lo não saíra da agenda das associações femininas no Estado Novo. Na imprensa secular, o mesmo tema era tratado através da seção “perguntas e respostas” das revistas dirigidas às mulheres. No manual de esclarecimento sobre dúvidas básicas que tratava sobre como proceder com o sexo dentro do casamento, os autores enfatizam o fato de sempre ter a clareza da preservação da castidade antes do casamento, sob pena que o marido possa sempre desconfiar.

Muitas mulheres perderam o bonde (autocarro) do casamento por se mostrarem demasiado ansiosas por uma união. E há sempre o risco de que os casamentos que se seguem a relações sexuais pré-conjugais sejam anuviados pela persistente suspeita do marido contra a integridade moral da esposa. (FREIRE, 2010, p. 122)

À mulher é destinado inúmeros códigos sociais e caberá a ela saber que lhe compete estar em harmonia com tudo que se espera da mulher ideal. Sobre a questão do casamento, Pintasilgo diz que o problema moral pode ser agravado pelo econômico, mas que mesmo assim são condenatórias todas as atitudes que visem à contrariedade do que Deus projetou para o casamento, e o que Ele projetara para o casamento era a entrega integral da mulher ao marido e à maternidade, e essa última viria acompanhada, em todas as mensagens, de sublimação. O poder de dar a vida ou tirar a vida seria um privilégio de Deus, porquanto quantos filhos Ele desse a mulher, ela deveria criar, sempre agradecendo por ter filhos, marido e uma família constituída nos ideais da Santa Igreja.<sup>83</sup>

Transformar e aperfeiçoar indivíduos foi o que levou o Estado, segundo sua ideologia, a ter uma vigilância firme nas questões que envolviam a sexualidade dos jovens. O sexo era ainda mais reprimido entre as mulheres, que sofriam mais com qualquer conduta inadequada, que fugisse dos preceitos cristãos e morais. As questões afetivas e relacionais nos tempos de Salazar foram fortemente vigiadas e o corpo adquiriu fundamental protagonismo. É preciso educar o gesto, estar atento ao costume, respeitar o que rezam os códigos. Para isso, a

---

<sup>83</sup> Folha da Equipa. A Jucista na Equipa. Arquivo Maria de Lourdes Pintasilgo.



educação começa na família, passando pela escola e chegando no quartel, para o caso dos homens, ou nas associações femininas, no caso das mulheres.

As associações femininas católicas também serviam para debater o que estava acontecendo internacionalmente. Os temas que fazem parte do cotidiano entram nos boletins como forma de instruir as mulheres para o que vem ocorrendo em termos políticos no mundo. Como as questões de eugenia eram uma ferida aberta, ela foi tema da palestra de Pintasilgo com base na encíclica publicada pelo Vaticano. Sobre isso, Maria de Lourdes Pintasilgo escrevera acerca da eugenia e das patologias psíquicas:

Outro erro condena a encíclica:

A limitação da natalidade por razões eugênicas, i.é, de higiene e apuramento da raça. Além disso, alguns cientistas aconselham e alguns países puseram em prática pela força e esterilização daqueles que, por taras físicas e psíquicas, se presumia só pudessem dar origem a filhos tarados.<sup>84</sup>

Nesse boletim, no qual escreve sobre a eugenia, ela tece algumas considerações. Trata-se, pois, de condenar a prática da eugenia e isso viria acompanhado da conclusão de que isso feriria a lei natural da vida. A esterilização forçada era algo que a humanidade não poderia aceitar, mais valia dar conselhos salutareos aos considerados inaptos para gerarem filhos. Há que pontuar aqui o não conhecimento sobre muitos temas que se propunham a debater. A jovem dirigente Jucista falava acerca da maternidade e paternidade daqueles que eram considerados “defeituosos” na sociedade do enquadramento.

Maria de Lourdes Pintasilgo ainda não era dirigente da JUCF quando se apercebe das condições femininas no campo profissional. Ciente de que a industrialização era um passo importante para o país e que o combate à pobreza dependia de uma transformação econômica que teria nos processos de desenvolvimento da indústria uma solução para os problemas sociais, ela não deixa de reconhecer os impactos que isso gerara na vida dos sujeitos, e identifica uma desigualdade que salta aos olhos no mercado de trabalho. Como engenheira da Companhia União Fabril (CUF), no início dos anos cinquenta, Pintasilgo (1995, p. 219) conecta-se à mulher no mercado de trabalho e suas mazelas:

Para mim, isso foi o início das interrogações do processo económico: o modo como se servia das pessoas, o modo como a industrialização, que parecia uma necessidade para o desenvolvimento do país, quando se olhava a médio prazo, era feito dum quotidiano de sacrifício para milhares de pessoas, da sua vida pessoal, das suas condições de relacionamento, de vida de família etc...

---

<sup>84</sup> Folha da Equipa. A Jucista na Equipa. Arquivo Maria de Lourdes Pintasilgo.

Estar diretamente ligada à vida das mulheres trabalhadoras cria em Pintasilgo uma consciência que pouco tem a ver com a menina que participara ativamente da Mocidade Portuguesa Feminina. Pintasilgo nessa altura começa a militar em torno da causa da compatibilização da mulher com o campo profissional e de algum modo denuncia a opressão do sistema através da sua militância católica e por canais de comunicação como os boletins, os quais são exemplos de uma imprensa pouco estudada e tinham largo alcance num país com grandes índices de fiéis.

A opressão, a qual os processos econômicos criavam junto aos pobres e aos menos favorecidos, formara uma persistente oposição por parte de católicas, tendo Pintasilgo como principal influência. As contradições mostram o quão difícil é estudar indivíduos que reúnem fé e ideais feministas e esse foi o caso de Pintasilgo; mesmo que não reconhecesse o feminismo como libertador ou revolucionário, esteve empenhada na melhoria das condições de trabalho feminino, na luta pelos direitos da mulher, na luta contra a discriminação das mulheres no mercado de trabalho e numa possível igualdade, que mantivesse a mulher, sendo mulher. Essas contradições criam a ebulição necessária para pensar a personagem católica, com formação na Mocidade Portuguesa que representará um pouco da complexidade que pairava sobre o feminino português, na primeira metade do século XX.

## 2 A MULHER CATÓLICA NA VIDA POLÍTICA

A figura 1 reproduz cartaz que simboliza o período em que Oliveira Salazar tentou contar com o apoio de núcleos femininos para a manutenção do poder. Em grande medida, quando autorizou o voto condicional feminino, pensou em sua perpetuação na vida política de Portugal.

Figura 1: Serviço de propaganda do Estado Novo



Fonte: Cartaz do Secretariado Nacional de Informação (1945-1946). Biblioteca Nacional de Portugal, Cota CT-5247-R.

O ano de 1934 pode ser pensado e compreendido dentro da história das mulheres portuguesas como um marco cronológico com múltiplos significados. Ao mesmo tempo que revela a permissão por parte do “chefe”<sup>85</sup> que a mulher ocupe um espaço dentro da esfera política, também encerram-na dentro de perfis muito bem definidos, o que produz um arquétipo feminino passível de pensar<sup>86</sup> (a partir de um pensamento colonizado, pois não foi dado à mulher a faculdade de pensar sobre si fora da esfera secundária, é o homem que pensa a mulher e escreve sobre ela, afirmando o que ela deve ser e fazer; enfim, sua existência é pautada no discurso das diferenças naturais, portanto desiguais) e produzir políticas voltadas a todas as mulheres, através dos pressupostos acerca da mulher, enfatizando a sua habilidade natural para os domínios do lar, criando uma separação entre as que estão fora e as que estão dentro do âmbito privado, produzindo, desse modo, o antagonismo da boa e da má (PEDRO, 1994).

Também é o ano da criação das associações voltadas para formar mulheres dentro da Acção Católica Portuguesa<sup>87</sup>, dentro de um projeto pedagógico de cunho e inspiração educativa, a fim de promover uma sociedade com mulheres cristãs. Alguns anos mais tarde, já em 1936, o Estado também formará dois grandes grupos estatais para abrigar as mulheres, a Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN) e a Mocidade Portuguesa Feminina, esta última de inscrição compulsória para todas, com o objetivo de ensinar e formar a mulher, conforme sua habilidade natural. Como observa Irene Pimentel (2011, p. 96):

Antes de 1936, quando o Estado Novo criou a LP, a MP e a OMEN, houve algumas tentativas de franjas fascizantes e da direita para enquadrar politicamente as mulheres e os jovens para canalizar ideologicamente uma elite feminina. A única organização feminina então existente, além da ACP e das associações de assistência e de beneficência – o CNMP – não se situava, porém a direita do espectro político, mas sim, na oposição ao regime, tal como, aliás, a Associação Feminina Portuguesa para a Paz (AFPA), que foi criada precisamente em 1936, o ano em que o início da guerra civil espanhola originou uma fascização do regime.

As novas formas de organização dão lugar a um grupo muito pequeno de mulheres da elite portuguesa com forte identificação católica e que aparentemente esfacelam outros grupos femininos na esfera social, pois a visibilidade e o poder que lhes é facultado criam a sensação

<sup>85</sup> António Oliveira Salazar era chamado pelos jornais de “chefe da nação”.

<sup>86</sup> “De modo geral, observamos que a mulher portuguesa foi representada na educação seguindo as normas de conduta consideradas ideais por teorias científicas, por discursos religiosos, políticos e de acordo com as conveniências sociais ditadas pelo homem e pela sociedade da época”. (BORGES, 2011, p. 10)

<sup>87</sup> “A educação da rapariga e a formação da mulher constituíam, assim, uma preocupação no seio do catolicismo, que não pode ser reduzida a uma questão exclusivamente ideológica, decorrendo sobretudo da preocupação de defender moral e economicamente a mulher e de promover socialmente. Pra fazê-lo, procurava actuar-se ao nível da base de sustentação e reprodução da sociedade, já que a mulher – entendia-se – caberia sobretudo a procriação, educação dos filhos”. (FONTES, 2011, p. 252)

de que se tratava de um grupo homogêneo, deixando, desse modo, um ambiente politicamente confortável e cristão.

Não havia incentivo para que as mulheres participassem da política, inclusive o consenso é que a natureza da mulher impedia a sua participação em alguns setores, entre eles, o político. Entretanto, esperava-se delas o apoio incondicional, visto que não sabiam do que se tratava, pois eram ignorantes, logo não poderiam tecer qualquer opinião sobre política. A página feminina<sup>88</sup> do Jornal Sindical atestava isso:

Colaborai com vossos pais, vossos noivos, vossos irmãos. Ninguém vos pede raparigas, para vos-irdes meter na política, nos estudos profundos das questões sociais, ou para vos tornardes ridículas feministas, não isso nunca. Fica acima de tudo mulher. A mulher forte do evangelho, aliai a Mulher que as exigências do século XX criou. Sabeis pois qual é o papel que vos está destinado neste movimento de salvação? Já uma senhora aqui vos disse que era ‘Amar, Orar e Sofrer’, sim, ela tem razão, mas é pouco, muito pouco. (O NACIONAL SINDICALISTA, mar. 1933, *apud* PIMENTEL, 2007, p. 97)

A inclusão das mulheres no Jornal Nacional Sindicalista enseja o início de um combate, no qual elas seriam úteis se soubessem distinguir discursos e combatê-los. Esse discurso perpassará a primeira metade do século XX em Portugal, quando o combate será capitaneado pela direita radical e pelo Estado autoritário, e os grandes inimigos serão o comunismo e o liberalismo desenfreado. Esses dois sistemas eram peremptoriamente condenados por atirar as mulheres às ruas, fazendo-as rivalizar com os homens e terminando com o propósito para o qual ela existira e existia na sociedade.

A existência da mulher e a codificação do existir como mulher passará pela construção discursiva que é absorvida por uma pequena elite feminina – no caso de Portugal – que absorverá essa visão de si e a propalará, reproduzindo, desse modo, discursos enraizados da filosofia grega, seguida pelo cristianismo (COOLING, 2000, p. 37), acerca da mulher, e é esse pensamento que estabelecerá a cidadania condicionada e as políticas implementadas para o feminino.

Detém-se aqui nesse pensamento feminino produzido e ressignificado pelas mulheres que sentaram ao lado de Oliveira Salazar. Foram as mulheres católicas que auxiliaram na formação de um escol para administrar os grupos estatais direcionados para o feminino. E para isso, a criação de dois grandes grupos ligados ao Estado será fundamental para

---

<sup>88</sup> A página feminina do Jornal Nacional Sindicalista contava com mulheres colaboradoras, empenhadas em escrever sobre o combate ao comunismo e ao liberalismo. (PIMENTEL, 2007, p. 98) Sobre isso uma colaboradora chamada Paula de Niza escreveu: “[...] num artigo que esclareceu que, embora detestasse a colaboração feminina nos jornais por ser piegas, enjoativa, quando não imoral”, tinha decidido colaborar nesse jornal para apelar à participação das mulheres no movimento. (PIMENTEL, 2007, p 100)

compreender as normas de enquadramento feminino. Posiciona-se a questão e a problemática de mulheres que pensam sobre mulheres a partir de um consenso engendrado com raiz patriarcal, acerca do feminino, e essas mulheres, com um pensamento a partir do olhar do outro sobre si, estavam de alguma maneira influenciando pensamentos, por intermédio de suas publicações no periodismo católico e no periodismo secular, como é o caso de algumas citações que corroboraram um pensamento autoritário feminino, criando novos sentidos e formas de pensar a mulher (SAMARA, 1989), através de uma velha matriz. E é esse pensamento que toma forma e se mostra, seja nas suas atribuições, seja na sua tolerância e aceitação com as políticas implementadas pelas organizações femininas, a partir de ideias e de pensamentos invocados pelos homens.

Não por acaso, há um consenso que a mulher não participava da vida política na primeira metade do século XX em Portugal, entretanto a participação de um grupo coeso e disposto a cumprir o discurso patriarcal fora permitida. Um pouco do imaginário que a mulher não havia legislado sobre mulheres em Portugal provém do fato dele ter sido um dos países que tardiamente reconheceu o sufrágio universal dentro do eixo europeu, haja vista que o direito a voto a todas as mulheres<sup>89</sup> só foi reconhecido depois de abril de 1974. Só após os cravos florescerem no romper da democracia é que foi dada e reconhecida a cidadania a todas as mulheres (PINSKY, 2003), independente de quaisquer critérios. Contudo, no Estado Novo, os critérios eram categoricamente definidos.

Em quinze de novembro de 1974 o Decreto-lei n.º 621-A/74 aprovou a lei eleitoral sobre o recenseamento. São eleitores da Assembleia Constituinte os cidadãos portugueses de ambos os sexos, maiores de 18 anos, completados até 28 de fevereiro de 1975, e em 1976 foi promulgada a nova Constituição da República portuguesa, que reconhece os mesmos direitos políticos a homens e mulheres. (SOUZA, 2006, p. 21)

No entanto, mesmo que o sufrágio universal tenha se consolidado tardiamente, as mulheres portuguesas cristãs foram bem vistas para integrarem o governo de Oliveira Salazar,

---

<sup>89</sup> Maria Reynolds de Sousa escreve sobre a questão do voto em Portugal alertando-nos que a cidadania através do voto já era uma antiga reivindicação das portuguesas. Os primeiros registros desse pedido estão oficializados em 22 de abril de 1822, na sessão das cortes gerais, extraordinárias e constituintes da nação portuguesa. Ela assinala que o juiz Borges Carneiro não admitiu a discussão de tal questão, alegando que “trata-se de um direito político e deles são incapazes as mulheres”. (SOUZA, 2006, p. 23) Ainda sobre a questão do voto feminino em Portugal, João Esteves reitera a antiga reivindicação feminina que ganhará força com a República, na instituição de um novo modelo de governo, as mulheres sentiram-se cidadãs e estavam a vencer e sentirem-se parte do lado vencedor, pois o movimento feminino republicano fora intenso. No entanto, algumas conquistas eram consequências dessa luta e podemos dizer que a maior delas fora o divórcio. Entretanto, as republicanas sentiram-se traídas no que concernia ao voto, foi lhes negado direito a voto pela República também. (ESTEVES, 2014, p. 471-507)

dando a ele a roupagem que faltava, “um governo para as famílias e para as mulheres católicas”. Com isso, segundo Maria Reynolds de Souza (2006, p. 16):

Decreto-Lei n. 23:406 reconhece a capacidade de eleitoras das juntas de freguesia, na qualidade de chefes de família, às mulheres solteiras maiores ou emancipadas, com a família própria e reconhecida idoneidade moral. Podem eleger a Assembleia Nacional, o presidente da República e as Câmaras Municipais, os cidadãos do sexo feminino maiores ou emancipados, com curso especial, secundário ou superior comprovado pelo diploma respectivo.

Pelo Decreto-Lei n.º 23:406, pode-se observar que os critérios eram praticamente inatingíveis para a realidade do país, que contava com uma grande parcela feminina sem instrução. Por outro lado, a instrução não perfazia todas as barreiras que impediriam o voto das mulheres, uma vez que existia, nesse momento, um grande percentual de mulheres trabalhadoras, entretanto poucas eram chefes de suas famílias.

O privilégio de chefiar a família era benesse do homem (SCOTT, 2002), portanto mesmo as que respondessem por boa parte do sustento familiar não poderiam exercer sua cidadania através do voto, situação que perdurou por algumas décadas, desde o pronunciamento de Oliveira Salazar a 19 de novembro de 1934 feito para o Jornal “O Século”, que tratara da mulher na vida política e a construção da cidadania de algumas mulheres, com a sua participação efetiva como deputadas da Assembleia.

Com o pronunciamento de Oliveira Salazar, o recrudescimento do regime encontrara uma máscara. Os conflitos sociais existentes foram arrefecidos pelos discursos da imprensa que pressupunha uma hegemonia entre os vários femininos e que todas as mulheres estariam muito bem representadas no parlamento pelas mulheres católicas, que sabiam como conduzir as políticas relativas ao feminino, estando TODAS elas representadas por esse distinto grupo.

É importante também esclarecer que a participação das mulheres (SOUSA, 2005) na política pensando sobre mulheres é também a tentativa de ratificar que em “coisas de mulher” só mulheres se entendem, portanto as coisas menores são deixadas às distintas senhoras católicas, que eram as representantes de um núcleo muito pequeno de mulheres instruídas e que pertenciam a uma alta classe social, com certo poder econômico. Entre elas, destacam-se as primeiras três deputadas: Domitila de Carvalho, médica; Cândida Parreira, advogada

(SOUSA, 2005); e Maria Guardiola, professora<sup>90</sup>. Como observam Adão e Remédios (2005, p. 89):

Torna-se, assim, explícito que o Estado Novo é o primeiro regime português a possibilitar às mulheres que usem a palavra no Parlamento, ainda que conforme dá conta Irene Pimentel, ‘tivesse continuado a persistir uma desigualdade entre eleitores e eleitas’ (2000, p. 31) [...]. Somos confrontadas com quatro mulheres que se demarcam nitidamente da maioria do feminino português de então, quer atendendo a classe social de pertença, quer limitando-as ao interior dessa mesma classe. Trata-se de um grupo de mulheres burguesas, que contrastam com o grande grupo da população feminina, incluindo numa classe popular, predominantemente, de origem rural e analfabeta ou, raros casos, tendo iniciado o ensino primário o abandona sem ter aprendido a ler e a escrever. Por outro lado, diferenciam-se, ainda, das mulheres da burguesia, sobretudo urbana, que, estudando em ensino doméstico ou particular, raramente concluíam o curso dos liceus e, muito menos, frequentavam o ensino superior.

Esse feminino diferenciado, como pontua Maria José Remédios e Áurea Adão, é que estará pensando e designando o que a massa feminina – de maioria iletrada, com poucos recursos e quando profissionais, sujeitas a menores salários – deveria ser e fazer. O agir estava articulado com o controle e com uma produção de saber, vindo de cima para baixo. É a elite que pensa como devem ocorrer o casamento, a maternidade e o cuidado com os filhos. A instrução, bandeira primeira das republicanas, passou à questão secundária, porque embora ainda fosse importante a instrução para a mulher, a perspectiva estava conectada com a maternidade. A justaposição dessa efervescência social dá a algumas mulheres o poder de voto e de arbitrar sobre questões do feminino, que desconheciam, como, por exemplo, a pobreza extrema.

Mas mesmo que o sufrágio não fosse universal (SOUSA, 2006, p. 65) e os critérios para voto tenham sido pautados em pressupostos desiguais (ROSAS, 1985, p. 44), havia elementos que precisam ser problematizados e que merecem atenção do pesquisador. É inegável que ter mulheres de algum modo no governo demonstra que o controle e a formação de núcleos femininos que estivessem afinados com a política vigente era um cuidado que Salazar tivera. Como ratificam Anne Cova e António Costa Pinto (1997, p. 80):

---

<sup>90</sup> “No período legislativo em análise, tendente à consolidação dos conceitos essenciais norteadores do regime do Estado Novo, as quatro deputadas participaram, de uma ou outra forma, no debate ideológico e no delineamento de políticas sectoriais (revisão da constituição; apreciação das contas gerais do Estado; reforma da assistência social, alterações na justiça; reforma do sistema educativo e, muito especialmente, da estrutura e organização curriculares). Perante uma sociedade estruturada no constructo Deus-Pátria-Família, não pode ser indiferente uma tradição judaico-cristã que cultivou uma imagem dualista da mulher assente em dois modelos. O da mulher virgem e imaculada – “Maria”, mãe daquele que assume a condição humana de uma forma paradigmática -, e o da mulher carnal, a tentadora da figura modelar de Adão, cujo o acto retira o homem de uma vida paradisíaca. Os textos do magistério da Igreja, inscrevem-se, sem dúvida, neste universo conceptual marcado pela bipolaridade entre homem e mulher e relativamente a esta última.” (ADÃO; REMÉDIOS, 2005, p. 93)



Foi em 11 de janeiro de 1935, na Primeira Assembleia Nacional do Salazarismo, que três deputadas pisaram pela primeira vez o edifício do Parlamento português. O seu número nunca chegaria a dois dígitos na longa duração do regime, mas a sua chegada foi mesmo saudada pela imprensa ligada ao que restava do feminismo português dos anos 20. Salazar anunciou o facto como uma novidade, em entrevista ao *Século*, quando se preparava para escolher os primeiros deputados do seu regime: tanto de uma como de outra câmara farão parte algumas senhoras o que não significa ter-se o Estado ou elas próprias, agora, ao feminismo.

Embora Salazar tenha colocado em seu governo algumas mulheres, não o fez sem ratificar que nada tinha de feminismo nessa medida. A palavra feminismo não era usada sem causar desconforto e havia a necessidade de distanciá-la de qualquer atitude do governo. O feminismo propiciava e anunciava algumas mudanças que eram, aos olhos do conservadorismo, inadmissíveis. Por isso, sempre havia a necessidade de estarem junto à política senhoras que revelassem as virtudes femininas e que negassem completamente as questões que eram ligadas ao feminismo. Anne Cova e Costa Pinto (1997, p. 80) escrevem sobre as novas integrantes do governo e sua identificação com o conservadorismo:

As primeiras três deputadas, muito embora conservadoras, católicas praticantes e solteiras, não provinham do partido único ou dos pequenos movimentos fascistas. Muito menos, obviamente, do feminismo moderado da República liberal. Maria Baptista dos Santos Guardiola, com 40 anos de idade, reitora de um liceu feminino na capital, iria desempenhar um papel central na criação das organizações femininas do Salazarismo. Domitila Hormizinda de Carvalho, 64 anos de idade, médica, era também professora e tinha dirigido o primeiro liceu feminino de Lisboa. Maria Cândida de Bragança Parreira era professora e advogada.

As intervenções das primeiras mulheres na política (VARGAS, 2000, p. 43-62) e suas atuações na Assembleia Nacional limitavam-se ao ensino, à reformulação das disciplinas nos liceus femininos, dando ênfase à introdução da puericultura e da higiene, bem como atividades domésticas no currículo formal das mulheres. Destaca-se, todavia, a influência e a militância de Maria Baptista dos Santos Guardiola (VICENTE, 1999), que, das três distintas senhoras católicas já citadas, mais influência teve na política e quem por mais tempo permaneceu no seio do governo, participando também das associações estatais criadas para recrutar mulheres, destacando-se a Mocidade Portuguesa Feminina. Amaro Carvalho da Silva (2011, p. 283), autor que tratou de Maria Baptista Guardiola e sua identificação com a política, afirma que:

Maria Guardiola não deixou obra literária, científica ou académica que nos possa elucidar da sua autonomia de pensamento e do seu ideário. Vemo-la identificada com a Revolução Nacional de 1926 e com os líderes do Estado Novo e da Igreja

Católica portuguesa. Foi lhes fiel até o fim. Ascendeu o poder com eles e contribuiu para o ressurgimento nacional, no campo das organizações femininas.

A identificação de algumas mulheres dos núcleos católicos com Maria Baptista Guardiola irá sendo construída, e há um encorajamento nesse sentido, mas ainda havia uma grande parcela da população feminina que pouco se enquadrava nas políticas de identidades fixas. Por isso, há um grande abismo entre ideologia e vida prática.

Ainda que houvesse uma pequena participação na política, ela era para limitar e delimitar territórios ocupados pelas mulheres. Por essa razão, ainda que tenha dado o direito ao voto a algumas mulheres, isso não representaria mudanças profundas e, dessa forma:

A ditadura militar implantada em 1926 não interditou a atividade dos movimentos de mulheres e abriu mesmo, por pouco que fosse, a esfera política a uma pequena elite de mulheres, situação que o Estado Novo manteve. Contudo, esta modesta abertura, realizou-se numa atmosfera hostil aos direitos sociais e civis das mulheres, adquiridos durante a primeira república. (COVA; COSTA PINTO, 1997, p. 79)

A hostilidade aos direitos femininos, como afirmam Cova e Costa Pinto (1997, p. 80), estará ligada a um discurso que retira direitos e enquadra; por isso, em 1936 serão criados os primeiros órgãos de enquadramento do Estado Novo, em que as mulheres deputadas serão representantes e militantes dessa causa. O Ministro da Educação Nacional, António Carneiro Pacheco, fora o principal idealizador desses grandes grupos para as mulheres, a Organização das Mães pela Educação Nacional, de inscrição voluntária, e a Mocidade Portuguesa Feminina, de inscrição compulsória, por pensar que a crise em que o Estado português estava mergulhado era de ordem moral e educacional (PIMENTEL, 2011, p 207). Para ele, necessitava-se com urgência educar os costumes. Desse modo, fazia-se necessário que todos os indivíduos estivessem em consonância com o que o Estado entendera como correto para o cidadão.

Essas medidas não foram tomadas com o aval da Igreja, que via no crescimento de órgãos estatais um passo para o Estado comunizante, entretanto os sujeitos que faziam parte dos quadros dessas associações com inscrição compulsória ou voluntária, também em grande parte, eram católicos. O discurso da aceitabilidade social ficou assentado em duas grandes plataformas: a moralização da sociedade e a luta pela família. Irene Pimentel (2007, p. 225) afirma que os objetivos programáticos da OMEN eram:

1- Orientar as mães portuguesas por uma activa difusão das noções fundamentais de higiene e de puericultura para bem criarem os filhos em colaboração com a organização nacional. Defesa da Família;

- 2- Estimular e dirigir a habilitação das mães para a educação familiar tendo em conta as diversas circunstâncias de classe e de meio;
- 3- Promover o embelezamento da vida rural e o conforto do lar como ambiente educativo, em relação com os usos locais e as boas tradições portuguesas, defendendo e estimulando as atividades e indústrias caseiras;
- 4- Defender os bons costumes, designadamente no que respeita ao vestuário, à leitura e aos divertimentos;
- 5- Promover e assegurar a educação infantil pré-escolar, em complemento a acção da família;
- 6- Dispensar aos filhos dos pobres a assistência necessária para que possam cumprir a obrigação de frequentar a escola, designadamente pela instituição de cantinas, distribuição de uniformes e de livros e fortalecimento das caixas escolares;
- 7- Coadjuvar o professor na organização do recenseamento escolar, na vigilância da compostura, da assiduidade e aplicação dos alunos e na instituição de prémios;
- 8- Dar ao professor uma cooperação efectiva na educação moral e cívica dos alunos, no ensino do canto coral, no exercício da ginástica rítmica e nas festas escolares;
- 9- Desenvolver nos portugueses o gosto pela educação física tendo em vista a saúde de cada um e o serviço da Pátria;
- 10- Organizar a secção feminina da Mocidade Portuguesa Feminina com base XI da Lei 1941 e com o artigo 400 do regimento da Junta Nacional da Educação;
- 11- Contribuir de todas as formas para a plena realização da educação nacionalista da Juventude portuguesa.

O conceito de amor a Deus e à Pátria irá nortear essas organizações políticas para as mulheres, portanto as mulheres foram um dos alvos da política de Estado com cariz nacionalista. Maria Guardiola, uma das deputadas da assembleia e vice-presidente da direcção, “insistiu na tradição como tema central da obra de ressurgimento nacional” (PIMENTEL, 2011, p. 213). As deputadas foram mais conectadas à Mocidade Portuguesa Feminina e nessa organização foram mais atuantes, diferentemente do que ocorrera com a OMEN, que tinha como espinha dorsal, mulheres com certa fidalguia. Ainda sobre o escol feminino, Irene Pimentel (2007, p. 228) afirma:

[...] O Estado Novo pretendeu através da OMEN, integrar politicamente as mulheres da elite estatal, aproveitar a energia de dirigentes católicas, e conceder, às activistas com maior iniciativa no campo assistencial-educativo, um espaço de actuação específico controlado a partir de cima. Ao mesmo tempo, o Estado conseguia desmobilizar as mulheres mais activas das associações privadas, excluir as candidatas mais politizadas, neutralizar potenciais actuações de outras organizações femininas e canalizar politicamente para o seio a elite feminina.

Compreendendo os ritmos das ações femininas e a versatilidade das atribuições das mulheres católicas, pode-se entender o imenso e profundo papel da mulher na política e nas ações da Igreja e por extensão, do Estado. É nesse campo estratégico de relações de poder que se insere a análise das mulheres na política do Estado Novo, passando pelas concepções jurídicas das implicações de ser mulher até a condição de civilizadora, apontada por Michelle Perrot (1988, p. 168) na história das mulheres, advertindo que as mulheres “são também potência civilizadora, outro tema muito antigo reatualizado no século XIX pela insistência

sobre a função educadora de uma criança revalorizada. As mães possuem “os destinos do gênero humano”.

Essa potência civilizadora, à qual refere-se Michelle Perrot, estará evidenciada no que se esperava da participação feminina na Assembleia Nacional. As mulheres ali estariam para legislar sobre coisas de mulheres. Infantários, maternidades, coibição de atitudes não permitidas às mulheres e liceus femininos são os grandes temas a serem tratados pelas primeiras deputadas.

Os conteúdos dos discursos sobre as mulheres católicas são, na sua maioria, uníssonos. O intento de entrecruzar fontes do periodismo católico era perceber a multiplicidade feminina que estava alocada dentro da Igreja. Entretanto, percebeu-se pouca distinção discursiva, notadamente a quase ausência de discursos com caráter feminista<sup>91</sup>, mostrando dessa forma que a rigidez da repressão e da censura também permeava o periodismo católico. Por isso, não raras vezes, a maior parte das publicações voltadas para mulheres terá o mesmo teor, são poucos os pontos e as pautas que subvertem a ordem do que deveria ser assunto feminino dentro da política. Essas características da imprensa tentam moldar e reafirmar uma verdade sobre a mulher católica e a política, constituindo desse modo um novo sujeito. Michel Foucault (2003, p. 10) ajuda a pensar a questão da formação do sujeito:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história. É na direção desta crítica radical do sujeito humano pela história que devemos nos dirigir.

Essa metamorfose, promovida pelas práticas, que propõe Foucault acerca da constituição do sujeito é que pode ser um caminho para explicar e perceber a mudança promovida no estatuto da mulher com as políticas conservadoras. O postulado de Michel Foucault sobre a formação e constituição do sujeito instrumentaliza os modos pelos quais pensa-se a mulher católica, relacionando-a com a política. Ainda sobre a construção do sujeito, Michel Foucault (1995, p. 231) conclui: “Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma

<sup>91</sup> Os estudos feministas avançaram na discussão “do que é ser feminista”, deixando de negar que grupos de mulheres, com pouca ou nenhuma identificação feminista, tiveram nas suas lutas pautas que eram comuns de grupos que assumiam-se como feministas. O feminismo na sua vertente contemporânea admite o caráter político radical que algumas militantes tiveram ao longo da história, justificando suas trajetórias pela demarcação social que era necessária. Foi preciso que muitas bandeiras tivessem a marca da radicalidade para que a sociedade olhasse e pensasse nos direitos das mulheres. Porém, nos dias atuais o debate superou o radicalismo, admitindo muitos feminismos dentro do feminismo. Há ainda o importante debate de Susan Bordo sobre o lugar que os estudos feministas e as teóricas feministas ocupam na ciência, ela faz uma analogia com a obra de Simone de Beauvoir, afirma que a ciência é, ainda hoje, extremamente sexista. E, que relega o lugar de “outro” a estudos feministas. (BORDO, 2000, p. 8)

história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos”.

Essa forma totalmente nova de ser mulher que é atribuída à mulher católica remete a práticas antigas e historicamente desiguais, mostrando o fundar e refundar o sujeito (MANSANO, 2009), como dinâmica da sociedade do período. Isso coloca também a possibilidade de pensar como se cria um novo estatuto diante da política do período, um modo diferente de ser mulher que se inscreve nos padrões sociais e religiosos e que criam modelos rígidos de ser sujeito.

A cada nova atribuição que é dada à mulher, como sendo sua responsabilidade e seu papel, percebe-se o caráter pedagógico da época, sinalizando o que Foucault caracteriza como objetivação do sujeito em práticas divisoras e ele observa que “o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Este processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os bons meninos”. (FOUCAULT, 1995, p. 231)

As práticas divisórias estavam no modo como as mulheres eram retratadas e passavam a ser objetos dos textos dos periódicos. Desse mesmo modo, como as mulheres poderiam estar imiscuídas na política, ajudando no combate a um tipo feminino, extirpando maus hábitos e combatendo o comunismo<sup>92</sup>.

Engana-se quem pensa que a mulher idealizada pela Igreja e pelo Estado não tivera participação no combate à má política. Obviamente que as posições de comando, de mando, de controle e de protagonismo não estavam ocupadas pelas mulheres. No entanto, como a política estava assentada, configurada nas motivações que tinha a família como peça principal, a mulher ocupava um lugar considerável, o que assevera Ana Pessoa (2005, p. 164):

O regime salazarista desde cedo compreendeu a importância das mulheres e a necessidade de controlar, de forma exaustiva, o papel social que elas poderiam preencher. Para esse fim vai-lhes dar, sem que elas a tenham pedido, uma importância política que a República lhes tinha negado: concede o direito de voto e funções políticas a algumas delas e cria organizações femininas aparentemente autônomas mas, efetivamente subordinadas à orientação política do Estado.

---

<sup>92</sup> Ivana Guilherme Simili, ao estudar a trajetória de Darcy Vargas, mulher de Getúlio Vargas, presidente brasileiro, constatou que havia uma ampla atuação dela nas políticas assistenciais, inaugurando um novo modelo de mulher que pela conjugalidade com homens públicos, traçam novas perspectivas a questão do assistencialismo. “O trabalho sobre Darcy Vargas é um estudo feito na intersecção entre história das mulheres e história política. Por intermédio da personagem, busca-se mostrar como uma mulher - esposa e mãe - se relacionou com a política e participou dela. Na narrativa, o privado não foi abandonado, mas procurou-se apresentá-lo permeado pela política e refletido na trajetória pública da personagem, sobretudo nas obras assistenciais criadas a partir de 1930”. (SIMILI, 2008, p. 15).

A presença de algumas mulheres que compunham a elite feminina católica no governo irá dar outras vestes ao regime. As mulheres e seus temas passaram a ser assunto de Estado e estarão respaldadas pela formação feminina no governo de Salazar. Desse modo, vai sendo gestado o pensamento que todos estavam representados no governo, inclusive as mulheres que até aquele momento não participavam ou pouco participavam das questões políticas. É preciso lembrar que essa reivindicação que exigia o voto feminino iniciou-se antes da primeira república e percorreu uma longa trajetória, haja vista a presença de muitas reconhecidas republicanistas que tiveram suas pretensões frustradas pela ratificação sobre o voto ser e continuar sendo na primeira república unicamente masculino (LOUSADA, 2011).

Enquanto isso, nos bastidores do regime a polícia era orientada a reprimir e perseguir as rebeldes. De 1934 a 1974, as questões femininas, mesmo com a presença de algumas deputadas, mesmo que algumas mulheres pudessem ser eleitoras, não mudaria no que se refere à opressão sofrida. Como trata-se também de analisar a longa duração do cerco sofrido pelas mulheres e a longevidade das práticas repressoras, ilustra-se com o depoimento de Maria Teresa Horta<sup>93</sup>, uma das feministas perseguidas pela polícia política e que rememora em entrevista sobre os anos em que fora duramente agredida física e verbalmente, além de fazer uma conexão entre as desigualdades que vivera na infância, pelo fato de ser menina. O que ela observa está fundado em princípios excludentes; aos treze anos já questionava algumas verdades dadas da ordem vigente. “Comecei a achar estranho que perguntassem a todos os meninos que estavam ao pé de mim, o que queres fazer quando fores grande? E a nós, nada”.<sup>94</sup>

É certo que esse tratamento não era surpreendente, porém, em muitos grupos de mulheres, ele ensejou a luta, mostrando desse modo que há diferença entre as mulheres e suas condições e que as destoantes mostraram-se um perigo a sociedade. Conforme relata Horta:

Antes de lutar pelos direitos das mulheres, era preciso lutar contra a ditadura moralista, diz Maria Teresa Horta. Não se pode lutar pelo feminismo sem lutar pela liberdade, sublinha a escritora. Não éramos as feministas americanas, que tinham uma Constituição e uma democracia. Não, nós não podíamos ser nada em Portugal. As mulheres não podiam ser coisa nenhuma. Não tinham direito a nada. As mulheres de oposição ao regime lutavam sobretudo contra o regime, não de forma

---

<sup>93</sup> Maria Teresa Horta nasceu em Lisboa. Fez sua estreia na poesia em 1960. Ficou mundialmente conhecida pela perseguição que sofreu, devido a ser coautora do livro *Novas Cartas Portuguesas*, em 1971. A perseguição do Estado lhe rendeu um processo judicial e a acusação versava sobre o atentado a moral das mulheres.

<sup>94</sup> Entrevista RTP, em <http://www.dw.com/pt/as-mulheres-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-dos-cravos/a-17510615>.

autónoma. Muitas delas lutavam no seio do partido comunista. Outras por questões democráticas, de eleições.<sup>95</sup>

As palavras de Maria Teresa Horta são contundentes e incisivas. Ela afirma que as mulheres nada poderiam ser em Portugal na segunda metade do século XX (PINTO, 2003). A escrita de Horta serviria de catalisador das políticas de repressão engendradas pelo Estado Novo, à medida que modificavam a visão das mulheres sobre si e sobre as outras. Ao reviver aquele período, ela produz memória e sua memória fala muito das sistemáticas perseguições:

Vejo que o carro avança, tenta atropelar-me, eu fujo para dentro do passeio, ele para mais adiante. Dois homens saíram do carro. Correram para mim, deitaram-me ao chão. E começaram a bater com a minha cabeça no chão e a dizer uma frase espantosa que era ‘isto é para tu aprenderes a não escrever como escreves’.<sup>96</sup>

Os textos de Maria Teresa Horta pareciam esfacelar os pressupostos até ali estabelecidos sobre o que as mulheres liam e escreviam. “Minha senhora de mim” fora publicada em 1971, quase no final do regime, mas não deixa de criar furor e temor em grupos que a marginalizavam, enquanto mulher. A sua escrita proporciona o “vestir-se de si mesma, numa representação mais íntima da alma feminina, fazendo dos motivos do quotidiano uma amálgama de referências importantes” (SILVA, 2013, p. 9).

Essa escrita de si evidencia já no título o discurso de posse pressuposto pelo pronome pessoal “mim”, o que já se alardeia que há muitas mudanças em curso, e elas são também políticas. Ainda que o mundo vivesse todas as mudanças, transformações e revoluções e que a política repressora não pudesse manter amordaçadas as escritas, as lutas e resistências, o ano é 1971, mas poderia ser 1934 ou 1935. A questão da longa duração, das mudanças e permanências na história auxilia a perceber que nada era tão velho, tampouco nada era completamente novo, e que política ainda era coisa de homem ou apenas de algumas mulheres, aptas a hastear a bandeira da família e da pátria.

Entretanto, em parte esse consenso de que mulheres não entravam na política também se dá pelo caráter público e masculino que a vida política tinha e também pela tradição de que espaços e decisões públicas eram coisas de homem (SOIHET, 2012). No entanto, examinando com cuidado a documentação acerca da participação da mulher na vida política, através de publicações direcionadas ao público feminino, percebe-se que há um projeto político

---

<sup>95</sup> Entrevista RTP, em <http://www.dw.com/pt/as-mulheres-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-dos-cravos/a-17510615>.

<sup>96</sup> *Ibidem*.

importante a ser desempenhado pelas mulheres no campo político. É imprescindível evidenciar o modo pelo qual é entendida a participação política das mulheres.

Parte-se do pressuposto que os posicionamentos adotados pelas mulheres são formas de identificar-se no mundo, constituindo sujeitos distintos em algumas coisas, porém semelhantes em outras (SAFFIOTI, 1969). Por isso, alguns discursos encontraram terra fértil em alguns grupos de mulheres e resistência em outros. Essa visão dos sujeitos dentro da esfera política traz e dá às análises ora concebidas o caráter da multiplicidade. Como observa Louise Tilly (1994, p. 31):

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica, elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder. Mas, sobretudo porque, para o historiador, em função do processo permanente de estruturação social, assim denominado por Philip Abrams, as mulheres vivem e atuam no tempo.

Não se pode ver e refutar que a política determina todas as relações, cada ação correspondera a práticas que criaram identificações distintas dentro do corpo social num mesmo grupo, que erroneamente se caracteriza como uniforme. Nota-se, todavia, que algumas práticas eram comuns a todos os grupos femininos e que muitas estavam ligadas ao que o regime tentava passar como a mais indicada para a mulher, não diferindo, nesse caso, as opositoras das que não manifestavam qualquer desconforto com o lugar destinado à mulher naquela sociedade.

Por mais politizada e esclarecida que uma mulher fosse, não escapava ao cuidado dos filhos, à manutenção da casa e à submissão ao marido. E, nesse caso, não se distingue e nem se imuniza homens da direita conservadora e homens com outras inspirações políticas. Os dois grupos, com identificações e visões do outro completamente diferentes, comungavam das mesmas regalias dentro do espaço privado, em que tinham uma mulher a servi-los, “eram às crianças a que um texto da seção ‘Quem me avisa, meu amigo é’, da coluna feminina do *Jornal Novidades*”, refere-se:

A primeira criança que Deus deposita nas mãos da mulher que casa – é o marido. Olha bem pelo teu. As crianças perdem-se com facilidade e tropeçam no primeiro obstáculo que se lhes depara. Está sempre atenta como um anjo da guarda. Reza e vigia. (NOVIDADES, mar. 1950)



Esses homens, compreendidos pela escritora Maria de Carvalho, como crianças deveriam ser cuidados e vistos com zelo. Entretanto, há algumas possibilidades de análise desse discurso: Os homens são as crianças que estão na esfera pública, são os provedores, são os cidadãos de bem. Logo, se há algum homem que não reflita em sua vida essas qualidades, há uma grande parcela de responsabilidade da mulher. Esse imaginário repousa sobre uma forte base de sustentação discursiva. Desde os primeiros escritos sobre a mulher com uma função social, é relegado ao feminino o poder do bem e do mal, numa forma maniqueísta de escrever a história dos sujeitos e numa visão da mulher como fontes de maldades (ALGRANTI, 1993) e dádivas.

Na sociedade disciplinar, as mulheres ocupam lugar central; estão em um núcleo familiar para tomar conta dos filhos, do marido e ver os integrantes da família do sexo masculino sempre como crianças e cuidá-los (DUBY; PERROT, 1995). Entre o bem e o mal, a política instala-se com essa ideologia, no sentido de que há as boas e as más mulheres. Entre as boas, estarão as mulheres católicas cientes de seu compromisso social, e entre as más, estarão as que refutam a ideologia vigente ou por alguma motivação que não é possível intuir, não se enquadram completamente.

As conquistas implementadas com a Primeira República portuguesa foram aos poucos suprimidas<sup>97</sup>. As muitas identificações femininas passaram pela metamorfose discursiva e adquiriram *status* de “a mulher”. Irene Pimentel (2011, p. 32) advoga o uso do singular para tratar o tema, “pois para o ditador e o seu regime esta era encarada como identidade coletiva”. Dentro de uma visão de família, o indivíduo só era percebido dentro dessa forma agregada, tendo como a família núcleo central. Como observa Irene Pimentel (2011, p. 33):

Na constituição de 1933, expressão institucionalizada da ideologia salazarista, o indivíduo só existia através do agregado natural a que está ligado por natureza, a família e esta era considerada uma realidade primária e fundamental de toda orgânica nacional, na qual se fundava a ordem política e social. [...] A constituição da família assentava em três obrigações: no casamento e filhos legítimos; igualdade de direitos e deveres dos dois cônjuges quanto ao sustento e educação dos filhos legítimos; e no registro do casamento e do nascimento dos filhos.

Esse discurso ideológico era respaldado sempre pelo Estado como garante dos direitos básicos. Em tese, o Estado para o bem da família arcaria com seu dever de proteger os lares, a maternidade, criar o salário família e regulamentar impostos. Ao analisar os discursos de António Oliveira Salazar sobre a família pode-se entender os meandros de como as mulheres

---

<sup>97</sup> ESTEVES, João. Silêncios e feminismos. **Associação dos Professores de História**, Lisboa, [s.d.]. Disponível em: <[http://www.aph.pt/ex\\_assPropFeminina13.php](http://www.aph.pt/ex_assPropFeminina13.php)>. Acesso em: 10 mar. 2016.

tornam-se apenas mulher, no sentido que há na sociedade uma tentativa de uniformização e, em muitos aspectos, um retrocesso em termos de direitos já assegurados, como é o caso do divórcio. Em 1936 António Oliveira Salazar profere o seguinte discurso:

Aí nasce o homem, aí se educam as gerações [...] Quando a família se desfaz, desfaz-se a casa, desfaz-se o lar, desatam-se os laços de parentesco, para ficarem os homens diante do Estado isolados, estranhos, sem arrimo e despidos moralmente de mais de metade de si mesmos; perde-se um nome, adquire-se um número – a vida social toma logo uma feição diferente. (PIMENTEL, 2011, p. 34)

Essa feição diferente a que se referia António Oliveira Salazar eram as mudanças engendradas pela Primeira República<sup>98</sup> e, entre elas, o divórcio havia sido o protagonista. A desvirtuação moral estava relacionada com os aspectos liberais da política levada a cabo com a Primeira República. O individualismo, a identidade que criara o liberalismo, estava ancorado numa visão oposta à de Oliveira Salazar sobre os rumos do Estado. É nesse tom que Maria Cândida Parreira, uma das primeiras três deputadas da Assembleia Nacional fala:

Salazar pressentiu que para tal combate (contra a desmoralização) seria necessária energia superior à do homem. Onde iria encontrá-la? Só uma solução! A mulher cristã! [...] a mulher portuguesa! Salazar não hesita [...]. Escolhe as que podem colaborar, pela sua profissão, quanto à família, assistência e educação. E abre-lhes as portas da Assembleia Nacional. [...] A política é só para os homens, dizem. Porquê? Só se é por ela ser feminina, já que tantos por ela se apaixonam. A política tem muitas afinidades com a mulher: diplomata, sutil, ora submissa ora voluntariosa [...]. O fato de haver pela primeira vez mulheres no Parlamento não quer dizer que só haja mulheres políticas. A nossa história de oito séculos está cheia [...]. O auxílio da mulher tornava-se mais que necessário, tornava-se indispensável. Assim o entendeu o Chefe, assim o decretou! (PIMENTEL, 2011, p. 39)

É imperativo que se observe que o direito ao voto das mulheres portuguesas não foi uma conquista, mas uma concessão dada em forma de “decreto pelo chefe” (PIMENTEL, 2011, p. 39). António Oliveira Salazar percebeu que poderia agregar as que comungassem de

---

<sup>98</sup> Um aspecto que deve ser notado são os ideais que ensinam a República, igualdade, laicidade, um Estado que garanta o progresso social. Esses elementos são opostos a um regime totalitário. Todavia, há também outro elemento que subsidia a análise para uma política oposta, a imagem feminina que a República remete, mostrando que a mulher é um ator social. Ao estudar a imagem da República, Maitê Peixoto aponta para as questões relacionadas ao gênero. A República é sempre uma mulher. Em um minucioso estudo sobre a imprensa operária brasileira em comparação com imprensa operária francesa, a autora discorre pelos muitos femininos que são atribuídos a República. Ela pode estar identificada com uma mulher do povo, com uma cortesã, com uma mulher madura. Como observa Maitê Peixoto: “Na imprensa operária do Brasil, essa personagem é sempre representada como uma mulher do povo, seja ela jovem ou madura. Contudo, na série de imagens coletadas sobre a imprensa francesa, essa figura é mais recorrente na forma de cortesã. Portanto, seus gestos são mais livres e o decote e seu vestido mais profundo, o que acaba por mostrar um pouco mais a forma dos seus seios”. (PEIXOTO, 2016, p. 183)

seus valores, fechando o panótipo<sup>99</sup> que era seu governo. As mulheres poderiam estar em lugares importantes para a implantação de um novo modelo social.

Esse outro modelo estava afinado com alguns propósitos da Igreja e das mulheres católicas, caracterizando assim, uma política de moralização da sociedade e recristianização das portuguesas. O que foi colocado em questão pelos opositoristas em um artigo do Jornal República, em 4 de fevereiro de 1936. A presença de mulheres católicas na política era mal vista pelos opositores que ratificavam o veto ao sufrágio feminino, por serem as mulheres apegadas a velhas tradições, não colaborando para a modernização da sociedade (PIMENTEL, 2011, p. 40).

Dentro dos ideais de família propostos por António Oliveira Salazar e capitaneados pela Igreja, a mulher participava ativamente. A maternidade, a gestão do lar, a economia doméstica e a vida dentro dos preceitos religiosos cristãos eram valores da política e deveriam estar sob os auspícios das mulheres. É nessas pastas e secretarias que as mulheres irão estar a serviço da política de restrição dos espaços ocupados pelo feminino, fazendo apologia da volta da mulher ao lar.

As que estivessem fora desses ideais eram sistematicamente perseguidas e penalizadas. Notável ficou o caso de Maria Izabel Aboim Inglez, uma das muitas vozes femininas destoantes, e que tem em sua biografia muitas páginas do que foi a repressão do Estado Novo. Formada em Ciências Histórico-Filosóficas, ficou conhecida por fundar o liceu Fernão de Magalhães, que em 1949 foi fechado pela PIDE. De 1943 a 1945, lecionou na mesma faculdade que obteve sua formação, sendo demitida pelas suas ideias políticas e sua oposição ao regime.

---

<sup>99</sup> Conceito desenvolvido por Jeremy Bentham e utilizado por Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*: “A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda parte; ‘Um corpo de milícia considerável, comandado por bons oficiais e gente de bem’, corpos de guarda nas portas, na prefeitura e em todos os bairros para tornar mais pronta a obediência do povo, e mais absoluta a autoridade dos magistrados, ‘assim como para vigiar todas as desordens, roubos e pilhagens’. Às portas, postos de vigilância; no fim de cada rua, sentinelas. Todos os dias, o intendente visita o quarteirão de que está encarregado, verifica se os síndicos, cumprem suas tarefas, se os habitantes têm queixas, eles fiscalizam seus atos. [...] esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. [...] O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre, outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar”. (FOUCAULT, 1987, p. 164-165)

Maria Izabel Aboim Inglez foi convidada a dar aulas de Filosofia no Brasil, mas foi impedida e teve seu passaporte suspenso. Igualmente impedida de dar aulas particulares, sustentou-se com um ateliê de costuras que montou em sua casa até 1960, ano da sua morte. A breve biografia de Maria Izabel Inglez está explicitada para corroborar a ideia de que nem todas as mulheres estavam sob a mesma visão e que muitas tiveram suas vidas devassadas pelo regime, sobretudo as que se opusessem ao que era visto como dever natural da mulher.

No caso de Maria Izabel Aboim Inglez havia ainda o agravante de ter apoiado publicamente a candidatura de Norton de Matos<sup>100</sup>, o qual teria uma pauta específica para as mulheres, além de ter criado uma Comissão de Apoio às Mulheres para integrarem seu governo e não hesitou em apresentar um programa que estaria ajustado a velhas reivindicações das mulheres: “[...] abolição do regulamento da prostituição, salário igual para trabalho igual, equiparação política para ambos os sexos, assistência social para todas as mulheres independentemente de crenças, credos políticos, e estado civil e sufrágio universal”. (BARRADAS, 2004, p. 30)

O que difere as mulheres – trabalhadoras, as donas de casa, as professoras, as escritoras, médicas, advogadas, as católicas e as não católicas – inscreve-se na identificação não fixa do gênero, operando politicamente na divisão dos sujeitos, como marcadores sociais. E isso fixará normas regulatórias ritualizadas, conforme cada lugar que ocupa a mulher ou os grupos de mulheres e também conforme o local em que estarão inseridas. Como observa Joan Scott (1994, p. 13):

Daí se segue que o gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente mudanças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida. Não podemos ver a diferença sexual a não ser como função de nosso saber sobre o corpo

---

<sup>100</sup> “Militar e político português, nasceu em Ponte de Lima. Depois de frequentar a Universidade de Coimbra, cursa a Escola do Exército em Lisboa e é colocado como alferes no regimento da cavalaria n.º 4. Parte depois para a Índia (1898), onde organiza os cadastros das terras. Regressa a Portugal aquando da proclamação da República e adere ao novo regime. Em 1911 é chefe do Estado-Maior e em 1912 aceita o cargo de governador de Angola. Graças à sua experiência colonial é nomeado, em 1915, ministro das Colónias. Quando se dá o golpe sidonista exila-se em Londres, e depois da morte de Sidónio regressa ao país, retomando os seus cargos. É delegado de Portugal na Conferência de Paz de Paris, em 1921. Posteriormente é promovido a general e nomeado alto-comissário em Angola, onde procura beneficiar a região com novas estruturas. De 1924 a 1926 exerce, em Londres, o cargo de embaixador, mas a revolução de 28 de Maio de 1926 afasta-o do cargo que ocupara brilhantemente. Adversário do regime salazarista, apresenta a sua candidatura à presidência da República nas eleições de 1948, juntando à sua volta um núcleo de resistência à ditadura. Perdidas as eleições, retira-se da vida política. Foi Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa e são numerosos os trabalhos que publicou, como por exemplo: "A província de Angola" (1926) e "Memórias e trabalhos da minha vida" (1943-46), 2 vols”. Disponível em: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc/Autores/galeriaautores/nortonmatos](http://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/galeriaautores/nortonmatos)

e este saber não é puro, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos. A diferença sexual não é, portanto, a causa original da qual a organização social possa ser derivada em última instância – mas sim uma organização social variada que deve ser, ela própria, explicada.

Mas o saber sobre o corpo feminino em Portugal e o lugar que esse corpo ocuparia na sociedade fora objeto de controle do Estado; é o discurso reiterado no corpo pelo discurso da Igreja, que encontra guarida numa pequena elite composta por mulheres com algum grau de letramento e que discute sobre os muitos temas que compõem as aflições do período dessas mulheres que estão fora do eixo político.

Haveria, portanto, uma dilatação do conceito “mulher” para as que não estivessem afinadas com a política. A mulher e seus preceitos cabiam num escopo muito estreito, por isso havia a necessidade de debater sobre a participação da mulher na política. As dúvidas pairavam, no entanto a imprensa católica e a imprensa católica não oficiosa, sempre que podiam, expressavam e reiteravam suas razões e descontentamentos com a mulher na vida política. Todavia, algumas exceções eram sempre postas em causa. A mulher católica solteira e que tenha já vida fora do lar deve estar atenta à política e sempre obedecer o que o Estado propõe como ideal para o feminino. Nesse caso, a mulher teria utilidade combatendo as oposições ao Estado Novo e propalando a boa política.

Foi com esse viés que Maria de Lourdes da Cunha d’Eça escreveu à Revista Alleluia, em conferência realizada na Casa de Retiros de São Mamede, em Lisboa, por iniciativa da Liga Independente Católica Feminina. Com três eixos centrais, ela dividiu sua fala: “1) Tem a mulher católica uma missão política no país? 2) Tendo-a como desempenhar? 3) Haverá alguma doutrina que a mulher católica não deve acatar?”. Nessa conferência publicada na Revista Alleluia (jan/mar. 1949), percebe-se uma mudança discursiva na primeira parte:

Vê-se através da história, a preocupação crescente sobre a igualdade dos sexos e a Igreja Católica pode afirmar ter sido Ela a primeira a proclamar essa igualdade, no sentido de dignidade. No cristianismo, a mulher, tanto como o homem, tem direitos e deveres. A igualdade na moral, no casamento, na autoridade sobre os filhos, é a mesma. Escuso, evidentemente, falando para o meio L.I.C.F., de citar imperativos da Igreja quanto a submissão da mulher ao marido porque, sendo o homem o chefe da família (função social) é natural que, com mútua compreensão alguém dirija, pois é necessário um chefe, em todo agrupamento social. Isto em nada altera os direitos, nem põe em jogo a dignidade da mulher.

Nota-se, contudo, que há um paralelo entre a pretensa igualdade e as práticas femininas: a chefia da família é competência do homem e tratada como fato natural, embora em outros aspectos a autora sublinhe que há deveres e direitos para ambos os sexos. Todavia,

percebe-se nessa análise uma roupagem tradicional, mas que enuncia algumas mudanças discursivas, invocando direitos às mulheres ou apenas assinalando uma igualdade, o que não era perceptível em outros discursos.

Isso auxilia a esclarecer e a admitir certas mudanças no pensamento católico corrente no que concernia às ações, direitos e deveres femininos. Salienta-se, contudo, a repercussão e a influência que esse pensamento tinha entre as mulheres que não faziam parte desse grupo diminuto de escritoras. Essas mulheres que partilhavam seus textos tinham um capital social e cultural e usavam conforme podiam. Elas detinham cadeiras na política e eram no pensamento político da Igreja.

Essa análise contribui para perceber a configuração e para pensar a matriz intelectual que estava subjacente à Igreja e ao Estado e que constitui um amplo projeto pedagógico para as mulheres e que forma também uma matriz cultural baseada em protótipos. O periodismo católico, representado pelas revistas, que eram majoritariamente dirigidas por mulheres, muda e desloca o olhar sobre a política; ora política era coisa de homem, ora a presença da mulher como eleitora cristã moralizava os aspectos da vida pública.

No século XIII o Papa Inocêncio IV diz: ‘Em todas as assembleias plenárias de leigos devem ser chamados todos aqueles que atingirem 14 anos, homens ou mulheres, raparigas, mulheres casadas ou viúvas’. Por aqui, se vê claramente a orientação da Igreja, quanto aos direitos da mulher. E se remontarmos um pouco na história dos tempos, vemos o papel importantíssimo do cristianismo na dignificação da mulher. A par da Igreja vemos, num caminhar lento, o homem reconhecer também, direitos à mulher. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

A mudança discursiva aí faz-se clara: nesse trecho a autora cita um Papa medieval para mostrar que a querela sobre direitos iguais é antiga e que já era admitida pela Igreja no medievo, o que demonstra também que na formação do pensamento católico feminino a igualdade também era pauta e que não havia coesão completa entre as mulheres que integravam essa pequena elite. Não eram apenas pró-governo, como supunha-se, o que de certa forma as liga às feministas católicas da França. Como observa Virgínia Baptista (2016, p. 38):

Perante esta diversidade de posições das mulheres refirmamos que, em França, a maioria das feministas eram católicas e as relações entre os movimentos dos trabalhadores e as feministas eram esporádicas. As feministas católicas nos anos 20, do século XX, continuaram a tradição que vinha desde 1890 e exigiram proteção e auxílio estatal para as trabalhadoras, com o fim de preservar a função das mulheres nas famílias das classes trabalhadoras.

Sublinha-se que essa proteção requerida pelas feministas católicas na França nem sempre estava em sintonia com as verdadeiras necessidades das mulheres trabalhadoras. As contradições diziam respeito a muitos âmbitos, desde a licença maternidade, que praticamente inexistia e fora pensada apenas com a criação do Estado providência, até os abusos sofridos pelas mulheres em relação aos patrões, assim entendidos as longas jornadas e abusos sexuais, ao que muitas não denunciariam. Igualmente muitas preteriam a proteção do Estado, como constatou Elina Guimarães<sup>101</sup> em seu discurso “O trabalho feminino”:

Até aqui julgava-se que esta regulamentação representava o sistema ideal para a mulher – tanto que as associações feministas a incluíram nos seus programas. Porém da parte das próprias mulheres assim legalmente protegidas esboça-se e acentua-se cada vez mais um protesto contra essa proteção. E expôs a questão chave para as mulheres – o agudizar da pobreza a que as leis as conduzia com consequências mais nefastas do que as do trabalho livre. (BAPTISTA, 2016, p. 38)

Embora tenha sido uma luta árdua, a reivindicação pelos direitos das mulheres também atingiu o núcleo católico em Portugal. Não eram poucas as denúncias feitas através das páginas das revistas sobre as condições das mulheres em Portugal; vê-se nesse levante em prol dos direitos a melhores condições para as mulheres um posicionamento político antagônico ao *status quo* que defendia que tudo estava bem para todos os portugueses. Alinhado com o discurso sobre a mulher na vida política de Maria de Lourdes da Cunha d’Eça:

Apesar disto, consultando a literatura do tempo, quase sempre tradução do espírito da época, nota-se a relutância do homem em proclamar a igualdade referida, entre o Homem e a Mulher. Assim vejamos: Rabelais referindo-se as mulheres, diz: - ‘Quando digo mulher digo um sexo tão frágil, tão variável, tão inconstante e imperfeito que parece que a natureza se extraviou’. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

Maria de Lourdes d’Eça irá complementar a tese de Rabelais sobre a mulher com as palavras de Shopenhauer: “A mulher forma um degrau intermédio entre a criança e o homem o qual é, a bem dizer, o único gênero da humanidade”. Embora essas visões depreciem a mulher, o texto de Maria Lourdes d’Eça é contrário a essas citações que fez na Revista. Maria de Lourdes d’Eça faz reivindicações sobre os direitos e a dignidade da mulher, o que é um paradoxo devido às citações que presumem uma inferioridade natural da mulher. Ela irá compor seu argumento da seguinte forma: “Embora se torne difícil aos homens ver através do prisma da Igreja, no entanto, já porque a vida o impõe, já porque as mulheres, numa

---

<sup>101</sup> Elina Guimarães (1904-1991) foi jurista, escritora e feminista.

afirmação consciente da sua dignidade assim o reclamam, a igualdade de facto tem a sua realização nos tempos contemporâneos” (ALLELUIA, jan/fev/mar 1949). A palavra igualdade antes refutada, passa a ser um dos temas das revistas femininas católicas. Embora, quase sempre escrita de maneira velada, entre um ou outro argumento mostrando que a mulher deve submissão ao homem, aos poucos ela entra em cena.

O estado das coisas, mesmo que timidamente, iria modificando. Maria de Lourdes d’Eça observa:

Em quase todos os países civilizados a mulher tem direito a voto. O seu acesso as universidades, o desempenho de profissões, chamadas liberais, e até os de altos cargos ministeriais, tornaram a sua influência bem evidente. As novas condições de vida fizeram-na armar-se para lutar com as dificuldades. Em todas as classes vemos, depois de 1914, algumas mulheres tomaram o lugar de chefes de família, assumindo, pois, graves responsabilidades. Nas fábricas, nos campos e no comércio a mão de obra é, em grande parte, feminina. Nos escritórios e no ensino é frequente encontrar raparigas a desempenhar com igual competência os cargos que ali pertenciam quase exclusivamente aos homens. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

O artigo de opinião de Maria de Lourdes d’Eça assinala um novo tempo e uma nova forma de pensar a mulher dentro do quadro católico. Ele afirma que a mulher está no mercado de trabalho, que em outros países tem sua cidadania reconhecida através do voto, o que em maior ou menor grau, opõe-se ao regime. A imagem da mulher dentro do lar, como a grande gestora doméstica irá criar fissuras, difíceis de remendar. A realidade aparecerá em poucos textos de cariz católico, mas esse texto coloca tem relevo algumas possibilidades de pensar a mulher e suas reivindicações:

Espalhadas por toda a parte, elas poderão desenvolver uma atividade moral e social de tão grande alcance, que ao surgirem desordens sociais e agitações políticas, logo as mulheres serão disputadas, como fatores de grande plano. Que formação, que clareza de ideias, que prudência, não precisam essas Mulheres para, sem enjeitarem o feminismo natural e cristão, sem se deixarem atrofiam por preconceitos inúteis, nem embalar por doutrinas enganadoras, conseguirem velar pelos seus direitos e conservar a sua dignidade que elas somente de Deus receberam e em Deus possuem. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

Essas argumentações fazem parte de um pensamento que precisa ser analisado; são as mulheres com pensamento cristão que reivindicam direitos e melhores condições a toda população feminina. Com a chancela da moral, elas conseguem de alguma maneira penetrar dentro da imprensa, buscando um outro lugar para as mulheres. Esse lugar não tomará, obviamente, o lugar dos homens, mantendo, portanto, os preceitos bíblicos e morais. Entretanto, já é um avanço quando textos dessa ordem contrapõem discursos mais enrijecidos



pelo conservadorismo e política autoritária. A autora desse texto, Maria de Lourdes, justifica sua posição da seguinte forma:

Mais uma vez a Igreja viu a necessidade de esclarecer e orientar os seus filhos, não porque Ela quisesse imiscuir-se na política, mas porque, como é bem de ver, assuntos de tão grande plana têm os seus aspectos morais e tocam nos pontos mais profundos da doutrina católica. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

Essa doutrina católica a que se refere a autora do texto está embasada no pronunciamento do papa Pio XIII às italianas sobre o tema “A mulher na vida política”. Essa fala estará diretamente ligada aos deveres sociais e políticos das mulheres. Segundo o Papa Pio XIII, a entrada da mulher na vida pública, fez-se abruptamente, causando muitos prejuízos ao cerne da sociedade: a família. Porém, há um elemento basilar na palavra do Papa, as mulheres não católicas. Conforme sua exortação, as mulheres não católicas estão decidindo e impondo regras à sociedade, o que deixaria reféns as mulheres católicas. E ele pergunta:

[...] Deixareis por acaso a outras, àquelas que se fazem as promotoras ou as cúmplices do lar doméstico, o monopólio da organização social da qual **a família é o elemento principal**, na sua unidade econômica, jurídica, espiritual e moral? Cada mulher, sem exceção, tem portanto, ouvi bem, o dever rigoroso de consciência de não se ausentar, de entrar em ação nas formas e nos modos que se conciliam com a condição de cada uma, para conter as correntes que ameaçam o lar, para combater as doutrinas que arruinam seus alicerces, para preparar, para organizar, executar a sua restauração. Não resta pois, a menor dúvida que a mulher católica tem uma missão a cumprir na política do seu país. (ALLELUIA, jan./mar. 1949) [grifo no original]

Essa missão política estava intrinsecamente ligada a questões da mulher e sua atuação no espaço público. Também está ligada àquilo que Michelle Perrot (1992, p. 169) analisou nas palavras do Padre Mercier: “É um sexo que se chama frágil e no entanto exerce, seja sobre a família, seja sobre a sociedade, uma espécie de onipotência tanto para o bem como para o mal”. A dimensão da vida privada reverbera em uma face do poder, conferindo à mulher uma atenção por parte do Estado e da Igreja no que se refere “à ordem natural das coisas e dos sujeitos”, e nisso a mulher teria uma missão. A questão é posta: “Como desempenhar essa missão? A mulher católica pode influir na política dum país de duas maneiras: Directamente ou Indirectamete”. (ALLELUIA, jan./mar. 1949).

Essas duas questões serão expostas de maneira a dar ao leitor a consciência do seu papel e de sua responsabilidade social. Mesmo que existam mulheres dentro da política portuguesa, elas ainda são em número pequeno, conforme já explicitado. A matéria sinaliza que dentro do corpo editorial há colaboradoras que sugerem a participação política de todas as

mulheres, através do voto. Isso mostra que há mudanças em curso, inclusive em alguns paradigmas consolidados sobre a política que as mulheres católicas, como Maria de Lourdes observa:

Acrece ainda que, como todos nós sabemos, noutros países muitos são já os cargos políticos exercidos por mulheres, o que nos leva a concluir que, num futuro mais ou menos próximo, os casos hoje raros da interferência feminina na Política do nosso País, virão a generalizar-se. Hoje, segundo a vigente legislação, quando a mulher por circunstâncias da vida, assume o cargo de cabeça do casal tem o direito de votar e portanto, nos nossos tempos, a obrigação de o fazer. Se até há pouco, por inconsciência ou ignorância, preguiça ou egoísmo, aquelas que tinham esse dever não o cumpriram, hoje creio que o farão. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

A interlocutora fala às mulheres. Usa a palavra escrita para veladamente reivindicar o voto, chamando à responsabilidade política para o campo feminino, sobretudo para as mulheres católicas, que tinham uma ampla missão dentro da esfera política, como faz saber e enumera os motivos da mulher estar à frente, revelando uma noção determinista da mulher:

Fá-lo-ão por dois motivos: 1º - porque sendo católicas e sabendo que a ação social depende da legislação e esta é feita pelos homens, interessa evidentemente a escolha destes. 2º- porque consciente e sensata ela (mulher católica) quererá sempre evitar a luta de classes e portanto oporá o seu voto a qualquer tendência de dominação absoluta e egoísta, seja ela qual for. Claro que, para evitar esta luta de classes e em obediência aos difames da justiça que nos devem orientar, nós, católicos, temos de tomar conhecimento das reformas sociais que se impõem e devemos trabalhar para o bem estar terrestre da humanidade, pondo de parte o comodismo e egoísmo, apanágios da época, sacrificando mesmo convenções e concepções muito arraigadas ao nosso meio. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

As palavras de Maria D'Eça caracterizam alguns traços, os quais não podem ser negligenciados. Alguns núcleos de mulheres católicas foram um forte cabo eleitoral para António Oliveira Salazar, que contava com forte oposição entre outros setores femininos, o que se dá a conhecer na candidatura do general Norton de Matos, em 1949. Concorrendo contra o general Óscar Carmona, apoiado pela Unidade Nacional (UN) e pelo governo. As apoiadoras de Norton de Matos levantaram as bandeiras da democracia e tinham uma forte identificação com movimentos feministas. Por isso, a imprensa católica investe em alguns textos voltados para a mulher e a política, destacando a questão do comunismo, do marxismo e de teorias perigosas que estavam conectadas com esses eixos. Nessa perspectiva, em desagravo a má política, as mulheres escrevem para normatizar sua atuação no campo político:

[...] Pois que a maioria de nós, casados e materialmente independentes, não terão que atuar diretamente na política, mas poderão fazê-lo indiretamente. As mulheres de formação católica, pertencentes ao meio L.I.C., sabem perfeitamente que tanto na educação que dão aos seus filhos como na orientação que imprimem nos seus lares, podem ter a maior influência o futuro político do seu país. Senão vejamos. Uma mulher católica que educa os seus filhos nos são princípios (tanto pelos seus exemplos como pelas palavras de cada instante) e lhes mostra claramente os seus deveres sabe, de antemão, em regra geral, que os prepara para uma vida de rectidão que os afastara de qualquer doutrina política, menos justa ou contrária aos princípios da Igreja Católica. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

A necessidade de atrelar a boa política ao ideal da Igreja é sempre recorrente, o que também pode ser respaldado e exemplificado novamente pela candidatura do general Norton de Matos, nas eleições de 1949. A mobilização de alguns núcleos femininos católicos, capitaneados pela Ação Católica Portuguesa, denunciou as mulheres que apoiavam o general Norton de Matos nos comícios. As organizações femininas católicas denunciavam “o caráter subversivo, antinacional, comunista e anticatólico da campanha oposicionista e também realizaram uma missa de desagravo pelos alegados insultos a nossa Senhora de Fátima” (PIMENTEL, 2011, p. 43), o que em certa medida pairava sobre a questão da instrução “correta” feminina. Os grupos femininos católicos eram favoráveis e lutaram pela instrução, pois havia o consenso que a mulher deveria estar instruída para educar seus filhos e manter uma relação harmônica com o marido. A instrução certa livraria, inclusive, dos perigos políticos:

O problema da educação é, como se vê, fundamental e para aquelas que não estejam convencidas disto, lembro-lhes que certas doutrinas têm, como princípio basilar, a entrega da educação dos filhos ao Estado, sem permissão de intervenção dos pais. Melhor e mais depressa do que nós, esses doutrinários absolutistas perceberam a influência e o valor educativo do país. Na nossa vida, no nosso meio, parece-nos à primeira vista que nada temos a fazer com a política do país que quase todos sentimos algo que nos faz dizer: ‘a mulher não se deve meter na política queremos dizer: fazer conluíus, ter discussões estéreis e apaixonadas que não são da nossa conta, então é melhor nos abstermo-nos’. (ALLELUIA, jan./mar. 1949)

A iniciativa de escrever sobre a mulher na vida política estava pautada por entender que muitas mulheres poderiam ter comportamentos indolentes e por isso a advertência era marca indelével dos textos endereçados às mulheres. Ressaltar que política era coisa séria e que a sociedade vivia um momento em que os perigos de outras correntes políticas rondavam, era sempre uma premissa que não poderia faltar. Estar atenta, sem ser notada, poderia ser a salvação de muitos maridos, o que de certa forma reforçava e engrossava as fileiras de peças do regime. Contar com alguns setores de mulheres católicas fora vital para a manutenção de uma longa ditadura. Como afirma Irene Pimentel, ao observar a fala de Fernanda Jardim na

Rádio Clube Portuguesa e seu clamor: “Queremos Salazar porque queremos Portugal cristão”. Nessa prerrogativa, segue o texto da Revista Alleluia (jan./mar. 1949):

Mas que devemos abrir os olhos e que no advento de novas doutrinas temos que nos esclarecer e nos orientar, é também fora de dúvida. Uma vez esclarecidas poderemos sempre influir no nosso meio. Nos pais, nos parentes, nos amigos e principalmente nos maridos que, às vezes interessados apenas com a indústria, comércio ou arte a que se dedicam, não se lembram do papel importantíssimo que lhe cabe. Mas não nos admiremos depois que haja quem ache que só por meios violentos se podem modificar certos costumes e instituições. O egoísmo, o interesse e a inconsciência, são defeitos predominantes do nosso tempo. Nós católicos, temos que, com generosidade, obedecer a lei de Cristo: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”. Se todos cumpríssemos este mandamento quantos males evitaríamos? Sejamos tolerantes nas modificações que pareçam necessárias mas intransigentes quanto aos princípios da moral cristã. Mais uma vez repetimos sumariamente o que tantas vezes tendes ouvido: **A nossa vida de família, a nossa vida de sociedade, a nossa vida, em geral, mostrarão a nossa moral e se os nossos hábitos e costumes não se afirmarem, poderão indiretamente influir na política pois que, dos desregramentos duma classe, nasce a revolta doutra.** [grifo no original]

Desse modo, como infere a interlocutora, as mulheres poderiam influir em seus meios, sendo porta-vozes da “boa política”, barrando ideias oriundas de teorias subversivas e que poderiam colocar em perdição o estatuto de ser mulher. Essa preocupação estará conectada com uma política de Estado, na qual a teoria comunista era sempre uma ameaça, portanto alguns membros da direita radical publicavam e algumas mulheres eram reféns desse discurso, que todos deveriam lutar pelo fim do comunismo, inclusive elas. Como é possível perceber, o comunismo, como acontece contemporaneamente, ainda embala muitos imaginários.

## 2.1 AS MULHERES CATÓLICAS NO COMBATE AO COMUNISMO

Eram muitos os perigos que ameaçavam a ação pedagógica do Estado em relação às mulheres, porém dentro da esfera política destaca-se o “perigo vermelho”. Desse modo, enfatiza-se que o comunismo fora um dos grandes agentes de mobilização das massas, no sentido que os sujeitos foram chamados a lutar contra ele. O perigo comunista é alardeado como um dos mais nefastos males à vida da mulher católica e contraria peremptoriamente as leis de Deus. É sobre esse tema que o Jornal Novidades dedica-se quando publica a matéria “As mulheres e o comunismo”:

Nenhum sistema social, mesmo dos mais precários, pode ferir tanto a mulher, nos instintos naturais do seu ser e nas espontâneas aspirações da sua alma, como o comunismo. Começa por roubar-lhe Deus, a Pátria e família. E nada pode substituir,

na sua vida e no seu coração, essa trindade excelsa, que dá força a sua fraqueza e sentido aos seus sacrifícios. (NOVIDADES, 20 de março de 1950)

O comunismo, não raro, era tema do Jornal Novidades, que contava com as homílias do Papa Pio XI para corroborar a luta contra esse mal social. Na seção “Ação e Conversa” de outubro de 1946, o artigo “Contra o Comunismo” assevera: “Definiu Pio XI o comunismo como o maior flagelo dos nossos tempos”. E essa movimentação editorial em torno do comunismo era exemplificada por filósofos, que, segundo o jornal, eram seguidores da doutrina: “O suicídio de Antero e a loucura de Nietzsche fazem parte da série inumerável de perdidos para o mundo, mas primeiro para si nos caminhos que afastam de Deus”.

O caráter agnóstico do comunismo é das primeiras condenações que o matutino Novidades faz ao sistema comunista, pois a esta primeira negação da divindade corresponderão as demais, como a pátria e a família, e os seus malefícios são infindáveis à vida da mulher. Esse discurso é avalizado por Plínio Salgado<sup>102</sup> (1949, p. 9), que a esta altura faz incursões pelo país divulgando o seu livro “A mulher do século XX” (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2015, p. 139), no qual ele escreve: “Este livro é dedicado às mães, esposas, noivas, irmãs, da nação portuguesa e da pátria brasileira. Escrevi-o como filho, esposo, pai e irmão. Escrevi-o como homem do meu tempo e o mais ínfimo dos discípulos d’Aquele que é o maior dos mestres”.

Segundo o Jornal Novidades (20 mar. 1950), “mais lógica do que ao homem como diz Plínio Salgado, a mulher se destroem a sua fé, vai, em geral, às extremas conclusões. E, diz ele ainda, ‘corre atrás de uma liberdade ilusória, caindo em degradantes formas de escravidão’”. É verdade que a citação está sem sintonia nas frases, mas fora transcrita tal qual. Entretanto, fica-se com a parte mais relevante, a “liberdade ilusória”: o comunismo traz à mulher do Século XX uma liberdade ilusória, como as demais doutrinas que expurgam Deus de sua teoria principal. Não há Pátria decente sem Deus e os preceitos católicos. Esses discursos estarão sendo difundidos no periodismo católico durante a estadia de Plínio Salgado em território português.

As formas de escravidão a que Plínio Salgado se referia são as registradas nos seus escritos: a vida moderna e modernidade. Nessa modernidade, a característica que mais é refutada pelo líder do integralismo é a futilidade, que será persistentemente condenada como um dos grandes males da vida moderna e que terá como principal vítima a mulher incauta.

---

<sup>102</sup> Plínio Salgado, foi o principal expoente do Integralismo Brasileiro. Ver: BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o integralismo e o problema de descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85-101, 2001.

Além da futilidade, outro grande problema é a masculinização. O crescimento das mulheres no mercado de trabalho também propiciava o surgimento de um outro estereótipo feminino, o feminino masculinizado. Ele tanto fala da masculinização que dedica uma parte do seu livro a tratar do equilíbrio que ele julgara necessário na vida da mulher, estabelecendo uma correlação entre o soldado e a boneca, ao que vaticina: “Nem a mulher soldado, nem a mulher boneca”. (SALGADO, 1947, p. 73)

Em agosto de 1946, o Jornal Novidades anuncia que Plínio Salgado estivera em Portugal e que já havia regressado a sua terra, mas que deixara várias lições ao povo português, entre elas, separar o sim do não. Com depoimentos sobre suas leituras, dissera que conseguiu fugir das leituras próprias do materialismo, pois cedo entendeu as dimensões espirituais e o perigo que rondava algumas teorias.

A bandeira de Plínio, segundo a manchete declara, era “combater o comunismo: Mediante as formas agnósticas duma política utilitária e sem Deus não é somente um erro, mas uma imoralidade”. As matérias que uniam comunismo à imoralidade eram vastas e na ocasião que Plínio Salgado estivera em Portugal, elas foram mais recorrentes. Ele atribuía às teorias materialistas a perdição e libertinagem feminina, como afirma: “Perdidos os fundamentos espiritualistas e cristãos da vida humana, tornou-se impossível compreender a alma feminina e o papel que pertence a mulher na família, na sociedade e na nação” (SALGADO, 1946, p. 21).

Essas declarações articulavam-se com os discursos dos jornais católicos portugueses, portanto algumas personalidades, como Plínio Salgado, foram tão louvadas nas páginas dos jornais pela moralidade cristã e o combate ao comunismo. No que concerne às matérias, um recorte importante do discurso do Jornal Novidades direcionado à mulher é a que de alguma forma cria a responsabilidade na mulher de “amar a pátria”, novamente articulado com os teóricos que vaticinavam que as mulheres tinham um papel fundamental na nação. E isso fora também ao encontro do discurso estatal, porque se existe uma peculiaridade e uma característica a destacar é o fato do Salazarismo ter inaugurado um discurso para mulheres de amor à pátria e fidelidade ao seu líder António de Oliveira Salazar.

Em fidelidade à Pátria e António de Oliveira Salazar, alguns discursos ganham as páginas dos jornais, como era o caso do combate ao comunismo explicitado por Salgado, mas nem todas as revistas usaram o mesmo tom ao abordar o tema, a Revista Alleluia (jan./mar. 1949), por exemplo, fará um esclarecimento sobre a política com a matéria: “Haverá alguma doutrina que a mulher católica não deva acatar? Essa matéria terá um certo comedimento, prevendo o respeito ao outro, mediante suas escolhas políticas:

Toda e qualquer doutrina política tem os seus simpatizantes e nós, no século XX, não podemos, só por simpatia, apodrar de criminosos os que são contrários à doutrina política de que gostamos. Nós não podemos esquecer o fim para que fomos criadas e quando digo nós quero dizer católicas! A nossa doutrina cristã é toda baseada sobre este mandamento “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos” Amando a Deus com todo o nosso coração, vivendo uma vida de fé, como poderíamos nós acatar qualquer doutrina que negasse a existência de Cristo, ou perseguisse a nossa fé? Querendo ter como guia a virgem santíssima, como poderíamos seguir uma doutrina política que, de qualquer forma, diminuísse a nossa dignidade ou nos levasse a negação de vida espiritual e moral da humanidade? Sei que várias confusões se formam e que um desconhecimento quase absoluto das doutrinas políticas fazem com que nós, Católicos, digamos por vezes algumas incoerências e, perdoem-me a franqueza, digamos mesmo algumas asneiras. Eu própria vou confessar o que há quatro anos disse numa conversa sobre política. Eu sou católica e sou também sob certos aspectos comunista. Claro que me englobo no número das que falam sem saber e por isso dizem asneiras. O que me levava a falar assim era o desconhecimento sobre o que era comunismo.

A redatora escreve num tom intimista, assinalando também a sua ignorância perante alguns sistemas, porém, ao fim e ao cabo, condena o comunismo, sublinhando que muitas mulheres até podem estar a par com a doutrina comunista, o que ela assevera ser um desconhecimento dos verdadeiros objetivos do comunismo. Como prossegue a matéria:

Para mim era uma doutrina que, apesar de na prática nada dar, tinha um ideal belo, pois protegia as classes pobres; resumia-se numas reformas sociais que eu reputava necessárias e, portanto, merecia a minha simpatia, não podendo, porém, concordar com os processos violentos empregados, embora pensasse que, com o tempo, se modificariam. Claro que desta simpatia nasceu uma curiosidade de estudo e, ao aprofundar um pouco mais esta doutrina, vi que o erro em que elaborava e pensei que seria útil, de em poucas palavras esclarecer esse assunto. A doutrina de Karl Marx corresponde a uma compreensão materialista da história denominada materialismo econômico. A economia é um fundamento da vida social. Vários e interessantes são os aspectos desta doutrina e, se o tempo fosse mais, poderíamos estudar um pouco a nova repartição dos bens, a luta de classes, e quase divinização do proletariado, etc. Mas o quero focar, porque é o ponto que nos interessa, é a parte espiritual dessa doutrina. As crenças religiosas, a consciência moral, as criações artísticas são, para Karl Marx, puras ilusões. Mais: para ele ‘Deus não existe’, a religião, é o ópio do povo, a religião dá aos homens uma felicidade imaginária e é um instrumento de exploração. Por outro lado o que escreve Lenine sobre a religião, está deturpado pelo ódio. Nesta doutrina há uma confusão lamentável entre os fenômenos morais e econômicos e não existe distinção entre o bem e o mal. O grande pensador Berdiaeff, ao referir-se ao comunismo dizia: - Marx possuía um ensinamento moral. A sua ética parte do princípio que o maior bem realizar-se-á através do maior mal, que a luz nascerá da condensação das trevas. Dos maus instintos dos operários, da animosidade, do ódio, da vingança, da violência, deve sair um regime social perfeito, bom e justo.

[...]

A personalidade humana nos seus sentimentos mais íntimos, na sua consciência moral, deve submeter-se inteiramente a sociedade, deve ser dominada pela coletividade. A mentira do comunismo não reside no seu caráter político, econômico ou social, que pode ser neutro sob o ponto de vista religioso, mas no seu caráter espiritual, no seu ateísmo, na negação de Deus e do homem e em não querer reconhecer a verdade de espírito.

[...]

O facto dos operários e trabalhadores chegarem ao poder e a atividade histórica, não é um mal em si mesmo. O mal reside somente no estado mental, social e espiritual dos trabalhadores, contaminados com a religião ateia e anti-humana do comunismo. A negação da liberdade do espírito e da liberdade e consciência leva a negação da vida moral e espiritual do homem.

[...]

Todos nós sabemos a importância dada para o Cristianismo à personalidade humana. Para o Cristianismo é a alma humana que tem valor máximo. Criada à imagem e semelhança de Deus aspira à perfeição e tem pelo próximo o amor que é condição para felicidade plena. Na negação de Deus, na perseguição da Igreja e do comunismo não é, infelizmente, original. A Nós Católicos, não nos é possível permitir que a força nos tirem Deus. A liberdade de pensamento não implica falta de crenças e a falta de crenças imposta por qualquer doutrina, implica falta de liberdade de pensamento.

[...]

- A mulher católica pode acatar toda e qualquer doutrina política desde que essa doutrina não negue a existência de Deus, não ataque a fé nem diminua a dignidade humana. Há uma necessidade absoluta de espiritualidade a vida, mas não esqueçamos que, primeiro que tudo temos de generosamente e justamente, compreender e fomentar as reformas sociais necessárias para a abolição dos ódios criados.

[...]

Se uma igualdade absoluta é impossível, há no entanto uma igualdade relativa para a qual nós, com todo nosso esforço, devemos tender. O santo padre diz-nos: O Estado e a política têm propriamente como obrigação assegurar, às famílias de todos os meios, as condições necessárias para que elas possam existir e desenvolver-se como sociedades econômicas, jurídicas e morais. Só assim, a família será verdadeiramente a célula viva dos homens, procurando honestamente o seu bem terreno e eterno. (ALLELUIA, 1949, p. 26)

Nesse trecho da matéria corrobora-se o que fora a presença de alguns núcleos femininos na manutenção de um discurso a favor de António Oliveira Salazar. Ao explicitar o desacordo das mulheres com outras “doutrinas” políticas, a revista fará uma propaganda da ordem vigente, pois há um consenso social articulado via imprensa de que o governo do Estado Novo trabalhara fortemente no combate ao comunismo: reformas sociais, sem mexer na espinha dorsal do sistema; e melhorar a vida dos pobres, mas partir do princípio que há necessidade da divisão social em classes e que uns pertencerão às elites – como asseveram algumas matérias sobre a necessidade de se criar uma elite – e outros integrarão outra parte do escopo social.

## 2.2 O ENSINO DA MORAL A SERVIÇO DA POLÍTICA: AS CAMPANHAS DE MORALIZAÇÃO PARA MULHERES

A moral alardeada também fazia parte da política de Estado. A moral e a linha de conduta eram sempre temas recorrentes na imprensa católica: “a atitude moral é valor do bem”, escrevem na Revista Alleluia (abr. 1951). A moral é atrelada aos homens e mulheres de bem, que teriam na força moral, a consciência para construir um Portugal ordeiro,



consolidado na moral cristã. Por isso, como o mal, a imoralidade precisa ser reconhecida e combatida. Em setembro de 1946, o Jornal Novidades trazia em sua capa a manchete “No problema do ensino da moral: o essencial e o secundário”.

O ensino da moral passara a ser obrigatório pelos decretos-leis com a consolidação de Oliveira Salazar; portanto a moral é pauta nas escolas desde o ensino primário, passando pelo ensino secundário e chegando ao técnico. Essa imposição da disciplina é louvada pelo matutino no artigo de opinião:

Quem tiver, porém, ainda, na lembrança as afirmações feitas noutros tempos, em tom de superioridade intelectual inigualável de que a moral se não ensina, nem pode, nem deve ensinar-se, e tiver notado a insistência com que, de vez em quando, se repete com mais ou menos clareza esse mesmo erro ou outros semelhantes, não deixará de reconhecer a necessidade de se afirmar e demonstrar o contrário. (NOVIDADES, set. 1946)

As lembranças que o Jornal Novidades fazia referência eram dos tempos da República, a laicidade que afastara os católicos do centro do poder político ainda era uma memória recente, por isso as comparações dos períodos e do caráter desordeiro que a República tivera:

Houve um período entre 1910 e 1928; se a memória não nos falta, em que esteve abolido nas nossas escolas o ensino da moral e da religião, com o que se deu a Portugal um lugar único e vergonhoso entre todos os países civilizados, e convém acrescentar que, se pais e educadores houve que então reclamaram esse ensino, muitos houve também que se conformaram com a nefasta situação legalmente criada. O esforço dos que sabiam avaliar os perigos resultantes da abolição nas escolas do ensino da moral e da religião, concretamente revelados mais tarde, através da vaga de crime que assolou o país, sobretudo nos últimos anos de decomposição política. (NOVIDADES, set. 1946)

Contrariando a República e sempre utilizando o discurso da desordem criada pelos republicanos, o Jornal Novidades parabeniza Oliveira Salazar pelos dez anos do ensino da moral nas escolas e pela conseqüente ordem pública que esta gerara, especialmente em relação às mulheres. A moral deteriorada prejudica a todos, mas danifica mais os aspectos da vida feminina, pois à mulher cabe manter sempre uma conduta exemplar. O discurso da moral vai ganhando relevo e a conclusão dessa matéria evidencia isso: “Subordinado diretamente ao essencial, está o prestígio da disciplina de moral e doutrina cristã”. (NOVIDADES, set./1946)

Na campanha pelo ensino da moral, o Jornal Novidades (set. 1946) traz na sua manchete: “A aula de moral precisa ser prestigiada”. Os pais e mães portugueses são chamados a incentivarem os filhos sobre as aulas, advertindo-os da seriedade que elas teriam

em suas vidas, sempre manifestando a importância e sem desqualificá-la ou dá-la menos valor que as outras matérias. E com isso o matutino diz:

Para tanto é preciso que os pais reconheçam o proveito resultante das aulas de moral e queiram ver os filhos a frequentá-las com regularidade e aproveitamento, e, paralelamente, que todos os professores, seja qual for a disciplina, ensinem, colaborem lealmente na formação moral dos alunos, em solidariedade íntima com os professores de moral. (NOVIDADES, set. 1946)

É com esse discurso que o matutino Novidades publicará na coluna feminina a matéria “A formação moral das novas gerações”, que referia-se à parca formação intelectual das juventudes, advertindo da superficialidade da Educação. Todavia, a matéria também centra-se na oposição de alguns ao ensino da moral. Como informa o referido jornal:

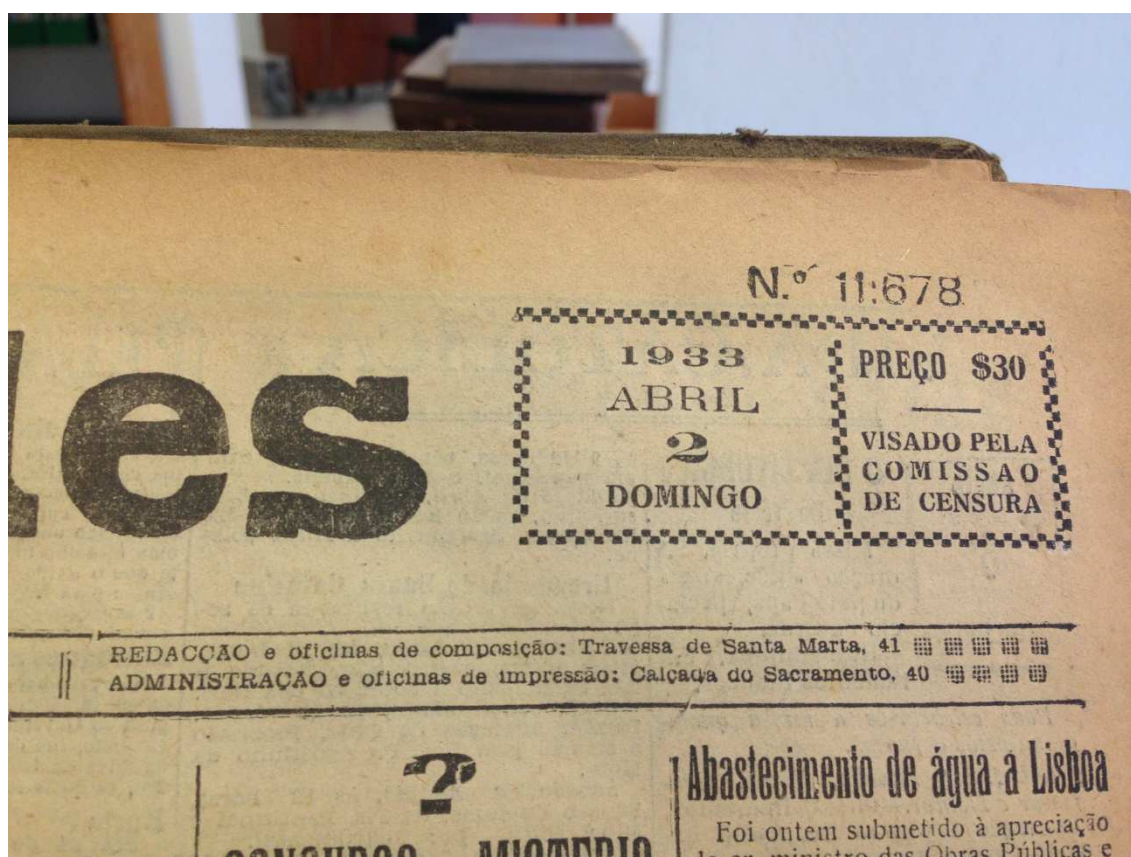
[...] Mas parecem que não aprenderam na história que só a educação cristã da juventude pode salvar o mundo da desordem. Se a história do cristianismo for estudada a fundo, desde o seu início, à luz das causas últimas, ver-se-á que a origem da desintegração social, que atinge o auge dos nossos dias, reside em que gerações sucessivas de europeus se têm esforçado por basear a profissão em prática de fé cristã numa filosofia da vida estranha à ética cristã. [...] Quando se fala ou escreve sobre a necessidade de sólida formação moral das novas gerações, é costume fixarem-se os olhos só na escola primária, como se apenas as crianças dos 7, ou 12 anos devessem ser objeto dessa formação. (NOVIDADES, set. 1946)

Esse ensino, que segundo o jornal fixaria a sólida formação, anuncia que as campanhas pelo combate ao analfabetismo só teriam sentido se o consenso fosse que a educação deveria ter por privilégio o ensino moral e cristão.

### 3 SOBRE A IMPRENSA CATÓLICA EM PORTUGAL: OS IDEAIS DA BOA IMPRENSA E A VIGILÂNCIA SOCIAL

O carimbo da censura adverte: pode-se ler! Com essa prerrogativa, António Oliveira Salazar implantou uma das mais repressivas censuras à palavra escrita. A imagem da figura 2 assevera o que fora o cerceamento das expressões individuais, durante o Estado Novo.

Figura 2: O carimbo da censura



Fonte: Novidades (2 abr. 1933)

No próximo mês de dezembro, o grande diário católico Novidades vai comemorar o seu vigésimo quinto aniversário. É uma data que bem merece a homenagem dos católicos portugueses e sobretudo dos católicos arregimentados no exército da Acção Católica. Bem sabemos apreciar o valor da imprensa diária e a necessidade inadiável de possuir um jornal católico de grande tiragem que leve a todos os recantos de Portugal a verdadeira doutrina cristã sobre os mais candentes problemas da actualidade, que pulverize, caridosamente, as manhosas e virulentas atordoadas do Anti-cristo. Novidades é nosso grande jornal católico. Mas não satisfaz ainda as necessidades do nosso tempo. Não tem a penetração que devia ter; não chega aonde devia chegar. Compete a Acção Católica, aos seus dirigentes e militantes, torna-lo conhecido e estimado. Antes disso: é necessário que todos os associados da A.C., que tem por hábito ler jornais, façam o esforço consciente e corajoso de adquirir o jornal que defende seus ideais, que nunca lhes propinará doutrina corrosiva, que não criará em sua casa um ambiente doentio e malsão. O jornal novidades vai celebrar as suas bodas de prata. É costume, em festa como esta, oferecer algum presente comemorativo. Todos os dirigentes da A.C. vão presentear o diário Novidades:

- 1) Angariando assinaturas. (Seria de louvar que, pelo menos, cada Secção ou Co-Direcção Diocesana, Geral e Nacional, enviasse a sua, no seu aniversário.
- 2) Criando ambiente, pela propaganda favorável inteligente.
- 3) Assistindo ao Santo Sacrificio no dia 15 de dezembro, para que em Portugal, a Santa Igreja venha a possuir o grande jornal que precisa. (NOVIDADES, 19 set. 1942)

A defesa dos ideais católicos, a promoção e a divulgação da doutrina cristã, através da imprensa, são elementos basilares do excerto acima, publicado como chamamento aos fiéis à leitura daquilo que estava sendo escrito e produzido pelas tipografias católicas. A campanha de assinaturas assinala a expansão de um ideal iniciado vinte e cinco anos antes, quando o Jornal Novidades passou a ser um dos porta-vozes da hierarquia da Igreja.

A campanha de assinaturas que a manchete propagandista da epígrafe acima dá a conhecer trata de um novo e moderno modelo de doutrinação: a imprensa. Era preciso retomar os ideais da boa imprensa<sup>103</sup>, pois o seu oposto, a má imprensa, ganhara espaço. Para compreender esses conceitos de boa e má imprensa – fortemente mencionados ao longo das reportagens, artigos de opiniões e editoriais – precisa-se perceber minimamente a trajetória da Imprensa em Portugal.

José Tengarrinha (1965, p. 15), ao historicizar a imprensa em Portugal, afirma que o termo “imprensa” adquire contemporaneamente vários âmbitos e que “originariamente, imprensa diria respeito apenas à máquina de imprimir caracteres tipográficos em papel ou em qualquer outra matéria”. Logo depois, passou a identificar o lugar onde as máquinas tipográficas eram colocadas, para, ao final, designar o produto das máquinas tipográficas: os próprios impressos.

Tengarrinha (1965, p. 16) assinala o ano de 1641 e situa a cidade de Lisboa como a primeira a contar com o objeto “jornal”, em território português. A publicação que inaugurou o modelo que mais se parece com o periódico que contemporaneamente é conhecido foi a “Gazeta em que se relatam as novas todas que houve nesta corte e que vieram de várias partes do mês de novembro de 1641”. Para o autor, esta seria “a primeira de uma série que reúne as três condições que consideramos indispensáveis para que uma publicação possa ser considerada jornal: periodicidade, encadeamento e conteúdo específico, diverso do livro ou do panfleto”. (TENGARRINHA, 1965, p. 16)

---

<sup>103</sup> A carta de Leão XIII, de 25 de janeiro de 1882, versará sobre a imprensa católica e a real necessidade da formação de eclesiásticos jornalistas, como ferramenta para a disseminação do cristianismo e como boa leitura ao católico. (REMEDIOS, 2003)

Um dos precursores da escrita<sup>104</sup> sobre a imprensa em Portugal, Tengarrinha (1965, p. 18) divide a história do periodismo em: primórdios da imprensa, que inicia-se com as Gazetas de Restauração (1641-1820); 2ª época: a imprensa romântica ou de opinião (1820 até fins do terceiro quartel do século XIX); e 3ª época: a organização industrial da imprensa (último quartel do século XIX até a atualidade). Essa classificação tem por fim perceber o que cada jornal publicava tematicamente em sua época e local. Por isso:

1. Âmbito geográfico: jornais nacionais e jornais regionais, rurais e urbanos;
2. Relações com os poderes públicos e religiosos: Imprensa legal e clandestina; imprensa oficial ou de instituições oficiosamente reconhecidas e imprensa particular, órgão dos poderes religiosos.
3. Orientação: Jornais independentes ou que pretendem apresentar-se como tal; jornais orientados: políticos (representação de partidos, de facções ou até apenas de personalidades), religiosos e anticlericais.
4. Matéria: Jornais políticos, predominantemente noticiosos; divulgadores de conhecimentos úteis, bem como das conquistas das ciências e das técnicas; de letras, artes e filosofia; enciclopédicos, biográficos etc.; de legislação e jurisprudência; militares, históricos, comerciais, agrícolas, industriais.
5. Periodicidade e gênero: Diários, bi ou trissemanários, semanários, mensários, anuários, etc.; revistas, boletins, arquivos, anais ou efemérides; o problema dos números únicos (ou, mais propriamente, das publicações avulsas e comemorativas) ou suplementares. (TENGARRINHA, 1965, p. 20)

Ao sistematizar os caminhos que a imprensa periódica fez em Portugal, Tengarrinha (2016, p. 185) não deixará de sublinhar a importância das primeiras gazetas, com caráter noticioso e que também faziam as vezes de diário do governo, com comunicados e nomeações. Entretanto, o período em que mais percebera a mão do Estado na imprensa fora no Estado Novo.

Em entrevista dada a Tânia Alves, doutoranda em sociologia pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS), José Tengarrinha, que escreveu a obra que serviu de base para entender a consolidação dos *media* em Portugal, faz suas ponderações sobre os jornais no Estado Novo, ao ser perguntado sobre a visão que Salazar tinha dos *media*:

No início, um dos principais objetivos do Estado Novo foi tentar uma corrente de opinião pública que lhe fosse favorável. Ao menos uma maioria silenciosa, passiva, já que se antevia muito difícil conseguir um amplo apoio activo, como em alguns governos fascistas europeus que tiveram considerável suporte das massas. Com essa finalidade, criam-se jornais que lhe são totalmente servis, como o Diário da Manhã (órgão oficial do governo), além de contar com os outros oficiosos, como o Diário de Notícias (quando dirigido por Augusto de Castro), o Século (sob a direção de João Pereira da Rosa), o Novidades (órgão oficioso da Igreja, muito conservador) ou A Voz (católico e monárquico), bem como, no Norte, o comércio do Porto, também

<sup>104</sup> Destaca-se aqui a escassez de bibliografia sobre a História da Imprensa em Portugal. Em algumas ocasiões perguntou-se para quem leciona essa temática dentro das universidades, formando jornalistas e a resposta era desanimadora, pois há pouca produção no campo da história da imprensa em Portugal.

apoiente oficioso. Podemos considerar terem sido estes, então, os principais diários que, mais ou menos, entusiasticamente, foram suportes do Estado Novo. (TENGARRINHA, 2016, p. 185)

Conforme Tengarrinha (2016, p. 187), os jornais e, no caso, alguns dirigentes tinham uma certa sintonia com Salazar e com as políticas do Estado Novo. O autor afirma que a partir da investigação no acervo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Instituto dos Arquivos Nacionais (IAN), pode-se contatar que tudo passava pelas mãos de Salazar, e que ele contava com António Ferro, também encarregado de ler tudo que circulava na imprensa, de modo a reforçar quando necessário as propagandas positivas do governo. Tengarrinha (2016, p. 187) afirma: “E sublinho Salazar porque, na verdade, em termos de informação, como aliás em todo o resto, era ele quem mandava”. Os jornais, como se verifica, obedeciam.

Se tudo passava pela mão de Salazar e de António Ferro, como afirma Tengarrinha (2016), os dois locupletavam-se com a principal base documental da presente investigação: o periódico “Novidades”. Esse *media* cumprira bem o papel de porta-voz do regime, louvara António Oliveira Salazar do início do seu mandato até o fim, convocando a população para missas “de melhoras” ao chefe e consternando-se por dias a fio, após sua morte.

O jornal Novidades apresenta entre seus descritores algumas dubiedades. Fora um jornal marginal para uns, de extrema direita para outros e porta-voz da Igreja Católica para muitos. Contudo, em muitos aspectos todos esses elementos formaram o periódico, portanto há certa razão em cada assertiva. Por outro lado, há uma perspectiva inegável: a de que o Jornal Novidades era em certa medida um dos termômetros da relação Estado/Igreja, manifestando longos textos de louvor a Salazar ou simplesmente deixando de tocar em aspectos políticos, o que era raro, mas, vez por outra, ocorria.

Entretanto, se há convergência entre os investigadores dos *media*, era do controle que o matutino fizera sobre determinados assuntos, condenando ou congratulando os mais diversos temas. O controle social, através da imprensa, é um instrumento moderno e mostra o poder e a influência que os discursos podem ter sobre o sujeito. Esses discursos e suas influências são perceptíveis, mas nem sempre mencionados pelos estudos que prezam outras fontes. É necessária, para isso, a confrontação das reportagens, da bibliografia e do tempo para perceber os significados do controle e da disciplina, através desse moderno modelo de dominação, resistência, inclusão e exclusão social que fora o periodismo católico.

O trabalho executado por longos anos pelo principal porta-voz da Eclésia – o Jornal Novidades – cumprira, em maior ou menor grau, a vigilância, através das matérias que publicava, consolidando a ideologia Salazarista. Desse modo, os sujeitos estão sendo

influenciados pela imprensa pelo controle daquilo que é publicado. O indivíduo que lê todo o dia a mesma coisa se articula com a formulação de Foucault (1997, p. 128) e da maneira como sintetizou as bases do controle e da disciplina, e que alguns pequenos hábitos perfaziam essa estrutura mental, na conformação dos corpos e dos costumes: “Todas as pessoas [...] chegando a seu ofício de manhã, antes de trabalhar começarão lavando as mãos, oferecerão seu trabalho a Deus, farão o sinal da cruz e começarão a trabalhar”.

A imprensa terá um pouco dessa lógica sequencial. Todas as pessoas, todos os homens e todas as mulheres devem ser “moldados”. Esse “moldado” variaria, conforme a ideologia do jornal e esse será um dos motes da imprensa católica: propalar notícias, que, ao fim e ao cabo, são tomadas como reveladoras da verdade, sem que a doutrina da Igreja seja prejudicada por leituras impróprias.

A proliferação de jornais em Portugal no início do século XX foi um dos pilares que deu sustentação a um certo combate no campo das tipografias, ressaltando novamente os conceitos de bom e mau. A difusão e a crescente procura por informações em formato jornalístico afastara o português católico das leituras edificadoras. Como afirma Maria José Remédios:

Numa sociedade que se afasta do modelo medieval de sociedade cristã, sem cisão entre Império e Igreja, encaminhando-se para a distinção entre poder temporal e o espiritual, a imprensa católica, inicialmente de iniciativa particular e depois apoiada por organismos da Igreja, ‘tornou-se progressivamente num dos meios de ação privilegiados pela Igreja Católica na evangelização da sociedade moderna’. (FONTES, 1999, p. 247)

Entretanto, o *Jornal Novidades*, quando é comprado, dá uma nova perspectiva aos ideais católicos de boa<sup>105</sup> imprensa. Em 15 de dezembro de 1923, o *Jornal Novidades* torna-se o órgão oficioso da Igreja Católica portuguesa. De propriedade da União Gráfica, voz da

---

<sup>105</sup> “Na opinião dos activistas católicos, a imprensa não é apenas um modo de combater o erro, mas “é o meio mais universal, mais fácil e mais eficaz de educação, de expansão comunicativa e de sociabilidade” (Cruzada a favor da Boa Imprensa, Lisboa, 1902, p.6 Apud Neto – O Estado, 450). A ideia perdura e faz seu caminho com novos enquadramentos. Em maio de 1935, no *Boletim da Acção Católica Portuguesa* pode ler-se ainda que um dos principais fins da organização é precisamente “a difusão da boa imprensa”. “A igreja tem de ter imprensa sua, exclusivamente sua, desde os diários que satisfaçam como órgãos de informação geral quotidiana a curiosidade do homem moderno, até as revistas gráficas, literárias, científicas, humorísticas e infantis, que em todos os campos sejam os adais da campanha incessante que a Igreja tem de sustentar para desenvolver a sua missão no mundo” (cfe. Ano 2, nº13 p.19). Assim, a imprensa católica, originariamente de iniciativa particular mas progressivamente apoiada e sustentada de modo institucional – pelas associações de fiéis, congregações religiosas, dioceses, paróquias, e já em meados do século XX, pela própria Conferência Episcopal Portuguesa. – tornou-se, ainda que de modo nem sempre pacífico, num dos meios de acção privilegiados pela Igreja Católica na evangelização da sociedade moderna. (FONTES, 2000, p. 423)

Eclésia portuguesa, terá como redator chefe o leigo Tomás de Gamboa. (REMÉDIOS, 2003, p. 12)

Desde sua criação em 1885, o Jornal Novidades passou por algumas fases, em geral, sua agenda, era perceptível. No editorial de criação, o matutino Novidades reivindica a bandeira da “novidade”, portanto diferente dos demais órgãos da imprensa até ali vistos. Emídio Navarro, seu fundador, fora um monarquista que viu com maus olhos as publicações republicanas e liberais. Entretanto, não furtou-se de utilizar as páginas do Novidades para manifestar tais posicionamentos oposicionistas a um tempo que não tardaria: o da república. Na edição de n.º 4 declarou: “o republicanismo português não é um partido: para tanto basta ver a qualidade dos chefes. É, porém, uma doença, um tumor, que vai lavrando e dum dia para o outro pode atacar gravemente este jardim da Europa à beira mar plantado” (SANTOS, 2006, p. 90). Em tom ufanista ao referenciar Portugal, o fundador do Novidades, que informa que não há pauta definida para o jornal, conforme seu primeiro editorial, posiciona-se politicamente e manifesta seu ultraje pelas questões republicanas.

É preciso assinalar que, à época, havia algumas categorias jornalísticas que estavam consolidadas no mercado: o jornalismo comercial, o jornalismo político partidário e o jornalismo que misturava cultura e política. O Jornal Novidades estava nessa última categoria (SANTOS, 2006, p. 91). Todavia, o jornal chega às mãos dos portugueses, através do editorial “Apresentação”, apontando o que seria o objetivo desse matutino:

Este jornal apresenta-se ao público sem programa. Um programa pressupõe um ideal definido, e, no momento actual, não o tem a sociedade portuguesa. Todos nós, os que lidamos neste marulhar de águas turvas e revoltas, a que se chama política, navegamos um pouco à mercê dos ventos encontrados, em demandas de ignotas pragas, sem sabermos que perigos e tempestades não esperam detrás dos cerrados horizontes. Vamos para o desconhecido. Não fazendo programa, trabalharemos por ter uma história. (NOVIDADES, 7 jan. 1885)

Abraçando a causa do novo, essa menção à falta de programa que o primeiro editorial refere não traduz o que de fato ocorria. O Jornal Novidades surge com uma roupagem nova, mas com um posicionamento político também bem evidente: a monarquia constitucional. Em sua breve trajetória secular – e ela é efêmera, pois a trajetória como jornal oficioso da Igreja Católica portuguesa, é mais longa – teve algumas vicissitudes e lutou pela sobrevivência, num jornalismo que embrionariamente se afirmava como profissão. Em algumas ocasiões sacrificara a periodicidade em detrimento das dificuldades, sendo oferecido bianualmente.

Em dezembro de 1923, quando tornou-se o principal instrumento de comunicação do órgão oficioso português, havia o consenso e o entendimento da alta hierarquia da Igreja que a



evangelização e a aproximação do católico de mensagens que reforçassem o sermão do padre, através do periodismo, era urgente para a manutenção dos fiéis. Por isso, o Jornal Novidades, deve ser pensado e entendido dentro de uma nova visão da Igreja acerca dos instrumentos modernos de evangelização; disciplina e controle, portanto. Esses mecanismos e elementos justapostos afastam o processo de secularização da sociedade e cumprem “o duplo objetivo de informar e doutrinar os católicos” (REMÉDIOS, 2003, p. 12). Dessa forma:

O renovado matutino, voz da Eclésia Portuguesa, será propriedade da União Gráfica, assumindo o leigo Tomás de Gamboa funções de redator-principal. Com o formato clássico, as suas iniciais quatro páginas darão lugar, ao longo destes seis anos, a seis páginas, só ultrapassadas, em datas especiais, distribuindo-se o texto por sete colunas. Com uma paginação uniforme ao longo do período estudado, o Novidades, além das páginas diárias, Actualidade, Vida Católica, Internacional, apresenta páginas semanais dedicadas a mulher, à economia, às finanças, à agricultura, às letras e artes, ao cinema, ao teatro, ao escutismo, à vida desportiva e à educação, entre outras. (REMÉDIOS, 2003, p. 13)

Coloca-se em relevo, todavia, a imersão do periódico em duas causas que estarão intimamente ligadas ao regime: a ruralidade e a escolaridade primária. A exaltação de uma vida rural, voltada à simplicidade e ao combate ao êxodo no campo, foi sempre um dos preceitos do matutino. Esses processos discursivos baseavam-se na parca modernização das condições estruturais do Estado nesse período. A vida rudimentar fora objeto de discursos do líder António Oliveira Salazar, que engrandecia aspectos brejeiros e triviais da vida. Era, portanto, uma maneira das coisas e pessoas estarem sempre no mesmo lugar, no seu lugar de origem, sem ocuparem-se com mudanças, sem ambicionarem transformações. Com isso, o diário distribuía-se da seguinte forma:

Com uma paginação uniforme ao longo do período estudado, o Novidades, além das páginas diárias, Actualidade, Vida Católica, Internacional, apresenta páginas semanais dedicadas à mulher, à economia e finanças, à agricultura, às letras e artes, ao cinema e teatro, ao escutismo, à vida desportiva e à educação, entre outras. Das páginas referenciadas, duas delas assumirão, alguns anos após a sua criação, a forma de boletim destacável do jornal. [...] Vida Agrícola e Acção Escolar, o que leva supor não ser fortuita tal mudança. Pensa-se que a oferta de um conjunto de quatro páginas semanais, passíveis de serem colecionadas, não pode ser vista alheada do processo de introdução, pelo estado Novo, de um conjunto de ruralidade e da educação, especialmente, a de nível primário. (REMÉDIOS, 2002, p 13)

Da mesma forma, em consonância com o lugar de cada um, estavam os aspectos educacionais. No que se refere à instrução, António Oliveira Salazar tivera o mesmo *modus*

*operandi* – para que instrução? Para que ler<sup>106</sup>? Para que escrever? –, uma vez que permanecendo no analfabetismo, o sujeito não corria o risco de leituras indevidas e nem pensava demais em coisas que não importavam para a sua vida, e esse era um dos preceitos que circulavam sobre o pensamento de Oliveira Salazar. Como observa Mónica (1977, p. 330):

Como seria de esperar: os nacionalistas viam os analfabetos a uma luz relativamente favorável: os analfabetos tinham uma cultura própria, conduziam-se com decoro, eram diligentes. Analfabetismo não significava nem ignorância, nem imoralidade. Os analfabetos poderiam ser saudáveis e felizes e viver com honestidade e decência; de resto, em geral, não prejudicavam os outros, não alimentavam ambições reprováveis e mostravam-se submissos e resignados. Um discurso do P. Correia Pinto, na Assembleia Nacional, descreve o analfabeto arquétipo da ideologia nacionalista: ‘Vocês julgam que esse homem não tem cultura nenhuma? É um engano. Esse homem tem uma cultura teológica, aprendida no catecismo cristão, talvez na Igreja da sua aldeia ou na escola. Tem uma cultura filosófica, um conceito de vida, um conceito no mundo’.

O analfabetismo não era tido como uma virtude, porém não incomodava, nem desconfortava ninguém que pertencesse ao governo e alguns núcleos da Igreja. Carneiro Pacheco, Ministro da Educação Nacional, em um dos seus discursos afirma: “Tanto lê que treslê”.<sup>107</sup> Esses ditados eram ditos sem o menor pudor, o que confere aos que estavam no governo do Estado Novo e partilhavam das mesmas posições uma certa segurança. Quem não podia ler, tampouco iria tresler, o que também se opõe ao sistema que viera anteriormente, a República. Os republicanos repudiavam o analfabetismo que os remetia à barbárie da civilização. Era como uma chaga aberta, se não fosse remediada. Entretanto, no Estado Novo vigorou com certo louvor a sociedade iletrada.

Ainda, no que concerne ao analfabetismo como obstáculo à proliferação da imprensa, o biógrafo de Oliveira Salazar, Filipe Meneses (2011 p. 196), afirma que Salazar publicamente, em seus discursos, prometia veementemente acabar com o analfabetismo. Todavia, “o discurso acabou por ter pouca influência no curso dos acontecimentos”. A escola expandira-se lentamente, com isso os portugueses permaneceram longos anos com altos

<sup>106</sup> “[...] vale a pena recordar as ideias educacionais de Salazar. Nessa área, sua grande preocupação consistia em formar um escol nacional. Em 1933 dizia a Antonio Ferro: ‘Considero [...] mais urgente a constituição de vastas elites do que ensinar o povo a ler.’ É que os grandes problemas nacionais têm de ser resolvidos, não pelo povo, mas pelas elites enquadrando as massas”. Num discurso posterior queixava-se de que a imprensa fazia constantes apelos ao governo para que ensinasse o povo a ler; e impacientemente perguntava: “Para ler o que?”. Seria esta a base a partir da qual se construiria a ortodoxia pedagógica da década de 30. (MÓNICA, 1977, p. 325)

<sup>107</sup> E. P. n. 190, de 19 de junho de 1938, *apud* MÓNICA, 1977, p. 330.

índices de analfabetismo ou com o ensino primário, o qual, dos cinco anos obrigatórios, no Estado Novo baixara para três anos obrigatórios.

### 3.1 LER? SÓ SE FOR PARA LER OS JORNAIS CATÓLICOS

As questões que envolviam os problemas das altas taxas de analfabetismo estavam diretamente ligadas à expansão da imprensa. Uma das restrições ao crescimento da imprensa periódica esbarrava na questão social vinculada ao analfabetismo. António Oliveira Salazar, embora não discursasse abertamente sobre o seu desejo de manter as mentes quietas, através da falta de instrução, também não agira para transformar radicalmente a questão do analfabetismo. Essas questões estavam subjacentes a seu discurso e pode-se observar esse abandono nas questões educacionais pela forma que encarara o sujeito letrado e pelas políticas que constituíam os liceus. António Oliveira Salazar via na instrução um forte componente de subversão. Isso era tão evidente, a ponto dele declarar: “Ler para quê, o português tem que levar sua vida, não ler, pois ler implica em saber o que ler, dessa forma o indivíduo pode ler o que não deve”. Refletindo essa ideologia, Maria Filomena Mónica (1977, p. 321) observa:

O facto, de em 1930, em cada 100 portugueses 70 não saberem ler chocava algumas pessoas e, simultaneamente, tranquilizava outras. Para os sectores mais progressivos da intelligentsia portuguesa, que sempre se haviam envergonhado com uma taxa tão alta, o analfabetismo era o principal obstáculo ao desenvolvimento do país. Para os salazaristas, porém, era uma virtude. Estas duas posições determinaram o modo como as causas e as soluções do problema foram encaradas. [...] os salazaristas ressuscitaram a crença nacional (para cuja divulgação durante o século XIX contribuíra, entre outros, Ramalho Ortigão) de que o povo português ‘não sentia a necessidade de aprender’. Mas os republicanos adoptaram a explicação, não menos convencional, de que o analfabetismo se devia aos padres, ‘à reles canalha da batina’.

Em posições antagônicas, mas com convicções baseadas na cultura, ambos os lados (tanto favoráveis ao governo, quanto opositoristas ao governo) concordavam que o povo não vira vantagem prática na instrução. A relação entre a pobreza e o analfabetismo era sempre ventilada, como assevera Maria Filomena Monica (1977, p. 323), através dos inquéritos feitos aos professores: “Esta gente não tem o que vestir nem calçar, nem uma sopa para dar aos filhos, e por isso os manda com os gados lavradores ou os utiliza nos serviços domésticos”.

A questão da pobreza é um dos elementos explicativos para tamanha porcentagem de iletrados. Isso só terá uma pequena modificação quando o Estado passa a olhar com outros olhos a educação, mas isso também não faz as coisas mudarem rapidamente. Diante dessa nova perspectiva, o diário Novidades estará presente, pois há um discurso positivo que

ressalta a instrução primária para todos. Portanto, doutrinar e fazer campanha para novos leitores implicava em alfabetizar. Essa equação não era de fácil resolução, haja vista os preceitos e o pouco interesse em um povo letrado por parte da classe dirigente, mas uma tímida campanha pelo ensino reforça o papel da boa imprensa na sociedade. É o que escreve Mónica (1977, p. 326):

De facto, para alguns partidários do Estado Novo, a escola primária constituía potencialmente um excelente instrumento de controle; ou seja, nas palavras do inspetor Joaquim Tomás, podia tornar-se a mais diligente e disciplinada polícia de segurança do Estado. A repressão física não bastava para manter quietos e sossegados os pobres da cidade, pelo que o Estado tinha igualmente de se esforçar por civiliza-los. Nada mais útil as apologias desta política do que uma intenciona revolucionária. A ideia da escola instrumento-de-socialização-de-crianças-selvagens vinha ao de cima cada vez que surgia qualquer atividade subversiva contra a ditadura, e até 1933 elas não faltaram. Em 1931, uma insurreição na Guiné e outra na Madeira, um sangrento 1º de maio e um levantamento militar e civil em Lisboa forneceram argumentos àqueles que defendiam a tese das potencialidades contrarrevolucionárias da escola. Nessas alturas citavam-se os exemplos da Inglaterra, da França e da Suécia para provar que a paz social podia coexistir com a alfabetização das massas.

Pela mudança de percepção acerca da instrução, a educação para o Estado Novo tomou a dimensão de controle, e mais uma vez o controle é colocado em causa. A concepção de que a escola deve instruir, sem “prejudicar” o indivíduo com conhecimentos inoportunos, dentro da ótica do Estado, tomou forma e, ao fim dessa gestação, a imprensa católica tornou a exaltar as qualidades da “boa escola”. Por isso, a pergunta reformulou-se e de “Deverá o povo aprender a ler?” passou para “Deverá o povo ler o que?”. Com esta mudança paradigmática, os Ministros da Educação Nacional de Oliveira Salazar, mudam a perspectiva da educação em Portugal, como enfatiza Monica (1977, p. 326):

Das crianças que vagueiam pela cidade, famintas, sem escolas, quase sem família, pilhando, com astúcia de ratos, sem lei nem governo, o mais necessário a existência? Cabia ao Estado Novo fazer alguma coisa para defender a sociedade deste flagelo: ‘Onde quer que verdes, no largo ou na rua, um bando de garotos, maltrapilhos ou simplesmente mal cuidados, jogando a bola de trapos, atirando pedras, jogando o murro, dependurando-se nos veículos que passam, fugindo da polícia, espreitando a esmola ou o furto, [...] aí está o perigo social’.

O perigo social alardeado pela falta de instrução, e que tinha como consequência a vadiagem, atingia, segundo algumas matérias, adultos e crianças e era recorrentemente mencionado. Fala-se do período que marca e ressignifica o indivíduo, através de alguns elementos que os colocam, como assinala Olívia Maria Gomes da Cunha (1998), na (in)diferença (SCHWARCZ, 2004, p. 785). Ao rastrear, mapear e analisar os processos de

vadiagem, a autora busca entender como o conhecimento foi usado para designar, controlar e combater os “vadios” da cidade do Rio de Janeiro. Os contraventores tinham suas vidas devassadas e passavam a integrar um rol. O que Olívia da Cunha objetiva é perceber como a memória é produzida acerca de alguns sujeitos e como pode-se pensar em uma história da criminologia e do crime, através dos sujeitos e das práticas de vadiagem.

O combate à vadiagem em Portugal assemelha-se a outros lugares que experienciaram o discurso higienista e que, em maior ou menor grau, rotulou o sujeito. A memória criada para nos arquivos e nas matérias jornalísticas, os pobres das cidades são monitorados e, não raras vezes, vistos como o mal social, principalmente se os jogos e o alcoolismo estejam acompanhando a pobreza. O ébrio, o vadio e o malandro serão perseguidos e rechaçados sistematicamente através dos discursos médico, jurídico e religioso. O analfabetismo, como percebido, era só um dos muitos elementos de convulsão social e a imprensa mostra exatamente o ardor dos debates do período. Sobre isso Maria Filomena Monica (1977, p. 327) cita o artigo publicado em 1927, no Jornal “O Século”:

[...] Aquilino argumentava que as aldeias portuguesas formavam um conglomerado triste, selvagem, paupérrimo, que datava, não da Idade Média, mas dos tempos bárbaros. Sustentar que tal atraso resultava do analfabetismo não passava de um absurdo, pois o analfabetismo era o efeito, não a causa. ‘Para que criar um órgão’, interrogava-se, referindo-se ao ler e escrever, ‘que não tem função?’ E acrescentava: ‘No dia em que saber ler e escrever lhes seja tão útil como saber governar o arado, plantar feijões, ou até jogar o pau, nesse dia as escolas, as mais anti-higiênicas e lóbregas escolas de Portugal abarrotarão de estudantes’. E acaba com uma frase que provocou celeuma: ‘[...] em toda a aldeia que não seja servida, ao menos, macadame, a escola é vã e absurda.

O pauperismo era, reincidentemente, denunciado em artigos, editoriais, nos mais variados temas, inclusive no periodismo católico, fosse o texto sobre educação ou quaisquer questões que se quisesse tratar. Quando o crivo da censura distraía-se, alguns artigos, editoriais e notícias propagavam a situação social do povo português. Um dos vértices da grande imprensa estará, vez por outra, a publicar assuntos polêmicos, com o risco de ter seu periódico empastelado. Sob o fantasma do empastelamento, o jornalista tinha árdua tarefa e não menos dura luta, para consolidar seu ofício no país.

Diante desse caldeirão, no qual misturam-se problemas com o analfabetismo, índices bastante severos de pobreza e falta de recursos materiais, é que despontam alguns núcleos católicos. Esses grupos transformam-se em uma verdadeira elite, pequena, mas ainda assim elite, pois diante dos poucos recursos do restante da população, levavam a vantagem das letras e perfaziam grande parte do público leitor. Nessa confluência de fatores surge e ganha corpo a

imprensa periódica católica, tendo como principal expoente o Jornal Novidades, o qual fará parte dessa nova cruzada pela fé, pela educação da boa leitura e pela boa informação, que não desvirtuasse e causasse tensão na opinião pública. Informar e doutrinar será, ao fim e ao cabo, uma missão. E para isso:

O padre Benevenuto de Sousa, diretor do quinzenário católico O Petardo (1902-1910), teve papel de relevo na promoção e organização deste apostolado no início do século XX, lançando uma cruzada em favor da boa imprensa, através da publicação de folhas soltas, distribuídas em todo o país pelos grupos operários de São José do Apostolado da Imprensa e de vários opúsculos. Na opinião dos ativistas católicos, a imprensa não é apenas um modo de combater o erro, mas é o meio mais universal, mais fácil e mais eficaz de educação, de expansão comunicativa e de sociabilidade (Cruzada a favor da boa imprensa, Lisboa 1902, p.6 Apud Neto – O Estado, p 450). A ideia perdura e faz o seu caminho com novos enquadramentos. Em maio de 1935, o Boletim da Acção Católica Portuguesa pode ler-se ainda que um dos principais fins da organização é precisamente a difusão da boa imprensa. ‘A Igreja tem que ter imprensa sua, exclusivamente sua, desde os diários que satisfaçam como órgãos de informação geral quotidiana a curiosidade do homem moderno, até as revistas gráficas, literárias, científicas, humorísticas e infantis, que em todos os campos sejam os adais da campanha incessante que a Igreja tem de sustentar para manter a sua visão no mundo’. (FONTES, 2000, p. 423)

Informar, sem deformar, era um dos preceitos da imprensa católica. Era por isso que, vez por outra, o matutino falava das campanhas em benefício da boa imprensa, ressaltando o desinteresse que alguns católicos tinham pelo jornal Novidades, e com isso convocavam o povo cristão a repensar o que lia:

[...] mas porque continuam a ser vítimas do velho e rançoso anticlericalismo. Chamam-lhe ‘o jornal dos padres’ e, por isso mesmo, julgam-no, só destinado a eles, embora alguns padres lhe não deem preferência. Ora a todos os membros do Povo de Deus são de lembrar, neste momento em que a Hierarquia nos convida a refletir sobre a importância que na sua missão apostólica têm os meios de comunicação social, os consequentes deveres que eles nos impõem. Só queremos hoje falar aqui da imprensa católica. Ninguém ignora que ao jornal católico, mais ainda do que a qualquer outro, embora também a este o mesmo incumba, compete informar e formar seus leitores. É certo e sabido. Informar, quer dizer, dar notícias, dizer como as coisas correm, são ou estão. Mas, ao informar, o jornal tem de servir a verdade, não pode mentir, nem informar erradamente, tem de respeitar a verdade de factos, a verdade concreta e objetiva do que se passa no mundo, como ele é e está, ou na vida da Igreja em seus vários aspectos. (NOVIDADES, 15 maio 1969)

Invocando a verdade, o artigo escrito no Editorial, sem assinatura pessoal, corrobora:

É esta uma obrigação essencial a que não pode faltar. Por isso mesmo, o jornal católico, precisamente porque o é, evita, sempre a mentira, a falsidade, o erro em doutrina e em moral. Leva-o a proceder assim o direito sagrado da Verdade e o respeito pelas pessoas dos seus leitores. Outra missão que ao jornal católico incumbe é a de educar e formar. Paulo VI disse já há anos: ‘O jornal católico deve não só informar, mas formar o leitor, classificar os fatos segundo princípios superiores...,

isto é, deve servir aquela Verdade que ilumine, dirija, aperfeiçoe e santifique a alma, deve provocar no leitor um processo de entendimento que o introduza na verdade libertadora e salvadora. Já houve quem comparasse o jornal católico a um mestre, a um professor, porque ensina, orienta jovens e adultos, até responsáveis, quotidianamente, acerca de todos os acontecimentos que se vão dando ao longe ao perto'. (NOVIDADES, 15 maio 1969)

Termina a matéria com o vaticínio de Paulo VI:

O jornal católico não é um luxo supérfluo, ou uma devoção facultativa, é um instrumento necessário para se ser inserido na circulação daquelas ideias que a nossa fé alimenta e que, por sua vez, presta serviço a profissão da mesma fé. Não é permitido hoje viver sem ter pensamento, continuamente refeito e actualizado sobre a história que estamos vivendo e preparando; e não é possível ter tal pensamento alinhado sobre princípios cristãos sem o estímulo do jornal católico. (NOVIDADES, 15 maio 1969)

A cruzada pela propagação da boa imprensa também satisfaz os objetivos de António Oliveira Salazar, que, conforme descrito pelo seu biógrafo Filipe Ribeiro de Meneses (2011, *passim*), era um homem habitual, ou seja, via na força do hábito um caminho pródigo para a disciplina e a obediência. Oliveira Salazar deve ser analisado na sua complexidade, embora tenha dito e acreditado em coisas muito simples (o que não significa que tenha vivido coisas simples), o ambicioso líder que protagonizou e comandou um estado de exceção não se furtava a recorrer às suas origens e delas se utilizar para demonstrar que com pouco poderiam os portugueses viverem. Era uma maneira de deixar tudo no seu lugar e foi com esse tom que, pouco antes de completar sessenta anos, vaticinou: “Agradeço à providência ter nascido pobre”. Filipe Ribeiro Meneses (2011, p. 36) refere haver certo exagero nessa pobreza, pois pouco a pouco em Santa Comba Dão a família iria melhorando suas condições financeiras e dando aporte para que António Salazar chegasse à Universidade de Coimbra. No entanto, o resgate da pobreza era sempre recorrente no discurso de Oliveira Salazar, como forma de aquietar os ânimos e gerar uma certa identificação dele com o povo.

Em seus discursos, não deixou de exaltar a educação que recebera nos seminários:

Pobre, filho de pobres, devo àquela casa grande parte da minha educação que de outra forma não faria; e ainda que houvesse perdido a fé em que me lá educaram, não esqueceria nunca aqueles bons padres que me sustentaram quase gratuitamente durante tantos anos, e a quem devo, além do mais, a minha formação e disciplina intelectual. (MENESES, 2011, p. 41)

A intimidade com o catolicismo e com os ideais católicos explica muitas das escolhas feitas por António Oliveira Salazar. Nunca deixou de invocar as raízes católicas e tudo que nelas continha. Especialmente a sua educação clerical fora sempre lembrada, o que deu ao

líder algumas especificidades no que concerne às suas escolhas e sua intimidade com os núcleos católicos. É importante notar que o rótulo de seminarista foi muitas vezes usado para diminuir as ações de Salazar. No entanto, Oliveira Salazar foi bastante hábil em manter os contatos que estabelecera nos seminários e desta forma empreender as mudanças que tanto queria. Queria ser visto como um reformador e para isso deixou claro que acreditava que as reformas só poderiam trazer benefícios aos portugueses e que seria de fato o salvador das finanças e de Portugal, retomando um ideal de um país católico, num verdadeiro espírito de cruzada. Do Oliveira Salazar de Santa Comba Dão ao Salazar de São Bento, há algumas mudanças, sobretudo nas esferas do poder e o que ele promove, e, nesse caso, a imprensa foi um importante artilheiro para Oliveira Salazar, que partilhava a ideia, comum aos clérigos jornalistas e aos padres, que o povo deveria ler coisas que edifiquem e que promovam o “bem” (MENESES, 2011, p. 36).

A 12 de abril de 1908, num artigo intitulado ‘Vergonhoso Contraste’, Salazar lamentava o fato de muitos católicos continuarem a assinar jornais republicanos, enquanto os republicanos ignoravam a imprensa católica. Acrescentava ainda Salazar: ‘A imprensa católica do país é a mais séria, a mais ponderada, a única decente e limpa, que pode entrar em todas as casas, sem ministrar a donzela incauta o veneno do romance perigoso, e sem tecer, sob atraentes formas, a apoteose a criminosos’. (MENESES, 2011, p. 42)

A oposição à imprensa republicana também dera os contornos de uma imprensa boa e de uma imprensa má e isso era patente entre alguns núcleos católicos, que atribuíam ao novo modelo governamental as mazelas sociais que a população vivia. Não obstante, esse imaginário criara a antessala do Estado Novo, ainda que em fase embrionária, pois foi em 1909, ano que antecede a implantação da república, que Salazar fala veementemente das questões relacionadas à imprensa:

Há a imprensa que edifica e há a imprensa que destrói; há a imprensa que educa e há a imprensa que perverte. Há a imprensa que moraliza e há a imprensa que bestializa; há a imprensa que discute e há a imprensa que, em vez de discutir, insulta: em vez de formar caracteres, forma assassinos [...]. Guerra sem tréguas a essa imprensa, guerra sem tréguas a esse elemento mórbido que tudo pretende aniquilar [...]. O povo é cego, o povo não vê. Ou, pelo contrário, o povo vê, mas faz-se de cego, o povo ouve, mas faz-se de surdo. Há de custar-lhe caro a cegueira; há de custar-lhe caro a surdez. (MENESES, 2011, p. 42)

Ana Campina, ao analisar a trajetória de Salazar, evidencia sua identificação católica, desde a sua entrada para o Centro Católico Português (CCP), criado em Braga em 1915, até sua ascensão como ministro das finanças em 1926. Por isso, não é estranho que tenha também



defendido a imprensa católica e tenha combatido, através da censura, textos que versassem sobre outras formas de governo e sobre outras religiões, sofrendo influências diretas das encíclicas papais, como observa Ana Campina (2015, p. 24):

Numa linha que nunca abandonou, a doutrina da Igreja, ao reclamar liberdades específicas, tal como a religiosa, António de Oliveira Salazar não qualifica os seus conteúdos, sendo disperso o resultado devido ao facto do receptor não estar desperto para a mensagem implícita. Efetivamente, Salazar reivindica a praticar a ‘verdadeira’ religião (e não todas as religiões), tal como a liberdade de transmitir a ‘verdade’ católica, o que significa uma visão que em nada se coaduna com o laicismo republicano, condenando a liberdade que não seja aquela assente na ‘verdade’, isto é, a verdade católica, e somente esta.

Ainda no campo das liberdades individuais, Ana Campina (2015, p. 24) observa:

No que se refere a liberdade pessoal, para António Oliveira Salazar entende-se como aquela que assenta numa atuação entendida como correta perante o regime, isto é, em conformidade com a doutrina da Igreja. Assim, esta conceção do ‘direito à liberdade pessoal’ está na defesa incondicional do Estado confessional apoiado na defesa da ‘verdade’ e na ‘liberdade’ dos cidadãos na sua total conformidade.

Essa liberdade fora habitualmente violada. Como uma das marcas do governo de Oliveira Salazar estava baseada na discricção, pautada num autoritarismo repressivo e opressivo (CAMPINA, 2015, p. 62), a violação de direitos, sobretudo a liberdade de expressão, pairava na violação ideológica sistemática. Desse modo:

Pela manipulação ideológica, o discurso salazarista também desempenhou um papel crucial no condicionamento e controlo dos diferentes atores sociais, assumindo e exigindo instruções e orientações, cuja execução se caracterizava por ser incontestável, pois as críticas eram fortemente censuradas junto de todos aqueles que ousavam contestar ou furtar-se daquelas que eram entendidas pelo poder central como obrigações. (CAMPINA, 2015, p. 62)

A comunicação social fora uma das grandes aliadas do regime, pois não restava outra alternativa a não ser publicar os discursos de Oliveira Salazar, fato que foi decisivo para a construção de sua imagem. Para obter apoio junto à opinião pública, Salazar fez uso da palavra em tom quase aldeão, por isso também, muitas vezes chamado de provinciano. As táticas do uso da linguagem e uma identificação com as origens das aldeias criam um discurso difícil de ser combatido e contestado. Cria-se uma conformação de fatores que dificultam os demais discursos. A ideia de um nacionalismo e de uma nação uníssona também reforçaram o discurso único, não dando margem para a diversidade e muito menos para a oposição. Desta forma:

Concetual e estruturalmente, António de Oliveira Salazar desenvolvia os seus discursos com palavras simples e concisas tendo por fim a compreensão do maior número de pessoas possível, numa globalidade de conhecimentos potenciadores de interpretação, e no sentido de que as matérias mais técnicas não fosse entrave para o receptor. Importa ainda tomar nota que o seu poder estava consolidado pela manipulação política que desenvolvera junto das correntes da direita republicana e mesmo junto de setores monárquicos, e ainda com os católicos que os apoiaram incondicionalmente. (CAMPINA, 2015, p. 69)

A imagem do homem desprovido de qualquer interesse, do abnegado salvador nacional, fora fortemente construída em forma de discurso, através da imprensa. Tudo que se relacionava com a figura do líder nacional era cuidadosamente fiscalizado até ser publicado. Por isso, no aniversário de 17 anos de boas finanças, conforme o título da matéria enunciara, faz-se uma homenagem ao aniversário de Oliveira Salazar: “Amanhã, 28, é o aniversário natalício do sr. Dr. Oliveira Salazar. Dobrado motivo para que a alegria dos seus pelo sangue se junte a de todos os portugueses no voto para que Deus conserve a sua preciosa existência” (NOVIDADES, 27 abr. 1943).

### 3.2 A CENSURA COMO PATRIMÔNIO DA DITADURA

Depoimento de um espectador interessado por Francisco Velloso  
 - Quão inútil é pregar o evangelho a estômagos vazios. O desemprego e a baixa média dos salários. Tenho escrito e afirmado há muito que em Portugal o que se denomina desemprego está mal classificado. Pagamos todos para o fundo de desemprego, e no entanto temos de verificar que, quando falta trabalho, esse fundo não atura, não opera, nem provê senão aos casos dos operários manuais em obras públicas e quando estas existem. Assim sucede, agora, por exemplo, com os milhares de motoristas que a falta de combustíveis obrigou a cruzar os braços, alguns deles e não poucos, já está a pedir por casas particulares, sustento para as mulheres e os filhos. É que ao lado de uma minoria a quem o comissariado pode realmente fornecer trabalho, existe uma maioria de trabalhadores, funcionários e empregados, que tendo, efetivamente ocupações estão longe de ganhar o mínimo necessário a subsistência normal de suas famílias<sup>108</sup>. (JORNAL DA MARINHA MERCANTE, 1942)

Corta<sup>109</sup> é a palavra que está carimbada no texto acima, dentro de uma pasta, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal. Se fosse possível inventariar o número de vezes que a palavra “corta” (GAMA, 2007) fora usada pela censura<sup>110</sup>, ter-se-ia um grande

<sup>108</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Gabinete do Ministério do Interior, Comissão da Censura de Lisboa. Texto censurado, salvo-guardado em pasta, com a denominação em caixa alta, CONFIDENCIAL.

<sup>109</sup> Referência usada em textos censurados.

<sup>110</sup> “Censura entendida como ato de submeter obras artísticas ou peças jornalísticas ao exame da análise de um conselho ou censor, para autorização ou veto de sua difusão. Ato de rever e julgar qualquer escrito para fim de autorizar. Opinião ou juízo desfavorável que se forma e se emite sobre alguma obra ou escrito, operando uma modificação ou proibição”. (STEPHANOU, 2001, p. 27; BRITO, 2001, p. 139-141)

trabalho quantitativo. Era o código (AZEVEDO, 1999) de definição de inconveniência, inadmissibilidade e era deveras inoportuno um texto que tivesse o carimbo do setor da censura (ROSAS; BRITO, 2015, p. 139-141), e que chegava ao Gabinete do Ministério do Interior para ser conhecido, pensado, censurado e, conseqüentemente, o autor perseguido. Não passaram incólumes as palavras de Francisco Velloso para o *Jornal da Marinha Mercante*, em 1942, como incólumes não passaram diversos temas que tiveram o carimbo “CORTA” (VARGUES, 2007). Para saber quais eram os limites discursivos que foram barrados, precisou-se um exercício de imersão nos relatórios da censura, de 1933 a 1968, e esse recorte temporal foi pensado a partir do governo de António Oliveira Salazar. Ainda é ponto de concordâncias e discordâncias, mas é notório que a primavera marcelista abrandou as características que tiveram sido próprias da censura em Portugal.

Os relatórios da censura, localizados nos arquivos do Ministério do Interior, na pasta da Comissão da Censura de Lisboa, com o subtítulo “Confidencial”, estão localizados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Entre as principais dificuldades de acessá-lo está o modo como se organiza o Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Não há descrição do que se encontram nos arquivos, apenas números de correspondências, o que torna a pesquisa morosa e um verdadeiro jogo de sorte, pois os achados podem ocorrer no primeiro dia e aí instala-se a leitura e cópia (não é possível fotografar, nem digitalizar, o trabalho é manual) daquilo que é relevante para o pesquisador. Todavia, é preciso saber que é possível levar alguns dias garimpando até chegar à documentação desejada.

Dito isso, as questões censuradas não poderiam deixar de integrar uma pesquisa que versa sobre a imprensa, pois ela esteve longos anos sendo a realidade de muitos escritores, jornalistas, professores e trabalhadores em geral. Pensa-se em mostrar um apanhado dos temas que foram proibidos, e, para isso, a seleção foi rigorosa, pois a mão não poderia copiar tudo. Posta essa especificidade, as matérias censuradas e que foram copiadas traduzem um pouco do que fora essa dura luta pela liberdade de expressão. Os textos com a tarja confidencial e com o carimbo CORTA permitem captar o sintoma de uma política preocupada em manter a aparente paz social. Qualquer assunto que deslocasse o leitor para outra perspectiva era veementemente apagado das folhas do jornal. Entretanto, graças à preservação desses documentos, pode-se pensar essa sociedade, duramente atingida pelo cerceamento das expressões.

Helena Lima (2013, p. 106), ao discorrer pelas questões que permearam o jornalismo em Portugal, adverte-nos para as especificidades que estiveram presentes no desenvolvimento dos *media*:

O desenvolvimento da imprensa portuguesa foi condicionado por vários fatores. O processo de renovação foi sistematicamente adiado pelas medidas repressivas da ditadura – a atividade censória e os efeitos da retaliação –, mas também pelas circunstâncias da pobreza e do analfabetismo que caracterizaram a população. A manutenção destas principais linhas de força, enquanto elementos fundamentais do regime, impediu que as empresas de imprensa, de tradição familiar, promovessem as transformações necessárias para tornarem mais atrativas as suas publicações.

Com muitos elementos que colaboraram para a não renovação da imprensa e, conseqüentemente, para a marginalização de jornalistas, pois as condições ainda eram muito precárias, nenhuma fora maior que a ausência da democracia. As repressões (CABRERA, 2008, p. 27) das palavras, dos textos, dos indivíduos, levaram Portugal a uma incipiente mídia. Os suportes audiovisuais eram propriedade do Estado, portanto regulados e monitorados sistematicamente. Entretanto, os vários suportes da comunicação social não ofereciam concorrência aos jornais impressos, pois todos – e é pertinente que em relevo se coloque essa afirmativa – sofriam as ações da censura (FORTE, 2000, p. 4). É o caso do jornal católico Novidades, que na semana de 23 a 29 de julho de 1934 sofrerá cortes por escrever sobre as mazelas que acometiam a sociedade. No título “Providências necessárias”, a comissão da censura descreve:

Artigo apreciando em conjunto a crise (autêntica, fome, diz) que avassala as populações nortenhas. Feitos muitos cortes parciais, por forma a tirar-lhe o cunho de pavor, com que pintava o quadro. CORTE TOTAL  
[...] Furtou para ser preso  
Notícia adequada ao título em que um rapaz declara à polícia que, para não passar mais fome, resolveu furtar, a fim de ser preso e alimentado. CORTE TOTAL<sup>111</sup>

Igualmente com o mesmo teor da fome, é banido o artigo que tem por título “A Ironia dos Contrastes”:

Na igreja de tal, casou-se o sr. Fulano com a sra. D. Beltrana. Findo o acto, foi servido no elegantíssimo palacete dos pais da noiva um finíssimo ‘lunch’ da pastelaria Rex, partindo os noivos para Nice a passar a lua de mel. Francamente, e sabemos nós que tanto desgraçado morre de fome, que tantos, entes estribucham sem uma codia para roer. Que irônicos contrastes. CORTE TOTAL<sup>112</sup>

Com o mesmo viés da fome que assolava a população, as condições de trabalho e do desemprego eram colocadas sob o título “Questões de Ordem Social”:

<sup>111</sup> Arquivo da Torre do Tombo, Pasta Confidencial do Ministro do Interior.

<sup>112</sup> *Ibidem.*

Falam os patrões – carta de Londres apreciando a greve de Chicago que, diz, surpreendeu o mundo capitalista pelo inédito, pois jamais os operários americanos se tinham abalancado a greves aspirantes como são, a burgueses. Termina por afirmar, que os 150.000 operários em greve, representam nada mais, nada menos, que o fracasso da economia dirigida. CORTE TOTAL

Camaradas! Não pode ser! Os tempos mudaram! O produtor já não pode ser considerado um escravo, uma coisa vil, apenas com a missão de trabalhar para o capitalismo burguês! O produtor é um homem e como tal, se tem obrigações, também, por isso, deve ter bem assegurados os seus direitos. Não quiere o capitalismo burguês convencer-se de que o seu período de absolutismo terminou e, por isso, ainda procura iludir com promessas as classes trabalhadoras. CORTE TOTAL<sup>113</sup>

Questões nevrálgicas que estavam diretamente ligadas à política, distribuição de renda e divisão dos recursos do Estado eram elementos para censura, dos quais não havia dúvida. No entanto, ao analisar os cortes, pode-se perceber que tudo era passível de ser escamoteado, escondido e cortado. Helena Lima (2013, p. 108) corrobora:

Quaisquer acontecimentos que pudessem de alguma forma abalar a imagem da sociedade ideal não eram permitidos. No período da ditadura, os critérios dos censores obedeciam a uma grelha de apreciação dos acontecimentos divergente dos valores-notícia (Brooks, et al, 1988; Shoemaker e Reese, 1996; Galtung e Ruge, 1965) que é típica do ethos jornalístico. Não passavam notícias, que por exemplo, traduzissem insegurança ou situações de grande violência que contrariavam a mensagem do ‘jardim à beira-mar plantado’. Não havia cobertura de mega acontecimentos ou de grandes cerimônias, salvo raras exceções, até porque as grandes concentrações populares só excepcionalmente eram permitidas.

No ensaio de Helena Lima pode-se perceber a tendência da censura através do exame das fontes e também admitir que a **censura** fora um negócio de Estado, com amplos tentáculos, muitas divisões e que o Estado investira pesado na seleção das informações. A repressão dos órgãos da censura foi se aperfeiçoando, conforme avançava a sustentação e consolidação do regime.

Maria da Conceição Ribeiro (1995), ao estudar a polícia política do Estado Novo, mostra como os aspectos de perseguição, disciplina e controle foram sendo sofisticados. Inicia-se pela incipiente participação da polícia, com quadros pequenos, e termina no grande panóptico. Denominada Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), constituiu um dos órgãos repressores mais conhecidos na história das ditaduras; estava intimamente ligada ao gabinete do Ministério do Interior, por isso era sempre informada dos jornais subversivos e os que estavam periodicamente publicando matérias inconvenientes.

Maria Conceição Ribeiro (1995, p. 15) assevera que as polícias políticas foram uma realidade de países que tiveram o autoritarismo como modelo político. Entretanto, as

---

<sup>113</sup> Arquivo da Torre do Tombo, Pasta Confidencial do Ministro do Interior.

especificidades que se conformaram em Portugal atestam a instrumentalização sofisticada de algumas práticas: “A criação de uma polícia política de um tipo novo aparece, assim, como uma das características constitutivas do fenômeno do autoritarismo moderno”.

Porém, uma das hipóteses de pesquisa formuladas por Maria Conceição Ribeiro, fora a longevidade do regime aliado à onipresença da PVDE, que em 1945 por conta de uma nova maquiagem do governo se chamará PIDE. Essa nova denominação também virá no rescaldo do conflito mundial, no qual o regime terá sua primeira grande crise. Abalado pelas democracias vencedoras, Portugal passa a ser um dos oásis de autoritarismo impróprios ao novo tempo e às novas relações econômicas. Serão necessários muitos mecanismos cosméticos para arrefecer as concepções internacionais acerca do regime.

Esses mecanismos cosméticos que passam pelas pequenas mudanças linguísticas não tiram o peso que a PVDE – e, posteriormente, a PIDE – teve na manutenção de uma imprensa empenhada em manter os ânimos em paz. Por isso, há que ressaltar alguns aspectos que eram as atribuições da polícia política:

1. A especialização na prevenção e repressão de atitudes e comportamentos dos cidadãos que não se enquadram na ideologia e no conceito de ordem definidos pelo Estado: a nova polícia combate e pune crimes políticos.
2. A nova polícia política não é, todavia, divisada apenas enquanto organismo de punição-repressão, mas também como instrumento de prevenção-dissuasão. Guardiã da ideologia oficial, a polícia política é concebida como instância de vigilância onipresente e onisciente dos cidadãos. Assim, a definição do lugar e das funções da polícia política no quadro de um Estado forte radica não apenas numa lógica de neutralização e eliminação de todas as formas de contestação, mas igualmente numa preocupação, complementar, de prevenir e evitar ulteriores desvios à ordem que o regime encarna.
3. A especialização na prevenção e repressão de crimes políticos-categoria ambígua e sempre extensível – implica por outro lado, a atribuição de amplos poderes à polícia política. Poderes tanto mais dilatados quanto vagamente definidos e difusamente regulamentados. Sempre enunciados de forma imprecisa, os poderes cometidos à polícia política garantem-lhe, na prática, uma extensa margem de manobra, permitindo-lhe contornar a moldura jurídica definida, quando tal se revela conveniente. (RIBEIRO, 1995, p. 36)

Maria da Conceição Ribeiro (1995, p. 36) explicita outros pontos, mas julga-se que esses são os principais no que diz respeito a controle e cerceamento das liberdades do indivíduo. A questão da liberdade é flagrante perante o poder de prisão da polícia política; esse poder constitui-se com amplo escopo, “atribuindo-lhe a possibilidade de decidir quem deve ou não permanecer em liberdade”.

A liberdade, a censura e a relação com a imprensa estavam sempre ligadas às idiosincrasias<sup>114</sup> de cada sujeito. Como não havia leis que regulamentassem as questões relativas à imprensa, a censura estava atrelada diretamente aos contextos sociais, econômicos e políticos de cada época. Como observa Helena Lima (2013, p. 109), “a noção da regulamentação da censura durante todo o período da ditadura pode ser entendida como volátil, na medida em que Salazar não procurou ou quis implementar uma lei de imprensa”.

Por outro lado, é fulcral pensar que a censura não foi uniforme, estando sujeita às variações de cada sujeito e até mesmo ao temperamento de António Oliveira Salazar. Como era sua característica, não deixou de acompanhar o que estava sendo escrito e falado pelos portugueses. Todavia, herdou o regime censório instalado pelos militares em 1926 e o aperfeiçoou. Era patente que a liberdade de expressão deveria existir. Entretanto, a Constituição de 1933 traz ressalvas importantes sobre essa pretensa liberdade de expressão:

‘Leis especiais regularão o exercício da liberdade de expressão de pensamento, de ensino, de reunião e associação, devendo quando a primeira, impedir preventiva ou repressivamente a perversão da opinião pública, na sua função de força social’. O texto constitucional consagrava um direito que vigorou durante todo o regime, sendo que o que realmente prevaleceu foi a exceção e não a regra: a censura foi onipresente, pelo que a lógica da sua atuação se caracterizou linearmente pelo papel preventivo: punia mesmo antes de ser cometida a infração. (LIMA, 2013, p. 110)

Esse Estado preventivo vigorou até o final do regime, os agentes censórios eram remunerados e submetidos à pasta do Ministério do Interior, normalmente ocupavam essas vagas os militares da reserva e, por isso, deixavam um rastro disforme no serviço, não alcançando a uniformidade pretendida por Oliveira Salazar. Entretanto, o Decreto-Lei n.º 33545/44 previa a reformulação do serviço de censura, e a pasta passaria à competência do Secretariado de Propaganda Nacional. (LIMA, 2013, p. 110)

As reformulações feitas por Oliveira Salazar eram com um único objetivo: a centralização. Por isso, as reformas sempre foram para atingir melhores resultados com os órgãos censórios, prevenindo e rechaçando qualquer texto que estivesse em desalinho com o que era “aconselhável” estar em jornais e revistas. Já no período marcelista, havia o consenso que a censura sofreu uma sensível brandura. No entanto, Marcelo Caetano não era afeito a radicalismos e, por isso, a censura ainda perdurara, sem que ele tenha rompido com a

---

<sup>114</sup> “O exercício da censura durante o regime ditatorial de 1926-1974 provocou um conjunto de constrangimentos na atividade informativa que condicionaram o pleno desenvolvimento da imprensa e demais meios da comunicação social. Esses constrangimentos foram impostos por um aparelho ideológico e repressivo assente numa base legislativa pouco elaborada, e muitas vezes de interpretação arbitrária, levada a cabo por um conjunto de agentes e de mecanismos de pressão, que podiam ir até a interferência de Salazar”. (LIMA, 2013, p. 115)

prevenção de notícias feitas pela censura, mas outro motivo considerável é que ele acreditava que o povo não estava preparado para a liberdade de imprensa, como observa Helena Lima (2013, p. 112):

Dadas as potencialidades em perspectiva, não é pois de se estranhar que Caetano se tenha inspirado em quem antes dele soube usar muito bem a seu favor os trunfos que os media ofereciam. Daí o modelo escolhido para o programa de televisão, as ‘famosas conversas em família’, onde se procurava persuadir o público das políticas adotadas. Este estilo simpático e compreensivo já antes tinha sido amplamente utilizado na rádio por Theodor Roosevelt, nas suas ‘conversas à lareira’, através das quais, e num tom muito coloquial, muito próximo, conquistou o povo americano para o *New Deal*. A empatia de Roosevelt foi usada em diferentes ações de marketing político que resultaram em grande eficácia, dado o grande eco mediático que suscitavam. Terá sido esse efeito que Marcello Caetano terá procurado atingir, nomeadamente pelo interesse que demonstrou em relação à televisão.

Mas a suposta abertura do período marcelista deu lugar a uma nova situação, o enquadramento do jornalismo, através da nova lei de imprensa, formulada em 1972. O capítulo II “liberdade de imprensa, suas garantias e limitações” assinala a corroboração da restrição de informação, sobretudo em referência às guerras coloniais. É vedado todo tipo de informação e propaganda que coloque em causa a ordem pública, conseqüentemente aquilo que se queria como “paz social”. No conjunto de oito alíneas está a seguinte condição:

Respeitem os anúncios convocatórios relativos a reuniões previamente proibidas, mas também a temáticas dos chamados ‘sucessos’: e) descrevam em termos pormenorizados e sensacionalistas casos de vadiagem, libertinagem, uso de estupefacientes, suicídios e crimes violentos. (LIMA, 2013, p. 113)

Por isso, a lógica da censura estabelecida em 1933 vigorara com tanto sucesso. De António Oliveira Salazar a Marcello Caetano, as restrições de informações e os enquadramentos jornalísticos deram lugar à submissão do jornalismo. O fazer do ofício de jornalista estava aliado ao complacente papel de transcrever textos prontos e preconcebidos. Havia pouco lugar ao ineditismo, aos artigos de opinião, aos editoriais que não versassem sobre aquilo que já estava previamente acordado. Os jornalistas resistentes sabiam dos perigos e penas, muitos eram os lotes de jornais que foram denunciados, proibidos, perseguidos e incinerados.

Por isso, as regulações passavam por todos os setores da vida social. Abaixo, alguns recortes de notícias suprimidas dos jornais, todas versam sobre o período de 16 de julho a 22 de julho de 1934:



Notícia de ter dado entrada no hospital da Boa Hora uma menor que tentou envenenar-se. CORTE TOTAL;  
 Homem Morto: Notícia do suicídio de um empregado do comércio na praça José Fontana. CORTE TOTAL;  
 Notícia que ingeriu uma poção venenosa, uma criada de servir. CORTE TOTAL;  
 Notícia dizendo que recolheu ao hospital uma mulher de cinquenta anos que se tentou suicidar golpeando o pescoço.  
 Práticas condenáveis: Correspondência de Sousa relatando pormenores de um crime de aborto cometido na localidade e pelo qual se encontram presas três pessoas. CORTE TOTAL  
 Portugueses no Brasil: Notícia de suicídio de uma mulher de quarenta e três anos. CORTE TOTAL  
 Notícia de que, dentro de um poço foi encontrado o cadáver de uma menor que tinha desaparecido. Há suspeitas de que foi suicídio. CORTE TOTAL  
 Crime de estupro – Artigo do advogado Carlos Bana, explicando em que consiste o crime de estupro e em que pena incorrem aqueles que o cometem. CORTE TOTAL por inconveniente em virtude dos detalhes a que desce.<sup>115</sup>

José Tengarrinha (2015, p. 187) afirma que o apagamento de notícias que alterassem a ordem social ou a paz social era uma das tentativas de Oliveira Salazar de consolidar o espaço de identificação com “o espírito nacional”, e observa que:

Neste quadro convulsionado era preciso, acima de tudo, impedir a propagação de ataques aos grandes valores formativos de identidade nacional: Pátria, Religião, Família. Pretendia-se que estes valores ideológicos em que assentava de uma forma profundamente reacionária e conservadora o Estado Novo fossem transmitidas pela imprensa, como principal instrumento desta estratégia. Mas, para isso, os métodos coercivos permitiram atingir satisfatoriamente esses objetivos. Desfeita a ilusão de Salazar de que era possível construir a unidade nacional em torno do Estado Novo, a Guerra Fria permite reforçar os argumentos para que ele persiga os opositores com a justificação de serem comunistas, o que também agradaria ao ocidente, e aperte ainda mais duramente as malhas da censura.

Outro elemento que atravessa a censura são os censores e todo o seu trabalho. Esse trabalho por norma era feito por militares de patente média, sem a devida cultura para inspecionar textos que versassem sobre uma possível subversão ou que tivessem como referência livros proibidos. As histórias que constituem o fazer do censor, em sua maioria, são verdadeiras anedotas. Como informa José Tengarrinha (2015, p. 187):

Por exemplo, na Revista Seara Nova frequentemente comentávamos e transcrevíamos alguns textos assinados por ‘Carlos Marques’ ou ‘Ulianov’ sem que eles se apercebessem de que se tratava de Karl Marx e de Lenine. Aliás, quando faziam buscas em bibliotecas particulares era frequente levarem livros de Lenine, de Stalin e de... Racine.

Portanto, a censura esbarrara na qualificação do agente censor. Não tendo conhecimento prévio do que se tratavam os textos, os agentes censores deixavam passar

<sup>115</sup> Arquivo da Torre do Tombo, Pasta Confidencial do Ministro do Interior.

muitas matérias, o que era flagrante para quem sabia do que o texto estava se referindo. A mutilação (ROSA; PEREIRA, 2015) da tesoura (VARGUES, 2007) ou da faca nem sempre era ávida no corte, portanto a rolha que figurava tapando muitas bocas amordaçadas às vezes era retirada pelo próprio desconhecimento dos censores acerca do que o texto estava abordando.

### 3.3 EXPRESSÃO E OPRESSÃO: A IMPRENSA FEMININA CATÓLICA DEDICADA ÀS MULHERES

Não tenhas medo! Alguma vez hás-de começar...  
Vamos, põe o avental, arregança as mangas e boa sorte! (MENINA E MOÇA, 1947,  
*apud* BRAGA; BRAGA, 2012, p. 207)

O fragmento acima retirado da revista “Menina e Moça” é uma boa síntese das publicações que eram dirigidas às mulheres (BARRENO, 1976) no Estado Novo português. “Põe o avental”, a afirmação é um convite às mulheres a participarem da vida que lhes era natural, portanto “o não tenha medo” é uma convocação a formarem-se, a aprenderem e a agradarem na dimensão privada, estando aptas a viver em sociedade e desse modo estarem a par da ideologia do regime. (BRAGA; BRAGA, 2015)

Em Portugal, as mulheres não foram deixadas de lado pelo projeto governista que previa a cada um o seu lugar<sup>116</sup>, antes pelo contrário. Existiam órgãos e mulheres de bem, como o caso de Maria Guardiola – entusiasta do regime na manutenção da ordem e na educação das meninas –, que foram aliados ao sistema para que se chegasse o mais perto possível do ideal: Deus, Pátria e Família.

Com cunho pedagógico, as publicações dirigidas às mulheres no Estado Novo Português dão conta do projeto idealizado para o feminino. Um dos exemplos mais emblemáticos é a Revista Menina Moça, do órgão estatal Mocidade Portuguesa Feminina, que começou a ser produzida em 1947. “Chega no mês de maio para que se receba pela mão da Virgem Maria, a menina e moça ideal que nós desejamos ser” (MENINA E MOÇA, maio 1947)

Nessa publicação dirigida às mulheres percebe-se como os discursos se emaranham nos jogos de poder. O discurso destinado às mulheres ganha a dimensão que o regime precisava. Esse discurso estatal atrelado ao religioso e aliado à norma estará envolto no guia

---

<sup>116</sup> Irene Pimentel, em sua dissertação de Mestrado sobre as organizações femininas no Estado Novo, defende a ideia que as políticas instaladas pelo governo Salazar ordenavam e distribuíam os sujeitos, colocando cada um no seu lugar.

da moça perfeita e ganhará ares de lei. Governar a casa, fazer coisas sensatas e saber fazer compras eram as qualidades imprescindíveis de uma mulher, além de alertar, em épocas de eleição, sobre a consciência pelo voto certo.

Mas havia um tema emblemático, o cuidado da alimentação familiar. E sobre isso, as matérias versavam na perspectiva da mulher ciente do preparo do pão para alimentar sua família, simbolizando a mulher-mãe, detentora das mais preciosas dádivas. Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga, investigadores das publicações da Revista Menina e Moça, percorreram os caminhos dos discursos da “Menina e Moça” na busca de elementos que consubstanciassem seus estudos no que se refere à mulher ligada à alimentação. Com isso, a culinária ganha uma atmosfera rica em símbolos, a mulher que cuida e alimenta bem sua família já pode se considerar a verdadeira cristã, pois o alimento é sagrado. Em 1953, o excerto abaixo foi publicado:

A Santa Igreja recomenda-nos durante este santo tempo a oração, a esmola e a mortificação. Se trabalhares na preparação do foliar – no arranjo ou na confecção de roupas, brinquedos e outros mimos – com espírito de fé, o teu trabalho será oração. Poderás até oferecer a Deus esse trabalho (no momento de fazê-lo) por aqueles a quem se destina. A oração, como sabes, é o melhor meio de atrair a graça sobre as almas: de missionar. O foliar dar-te-á também ocasião de praticares a esmola e a mortificação. Será um sacrifício agradável a Deus renunciarestes a qualquer coisa (por exemplo, uma ida ao cinema ou a compra de um objecto supérfluo) para com o produto da renúncia comprarestes material para o foliar. (MENINA E MOÇA, 1953, *apud* BRAGA; BRAGA, 2012, p. 201-226).

A constrição, sempre pregada e alardeada como uma das principais qualidades do sujeito, tem no corpo da mulher sua principal simbologia. A mulher que soubesse medir bem seus ingredientes, sem o desperdício do mundo liberal, estava pondo em prática o que os *media* e as revistas a alertavam. O esbanjar, sintoma maior da sociedade preocupada com as excentricidades, opõe-se à sociedade que poupa, economiza e guarda, fazendo, sempre que pode, a caridade. O ato de incentivar a caridade mostra que a Igreja chegava, muitas vezes, onde o Estado não era ativo, manifestando o carácter providencial que a Igreja tinha junto a esse modelo social.

As publicações seculares (ALMEIDA, 1998, p. 91) ou religiosas também mantinham alguns pontos de intersecção, entre eles, o discurso religioso que permeava ambas publicações (AZEVEDO, 2011, p. 115-131). Numa publicação laica não era raro ler recados de Deus direccionados às mulheres, inclusive algumas publicações relacionadas à alimentação da família vinham acompanhadas de uma certa consciência das diferenças de classe que existiam naquele período, diferenças bem marcadas pelas mulheres que ocupavam as regiões mais

urbanas e mulheres que habitavam as regiões rurais. Nesse sentido, eles vaticinam: “Nem sempre, no campo, há carne e peixe. Mas os ovos remediam a sua falta. Há tantos modos de os cozinhar! E são tão apetitosos e nutritivos os pratos que com eles se podem fazer!” (MENINA E MOÇA, 1947, *apud* BRAGA; BRAGA, 2012, p. 207).

Por outro lado, o cenário da imprensa dirigida às mulheres nem sempre teve essa perspectiva, nas publicações que remontam à Primeira República observa-se um discurso mais independente, mostrando que as mulheres escritoras publicam – em baixa escala –, mas reivindicando protagonismo no espaço público, e isso irá diferir das publicações que ora direcionavam as mulheres, no advento do Estado Novo.

Esse período estará marcado pelas publicações que versam sobre o ambiente privado e muitas delas trazem em sua publicidade elementos que constituem o casamento como destino natural e ambicionado pelas mulheres (ALMEIDA, 1985). Na Revista “Modas e Bordados”, a publicidade dos cosméticos Nally evidenciam esse pressuposto. Com a manchete central que absorve toda a página, a revista publica: “Ninguém a quis”:

[...] porque não soube valorizar os seus dotes naturais, porque não adquiriu o misterioso e dominador encanto, a sutil e irresistível sedução que, mais do que a perfeição acadêmica dos traços, constituem a verdadeira beleza atraente, - porque não cuidou e defendeu a sua pele e a sua mocidade, porque não usou, enfim os produtos Nally. (MODAS E BORDADOS, jun. 1935)

A mesma revista, além de fazer um apelo aos cuidados femininos voltados à mulher que não casara, pois sua *toilette* não estava a contento e seus cuidados eram parcos para consigo, também levantava questões que eram responsabilidade das mulheres no que se refere à elegância masculina. Segundo a revista Modas e Bordados (jun. 1935), a mulher deveria ocupar-se de ter um homem com suas roupas alinhadas, gravata bem passada, calças sem vincos etc. Alertava-a que não era tarefa fácil, pois esbarrava em ter um homem que concordasse com tais cuidados. No entanto, a matéria traz a questão do poder feminino:

Quando a mulher quer, nem o diabo tem força para opor. E não. Porque tudo se consegue com persistência, tenacidade, brandura, experiência. E essas qualidades tem-nas em geral a mulher. Portanto, não vale desanimar a primeira. É preciso que a pouco e pouco a senhora vá convencendo o marido de que determinada gravata é horrenda, de que a camisa amarrotada, os sapatos mal engraxados, o fato com joelheiras, enfim, o conjunto detestável, de que ele se orgulha só tem um resultado: envelhecê-lo. E, minhas senhoras, não há homem algum, por mais desprezado que seja da sua pessoa, que goste sendo novo, da aparência de velho que é.

Esse tipo de texto publicado na Revista Modas e Bordados, que era uma revista secular, com conteúdo diverso, inclusive sendo a primeira revista a publicar os textos de Florbela Espanca, estará diretamente ligado a um tipo de pauta que perpassará a imprensa voltada para as mulheres. A agenda para o feminino (ALMEIDA, 2000, p. 5-15) compreendia esses temas: casamento, maternidade, vida doméstica e o lugar da mulher na sociedade. Variando um pouco o enfoque em um ou outro tema, as revistas femininas de circulação e grande tiragem não distinguiram-se abruptamente, conforme afirmam os investigadores da imprensa. Há quase um consenso que a imprensa feminina, inclusive na contemporaneidade, versa temas relativos a esfera “menor” da vida humana.

Teresa Salvador (2009, p. 95) faz uma incursão exaustiva na imprensa portuguesa direcionada ao feminino, percebendo as pautas, agendas e o que se convencionou como o interesse feminino dentro da sociedade em Portugal, advogando que:

O problema da vulnerabilidade, decorrente do predomínio de ideologias sexistas enraizadas, transversalizadas e internalizadas, tanto afectava os artigos dedicados à moda, quanto os artigos de conteúdo político: os primeiros por serem considerados próprios das mulheres ou conformes à sua natureza; os segundos, por lhe serem impróprios ou estarem desajustados do papel social convencionado, naturalmente politicofóbico. Tal mentalidade contribuiu para inferiorizar a imprensa feminina perante a imprensa em geral que ganhara, por razões várias, uma forte consciência do valor de si mesma. Todavia, nem sempre os ataques depreciativos vinham do exterior. Muitas vezes constituíam-se e assumiam-se no interior do núcleo editorial, independentemente de os responsáveis serem homens ou mulheres. Ilustrativo é o texto de apresentação de *Vida Feminina. Revista Semanal da mulher e para a mulher*, supostamente escrito por uma das secretárias de redação, onde se esclarece o público leitor sobre a natureza da revista: espaço ‘onde a mulher se sente mulher e onde a futilidade feminina, que é afinal a vida, é tratada com algum carinho e sem política nenhuma’.

Entretanto, Teresa Salvador (2009, p. 95) adverte que o enunciado das publicações e a propaganda que era dada a conhecer delas não manifestam a diversidade de publicações direcionada às mulheres nos oitocentos. Essas poucas, mas antagônicas publicações, diferiam do consenso que pairava sobre a imprensa para mulheres e mostrava-se “extrovertida, combativa e decidida a permanecer no espaço informativo, equacionando os problemas da mulher e da sociedade, juntando a vida privada com a pública e harmonizando valores”.

Essas publicações que se mostravam diferentes das pautas que costumeiramente eram vinculadas ao feminino (ALMEIDA, 1998), fosse pelo discurso que as mulheres interessavam-se apenas por trivialidades (LIMA, 2012), fosse por sobressaírem-se em números a outras de cariz diverso, também eram alvo das revistas com redatores homens, que escreviam e editavam para o mercado impresso voltado às mulheres. É o que assevera

Salvador (2009, p. 97), ao falar da Revista “O Toucador: Periódico sem política dedicado as senhoras”, que era dirigida por Almeida Garret, que em seu editorial afirma: “declara-se que ficam intencionalmente de fora ‘as tarefas de politizar e despolitizar’”.

Com a afirmação de Garret sobre o “despolitizar” das revistas endereçadas às mulheres, pode-se perceber que há uma agência própria voltada à imprensa feminina, trabalhando com o fim de ilustrar a vida da mulher, a imagem como ilustração, no sentido de dar um lustro à imagem feminina, mostrando à natureza feminina o que se deveria consumir, ler, ouvir e dizer. Entre texto e imagem, os dois suportes têm o objetivo de mostrar aspectos do cotidiano feminino, desenhando e deixando um rastro de norma entre as grandes publicações que informavam e formavam, além de conformar o feminino. Em uma das muitas publicações a que se teve acesso, uma chamou a atenção pelo conteúdo da responsabilidade feminina na felicidade doméstica:

Os dez mandamentos da felicidade doméstica:

I- Sê otimista, sorridente; mas evita as gargalhadas.

II- Não queiras por força esconder-lhes as gravatas; o teu gosto não é forçosamente o dele;

III- Não lhe peças dinheiro a toda a hora; faze os teus cálculos e pede-lhe por uma vez;

IV- Não o importunes com coisas insignificantes. Não lhe fales nos serviços caseiros. Nada de ditinhos nem intrigas. Mas uma vez por outra conta-lhe uma anedota, que ele há de achar graça;

V- Dá-lhe uma alimentação simples. Dize-lhe que esse regime lhe convém, por isto e por aquilo. Mas se ele é apreciador de comida complicada, uma vez por outra faz-lhe a vontade;

VI- Sê como ele te deseja. Se ele gosta que sejas frágil, dá-lhe ocasião a que ele venha em teu auxílio... Mas se ele aspira a que o ajudes, não finjas que não entendes;

VII- Adula-o, se é preciso. Mas critica-o só quando ele te pedir;

VIII- Sê meiga, carinhosa; afectada não;

IX- Cuida de ti como no tempo do noivado. Procura tua beleza, mas pinta-te com moderação. Renuncia às pantufas...

X- Mas prepara as dele. (MODAS E BORDADOS, dez. 1935)

Essa publicação, entre outras, eram chamamentos a que as mulheres atentassem àquilo que lhes era esperado. Portanto, as publicações em sua maioria, desde os oitocentos, estarão sintonizadas com o aprimoramento da vida familiar, fazendo a mediação entre o mundo privado e os conselhos públicos que permeavam as revistas. Teresa Salvador (2009, p. 97), ao analisar a publicação de 1822, chamada “Gazeta das Damas”, que destoava das demais, pois prometia formar e informar, enfatiza:

A invocação da necessidade nacional de aproximação das mulheres à política, pelo menos na qualidade de observadoras e comentadoras, coexiste, no mesmo espaço, com o apelo ao cultivo a domesticidade angélica, como se fosse insignificante e invisível o desacerto das mundividências. De fato, se alguns artigos não fazem

contenção no uso do tom crítico, irônico e exaltado, outros postulam um ideal de mulher do tipo companheira doméstica. Cita-se exemplificativamente: ‘Dama de um espírito cultivado, e de um coração bem formado, e virtuoso. Eis aqui a companheira, e não a escrava do seu condigno Esposo: Ela satisfaz os seus desejos, e alivia-lhe igualmente as suas penas, recompensa-lhe os seus cuidados e suaviza a sua sorte por efusões de ternura: a gravidade, a inocência e a modéstia mostrar-se-ão no seu rosto’.

Como pode-se perceber, a diferença dos anos oitenta do século XIX para os anos trinta do século XX (BERNARDES, 1989), na questão das abordagens das revistas femininas e na imprensa voltada para a mulher, não evidencia uma mudança radical ou drástica. As formas de escrita atravessam as décadas e na linha editorial que se acessou, elas mostram muitos pontos de intersecção.

Maria Teresa Santos (2013, p. 18), ao escrever sobre a imprensa feminina, afirma que os periódicos que circulavam entre as mulheres foram enquadrados na “categoria da *petite presse*”, e sobre isso ela observa:

[...] designação depreciativa que sugere-se tratar-se de um gênero menor de uma espécie, ou seja, de uma designação dos grandes periódicos. É certo, que, do ponto de vista editorial, em termos comparativos, tais periódicos foram particularmente efêmeros, de publicação irregular, de fraca tiragem e de circulação restrita (mulheres portuguesas letradas), com poucos artigos de ressonância internacional, abuso de entradas informativas e falta de sustentabilidade financeira. Sem consequências concorrenciais negativas para os periódicos de referência nacional, mantinham-se no mercado editorial graças a carolice militante de algumas mulheres que desdobravam os seus nomes em pseudônimos, trabalhavam muitas vezes gratuitamente e financiavam sem retorno.

É nessa cena que se remonta aos periódicos católicos destinados às mulheres. Com alguma vantagem na estrutura tipográfica e com escritoras que eram do corpo da Igreja, a concorrência constituía-se desleal. A imprensa católica, além das doações da Igreja, buscava junto a fiéis multiplicar as assinaturas, também com algumas promoções que viabilizassem as publicações. Contavam com inúmeros mecanismos para a propagação de uma formação católica para as mulheres portuguesas.

Entre as matérias investigadas nas revistas “Alleluia” e “Stella: A revista da mulher católica” e a coluna feminina do Jornal “Novidades” percebeu-se que a agenda para as mulheres não destoava dos valores indeclináveis da mulher como: maternidade, educação dos filhos, o combate ao divórcio, o combate ao aborto e a educação para o matrimônio perfeito. Desse modo, nos arquivos acessados, entre imprensa laica e imprensa religiosa destinada às mulheres, a pauta pouco variava (BUIIONI, 1990). O que era vário era o enfoque, em

algumas matérias o apelo ao culto mariano, era recorrente, o que não era tão visível na imprensa secular.

Não houve acesso à imprensa da resistência feminina, que tivesse outros discursos, exatamente porque o cerne da investigação era a participação da imprensa religiosa na manutenção de um regime duradouro. Dessa forma, alguns aspectos confirmaram a hipótese inicial e outros mostraram uma imprensa mais independente do Estado. No entanto, os pontos de convergência são imensos e extensos, o que corrobora a tese inicial e a investigação ora empreendida. As revistas católicas compuseram como forma transversal, ficando a coluna feminina do jornal *Novidades*, jornal filiado à hierarquia da Igreja e com forte identificação conservadora, como principal aporte referencial para tecer-se a problemática. A coluna do *Jornal Novidades* mereceu especial atenção por reunir esses elementos fundamentais já expostos (mulheres, educação e política), e também por estar vinculado à pergunta que norteou o olhar do início ao fim, procurando-se a resposta, portanto ela integra o subcapítulo seguinte.

### 3.4 DA MULHER: A COLUNA FEMININA DO JORNAL NOVIDADES

O homem tem a mão livre para empunhar a espada, a mulher vê-se obrigada a usar a sua para impedir os cetins de lhe descaírem dos ombros. O homem olha de frente para o mundo [...] A mulher deita-lhe um olhar enviesado. Se usassem os dois as mesmas roupas, é possível que a sua visão do mundo fosse a mesma. (WOOLF, 2007, p. 133)

Como não usavam as mesmas roupas, não tinham os mesmos direitos, e na parte dos deveres eram também muitas distinções, homens e mulheres estavam em uma sociedade que fazia do gênero um organizador da estrutura social. A metáfora que atravessa a vestimenta é emblemática para situar os sujeitos no tempo e espaço em que viviam. O homem empunha a espada e a mulher ajeita-lhe a camisa. A pele de cada um também é a primeira vestimenta e o primeiro modo de distinguir os sujeitos. A sociedade estava assentada numa lógica heterossexual, branca e desigual. As demais peles, gostos, afetos, hábitos e sexualidades viviam à margem.

Virgínia Woolf (2007, p. 133) entendia e tinha sensibilidade para perceber os meandros de uma organização social desigual que privilegiava o patriarcado. Por isso, a metáfora da espada, dos cortes de cetim, da costura e de olhares que veem o mundo, mas desfrutam-no diferentemente e desigualmente, cabe como uma luva para falar da pedagogia social que estava envolta na imprensa destinada às mulheres.



Longe das dicotomias, mas compreendendo as interfaces que compõem esse jogo, quer-se inventariar as especificidades da imprensa católica voltada para as mulheres. O objeto principal desse item será o Jornal Novidades e sua coluna feminina. A emergência de um novo olhar para o passado proporcionou eleger um objeto, que nunca antes fora estudado, como um dos coadjuvantes do regime. As matérias deixadas pelo passado permitem adentrar em um campo que é muito parecido com o que Durval Muniz escreveu acerca dos seus objetos de estudo e da obra de Michel Foucault.

Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007, p. 151) credita a Michel Foucault um legado que modifica a visão acerca do passado, que historiciza a matéria humana, que humaniza a ciência, confrontando as muitas percepções de um mesmo objeto. Por isso, ele diz ter aprendido a elaborar a sua história e a pensar seus objetos e também, referindo-se a Foucault, enfatiza:

Com ele aprendi a olhar para o desenho de bordas, de limites, de fronteiras, que marca e demarca cada corpo, cada pensamento, cada prática, cada discurso. Com ele aprendi que o passado se configura, adquire forma, é desenhado na incessante batalha que os homens travam no presente, buscando dar a ele uma consistência, uma estabilidade, uma memória que sirvam de suporte para projetos, estratégias, astúcias, que apontam para a construção de verdades possíveis sobre o ser do homem no tempo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 151)

Com esse enunciado – e, porque não, aprendizado – que Albuquerque Júnior tão bem sintetiza, acerca do modo como se instrumentaliza teoria e método em Foucault, pode-se olhar esse passado, esse tempo, com duas premissas: as mulheres foram pensadas e descritas pelo patriarcado, que compreendia todos os estudiosos, todos os discursos e todos que escreveram sobre as mulheres. As mulheres que escreveram estavam em um campo iminentemente masculino e isso, na maioria das vezes, determinou a escrita. Poucas tiveram a autonomia que Virgínia Wolff tivera. Há um forte elemento que consubstancia o discurso da mulher para a mulher: elas absorvem o discurso masculino e o naturalizam. As mulheres pensam as mulheres através do olhar do outro e na maior parte dos casos em que há escritoras, isso é patente. Por suposto, um olhar colonizado é o outro que escreve sobre elas, as fundam, definem e redefinem. Todavia, quando há mulheres escritoras, elas ainda experimentam e estão impregnadas desse olhar (LOURO, 2000).

“Os contornos dos corpos”, como observa Durval Muniz, estarão marcados por essa premissa principal a de que mulheres que escrevem para mulheres – nesse caso específico, o periodismo católico como base dos discursos – são lidas a partir de uma raiz patriarcal, portanto sua escrita também estará, em maior ou menor grau, condicionada a esses

pensamentos e modelos discursivos cristalizados. Portanto, mesmo as mais vanguardistas e que tinham algumas leituras e conhecimentos sobre movimentos femininos internacionais estavam inseridas em uma cultura extremamente conservadora e que privilegiava o binarismo dos sexos. Todavia, isso não exclui o caráter subversivo que muitas mulheres tiveram a partir de uma interlocução com grupos feministas de outros países, inclusive dos núcleos católicos.

Com a hipótese fundamentada nos grupos femininos que escreviam e pensavam as mulheres, através de uma cultura patriarcal, empreende-se a historicização dessa coluna. Parte-se da pauta voltada para as mulheres e centra-se a análise na disposição dos temas que integraram essa coluna desde 1934 até 1969. Escolheu-se esse recorte temporal, por ser mil novecentos e trinta e quatro o ano em que o Chefe dá permissão às mulheres sob condições, de votar, e mil novecentos e sessenta e nove, por ser o fim do governo de Salazar. Um fim controverso, é imperativo dizer, pelos resquícios de seu projeto voltado para as mulheres e também pela maneira como nunca depuseram-no. Por conta de sua doença, os membros do governo ficaram unidos na farsa da manutenção de um governo fictício para Oliveira Salazar. Como parte da análise, também incursiona-se para pensar nas devotas de António Oliveira Salazar (MOTA-RIBEIRO, 2005), pois parte das mulheres católicas que escreviam tinham uma forte ligação com o líder católico.

O problema que se coloca é perceber a sincronia das questões do Estado Novo com as questões que a Igreja impusera às mulheres. Como parte desse processo de análise, foram analisadas as diagramações, imagens, textos e publicidades que formaram a coluna, durante todo o período, perfazendo um total de aproximadamente mil oitocentos e vinte colunas. A conta não é exata, pois houve alguns períodos em que a coluna ocorria de forma quinzenal, isso já no final dos anos sessenta. As primeiras incursões no Jornal Novidades e na sua coluna feminina favoreceram a hipótese inicial da criação de um sujeito feminino católico, devoto a Deus e à Pátria.

A imprensa em Portugal acompanhava um fenômeno que ocorria simultaneamente em outros lugares, a substituição do jornalismo de opinião pelo jornalismo noticioso. Desse modo, muitas publicações contavam com páginas destinadas a públicos específicos, como eram os casos das colunas destinadas às mulheres (RIBEIRO; COELHO, 2005). A coluna feminina do Jornal Novidades estava sobre essa égide e “grandes órgãos de imprensa criaram espaços dedicados à mulher, a denominada página da mulher”. (GOMES, 2011, p. 5)

Por isso, à medida que o mercado voltado à beleza, ao comércio e às modificações no vestuário avança, as mulheres passaram a ser o alvo ou um deles, mas indiscutivelmente o que terá mais apelos. Isso se observa nos modos, na iniciação à civilidade, na moral sempre

presente nos discursos que referenciam o feminino. Outro dado importante é a mudança nas relações de consumo e a aparição das novas ferramentas domésticas, o uso de utensílios criará uma outra relação da mulher com o espaço privado. Nas revistas femininas não faltavam referências às muitas utilidades domésticas, criadas para a satisfação da mulher.

Ao costurar a relação entre as mulheres e a imprensa, os aspectos das novas tecnologias domésticas e o mercado da moda serão elementos que estarão invariavelmente interligados, não só pelo sistema econômico, mas há aí algumas mudanças na cultura que serão vistas nos comportamentos femininos.

Tânia Vanessa Araújo Gomes (2011, p. 1), ao analisar a Revista Eva como formadora da mulher, assevera:

Os periódicos femininos visavam a autoformação das mulheres, sugerindo modelos comportamentais, instruindo-as para a vida no lar e para a melhor maneira, cada vez mais científica, de educarem os filhos. Paralelamente ensinava-lhes a arte de se embelezarem e permitia-lhes suspirar com as páginas de literatura, muitas vezes de caráter moralista.

O tropo “Página da Mulher” ensejava alguns aspectos da divisão versada no gênero dos indivíduos, conforme o tema que lhes cabia ler. Sublinha-se a exclusão de identidades de gênero, pois múltiplas identidades são marginais em sociedades conservadoras católicas no início do século XX, que pressupõem que há dois mundos: um masculino, outro feminino (GOMES, 2011). O lugar para outra identificação inexistente, pelo menos na imprensa oficial.

Desse modo, num mundo assentado em arquétipos femininos e masculinos, os jornais inserem em suas publicações uma página destinada ao universo feminino (VAQUINHAS, 2011, p. 15-16). Foi assim que o Jornal Diário de Notícias divulga mais uma revista feminina que estreia na imprensa, fazendo alusão à Revista Eva que acabara de nascer. A propaganda e divulgação são emblemáticas e merecem citação. Na revista Eva:

vão encontrar as nossas leitoras os mil segredos desses pequenos nada que fazem completa e brilhante a educação da companheira do lar. Foi a elas, as mulheres, que o destino confiou a missão de transformar e embelezar a vida; mas, para que esse desejo se torne realizável e prático, será indispensável educar-lhes as tendências naturais e ensinar-lhes como é possível em todos os lares, por mais humildes que sejam, fazer arte e criar beleza. É este o trabalho que a revista pretende realizar ‘tratando proficiente e minuciosamente todos os assuntos que devam interessar ao espírito feminino’. (GOMES, 2011, p. 5)

E os assuntos que “interessam” ao público e ao espírito feminino, segundo a divisão “natural” dos universos femininos e masculinos, não estão distantes daqueles que foram

abordados no capítulo dedicado à educação feminina católica. No entanto, se não se distanciam completamente, também produzem alguns discursos diferentes no que concerne às questões ligadas ao divino e às práticas religiosas. Nas revistas conservadoras, o discurso acerca do feminino e suas intersecções raras vezes estava articulado a Deus, como percebe-se com frequência nas revistas católicas, o que não quer dizer que as raízes da sujeição feminina não estejam justamente no discurso religioso, cuja prerrogativa é que a mulher seja submissa ao homem, e isso é elemento similar em ambas as publicações.

Por certo que a maioria dos periódicos voltados à mulher e a atender as questões de ordem feminina – dentro dos binarismos e com as devidas divisões do gênero, que atinge o *status* de organizador do social – estava afinada, fossem eles católicos ou não católicos. Foi com esse viés que o Jornal Novidades divulgou a Coluna Feminina que saía semanalmente, sempre às segundas-feiras:

As novidades interessam a mulher

Porque na página feminina, publicada todas as segundas-feiras sob a proficiente direção da senhora Maria de Carvalho, as leitoras encontrarão, ao lado da cuidada parte literária, seções de culinária, modas e bordados. (NOVIDADES, ago. 1939)

A senhora Maria de Carvalho fora proficiente, conforme expressão usada na publicidade do Jornal Novidades, na qual a citação dá a conhecer em temas relacionados às mulheres e os lugares que deveriam ocupar na sociedade (VAQUINHAS; GUIMARÃES, 2011). Seus editoriais prometiam tratar os aspectos mais comezinhos da vida da mulher e dar-lhes resposta. Fora uma das mais antigas editoras da coluna destinada às mulheres e também uma das que mais tempo esteve à frente dessa seção no Jornal Novidades, sendo substituída apenas em situações em que a justificativa passava pela saúde. Sousa (2005, p. 642-643) a descreve:

Maria de Carvalho

v. Maria de Carvalho Ferreira: Escritora, poetisa e jornalista. Nasceu na Chamusca, em 1889, filha de Antonio de Andrade Basto Ferreira, português, e de Ana Marques de Carvalho Ferreira, brasileira. Escreveu em quase todos os jornais e revistas da sua época. Foi conferencista em Portugal e no estrangeiro. Publicou no Almanaque das Senhoras. [...] Em janeiro de 1917, foi publicada uma poesia sua no Jornal A Semeadora, órgão da Associação de Propaganda Feminista. Posteriormente, será considerada pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas como uma “intransigente antifeminista”, devido aos seus artigos e à resposta dada ao inquérito promovido pelo Diário de Lisboa em 1929. Segundo Américo Lopes de Oliveira, “manteve durante meio século uma página feminina no diário católico Novidades e diversas secções destinadas a mulher e à criança, no Diário de Lisboa, A Voz, etc. Também colaborou na Emissora Nacional e nos periódicos ABC, Civilização, O comércio do Porto, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Ilustração, Modas e Bordados, Portugal Feminino e Stella. Faleceu em 1973.

Como reconhecida antifeminista, trabalhou alguns aspectos do termo feminismo em seus textos, também publicando textos dos seus convidados com essa perspectiva, colaborando para criar o discurso do feminismo relacionado com a masculinização da mulher. É assim que escreve a carta dirigida às mães:

Às mães

Aparece nebulosa a hora que passa, porque desapareceu o sol a iluminar a vida da mulher. Virão mais trevas ainda para o dia de amanhã? Mães portuguesas, desviái as vossas filhas dessa corrente eléctrica que, electrizando a mulher, fez dela alvo de tantos comentários, tantos risos dos trocistas e suspiros dos sensatos. Se a vós ainda rege aquele puro espírito que deve inspirar o sexo da graça e do encanto, da ternura e do amor, criai e educai as vossas filhinhas nesse ambiente de paz e conformidade com aquilo que são e não aspirando ao que Deus não quis que fossem. Dizei às vossas filhas que não queiram fazer como a borboleta que se deixa queimar pela chama que a seduziu. Sim, dizei-lhe isto, porque se as mulheres que algum dia sonharam com a emancipação feminista pudessem e quisessem contar as suas desilusões; o acréscimo de dores morais e físicas e como a sua pretendida masculinização agravou o domínio do homem sobre elas, oh! se elas quisessem contar tudo isto, que belo ensinamento, que proveitosa lição. (NOVIDADES, 23 abr. 1934)

O termo feminismo (SILVA, 1983) será veemente combatido e atrelado às piores adjetivações para a mulher. Ainda que o feminismo português tenha sido formado nos idos da primeira república, com personalidades notáveis (TAVARES, 2011) na luta pela reivindicação de direitos, com nomes como os de Ana de Castro Osório, Adelaide Cabete, Carolina Beatriz Ângelo, ou mesmo as mais contemporâneas – Maria Lamas e Elina Guimarães –, nem assim adquiriu outros contornos. O principal prestígio do feminismo nos jornais católicos era seu carácter subversivo em relação à ordem e o lugar do sujeito, acabando por desestruturar as mentes femininas. Foi calcada nessa perspectiva que algumas matérias explicavam os efeitos nefastos do feminismo de cariz comunista:

Esta prosápia moderna faz acreditar que as mulheres eram mantidas na ignorância e na incultura, só porque os meios e métodos de ensinar eram diferentes. Toda ciência julgada essencial a vida lhes era transmitida na grande escola de preparação que era o lar e no convívio interfamiliar intensivamente cultivado. As filhas aprendiam vendo, ouvindo, fazendo. Aprendiam a ser mulheres e, sobretudo a ser esposas e mães. E por isso exerciam na família e na sociedade uma influência profunda e salutar que as modernas emancipadas, ou desfeminizadas, estão bem longe de conseguir. (NOVIDADES, 26 jul. 1948)

Desse modo, o feminismo cristão assenta sua teoria no padrão “natural” das coisas. Nos textos publicados era patente a ideia de que o cristianismo trouxera à mulher a dignidade que ela era merecedora, mas nem todas as formas e sistemas de organização social a

brindavam com tamanha legitimidade e reconhecimento, o qual se estruturava ancorado nas diferenças e atribuições de cada um. Por isso, a matéria intitulada “feminismo” assim enfatiza: “Por outras palavras, é aceitável todo o feminismo que eleva e fortifica a mulher; é falso e comunizante todo o feminino que tende a desfeminizá-la ou a revoltá-la contra o seu sexo. E há muitos destes casos por aí, infelizmente” (NOVIDADES, 26 jul. 1948).

Dona Maria de Carvalho foi a diretora da Coluna Feminina do Jornal Novidades durante todo o período do Estado Novo. A coluna que tinha sua supervisão contava com algumas seções fixas e outras que eventualmente integravam-na. Quase sempre os textos levavam sua assinatura, todavia havia uma colaboradora que, vez por outra, assinava algumas seções, era o caso da escritora Bertha Leite. Também pode-se assinalar o convite a personalidades célebres – dentro do paradigma das “mulheres de bem”, da senhora Maria de Carvalho e da redação do matutino – a assinarem textos e exemplo disso são os convites feitos às dirigentes dos organismos católicos femininos ou mesmo às mulheres com forte militância no beatismo.

“Toda alma que se eleva, eleva o mundo” trazia um texto com fundo religioso, priorizando as questões marianas e a caridade. Em datas comemorativas cristãs, como o Natal e a Páscoa, privilegiava histórias que remetessem a esses eventos dentro da Bíblia. A coluna trazia ainda um “editorial”, texto de opinião não muito extenso versando sobre os principais temas referentes às mulheres, segundo a revista, os quais, não raras vezes, estavam circundados pelas polêmicas, pois as questões do trabalho, do divórcio, da educação dos filhos, da educação das raparigas e das normas sociais para as raparigas eram bastante evocadas nesses editoriais. Ele era quase regular, mas é imperativo pontuar que a coluna, durante sua existência, sofreu algumas alterações de diagramações, formas e tamanhos, por isso algumas seções, às vezes, eram suprimidas.

Com algumas mudanças no seu *design* e no seu nome, a coluna feminina mescla os títulos da página. “Da mulher”, “Página da Mulher”, “A bem da Mulher”, “A Mulher” e “Página Feminina” intercalam-se no período de 1934 a 1969. A coluna feminina também tem uma seção destinada “as gravuras”, que acompanham as receitas para colecionarem-se os bordados, além da seção “coisas úteis”, direcionada a pequenos problemas domésticos do cotidiano cuja resolução era de competência das mulheres. As coisas úteis também poderiam dar receitas para a higiene e dicas de beleza, como é o caso da receita do dia:

Para lavar a cabeça é aconselhada a seguinte mistura: duas porções iguais de rum e água de rosas e uma gema de ovo batida. Passa-se depois a cabeça com água morna em que se deita um pouco de sumo de limão e um golpe de água de colônia. Deve-se

enxaguar bem a cabeça com a toalha turca. (Seção Coisas Úteis, NOVIDADES, jan. 1948)

Observou-se que na década de trinta, a coluna feminina era mais voltada a bordados e receitas, um quadro voltado à religiosidade, e isso irá mudando à medida que o regime avança e se consolida. Com o passar dos anos, há a necessidade de um maior controle, como forma de executar uma severa manutenção de poder. O combate ao divórcio e a maternidade como ideal serão temas que figurarão a partir dos anos quarenta, com maior frequência.

Outras seções formavam a coluna feminina e estavam mais ligadas ao “entretenimento”. As anedotas e os contos da página formavam esse núcleo mais voltado ao passatempo da mulher. Como a pedagogia para o feminino atuava em todas as esferas, os contos e anedotas privilegiavam aspectos que enalteciam o ser mulher, perpetuando finais em que a maternidade, o casamento e a vida no lar fossem referenciados. É o caso dessa anedota:

A mulher do Calino: - A velhota que morava ali defronte, e que morreu na semana passada, deixou uma fortuna de mais de mil contos. Não gostavas de ser viúvo dela?  
Calino (extremoso pela mulher)  
Oh meu amor! Que ideia! Como se eu gostasse de ser viúvo de alguém a não ser tu.  
(NOVIDADES, jun. 1947)

A perspectiva do final feliz para o casamento, para a maternidade e para as questões ligadas à vida doméstica eram os elementos motrizes dessa seção. A página também tinha um espaço dedicado aos conselhos para as mulheres. “O que digo a Manuela, serve também a ti Manuelita” perfazia a parte de histórias e, com uma certa moral, pretendia dizer às mulheres conselhos sobre a vida em sociedade. Essa seção não era fixa, aparecendo eventualmente no conjunto de fontes analisadas, porém, sempre que aparecia, tinha a narrativa do ensinamento acerca de costumes femininos.

“Coisas portuguesas” e “Mulheres portuguesas” fora uma seção que preencheu alguns números da coluna. O texto que constituía essa seção era voltado para os aspectos ligados aos costumes portugueses, profissões femininas portuguesas e profissões humildes, como chamavam a cozinheira, a bordadora, a costureira.

*“La première décennie du XX siècle est riche pour les féministes et pour les femmes catholiques, riche par l’organisation de congrès, par la création de nouveaux groupes et par la parution de nouvelles publications”*<sup>117</sup>. Anne Cova (2000), ao analisar as mulheres católicas na França, busca evidenciar o quanto as associações e congregações criadas no seio

<sup>117</sup> Em tradução livre: “A primeira metade do Século XX é rica para as feministas e para as católicas, pois multiplicaram-se organizações e associações, através de novas publicações”.

da Igreja, depois da encíclica *Rerum Novarum*, foram imprescindíveis para criar o verdadeiro objetivo feminino, segundo a Igreja e o Estado, ressaltando que o Século XX fora intenso para as feministas e para as primeiras associações e agremiações femininas. Às mulheres caberia estar a serviço da Igreja e da pátria através de uma responsabilidade social: a maternidade, o que não é muito diferente em Portugal e será veementemente difundido na imprensa.

A maternidade constitui um dos primeiros objetivos das publicações voltadas para as mulheres e editadas através das gráficas episcopais. As novas publicações que surgem na primeira metade do século XX e que são destinadas às mulheres católicas trazem como pauta principal o casamento, a maternidade, a gestão do lar e as questões pedagógicas do mundo privado. No entanto, essas publicações com forte motivação à essencialização<sup>118</sup> da mulher surgem com mais ênfase nas publicações voltadas ao papel social feminino, através dos primeiros organismos para mulheres católicas em Portugal.

---

<sup>118</sup> “[...] O primeiro discurso a ser utilizado para a designação dos papéis sociais é o de Aristóteles, matriz filosófica grega. Seu discurso sofrerá modulações diversas nas alianças com outros discursos que se vão produzindo ao longo dos tempos. O discurso grego é seguido pelo religioso, através de seu mito de criação, com a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Esta simbologia retratada no Velho Testamento foi, e muitas vezes o é usada para designar papéis e posições de gênero, assim como para criar representações femininas. A Eva pecadora e a Virgem Maria assexuada, imagem dupla feminina como que desde sempre acompanhando a imagem corporal das mulheres. Os fundadores dos vários discursos – religioso, médico e psicanalítico e outros, são geralmente homens, que representam, numa relação de poder, o gênero feminino. Discursos recorrentes, sábios ou populares enraizam-se numa episteme comum”. (COLLING, 2000, p. 37)



#### 4 A FORMAÇÃO CATÓLICA PARA AS RAPARIGAS, ATRAVÉS DA IMPRENSA CATÓLICA

A figura 3 traz a imagem de uma criança tomando conta de si, pois a mãe, que deveria estar em casa, está na repartição. Propagandas negativas do trabalho da mulher fora dos limites do lar eram recorrentes. A criança, vulnerável por natureza, arranja-se, pois já não há a presença da mãe para educá-la, cuidá-la e protegê-la.

Figura 3: Conseqüências do trabalho da mulher



Fonte: Novidades (jan. 1945)

Nos primeiros tempos do Estado Novo<sup>119</sup>, a educação feminina passara a ser prioridade para consolidar a ordem das coisas e dos indivíduos<sup>120</sup>. Num cenário em que o Estado não estava oficialmente ligado à Igreja, como pode-se falar de uma educação feminina católica? (MATTOSO, 1998). A resposta reside numa campanha de recatolização das consciências, conforme já explicitado, as mulheres foram um dos principais atores. Dessa forma, a Igreja auxiliava o Estado na educação do sujeito ordenado para servir a pátria e com a mulher não será diferente. Há aí elementos complexos, pois do interior das estruturas de poder pode-se perceber que um dos prováveis meios pelos quais a Igreja agia de forma pedagógica era através da imprensa destinada às mulheres. A querela do apoio à educação católica era um dos muitos pontos que deixara a Igreja insatisfeita com a administração de Oliveira Salazar, pois até o fim do seu governo isso não se consolidara de fato.

O problema da educação aparecerá com frequência no periodismo católico, buscando evidenciar a urgência da questão. Há também uma necessidade de romper com a bandeira de instrução feminina levantada pelas republicanistas, por isso a virtude da educação feminina só terá viabilidade se for no âmbito cristão. A educação feminina na república fora tema e fora conquistada calcada nos ideais da modernidade, tendo sido assumida como prioridade, mostrando que a razão e as noções de liberdade e igualdade foram preservadas. (SANTOS, 2013, p. 15)

Por esta razão, pensar a educação feminina no Estado Novo exige recuar alguns anos para entender o que o projeto do Ministro da Educação, António Carneiro Pacheco, irá combater (MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA, 1945). As bandeiras levantadas pelas mulheres republicanistas eram uma ameaça ao que estabelecera o corpo político de António Oliveira Salazar, mantendo os indivíduos em compartimentos muito bem delimitados, impedindo, sobretudo as mulheres, de dividirem espaços públicos, políticos e de instrução. As mulheres que foram aceitas dentro da política obedeciam a critérios bem específicos, conforme já destacado. Por norma, as mulheres eram sempre lembradas nos espaços públicos, através de comícios, textos de jornais, missas e sermões dos padres, a ocupar o espaço que naturalmente lhes cabia. Isso também incorre nos determinismos que eram o mote desse

---

<sup>119</sup> “Quem vive? Portugal, Portugal, Portugal! Quem manda? Salazar, Salazar, Salazar!!... Cantilena entoada nas escolas de formação primária, *apud* Campina (2015, p. 299).

<sup>120</sup> “Oíço muitas vezes dizer aos homens da minha aldeia: “Gostava que os pequenos soubessem ler para os tirar da enxada”. E eu gostaria bem mais que eles dissessem. “Gostaria que os pequenos soubessem ler, para tirarem melhor rendimento da enxada”. Precisamos convencer o povo que a felicidade não se consegue buscando-a através da vida moderna e dos seus artifícios, mas procurando a adaptação de cada às características do ambiente exterior. (NÓVOA, 1996, p. 286-288)

governo, cada um com seu lugar preestabelecido, opondo completamente os ideais republicanos.

Na república, a educação feminina fora a causa número um de um grupo de mulheres<sup>121</sup> identificadas com os ideais da república e algumas com ligações dentro da maçonaria. Essa justaposição temporal, entre a Primeira República e o Estado Novo, em que se centra a análise da educação feminina, mostra como a questão da educação atravessou períodos, sempre com o viés do enquadramento. Algumas republicanas que reclamaram sobre a questão da instrução enfatizavam que a desejavam nos limites do que seria bom para o feminino, sem masculinizar a mulher.

A educação e a instrução que poderia ser dada às mulheres fora tema de muitas publicações e fora sempre cara às feministas do início do século XX (SILVA, 1983), mas é pertinente pontuar que a educação também fora um problema de homens e mulheres, frente aos altos índices de analfabetismo. Segundo Maria Teresa Santos (2013, p. 4):

[...] nos resultados dos censos demográficos de 1900, para uma população estimada em 5423.132 habitantes, registravam-se 75,1% de pessoas analfabetas. Se, no seu todo, a situação era preocupante, no caso das mulheres a situação agudizava-se, posto que ao analfabetismo se acresciam, por um lado, a ausência de direitos sociais e políticos, por outro, a dependência econômica e a negatividade associada ao gênero.

Entretanto, numa população com altos índices de analfabetismo, as mulheres, como refere Maria Teresa Santos, eram a parcela mais suscetível a permanecer fora dos quadros de instrução. O argumento para que o homem fosse privilegiado com o acesso à educação formal vinha da natureza de seus afazeres. Portanto, esse foi mais um entrave a que estariam submetidas as mulheres para a possibilidade de igualdade na instrução. O diagnóstico que vai sendo construído atesta para os números que não mudariam no Estado Novo, ou pelo menos, não mudariam abruptamente. A educação feminina continuará por longos anos a ser tema de debate público. Os jornais enfatizaram, para o bem e para o mal, as vantagens e os perigos de uma mulher instruída.

---

<sup>121</sup> Parece ser consensual entre os historiadores da República que as mulheres tiveram uma participação ativa na implementação de um novo modelo político. No início do século XX multiplicavam-se as associações, muitas fortemente identificadas com a causa feminista. É o que observa João Esteves, houve um “reforço das lutas pela alteração da condição das mulheres, que recusavam continuar a ser memorizadas e tuteladas por uma sociedade que lhes atribuía um papel meramente passivo. [...] à realização de dois congressos feministas e de educação (1924,1928). Em momentos únicos ou banais, as mulheres estiveram lá. Pensaram, debateram, organizaram-se, actuaram. Escreveram, opinaram, polemizaram. Discursaram. Aderiram a causas. Politizaram-se. Alugaram sedes, calendarizaram reuniões. Reivindicaram, peticionaram. Expuseram-se, lutaram, correram riscos, sofreram incompreensões, injúrias, agressões”. (ESTEVES, 2008, p. 24)

Agindo como obstáculo ao acesso da mulher no espaço público, têm-se também alguns discursos de revistas femininas dirigidas pelos homens. Exemplo disso são as publicações “A Vida Elegante”, de 1915, e “Revista Feminina”, de 1926. (SANTOS, 2013, p. 19). No entanto, sabe-se que essas publicações não reverberaram com eficácia, pois a organização de mulheres na Primeira República lutou fortemente pelo acesso à instrução, formando uma verdadeira trincheira feminista e republicana, sem o êxito esperado no que se referia a acessos iguais dentro do corpo social.

A circulação de ideias feministas na Primeira República contrasta com o ambiente tenso que vivia Portugal nesse momento histórico. Se por um lado, a República instala-se com o apoio de um grupo de mulheres que tem uma militância ativa pelos ideais da república, por outro lado, a República não cumpre a pauta destinada à causa das mulheres. É o que observa Ana Maria Pires Pessoa (2005, p. 78) sobre as tensões sociais na Primeira República e as mulheres:

O país saído dessa revolução é um pouco mais que um oásis republicano numa Europa monárquica. Desde aquela data até 1926 ‘[...] 29 intencionalas revolucionárias [...]’ (Rosas 2004, p. 44), ‘[...] quarenta e cinco governos e oito presidentes da república se sucedem na cadeira do poder, cinco dissoluções, [...] dezenas de atentados – mais de 300 em Lisboa entre 1920 e 1925 – marcam a existência atribulada desta Primeira República [...]’ (Léonard, 1998, p. 21), laica e parlamentar que, desde o início se vê rejeitada por um grande grupo católico e pela grande burguesia ao mesmo tempo abafada perante uma classe média e uma classe operária que a põem constantemente em causa. Ainda do ponto de vista político, também as mulheres esclarecidas, mesmo republicanas, a questionam pois lhes concede e lhes retira, pouco tempo depois, o direito do voto que vinham reclamando.

Conforme salienta a autora sobredita, a Primeira República fora um período convulsionado, com vários entraves a seu estabelecimento, portanto isso refletiria também na luta que as mulheres travaram. A geração feminina de 1890 deixa um grande legado à mulher portuguesa, uma vez que foi precursora em falar de cidadania, a reivindicar a instrução feminina e também a exigir o direito ao voto. Porém, viveu todos os percalços da jovem república e foi o lado mais frágil e um dos primeiros lados a terem os direitos revogados. Desde a concessão de voto à Carolina Beatriz Ângelo<sup>122</sup>, primeira mulher a votar e a exercer

<sup>122</sup> Carolina Beatriz Ângelo ficou mundialmente conhecida por desafiar o poder patriarcal, recorrendo juridicamente para assegurar seu direito a voto. Através de uma ambiguidade na lei que previa que cidadãos pudessem votar. Não tinha o precedente de cidadãs, mas a letra da lei poderia ser questionada, pois o termo cidadão pressupunha a fórmula universal para tratar homens e mulheres. “Entretanto, chega o dia 28 de maio e as eleições têm lugar. Carolina Beatriz Ângelo vai finalmente votar. E, de novo, é grande o impacto na imprensa e na opinião pública. A Vanguarda, o Século, o Mundo e o Tempo, entre outros periódicos, dedicam-lhe extensas reportagens. E se O Mundo classifica toda a cena como uma “entusiástica manifestação”, O Tempo apelida o facto da “comparência duma cidadã a votar” de o mais notável” daquelas eleições”. (SILVA, 2013)

sua cidadania através das urnas, nenhuma outra mulher teve o mesmo direito assegurado, mas uma das medidas mais impactantes no que tange à revogação de direitos das mulheres será a questão do divórcio. É preciso pontuar que o divórcio fora uma das grandes causas e mostrou os avanços em direitos que as mulheres tiveram com o advento da República. Essas conquistas, nas quais a luta fora a grande arma, pouco a pouco iriam esvaír-se no horizonte do Estado Novo.

No contexto particular aqui discutido, isto é, o pós-república, mais especificamente na instalação do Estado Novo, o divórcio será uma das grandes pautas da Igreja e das mulheres católicas. Em linhas gerais, havia uma elite católica feminina que publicava e que de muitos modos influenciou o pensamento das mulheres, rompendo com a tradição de luta das mulheres e com um certo feminismo (RAGO, 1998) que existira e existia. Isso não quer dizer que não houvesse resistências e que os grupos não seguissem suas lutas; quer dizer e é imperativo pensar no arrefecimento da causa das mulheres em detrimento “do lugar de cada um”, através da caça a publicações que não versassem sobre os pilares do Estado, e nisso, a educação, sobretudo a educação católica voltada para o público feminino, terá papel preponderante.

Teresa Joaquim (1997, p. 167), ao analisar a construção da Menina e Moça, busca evidenciar as raízes de uma educação voltada para as mulheres, destacando, todavia, a questão da natureza feminina:

Pensamos que era necessário perceber as várias definições da natureza feminina, essa longa condensação de imagens, essa história de um corpo de natureza errante, animal em constante movimento no interior do corpo determinando as suas oscilações. Um ser oscilante como que buscando, apelando e encarnando em si uma constante necessidade de regras, de leis, de interditos. Discursos que o buscam, que o tentam agarrar nas suas malhas, num discurso sobre a vida que agora se começa a modificar, numa biologia que tenta libertar a mulher dessas funções vitais, de reprodução, em que ela foi enclausurada.

A emergência desse sujeito feminino e todos os discursos que o encerraram na tarefa de produzir e reproduzir na esfera privada terão implicações duradouras na posteridade que estava sempre aprisionada no que formularam os mais diversos pensadores, de correntes filosóficas distintas. Para pensar uma educação católica voltada para as mulheres faz-se necessário também conectar esses discursos. Um dos discursos emblemáticos sobre a natureza feminina é escrito por Rousseau, ele que:

Não acredita no pecado original [...] a natureza humana original era boa, foi a civilização que a corrompeu; mas a mulher ficou (continuou) mais próxima da

natureza do que o homem, por causa das suas funções específicas; ela tem então de fazer menos caminho, menos esforços para reencontrar a pureza das origens. Rousseau quereria devolvê-la à sua verdade, que está no amor, fusão perfeita com a natureza e as criaturas. O pensamento é já uma forma de civilização, uma distância; a mulher não tem que pensar, só tem que amar. (KNIBIEHLER *et al.*, 1983, p. 76)

Essa natureza baseada no amor a que Rousseau (1992, p. 5) se refere é muito propalada pela Igreja, com restrições é evidente, até pelo seu conteúdo ateu, mas a Igreja e o Estado concordam que na base da educação feminina esteja a docilidade (SAMPAIO, 2009) para receber bem o marido e a amabilidade para criar os filhos. Michel Foucault (1987, p. 118), ao mapear as questões do corpo, utiliza o conceito de corpos dóceis para designar a descoberta da manipulação do corpo nas esferas do poder:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. [...] O Homem-máquina de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a docilidade que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

O conceito de docilidade desenvolvido na obra de Michel Foucault dará aporte para pensar na questão feminina e na educação voltada para submeter os corpos femininos. É na análise da documentação que se rastreia o quanto o conceito de docilidade opera incessantemente nos textos desenvolvidos para as mulheres. Foucault (1987, p. 118) elucida que essas questões de docilidade dos corpos não é algo inédito, porém o controle assinala uma técnica nova:

Não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalha-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo.

Essa “coerção sem folga” será evidenciada no estado natural de amor que será avalizado pelos textos endereçados às mulheres nos tratados de educação feminina, amplamente divulgados e publicados nos principais periódicos católicos. Nesse sentido, os temas sofrem uma modificação à luz cristã, com contornos específicos, sobretudo na questão da maternidade e da maternagem, mas a raiz provém desse estado natural da mulher, ligada às questões da natureza, que servirá de aporte para os discursos religiosos, médicos e higienistas.

Foi com esse viés, com essa estrutura de pensamento, que fora publicado na “Revista Stela: a revista da mulher católica” uma matéria intitulada “Educação moral e religiosa das jovens: formação do carácter e da vontade”. Entre as muitas virtudes que caberiam à mulher católica observar, estava a questão do pensamento rosseauista:

- Educação da mulher – formação da vontade... – mas onde iremos buscar solução para assunto tão transcendente e discutido?  
 Saint Lambert e Rousseau aconselham que as mulheres não se devem educar para trabalhos intelectuais.  
 Condorcet e Helvetius são de opinião contrária...  
 Uns afirmam que quanto mais a mulher se instrui, menos ela é mulher, menos ela é modesta, pois o que dá o espírito tira-o ao coração. A vida da mulher assemelha-se a da flor: ela tem mais necessidade de sombra e solicitude do que a agitação da luz.  
 (STELLA, dez. 1946)

A introdução a essa questão paira sob uma estrutura ambígua, ao mesmo tempo que recorre a pensadores que escreveram sobre a natureza feminina e que são contrários à instrução da mulher, manifestando a debilidade que a classe tinha e que, justamente por essa debilidade, deveria manter-se na sua função natural. Ela questiona e ironiza alguns pressupostos consolidados do catolicismo, como é o caso do pecado original, além de tecer uma série de predicados que só a mulher teria: “A sutileza, a sagacidade e a perspicácia são quase sempre dotes naturais na mulher. Logo de crianças falam mais cedo, são mais graciosas as meninas”. Porém, há um peso que paira sobre as costas da mulher, o pecado original:

Rebusquemos a história da humanidade desde o seu início... Jaz uma personalidade feminina apagada desde a sentença divina: - Obedecerás ao teu marido como ao teu senhor e criarás os teus filhos com dor e sofrimento. Eis o seu papel. O pecado da fatal desobediência tinha-a colocado como anátema do Criador. (STELLA, dez. 1946)

Essa condição remete a um discurso que questiona algumas verdades dadas, pois por mais que a escrita esteja citando a Bíblia, ela inicia-se com qualidades que são privilégios da mulher, enunciando que ela fora pelo pecado original desempoderada<sup>123</sup>, em face aos determinismos bíblicos. Embora a matéria vá sendo construída com os pressupostos cristãos, há um carácter subversivo, visível quando Cristo é citado como redentor dos pecados e que, desde então, há a possibilidade de pensarem-se uma educação voltada para as raparigas. A questão adquire os contornos com bases no que Fenelon escrevera:

<sup>123</sup> Empoderar e desempoderar são palavras contemporâneas, muito usadas nos textos feministas e que a autora deslocou no tempo conscientemente.

As mulheres têm deveres a cumprir que são os fundamentais para toda a vida humana. Não são elas que sustentam ou governam as casas- que mantêm todos os detalhes da vida doméstica e por consequência dedicam tudo o que toca de mais perto todo o gênero humano. Uma mulher judiciosa, trabalhadora e cheia de religião é o alicerce de toda a casa, ela aí põe em ordem tanto os bens temporais quanto os espirituais. Ao contrário, a má educação das mulheres faz mais mal do que a dos homens, pois que as desordens dos homens procedem da má educação que eles receberam das mães. (STELLA, dez. 1946)

Esse aparato teórico busca legitimar que as mulheres tenham uma educação específica, pois até quando os homens não cumprem sua cidadania como deveriam, a culpa recai sobre a mulher, que é responsável por educá-los. Por isso, a educação das mulheres vira também assunto de Estado. A mulher será a gestora da casa terrena e celestial, é dela que emana alguns poderes e, sobretudo se não for bem educada e doutrinada, esses poderes podem voltar-se contra a sociedade. Essa lógica será bem trabalhada pelo Estado e pela Igreja.

Vem depois Rousseau criando uma Sofia própria para o seu Emílio. Desdenha dos cuidados da alma, dando toda atenção a suas prioridades: - antítese da donzela cristã. Esquece que a sua vida e o seu tempo tem outra finalidade mais nobre. A Sofia de Rousseau está para o seu Emílio, como os modernistas estão para os Sem-Deus. (STELLA, dez. 1946)

Mesmo que Rousseau atenda a alguns pressupostos: a docilidade, a amabilidade, próprios da natureza feminina, a distância de Deus e não tê-lo como prioridade fazem com que suas teorias sobre o feminino sejam vistas com reservas, embora não deixem de recorrer à sua oposição, quando é interesse, no que concerne à instrução feminina quando esta é tema na Revista Stella, no Jornal Novidades e na Revista Alelluia.

Na revista Stella do mês de outubro de 1940, a matéria com título “A mulher em face da sociedade”, escrita por Maria Henriques Oswald, trata a questão da educação como um problema que muito se tem discutido na sociedade, mas adverte que a educação, desde que seja cristã, não representa um problema. A interlocutora não vê os perigos da modernidade e dos tempos para as mulheres, pois se a educação tem como causa Deus e a instrução seja para elevar o espírito feminino não há maiores prejuízos à sociedade a instrução feminina (STELLA, out. 1940).

No entanto, o Jornal Novidades de 1º de abril de 1934 mostra como a questão da instrução era um tema de Estado. Com o título “O Dr. Oliveira Salazar e o analfabetismo”, na seção da Página Escolar, a matéria traz números expressivos em relação à educação em Portugal. Todavia, a questão da educação da mulher é ressaltada:



Não é de hoje a campanha contra o analfabetismo nacional em que tanto se tem falado. E se há dezenas, de há mais duma centena de anos, e, todavia, em 1920 ainda em Portugal havia cerca de 70% de analfabetos: Em 1911 ainda havia nesse país, na metrópole, 40 freguesias nas quais só 3 mulheres sabiam ler – duas dessas freguesias são deste distrito: Belide, do concelho de Condeixa, e Brunhós, do de Loure. Nesse mesmo ano, em dezembro, ainda havia 35 freguesias em que uma só mulher sabia ler. (NOVIDADES, 1 abr. 1934)

Esses números são publicados pelo Jornal Novidades como forma de legitimar as mudanças ocorridas no campo educacional. É uma clara propaganda positiva do regime, pois a afirmação é a seguinte: “Hoje todas têm já a sua escola, mas a de Machio só a teve após a atual ditadura”. (NOVIDADES, 1 abr. 1934). A afirmação que a ditadura produzira reformas e incentivara a educação, principalmente na questão dos aspectos físicos das estruturas escolares e do professorado, fora a tônica do texto. E assim fica exposta a questão:

Pois aqui está um aspecto do problema da instrução primária, um obstáculo a difusão do ensino – a instabilidade dos professores – que foi vencido e quase inteiramente destruído depois que o Sr. Oliveira Salazar sobraçou a pasta das finanças. [...] os professores efectivos de tais escolas eram velhos ou doentes na inactividade, julgados permanentemente incapazes pelas juntas médicas havia muitos anos, mas que tinham que continuar a ser, de facto, os efectivos dessas escolas até que fosse decretada a sua aposentação que parecia nunca vir. A aposentação, frequentemente, vinha depois do professor morrer. (NOVIDADES, 1 abr. 1934)

Essas condições do ensino e do problema do analfabetismo irão enaltecendo a figura de António Oliveira Salazar no que se refere às mudanças feitas. Entretanto, as mudanças educacionais foram lentas, sobretudo para as mulheres que tinham como grande empecilho a instrução, a sua natureza feminina. Embora o matutino Novidades propagandeie as obras de Oliveira Salazar, as modificações sociais não serão intensas para as mulheres na questão da educação. O analfabetismo feminino atravessará os tempos.

Todavia, é preciso atentar para o seguinte aspecto, o Jornal Novidades era um órgão oficioso da Igreja Católica, por isso as propagandas a favor do regime eram recorrentes, haja vista as ligações entre Estado e Igreja, por isso a cosmética dos dados e a amenidade dos discursos seria uma tônica. O Jornal Novidades dava os números sobre o analfabetismo feminino, ressaltando que as mulheres deveriam ter uma educação diferenciada, conforme suas limitações, e novamente a natureza feminina será um dos argumentos para tal perspectiva.

É importante sublinhar que os homens utilizaram largamente o discurso da inferioridade e, desse modo, legitimavam os espaços de cada um. Peter Gay (1988, p. 128), em um dos volumes de “A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud – a educação dos

sentidos” assevera que o medo que o homem tinha da mulher era tão antigo quanto a história. No entanto, foi só no século que tem como signo a burguesia que esse temor do feminino foi transformado em textos, tratados, prontuários médicos e arquivos jornalísticos, os quais tratando as mulheres como seres inferiores legitimavam as questões referentes à autonomia, instrução e igualdade, como enfatiza Peter Gay (1988, p. 128):

Para a maioria dos homens que se regalavam com a dominação, uma mulher que abandonasse sua própria esfera constituía não apenas uma anomalia, uma mulher-macho; mais do que isso, levantava incômodas questões quanto ao papel masculino, um papel que não definia mais isoladamente, mas numa constrangedora confrontação com o sexo oposto.

Gay (1998) vê esse cerceamento como atos defensivos diante de mulheres empenhadas em tomar um terreno que não lhes pertencia. As estratégias eram variadas, todavia às que mais recorriam os homens era:

O desgastado, embora infatigável, clichê sobre a mulher como o sexo misterioso. Como outros chavões modernos, também esse tinha raízes na Antiguidade, e através dos séculos fora reforçado pelos mesmos traços que o homem primeiro estimulou na mulher, para depois declarar sua total impossibilidade de compreendê-los. Seu rubor e sua faceirice, seus modos tímidos e sua proverbial inconstância no amor eram considerados como prova de sua natureza intrinsecamente misteriosa.

O mistério dera lugar às especulações científicas sobre as questões relativas à mulher. Entretanto, algumas considerações atravessaram séculos e décadas. Chega-se à primeira metade do século XX ainda com o pensamento de David Hume, quando declara “a mulher de difícil compreensão” (GAY, 1988, p. 129).

De forma análoga, Peter Gay (1988, p. 129) circunda os escritos de Amiel, para mapear essa indubitável natureza feminina:

Desde a maçã do Éden, escreveu ele em 1849, depois de ter lido as memórias de Casanova, a mulher tem sido sempre um enigma para o homem, sua tentação, seu inferno e seu paraíso, seu sonho e seu pesadelo, seu mel e seu fel, sua ira e sua felicidade. No início do ano seguinte, ele manteve uma longa e interessante conversa com uma jovem senhora, na qual foram debatidos, entre outros temas, ‘a natureza feminina, a impossibilidade de uma análise objetiva da mulher’, e na qual ele insistiu na existência de algum mistério no destino de toda e qualquer mulher.

A natureza feminina foi tributária de muitos preconceitos, mas foi na formulação de verdades sobre uma suposta inferioridade da mulher que a questão da igualdade entre homens e mulheres não fora atingida. A construção de uma igualdade para instrução e cidadania esbarrava nos mais diversos discursos. Entretanto, atribui-se maior ênfase ao discurso médico

do final do século XIX. Peter Gay (1988, p. 129) coloca mais claramente a questão analisando a obra “*Satan in Society*”, de Nicholas Francis Cooke, que é um “exaustivo tratado sobre masturbação, casamento e religião”:

O temperamento da mulher a expõe às mais singulares inconveniências e incongruências. Extremada no bem, ela é igualmente extremada no mal. É inconstante e mutável; quer e não quer. Mas ainda, ela se cansa facilmente daquilo que perseguiu com o maior ardor. Passa do amor ao ódio com a maior facilidade. É cheia de contradições e de mistérios. Nem mesmo Sigmund Freud se manteve totalmente imune ao encanto desse antigo e difundido tema. Em 1926, após três décadas de prática psicanalítica e inumeráveis observações de mulheres, dentro e fora do seu consultório, ele ainda pode definir a vida sexual da mulher adulta como um ‘continente obscuro’.

Esse continente obscuro clarifica e corrobora definições sobre as mulheres e sua tardia condição de cidadã. Mesmo que os clamores de reformas existissem, eles encontravam uma ferrenha oposição. As mulheres, as mais resistentes, viam até mesmo nos seus corpos as sabotagens do aprisionamento dos sexos. As restrições impostas pela gravidez, as dores do parto e todos os perigos que cercavam esse momento corroboravam o que Jules Michelet decretara: “A mulher carrega o fardo de uma pesada fatalidade. Ela mostra suas feridas durante a menstruação, e as confirma nas dores do parto. A natureza favorece o macho” (GAY, 1988, p. 130).

A vastidão de significados que a obra de Jules Michelet alcançou é inegável, a sentença que aprisionaria a mulher viria de todas essas incursões no espírito feminino e pela multiplicação de imaginários acerca da mulher. Não é sem motivo que no alvorecer da metade do século XX ainda grassam textos, reportagens e artigos de opinião defendendo a inferioridade natural feminina. A busca pela conformidade é também uma realidade, há alguns indícios textuais reveladores dessa campanha pela aceitação do lugar da mulher. E o lugar da mulher, segundo os textos explicitam, não é na escola, não é nos bancos acadêmicos. A desigualdade flagrante era facilmente identificada nos meios jornalísticos. Os *medias* anunciavam a cozinha como o laboratório da mulher e a casa, como seu verdadeiro e único lugar na terra. As mulheres:

Durante boa parte do século XIX, e em todo mundo ocidental, as mulheres permaneceram virtualmente na condição de propriedades de seus pais e, depois, de seus maridos. O duplo padrão, definido e defendido pelos homens, vigorou quase sem oposição alguma. Em 1869, quando John Stuart Mill publicou aquela que viria a ser a obra-chave da história do feminismo, *A sujeição das mulheres*, fazia apenas doze anos que uma lei do divórcio moderna fora incluída nos códigos ingleses, e as provisões dessa lei de divórcio moderna fora incluída nos códigos ingleses, e as

provisões dessa lei tratavam homens e mulheres com uma desigualdade flagrantemente característica. (GAY, 1988, p. 131)

Esse sentido de ser tutelado fora largamente providencial para o patriarcado, o homem tinha sobre a mulher amplos poderes. Em Portugal, isso via-se ainda depois da metade do século XX. O depósito judiciário da mulher casada é um exemplo contundente disso. Com a revogação das leis do divórcio, a mulher que provasse (e isso era uma tarefa árdua) maus-tratos poderia pedir ao Estado que intervisse, beneficiando-a com o divórcio. No entanto, para ser beneficiada com tal ato jurídico, deveria indicar uma moradia idônea, tutelada pelo Estado, o que também caracterizaria o Estado imiscuído e sendo agente da devassa do mundo privado. Constata-se, também, que o aparato jurídico fora uma das peças principais nos jogos da desconstrução da cidadania feminina. Irene Pimentel (2008) pontua:

Os traços discricionários do Código Civil de 1867, atenuados pelo regime republicano, voltaram com força total no Estado Novo. O código do processo civil de 1939 reintroduziu o poder concedido ao marido de requerer a entrega e depósito judicial da mulher casada. Este possibilitava ao marido, em casa de saída da mulher da casa familiar, exigir judicialmente que ela fosse aí compulsivamente depositada em sua casa, como se fosse um fardo.

Ana Maria Colling (2000, p. 17), ao traçar a trajetória da construção da cidadania feminina no Brasil, atenta para as representações femininas que permaneceram na história e seus impactos para o acesso da mulher à instrução:

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora, foi a responsável pela queda da humanidade do paraíso. Aos homens o espaço público, político, onde centraliza-se o poder; à mulher, o privado, o seu coração, o santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública.

O Estado e a Igreja não se furtaram em utilizar esses discursos para apaziguar a ordem pública, mostrando e asseverando as razões pelas quais a mulher deveria permanecer nos limites do privado. Em toda manifestação que existira de reivindicação sobre a instrução, a misoginia da religiosidade aparecia. Sobre isso, Ana Maria Colling (2000, p. 88) remonta a história das constituições e ordenações, para perceber a misoginia e a hegemonia dos direitos para homens no direito civil brasileiro. Ela observa que:

Estes variados discursos elaborados pelos homens, já que as mulheres não tinham acesso nem a palavra nem ao saber, foram utilizados das mais diversas maneiras

para designar os papéis de homens e mulheres na sociedade. Como não poderia ser diferente, os codificadores e legisladores da época moderna e contemporânea utilizam-se destes saberes para designar o lugar do poder. Esse discurso transcultural fornece subsídios aos legisladores de todo o Ocidente. (COLLING, 2000, p. 88)

Teresa Joaquim (1997, p. 148), na sua dissertação sobre a construção da feminilidade e das suas implicâncias dentro da sociedade como obstáculo à igualdade e a consequente submissão feminina, afirma ser os discursos acerca da mulher um dos grandes propulsores da legitimação da inferioridade natural. Ela também observa o discurso dos pensadores, acerca da instrução feminina e seus empecilhos alardeados pelos filósofos:

De novo se retoma a ideia do útero como animal que domina o ser feminino, ela é dominada por algo que lhe é interior, tendo, por isso, dificuldade em decisões próprias e razoáveis, dificuldades, como em Platão e Aristóteles, de acesso (ao verdadeiro) conhecimento [...] Quanto ao homem, ele não é inteiramente dominado pela sua sexualidade, de certa maneira ela é-lhe exterior, ele pode ser senhor das suas decisões, não é afectado nas restantes atividades, ao contrário da mulher, em relação à qual são constantemente referidos os efeitos das ‘paixões da alma’ no seu modo de ser. É o ser na totalidade que é afectado pela sua sexualidade, pouco a pouco vai-se deslizar para uma definição da mulher como um ser doentio, tendo constantemente que vencer crises, afectado pelos ambientes que a rodeiam, os outros seres, as paixões, os romances. Nesta altura repegando em temas antigos, há um processo de histerização da mulher, fechando-a no quadro doméstico, num corpo que constantemente desfalece e sofre de vapores e ‘sufocações uterinas’: um corpo espartilhado.

Esse imaginário sobre o corpo, as alterações de humor e os aspectos mais miúdos no que concerne ao feminino são válidos para analisar a educação específica para ambos os sexos. A imagem cristalizada da mulher, como portadora de uma índole a domesticar, a domar e a acalmar foram também um dos preceitos para deixá-las longe dos homens. Por isso, a educação mista (uma escola que abrigasse meninos e meninas) fora tão combatida nos textos católicos. A alegação passava pelo argumento da moralidade, era praticamente um ultraje considerar tal questão, cujos perigos à sociedade eram muito grandes e as consequências desastrosas. Foi o que anunciou o texto da Revista Stella: “Questão Coeducativa”; o conteúdo ali escrito e descrito perfaz os prós e os contras de uma educação mista, mostrando os inconvenientes de terem dentro de um mesmo espaço físico homens e mulheres.

O texto irá traçando os lugares pelos quais a experiência da educação mista existira, apontando para consequências nefastas. O ideal, segundo reza os preceitos cristãos, é este:

Educar é desenvolver aperfeiçoando. O ideal da família, onde o pai pugna por que o filho seja um homem em toda a acepção do termo e a mãe se esforça para transmitir a filha toda a sua feminilidade, é o ideal das sociedades e das nações: que cada indivíduo, que cada tipo psicofisiológico atinja o mais elevado grau de formação a fim de que, no futuro, cada homem e cada mulher dê o máximo que pode dar. E da

coeducação, como observa Blanco Nájera, ‘dessa contínua camaradagem, o resultado mais frequente é que os homens se afeminam e as mulheres se masculinizam e tanto deveria bastar para a repulsa de semelhante sistema coeducativo’. (STELLA, abr. 1941)

Os temores que homens ocupassem o lugar das mulheres e as mulheres ocupassem o lugar dos homens eram corriqueiras. A escravidão doméstica negada pelos clérigos e pelos homens seculares faziam do privado um claustro a transpor. Nessas condições, nas quais a negação de direitos perdurara, as mulheres trabalhadoras podem ser sublinhadas como símbolos da invisibilidade. Trabalhadoras das fábricas de tabaco, domésticas e sem instrução representavam grande parte das mulheres que não poderiam dar-se ao luxo de uma licença maternidade. Sobre elas, os jornais pouco falavam, sobre elas pairava o silêncio. As matérias que colocavam o problema da instrução feminina eram normalmente dirigidas às moças que em casa estavam, aos cuidados dos pais ou dos irmãos mais velhos. Com esse viés, aparecerá no centro da página, no Jornal Novidades, em caixa alta, o título “Educação Feminina”, que estará assinado por M.C., sugerindo ser Maria de Carvalho, editora da coluna feminina, com a seguinte abordagem:

A educação feminina é dos mais complicados problemas da nossa época e podemos dizer: do nosso país. Noutros países, o homem, por hábito ou por maneira de ser, não se preocupa que a mulher viva uma vida em que a casa tenha pouca importância, em que se coma no restaurante, em que se viva como em viagem. O homem português não pensa assim: gosta da sua casa, entende que à sua mulher compete torna-la confortável, e dar-lhe aquele arranjo, economia e ordem que fazem a prosperidade do lar, e que levam a dona de casa a vigiar desde a cozinha às roupas, e, se vive na província, desde a capoeira a todas dependências da sua habitação. (NOVIDADES, jan. 1945)

Nota-se, nesse discurso, a especificidade do homem português que quer se ressaltar, portanto se em outros países até é admitido que a mulher esteja fora do lar, Portugal distingue-se pela característica dos códigos de masculinidade. A mulher para instruir-se tem que estar fora, ou seja, não mais disponível para o que o homem desejar, por isso a educação e a instrução têm que ser um dos pontos muito bem pensado, para que não desfaça o lar, nem descontente o marido. Entretanto, há um lado a se pensar na educação para as mulheres, a carestia dos tempos, o complemento do sustento, não desejável, mas muitas vezes aceitável, e segundo M.C., a educação deve contemplar esses fatores:

Ao mesmo tempo, a nossa época obriga, algumas vezes, muitas até, a mulher a ganhar a vida, mercê de circunstâncias a que não pode furtar-se, ainda que o faça não por vocação, mas com sacrifício. A educação da mulher, por isso, em Portugal, tem de torna-la apta para as duas faces da vida, que em tantos casos se impõe às

solteiras que não são ricas e que demanda habilitações e diplomas. (NOVIDADES, jan. 1945)

M. C. ressalta os tempos que não mais estavam da mesma forma:

Noutro tempo, qualquer senhora bem educada improvisava-se professora, ou conseguia, mesmo, empregar-se. Actualmente, não, a mulher precisa de especializar-se em artes ou letras, de ter diplomas e cursos, de saber dactilografia, estenografia e possuir várias aptidões, que lhe permitam um trabalho bem remunerado e compensador. Isto obriga a uma complexidade na educação feminina que deve levar os pais a profundas reflexões. Primeiro a base moral e religiosa, grande amparo e lição indispensável para a mulher, - depois educação familiar e doméstica que a prepare para seu natural destino – mãe de família – e ainda as habilitações para uma vida de trabalho neste ou naquele ramo. Isto é o que podemos ver por agora- porque nas bruscas arremetidas do nosso tempo, não podemos adivinhar o dia de amanhã. Parece-nos, porém, que esta dupla capacidade, não prejudica qualquer rapariga, antes pelo contrário, na complicada época que atravessamos. (NOVIDADES, jan. 1945)

Os tempos a que M. C. se referia na matéria do Jornal Novidades exigiam da mulher uma real dupla jornada de trabalho. As que poderiam preparar-se com uma instrução apropriada estavam debaixo da exigência social da fada do lar e da busca pelo conhecimento para melhor administrar as questões domésticas. Como menciona no excerto acima, caberia à mulher administrar os múltiplos conhecimentos sem descuidar-se da casa, do marido e da educação dos filhos. Na pedagogia social implantada pelo Estado em consonância com a Igreja, a Casa e a Cozinha eram os grandes laboratórios da mulher, os quais ela poderia elaborar e mostrar o melhor de si. A formação da mulher, através da imprensa, caminhou algumas décadas nesse sentido, sendo que o cotidiano era bastante assoberbado para todas que precisassem ou quisessem exercer uma profissão; teriam que se desdobrar na dupla jornada, situação comum, inclusive, na contemporaneidade.

Segundo Joana Maria Pedro (2012, p. 251), que abordou a questão da dupla jornada feminina, isso ainda na atualidade é um grande problema e constitui uma das bandeiras de grupos feministas brasileiros e internacionais:

Nos jornais ‘Nós mulheres e Brasil Mulher’, por exemplo, eram comuns reportagens e charges criticando uma situação muito frequente no espaço doméstico: marido e mulher voltando do trabalho juntos, ele se encaminhando para a poltrona e se instalando na frente da televisão, e ela iniciando sozinha sua outra jornada de trabalho: lavar roupas e louças, preparar comida, limpar a casa, atender as crianças. [...] Até hoje, a reivindicação de que o trabalho doméstico não recaia somente sobre os ombros das mulheres, mas seja dividido com os homens e o Estado, permanece, pois ainda não foi atendida a contento. Poucas mulheres têm a sorte de contar com a participação do companheiro nas tarefas do lar. Mesmo as que recebem tal colaboração (considerada ‘ajuda’), sentem-se as principais responsáveis pela organização e boa administração do lar.

A “ajuda” doméstica, a que se refere Joana Pedro, não estava inscrita na história das portuguesas durante o Estado Novo; era absurdamente assustador e atemorizador ver um homem a fazer tarefas domésticas. Os homens, segundo algumas revistas e matérias jornalísticas, viviam cansados do trabalho fora do âmbito privado, eram atormentados pelas questões públicas. Caberia à mulher ter a percepção do que estava acontecendo com seu marido, sem falar, apenas a partir da observação, pois homens detestavam estarem cansados, tendo que ouvir a tão famigerada ladainha feminina.

Percebe-se que os conselhos e preceitos acerca do feminino pairavam nesse frequente uso da inferioridade feminina, no qual a língua era um dos mais maiores males; isso fora recorrente e era reproduzido e naturalizado pelo discurso. Não é surpreendente que as mulheres, através da pedagogia do discurso, tenham absorvido todas as responsabilidades e visto que isso lhes era natural. O discurso que questiona essas verdades dadas nem sempre é perceptível, portanto não ratifica que não existiram resistências contra esse modelo, porém as questões de inferioridade e naturalidade do sexo foram amplamente exploradas historicamente. Não é de estagnar que na formação da mulher católica, essa não fosse a característica predominante.

#### 4.1 A INSTRUÇÃO FEMININA E A SALVAGUARDA DO LAR

‘É um triste sintoma quando o marido boceja na companhia da sua mulher, dizia Mons. Dupanloup’. Assim sucede quando a mulher não tem suficiente cultura de espírito. O homem culto, absorvido pelo seu trabalho intelectual, aspira a encontrar na mulher como que um eco de suas ideias. Triste decepção o espera, se não encontra mais do que uma linda boneca, muito bem vestida, mas com uma mentalidade oca e cujos lábios de carmim apenas sabem pronunciar palavras sobre moda e mexericos de sociedade! Quando ele volta do seu trabalho cansado de espírito, por vezes preocupado, desejaria expandir num coração amigo a dúvida e a inquietação que o atormentam, esperar talvez um conselho ditado pela dedicação e esse extraordinário senso que a mulher portuguesa possui: a intuição. Mas apenas encontra o vácuo de uma cabeça sem ideias e que acha aborrecido falar em coisas sérias. (STELLA, jan. 1950)

A instrução feminina, quando defendida no periodismo católico, tinha como primazia a formação para o adequado diálogo doméstico. A sempre lembrada ladainha feminina era alvo de muitas querelas. O controle da fala, dos gestos e da adequada *toilette* eram conselhos recorrentes. Todavia, o excesso de cosméticos – já tão propagandeados pela imprensa, com novos produtos, alavancados por uma crescente indústria da moda – era peremptoriamente



condenado. Por isso, o cuidado sem exagero era sempre apregoado, não esquecendo do silêncio sempre louvado.

Conforme observa Fátima Mariano (2011, p. 61), “o silêncio é o mais belo adorno da mulher”.<sup>124</sup> Os movimentos do feminino tinham que ser sincronizados e equilibrados. Os manuais de civilidade foram fontes ricas para aferir esse tipo de controle sobre as mulheres. Eles poderiam tratar desde a arrumação da casa até como conquistar o marido. No foro íntimo, era dada especial atenção à higiene corporal e à forma de se vestir e de tratar o corpo. Poderiam circular entre as classes, pensando na mulher abastada, mas não esquecendo-se da mulher pobre, razão pela qual alguns manuais enfatizavam a higiene e capricho da mulher mesmo com poucos recursos.

No mundo ideal dos manuais de civilidade havia poucos espaços para as diversas diferenças entre as mulheres. Em geral, nessas publicações, existia “mulher”, sem levar em conta todas as especificidades que circundavam o universo feminino, mas outro elemento importante a perceber é que os manuais também serviram para embasar e consolidar discursos de natural inferioridade. Como nota Fátima Mariano (2011, p. 62), ao analisar a obra de João da Silva Correa que escreve “A linguagem da Mulher em Relação ao Homem”, essa publicação se deterá nas diferenças linguísticas e intelectuais das mulheres em relação aos homens, conforme excerto:

O léxico da mulher é rico em vocábulos do domínio da vida do lar [...] enquanto é pobre em termos de vida extradoméstica. A mulher recorre também mais aos auxiliares de linguagem, como o suspiro, o gemido ou o pranto, e aos gestos religiosos e supersticiosos. O jogo fisionômico é também ‘mais activo no sexo feminino: os olhos e os lábios têm na mulher mobilidade e expressão que não tem geralmente no homem. E o beijo e o abraço a cada passo substituem, ou pelo menos, acompanham nela, as fórmulas usuais de cumprimento ou saudação, e são repetidos no mesmo dia, pelas mesmas pessoas, a cada encontro, a cada despedida’.

Como esse discurso da diferença, através dos marcadores de codificação social, sendo um deles a falada “debilidade feminina”, atravessou o tempo e a política do Estado Novo, encontrando ressonância em muitas franjas que criam nessa assertiva e um dos maiores expoentes dessa ideia era Oliveira Salazar. Ele formulara uma importante atribuição “às donas do lar”: a gestão da economia doméstica. Na matéria intitulada “Economia Familiar”, do *Jornal Novidades*, a questão coloca-se dessa maneira:

---

<sup>124</sup> MARIANO, Fátima. “O silêncio é o mais belo adorno de uma mulher”: mas estiveram as mulheres sempre em silêncio? – A procura da voz das mulheres nos arquivos portugueses. **Conferência no Instituto de História Contemporânea**, Universidade Nova de Lisboa, 2015.

O preconceito que desconhece a valia do trabalho de gestão da economia familiar funda-se no erro que considera essa economia como de simples consumo, quando ela é conjuntamente de produção e esta é realizada e dirigida pela mulher. Eis como o então professor de economia Dr. Oliveira Salazar justificava na magistral conferência a que ontem aludimos, este profundo conceito que, bem entendido, levaria só por si à reforma de toda essa instrução a educação pública e particular. A maior parte do consumo do país – lê-se no texto da conferência – faz-se no incontestavelmente no seio da família; ora a economia familiar tem sido considerada como simples economia de consumo, quando de facto ela representa uma formidável economia de produção. O conjunto destas economias familiares representa num país mais que qualquer indústria, por mais poderosa que seja. (NOVIDADES, 30 nov. 1956)

Os holofotes, nesse momento, estarão iluminando a pequena fábrica familiar, buscando evidenciar o grande papel que a mulher desempenhara no lar e o quão difícil seria que essa mesma mulher pudesse estar fora do lar, sob pena que toda essa gestão e articulação dos pequenos afazeres fossem prejudicadas pela falta do feminino, no seio da família. Com isso, o Dr. Oliveira Salazar prossegue:

Não há nenhuma, nem mesmo o Estado que consuma tanto combustível e tanta energia de iluminação e empregue tanto pessoal e disponha duma tão grande força de trabalho como as donas de casa juntas. A alimentação é quase integralmente preparada na família; na maior parte das famílias o é as roupas brancas de uso, a de cama, noutras mesmo a roupa de uso externo; fora da cidade a roupa é lavada em casa, em toda parte consertada, passada, corrida a ferro; juntemos os bordados, as rendas, a lavagem e enceramento das casas e mil outras pequenas coisas de indústria caseira. Quem governa essa monstruosa cozinha nacional familiar que fabrica a alimentação a seis milhões de criaturas? Quem dirige o trabalho nessa empresa monstro, que toma sobre si tantos encargos e uma produção tão variada e de alto valor? As pobres mães de família. (NOVIDADES, 30 nov. 1956)

Por isso, “as pobres mães de família” são conclamadas a entenderem melhor dessa ciência doméstica. Também por isso, um dos pilares da instrução feminina católica no Estado Novo estava na correta gestão da economia doméstica. Esse tema foi um dos pressupostos do crescente discurso de correta formação da mulher católica, também sendo um dos aspectos abordados por António Oliveira Salazar em seus discursos. Segundo ele:

O fato de não ter considerado a família como uma economia de produção, explica muitos defeitos nas casas onde essa economia se desenvolve, e o atraso de muitos serviços a que podia dar-se uma organização diferente, mais favorável ao trabalho doméstico como que o que se dará com os despejos, água e luz. É deficientemente aproveitado e dirigido o trabalho doméstico de criados e criadas, cuja função em muitas casas se ajusta melhor a despesa suntuária que ao conceito de trabalho humano empregado na produção. Junta-se ainda a isto o mau, irregular, deficiente aproveitamento das coisas – da luz, do calor, das substâncias alimentícias, dos estojos, dos muitos objetos de uso doméstico. (NOVIDADES, 30 mar. 1956)

Não se tratava, todavia, de uma campanha contrária aos serviços domésticos, mas uma campanha apelativa a favor da volta da mulher ao lar. Como prossegue:

Os pobres não são mais econômicos que os ricos, nem as casas dos pobres são mais bem administradas que as dos que tem bens de fortuna. Ligado o problema não a uma questão de riqueza ou de virtude mas a qualidade da direção desta indústria típica que é a indústria doméstica, em que a aprendizagem, e a preparação para o casamento desempenham um papel importante, não é de estranhar que assim suceda. Pensa-se muitas vezes que o nível da vida operária depende apenas da taxa de salário; mas sabe-se que um operário norte-americano nem sempre consegue viver como um operário francês que recebia antes da guerra – e hoje muito menos – apenas metade do salário daquele. É isso, descontada a diferença do custo de vida, deve-se às qualidades de economia da mulher francesa. As minhas observações, ainda que relativas a casos pouco numerosos e em locais restritos, ensinam-me que famílias de trabalhadores, iguais quanto a meios e ao número de filhos, vivem muito diferentemente, segundo as qualidades da mãe de família. (NOVIDADES, 30 mar. 1956)

As qualidades da mãe de família são evidenciadas pela maneira como conduz a casa e gere os recursos ganhos pelo marido na vida pública. Num discurso pós-guerra e enfatizando a diferença econômica entre os diversos países, Oliveira Salazar adverte que uma casa bem administrada pode ser rica ou pobre. Ele ainda enfatiza as bem-aventuranças de uma casa, através da boa condução da mulher, portanto o volume dos recursos aí, conforme Salazar, pouca diferença faz; o que fará diferença será a correta gestão doméstica, sem desperdícios. Oliveira Salazar também circunda a figura da mulher avalizada pelo atributo “mãe” que ganha contornos de “entidade”, ratificando a questão da maternidade. A mulher não é só mulher, ela é também a mãe de família. Para consolidar a sua argumentação, Oliveira Salazar prossegue:

Por outro lado a experiência demonstra que, se a mulher não é econômica, de balde o homem tentará economizar. Quem se não lembra da palavra da Escritura, nos Provérbios: ‘A mulher de juízo edifica a casa; a insensata desfaz-se-lhe nas mãos uma casa já feita’. Pomos ponto na citação, aliás resumida, muito embora seja digna de reler-se toda esta parte da magnífica conferência. O que citamos basta porém a elucidar a nossa tese: a mulher dona de casa pode produzir mais dentro da sua função, bem exercida, do que abandonando-a para ir exercer qualquer outro trabalho ou emprego a pretexto de valer a economia familiar. (NOVIDADES, 30 mar. 1956)

A economia familiar ganha *status* de educação; uma educação voltada para a mulher, na salvaguarda de suas funções naturais. Na gestão da vida doméstica, a mulher deve ser ensinada a pensar na casa como uma fábrica, buscando soluções que economizem o salário do marido.

Além da sábia gestão da economia do lar, um tema que fora correlacionado era o da mulher no mercado de trabalho. As matérias não poupavam advertências às mulheres que

estavam no mercado de trabalho, alertando do verdadeiro risco que isso representava para a sociedade. A justificativa do complemento de salários era refutada frente a uma campanha estabelecida pelo salário familiar, que o homem tivesse um salário, no qual pudesse prover o sustento da família. Foi com essa perspectiva que a matéria “O desemprego e os novos lares” fora publicada:

Já tivemos ocasião de aludir aos esforços, tentados noutros países para auxiliar, sob o aspecto econômico, o regresso da mulher ao lar. A fuga do lar tem causas econômicas e morais. Importa atacar umas e outras. A mulher abandona o lar para ganhar a cota parte do sustento que falta a si e aos seus. Para suprimir esta causa advoga-se o salário familiar, isto é, o salário do marido calculado por uma forma a bastar ao sustento de uma família normal da sua classe; salário que segundo outros deve ser variável por forma a acomodar-se aos encargos familiares maiores ou menores. (NOVIDADES, 11 jan. 1963)

As razões expostas de prejuízos morais ao lar fazem parte da educação recebida pela mulher e também estão conectadas com outros elementos, entre eles, o desemprego masculino. Conforme a matéria, isso tem efeitos profundos na economia da sociedade portuguesa:

Mas o que, sob o aspecto econômico veio dar maior relevo à necessidade de regresso ao lar foi a crise do desemprego. A concorrência da mulher no trabalho e no emprego fez engrossar o número de homens desempregados e, por esta forma, o abandono do lar pela mulher agravou as duas crises: a da família e do trabalho. Para trabalhar fora do lar, a mulher casada abandona os filhos, ou evita-os criminosamente: por falta de trabalho ou de salário suficiente o homem foge de constituir um lar a cuja subsistência não pode prover. Compreende-se facilmente como estas deficiências econômicas arrastam as piores misérias morais. (NOVIDADES, 11 jan. 1963)

Michelle Perrot, ao historicizar o trabalho feminino, coloca em evidência as questões que entram em consonância com o argumento do desemprego masculino, com a moral em risco, pelo fato da mulher estar fora de seu *habitat* natural: o lar. Ela alerta para a invisibilidade que o trabalho doméstico tivera, pois as tarefas foram sempre atribuídas às mulheres, criando um cotidiano estafante e sem qualquer remuneração, inclusive quando o trabalho das mulheres é fora de casa, mas é dentro de outro espaço doméstico, esse trabalho é mal remunerado e sujeito à apreciação dos patrões sobre a remuneração, estando bastante vulnerável a qualquer oscilação. Outro fato interessante para o trabalho doméstico de mulheres é que ele está sujeito a outros tipos de pagamentos, houve época em que se trabalhava pelo direito à alimentação e casa. As domésticas não são, aliás, assalariadas como as outras. Conforme observa Perrot (2007, p. 117):

Com casa e comida, elas recebem retribuições que lhes são passadas irregularmente, e sujeitas a descontos caso quebrem a louça ou estraguem a roupa. Sua jornada de trabalho é quase ilimitada. O domingo não é garantido como folga, mesmo quando a prática se torna mais frequente. Além de seu tempo e de sua força de trabalho, sua pessoa e seu corpo são requisitados, numa relação pessoal que ultrapassa o compromisso salarial.

Situação oposta vive a mulher da elite, mas não menos comprometida. É evidente que o desgaste e o cansaço estarão diametralmente opostos. Importa notar que a mulher da elite conta com as criadas de servir para seu auxílio, mas isso não quer dizer que elas não sejam responsabilizadas se o caldo não ficou no ponto, se a gola ficou mal engomada, se há pó pelos móveis. Cabe a mulher:

Elaboração dos cardápios das refeições, cuidados e educação das crianças, organização das soirées familiares, recepções para a sociedade. Uma burguesa, mesmo sendo da classe média, reserva um dia para receber visitas, de maneira faustosa ou modesta, segundo suas disponibilidades. Para a mãe de família que tem filhas na idade de casar, é uma preocupação permanente. (PERROT, 2007, p. 116)

Segundo Almeida (1993, p. 106), “num contexto em que a casa vira as costas à rua”, as mulheres estarão sendo educadas para gestoras dos seus lares, no caso das mulheres da elite. As mulheres pobres trabalhavam nas fábricas ou contavam com a outra face “da virtude feminina”, que cedia-lhe o amplo laboratório doméstico para outra mulher tomar conta, era quase uma filantropa. Esses discursos que opõem o feminino com o feminino é gestado e cultuado nas páginas das revistas e jornais, portanto a educação feminina também é dicotômica entre a trabalhadora e desviante, pois fora do lar está, e a mulher abastada, com criadas de servir, cuidando para que não seja vista como perdulária ou ociosa, o discurso preservará a mulher que percebe na representação estatuária da família, a sua força e seu caráter.

#### 4.2 A MISSÃO DA MULHER

Muitas foram as missões destinadas às mulheres. Os jornais, revistas, manuscritos, boletins católicos e textos propagandísticos deixavam claro que a mulher existira e existia para desempenhar uma missão no mundo. Esse mundo povoado por sujeitos carregava o senso de compartimentação da vida social. António Oliveira Salazar fizera questão de destacar em seus pronunciamentos que o indivíduo só completava sua missão no seio da família, portanto cada membro dessa instituição estava comprometido com o sucesso desse

projeto social. Entretanto, não nega-se as exigências sociais diversificadas que estavam sob responsabilidade da mulher.

Foi com essa perspectiva que o Jornal Novidades publicou em 2 de outubro de 1936 a matéria “A missão da mulher”, baseada nas palavras do Dr. Carlos Borges, conforme informa o jornal. No cassino peninsular de Figueira da Foz, uma festa beneficente organizada pela senhora Dona Celeste de Melo Mendes contou com a fala muito oportuna, segundo jornal, do Dr. Carlos Borges, sendo transcritas no periódico algumas passagens de sua conferência. As palavras iniciais merecem ser citadas:

Pregoa-se por toda a parte a emancipação das mulheres, como se tratasse da libertação de escravos e o comunismo levou a doutrina aos extremos limites do impudor e da insensatez. Igualdade de direitos políticos e civis, livre exercício de todas as profissões e amor livre. E está em síntese, a doutrina feminista. A natureza feminina, a função social da mulher são incompatíveis com o exercício de muitos cargos e profissões. Demonstram Callet e Iver, que a mulher não falece inteligência nem vigor para ser um médico ou um advogado de mérito mas, a que cuidar de doentes ou debater questões forenses tem de renunciar aos deveres e aos doces prazeres do lar: não pode ser boa mãe e boa esposa. O seu ofício acaba por ser exercido sobre as ruínas da própria felicidade. A mulher não pode ser igual ao homem. As suas vidas, os seus deveres, a sua função correm paralelas, são equivalentes, mas inconfundíveis. A imitação de certos actos e gestos masculinos degrada e desprestigia. Há damas que fumam em lugares públicos e de preferência nas reuniões mundanas. O cigarro é assim como uma proclamação de independência e desdém pelo próximo, uma maneira insolente de irritar o indígena. (NOVIDADES, 2 out. 1936)

O cigarro, o cabelo cortado à Joãozinho<sup>125</sup> e o vestuário que motiva uma nova perspectiva visual e que está atrelado à masculinização da mulher serão veementemente combatidos (XAVIER FILHA, 2010). Nesse microcosmo o que está em causa também é a questão da virilidade, da superioridade masculina, e à medida que o terreno estende-se, que as mulheres são arrimos de suas famílias, que o divórcio é uma possibilidade, muitas verdades dadas são postas em xeque. Peter Gay (1988, p. 146) cita Walter Bense – ensaísta, comentarista social e romancista prolífico – para mostrar o temor da perda de terrenos que até ali vigoraram. Em “*The Revolt of Man*” (A revolta do homem), ele incursiona pelas questões das emancipações femininas, alegando que num futuro próximo – e está tratando de 1882 –, as mulheres estariam dominando o mundo, invertendo vigorosamente os papéis sociais.

Com esse temor, que Gay muito bem enfatiza, o Dr Carlos Borges termina sua conferência:

---

<sup>125</sup> O livro “*La Garçonne*”, de Victor Marguerite, publicado em 1922, narrava a história de uma jovem progressista, que deixa a casa da família em busca de uma vida independente. Esse texto é atrelado as novas formas de vestir e tratar o corpo feminino, por isso, as alusões feitas aos cabelos a Joãozinho são introduzidas e atreladas a tal literatura.

Tomando uma posição francamente, antifeminista, preste culto à beleza, à graça e à virtude da mulher. Não são mulheres, as criaturas que deixam a vida do lar e os cuidados dos filhos, para irem para a praça pública, atear ódios e suscitar assassinos, saques e degradações. Não são mulheres, aquelas que se alistam nas hostes desta ou daquela facção e marcham, entre soldados e com soldados para as linhas de combate. Não são mulheres essas históricas que proclamam o amor livre e gritam delirantes e descompostas – filhos sim, maridos não. Não são mulheres aquelas que tem o coração vazio para o amor e o ventre estéril para a maternidade. (NOVIDADES, 2 out. 1936)

As palavras do Doutor Carlos Borges ficaram repercutindo nas páginas dos jornais, o combate a um certo tipo feminino nasce de um descompasso entre discurso e prática. Os textos jornalísticos com as mais variadas argumentações entoavam a volta da mulher ao lar e o quanto vil era a mulher que lutava pelo direito à instrução, o direito ao trabalho e o mais básico direito, o da cidadania. Discursos médicos especializaram-se em promover a inferioridade biológica, dando lugar a um discurso jurídico igualmente desigual e opressor. As palavras nos jornais dos mais diversos homens corroboravam as argumentações discursivas, foi o que ocorrera com o Dr. Carlos Borges, que aparentemente desconhecia e renegava a mulher pobre, que sempre esteve nas ruas e que foi uma das mais castigadas pela inferioridade de classe, que igualmente oprimia. É o que afirma Fátima Mariano (2011, p. 62):

Como nota Elzira Machado Rosa, nos primeiros decênios do século XX assistia-se a uma situação de dupla discriminação feminina: a da diferença de estatuto entre homens e mulheres da mesma classe e a diferença de condição feminina dos grupos burguês e popular. Em ambos os casos, ‘a mulher ocupa o centro do cotidiano familiar. Mas enquanto a primeira desliza para o mundo exterior saboreando a festa e o lazer, a segunda procura, fora de casa, apenas a subsistência’.

Não se pode concordar, todavia, com o maniqueísmo exposto por alguns autores de que a mulher da elite estava ao sabor da vida e a mulher das classes populares estava em condições de subalternidade, pois a redução é simplista. O que se advoga é que a classe é mais um elemento que diferencia o feminino e que há muitos femininos dentro do feminino. A classe é só mais um marcador social, um importante marcador social, mas não o único, pois mesmo que abastadas, ainda eram mulheres.

As exigências sociais eram diferentes, as discriminações eram diferentes, havia verdadeiros abismos interpostos pela classe, raça e muitos outros elementos que formam e conformam o sujeito, porém medir os níveis de opressão não muda o caráter da sujeição e parece não colaborar para o debate.

No entanto, é imperativo frisar que uma das raízes dessas exigências sociais para ambas classes de mulheres tem origem nas encíclicas papais, dentre elas, a mais famosa, a *Rerum Novarum*, e a Quadragésimo Ano, que intermedia e molda as relações homem e mulher, dedicando especial olhar ao homem público e à mulher dentro das esferas privadas, redefinindo o espaço de cada um.

#### 4.3 A MISSÃO DA MULHER: A MATERNIDADE

A figura 4 mostra-se simbólica de um Estado que criara a Mulher-Mãe, através dos discursos escritos e imagéticos. Os serviços de propaganda trabalharam com imagens que pregavam o modelo familiar desejável. As imagens traziam mães com muitos filhos e pais provedores da grande família. A mulher, devido ao comedimento que a Mulher-Mãe deve ter, quase sempre está olhando para a câmera seriamente.



Figura 4: A maternidade honra e glorifica a mulher

**1.ª Jornada das Mães de Família**  
13 e 14 de Junho de 1942

**A MATERNIDADE HONRA E GLORIFICA A MULHER**



Modêlo de uma família portuguesa: marido, mulher e...

10 filhos saúdáveis todos amamentados por sua Mãe

*(Família de Maria Afonso de Lisboa)*

**MINISTÉRIO DO INTERIOR**  
**Sub-Secretariado da Assistência Social**

Com a colaboração de: OBRA DAS MÃES, MOCIDADE FEMININA, MATERNIDADES E MISERICÓRDIAS DE LISBOA E PÔRTO, JUNTAS DE PROVÍNCIA DE ESTREMADURA E DOURO LITORAL, LEGIÃO PORTUGUESA, MOCIDADE PORTUGUESA, SECRETARIADO DA PROPAGANDA E EMISSORA NACIONAL

1942-1943 - 10.000.000 - Lisboa - Portugal, Lda - 1942/43

Fonte: Arquivo Salazar (2011)

### Mães

Se observarmos bem, verificaremos que há três espécies distintas de mães. As que se preocupam demasiado com os filhos. As que chegam a esquecer-se de que são mães. E, por fim, as que sabem ser mães com certo peso e medida. Conheci uma senhora que de cinco em cinco minutos, punha a mão na testa da filha e dizia: 'Desconfio que vais ter febre hoje. Não te dói a cabeça?' A menina dizia que não, mas ficava com um ar triste e preocupado. Esta mãe pertencia a primeira categoria. Conheço outra que se trata com esmero e requintes de matrona. Levanta-se tarde, leva horas a preparar-se e gasta o resto do dia em almoços e jantares, chás, bailes, etc. Há dias em que não chega a ver os filhos. E, quando eles tem a veleidade de esperar dela uma atenção ou um carinho, só encontram enfado e secura. Esta mãe cabe na segunda categoria. A terceira categoria pertence uma que afirma: 'Sempre que meus filhos me procuram, encontram-me. Eles sabem que lhes pertenco, que a minha vida é deles. No entanto, raras vezes os procuro eu, para, que não se sintam oprimidos sob a minha vigilância. Deixo-lhes plena liberdade de escolherem o seu caminho. Todavia, estou sempre atenta para que não percam nas encruzilhadas. Então, surjo calma, mas segura, e aponto – falando-lhes ao coração e à razão – o caminho que se

traçaram e de que se desviam inconscientemente. E, regresso, de novo, a minha vigilância obscura. Os meus filhos não dão um ai que eu não ouça, não fazem um gesto que eu não veja, sem, contudo, se aperceberem de tal. A esta categoria devem pertencer todas as mães. E é aquela a que pertence o menor número, dolorosamente se verifica. M.V.Q. (NOVIDADES, 10 out. 1949)

Maternidade é termo polissêmico (COVA, 2005, p. 189-211), pois engendra muitas práticas e suscita muitos comportamentos, porém a perspectiva que interessa é a percepção da maternidade entre as mulheres católicas de Portugal. Não se consegue perceber todas as subjetividades que pairam sobre esse tema (CHODOROW, 1990), mas alguns elementos podem ser pensados e justapostos no que concerne à mulher como centro de uma função celestial, a mãe de família. O texto do Jornal Novidades de 10 de outubro de 1949 oferece à leitora visões antagônicas acerca das modalidades maternas, advertindo-as de que as verdadeiras mães perfaziam um número deveras reduzido na sociedade portuguesa. Seria esse vaticínio infundado?

As evidências encaminham para uma resposta oposta à conclusão da epígrafe. Havia muitas mulheres que tinham como destino a maternidade, porém nem todas estavam incrustadas nos ideais do Estado e da Igreja. Entre as muitas subjetividades femininas, interessava sacralizar uma, a mãe católica. As modalidades femininas estão postas no texto do Jornal Novidades para diferenciar as mulheres boas das más, e distinguindo-as, produzirem diferentes sujeitos a partir de um conjunto de saberes específicos.

A atualização (MARCELLO, 2009, p. 229) da maternidade é recorrente, pois leva a pensar muitas questões que estão interligadas à questão materna. A educação dos filhos, o casamento e o retorno ao lar são exemplos de temas correlacionados e partilhados nas folhas dos jornais, com cunho pedagógico, enunciando a mãe ideal. E ao folhear-se os jornais e revistas, pode-se reconhecer a tipificação da mulher “mãe de família” e quais os pontos discursivos que conformam esse sujeito-mãe<sup>126</sup>. Além disso, é imperativo destacar que o tema maternidade insere-se também numa discussão mais ampla acerca da formação da rapariga. Uma correta educação feminina livraria a sociedade dos prejuízos que uma mulher poderia trazer. Dessa forma, o Jornal Novidades publica um artigo chamado “A Mulher”:

Sempre que a acção da mulher foi grande cristã, consciente, surgiram Homens, criaram-se reinos, desenvolveram-se impérios, cresceu a abundância e a riqueza. Sempre que a influência feminina foi vã, pérfida, afundaram-se reinos, sobreveio a confusão, secaram as fontes da honra e do bem-estar. Mulher que não saiba amar, mulher que não possa instruir pelo exemplo e pela palavra, não pode ser mãe na

<sup>126</sup> Essa terminologia é utilizada por Fabiana Amorim Marcello. Entretanto, ela também é recorrente nos periódicos analisados.

soberana acepção da palavra. Filhos abandonados, filhos a quem foi roubado o grande e insubstituível tesouro do ensinamento, que é a ternura santa e desejo-ardente – como poderão transformar-se em homens, como poderão ditar leis justas, sábias, como conseguirão dignificar a Pátria, eles não conheceram a dignificação da família? (NOVIDADES, 28 jul. 1944)

A dualidade do bem e do mal e a materialização de Eva e de Maria, opondo pecadores e redimidos, impõem-se claramente nos discursos acerca do feminino e do seu potencial destruidor ou regenerador. As mulheres, como responsáveis pela ordem social, se soubessem seu lugar e usar seus atributos de mãe católica, poderiam engrandecer a pátria, e o contrário era a desonra da nação. Por isso, essa dupla influência é alardeada:

Quer um dos mais poderosos ditames de Deus que a vida – o nosso romance maravilhoso – seja entrelaçado constante de malhas que vemos e de laços que não conseguimos distinguir, laços que só os pressentimentos e da alma logram aperceber, laços que dão afinal o intrínseco significado ao romance maravilhoso – a vida. Pois nesta teia do mundo, parece-me que são os homens e as ações dos homens as malhas visíveis e nós mulheres, os laços, cuja influência, à primeira vista, ninguém logra descortinar a influência, que é, com certeza. (NOVIDADES, 28 jul. 1944)

O romance prenunciado na citação acima mostra-se com a influência da mulher na sociedade e a necessidade de reverberar essa influência, através de um descortinar. O texto já aponta para uma função essencial (MOURA, 2004, p. 44-55) e fundamental para a sociedade, todavia carecia essa influência ser esquadrihada, falada e promulgada em forma de discurso, para distinguir as boas das más.

A má influência, herança de Eva – quem dera o fruto da árvore proibida a Adão e quem ficara no imaginário coletivo como a tentadora mulher –, não passava incólume nos discursos. Fora sempre lembrada nas entrelinhas, nas características negativas atribuídas a mulher. Já Maria:

[...] é sempre apresentada como uma mãe de família atenta às necessidades dos seus. [...] Essa personagem sofreu ao longo de sua história algumas transformações, sendo constantemente ressignificada. Na Bíblia, encontram-se rápidas menções a ela. De qualquer forma, já é apresentada como, primeiramente, virgem e cheia de graça. Para Maria Isabel Pérez de Tudela Y Velasco, desde os primeiros tempos do cristianismo Maria é caracterizada como alguém repleto de qualidades que foi sofrendo alterações, mas sempre sendo adaptada às necessidades das relações sociais em jogo. (JARDIM, 2006, p. 51)

Maria e sua maternidade virginal (BARRETO, 2007, p. 51), apregoada como mãe zelosa e na qual poderiam espelhar-se as raparigas e senhoras, fora inspiração para tecer a construção da mãe católica portuguesa. A rapariga virgem e casta daria lugar à jovem senhora

mulher-mãe. As concupiscências da carne não estariam engendradas nesse sujeito equilibrado e controlado pelo discurso normatizador. O controle do corpo e do pensamento formariam esse sujeito, segundo o periodismo, fraco por natureza. “É preciso controlar, inclusive, e principalmente os pensamentos, pois é aí que o pecado se insinua: pensar já é pecar” (BARRETO, 2006, p. 53). No quadro “Impressões”, do diário Novidades, a questão da semana das mães é ventilada:

#### A semana da Mãe

A ideia foi lançada numa hora em que a recristianização da mulher portuguesa merece especial interesse. E acarinhada, patrocinada pela nossa Igreja, a Semana da Mãe tornou-se uma realização de elevado alcance moral e social. Durante sete dias procura-se afirmar, de maneira mais sugestiva e mais bela, a grandeza da missão de que Deus investe a Mulher-Mãe – essa figura sublime que a maternidade santifica. E infelizmente uma verdade aterradora a certeza de que muita rapariga da atual geração – escrava da frivolidade e da incoerência – não sabe avaliar a responsabilidade que envolve a missão da mãe; não quer sentir as belezas, de emoção ignoradas que a maternidade lança no coração da mulher. A mãe não é apenas mãe porque deu a vida a um pequenino ser inocente e indefeso, que será amanhã um dos elementos da nova geração. A ação moral da mulher à qual Deus concede a suprema graça da maternidade pode ser fecunda se ela souber corresponder em amor, em abnegação, em sacrifício, em grandeza espiritual, ao esforço que a Família humana dela espera e exige. O homem antes de ser da sociedade, é da escola, antes de ser da escola é da família – disse uma mulher, em magistral artigo. E nós, perfilhando essa afirmação, acrescentamos: E porque a sua alma se forma no seio do lar, porque seu caráter se modela num ambiente de amor-calma de amor – devoção, no coração de cada filho deve elevar-se um altar, onde para sempre ficará pousada a imagem da mulher que lhe deu o ser – da Mulher-Mãe. (NOVIDADES, nov. 1944)

A narrativa da matéria coloca em evidência a Mulher-Mãe, porém a exigência para o homem também tangencia a família, formulando uma didática para os sujeitos entenderem suas funções sociais, estabelecendo, dessa forma, uma conduta própria para homens e mulheres. A moral articulada com a religiosidade e a futura cidadania, no caso das crianças, acresce sobre homens e mulheres os destinos da nação. Uma nação saudável, segundo os preceitos cristãos e estatais, passa pela operacionalização discursiva na mídia impressa. A emergência da noção de maternidade produz discursos e saberes, através das modificações relativas à infância e à sexualidade, dois imbricados elementos que sofrem grandes transformações a partir do saber médico, interligados na condição saber/poder. As linhas de poder, força e fratura podem ser verificadas na matéria publicada em 8 de dezembro de 1944, intitulada “A mãe”:

*Mãe de Família*<sup>127</sup> é hoje, na Suécia, título honorífico, uma nova ordem de nobreza. Criar a vida equivale na Suécia ao desempenho de função pública, com direito de receber do Estado subsídio de alimentação, pensão de reforma, em caso de invalidez. E que diremos da ternura sentida revelada pelo costume norte-americano do *Mother's Day*, o Dia das Mães, que toda a gente celebra e guarda como dia santo ou feriado, no segundo domingo de maio de cada ano? Povos com o culto da Mãe são para afirmar a grandeza e eternidade dos seus destinos, bem como a excelência da defesa do futuro. Nem tudo nos Estados Unidos da América do Norte são capitalismo, *gangsters*, ligeireza e vazio de Hollywood. O dia das Mães, creio eu, será em breve universalmente copiado. Em Portugal, uma mulher da mais elevada nobreza feminina, a senhora condessa de Rilvas, que vem por aí no serviço das crianças, dos pobres e dos doentes, a inteligência, o coração, o patrimônio, começou há tempos a formosa campanha da celebração do Dia das Mães, para a qual designou o dia do corrente mês de dezembro. Do interior dos lares transborda para a rua torrente de caridade e gratidão pelas Mães. (NOVIDADES, nov. 1944) [grifos do original]

A urgência histórica em produzir sujeitos afeitos à maternidade fora um dos elementos para perscrutar a questão da historicidade (MOREIRA; NARDI, 2009, p. 570) do conceito de maternidade. A ligação da maternidade com a nova reformulação da infância e uma visão calcada em saberes da ciência acerca dos corpos e do desenvolvimento do indivíduo mostra-se um dos caminhos para pensar o aprisionamento dos corpos em dispositivos binários. A criação de um dia para a mãe, posteriormente uma semana para cultuar essa entidade, emerge no século XX, mas desde os finais do século XIX as mudanças de paradigmas no que concerne à mulher e à maternidade são perceptíveis. O sentimento do amor incondicional<sup>128</sup> – não natural – fora amplamente ressignificado e está intimamente relacionado com a constituição do sentimento materno, tal como experimentado na contemporaneidade.

A prática da separação do recém-nascido de sua mãe era usual nos séculos XVI, XVII e XVIII, corroborando assim, uma mudança no sentir e no pensar a maternidade. As famílias mais abastadas recorriam às amas de leite, que muitas vezes eram as tutoras nos primeiros anos das crianças, ocupando-se dos seus cuidados e da sua primeira educação. Não raras vezes, ocupavam-se de muitas crianças ao mesmo tempo, conformando um alto índice de mortalidade infantil, pois as condições de higiene e saúde, na maior parte dos casos, era precária.

Fabiana Amorim Marcello (2009, p. 228) atenta para as mudanças relacionadas à maternidade e convoca a pensar essa metamorfose:

<sup>127</sup> Note que a palavra mãe aparece sempre com letra maiúscula.

<sup>128</sup> Lurdes dos Anjos Fidalgo (2000, p. 6), em sua dissertação para a candidatura ao doutoramento, trabalhou a perspectiva da maternidade nos processos que, “no pensamento social, levaram ao silenciamento das mulheres e possibilitaram condições para tornar a maternidade num acontecimento com significado político social e psicológico, como um lugar de sujeição para as mulheres, durante séculos”.

Mas o que faz, então, a atitude da mulher em relação aos seus filhos ser radicalmente modificada? Que rupturas poderiam ser aqui indicadas? Afirmo que a maternidade funciona como um dispositivo e, como tal, ‘em determinado momento, teve como função principal responder a uma urgência’ (Foucault, 2000, p. 244); seu despotar por motivos políticos econômicos, filosóficos e sociais, ‘teve uma função estratégica dominante’.

Essa urgência e a conformação de um novo sentir sobre as questões biológicas se fazem com um emergir de novos sentidos e simbolismos em torno do outro. O corpo e seus desejos selvagens passam a serem adestrados, moldados em torno do sagrado e dos sentimentos que ele suscitava. Estar próximo da virgem Maria era estar alinhada com os ideais maternos que ela enunciara na sua suposta trajetória na terra.

Outro fator de relevante importância para a modificação da figura materna é a formação dos estados nacionais que colabora para a regulação do corpo social, uníssono, uniforme, engendrado no corpo da mulher e do homem. Um novo regulamento geria o cotidiano dos sujeitos, envolvidos em suprimir práticas que eram vigentes e estabelecer um novo código social.

É certo que estes novos procedimentos de gerência sobre a vida das populações foram se desenvolvendo desde o séc. XVII – com os mecanismos de adestramento, ampliação de aptidões, extração de forças e produção de um corpo-máquina útil e dócil -, mas é a partir da segunda metade do séc. XVIII que eles são fortalecidos como tecnologias de controle social. (MARCELLO, 2009, p. 229)

Nessa mesma perspectiva, Anne Cova (2011, p. 168) sublinha as questões do corpo feminino como substrato da norma:

Em um grande número de discursos, a anatomia do corpo das mulheres as predestina a maternidade. Os seios, as ancas generosas para receber o feto, não deixam pairar nenhuma dúvida: a mulher é concebida para ser mãe. A “natureza” decidiu assim, e daí a deduzir que a mulher deve se consagrar exclusivamente à maternidade, há somente um passo, que ultrapassam alegremente os médicos, cujas proposições foram objeto de múltiplos trabalhos (KNIBIEHLER, 1976; FOUQUET; KNIBIEHLER, 1983; CAROL, 2003). O corpo das mulheres grávidas suscita múltiplos conselhos, de higiene notadamente. Se certos médicos, tal como Adolphe Pinard, são progressistas, o corpo médico no seu conjunto é conservador e a velha sentença *tota mulier in útero* serve para lembrá-lo. O discurso médico propaga a ideia que o cérebro feminino é influenciado pelo útero, reduzindo a mulher a um sexo consagrado à reprodução.

Na esteira da mulher-mãe ou da mulher-útero, o quadro “impressões” do diário Novidades acentua as qualidades e as qualificações que a mulher deve ter, para o bem da nação. Encorajadas a seguir a receita, as mulheres são descritas:

Uma vez mais se comemora a ‘Semana da Mãe’. Durante este período de sete dias tributa-se à mulher mãe – essa figura símbolo do sacrifício, da ternura, da devoção – todo o carinhoso respeito de que ela é credora, porque a partir do instante em que a mulher dá a vida a outra vida, essa mulher é santificada pelo Céu. E a Igreja de Portugal há quatro anos que consagrou à Virgem, Mãe de Deus e dos Homens, a Mãe Portuguesa. Se a grande e sublime missão da mulher é a maternidade! Mas, a mãe, verdadeiramente mãe, de alma e de consciência puras, é a mulher que sabe cumprir com alma o sagrado dever que Deus lhe impôs, porque se a palavra mãe é doce, ela envolve um complexo de amor e responsabilidades que é mister saber e querer cumprir. (NOVIDADES, dez. 1942)

Essas responsabilidades, baseadas na diferença natural dos sexos, ancoradas e consolidadas com o discurso da ciência e com o discurso jurídico, respaldam a missão da mulher no mundo. O envolvimento com as questões da maternidade deveriam tomar todo o seu ser, como assevera o restante da matéria:

Quando a mãe nos aparece sob a forma dessa figurinha superficial, incoerente, que escrava de errado critério, vê apenas nos filhos a graça encantadora da sua fragilidade insinuante, a nossa alma revolta-se e o coração sangra-nos. Mas, curvamo-nos respeitosos ante aquela que se dá inteiramente aos filhos; para quem eles se tornam constantes cuidados, preocupação de sempre. E ora procurando modelar-lhes o caráter, ora vigiando o ambiente moral e espiritual em que decorrem essas vidas pequeninas – que serão amanhã a nova geração – ora insuflando-lhes o amor e o respeito pela trilogia santa: Deus, Pátria e Família. Ela, a Mulher-Mãe, é o mais belo ornamento da sociedade, porque é ela que prepara e defende e forma as novas gerações. Bem haja, pois, a figura sublime da Mulher-Mãe – essa que recebeu do céu a suprema graça de poder dar-se um Filho... Porque ser mãe é o legítimo anseio de toda a mulher... e todas nós temos inato o sentimento da maternidade. Se mesmo aquelas que nunca tiveram filhos são sempre um pouquinho mães. Haydée de Sepúlveda. (NOVIDADES, dez. 1942)

A aversão a um tipo feminino ganha contornos específicos, frisando a suposta superficialidade da mulher que não põe em causa a questão da maternidade como uma função divina, avalizada pela virgem Maria. O cunho moral das matérias apresentava à leitora um feminino atroz e ajudava a formular seu imaginário acerca da mulher-mãe e da mulher fútil, circundada por caprichos e desejos mundanos. Nesse sentido, o oposto, a mulher-mãe, vai sendo gestado. De linha a linha, a escrita irá configurando o dispositivo materno, lançando mão de aspectos ligados à sensibilidade, para elaborar o recente – incondicional – amor materno.

O ato de amamentar, antes “terceirizado”, estará profundamente articulado com o projeto do novo dispositivo materno e também vigorosamente atrelado ao retorno da mulher ao lar, opondo-se a uma realidade prática, pois existia um número expressivo de mulheres no

mercado de trabalho. Assim, a domesticidade<sup>129</sup> e o ato de domesticar o humor débil e insolente da mulher instala-se e:

Com isso, a garantia de que a mulher fosse condenada ao espaço privado do lar e nele desempenhasse um exercício legitimado – qual seja, sua ‘governabilidade’ (Birmam, 1999, p. 57) –, foi ampliada. Como agente importante dessa biopolítica, a mulher foi responsabilizada também pela execução desse projeto de ‘modernização social’. (MARCELLO, 2009, p. 230)

Ainda, sobre os aspectos da modernização social, a questão da diferença dos sexos pautada nas questões do corpo é fundamental para rechaçar e colocar a mulher como fada do lar. Sobre isso, Fabiana Marcello (2009, p. 230) observa:

Elementos do seu corpo como, por exemplo, pélvis alargada, moleza dos tecidos, presença dos seios (dando possibilidade ao aleitamento), fragilidade dos ossos, superabundância das fibras, entre outros, justificavam que a mulher tivesse a natural tendência de ser mãe. Historicamente, e a partir da ciência da época, o controle, o detalhamento e a minúcia de elementos do corpo feminino fizeram com que fossem promovidas condições de possibilidades concretas para instituir a maternidade como finalidade biológica e fazer com que o sujeito mãe dialogasse e interagisse com o sujeito-mãe – o que marca de forma indelével a concepção de maternidade que perdurou durante o século XIX e que persiste até hoje.

Estando no âmbito privado, a mulher-mãe era a principal responsável pelos filhos, desde os primeiros cuidados até sua educação para formar o futuro cidadão, a serviço da pátria. A força com que o nacionalismo vigorara no Salazarismo sublinha os aspectos que passam pela educação do homem a partir de uma educação correta da mulher, ciente de suas funções e também servidora da nação. A mulher, ciente de seu papel materno<sup>130</sup>, era o grande elo que uniria a nação, educando os miúdos para fortalecerem a pátria. Em “A bondade da mulher”, matéria publicada na coluna feminina do Jornal Novidades, o editorial escrito por Maria de Carvalho, enuncia:

<sup>129</sup> “Sardà (1988) encontra, na explicação aristotélica da organização da vida social, o fundamento justificador para existência dos espaços público e doméstico. Segundo a autora, a vida social organiza-se na política, em torno da Oikomomia e da politique. A oikomomia ou patrimônio doméstico aparece como o espaço em que cada varão se apropria, privadamente, de um conjunto de mulheres e bens que lhe permitem viver melhor, significando isto a plena participação na vida da polis. É o espaço em que produzem os bens que este varão usa para poder dispor de ócio e dedicar-se a *politique*”. (FIDALGO, 2000, p. 135)

<sup>130</sup> “[...] como de discurso em discurso, desde a Antiguidade, que aprisionou as mulheres no Oikos, como serviçais do homem, à Idade Média que as submeteu ao medo da religião, passando pela aliciante retórica Iluminista apologista da felicidade, da liberdade e paradoxalmente da igualdade entre os seres humanos, se esconderam formas de dominação insidiosas, que excluíram as mulheres da participação pública e às reduziram a invisibilidade. Só na família patriarcal poderiam obter algum respeito e consideração social, desde que a ordem estabelecida não sofresse qualquer perturbação. Referem-se alguns exemplos de mulheres, cuja a ação a História registrou e que por enfrentar o poder do patriarcado foram merecedoras de pesada punição.” (FIDALGO, 2000, p. 113)



Eu pertenço ao número daquelas que tem a vaidade inocente e coletiva de pensar que a mulher provém a maior parte do bem e do mal da humanidade. Considero que a mulher bonita ou feia, estúpida ou inteligente, nova ou velha, má ou boa, tem um poder imenso. A sua influência, sùtil como a poeira, penetrante como um perfume, tênue como o fumo, introduz-se em toda a parte. E, assim, indefinida, astuta ou inconsciente, bem intencionada ou mal dirigida, invade, atua, persiste. Em todas as desgraças, sociais ou particulares, acode-me à lembrança a velha frase francesa: ‘Procurem a Mulher’. Quando vejo uma pobre senhora inteligente e delicada, bonita e fina, profundamente infeliz com um marido grosseiro, ignorante em tudo e que seja atenciosa delicadeza, penso imediatamente, na mãe desse marido para lhe atribuir todas as culpas. E não lhas atribuo como sogra impertinente ou egoísta, não – as culpas a quem me refiro vêm de mais longe, do tempo em que essa mãe educou esse filho, e não soube ensinar-lhe que é em família e com a família que o homem deve ser mais delicado, mais bondoso e mais correto. Quando vejo uma rapariguinha frívola, sem orientação e sem bom-senso, ou um desses rapazinhos preguiçosos, sem consciência, sem energia e sem caráter, é ainda as mães que eu penso, com sincera melancolia. (NOVIDADES, 14 dez. 1939)

Como pode-se perceber, a mulher é fonte de todos os males e dádivas. À ela são atribuídas a faculdade de dar a vida e guiá-la para o bem da família e a perpetuação de bons valores na ordem social, imposta pelo Estado Novo, ou formar seres abjetos, desprovidos do espírito que forma e conforma as famílias, pois, dependendo de sua atitude, o bem e mal estarão sendo o norte. A deformação moral, segundo os preceitos do Estado e da Igreja, também provinha de uma educação incorreta, portanto a interlocutora, ao explicitar a função da mãe como elemento basilar na estrutura familiar, louvava o ensino através dos textos dos jornais, que eram recorrentes e escritos à exaustão<sup>131</sup> (FIDALGO, 2000, p. 113). A insaciável escrita acerca da maternidade está intimamente conectada à necessidade de dar sentido e de transformar o sentir em relação à criança e à família. É essa produção discursiva repetida em inúmeras matérias que avaliza afirmar que a maternidade também era um projeto de Estado. No que concerne à Igreja, a maternidade sinaliza que a vontade de Deus na terra está cumprindo-se, portanto entre o divino e o profano, a maternidade encontra um ponto de intersecção.

É verdade que algumas correntes católicas e algumas mulheres se autointitularam feministas cristãs, pois não dialogavam com o feminismo em voga em outros países, calcado no imaginário que as mulheres eram masculinizadas e anti-homens (PEDRO, 2012, p. 240), tampouco com as portuguesas que se alinhavam ao movimento dentro de Portugal, porém

---

<sup>131</sup> Sobre os discursos que formaram o feminino, Lurdes Fidalgo afirma: “[...] os discursos que, por terem sido repetidos de forma incessante, pelas instituições, estruturam, na vida ocidental, a desvalorização das mulheres transformando-as em seres dependentes dos homens e mães por imperativo, no interior doméstico do lar. Ao colocar a mulher sob a proteção do pai, maridos e filhos maiores, a jurisprudência apaga-as do espaço público. Mesmo que o Contrato Social tenha inaugurado uma sociedade do autogoverno, baseado na racionalidade, a mulher, porque, não racional, ligada à Natureza, precisa de proteção de quem por ela tome decisões”. (FIDALGO, 2000, p. 113)

lutavam e levantavam a bandeira das melhores condições para as mulheres, principalmente as mães que trabalhavam fora.

Todavia, esses movimentos que privilegiavam o discurso de melhoria das condições das mulheres não eram comumente publicados. A imprensa versava sobre textos que promovessem a bondade feminina em detrimento à maldade – traço também evocado e combatido, como pode-se perceber na sequência do discurso:

A vida quase sempre, dum modo ou de outro, magoa, oprime e desilude a mulher. Sem a bondade torna-a uma fera! Pode ter as garras cor de rosa, que nem por isso é menos de temer. Para dulcificar a inteligência e para amaciar a estupidez ainda a bondade é elemento indispensável. Há tantas coisas que se entendem melhor pelo coração do que pela cabeça. A inteligência sem a bondade é uma luz de brilho agressivo, que incomoda, que fere a vista. Nem todas as mulheres podem ser inteligentes e cultas, mas todas, mesmo as mais ignorantes e humildes, podem ser boas e inculcar nos seus filhos princípios fundamentais de honradez, de crença, de caridade, de virtude. Um homem de coração e de caráter será sempre incapaz de certa ordem de crimes, e o caráter e o coração do homem são formados pela mulher. (NOVIDADES, 14 dez. 1939)

As classes sociais não eram barreiras para desenvolver virtudes, é o que alude o discurso. Essa questão transversal serve também para minimizar as querelas urbanas e rurais entre ricos e pobres, sempre reforçando que a elite era um grupo muito pequeno, em um país com uma economia incipiente. Portanto, mesmo as mulheres que sofriam todo tipo de privação poderiam buscar alcançar as virtudes, próprias da esfera feminina. “A Alma da Mulher” fora descrita no editorial de 25 de outubro de 1949 e, dessa forma:

A mulher para realizar o objetivo da sua vida – ser amada – é conduzida desde a infância a aperfeiçoar sua personalidade física e moral, a adquirir as qualidades que constituem o ideal que a cativa. Quando os ideais que desejamos atingir são diferentes, perfeição significa diferenciação. Pelo fato, precisamente de que as mulheres procuram cada uma realizar o seu próprio ideal e que este ideal é diferente, é que as mulheres diferem umas das outras. Toda a gente pode ver os sacrifícios morais e materiais que uma mulher se impõe voluntariamente, para conservar-se ou tornar-se bela, para se vestir segundo o ideal que adotou e muitos a escarnecem por isso. Mas não reparam nos sacrifícios análogos, as vezes bem mais terríveis, que a mulher pratica para se aproximar do ideal de caridade, de economia, de atividade, de generosidade, que se propôs. Não, os homens não têm a mais longínqua ideia dos tesouros de paciência, de inteligência, de abnegação, levados quase a loucura, que a mulher dispense para atingir o ideal moral que tem visto. (NOVIDADES, 14 dez. 1939)

A mulher por vezes, como estampa o excerto acima, pode ser descrita como portadora de todas as dádivas, abnegações e sacrifícios, demarcando as diferenças que envolviam os femininos e que as mulheres deveriam cultivar, para assim serem reconhecidas: a verdadeira

mulher-mãe. Em 13 de dezembro de 1941, Maria de Carvalho escreve no editorial da coluna feminina:

Mães:

Tudo o que há de bom em mim, devo-a a minha mãe. Estas palavras são de Napoleão, o homem genial, que pode ser discutido, admirado ou detestado ainda, mais dum século depois da sua morte, mas cuja a figura extraordinária de homem de Estado e de general não foi excedida ou mesmo igualada até hoje. Napoleão não dava a mulher uma grande importância intelectual e não tinha simpatia, nem benevolência, por aquelas que, como M.me de Stael, pretendiam imperar nesses domínios, mas como se vê, pelas palavras que citamos, em que se refere a sua mãe, reconhecia a influência feminina, e sobretudo a salutar, a doce influência da mãe sobre seus filhos, mesmo quando estes têm uma personalidade excepcionalmente vincada e singularmente superior ao vulgar. Tudo o que há de bom em mim, devo-a a minha mãe. Há muito que meditar nestas palavras, que consagram a benéfica influência maternal, e ao mesmo tempo a responsabilidade da mulher perante os seus filhos. A mãe, a boa mãe, não tem direito de se desinteressar, de se anular relativamente a um filho, com a razão: é um rapaz. Nunca a mãe deve abdicar do seu papel de educadora primeiro e de conselheira amorável depois. Nunca deve prescindir de exercer a sua afetuosa influência, tendo em vista que pode transmitir a seu filho, com a sua dedicação consoladora, com a sua perspicácia de mulher, com a sua ternura de mãe, quanto de bom há no seu coração e no seu pensamento. O homem que saiba amar e respeitar a sua mãe e suas irmãs, respeitara todas as mulheres todas as mulheres dignas de serem respeitadas. Só a mãe consegue incutir na alma do homem, desde a infância, esse respeito pela mulher, essa bondade que o impede de cometer más valores sentimentais. É grande a responsabilidade e o dever da mãe, porque quase sempre é grande a influência que pode exercer. Há mães que deixam ao pai o exclusivo encargo de encaminhar os rapazes e reservam a sua atenção para as raparigas. Isto deve ser assim. É claro que as filhas precisam muito da vida e cuidado das mães e os rapazes da autoridade do pai – também para eles é precisa a influência da delicadeza materna para elas da experiência e do amparo paternal. Assim a mãe têm deveres que se devem exercer em boa harmonia e sempre para o bem dos filhos. As palavras de Napoleão encerram o maior elogio as mães. (NOVIDADES, 25 out. 1949)

A visibilidade da mãe é avalizada pela figura de um homem, tal qual o texto enuncia, um “grande homem”, um dos maiores da história até aquele momento, conforme o tom abordado por Maria de Carvalho; um homem que mesmo sem grande consideração pelas mulheres não deixou de declarar que a mãe fora uma das suas grandes referências. Essa dicotomia mostra a multilinearidade do discurso acerca da mulher-mãe. Esses exemplos de “grandes homens” mostram como o discurso acerca da mulher-mãe se ancora na predestinação do bem e do mal, extremante ligada à educação que a mulher terá ao longo da sua vida e que repassará aos seus filhos.

A maternidade<sup>132</sup> não é só pautada no pensamento do que é ser mãe, mas também na reflexão desse pensamento por parte das mulheres, quando são chamadas a pensar sobre a maternidade, através de uma raiz de pensamento voltada à formação de um sentimento incondicional de mãe para filho, inaugurando-se um outro olhar sobre a criança, juntamente com a negação do oposto feminino que refutava a maternidade ou recorria ao aborto, prática veementemente condenada.

O pensamento e a reprodução dele, reverberado no discurso impresso, produz um sujeito-mãe. Nesse inventário das diferenças, a imprensa trabalha fortemente com a vertente que é transversal ao tema maternidade, que é a mulher dentro do lar. O Jornal Novidades, em matéria intitulada “A fada do lar”, invoca essa mulher que tem como destino e realização a maternidade. Além de informar sobre a confecção de berços e enxovais por parte das jovens raparigas da Mocidade Portuguesa Feminina, para presentear as jovens senhoras, o enaltecimento à maternidade ocorre na conferência da Sr<sup>a</sup>. D. Joana Mendes Leal e o ponto aclamado foi quando ela chamou as raparigas da Mocidade Portuguesa Feminina a entoarem cantigas regionais de ninar. Ela:

[...] lembrava primeiro ensaio feito pela juventude feminina, os botões de hoje são as rosas de amanhã... a cantar versos de ternura que hoje podem utilizar junto dos irmãos recém-nascidos a aliviar a mãe das canseiras maternas e mais tarde junto de seus próprios filhos. Em seguida procedeu-se à abertura da exposição. Parecia que neugas do céu azul e nuvens brancas, rosadas e douradas pelos primeiros raios da madrugada tinham baixado às galerias do grandioso salão de Filipa de Lencastre, tal era a leveza, a graça e o colorido repousando sobre a imensa variedade de berços, preparados pela Juventude Feminina de Portugal. (NOVIDADES, nov. 1948)

As raparigas entoando cantigas de ninar são os rastros das reuniões das associações para mulheres, geridas pelo Estado e com forte cariz católico. Os berços, as cantigas, a ternura e a graça envoltas nesse sujeito influenciado pelo discurso, e muitas vezes forjado por ele, revelam-se como pano de fundo de um projeto político de naturalização da domesticidade<sup>133</sup>. Não se pode afirmar sobre sentimentos, mas pode-se perceber que o sentimento materno foi

<sup>132</sup> “[...] Salientam-se as linhas gerais que a partir da Revolução Francesa foram codificando os estatutos da criança e da mãe, ganhando o papel da mulher relevância apenas se boa cuidadora se mostrasse. O conceito de “natureza feminina” é devedor dessa codificação cujos efeitos condicionaram durante séculos o potencial intelectual das mulheres ficando reduzidas a um único papel possível de maternidade”. (FIDALGO, 2000, p. 114)

<sup>133</sup> “No começo, a mãe da espécie humana, não só temida e reverenciada pela misteriosa capacidade de engendrar crianças, mas também pelo seu saber, o da experiente coletora de alimentos que sabiamente definia os padrões de partilha dos mesmos. A mulher-pagã, representada com formas protuberantes, ou de ventre liso, geradora ou guerreira é sempre poder. Poder que virá a perder quando se instituir o patriarcado”. (FIDALGO, 2000, p. 114) Lurdes Fidalgo advogará que esse poder, aos poucos, irá desmantelando-se pela ideia de domesticidade, no qual o poder passará a operar de outras formas.

sistematicamente esquadrihado, contado e planejado, nas muitas linhas escritas sobre ele, com inspiração ao culto mariano.

O destaque para a maternidade atrelada à mulher dentro do lar e não fora dele são discursos que pairam no enquadramento das reportagens e no modo como elas se distribuem nos jornais católicos. A mãe dentro do lar, com o pai a trabalhar e a prover essa família, eram o mote das muitas matérias acerca da família perfeita.

Um homem que se casa, assumindo todas as responsabilidades da família que vai constituir, aceitando esses encargos é claro que tem direito a considerar-se e a ser, de facto, o chefe da família. A sua autoridade, no lar e na família, não é a única, mas é a primeira. É claro que no governo interno da casa a autoridade da mulher prevalece e, quase sem exceção, o marido concorda com isso, desde o momento que veja que a casa é bem governada e a autoridade da dona da casa bem exercida. É justo que nesse governo a mulher tenha em conta os gostos do marido, e as suas conveniências nas horas das refeições, nos alimentos escolhidos, enfim nas pequenas coisas que constituem a vida todos os dias. É justo e necessário, até, que o marido dê, de certo modo, conta, à mulher, dos seus negócios, dos seus proventos, dos seus rendimentos, mesmo quando os bens do casal não sejam dela, para que sabendo qual a situação econômica em que se encontram, não se imagine erradamente rica, saiba quanto pode ou deve gastar, e se é razoável fazer economias, quando o rendimento não corresponda a um capital equivalente, pois neste caso, se a falta do chefe da família, e com ele os seus ganhos,, pode ser a queda brusca na pobreza. (NOVIDADES, dez. 1948)

O homem, se cumprisse todas as suas obrigações na provisão do lar, poderia sim, sentir-se o chefe, a quem a mulher era subordinada em amor e zelo. A gestão doméstica passava pela sensata administração dos recursos, para que não fossem as mulheres demasiadas dispendiosas, evitando desse modo, a necessidade do trabalho fora do lar, para manter caprichos modernos. Com isso, informa o texto do jornal:

Enfim, o marido e mulher devem entender-se lealmente, sem quebra de autoridade, nem de respeito, e estarem de acordo, sem rebeldias femininas, nem desabrimento masculino, de modo a realizarem o lar em que viva um casal unido que possa educar e encaminhar os filhos nos seus primeiros passos num mundo já de si cheio de escolhos e perigos. (NOVIDADES, dez. 1948)

“Sem rebeldias femininas”, a mulher que deveria ser educada para evitar desperdícios seria domada e frequentemente chamada a pensar sobre sua conduta, principalmente as que apresentassem comportamentos inadequados, invocando a teimosia feminina. Fundada na ideologia da sociedade liberal, a mulher serviria como um dos pilares da ordem e da organização, dentro do âmbito doméstico. Por isso, a mulher-mãe repousara na figura tecida e

alardeada nos jornais: a mulher do lar<sup>134</sup>. A imagem da mãe só encontraria terreno fértil pela disseminação da ideia da domesticidade e da exclusão dos espaços públicos<sup>135</sup>. O Estado Novo experimentou com vivacidade essa ideia, colocando a mulher em evidência pelo seu papel no principal organismo social: a família. Por isso:

O modelo da domesticidade, ao apresentar-se como algo que podia ser almejado semelhantemente por todas as famílias, tornou-se um elemento hegemônico universal à hierarquia social. Este instrumento regulador, actuando ao nível simbólico e das práticas sociais, funcionou como salvaguarda da estabilidade do edifício social. O ideal de feminilidade que dele decorre, porém, foi estrategicamente adaptado em função da classe social, dado que o modelo afigurava-se tanto mais convincente e desejável para a generalidade da população, quanto mais tangível se mostrasse para os diversos setores sociais. (PINTO, 2008, p. 130)

Sobre o trabalho feminino no espaço público, o *Jornal Novidades* publica em 1º de janeiro de 1934:

O trabalho das mulheres:

Há agora tanta empregada! Telefonistas, datilógrafas, caixeiras, guarda-livros. Por essas ruas, à hora em que acabam as oito sacramentais é um perpassar constante de raparigas esbeltas, pisando bem, graciosas, mas em cujos olhos grandes, negros ou acastanhados, olhos portugueses, se nota uma expressão de cansaço e de tristeza que faz cismar quem olha para elas com atenção. Vestidas com certa elegância, bem calçadas, em geral satisfeitas do seu ganho, elas lá vão todas as manhãs, elas ali voltam todas as tardes, com o mesmo ar nostálgico e deprimido. É que todos esses empregos não deviam ser para elas. Caminhadas a pé, alimentação deficiente, dispêndio excessivo de energia, tudo isso as esgota e as gasta sem que elas o queiram reconhecer. Porque não há a mulher de confessar que é mais fraca que o homem? Entretanto, as indústrias femininas desapareceram. Não há rendeiras. [...] não há quase bordadoras. (NOVIDADES, 1 jan. 1934)

Os trabalhos manuais executados pelas mulheres, no espaço doméstico, foram alçados ao *status* de indústria no apelo textual, mostrando os prejuízos à vida da mulher as lides, fora

<sup>134</sup> Em *Novas Cartas Portuguesas*, as autoras Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, darão voz as resistências, dentro dos claustros, refutando o papel da mulher-mãe. Como é o caso da “Carta de Mariana de Alcoforado a sua mãe”: “[...] Sabei senhora mãe, nada do que é vosso me importa, nem pensamentos, nem costumes. Costumes que apesar de tudo e todavia continuo a aceitar, de lei e cobardia, aceitando este estado onde de acordo com meu pai me pusestes por homem não ter nascido e entrave fazer a meu irmão e minha irmã, de dote, podendo ela assim arranjar marido que a receba apesar de feia, não vos custando eu mais que parto e raivas acesas ao me saberdes por amada e possuída de corpo contra vossas ordens, mando vontades, apesar mesmo das vossas ameaças [...] Bem me podeis executar, quem me defende? A lei? A que dá aos pais todos o direito de mordança, aos machos primazia e à mulher somente o infinitamente mais nada, com dádivas de tudo? [...] este convento será meu túmulo, guardião feroz em morte como jamais o foi em meses de fala e agasalho”. (*apud* FIDALGO, 2000, p. 127)

<sup>135</sup> “É Eurípidés (480-404 a.C.), crítico da situação da mulher na sociedade, que interpreta as suas vozes, seres sem prerrogativas, vendidas e repudiadas ao dar voz ao clamor combativo e inconformado de Medeia: “De tudo que tem vida e pensamento, somos nós mulheres as criaturas mais miseráveis. Em primeiro lugar necessitamos, gastando mais dinheiro do que ele merece, comprar um marido e conceder um dono ao nosso corpo – mal ainda mais forte que o outro”. (FIDALGO, 2000, p. 118)

do âmbito privado, o que não se estendia às viúvas e às solteiras; mesmo que não tivesse uma aprovação pública do trabalho fora do lar, essas duas categorias eram toleradas, pelo caráter excepcional de sua situação social, sem esquecer das celibatárias, figura dicotômica, ora vista como uma extensão da função materna, ora colocando em desordem a norma. Dentre os muitos femininos que conviviam nessa sociedade, era patente que o mais valorizado era a figura da dona de casa. (PINTO, 2008, p. 131).

O trabalho feminino no âmbito público concorre com uma das principais funções sociais da mulher estabelecidas pelo Estado Novo: a maternidade<sup>136</sup>. Fora de casa, as mulheres poderiam colocar a perder os pilares sociais, baseados na boa educação dos filhos, função iminentemente materna, e destruir os laços sagrados do matrimônio:

Enquanto as condições econômicas se não transformarem, não deve proibir-se a mulher o trabalho fora do lar. Esta objeção implica, a nosso ver, vários supostos inexatos. Ninguém proíbe a mulher de casar, mas de acumular a função de esposa e de mãe com outras funções natural e socialmente incompatíveis com a função familiar. É em defesa desta que se proíbe a acumulação das que se julgam com ela incompatíveis. E é manifestadamente incompatível o trabalho diário fora do lar, ou da economia doméstica, seja na fábrica ou no emprego público, com a constituição normal duma família física e espiritualmente fecunda. Todos os fisiologistas, sociólogos e moralistas, que defendem o conceito tradicional da família se encontram de acordo quanto as consequências social e moralmente nefastas da mulher fora do lar. Aditem esse trabalho os que negam a família, ou os que, aberta ou implicitamente, aceitam da família um conceito diminuído. O trabalho fora do lar não representa um simples inconveniente, mas uma verdadeira incompatibilidade que, teórica e praticamente, impede a subsistência integral da função familiar. (NOVIDADES, dez. 1946)

A ênfase conferida à incongruência da mulher fora de casa é amenizada pela contribuição que ela dava na economia familiar, porém o que se nota é a tentativa do discurso assegurar um melhor ganho para os homens<sup>137</sup>, em detrimento do sucesso da instituição familiar. A salvaguarda e a felicidade do lar estavam sintonizadas com a mulher ocupando o posto principal da esfera privada, responsável pela educação, formação e cuidados dos miúdos e gerenciando a economia doméstica, de modo a não proliferar a pobreza. É importante perceber que na dinâmica das relações existira outro ponto nevrálgico: as tensões causadas pelo consumo. O mundo capitalista ensinara outras necessidades, antes não conhecidas e não

<sup>136</sup> “A igualdade apregoada pelos séculos das Luzes não atingia as mulheres, que, nesta época, ainda não estavam prontas para a participação; ainda não tinham acesso a educação e as suas numerosas maternidades colocavam-nas numa situação que impediam-nas de ser activas. A revolução foi um período de incerteza e violência em que no acto de serem feitas as leis e tomar o poder só os homens estiveram presentes.” (FIDALGO, 2000, p. 131)

<sup>137</sup> “[...] fica patente a força do patriarcado, no confinar da vida doméstica e, ao merecimento do respeito social, só as mulheres legalmente casadas, férteis, piedosas e castas. A ‘*materfamilias*’ dirigirá com mão firme os assuntos domésticos, sem qualquer ajuda do marido.” (FIDALGO, 2000, p. 132)

vitais e, à medida que o consumo avança, outras ambições irão concorrer com o sucesso da família. Homens e mulheres, ao almejamem o que o dinheiro poderia comprar, trabalhavam mais e percebe-se a repreensão sobre esse estilo de vida nos discursos que têm como eixo a família, a mulher e a maternidade:

No abastecimento insensivelmente causado pela atmosfera materialista em muitos espíritos não chega a admitir-se em teoria, que o fim do homem seja o bem estar econômico, ou o gozo físico, mas praticamente, esses erros dominam muitos dos juízos correntes e das atitudes sociais. Assim, como os supostos direitos do coração conduziram no século passado à justificação das leis do divórcio, assim hoje situações econômicas difíceis levam a aceitar o conceito de família diminuída pelo trabalho da mulher fora do lar. Num e noutro caso, se parte de casos concretos, de situações difíceis, cuja responsabilidade muitas vezes pertence àqueles que as criaram, para aceitar conceitos que ferem a unidade, a estabilidade e a fecundidade da família. É maior do que a muitos se pode afigurar a semelhança entre a desagregação causada pelo divórcio e que provém do trabalho da mulher fora do lar. A triste experiência demonstra, que em muitos casos, a desunião de facto, motivada pelo abandono do lar pela mulher, conduz ao divórcio; outras, leva à esterilidade física; e não pode deixar de trazer consigo a diminuição ou esterilidade da função espiritual da família, enquanto célula formadora das novas gerações. (NOVIDADES, dez. 1946)

A desagregação familiar promovida pelo trabalho da mulher fora do lar cria outros contornos. A luta para a permanência da mulher dentro dos limites da casa alcança guarida nos discursos que colocavam em evidência o divórcio e a contracepção. Mulheres com poucos filhos<sup>138</sup> eram tidas como fracas, com alguma deficiência provinda da atividade fora do lar ou que praticavam algum ato pecaminoso, no caso o aborto, o qual era pouco abordado com o nome “aborto”, uma vez que a tradição discursiva do periodismo católico procurará tratá-lo quase sempre de maneira metafórica. O nome não é escrito, falado ou divulgado, parece ser uma tentativa de não propagar ou difundir a ideia, com a lógica de que o que não é falado, não é lembrado. A referência da mulher-mãe é louvada, evitando-se alardear sobre a mulher que engravida e provoca o aborto.

No entanto, há que se valorizar a função materna como as demais atividades executadas dentro da sociedade, a fim de evitar a proliferação da mulher no mercado de trabalho e as práticas proibidas de prevenção de futuras gestações. Com isso, é comparado o trabalho da mulher no espaço doméstico e da mulher que está no mercado de trabalho:

---

<sup>138</sup> “Nem sempre as mulheres cuidaram dos seus filhos e as francesas ilustram essa asserção” que, segundo Badinter (1980) foram as “primeiras mulheres a praticar a arte de viver sem filhos”. As motivações foram de vária ordem. Uma vez por necessidade (emergentes indústrias manufaturadas), outras por motivos sociais, para acompanharem os maridos no brilho dos salões, espaços de projeção da vida pública. (FIDALGO, 2000, p. 137)



Enquanto se entender que bem merece a datilógrafa que copia papéis numa repartição e não é digna de auxílio a mãe que dentro do lar gera, alimenta, forma e educa 6 ou 7 cidadãos, não podemos dizer que reconhecemos a função e o valor da família. Os que supõem compatível a fecundidade física com o trabalho fora do lar, admitindo para esse efeito a substituição da mãe pela ama seca do lactário ou da creche, esquecem a outra fecundidade, a espiritual, tão essencial como a física, para o integral desempenho e rendimento da função familiar.

A propagação de ideias que colocam em evidência as transformações físicas no corpo feminino articula novos olhares para a feminilidade. A mulher-mãe, ao ausentar-se de casa, está propícia à alimentação deficiente e doenças que podem roubar-lhe do seu ofício natural que é ser mãe. A campanha de valorização apela para o trabalho árduo dentro da esfera privada de uma mãe com seis ou sete filhos, que não tem apoio financeiro, pois não é tão valorizada monetariamente como a datilógrafa, não esquecendo do plano espiritual, que na falta da mãe ficaria prejudicado. Esse discurso da maternidade ameaçado pelo trabalho feminino também é avalizado pelo discurso médico, pois eram muitos os tratados que propalavam a saúde do filho vinculada às boas condições alimentares da mãe, mostrando, dessa forma, que o novo saber sobre o corpo feminino criara novas ações. Como afirma Ana Paula Vosne Martins (2005, p. 652):

A valorização da mulher como mãe foi uma estratégia bem sucedida que contribuiu para a entrada e aceitação do médico na vida familiar, tornando-o uma espécie de conselheiro tão respeitável como o padre, o pastor ou os próprios membros mais velhos da família. Ao tornar-se um aliado da mulher nos assuntos relativos aos filhos, o médico teve acesso a outros assuntos específicos às mulheres como a gravidez, o parto, o puerpério e as queixas ginecológicas.

A reorganização do sentir materno encontra um território com solo fértil. A partir dos discursos médico, jurídico e religioso que fazem do corpo feminino o ponto central e nevrálgico da relação mãe e filho e que apontam o sucesso desse projeto social para as questões da mulher fora de casa e da mulher dentro de casa, a imprensa irá tecendo sua teia e corroborando o discurso da mulher-mãe.

Ao falar sobre a mãe, ao dar visibilidade e promover a maternidade, a imprensa ocupa-se de sua circunscrição, de sua limitação e delimitação, portanto criando uma rede de discursos que se entrecruzam e imiscuem na questão da mulher, da maternidade, da maternagem e da feminilidade. O privilégio discursivo é dado a mulher-mãe casada, como percebe-se:

À mulher incumbe ser, dentro do lar, a colaboradora e inspiradora do marido e dos filhos. Por eles e através deles exercerá sempre a sua verdadeira realeza e a sua

profunda e insubstituível ação social. O regaço materno e o selo carinhoso da família são indispensáveis à formação moral do futuro homem, durante os primeiros nove anos, como o recolhimento uterino durante os primeiros nove meses. A deseducação moderna provém, fundamentalmente, da incapacidade, física ou moral, das famílias, e especificamente das mães, para esta fecundidade espiritual. O trabalho fora do lar não só torna impossível, mas vai mais longe, julga-a dispensável ou facilmente substituível, aderindo assim, praticamente as doutrinas socializantes que negam o valor da família e, por isso, reduzem a função biológica. (NOVIDADES, dez. 1946)

Havia também nos discursos uma tentativa de contrafluxo: as mulheres no mercado de trabalho colocavam em causa o projeto social que o Estado Novo estabelecera, mas não só. A concorrência da mulher no mercado de trabalho também tinha impacto no preenchimento das vagas, pois, por terem menor remuneração, concorriam com os homens, que tinham salários mais altos. Esses elementos confrontam-se com o mercado capitalista que se funda e obtém êxito na manutenção de baixos salários.

Esse efeito desestabilizador da mulher concorrendo no mercado de trabalho com o homem também criava problemas, pois se havia a tentativa do retorno da mulher para a esfera privada, havia igualmente a necessidade de colocar o homem como cidadão (VARGUES, 1997, p. 220) trabalhador e provedor, evitando-se, desse modo, a vadiagem. A elite, que tinha um modelo rígido de família, com homem público e mulher domesticada<sup>139</sup>, fora uma das responsáveis pelas campanhas de moralização do espaço público, extirpando ou invisibilizando a presença feminina, pois era ela que estava estampada e retratada no periodismo.

Outro fator preponderante do discurso do retorno da mulher ao lar é a iminência da gravidez. O que era um bom negócio na questão salarial, poderia ser perigoso por conta das gestações. Mulheres, sobretudo as casadas, eram passíveis de engravidarem, constituindo-se assim, um mau negócio ao empregador. Quando as mulheres eram solteiras, a vigilância social e o fato de ficarem mal faladas ou largadas à própria sorte impediam e freavam, em alguma medida, os desejos sexuais. Outra questão sobre a mulher solteira na fábrica é o fato desta estar na rua, o que de certa maneira a colocava em outra condição, menos favorável, na maior parte das vezes. Não era regra, mas era uma proteção ao nome “mulher honesta”. Com base nessa premissa, o texto alerta:

---

<sup>139</sup> “[...] Embora o espaço doméstico tenha sido justificado como lugar próprio à reprodução biológica, a família tradicional, podemos ir mais longe e defini-lo como uma atitude orientada para o cuidado do outro, o que ultrapassa as tarefas de reprodução. Mesmo na atualidade, com o acentuar das mudanças sociais, Murilo encontrou, no seu estudo, uma noção de domesticidade praticamente inalterada, porque a domesticidade é mais uma atitude que uma tarefa. O discurso vitoriano manteve o estilo ‘épico’ da invisibilidade doméstica, construindo um estilo romântico, baseado no amor e no respeito, de maternidade que os homens não se cansam de exaltar.” (FIDALGO, 2000, p. 136)

Não desejamos concluir este sem anotar a diferença que vai do nosso modo de ver ao de certas empresas calculistas que negam o trabalho às mulheres casadas, numa aparente defesa da família que é no fundo apenas a defesa egoísta dos seus interesses industriais. Olhando a mulher somente como máquina de trabalho, afigura-se-lhes que, depois de casada, pode dar menos rendimento e, por isso, a expulsam. Por outro lado, receiam o encargo da contribuição para os lactários e creches, imposta as empresas em favor das operárias casadas. Estas práticas calculistas encontram-se na aparência, com a defesa da família, que condena o trabalho da mulher fora do lar, mas não é evidentemente a família que elas visam a defender. Julgamos oportuno desmascará-las, impondo-lhes a obrigação de contribuírem para os dotes das mulheres, que, constituindo família, assumem uma função socialmente nobre e meritória. (NOVIDADES, dez. 1946)

Outro fator passível de análise nas questões propostas pelo jornal, ao examinar a busca por tipos específicos femininos no mercado de trabalho, também tem relação com a demografia. A mortalidade infantil era causa de Estado muitas vezes tratada como flagelo e uma das razões reside nas péssimas condições de trabalho da mulher. Não à toa que nesse período há uma proliferação do que modernamente chama-se mutualismo<sup>140</sup> e que tem sua gênese nas misericórdias. Mais uma vez, tem-se nas mulheres católicas figuras importantes e decisivas para a ampliação dos cuidados com as parturientes e a produção do saber sobre a primeira infância. A não regulamentação do trabalho feminino<sup>141</sup> também era palco para todo tipo de arbitrariedade, desde a mulher que paria e no outro dia estava a enrolar fumo para as fábricas de tabaco, até o não cuidado necessário com o recém-nascido para alimentar as outras bocas que em casa esperavam. Portanto, a questão proposta pelo diário Novidades sobre a exclusão de algumas mulheres do mercado de trabalho estava igualmente articulada com a questão da maternidade e das condições precárias de energia, saúde e vitalidade que essa mulher, ao dar à luz, iria trabalhar. O mercado não perdoava os sujeitos, portadores de útero e com uma inferioridade “natural”, corroborada pela articulação de discursos e, com isso, o problema fora colocado em caixa alta, com a manchete “A mulher no lar ou fora do lar”.

#### A MULHER NO LAR OU FORA DO LAR

Nas considerações feitas pretendemos apenas focar a magnitude do problema e não desenvolvê-lo como merecia. Dissemos, no início, não desconhecer o valor das objeções, e as dificuldades práticas que se a prevalência da tese: a mulher casada não deve trabalhar fora do lar e da economia doméstica. As circunstâncias econômicas e

<sup>140</sup> “[...] Nesta linha, preconizou a fundação de mutualidades maternas que subsidiariam licenças de parto. Destinavam-se a proteger as mulheres grávidas, possibilitando-lhes os recursos para interromperem o trabalho nas primeiras semanas depois do parto. Nestas associações, as mulheres quotizavam-se e a associação garantiria o subsídio estabelecido às sócias, a partir das últimas semanas de gravidez e até o fim do primeiro mês após o parto, além do enxoval e de um prêmio pecuniário às mães que amamentassem seus filhos”. (BAPSTISTA, 2015, p. 262-263)

<sup>141</sup> PEDRO, Isabel Maria Henriques. A mocidade portuguesa feminina no Liceu Nacional Infanta D. Maria de Coimbra (1948/1974): Contributo para o estudo da educação em Portugal. Dissertação de Mestrado.

sociais, forcem a mulher a acumular a função de esposa e mãe com a de empregada ou trabalhadora fora da economia do seu lar? É a triste realidade, mas não a defendamos como *remédio*, nem consintamos que se proclame como vantagem ou necessidade social dos novos tempos. O trabalho masculinizado da mulher solteira, ou da casada fora do lar, é uma das grandes chagas sociais; é a tuberculose da família. É uma anormalidade social e moral, funesta consequência do desconhecimento da família na ordem política e econômica ao longo do último século. Contra ela reagem já hoje, mais ou menos, todos os países; entre nós, porém, apesar da boa doutrina fixada no texto constitucional, continua a prevalecer o mais fechado individualismo e a função familiar votada a quase um completo abandono. (NOVIDADES, set 1953)

Todavia, o real abandono a que as mulheres estavam sujeitas passava pelo controle rígido dos corpos, passava pelos modelos femininos que todas deveriam seguir. A falta de importância dada às condições/situações da mulher pobre trabalhadora, da criada de servir (BRASÃO, 2013), da operária e tantas outras atividades femininas, que não davam conta de seguir o modelo da mulher-mãe, fora uma dura realidade para muitas; o abandono das que, trabalhadoras e operárias, tinham seus nomes inscritos na perdição (BRASÃO, 1999). A sociedade do Estado Novo consentia, mas não perdoava a mulher, que às vezes em situação de miserabilidade, tinha que trabalhar, como também não perdoava as mulheres com mais esclarecimento que lutavam por novas condições e reivindicavam direitos iguais às mulheres. Confrontada com a realidade, Virginia Baptista (2016, p. 15) observa:

Embora as condições de trabalho variassem segundo as profissões, em algumas indústrias começou-se a temer pela segurança das mulheres e pelo assédio sexual às operárias por colegas, capatazes ou diretores. Questões estas que alarmavam os defensores do ideário da autoridade do chefe de família masculino. Estes temas passaram para a literatura que, muitas vezes, viu a fábrica como local de perdição para as mulheres, como no seguinte excerto escrito, entre nós, por Raul Brandão, no final do século XIX. ‘Eu era uma inocente. Até me dá riso! Tinha treze anos e foi ao entrar para a fábrica. O mestre foi quem me desfrutou. Agarrou-me, mas eu não sabia e pus-me a chorar. – Cala-te! Se dizes, vai para a rua’.

E elas calaram, por muito tempo, mas o que não calou foi o imaginário, quase sempre abstrato do espaço público, retratado pelos periódicos, no qual as mulheres, se nele andassem, havia grandes possibilidades de perversão e perdição. A imagem da mulher trabalhadora que o periodismo estampava também estava dialogando com essa figura da devassidão. “Associava-se, deste modo, a mulher trabalhadora à mulher tentadora, imoral e pecadora, por oposição à mulher salvadora, imaculada, virtuosa, anjo do lar, boa doméstica, ideal que se convertia numa aspiração progressivamente assumida pelas próprias mulheres”. Embora os textos não unissem claramente mulher trabalhadora e tentação, eles sinalizavam e deixavam

nas entrelinhas essa mensagem<sup>142</sup>. Por isso, as mulheres, além da luta pela dignidade no mercado de trabalho, tinham que assegurar que sua honra não fosse maculada e que não viessem a ficar mal faladas. Como nota-se, a dicotomia boa e má<sup>143</sup> é sempre uma realidade na História das Mulheres. (BAPTISTA, 2016, p. 32)

A encíclica *Rerum Novarum*<sup>144</sup>, emitida em 1891, durante o pontificado de Leão XIII, fora uma das normas que codificavam a vida no corpo social, segundo os preceitos cristãos católicos. O modelo do homem provedor inicia-se com o pai, sucedendo-se com o marido e na ausência dessas duas figuras, um tutor do sexo masculino, privilegiando o lugar da mulher como sujeito tutelado pelo homem, mas como a realidade distinta não correspondia a teoria ideal, há uma exortação aos homens no diário Novidades (jan. 1947):

Perante ele, uma onda crescente de cegueira leva os pais a ver na habilitação para o emprego público a única carta de segurança para o futuro das filhas. Nesta cegueira vai inclusa a ideia do vencimento servir de dote à futura esposa e de sustento ao seu lar. Deixou mesmo de causar arrepios a situação frequente dos maridos *domésticos* e das mulheres empregadas. E embora tudo isso seja anômalo e desagregador tanto do conceito de família, como da vitalidade social, a onda caminha engrossada por um

<sup>142</sup> Outra mensagem “científica” sobre as mulheres que Elisabeth Badinter (1985, *apud* COLLING, 2000, p. 94) afirma estar ligada à inferioridade “natural das mulheres”, fora a tese desenvolvida por Freud em 1931: “A mulher, é preciso bem confessá-lo, não possui num alto grau o sentido da justiça, o que deve estar ligado, provavelmente, à predominância da inveja no seu psiquismo”.

<sup>143</sup> Virginia Baptista estudou as mulheres no mercado de trabalho entre 1880 e 1943, alertando-nos da grande mão-de-obra feminina nas fábricas de tabaco e na indústria têxtil na área de Xabregas, na qual também foram criadas as primeiras associações de assistência e previdência para as mães. Conforme Baptista: As mulheres estavam integradas no mercado de trabalho, sendo 36,4% dos trabalhadores em 1890 e 22,8% em 1940, apesar de oscilações decenais, por os critérios de classificação permitirem ocultar ou dar visibilidade às trabalhadoras nos censos gerais da população. Em todos os sectores profissionais, a maioria das mulheres encontrava-se no grupo etário dos 20 e os 40 anos, em plena idade de fecundidade, pelo que muitas eram casadas e com filhos pequenos. Simultaneamente, desde finais do séc. XIX o receio de degenerescência das novas gerações, segundo a designação da época, transversal a muitos países levou o Estado a legislar sobre a proteção do trabalho das mulheres e dos menores. (BAPTISTA, 2016, p. 32) Com base na pesquisa exaustiva feita por Virginia Baptista, sobre trabalho feminino, pode-se situar a mulher dentro de um projeto ideológico e político e a mulher à margem desse projeto. A realidade da mulher fora do lar era algo que contrastava com o que a imprensa divulgava e muitas vezes com o que era a negação de algumas mulheres escritoras da imprensa católica e da imprensa conservadora. A necessidade de criar maternidades estava diretamente ligada a questão da mulher trabalhadora. O mutualismo desenvolvido para auxiliar as mulheres trabalhadoras era um dos braços que as mulheres católicas ocupavam. O socorro cristão às mães pobres e parturientes, dá-se no princípio da caridade, na solidariedade e nos laços da assistência ou beneficência para usar um termo anterior, mas de igual significado entre os pobres da urbanidade. Essa realidade também era comum às mulheres do campo, peixeiras, mulheres que trabalhavam na salga do bacalhau, comerciantes. Entretanto, não é possível saber se todos os dispositivos assistencialistas que existiam na urbanidade estavam acessíveis as mulheres moradoras das cidades periféricas. Todavia, presume-se que as mulheres católicas e os organismos da Igreja lá chegavam, pois havia sempre uma paróquia nas localidades mais longínquas. Afinal, a palavra de Deus e a evangelização teriam que ser acessíveis a todos.

<sup>144</sup> As novas práticas da modernidade contrapunham a principal encíclica promulgada pelo Papa Leão XIII. A publicação da encíclica *Rerum Novarum* prevê que à mulher se destine o que é de âmbito privado, com o modelo de família do homem “ganha pão” (BAPTISTA, 2016, p. 45). Nesse modelo familiar, a mulher estaria sobre a custódia do marido, cuidando inclusive da sua vida religiosa. À elas caberiam a fatia do amor incondicional, da submissão e da fé em Deus, para desse modo, serem boas esposas e mulheres de fé, sob o signo de Portugal para Deus

misto de inconsciência e de fermentação socializante. Entretanto, nessas habitações para o emprego, no comércio, na indústria, na repartição, se consomem ou endividam pequenos patrimônios familiares; se gasta o tempo necessário à mais conveniente preparação técnica e moral para vida de família; e não dará a surgir na vida portuguesa outra chaga gravíssima – a do desemprego das mulheres habilitadas para todas as funções, menos aquela para que a providência as destinou, e bem mais importante para o futuro das sociedades, quando digna e competentemente exercida, do que todas as demais a que por acréscimo ou necessidade se podem dedicar.

A representação de família, da mulher-mãe e do homem provedor, converteu-se em elemento crucial de manutenção da ordem, mas também esse fenômeno dá-se pela distinção social verificada no período. A mulher que pode estar em casa, cuidando e educando os filhos, é diametralmente oposta à mulher pobre trabalhadora<sup>145</sup>. O prestígio social também passava pelas questões privadas que respingavam no âmbito público. “Assim a circunscrição das mulheres à casa exibia a prosperidade familiar, ou seja, a possibilidade, criada pela riqueza pecuniária, da fruição de um tempo de não trabalho” (PINTO, 2008, p. 134). O simbolismo desse retrato familiar mostrava que o homem assegurava uma condição favorável à mulher, portanto conferia-lhe um poder representativo na sociedade. O homem, que contava com a renda da mulher para complementar o orçamento doméstico, era mal visto. Foi por isso que o alerta do texto do jornal referia-se a não colocar o fator econômico na frente do fator espiritual, mantendo assim os ordenamentos cristãos. A persuasão da presença da mulher em tempo integral no âmbito privado é respaldada, igualmente, pelos argumentos “científicos”, como constatado no texto a seguir:

#### O trabalho da mulher casada

Não é natural que a Companhia dos Telefones da cidade do Porto proibisse a admissão de mulheres casadas ao quadro das suas funcionárias com fundamentos de outra ordem que não fossem os da defesa dos seus interesses materiais. Pode ser, porém, que haja procurado justificar a sua atitude com argumentos pretensamente científicos, extraídos do que a fisiologia, a sociologia e a moral prescrevem em relação à geração e educação da criança. Vamos por isso, analisa-los. Na mulher casada, o que mais interessa tanto a ciência como a moda é a mãe, pela influência que ela exerce sobre o filho – prolongamento natural e necessário da espécie humana. [...] A principal das obrigações da mãe, aconselha Paulo Combes no seu conhecido – O livro da Mãe – é assegurar, dentro dum físico e moral apropriado, o nascimento dum filho sadio, vigoroso, bem constituído. Por isso se impõe às mães a necessidade de normalizarem a sua vida, tornando-a calma sem indolência, ativa sem desequilíbrio e, acima de tudo, livre de todos os esforços físicos e emoções

<sup>145</sup> Esse sujeito poderá estar enquadrado no conceito de dispositivo que Foucault formulou: “Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”. (FOUCAULT, 1995).

<sup>145</sup> “[...] a qual leva a pensar a sujeição como uma prática de liberdade, isto é, como uma experiência limite operada nas bordas de um dispositivo. Por fim, propõe que cartografar um dispositivo consiste em delinear a agonística da sujeição/subjetivação que atravessa um sujeito”. (WEINMANN, 2006)

morais que poderiam influir sensivelmente no desenvolvimento moral do filho. Queremos dizer que em primeiro lugar as mães devem ter uma alimentação sadia, variada, abundante, e tanto mais abundante quanto mais se destina ao bom funcionamento do organismo duma mulher e ainda do desenvolvimento do organismo do filho. Pode a mulher continuar a entregar-se às habituais ocupações que tinha no seu lar, interrompendo-as por meio de suficientes intervalos de descanso ao experimentar o menor cansaço. Mas deve evitar cuidadosamente os trabalhos penosos e os esforços violentos, encerrar o sobrado, carregar com objetos pesados, etc. Os melhores exercícios para ela são longos passeios ao ar livre, com os necessários descansos impostos pela fadiga. São-lhes úteis a diversão no campo, desde que evites correr e saltar. Ora, como a mulher casada, com obrigações de trabalho fora do lar, não poderá garantir-se todas as condições exigidas pela fisiologia, pela sociologia e pela moral para a geração de filhos robustos, condições que atrás ficam pormenorizadamente expostas, proíbe-se a acumulação das funções da maternidade com as outras que lhe são estranhas e hostis, e tudo para maior dignificação da esposa e da mãe, dizer-se. (NOVIDADES, jan. 1947)

A mudança de paradigma da mulher para a mulher-mãe repousa em uma vertente argumentativa eficaz, cria-se o sentimento, baseado na ocitocina e na prolactina<sup>146</sup>, hormônios que atrelam o prazer à feminilidade do leite escorrendo e trazendo realização imediata. Na busca dessa realização maternal, uma gama de conceitos e saberes foi propalada em textos<sup>147</sup>. O que comer para gerar filhos robustos e a permanência dentro dos limites da casa para a efetiva geração de filhos saudáveis encontram força discursiva para a propagação de novas atitudes e sentimentos maternos. A indiferença à maternidade já não era permitida e não passava incólume. A metáfora do leite<sup>148</sup>, como fator sagrado e inerente a mulher, posiciona e amplifica os ecos da maternidade engendrada e modificada. Era por isso, e calcada nessa função celestial, que aparecia com frequência na imprensa esse tema:

#### O regresso da mulher ao lar

Há – não se pode negá-lo – a tendência para a deslocação da mulher do lugar que lhe foi designado pela providência e para o qual se dirigem as mais fortes manifestações da sua natureza – o lar. Essa tendência encontra-se não só entre a classe média e operária, onde a mulher, lendo nas tragédias de algumas vidas femininas do seu conhecimento a necessidade de se assegurar pelo trabalho remunerado o bastante

<sup>146</sup> “O amor materno é apenas um sentimento humano. E, como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não”. (BADINTER, 1985, p. 22)

<sup>147</sup> Três discursos compuseram o retorno da doçura do amor materno e fora providencial entre homens e mulheres: o econômico, o filosófico e por fim, um discurso que era exclusivo para as mulheres. “A mulher não é mais identificada à serpente do Gênesis, ou uma criatura astuta e diabólica que é preciso colocar na linha. Ela se transforma numa criatura doce e sensata, de quem se espera comedimento e indulgência. Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassam os limites do lar.” (BADINTER, 1985, p. 175)

<sup>148</sup> “É no último terço do século XVIII que se opera uma espécie de revolução das mentalidades. A imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente, ainda, que na prática, os comportamentos tardassem a se alterar. Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar dos filhos e lhes “ordenam” amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho.” (BADINTER, 1985, p. 145)

para poder encarar com serenidade o futuro, procura na profissão o arrimo que doutra forma supõe não encontrar. É também muito frequente nas classes elevadas, mercê da viciosa concepção da verdadeira função da mulher. Se se auscultarem as aspirações das raparigas destas classes, verifica-se que a felicidade por elas procurada não está dentro do seu lar, imolando-se pelo marido e pelos filhos, mas na ruidosa agitação mundana, por entre deslumbramentos de sedas, fascinações e joias. Não pode dizer-se, por isso, com inteira verdade que a mulher foge do lar só pela incerteza de o poder vir um dia a constituir, ou de, constituindo-o, o rendimento do trabalho do marido bastar as despesas familiares. Há também a que, tendo meios económicos suficientes para a digna sustentação da família, cultiva o pensamento da vida livre, sem preocupações familiares, ou quando muito, limitadas apenas às do marido e de um ou dois filhos, o máximo pela mutilação consciente da finalidade do matrimónio. (NOVIDADES, nov. 1940)

Diferente das demais matérias, essa colocou a oposição da mulher-mãe como centro do discurso, mostrando que mesmo que o homem pudesse ser o arrimo da família, algumas mulheres faziam da rua seu palco, deixando sua função principal e desfazendo a ordem natural da humanidade. O pensamento hegemônico que grassa nos textos que desenvolveram a temática da maternidade atrelada ao sítio doméstico provém da instalação de um discurso de Estado aliado a um discurso religioso<sup>149</sup>. A fala de António Oliveira Salazar corrobora essa tese: “Deixemos, portanto, o homem a lutar com a vida no exterior, na rua... E a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa [...] Não sei, afinal, qual dos dois terá o papel mais belo, mais alto e útil”. (PIMENTEL, 1999, p 63)

Convém observar que a disseminação de posturas tidas como impróprias servia para definir e restringir o espaço das mulheres na urbe. O chefe falara, o chefe legitimava a função de senhora do lar, de rapariga formada para os encantos da vida doméstica. Desse modo, o estatuto feminino também era condicionado ao casamento e maternidade. Uma mulher sozinha, sem filhos e sem marido traduzia-se em um escárnio, só perdoado em caso vocacional. Submetida à autoridade masculina poderia existir como a senhora “fulana de tal”, com o sobrenome do marido sobreposto ao seu, mostrando a marca da propriedade.

As características do sujeito mulher-mãe estariam ligadas veementemente a esse estatuto, que legitima as práticas desiguais e que encontra receptividade nos discursos impressos do periodismo católico. Se por um lado, as mulheres que propagaram a maternidade através de um discurso colonizado, estiveram à frente de algumas medidas

---

<sup>149</sup> “É um discurso totalmente diferente que o Estado dirigirá às mulheres, por intermédio dos seus agentes mais próximos delas. Como é das mulheres que depende todo o êxito da operação, elas se tornam, pela primeira vez, as interlocutoras privilegiadas dos homens. São, portanto, elevadas ao nível de ‘responsáveis pela nação’, porque de um lado, a sociedade precisa delas, e lhes diz isso e, de outro, quer reconduzi-las às suas responsabilidades maternas. Tornam-se, ao mesmo tempo, objeto de súplica e de uma acusação”. (BADINTER, 1985, p. 129)



simbólicas no que se refere à defesa e à melhoria de condições para exercer a maternidade<sup>150</sup>, de outro lado, estavam igualmente submetidas à rígida, e não menos penosa, tarefa de realização e satisfação com o restrito mundo privado.

Com matérias semelhantes e com o mesmo tom na abordagem do que fora chamado “o problema da mulher fora do lar”, “o problema da esterilidade voluntária” e “a mulher mãe”, os jornais católicos e o mais importante deles, o *Jornal Novidades*, que circulava entre a classe dirigente do país, mantiveram a pauta e a agenda no que concerne ao feminino, não escapando à campanha de moralização da sociedade, colocando a mulher no lugar que deveria ocupar, desde que a providência divina a designou e a sentenciou: “parirás com dor”.

A metáfora que encerra o ato de parir é fulcral para analisar a política instalada em relação às mulheres; elas ficaram responsáveis pela manutenção do matrimônio e por assegurar à família filhos saudáveis, o que contrasta drasticamente com as situações de pauperismo e precariedade nas instalações sanitárias que viviam. Ao depositar sobre a mulher essa incumbência, de certo modo, o governo lavava as mãos para a realidade ao seu redor, responsabilizando o trabalho fora e a falta de cuidados com as crianças pela grande mortalidade infantil que assolou Portugal na primeira metade do Século XX.

Essa situação, porém, só viria a transformar-se depois dos primeiros indícios do Estado providência e da formação de núcleos que zelavam e informavam as mulheres sobre os primeiros cuidados com o parto e pós-parto. Esses grupos que levaram à frente os debates sobre os cuidados com a maternidade e com a primeira infância eram formados por uma pequena elite esclarecida. Nessa perspectiva, as feministas tiveram grande participação e algumas vitórias, frente à calamidade em que estavam inscritas as mulheres portuguesas. De evocar que há também uma rede de solidariedade formada por vizinhos, por parentes e pela própria Igreja, ensejando uma sociedade providência.

Como nota-se, mesmo que os jornais tenham feito uma ampla campanha pela adesão das mulheres à maternidade e ao espaço doméstico, essa possibilidade confrontava-se com estruturas que beiravam a miserabilidade e os poucos recursos para a disseminação daquilo que seria o ideal para a mulher vivenciar a maternidade. Mesmo que a formação de saberes estivesse sendo gestada e publicada, esbarrava nas finanças do Estado e nas condições financeiras dos sujeitos. Portanto, aliar discurso e prática foram tentativas que encontravam

---

<sup>150</sup> “Todos os austeros conselheiros repetiram, exaustivamente, que a natureza não deu seios à mulher para que ela obtenha glória da sua beleza, ou para que façam o prazer de um marido sensual. A mulher não deve se envaidecer ou extrair prazer de seus órgãos, pois sua função principal é nutrícia. A natureza criou-a fêmea antes de mais nada, permitindo-lhe alimentar o filho com o próprio leite. Ai daquelas que o esquecessem”. (BADINTER, 1985, p. 182)

muitos obstáculos para serem levadas a cabo, principalmente no que concerne a situações ideais de maternidade e maternagem<sup>151</sup>.

#### 4.4 A MISSÃO DA MULHER: ZELAR PELO MATRIMÔNIO

Ele ficou apaixonado pela própria mulher – História Vivida

Depois de dez anos de vida conjugal, Luciano D tornou-se de repente, loucamente apaixonado pela mulher. Quando casaram Mme D era uma loura alegre e cativante, com a tez mais clara e mais fresca que ele até então tinha visto. Alguns anos de trabalhos domésticos e a criação dos filhos, diminuíram-lhe a beleza. A pele envelheceu e enrugou-se. Sabia que ia perdendo o seu marido pouco a pouco, e, desesperada, confiou a sua aflição a mãe que lhe aconselhou o experimentar durante um mês o creme Tokalon, Alimento para a pele, cor de rosa. Fê-lo e ficou encantada por ver, que a pele, nas manhãs sucessivas, se tornava mais clara, mais fresca e mais juvenil. Em seis semanas todas as rugas estavam completamente desvanecidas e o seu aspecto era tão jovem e atraente como no dia do casamento. É o exemplo típico da experiência feita por milhares de mulheres. O creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cor de Rosa, contém o verdadeiro Biocel, elemento natural de toda a epiderme de que ela mantém a juventude. (NOVIDADES, 13 abr. 1936)

O exemplo da publicidade que a epígrafe estampa está posto com o objetivo de trazer à luz as inquietações e preocupações que moldavam a subjetividade feminina e que eram agenda no periodismo católico, promovendo enunciados intimistas que aproximavam a leitora da revista ou coluna (XAVIER FILHA, 2010). Ter sucesso no casamento e agradar o marido não eram tarefas fáceis, e as exigências eram muitas, portanto as revistas cá estavam para ajudarem as raparigas e as jovens senhoras. E a agenda para esse tema era vasta, com os mais diversos enunciados cercando o matrimônio.

A articulação entre a mulher e o casamento tem o objetivo de figurar como análise dos espaços femininos de negociação e de exclusão. Uma mulher que não casasse figurava como um ser dúbio, todavia aceito, porém pairava sobre si a sombra da incompletude, difícil de explicar no período, exceto pela vocação religiosa, que era tida como dádiva. Em uma sociedade na qual a moeda de troca para aceitação eram as virtudes de mãe e esposa, estar em oposição a esses ideais representava um cenário de marginalidade. Exagero? Não parece, quando se fala de uma sociedade com um ideal calcado na família e no casamento com fins de povoar o mundo. Logo, para a mulher caberia enquadrar-se.

---

<sup>151</sup> O uso das faixas que encobriam o corpo da criança, aprisionando-a, fora uma realidade até o Séc. XVIII. No entanto, a mudança comportamental dos processos de maternidade e maternagem ocorrem com o frequente discurso da amamentação e posteriormente com cuidado com o filho, liberando-o do flagelo das faixas. Entretanto, entre os pobres isso ocorreu mais lentamente. “Ela aceita, cada vez mais, restringir a própria liberdade em favor da maior liberdade do filho. É assim, que progressivamente, ela abandona a moda tradicional da faixa que, aprisionando o bebê, lhe permitia dedicar-se mais comodamente a seus afazeres”. (BADINTER, 1985, p. 204)

Ancorados em uma educação para a família<sup>152</sup> e na preparação para o casamento, os jornais<sup>153</sup> não poupavam matérias que serviriam como estimuladores e motivadores da vida em comum. Para isso, fazia-se necessário conhecer a ciência do lar. Os meandros da vida doméstica foram explicitados em várias matérias, entre eles, cuidar do matrimônio, e foram selecionadas as que mais veementemente alertaram as mulheres para transformarem-se em “a dona de casa ideal”. Foi com essa perspectiva que em três de outubro de 1949, o Jornal Novidades publicara a matéria intitulada “As condições que deve reunir a esposa perfeita”:

[...] Hoje escreverei sobre as condições que fazem de uma mulher a esposa ideal. Se queremos aprofundar o tema, creio que necessitamos de um caudal maior de virtudes e de inteligência para que uma mulher chegue a ser uma boa esposa, do que para que um homem seja um marido perfeito. A tarefa de mulher é mais difícil e exige mais da sua parte para que seja satisfatória. Sucede o mesmo que com a sua beleza. Muito se tem falado da mulher e das suas condições de esposa. Até Frei Luis de Leon escreveu um manual acerca de ‘A perfeita casada’. (NOVIDADES, 3 out. 1949)

Deslocando a atenção da “perfeita casada” para as outras categorias levantadas e analisadas nessa investigação, não são percebidas menos exigências de uma para outra, apenas diferentes maneiras de articular e educar as mulheres, conforme sua faixa etária. Isso pode ser constatado pelo texto da Maria de Carvalho sobre as mulheres casadas:

Pondo de lado os rodeios sou de opinião que a mulher que queira fazer feliz o seu marido, deve ser de agradável disposição – quer dizer, que viver na sua companhia não se torne motivo de preocupação e de dissabores para o marido, ou porque seja zelosa sem fundamento, ou por ser irascível. Sobre todas as coisas é esta disposição que o marido deseja encontrar na sua companheira. A esposa deve ter o sentido do bom humor, para fazer frente com um sorriso aos altos e baixos da vida matrimonial. Todo o marido tem as suas impertinências, como toda criança se torna as vezes insuportável. Há sempre uma ou outra época na vida de família em que surgem enfermidades, ou tempos difíceis. Mas a esposa ideal faz boa cara a esses males e em vez de se entregar a nervos ou lástimas. A esposa ideal não espera que o marido seja um cúmulo de perfeição. Conhece as suas virtudes e os seus defeitos, mas não

<sup>152</sup> Regular, determinar e penalizar eram funções das pessoas de bem, comumente vistas nos jornais. Esses indivíduos de bem estavam a serviço da pátria e da Igreja, porquanto era legítimo a toda instituição em que a mulher estivesse inserida, o ensinamento e a cobrança da moral irrepreensível lá figuravam. Foi nesse contexto que as associações da Ação Católica foram criadas, privilegiando todos os setores da sociedade, especialmente as mulheres.

<sup>153</sup> “Passando a ideia de intimidade, as revistas analisadas, no Brasil e em Portugal, revestem-se de poder para dizer algo que está ligado à conduta das leitoras. Buitoni alerta para a sutileza dessa estratégia, que dificulta um distanciamento e, com isso, a revista pode dizer a leitora como ela deve viver a sua sexualidade, sua vida e como construir identidades. [...] No entanto, continua Buitoni, os discursos veiculados nas revistas quase sempre apresentam enunciados com o tom de verdade sobre o que está sendo analisado, sobretudo utilizando premissas e argumentos como: ‘as coisas sempre foram assim’, ou mesmo, ‘as coisas são assim porque a ciência o sugere’ [...] A proximidade entre leitora e imprensa feminina também diz respeito a ligação direta entre quem escreve e quem lê a mensagem expressa, pressupondo uma interação ativa”. (XAVIER FILHA, 2010, p. 37)

lhes lança a cara. Faz do seu amor um véu que oculta os defeitos alheios. (NOVIDADES, 3 out. 1949)

A centúria dos séculos incorporou ideologicamente esse olhar da mulher em relação ao homem. A domesticidade e a docilidade<sup>154</sup>, envoltas nas características expostas por Maria de Carvalho, corroboram esse mecanismo de elaboração e complacência com o outro. O homem, preservado e acarinhado, resguardado no seu arquétipo imemorial da chefia da casa (SISSA, 1993, p. 86), ainda que comparado à criança insuportável, lhes são ocultos os defeitos, a verdadeira esposa ou a esposa ideal “faz boa cara a tudo”, e por isso, que prossegue Maria de Carvalho:

A sua casa deve estar sempre limpa e ser um refúgio de paz e de tranquilidade. Tal como em qualquer outra missão, a mulher deve aspirar a ter bom êxito no seu papel de esposa e de dona de casa. Deve ser firme e cuidadosa com os filhos, sem contínuas impertinências e ralhos. A esposa ideal é o eixo espiritual e material da família. É a amiga, a conselheira, a guia de todos no seu lar. (NOVIDADES, 3 out. 1949)

Essa associação da mulher à esfera doméstica foi validada e ratificada no Século XIX, “com base numa alegada existência histórica, que remetia *‘la feme imaginaire des hommes’*, de oitocentos para um passado longínquo. Esse passado, diluído na intemporalidade, ajustava-se de forma modelar ao argumento da perenidade da natureza feminina” (PINTO, 2008, p. 127).

“A guia de todos no seu lar” era desenhada e recebera contornos de docilidade<sup>155</sup> como constitutiva da identidade feminina. Não faltavam pesquisas e estudos que corroborassem essa

<sup>154</sup> “Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas; Vivem para seus maridos, orgulho de raça de Atenas; [...] Quando fustigadas não choram; Se ajoelham, pedem, imploram; Mais duras penas; [...] Geram pros seus maridos; Os novos filhos de Atenas; Elas não têm gosto ou vontade; Nem defeito, nem qualidade; Têm medo apenas; [...] Não fazem cenas; Vestem-se de negro, se encolhem; Às suas novenas, Serenas; Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas”. (BUARQUE, 1976)

<sup>155</sup> “O tamanho do cérebro, a diferença entre homens e mulheres, conceito utilizado durante muito tempo para caracterizar a mulher como um ser inferior intelectualmente, e demonstrar a maior inteligência dos homens, já aparece nos textos de Aristóteles sobre As partes dos Animais: ‘Entre os animais, é o homem que tem o cérebro maior, proporcionalmente ao seu tamanho, e, nos homens, os machos têm cérebro mais volumoso que as fêmeas. [...] São os machos que têm o maior número de suturas na cabeça, e o homem tem mais do que a mulher, sempre pela mesma razão, para que esta zona respire facilmente, sobretudo o cérebro que é o maior’. Comparando a mulher com uma criança, doente por natureza, envelhecendo mais rapidamente porque ‘tudo o que é pequeno chega mais rapidamente ao seu fim, tanto nas obras de arte como nos organismos naturais’, Aristóteles não cansa de repetir que as fêmeas são mais fracas e mais frias e, por natureza, apresentam uma deformidade natural. Os seios, que são maiores nas mulheres que nos homens não escapam ao olhar observador do filósofo, que, comparando-os com os músculos peitorais do tórax masculino, ‘carne compacta’, considera-se como intumescências esponjosas, capazes de se encherem de leite, mas moles e rapidamente flácidos”. (COLLING, 2000, p. 49)

natureza calcada na reprodução excludente de uma racionalidade que merecesse cidadania<sup>156</sup>. Em 10 de outubro de 1949, na Coluna Feminina, do Jornal Novidades, publicou-se a pesquisa chamada “O Sexo Fraco”:

Um médico inglês publicou o resultado das investigações a que concedeu para saber porque são mais bonitas às mulheres do que os homens. O clínico fez observações em 1600 mulheres de todas as raças e dos mais diversos povos do mundo e concluiu por averiguar que a mulher deve a formosura ao pouco esforço físico que se obrigada a fazer. Os estudos profundos, o intenso trabalho intelectual, as preocupações dos negócios exercem uma influência real e prejudicial sobre a natureza. Para provar a sua tese, o médico cita um exemplo típico: Na Índia, existe uma tribo, a dos Zaro, na qual estão trocados os papéis da sociedade europeia. Ali, é a mulher quem se declara homem, quem dirige os assuntos do Estado, desempenha cargos públicos e atende as necessidades do lar, enquanto o homem pode afirmar que nada faz. O sexo forte, ali, distingue-se pela beleza e as mulheres pela fealdade característica. (NOVIDADES, 10 out. 1949)

A elite incorpora o modelo do sexo fraco, respaldada pelos discursos de Rousseau. A influência do discurso oitocentista cria um novo paradigma acerca da mulher, definindo papéis e enquadrando sujeitos. “A concepção Rousseauniana de mulher ideal, apropriada ideologicamente pela burguesia vitoriana, seria propagada pelo pensamento político europeu oitocentista e legitimada, do ponto de vista científico, pelo discurso biomédico” (PINTO, 2008, p. 128). Esse discurso encontra ressonância nas palavras do médico inglês, publicadas no jornal Novidades, e seu apelo a padrões de beleza e fealdade, relegados à inversão de papéis. A mulher, determinada pelo seu destino biológico, estará marcada também pelo discurso positivista, “o qual alicerçou a estabilidade social no princípio da diferenciação e complementaridade dos sexos” (PINTO, 2008, p. 129). Nessa trama, o casamento é um dos pilares da manutenção da ordem. E ele assim é descrito:

O fato mais importante da vida duma mulher é o casamento. É, pois justo, que ela se prepare para ele, e que o aceite, quando seja pretendida. Mas essa preparação não consiste em atributos superficiais, em frequência contínua da sociedade, em requintes de vestuário, e em *coquetteries* de olhar ou palavra. Não, essa preparação consiste, segundo cremos, numa vida simples, modesta, ocupada e na alta ideia que a rapariga adquira, cedo, da importância do casamento e dos deveres que terá de cumprir. Toda a conduta da mulher depende da maneira como encare o casamento. Se vê nele, como tantas mulheres, uma espécie de emancipação, que substitua a autoridade dos pais, pela complacência do marido; uma liberdade maior para frequentar diversões e receber em sua casa; o prazer de ter a direção das despesas; enfim, se não considerar senão a posição social, e não o próprio marido, não admira que se mostre pouco difícil na escolha e que não procure uma afeição verdadeira.

<sup>156</sup> “Filósofos iluministas do Séc. XVIII como Voltaire e Rousseau, no lastro aristotélico, insistem na fraqueza inata da mulher” (COLLING, 2000, p. 51). Jean Jacques Rousseau, François Voltaire, Immanuel Kant, são exemplos contundentes da propagação de um discurso intelectual que faria das mulheres portadoras da inferioridade, o que constituía o adiamento em séculos da cidadania.

Essas mulheres casam por casar, sem outra reflexão senão o bem estar material que procuram. (NOVIDADES, 10 out. 1949)

A condenação da mulher interesseira embasa séculos de discursos que tratam desse aspecto feminino: o interesse. Portanto, o discurso dos jornais católicos e de seus colaboradores tentou refrear essa atitude perniciosa da mulher para com o seu marido, mostrando que a mulher ajudadora é a esposa perfeita, pois, afinal, segundo o discurso que embasa o catolicismo, o mito da criação, versa sobre o caráter complementar que a mulher tem na vida da sociedade (LIMA; TEIXEIRA, 2008, p. 114). Dessa forma, a rapariga que demonstrava interesses materiais era condenada:

Mas se a rapariga se habituar a considerar o casamento sob o ponto de vista dos deveres e das recompensas que lhes estão ligadas, se nele vê, principalmente um círculo engrandecido de afectos, que por isso mesmo traz alegrias e penas; se nele aceitar os deveres, os cuidados de todos os instantes, as inquietações no presente e no futuro, uma imensa responsabilidade e por preço da dedicação duma vida inteira, a afeição daquele a quem se uniu, e dos filhos que educar; sim, a rapariga que considere o casamento sob esta face, a única real e permanente, não escolherá levemente, mas estará decidida a só aceitar um homem capaz de compreender, de apreciar, de cumprir também o seu dever, e de ser grato a felicidade que lhe der. Há dois erros funestos que podem desnortear o espírito e conduzi-lo a uma má escolha: o primeiro já assinalamos, e é ver no casamento apenas uma mudança de situação, sem olhar a simpatia e qualidades; a segunda, não menos funesta, é abandonar-se loucamente a um sentimento de amor que venha só dos olhos e da imaginação, criando ilusões, que desaparecem, deixando na alma uma cruel tristeza. Esses amores desordenados dão também lugar a péssimos casamentos. É preciso buscar qualidades sólidas e amor verdadeiro, que resista ao tempo, que possa acrisolar-se na intimidade do lar, não se enfadar com as doenças, pois é o único que vem do céu, e que demonstra almas de escol, dignas da felicidade na família, que é a base de todo o bem. (NOVIDADES, 10 out. 1949)

As condenações que encerram os interesses também são referentes a uma certa independência que muitas raparigas poderiam ver no casamento, portanto isso também será pauta e motivo de admoestação. Outro fator que será abordado é a escolha do homem certo:

O grande mal, o maior mal das raparigas não é quererem casar. É não saberem escolher marido. Casam para não ficarem solteiras, umas – outras para ficarem amparadas. Casar, nestas condições é um desastre. No primeiro caso, trata-se de uma união simplesmente epidérmica do que o sentimento anda de todo arredado. É um casamento às cegas feito para lisonjear a vaidade de ter sido escolhida entre muitas, de não ter ficado para o canto. Isto é que é o principal. Se elas não gostam deles, depois virão a gostar. E vai-se para diante. (NOVIDADES, 10 out. 1949)

O medo de ficar solteira, sem ter um marido, é outro ponto que pode acarretar uma péssima escolha. As mulheres serão alertadas a não aceitarem um casamento apenas pelo medo da solteirice, além de novamente serem alertadas para o interesse financeiro:

No segundo caso, aquele em que a mulher procura um amparo, pode resultar um não pequeno desastre: em vez de uma desamparada, ficam dois: ele e ela. Porque o amparo que a mulher procura no casamento, não é na grande maioria dos casos de ordem moral. Não é nada disso. É, sobretudo, um amparo material. Ainda mais claro: a segurança monetária – dinheiro. Ela não procura um coração, procura um cofre, - cofre mais ou menos dourado, revestido de tintas mais ou menos vistosas, mas sempre um cofre que ofereça garantias – presentes ou futuras. (NOVIDADES, 10 out. 1949)

Esse discurso da mulher interesseira reside na compreensão do mundo baseado em um conhecimento alastrado pela intelectualidade, pela religiosidade e pelo censo comum, a união dos discursos vincula a mulher a essa figura ignomínia. Como observa Teresa Joaquim (1997, p. 100), “não foi a filosofia que se espalhou, foi um discurso em aliança com outro discurso que terá enorme influência porque encarnado em instituições.”

E as instituições e estruturas avalizaram o discurso da inferioridade, sendo que “a tradição cristã colaborou de maneira decisiva para a inculcação da inferioridade da mulher” (COLLING, 2000, p 54). A “danação da norma”<sup>157</sup> de um mundo perfeito, idealizado por Deus, é quebrado com a figura da amaldiçoada Eva, portanto as mulheres ocidentais carregariam por séculos os simbolismos desse discurso que encontra respaldo entre as várias estruturas sociais da civilização ocidental.

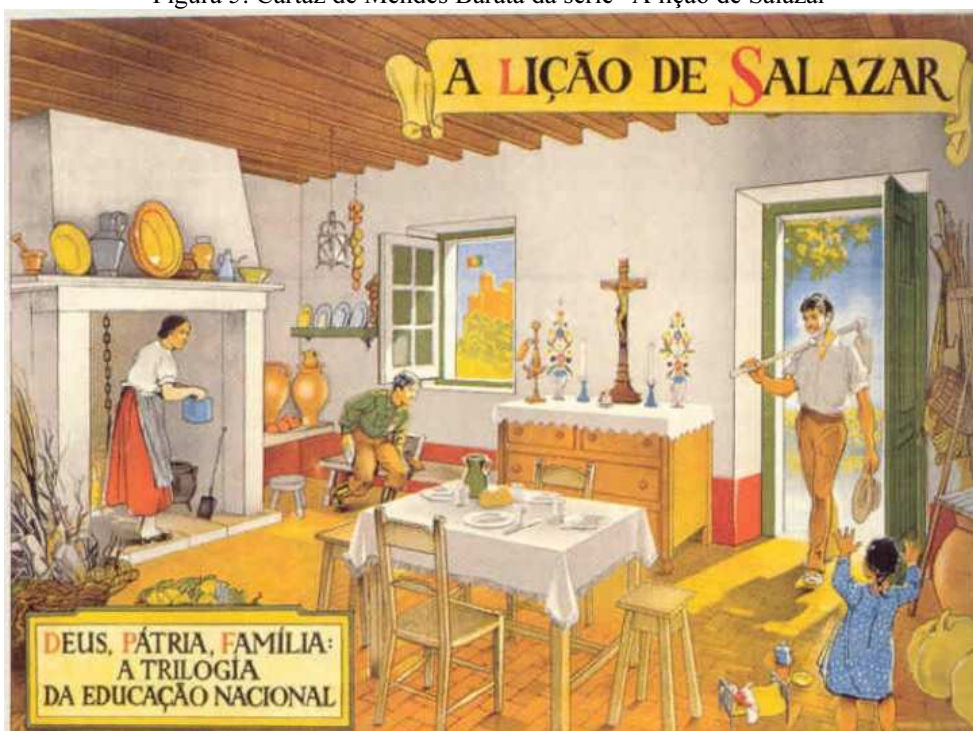
#### 4.5 A MISSÃO DA MULHER: RESPONSABILIDADES FAMILIARES

A ilustração a seguir busca evidenciar o aspecto que será tratado nesse item. A trilogia “Deus, Pátria e Família” pode ser analisada dos mais diversos contornos, mas advoga-se que o êxito temporário imposto pela ideia desse trio, está baseada também na propagação de um ideal de família e na repressão de outras formas de vínculos. Essas imagens da família como núcleo central da sociedade, era diuturnamente apregoado na educação. A imagem que escolheu-se para representar o discurso imagético da família do Estado Novo, fora retirado das cartilhas escolares, essas imagens integravam as edições de cartilhas, para serem mostradas e discutidas em sala de aula.

---

<sup>157</sup> Fazendo alusão ao título da obra “A danação da norma”, que versa sobre a constituição da psiquiatria no Brasil. (MACHADO *et al.*, 1978)

Figura 5: Cartaz de Mendes Barata da série “A lição de Salazar”



Fonte: Secretariado da Propaganda Nacional (1938)

#### A Dona de Casa Perfeita

Nada é mais difícil de realizar absolutamente, e nada é mais fácil de descrever em teoria. Parece simples a missão da verdadeira dona de casa. Diz-se geralmente que sendo esse o destino da mulher, são para ela de fácil compreensão os deveres que esse destino lhe impõe, e, no entanto, quem atentar conscientemente nas complexas aptidões que tais deveres exigem, verá que poucas mulheres os entendem e poucas os executam. Ao contrário da mulher de sala – cuja primeira aspiração é brilhar, e que muitas vezes obrigada pela alta posição que ocupa ou que o marido ambiciona, outras vezes induzida pelos próprios gostos, vive principalmente para o mundo e pelo mundo, dando jantares, bailes e recepções deslumbradas, assistindo a frequentíssimas festas, impondo a sua maneira especial de vestir-se e adornar-se, sendo rainha incontestada, no reino da moda e da dissipação mundana – ao contrário dessa brilhante personalidade que se distingue ou pela pompa ou pela distinção rara o seu gosto, às vezes por uma formosura excepcional, outras vezes por um tacto especialíssimo, a verdadeira dona de casa vive dentro do seu pequeno e restrito império, cumprindo exatamente os deveres que a polidez social impõe, mas não se deixando tyrannizar pelos seus excessos e as suas convenções. Dentro da esfera em que ela gravita como astro benéfico de doce e caricioso influxo, quantas obrigações requerem toda a sua paciência, quantas dificuldades exigem toda a sua penetração, quantos gostos diversos precisam, para que ela lhes dê as satisfações necessárias, da sua abnegação completa, da sua graça inteligente e fina. (NOVIDADES, 24 abr. 1950)



A epígrafe traz à estampa um editorial do Jornal Novidades, escrito pela poetisa Maria Amália Vaz de Carvalho<sup>158</sup>, com o título que lembra muito os manuais de civilidade, “A dona de casa perfeita”. Ela, em sua escrita, busca evidenciar os verdadeiros atributos da dona de casa. A dicotomia no feminino dá-se pelas qualidades e defeitos, próprios dos “tempos modernos”. O lugar de cada um é ocupado e irá depender das qualidades cultivadas pelas mulheres, mostrando que existem as educadas para o lar e as que não receberam ou não aceitaram essa educação. Tal pertencimento, entretanto, fará o cotidiano das mulheres com diferenças e especificidades, combatendo, sobretudo, um tipo feminino, o da futilidade, enaltecendo a simplicidade que deve nortear a vida da mulher cristã. Sobre a vida em família, o texto informa:

Há o marido, os filhos, os criados, ou velhos e nesse caso exigentíssimos e cheios de rabugices importunas, ou novos e sem a mais remota compreensão do próprio dever. Além desses mais diretamente interessados na boa harmonia e no bom manejo da casa, há os parentes próximos, os sogros, os pais, os tios, os amigos velhos, os íntimos a quem é necessário atrair, encantar pelo bom e amável acolhimento de todos os dias e todas as horas. (NOVIDADES, 24 abr. 1950)

As relações entre homens e mulheres estão colocadas e assentadas na instituição familiar. Por isso, todas as atribuições que se destinam ao feminino devem ser vistas e experimentadas como dádiva. “Encantar pelo amável acolhimento” dá a dimensão dessa dádiva. Em geral, trata-se a importância da família e seu conseqüente sucesso como projeto social centrado na figura principal da mulher; é ela e seu comportamento adequado que farão vingar a proliferação “das pessoas de bem”<sup>159</sup>.

É o corpo da mulher “ignorado e vigiado” (BARRETO, 2006, p. 22) que era alvo dos textos dos padres, das mulheres católicas e do “Chefe”, como era chamado António Oliveira

<sup>158</sup> Maria Amália Vaz de Carvalho, segundo o Dicionário no Feminino: “Nasceu numa família aristocrata. [...] Educada pela mãe, pessoa culta que lhe ministrou toda a educação possível, tal como encaminhou os seus passos no sentido de uma sólida formação literária, e por Maria de Jesus, uma ama analfabeta que a acompanhou toda a vida, Maria Amália não chegou a frequentar escolas oficiais, conventos ou colégios. Criança curiosa e atenta, desde tenra idade demonstrou interesse pela formação intelectual, possivelmente devido ao estreito contato com a mãe, mas também pelo fato de viver num ambiente familiar culto e muito bem relacionado em Lisboa. [...] Maria Amália Vaz de Carvalho legou-nos uma vasta obra distribuída por diferentes formas e expressões, nomeadamente a poesia e a prosa. [...] Conservadora em muitos aspectos, rejeitou os ideais da emancipação das mulheres, atacou o divórcio e negou a legitimidade do outorgamento do direito de voto as mulheres”. Autora VD

<sup>159</sup> “Pessoas de bem”, adjetivação muito usada na contemporaneidade com o crescimento do conservadorismo político. Paire sobre o mundo atual visões dicotômicas sobre o outro, e aí insere-se “as pessoas de bem” e as “pessoas do mau”. Como afirma Rejane Barreto Jardim: “Quando se investiga determinados fenômenos culturais observados em seus movimentos de origem e ritmo, nos damos conta de que “o tempo de hoje e simultaneamente de ontem, de anteontem, de outrora”, nos damos conta de que, em certos momentos, é como se o tempo houvesse sido abolido, para imediatamente voltar a soprar”. (JARDIM, 2006, p. 22)

Salazar. Muita tinta corria na imprensa acerca desse sujeito mulher, mas a tônica do discurso de Maria Amália Vaz de Carvalho enfatizava:

Manobrar com sincero desejo de agradar a todos, e com habilidade premeditada em longas horas, no meio de tantos interesses e caracteres diversos; ter a economia vigilante e inteligente, que desdenha todas as mesquinhas e dispensa todas as superfluidades: ter o gosto apurado que põe um toque de arte, de espiritualidade, de elegância, em cada arranjo prosaico do lar doméstico: ser alegre sem ser leviana; ser boa sem ser fraca e excessivamente transigente com os caprichos alheios; fazer-se respeitar e amar ao mesmo tempo, dos inferiores com quem lida, do *senhor* de quem depende, dos filhos cujo caráter pretende aperfeiçoar: - Ah! Bem veem que estas ocupações múltiplas, que estes diversos deveres, que estes encargos complexos, que estas preocupações morais elevadíssimas, absorvem absolutamente uma vida inteira de mulher. (NOVIDADES, 24 abr. 1950)

Pode-se conhecer parte desse cotidiano feminino a partir das questões elaboradas e publicadas nas páginas do periodismo. O ideal era vivenciado num plano material por alguns núcleos e estes influenciavam outros núcleos, menos letrados, em classes sociais díspares, que, entretanto, estavam a escrever sobre mulheres, a vida das mulheres e o ser mulher no mundo. É nessa perspectiva que Maria Amália Vaz de Carvalho conclui seu texto:

É antes de tudo indispensável que essa dona de casa perfeita, cujo esboço rápido nos entretemos em desenhar, tenha o respeito das cifras, da economia, e da boa administração interior. Uma escrituração em ordem será um dos primeiros elementos de que ela disponha, para poder sempre calcular exatamente o total da sua receita e as diversas parcelas em que esta necessita de ser aplicada. Sem ordem no dispender e sem conhecimento cabal dos recursos com que uma senhora tem de contar para o seu orçamento interno, nunca ela poderá atingir aquele perfeito equilíbrio entre o que recebe e o que se dispende, que é o supremo ideal das famílias e das nações. (NOVIDADES, 24 abr. 1950)

“O supremo ideal das famílias” e das nações, como refere Maria Amália Vaz de Carvalho, fora amplamente debatido no periodismo católico. Em inúmeros textos, o problema das famílias fora tema. Com os mais diversos títulos, quase todos com cariz apelativo, os jornais apresentavam os males de uma nação que não tem na família cristã a sua identidade. As virtudes de um Portugal cristão também repousavam na consolidação moral das famílias. De maneira geral, a mulher aparecia como força motriz dessa engrenagem, ora como coadjuvante, ora como protagonista, mas sempre como uma figura importante na instituição família.

No suplemento chamado Acção Escolar<sup>160</sup> do Jornal Novidades, dedicado ao professorado, em janeiro de 1941, o tema é “A Família e a Mulher”. O texto louva o fato de

<sup>160</sup> Um dos suplementos semanais do Jornal Novidades, no qual prometia notícias da educação em Portugal.

Portugal ainda nesse momento possuir muitas famílias, opondo-se à França. Em países “onde a família cristã se rarefaz em grau elevado, como a França, sensual e libertina, ébria de prazeres e de luxúria” (NOVIDADES, jan. 1941), só depois de desfeita a instituição familiar é que os governos passaram a tratar o tema como prioridade do Estado. Por isso, Portugal deveria fazer essa reflexão e trabalhar pela manutenção e consolidação das famílias antes da sua dissolução. É nessa perspectiva que o jornal enfatiza o papel central da mulher:

Não ignora ninguém que a alma da família é a mulher. O encanto da ordem, que delicia os olhos de quem visita uma casa de família, vem-lhe diretamente da Acção que ali desenvolve a esposa e a mãe. O perfume das virtudes que se evolvem do arranjo das coisas e da expansão das almas que habitam, tem seu foco principal no coração da mulher que ali exerce seu império. A família é, assim, o que a mulher quiser e puder. Nunca teremos famílias sãs com mulheres más, corrompidas, porque são elas quem exerce o maior domínio nos lares. (NOVIDADES, jan. 1941)

A mulher louvada e homenageada é a mãe de família, categoria bastante usada para exemplificar a verdadeira função da mulher no núcleo familiar, segundo o periodismo católico. Entretanto, essa homenagem traz a exigência social de combater teorias e comportamentos femininos, distantes dos ideários da figura angelical e passiva da “boa” mulher. Nesse caso, a matéria alerta:

O comunismo sentiu que nada de estável também poderia conseguir enquanto não se tivesse apossado da mulher, e gritava assim logo nos seus começos, pela voz da senhora Kollontai: ‘A revolução precisa da mulher e há de conquista-la. Para isso, deve começar por matar nela o amor materno, porque a mulher que ama os filhos não passa de uma cadela’. Esta morte, contida nas ameaças comunistas, fê-la também o horror ao sacrifício instilado nas mulheres portuguesas, inclusive em muitas mulheres católicas portuguesas, as quais desta forma se tornaram real presa do comunismo naquilo que ao próprio comunismo mais interessava – a morte do amor materno, a corrupção do conceito cristão da maternidade, que na família tem seu meio óptimo. (NOVIDADES, jan. 1941)

Desse modo, além de adjetivar a mulher que cuida dos filhos de forma animalesca, também alerta para os males ocasionados pela saída da mulher do lar e pelas novas formas de tratar o corpo, fatores fulcrais de mudanças no ser e estar mulher, alavancados pela indústria da moda e da beleza (BUENO, 2013), em franco desenvolvimento. A mulher envolta em espartilhos já não mais figuraria no imaginário, isso porque o recato dos vestidos soltos deu lugar a uma moda que privilegia as formas do corpo, não do modo como o espartilho figurou, mas de um corpo magro, esbelto, em que os exercícios, antes ignorados para o feminino, ganham espaços nas revistas. Peso e altura passam a ser itens de um estereótipo de corpo feminino, e isso não passará incólume. Aos olhos da Igreja, isso também é elemento para a

perversão, colocando em xeque a figura da mulher mãe e de suas responsabilidades familiares:

Têm cooperado também na realização do plano comunista feminino todos quantos arrancam a mulher ao canteiro simples do lar e a levam a deleitar-se, não já nas coisas simples da vida doméstica, mas nas sensações fortes de espetáculos inconvenientes, em que as suas formas harmoniosas são oferecidas a olhos lúbricos, elas que só pedem recato e pureza. Como podem raparigas educadas em ambiente de puro desporto, deixar de matar em si mesma o amor materno, se o filho, fruto natural daquele amor, seria o inevitável trambolho a impedir-lhes os movimentos exigidos pela cultura física, em que apaixonada, cega, loucamente, pretendem lançá-la. (NOVIDADES, jan. 1941)

A família, fruto dessa matéria, está sob ameaça de um mundo que assiste as muitas transformações que ocorrem no século XX, como as duas grandes guerras, a entrada da mulher no mercado de trabalho e, depois, o conseqüente regresso ao lar, as resistências que se estabelecem na reivindicação de direitos, seja na questão das maternidades e proteção às parturientes, seja na não identificação com a questão maternal. Os movimentos a que o início do século XX aludem são catalisadores de modificações e a rapidez das transformações causa um movimento de fluxo e refluxo; de um lado, a modernidade, e de outro, a pretensão de que tudo fique no seu lugar e que a família, tal como estava constituída, fosse intocável e preservada.

Pode haver quem, numa candura de espírito que dificilmente se compreende, suponha possível e até fácil o regresso da mulher, depois, à prática de todos os sentimentos que as competições desportivas atrofiaram. Ilusão! Esquece-se a persistência do vício, a profundidade das suas raízes e a dificuldade com que cortam, depois de desenvolvidas. Mas porque não se reagirá a tempo contra tendências ofensivas da finalidade natural da mulher, uma vez que se assentou a dar a família foros de célula fundamental de toda a nossa vida, se o rendimento da família está principalmente na mulher, na forma como ela concebe e executa os seus deveres de esposa e mãe? (NOVIDADES, jan. 1941)

O controle do corpo feminino (DAMASCENO, 2008) não é novidade, e as prerrogativas postas na matéria encaminham esse pensamento, o do controle. É preciso controlar, cercear e combater as alusões à estética que foge dos padrões reconhecidos como os da mulher dentro da esfera doméstica. Isso não representa, todavia, uma inovação como prática. O discurso é reiterado no corpo que deve ser vigiado. Rejane Jardim (2006, p. 25), ao abordar as questões do corpo feminino, adverte que as formas de vigilância e controle sempre estiveram presentes na trajetória da história das mulheres. Como observa essa autora:

O corpo de homens e mulheres foi objeto de interdição em vários momentos da história. Pelo menos, deste a Antiguidade, ele tem sido objeto da atenção dos sábios que buscam as melhores técnicas de controle sobre ele. A sociedade medieval foi uma época de recusa das necessidades do corpo, numa tentativa de discipliná-lo. As relações sociais entre os sexos foi objeto de interesse da Igreja e da sociedade dos laicos. Nesse período, aquele sistema binário de representação simbólica se articulou em torno das ideias de céu e de inferno, pecado e perdão, corpo e alma, macho e fêmea. A história da Idade Média é, sem dúvida, um dos momentos privilegiados da elaboração das estratégias de controle social por meio do corpo, e essas estratégias permeavam as relações mais elementares, a das relações sociais entre os sexos, que são ‘uma forma primária de dar significado as relações de poder’. (JARDIM, 2006, p. 25)

E como as práticas simbólicas mostram as mudanças e permanências na história, ao perscrutar o periodismo católico, percebe-se que as relações discursivas ainda mantêm muitas querelas em relação às mulheres, sobretudo no seu corpo. O alerta que a matéria promove no que concerne ao desporto feminino e às mudanças que ele enseja no corpo feminino (BUENO, 2013, p. 30) é um exemplo cabal de que as manifestações femininas estavam sendo vistas, discutidas e pensadas na perspectiva da vigilância. As mulheres católicas, objeto de análise, estão esquadrihadas e responsáveis pela preservação da família cristã. São elas que podem dar ao mundo a conduta humana idealizada por aqueles que pensam e falam da mulher. As comparações entre os múltiplos femininos sugerem isso, conforme o excerto abaixo:

Mas, porque não se reagirá a tempo contra tendências ofensivas da finalidade natural da mulher, uma vez que se assentou em dar a família foros de célula fundamental de toda a nossa vida, se o rendimento da família está principalmente na mulher, na forma como ela concebe e executa os seus deveres de esposa e mãe? São do eclesiástico, cap XXI, II, cheio de sabedoria divina essas palavras sobre a maldade da mulher: ‘Será melhor viver com um leão e com um dragão, do que habitar com uma mulher má. A maldade da mulher faz-lhe mudar o rosto, e reveste-a dum aspecto sombrio como um urso e apresenta-a como um saco’. D. Antônio da Costa chama a mulher ‘anjo do bem ou serpente do mal. Pode salvar ou perder’. Se se fizer da cabeça das mulheres cabeças de cobras, cheias da peçonha da dissolução familiar e social, implicitamente se encherão também de ira contra uma ordem social cristã, cuja beleza elas não poderão entender, e não há ira pior do que a ira da mulher, ensina também o Eclesiástico: ‘Não há cabeça pior que a cabeça venenosa da cobra, e não há ira pior que a ira da mulher’. Vê-las-emos então mudar de rosto, transfiguradas, meio entontecidas pela paixão que lhes rouba a paz, cega o entendimento, agita a alma, no *delirium tremens* de todas as bebedeiras de ódio. São assim as passionárias, em todos os países e em todos os setores e os seus estigmas de degenerescência transmitem-se, como é óbvio, física, intelectual e moralmente aos filhos. (NOVIDADES, jan. 1941)

O discurso misógino ampara-se na Bíblia (DUBY, 1988, p. 70) e nessa cosmovisão sobre aspectos maniqueístas (ARIÈS, 1981), a divisão entre as boas e as más, as que podem edificar uma casa e as que podem colocar fogo no mundo, desenvolvendo seus piores

defeitos, para, ao fim e ao cabo, subverter a ordem “natural” das coisas. É fulcral articular os discursos entre a relação da família com a mulher, colocando-os em evidência para estreitar laços com o passado, de modo a entender como um discurso de Estado unido a um discurso religioso mantém a ordem, a repressão e o combate a modelos plurais, exaltando as qualidades femininas que estão de acordo com esse modelo social vigente. Como conclui a matéria:

Pelo contrário, a mulher boa faz do seu coração canteiro florido das virtudes cristãs e com elas perfuma todo o ambiente em que se encontra. Instalada no seu lar, a simplicidade, a modéstia, a candura, a alegria e a paz doiram de uma luz suavíssima as almas e as coisas, e não há riqueza no mundo que se compare. São mananciais de graça para os que com ela vivem. São verdadeiros tesouros no enriquecimento moral da pátria. (NOVIDADES, jan. 1941)

Entre a articulação dos textos enaltecendores da família (ARIÈS, 1981) com as propagandas do regime, entre as quais se encontra a figura 4 da página 5, que demonstra por parte dos setores do marketing do governo, a preocupação em divulgar uma família “feliz”. Pode-se, também, constatar os mecanismos pedagógicos que Estado e Igreja usaram para criar a imagem da mulher católica e a importância da sua presença nesse tripé, imposto e regulado de forma sutil por Oliveira Salazar. A questão da retórica de Oliveira Salazar em relação ao tripé “Deus, Pátria e Família” (CAMPINA, 2012, p. 45) alude a essa sutilidade. De forma simples, porém imperativa, comandou a propaganda que manifestava a importância da preservação das famílias cristãs portuguesas. Foi nesse sentido que o Jornal Novidades de 26 de setembro de 1953 publicou uma longa reportagem sobre a “Conferência Internacional da Família”, com o título “A Família opõe-se como um dique às forças dissolventes”. Foi com tom exultante que o senhor Ministro do Interior, Dr. Trigo de Negreiros, declarou:

Se entre os primeiros deveres do Estado se conta o de favorecer a constituição da família e o de assegurar a sua defesa, é legítima à vossa curiosidade em saber como o Estado Português tem procurado cumprir esse dever. Não sendo possível, dado o tempo consagrado a essa sessão, uma larga e documentada exposição de princípios e dos fatos em que aqueles se projetaram, limitar-me-ei a um simples apontamento. A Constituição Portuguesa de 1911, seguindo aliás a esteira das constituições dos diferentes países do Século XIX, era marcadamente individualista, não contendo uma única disposição relativa a família. Diferente, porém, é o sistema da Constituição vigente, aprovada pelo plebiscito realizado em 1933. A face dela, o homem, elemento fundamental da nação, deixou de ser considerado como indivíduo isolado condenado na frase incisiva de Renan a nascer exposto e morrer celibatário e passou a fazer parte duma família e a ter profissão. (NOVIDADES, 26 set. 1953)

A Constituição é um dos argumentos de Trigo de Negreiros, pois a Constituição que vigorara na Primeira República fora repudiada pelo Estado Novo pelo seu cariz republicano

com identificação com questões individuais, mas não só, haja vista que a concessão de direitos às mulheres não perfaziam a política instalada pelo Estado Novo. Helena Pereira de Melo (2015, p. 129), ao analisar as constituições portuguesas no que concerne ao direito das mulheres, informa que as reclamações estavam “centradas na necessidade de urgente revisão do Código de Seabra”<sup>161</sup>, essa velha legislação “eivada do férreo espírito romano, que de modo algum corresponde às aspirações e ideais da sociedade em que vivemos”. E a sociedade reivindicada pelas mulheres na Primeira República estaria longe das aspirações da política vigente, o indivíduo será substituído pela família, como prossegue Trigo Negreiros:

E sendo a família, na síntese do presidente do Conselho, Salazar, ‘a célula social irredutível e o primeiro dos elementos da orgânica do Estado’, este, nos termos da nossa lei constitucional, assegura a constituição e defesa da família como fonte de conservação e desenvolvimento da raça, como base primária da educação, disciplina e harmonia social e como fundamento da ordem política e administrativa pela sua agregação e representação na freguesia e nos municípios. A constituição da família, nos termos da referida lei, assenta fundamentalmente no casamento e na filiação legítima e na igualdade de direitos e deveres dos dois cônjuges, quanto a sustentação e educação dos filhos legítimos. (NOVIDADES, 26 set. 1953)

Excludente por natureza, o modelo familiar da conferência do senhor Trigo Negreiros, Ministro do Interior, indicam alguns vértices dessa sociedade. A ênfase dos filhos legítimos dá a dimensão da marginalidade que viviam as mulheres que engravidavam dos seus patrões, que eram abusadas e estupradas, conseqüentemente vindo a ficarem grávidas. A ordem da sociedade privilegiava um modelo rígido e fixo de família, que era deveras excludente. Como afirma Helena Pereira de Melo (2015, p. 129), ao discorrer sobre a Constituição e as conquistas que a Primeira República deu às mulheres, uma das argumentações das mulheres que lutaram foi:

A primeira reclamação consiste na adoção urgente de uma lei que autorize a dissolução do casamento pelo divórcio, que consideram indispensável para ‘moralizar a sociedade portuguesa, hipócrita e dissoluta, como são todas aquelas em que o espírito reacionarista domina’. (NOVIDADES, 26 set. 1953)

Ao falar do divórcio e de uma lei que o permitisse, as mulheres expressavam uma realidade comum a muitas outras mulheres, a exclusão ou a submissão a um casamento

---

<sup>161</sup> “Em 1867 surge o primeiro Código Civil Português que, ao contrário do imaginado, apenas veio para ratificar a condição dada as mulheres pelas Ordenações Filipinas, duzentos e sessenta e quatro anos após o início da vigência da mesma. [...] Como proposta de atualizar as leis civis de Portugal, o visconde de Seabra foi designado para elaborar o primeiro Código Civil Português. [...] assim, a mulher também no código civil de 1867 não tinha capacidade de administrar seus próprios bens, tarefa que pela fraqueza de entendimento atribuída as mulheres advindas das Ordenações do Reino, foi atribuída ao homem.” (FERMINO, 2012, p. 6; GUIMARÃES, 1986, p. 561)

deteriorado, mostrando que eram muitos os casos que não estavam amparados legalmente, questão diametralmente oposta à que fora colocada pelo Ministro do Interior, Trigo Negreiros, e que era veementemente abafada. A Conferência Internacional das Famílias que fora realizada em 1953 tivera vários representantes de outros países europeus. Dessa forma, uma comissão que se reuniu fora chamada de “Seção de Auxílio à Mãe” e, entre outras coisas, exaltou a figura da mulher mãe, mas não deixou de reivindicar medidas protetivas e direitos às mulheres que viviam no lar e tinham na maternidade sua principal função. Foi presidida por Mrs. Franch da Grã-Bretanha, por Madame Picard e também pelo Dr. Kamoen, da Bélgica, conforme informa o Jornal Novidades. Segundo o relatório preliminar de Madame Picard, membro do Conselho Econômico da União Nacional das Associações Familiares da França, foi dado o seguinte resumo:

De rápido estudo da situação social e econômica em grande número de países resulta claramente que a condição da família, e em particular da mãe de família, está longe de ser satisfatória. Comparada com as imensas possibilidades do Mundo Moderno, a condição humana dum número enorme de mães de família continua a ser precária e alarmante. Aos cuidados e fadigas da vida de mãe e dona de casa vieram juntar-se, nos últimos dez anos os trabalhos e privações da guerra; um poder de compra demasiadas vezes insuficiente em comparação com as necessidades fundamentais da família; o drama dos alojamentos insuficientes, insalubres, acanhados; a necessidade, demasiadamente frequente do trabalho profissional da mulher e da mãe de família; as dificuldades da educação dos filhos e da sua preparação para a vida; a incerteza do futuro; e por fim, para muitas mães de família, a necessidade de suportar, por si só, um labor materno esmagador. (NOVIDADES, 26 set. 1953)

Nota-se que nem só de exaltação às famílias versara o congresso, mas também de denúncia de uma condição bastante precária das mulheres nesse período. O tom fora ameno, mas não menos alarmante, corroborando que as questões de trabalho, de cuidados e de privações eram uma realidade avassaladora. Para a preservação das famílias era mister que o Estado cuidasse das medidas protetivas, dos cuidados com o parto e de tudo que cercava o tão assombroso corpo da mulher, esse corpo insidioso, segundo os discursos da natural inferioridade feminina. No entanto, no afã de aplacar essas vicissitudes, o Congresso Internacional das Famílias deteve-se também na elaboração da mulher para a vida doméstica. A formação da vida doméstica pretendia uma melhor organização dos afazeres e o aperfeiçoamento feminino na esfera do lar, sob a presidência de Mrs. Arko, da Iugoslávia, tendo Madame Carrard feito um resumo das conclusões ao periódico:

Conclui-se pelo que deveria ser a preparação da rapariga para a missão de esposa, mãe e educadora dos filhos e que essa formação terá de ser um complemento da formação recebida na família; e que ela deverá receber os conhecimentos das novas



técnicas; como realizar aqueles fins de formação doméstica – verificou-se que ela deverá ser acessível a todas as categorias e meios, ficando a obrigatoriedade desse ensino ao arbítrio de cada país; sobre a formação do pessoal docente – assentou-se que ela deverá ter acesso as classes operárias e rurais, sem as deslocar; sobre a adaptação do ensino as necessidades das mães de família – propôs-se a colaboração cada vez maior entre as técnicas de formação doméstica e a família, por diversos meios que foram especializados. (NOVIDADES, 26 set. 1953)

Virgínia (2015) ao problematizar o Estado Providência, evidencia a situação das mulheres e suas muitas mazelas, principalmente no que diz respeito à subalternidade das mulheres trabalhadoras em detrimento da Constituição de 1867, e que vigorará, na prática, até 1965, marginalizando as mulheres pobres e trabalhadoras. Se no Congresso Internacional das Famílias a pauta debruçou-se sobre o trabalho feminino na esfera privada, em tom de denúncia, manifestando a dura rotina que a mulher teria no seu cotidiano, não menos grave era a situação das mulheres trabalhadoras, sem proteção para os cuidados com seus filhos, gerando uma alta taxa de mortalidade infantil. Por suposto que do final da Monarquia até o Estado Novo, as instituições materno-infantis modificaram-se em função de uma realidade social, pouco comentada nos jornais, mas que exigira esforços que detivessem a mortalidade infantil. As causas das grandes taxas de natimortos e de mortes na primeira infância também foram atribuídas à saída das mulheres da esfera privada. Nesse sentido, o Jornal Novidades, vez por outra, publicara artigos com o título “Crise da Família”:

Voltamos, ainda uma vez, ao problema da família. Sabemos que as nossas palavras não convencerão certos sociólogos, nem certos políticos que, dizendo-se cristãos, põem o problema da família como os doutrinadores de inspiração pagã. No entanto, força a insistir, porque na questão vai muito daquilo que mais trazemos no peito. A saúde moral da família portuguesa tem sido, por assim dizer, um dos dogmas da sociologia e da política em Portugal. É porque assim é, os sociólogos e os políticos nem admitem que a teoria seja posta em causa, nem dão crédito as que raciocinam partindo de outra base. A verdade porém, é que o princípio está hoje muito longe de merecer foros de indiscutível (no domínio do ser, evidentemente, não no dever ser). (NOVIDADES, out. 1955)

A crise que pairava sobre a instituição familiar será atribuída – segundo a matéria de capa do Jornal Novidades – à conspiração daqueles estudiosos, principalmente os sociólogos, que não observam os muitos ardis modernos que corrompem as famílias. Era preciso velar pela família todos os dias do ano e discutir sobre a crise que poderia destituir a única fortaleza social. A elaboração do discurso que perpassa a família é muito bem articulada com os pronunciamentos nacionais feitos por Oliveira Salazar, e o diário católico Novidades dava-lhe reiteradas vezes lugar de destaque. As estratégias para vozes dissonantes eram o silenciamento, portanto toda a ideia contrária a esse ideal de família era sistematicamente

apagada. António Oliveira Salazar e seus pronunciamentos assumiram um lugar vital na manutenção desse *status quo*, pois cada vez que se dirigia à sociedade, transmitia-lhes a ideia de que falava pela nação. Deste prisma, o discurso do diário Novidades estará sintonizado com o discurso do Estado. Com a prerrogativa da saúde moral dos portugueses, a matéria prossegue:

A saúde moral das famílias é um ideal permanente e uma realidade que ou se conquista todos os dias ou todos os dias se perde. A corrente da história parece ser-lhe desfavorável. Conspiram contra ela a onda do naturalismo que avança sobre as almas e a falta de adaptação do homem de hoje aos costumes e instituições de ontem. Os otimistas, os satisfeitos com o tempo e com o meio em que vivem, não dão pela crise – mas ela existe e manifesta-se por vezes com sintomas alarmantes. (NOVIDADES, out. 1955)

Uma educação para a família é cada vez mais referida e a imprensa assumirá um papel pedagógico na disseminação de informações acerca da família, como “produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e produzir sujeitos” (FISCHER, 2000, p. 61). Pensando na imprensa como dispositivo pedagógico sobre as questões que doutrinam e formam as mulheres, pode-se perceber o esforço contínuo e sistemático da divulgação das ideias, antes já referidas pelo Estado, na voz de Oliveira Salazar, e que assumem papel preponderante nas páginas do diário Novidades. Em um dos eixos que privilegia a família estará a Educação para a Família, a qual, segundo o diário, fora amplamente discutida no Congresso Internacional da Família:

Um dos problemas focados com maior interesse nas seções do Congresso foi o da educação doméstica, ou da educação para a família. A boa orientação e exigências reconhecidas nesta matéria pelas redatoras estrangeiras, como objetivos de graves preocupações sociais, deviam ter causado estranheza a muitas das ouvintes. As preocupações domésticas das nossas avós são tidas por insuportável velharia; poucas mães tiveram já a peito tais problemas e noventa por cento das filhas julgam toda a preparação para a vida doméstica, para a noção de futuras donas de casa e educadora dos seus filhos, indiretamente desnecessária ou mesmo inútil. (NOVIDADES, set. 1953)

Tais argumentos postos na matéria serão corroborados pelos interesses que as mulheres, mais influenciadas pelos novos tempos, terão:

De acordo com as filhas, estão as donzelas, apostadas em fazer doutorado, serem funcionárias ou dactilógrafas, pois nossos programas escolares só conhecem um sexo. Quem pensou ou pensa a sério como nós em educação doméstica, ação doméstica ou preparação para a vida familiar? Separamos – ao que dizem- variantes técnicas para substituir as mães, mas preparar mães, quem pensou nessa ridícula velharia, ou inutilidade social! Falou-se no congresso que essa preparação devia principiar na escola primária, ser acomodada aos meios e condições sociais, evitar o

desenraizamento, etc. Infelizmente entre nós, a mentalidade é toda ao contrário da escola e as escolas, públicas ou particulares, não diremos que propositadamente trabalhem contra, mas a verdade é que, sendo a sua orientação desinteressada das realidades do meio social e da família, os seus resultados são contrários a toda preparação ou formação familiar e fomentadores da fuga ao próprio meio e, nos meios rurais, do desamor à terra. (NOVIDADES, set. 1953)

A educação feminina voltada para a gestão familiar ou uma educação para a família foram os pressupostos que levaram os jornais, notadamente os com identificação católica, a preocuparem-se com a manutenção da mulher na esfera privada, pois, a par disso, tinha-se um mundo em transformação, embora no início do século XX não fosse novidade a separação estratégica dos sexos, o gênero como organizador das instituições, o poder veiculado ao gênero que cada sujeito ocupa na sociedade. E é nessas estratégias e dispositivos de poder, ligados ao gênero, que os discursos ecoaram sobre as mulheres na forma de uma educação que estivesse voltada à família. Gleidiane de Sousa e Joana Maria Pedro (2012, p. 42) afirmam que o discurso jurídico no Brasil também estimulava as concepções de família formuladas no início do Século XX:

Aliados a questão da honra, os modelos de famílias legalmente reconhecidos, as ideias de maternidade, os comportamentos femininos, a paternidade provedora, o 'lar higiênico' foram, cada vez mais, explorados nas discussões entre os juristas brasileiros desse período. Grande parte das temáticas debatidas pela jurisprudência brasileira, e das suas relações com a moral e a esfera privada da sociedade, colocou as mulheres como fundamentais para a consolidação das famílias modernas. A honra assumia diferentes roupagens ao tratar de homens e mulheres, principalmente no que se refere às questões conjugais e sexuais. Enquanto a honra feminina era, cada vez mais, marcada pela supervalorização do recato, da inocência, da virgindade, da educação para as tarefas domésticas, dos 'bons modos' e do instinto maternal, a honra masculina voltava-se cada vez mais para a figura pública do trabalhador. Desse modo, as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela tentativa de construção de uma concepção familiar em que os homens tinham como responsabilidade representar política e legalmente a família, além de prover seu sustento; e às mulheres cabia o zelo moral desta.

Não fora diferente em Portugal, onde o discurso jurídico também propiciara a divisão dos sexos, em que o marido, detentor dos poderes de chefe de família, poderia arbitrar sobre a vida da mulher, em qualquer esfera. Helena Pereira de Melo (2015, p. 95), ao analisar o Código Civil de 1867, coloca em relevo o seu longo vigor, cerca de cem anos, "tendo sobrevivido à queda do regime monárquico, a I República, ao início do Estado Novo... apenas cessa em 1 de junho de 1967, com a publicação do Código Civil hoje vigente, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 47344, de 25 de novembro de 1966". E foi ele, o Código de Seabra (BELEZA, 2010), que regulou a vida familiar e que firmou o estatuto da desigualdade em relação às mulheres, porém é imperativo dizer que o Código de Seabra, como ficou conhecido

o Código Civil de 1867, era mais favorável que as Ordenações no que tangia ao direito das mulheres.

Vigilante com as relações que a mulher estabelecia fora dos limites do lar, o homem estava autorizado, segundo a legislação do período, a interferir em quaisquer aspectos, podendo-lhe abrir as correspondências, receber seu salário (para aquelas que trabalhavam fora) e autorizar que tivesse acesso à instrução.

Os dispositivos de controle social eram aprovados pelos mais variados discursos e amparados publicamente através das publicações, das mais vulgares às mais sofisticadas, e os textos privilegiavam um modelo rígido e fixo de família:

O Congresso veio mostrar-nos que lá fora já não se pensa assim; que a educação para as responsabilidades da vida doméstica figura entre as preocupações fundamentais para a defesa da família. Seremos nós ou eles que estamos no bom caminho? Quase isolados, vimos acusando há anos, a nossa desorientação nesta matéria, classificando de erro e deficiência gravíssima o desprezo a que votamos a nossa preparação doméstica; e o antagonismo prático criado entre a instrução ou cultura das nossas escolas e essa valorização essencial da mulher, para as exigências da vida familiar e para os interesses superiores da sociedade. (NOVIDADES, set. 1953)

Dentro do núcleo familiar, a educação para a futura família era imprescindível para as raparigas, segundo os textos que tratavam da temática da família. Entre os 16 e 18 anos, as raparigas eram apresentadas à sociedade e já poderiam contrair matrimônio (MARIANO, 2011, p. 65). Desse modo, era fundamental estar a par de todas as funções que a vida doméstica exigia. Ao analisar as mulheres na Primeira República, Fátima Mariano (2011) divide-as em burguesas e pobres. Entende-se que o conceito de burguesia não se aplica totalmente para a sociedade portuguesa do início do século XX, no entanto advoga-se que o conceito de elite sirva mais aos propósitos e ao contexto português da época. E mesmo que o conceito de mulheres burguesas não reflita inteiramente a sociedade portuguesa, algumas assertivas feitas por Fátima Mariano (2011, p. 63) podem dar pistas das questões que envolvem a família: “[...] as jovens transitavam naturalmente de casa dos pais ou dos tutores para a casa do marido, cingindo-se quase exclusivamente ao espaço doméstico”. Essa afirmação poderia ser completamente inquestionável, não fosse os apelos dos jornais em relação às famílias. Acredita-se que uma parte considerável das mulheres estaria nessas condições, de passar da tutoria dos pais para a do marido. No entanto, a baixa taxa demográfica alardeada pelos jornais aponta outras querelas na manutenção da família tal qual a formulada pela Igreja Católica.

Foi nesse sentido que o Jornal Novidades publicara uma matéria de capa. Com o nome de “Estudos Sociais” e sob o subtítulo “A autoridade na família”<sup>162</sup>, o texto é trabalhado para dar visibilidade ao conhecimento, o teórico, o erudito e o sábio. mostrando que pouca utilidade terá o conhecimento fora da sabedoria prática e a sabedoria prevê um tipo de família (PIMENTEL, 2008). Como observa Serras e Silva (NOVIDADES, fev. 1941), autor do texto:

Para estudar uma sociedade não é de aproveitar nenhum dos primeiros métodos – dos teóricos ou dos eruditos, só o dos sábios é capaz de formar solução fundamentada e satisfatória. É preciso observar, não ao acaso, mas com método, isto é, segundo as ligações naturais dos fatos. A observação deve recair sobre a família normal, quer dizer, não desorganizada pela doença, miséria ou vício, e ser ao mesmo tempo representativa, isto é, permanentemente à classe mais numerosa. Normal, representativa e simples. As famílias trabalhadoras estão no caso. Que nos diz a observação da família rural, quanto ao nascimento e uso da autoridade?

Com esse questionamento, a matéria prossegue:

A autoridade nasce da necessidade que tem as crianças de assistência e proteção; é filha da incapacidade. A criança não pode nada, não tem meios de satisfazer as necessidades de alimentação, vestuário, limpeza, abrigo, etc. Tudo deve ser satisfeito pelos pais. São anos que dura essa incapacidade, são anos em que a autoridade se cria se radica para suprir a incapacidade. Aos dois anos já come pela sua mão, mas não é ainda capaz de se vestir, não sabe evitar os perigos – cairia ao poço, queimaria a mão no lume, se não houvesse uma providência a velar por ela. (NOVIDADES, fev. 1941)

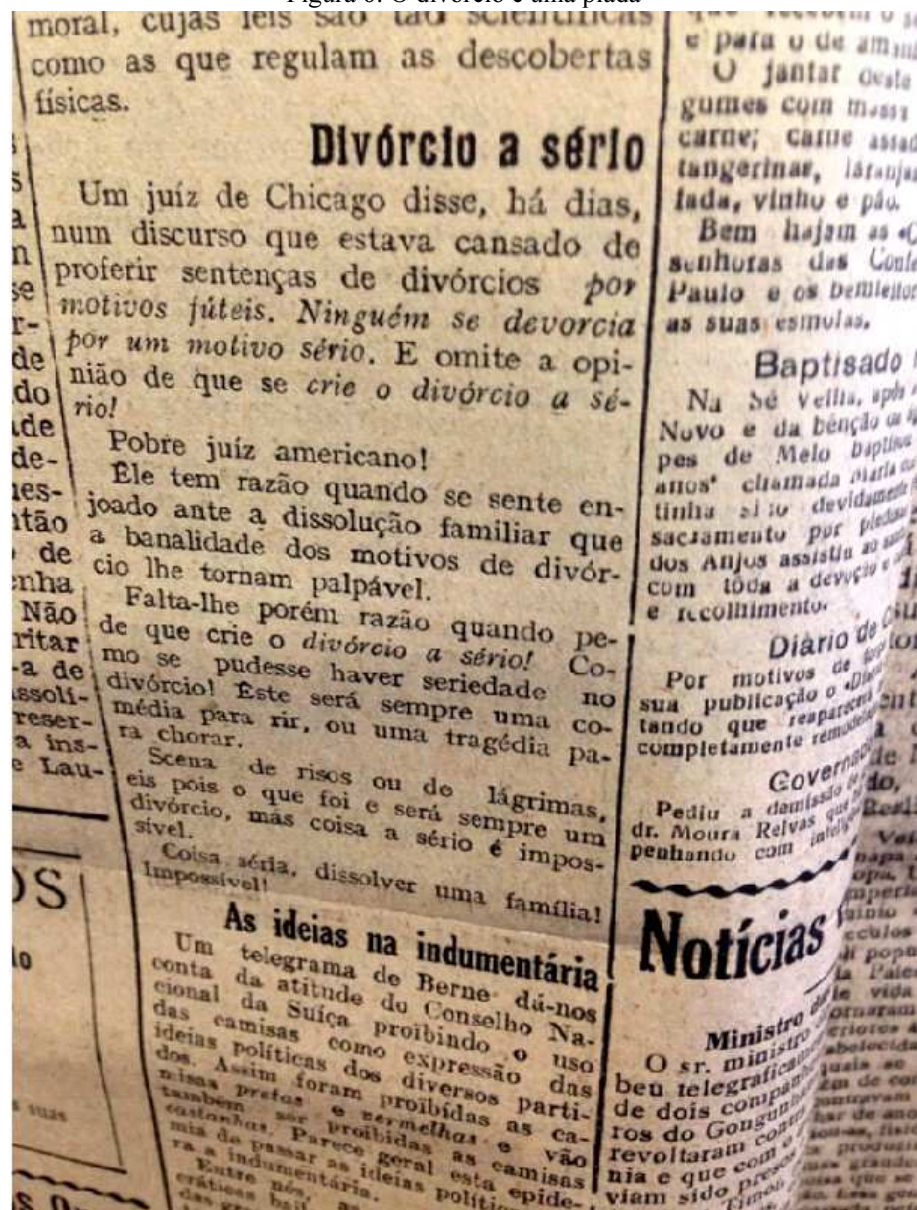
No acordo e desacordo social, no que diz respeito às responsabilidades familiares que estavam destinadas às mulheres (ALMEIDA, 1990), o discurso pairou sobre um sujeito específico que toma a cena e reflete os motivos pelos quais a mulher estaria deslocada se estivesse fora do lar: a criança. Dentro de casa, a mulher satisfaria a todos, criaria seus filhos e cuidaria do seu marido, e esse era o discurso que, escancaradamente ou veladamente, é dito nos jornais.

#### 4.6 A MISSÃO DA MULHER: COMBATER O DIVÓRCIO E A DISSOLUÇÃO MORAL DA FAMÍLIA

A figura 6 mostra que o tema divórcio poderia aparecer em qualquer seção do jornal. Escolheu-se um texto em forma de anedota, que demonstra o repúdio pelo divórcio.

<sup>162</sup> Catarina Raquel Costa Inverno (2010, p. 32), sobre a autoridade na família e a questão da mulher no âmbito público, destaca um texto publicado no Jornal O Almonda, especificamente sobre o sufrágio feminino, advertindo que a mulher se não metesse em coisas de homem: “Os homens já se não entendem com estas coisas de política e se as mulheres se chegam a intrometer nos negócios públicos, endoidece tudo.”

Figura 6: O divórcio é uma piada



Fonte: Novidades (set. 1944)

O divórcio fora um dos temas mais explorados nas páginas do periodismo católico. Em uma sociedade marcada pela religiosidade, o divórcio foi peremptoriamente condenado. Não faltaram admoestações às mulheres, não faltaram receitas para um bom casamento e não faltaram advertências de como levar um matrimônio à falência. A natureza feminina, engendrada na figura de Eva, permanecera viva no imaginário social. Os homens da Igreja, que, na maioria das vezes, eram os únicos letrados de determinadas aldeias e cidades, não pouparam esforços para disseminar a ideia de um lugar específico para a mulher. Esse lugar previa a submissão ao marido, cuidando para que o casamento não caísse na “dissolução

moral do divórcio”<sup>163</sup>. Rejane Jardim (2006, p. 31), ao pesquisar a Igreja e seus traços misóginos faz um paralelo com a configuração dos espaços de poder e saber:

Todavia, durante muito tempo, mais ou menos até o Séc. XIII, esses sábios da Igreja permaneceram largamente apartados das mulheres, enclausurados em seus ambientes masculinos, nos claustros, nas escolas, nas faculdades de teologia, no domínio das comunidades religiosas, preparando-se para uma vida de castidade, que, pelo menos até o Séc. XI, passou a ser uma obrigação de todo clérigo. É este o ambiente no qual observamos desenhar-se lentamente uma imagem do feminino, que faria qualquer ser temente a Deus manter-se numa distância saudável daquelas que tanta estranheza e medo pareciam causar. Dessa forma, concordando com Jacques Dalarum, não é de se estranhar que ‘o traço dominante do pensamento clerical, neste tempo, seja a misoginia’.

O poder da escrita, do pensamento e do gênero faz com que os homens da Igreja obtenham a faculdade de proferir normas sobre o casamento e seus desdobramentos, e o desdobrar natural de um casamento era a procriação, era a educação feminina voltada a obediência ao marido (BLOCH, 1995, p. 25). Uma das questões mais abordadas pela Igreja Católica portuguesa no Estado Novo fora a questão do divórcio. Aprovada a lei do divórcio em 1911, com o advento da Primeira República abriu-se uma chaga para a Igreja Católica portuguesa (NETO, 2014, p. 138), uma chaga difícil de fechar, pois António Oliveira Salazar, conforme descrição de seus estudiosos, fora astuto em alguns aspectos, não rompendo completamente com algumas leis, fora o caso da lei do divórcio.

Se fosse possível apontar um dos vários desgostos que a Igreja tivera com Oliveira Salazar, pode-se destacar a questão relativa ao divórcio, o qual não fora completamente banido. Em casamentos em que não estivesse presente o culto católico, o divórcio fora uma possibilidade. Só estavam proibidos de divorciarem-se os cônjuges cujo casamento fosse realizado em cerimônia católica. Diante desse fato, que estava posto, iniciou-se uma campanha na imprensa sobre o tema. Não faltavam adjetivações negativas para nominar o divórcio, entretanto foi na concordata de 1940 que a Igreja esperava ter aparado essa grande aresta, o que acabou não ocorrendo, como menciona a matéria do diário Novidades (11 dez. 1942), escrita pelo Professor Doutor Abel de Andrade:

Esperavam muitos que o problema do divórcio fosse definitivamente resolvido entre nós pela Concordata celebrada entre a Santa Sé e o Estado Português aprovada pela lei 1934 de 30 de maio de 1940. Mas não o foi. Mesmo depois da Concordata continua a existir além do casamento católico para os católicos, o casamento considerado como simples contrato, que, embora se presuma perpétuo, pode ser dissolvido pelo divórcio, como dispõe o decreto de 3 de novembro de 1910, art 1º. De conformidade com a Concordata e o decreto-lei de 3 de novembro de 1910

---

<sup>163</sup> Títulos das manchetes que tratavam do tema “Divórcio”.

existem em Portugal depois da Concordata: a) casamentos católicos, celebrados depois da Concordata e com as formalidades nela escritas, que produzem todos os efeitos civis não podem ser dissolvidos pelo divórcio (concordata, art. XXII, XXIII, XXIV); b) Casamentos católicos e casamentos civis celebrados, uns e outros, antes e depois do decreto-lei de 3 de novembro de 1910 até a Concordata. Todos estes casamentos podem ser, uns dissolvidos e outros declarados dissolvidos pelo divórcio. (Decreto-Lei de 3 de novembro de 1910, art. 1º). (NOVIDADES, 11 dez. 1942)

Percebe-se que a Igreja, nessa queda de braço, perdeu. O braço forte da Igreja só poderia arbitrar em algumas esferas, sendo que a mais nevrálgica era o controle das famílias, dos corpos e das mulheres, e desta esfera privada, a Igreja comumente cuidara. A possibilidade do divórcio nessa sociedade era a questão que mais causara furor na hierarquia. O episcopado português nunca se conformou com tal decreto acerca das leis do divórcio. É imperativo dizer que a maior parte dos matrimônios realizados estava sob a égide do culto católico. Por isso, o Professor Doutor Abel de Andrade prossegue sua explicação sobre as leis do divórcio, ratificando a posição da Igreja:

O divórcio é condenado pela Igreja, pelos juristas do Direito Civil e até por congressos científicos sem qualquer caráter religioso. O matrimônio é um sacramento; é indissolúvel. O divórcio é contrário ao sacramento, é incompatível com a indissolubilidade do vínculo; o divórcio, portanto, é um pecado proibido por Nosso Senhor e, por isso, proibido pela Igreja. Perguntando os fariseus a Jesus Cristo se era lícito ao homem repudiar a sua mulher por qualquer causa, respondeu: ‘Não lestes: Aquele que criou o homem no primeiro do mundo, criou um homem e uma mulher e disse: por causa disto o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá a sua mulher e serão dois em uma só carne? Assim já não serão dois; mas uma só carne. Portanto, que o homem não separe o que Deus uniu’. E, como lhe observassem que Moisés permitiu o repúdio, Jesus Cristo respondeu: ‘Foi por causa da dureza dos vossos corações. Mas no princípio não foi assim’. (NOVIDADES, 11 dez. 1942)

O tema do divórcio é sempre respaldado com base nas escrituras, e tal articulação de discurso dá ao texto caráter de “decreto”. Como nota-se na sequência:

Como se vê Jesus Cristo não fez legislação nova sobre a indissolubilidade matrimonial. Mandou aplicar a lei natural. Elevou o casamento a dignidade de sacramento; dignificou-o, mas não modificou a sua natureza. Como sintetiza São Tomás de Aquino: ‘O matrimônio, na intenção da natureza, é ordenado à educação da prole, não por algum tempo, mas por toda a vida...’ E uma vez que a prole é bem comum do homem e da mulher é necessário que a sua sociedade permaneça em perpétua unidade segundo o ditame da lei da natureza. (NOVIDADES, 11 dez. 1942)

No entusiasmo das palavras, o Doutor Abel de Andrade fala da indissolubilidade do vínculo matrimonial, afirmando que tal indissolubilidade era uma necessidade social. A ordem natural dos sujeitos e das coisas, o caminho simétrico dos indivíduos só poderia estar



assentado num Estado com famílias consolidadas, e não em um Estado que permitisse o escárnio do divórcio. Por isso prossegue:

O falecido Professor Doutor José Tavares, intransigente adversário do divórcio, entendia que, embora o casamento fosse contrato, não podia ser dissolvido senão por morte de um dos cônjuges. Assim o exigia a importância do casamento que excedia infinitamente a das negociações correntes da vida judiciária, porque eram todos os contratos a vontade humana tem por limite as barreiras do interesse geral ou da ordem pública. Nos últimos anos apareceu a doutrina do casamento-instituição em oposição ao casamento-contrato. (NOVIDADES, 11 dez. 1942)

Na sociedade do casamento-instituição ou do casamento-contrato, a autoridade marital sobrepunha-se a todo direito conquistado da mulher na Constituição de 1910. Os amplos poderes dados ao marido colocavam-na em completa subalternidade. O marido fora investido de direitos, podendo, em caso de desarmonia conjugal, impedir a mulher de solicitar o divórcio, com apenas um movimento – dirigindo-se a seus patrões e ordenando que ela fosse despedida<sup>164</sup>.

Outro fator que discrimina, subjuga e humilha a mulher é o fato dos contratos trabalhistas. Quem assinava os contratos de trabalho no Estado Novo era o homem e este tinha o direito de rescindi-lo a hora que quisesse<sup>165</sup>. Esse fato impedia e inviabilizava muitas mulheres de denunciarem violência doméstica, maus-tratos, abusos e toda sorte de males que poderiam sofrer dentro de suas casas. A incapacidade financeira, mesmo sob regime trabalhista, colocavam-nas diretamente ligadas e subjugadas ao homem, pois este poderia, se denunciado fosse, extinguir o contrato de trabalho, tirando-lhes o sustento da casa e dos possíveis filhos.

Porém, muitos preferiam fazer o que se tornou prática corrente e, por isso, livre de questionamentos, os maridos optavam na época por receberem o dinheiro da mulher junto ao empregador. Isso era lícito e, portanto, virou recorrente; desse modo, eles acabavam com o bocado de liberdade que a mulher exercia sobre a sua vida. Essas práticas tiravam aos poucos a independência econômica, inviabilizando qualquer sopro de liberdade.

O que ocorria de outras formas e não era menos frequente, eram algumas imposições e regulamentos internos de empresas com relação ao trabalho feminino. Em 1940, uma mulher que exercesse a atividade de telefonista não poderia casar e estava sujeita às penalidades da lei, caso infringisse essa regra. Caso semelhante ocorria com as enfermeiras que também não

---

<sup>164</sup> O Ideal feminino no Estado Novo. Ensina RTP: Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/o-ideal-feminino-do-estado-novo/>

<sup>165</sup> Antes do 25 de abril a mulher ideal era a dona de casa perfeita. Ensina RTP. Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/antes-do-25-de-abril-a-mulher-ideal-era-a-dona-de-casa-perfeita/>

poderiam constituir matrimônio, pois ele não era admitido a uma senhora que exercesse profissões que a tirassem de casa em turnos irregulares e fins de semana. Essas profissões só estariam de acordo com as raparigas solteiras e as mulheres que exerciam alguma profissão que prejudicasse o matrimônio, não poderiam casar ou deveriam fazer sua escolha entre a profissão e o casamento<sup>166</sup>. Constata-se, assim, que a vida privada era, de tal modo, vigiada e controlada, que o público e o privado se confundiam.

A mulher trabalhadora via-se duplamente ameaçada, primeiro pelas condições desiguais de trabalho, a equação entre horas de trabalho e salário jamais fechara, e depois, ameaçada pela perda do emprego, caso quisesse divorciar-se. Os jogos de poder que rondavam a mulher eram opressores, por isso nem sempre era fácil enfrentar os muitos empecilhos que levavam à dissolução do casamento. Os casos de violência doméstica eram costumeiramente colocados para debaixo do tapete. Enquanto isso, as matérias que apareciam nos jornais católicos mencionavam a futilidade dos tempos com as seguintes manchetes: “O Divórcio e os Casamentos Infelizes”, o qual tergiversava, para não falar das muitas violações sofridas pelas mulheres:

Os defensores e as defensoras (empregamos intencionalmente essa palavra para acentuarmos a recente intervenção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas na defesa calorosa do divórcio, que chegaram a qualificar de lei moral) consideram o divórcio o remédio necessário aos casamentos infelizes. É quem – dizem – não há o direito de obrigar a viver conjugalmente unidos homens e mulheres que não se entendem nem podem entender-se, por terem naturezas, ideias e sentimentos completamente opostos, e portanto, inconciliáveis. O direito à felicidade, a que todos aspiram, deve facultar-lhes a separação, desde que a vida conjugal se lhes tornou insuportável. (NOVIDADES, 9 fev. 1947)

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas a que se refere a matéria, juntamente com a Associação Feminina para a Paz, foram importantes núcleos de resistência feminina às políticas do Estado Novo. Lutaram e reivindicaram direitos que foram retirados, como o divórcio, por exemplo, e pleitearam a necessária cidadania para a mulher no que tange à igualdade. Entretanto, essas duas associações também tinham que lutar contra o desmantelamento, pois uma das estratégias da política do Estado Novo era a desarticulação de grupos oposicionistas, contrários a despolitização da sociedade.

Criado o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP) em 1914, e desmobilizado em 1947, era formado pela pequena elite feminina portuguesa letrada. Muito da história do feminismo do início do Século XX pode ser analisado a partir desse grupo. “O

---

<sup>166</sup> Irene Pimentel faz um retrato do Estado Novo. Disponível: <http://ensina.rtp.pt/artigo/irene-pimentel-faz-um-retrato-da-mulher-no-estado-novo/>

feminismo, o pacifismo e o socialismo são três grandes esperanças do nosso tempo; as três forças que, mais hoje, mais amanhã, hão de deitar por terra as funestas instituições de nossos antepassados, libertando-nos de tantos infortúnios”. (GORJÃO, 2002, p. 146).

Maria Lamas (FIADEIRO, 2003) fora a última grande líder do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e foi quem tentou alargar o espaço que esse grupo tinha dentro da sociedade e estendê-lo a outros âmbitos, possibilitando o acesso das poucas jovens raparigas que estavam nas universidades. Dessa forma, em um dos últimos pronunciamentos sobre os objetivos do CNMP, Maria Lamas falara ao Diário de Lisboa:

É bom que homens e mulheres saibam que todas nós compreendemos os problemas adormecidos na raiz de toda a máquina social e que são, nada mais, nada menos, que o sexual e o econômico. [...] Hoje, não há problemas do lar que não sejam problemas sociais, do mesmo modo que não há problemas masculinos e femininos. Simplesmente, muitas vezes, os homens, na elaboração de estatutos sociais, esquecem-se de que é assim e colocam a mulher, que é a sua companheira de trabalho e fadigas, à margem da própria lei. (GORJÃO, 2002, p. 151)

Com essas declarações, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas não lograva bons olhos, e os olhos que tudo viam, respaldados pelos órgãos de censura e pela polícia política conseguiram pôr fim a uma organização que denunciava a condição social da mulher (OSÓRIO, 1911). Fora por isso que o diário Novidades citara, tão enfaticamente, a referência da desinência de gênero no seu texto introdutório acerca do divórcio. O discurso do jornal busca a gênese da questão da liberdade e dos apelos que circundavam a lei do divórcio, como percebe-se:

Esse direito assenta na liberdade individual, cuja perda seria a negação daquele direito. No preâmbulo da lei de 20 de setembro de 1792, elaborada sob os fumos da Revolução triunfante, e pela qual foi introduzido o divórcio no direito francês, dizia-se: - ‘Considerando que importa fazer gozar aos franceses da faculdade do divórcio, resultante da liberdade individual, que seria perdida por um contrato indissolúvel. Na base desta ideia, que da França irradiou para outros países europeus, está o veneno do satânico reformador J.J. Rousseau, o qual ensinara: - ‘O homem nasceu livre’ e renunciar essa liberdade seria renunciar à pura qualidade do homem’. (NOVIDADES, 9 fev. 1947)

O deslumbramento com a teoria da liberdade, segundo a matéria de capa, fez com que muitas questões importantes da vida familiar estivessem em risco, porque o matrimônio:

Não comporta leviandades comprometedoras da sua finalidade – procriação, o auxílio mútuo e o bem estar social ou da sua natureza – a indissolubilidade. Antes que cases, olha o que fazes – adverte a sabedoria popular – e por estas palavras se quiserem significar as cautelas com que o passo do casamento deve ser dado. A instituição do divórcio suscita, só por si, a falta de cuidado na realização desse ato: -

Como antecipadamente se sabe que é dissolúvel, e que, em qualquer altura, os esposos podem separar-se, não interessa já cerca-lo de garantias que lhe assegurem a felicidade procurada, nem a durabilidade, e vai-se para o casamento, não com quem reúna as qualidades essenciais para poder constituir companhia por toda a vida, mas com quem calha, com a mesma simplicidade com que se faz uma experiência. (NOVIDADES, 9 fev. 1947)

Fora com esses pressupostos que os deputados católicos começaram uma marcha, desde o início dos anos 1930, para restringirem as razões pelas quais poderiam os indivíduos entrarem legalmente com o pedido de divórcio. Irene Pimentel (2015, p. 263) observa que “em 1935, tinha sido proposta, na Assembleia Nacional, uma lei que suprimia o divórcio por mútuo consentimento, regulado pelo decreto republicano de 3 de novembro de 1910, e limitava as causas que o possibilitavam”.

Para as Evas (JARDIM, 2006), alusão à primeira pecadora do cristianismo, a lei era deveras dura: só poderiam pedir o divórcio mediante escândalo público de adultério, completo desamparo da mulher ou com concubinato, ao passo que os Adãos, também uma referência ao primeiro pecador do cristianismo, poderiam pedir divórcio em qualquer situação de adultério. Entretanto, o grande golpe para os direitos das mulheres teria vindo com a Concordata de 1940, que tornou indissolúveis as uniões com culto católico; na prática, proliferaram-se os casos de mancebia. Os cônjuges que se separavam não davam início às divisões legais de bens e pessoas, gerando situações de concubinato e união livre. “Estas situações, conforme descreveu Elina Guimarães, de comuns e inevitáveis, tornaram-se socialmente aceites, resultando daí certo descrédito do casamento” (PIMENTEL, 2015 p. 264). Desse modo, as páginas do diário Novidades invocam as imposições de um casamento que o divórcio acaba por suprimi-las, conforme explicita:

Depois há a considerar também que o divórcio diminui quando não extingue, o espírito de sacrifício, que deve estar na base do casamento, e, com essa extinção, desaparece a paciência com que deve tolerar-se os defeitos recíprocos, excita-se a irritabilidade por questões mesquinhas e levantam-se tempestades num copo de água, por pequeno que seja. Recurso para todos esses males é só dar uns passos e procura-lo no tribunal, através de um bom advogado – é o divórcio. Causas suficientes para o obter, se alegam não chegou, arranjam-se outras, mais graves – sevícias, adultério – até atingirem o valor jurídico que possa assegurar a decisão apetecida. (NOVIDADES, fev. 1947)

Com esse tom de sacrifício no matrimônio, a Coluna Feminina do diário Novidades traz um inquérito, aliando matrimônio e divórcio através da fala de uma leitora. C., como será chamada é apresentada como uma jovem operária casada. Conforme o texto, é um exemplo de esposa e mãe, por isso pareceu bem mostrar o que C. pensa do matrimônio e do divórcio,

embora sejam ressaltadas as qualidades das leitoras, que, ao fim e ao cabo, têm um nível social e cultural mais elevados que C., segundo informa o inquérito. Iniciado o inquérito, ela é interrogada sobre o que pensa do matrimônio, ao que responde:

- Ai meu Deus! De certo não sou capaz de dizer nada de jeito. Bem: Eu experimento: mas se calhar tenho de começar pelos meus quinze anos. Foi nessa idade que dei pela minha sombra. Embora não começasse logo a namorar, pensava nisso com entusiasmo. Idealizava para noivo um rapaz bonito, elegante e com ares de herói de cinema. Quando alguma vez chegava ao meu pensamento a ideia do casamento, não sentia que fosse um acto de responsabilidade. Ora, se não me der bem, divorcio-me pensava. Tinha esta opinião por duas razões: 1º porque não conhecia Deus; 2º porque a minha falta de experiência me fazia considerar esta solução muito simples. Que infeliz eu seria hoje se Deus não me põe no caminho uma companheira católica. (NOVIDADES, 23 out. 1950)

A presença da amiga católica fora um divisor de águas na vida de C., que lentamente vai aprendendo a valorizar outros atributos em um homem, que poderá ser o futuro marido. Por isso, ela relata que a amiga ouvia-a pacientemente e depois mostrava-lhe o que buscar num bom pai de família:

O meu modelo de noivo mudou. Já não queria saber de beleza, nem de elegâncias. O que passou a interessar-me foi a honradez e o amor ao trabalho. O meu marido tinha de ser um homem honesto, trabalhador e temente a Deus. Encontrei-o. Sou muito feliz porque ele é bom. Mas, também, porque procuro fazer como Deus manda. Obedeço-lhe. Trato-o muito bem e também o pequeno. Estou sempre pronta para o acompanhar. Combinamos não ir a divertimentos um sem o outro e assim fazemos da melhor maneira de não sofrermos tentações. (NOVIDADES, 23 out. 1950)

As mudanças de paradigma fazem parte também de uma sociedade inclinada em exaltar as qualidades de alguns hábitos, combatendo outros. A vadiagem fora sistematicamente perseguida, assim como os hábitos da beberagem (MATOS, 2000). Dessa forma, o ébrio figurava como uma aberração social, uma vez que a modernidade que grassa nas cidades está diametralmente oposta às práticas boêmias. Apoiados em teorias científicas de higienização, as cidades e os sujeitos foram reformulando-se e a pobreza fora associada à devassidão, à vadiagem e ao consumo exagerado de álcool.

Não obstante, o homem que povoa a imagem cristalizada da mulher que respondeu ao inquérito é o oposto do homem boêmio. Esse discurso perpassa uma série de exigências sociais que também foram destinadas aos homens. O pai de família também deveria estar sintonizado com seu lugar na sociedade, e o seu lugar era o de provedor. O provedor também deveria ser responsável pelo matrimônio, evitando a dissolução do casamento pelo divórcio.

“Sim! O divórcio é uma calamidade nacional”... Com esse título, na matéria de capa, o diário traz mais um texto do professor doutor Abel Andrade. Na introdução do seu discurso, Abel Andrade louva a iniciativa do Jornal O Século em ter publicado matéria sobre o divórcio, com o mesmo título, ratificando a calamidade que se instalara, imposta pelas leis do divórcio. Como o Jornal O Século filiava-se à outra vertente do jornalismo, Abel Andrade observa:

Se O Século escreve a epígrafe por ironia, nós sentimos dolorosamente a triste realidade que ela traduz. O divórcio desorganiza a família, faz a infelicidade dos cônjuges, aumenta o número de loucos e suicidas, abandona ou perturba gravemente a educação da prole, diminui a natalidade e aniquila a condição necessária duma sociedade relativamente perfeita – a estabilidade da família. Mas O Século insiste ainda na defesa do divórcio que considera válvula de segurança para evitar a deletéria influência dos cônjuges que não possuem a noção de família, nem a compreensão dos seus deveres para com os filhos. Apreciemos alguns novos aspectos do problema versados no referido artigo. (NOVIDADES, set. 1942)

Abel Andrade tece seus comentários a respeito do artigo publicado no jornal O Século e uns dos argumentos rebatidos fora a questão dos filhos e a questão dos não católicos. A matéria coloca em causa a questão do matrimônio católico, advogando que os que não professam a mesma fé, não podem ser obrigados a ficarem casados contra a sua vontade. No tocante aos filhos, a argumentação circunda as questões de abandono e a gama de filhos ilegítimos que havia no país.

É preciso pontuar que um filho tido em concubinato não poderia levar o nome do pai, ficando apenas com o nome da mãe no registro, o que se tornara um outro elemento de exclusão da mulher na sociedade, a mãe solteira ou a mulher que vivia amancebada era invisibilizada, só citada para mostrar o mau exemplo.

Abel Andrade, ainda menciona o estudo realizado pelo Dr. Augusto de Oliveira, que durante quinze anos fora responsável pelo serviço de assistência aos menores, para corroborar a tese que o divórcio era extremamente danoso para a sociedade; esse afirmava que “as pobres crianças vão de um cônjuge para outro, de um falso pai para uma falsa mãe, e, na verdade, nenhum quer saber delas”. Ainda em resposta ao Jornal O Século, acusado de fazer apologia ao divórcio, Abel Andrade escreve outra matéria com o título “As realidades mandam... que o matrimônio seja indissolúvel”, acentuando:

Insiste O Século na defesa da sua tese. No artigo de fundo *realidades mandam*, publicado no número de 5 do corrente, faz apologia da lei do divórcio, diploma reparador de tanta ilusão perdida, de tantas tempestades conjugais, de tantas catástrofes familiares, atentatórias da lei moral, do sossego do espírito a que todo ser humano tem direito, de tanta situação irremediável dentro dum círculo fechado,

como é o casamento indissolúvel; dessa lei que trouxe a tantos inadaptados, a tantos imprudentes e tantos mistificados a única porta por onde podiam fugir a um drama e a um cativo eterno. (NOVIDADES, dez. 1942)

O jornal O Século recorre as realidades e profere:

Quando o perfeito sentimento das realidades impôs a sua tirania, a dissolução dos casamentos falhados teve de ser consentida, não por espírito de perseguição ou de reação contra este ou aquele credo religioso, mas por necessidade moral, por imperativa imposição de uma consciência coletiva, que presa acima de tudo o reconhecimento dos direitos que a cada um devem ser atribuídos e por ele se sabem até serem alcançados. (NOVIDADES, dez. 1942)

Os argumentos apontados pelo jornal O Século são veemente refutados por Abel Andrade, e nesse sentido, ele enfatiza:

Contra O Século sustentamos que as realidades mandam que o matrimônio seja sempre indissolúvel. A tese da indissolubilidade matrimonial não assenta na poeira das bibliotecas, nem no recheio dos arquivos, nem em augustos focos de erudição, ou no bafio de alfarrábios dourados, mas, sim, na observação de fatos individuais, familiares e sociais, nas próprias realidades expressas por vezes em número de estatística. Não pode contestar-se que a indissolubilidade matrimonial fortalece a organização da família, concorre para a felicidade dos cônjuges, favorece a educação dos filhos, assegura a prosperidade e a salvação do Estado. Ao contrário, a lei do divórcio desorganiza a família, faz a infelicidade dos cônjuges, abandona ou perturba a educação dos filhos, compromete o bem estar da sociedade e abate o próprio poder do Estado. Não fazemos afirmações que possam esvaír-se como poeira dos caminhos, porque elas representam simples conclusões das realidades que todos observamos.

Na constituição política da República Portuguesa a família ocupa um lugar primacial. Ao Estado português interessa a constituição e a defesa da família, porque a família é a fonte de conservação e desenvolvimento da raça, porque a família é a base primária da educação e da disciplina social, porque pertence primitivamente à família o direito de eleger as juntas de freguesia, porque compete obrigatoriamente à família a educação e a instrução da prole e com a família, no exercício desta função, têm de cooperar os próprios estabelecimentos oficiais e particulares. Pois bem. A Constituição e a defesa da família, que o estado pretende assegurar, é gravemente comprometida e eficazmente prejudicada pelo divórcio. A firmeza do vínculo conjugal faz os matrimônios absolutamente seguros, constitui e organiza em lares sólidos a família. A probabilidade e até simples possibilidade do divórcio torna o laço nupcial inconsistente ou pelo menos objeto de ansiedade e suspeitas, enfraquece e desorganiza a constituição da família. Como observa Augusto Comte, cujo o positivismo não deve ser tão indiferente à doutrina das realidades de O Século, 'a simples ideia de mudança convida, incita, provoca o divórcio'. (NOVIDADES, dez. 1942)

Embora a lei do divórcio não tivesse sido absolutamente vetada (o que determinava era o casamento realizado em culto católico), muitos impeditivos para que a mulher pudesse levar a cabo uma situação que requeresse o divórcio foram verificados. Entre a teoria e a prática, havia um fosso. As mazelas que acometiam as mulheres em uma união indesejada eram imensas e, na prática, pouco poderiam fazer, pois os limites do Estado eram bem

conhecidos, e na fronteira das conjugalidades, as mulheres deveriam acatar as ordens e estar de acordo com o homem, chefe da família.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chama-se Esperança a mulher de pouco mais de trinta anos, sem os dentes da frente, mal cuidada, vestida de preto, que está sentada junto da porta, numa casa construída sobre uma pequena elevação de terreno, a dois passos do caminho. Impressiona logo que se vê. Devia ter sido bela. Os olhos enormes, muito escuros, têm estranho fulgor. O cabelo, negro, se estivesse penteado faria realçar, ainda as feições morenas, irregulares, mas singularmente expressivas. Tem as faces chupadas e um ar fatigado. É inteligente, com certeza. Casada e mãe de cinco filhos. O marido é pedreiro e trabalha para os lados de Setúbal. Há dois anos que não vem em casa. (LAMAS, 2003, p. 72)

Esperança fora fotografada para a obra “As mulheres do meu país”, de Maria Lamas, que fez, entre 1948 e 1950, uma incursão por Portugal, visitando as diferentes regiões e mostrando as muitas mulheres e seus mais diversos modos de vida. Essa obra, que poderia ser adquirida através de fascículos, conforme o interesse pela região que o leitor tivesse, fora uma das faces de enfrentamento ao regime, pois mostrava o que a propaganda nacionalista da pujança e o jornalismo censurado escondiam. As realidades cartografadas por Lamas constituíam-se em realidades que destoavam das publicações analisadas nessa investigação, que privilegiou a imprensa católica.

Mostrar a diversidade, contrapondo o discurso hegemônico, fora a tônica do livro “As mulheres do meu país”. Essa publicação desfazia a ideia da uniformidade feminina que a grande imprensa mostrava. Dentro das classificações (ALMEIDA, 2010) que Maria Lamas fizera e organizara seu livro, as ocupações femininas foram o mote de cada capítulo, mostrando que muitas respondiam sozinhas pelas suas casas, mesmo tendo um chefe de família a distância. O paradoxo reside aí, as inúmeras “ocupações” femininas detalhadas por Lamas confrontam-se com o ideal da mulher no lar ou para o lar, o que faz crer num amplo contingente feminino fora do escopo da norma divulgada nos *media*.

A epígrafe que abre as últimas considerações desse estudo mostra-se como o antagonismo do que foi ler todos os textos dos capítulos dessa tese, e isso também pauta o ato de confirmar ou não a hipótese inicial e os objetivos. Do olhar diverso de Maria Lamas, parte-se para o encaminhamento das possibilidades de respostas aos objetivos propostos. Como um dos exercícios dos historiadores é voltar ao passado com perguntas do presente, olha-se esse passado para, de alguma forma, perceber a influência dos discursos religiosos e conservadores sobre as mulheres, em Portugal, que persistem e formam, ainda na atualidade, as desigualdades.

A questão que está posta na introdução dessa investigação manifesta o intento de analisar o discurso lido, relido e repetido como formador de um tipo feminino que, além de

mãe e esposa, é católica e ama a pátria. Esse discurso reiterado na cultura<sup>167</sup>, e divulgado na imprensa, cria e acentua os marcadores de diferença<sup>168</sup>, embasando teses, estudos e opiniões que ganham o estatuto de verdade para a mulher. As mulheres más diferentes das boas.

Para formular um pensamento do que se esperava da mulher, os jornais e revistas não pouparam “verdades” sobre o feminino. Na elaboração de um pensamento, circunscrito e respaldado pelos discursos jurídicos, médicos e religiosos, a mulher, alardeada na imprensa, era portadora da fragilidade, portanto deveria ser tutelada pelo pai e posteriormente pelo marido.

Não é tarefa fácil buscar a história do feminino, pois sobre as mulheres ainda paira a compleição do seu corpo, um corpo historicamente marcado pelo biológico, como fruto dos males da humanidade, portanto um corpo que oscila entre silêncios e gritos. Um corpo, com a “carne mais barata do mercado”, se pensadas todas as lutas que se trava ainda na contemporaneidade nos aspectos de violências, que são múltiplas, e todas marcam o lugar da experimentalidade do corpo modificado e moldado.

Em articulação com seu tempo histórico, esse corpo estará ora escondido, ora mostrado. Se for para controlá-lo, ele terá os mesmos movimentos de ocultação e aparição, pois os discursos sobre as mulheres a mostram, para esconder. Diz-se o que deve ser feito, sentido e mostrado, para a reclusão no interior da domesticidade, conceito que fora trabalhado desde o início da escrita.

Esperança, a alentejana descrita por Lamas, mostra o peso do cotidiano para muitas mulheres. A visão da mulher que, à espera do marido, perde o viço que poderia ter ou que já tivera é uma imposição reveladora. Seu corpo é depositário das inúmeras gestações, das mazelas de um Portugal pobre, oposto das receitas e preceitos formulados na imprensa para a mulher. É, portanto, um corpo que urge do passado no presente, pois posto aqui, mostra-se como um corpo diferente do apresentado nas inúmeras matérias que privilegiavam os artifícios cosméticos para a manutenção de um corpo feminino desejável.

Entretanto, qual a relação entre Maria de Lourdes Pintasilgo, a engenheira católica que chega à primeira Ministra, que da infância preserva seu caderno da matéria nacionalista e que escreve o prefácio das “Novas Cartas Portuguesas”, com as católicas anônimas que eram as

---

<sup>167</sup> LIMA, Carlos Henrique Lucas; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. Em defesa de uma escrita literária fora do armário. *Aedos: Revista do Corpo Discente do PP-G História da UFRGS*. Porto Alegre, n19, p24-36, dez 2016

<sup>168</sup> COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. *Revista Contemporânea* v3, n2, p405-427, jul/dez 2013, pg 410

leitoras das revistas religiosas e com a última citada, Maria Lamas? Há tantos paradoxos nessa questão, próprios do que é estudar as humanidades.

Maria de Lourdes, que renegara o termo feminismo, escreve o prefácio de uma obra conhecidamente feminista e erótica, dirigida para mulheres. Esse exercício de elaborar um estudo recai sobre os movimentos que a história faz e como ela modifica os sujeitos. Se, em determinados momentos algumas mulheres absorveram o discurso de “a cada um o seu lugar”<sup>169</sup>, em outros, elas gritaram unidas, e o que as une a Maria Lamas, conhecida jornalista que, pelo enfrentamento que fez ao governo de Salazar, fora encaminhada ao exílio. Acaso, os jornais falavam sobre esses tipos femininos?

Percebe-se que havia mais silenciamentos sobre o outro do que se supõe, o que não ocorrera com a elite feminina católica formada para ser um escol. Essas senhoras católicas eram sempre lembradas pela imprensa, o que reiterava recorrentemente o caráter de distinção que as senhoras católicas tinham. Esse escol, na sociedade patriarcal de Salazar, irá ter alguns poderes. Ao absorver o discurso da Igreja e do Estado e com ele comungar, algumas mulheres definiram as políticas e o futuro de outras mulheres.

Ainda que esse pensamento sobre a mulher esteja na perspectiva de um pensamento colonizado, mulheres que aceitam a essencialização feminina farão parte do governo, mudando a realidade das políticas voltadas para as mulheres, sobretudo no âmbito da educação. E isso será uma inovação do Estado Novo, contudo há a tensão social do aceite e do não aceite, do dito e do não dito, do controlado e do não controlado, não apenas dicotomicamente, pois há espaços negociáveis. A volta da mulher ao lar, por exemplo, é mais direcionada às elites urbanas, não se aplica completamente à mulher rural. De outra borda, há também um apagamento dessa mulher rural, o seu árduo trabalho é pouco mencionado nas fontes que se acessou.

Não falar em sujeitos, torná-los invisíveis e dar a eles o não diálogo fora sistematicamente praticado pela política do Estado Novo. Hoje sabe-se que existiam muitos não ditos, através de uma censura que, na maior parte do tempo, fora eficaz. Esse obscurantismo também é corroborado pela presença da polícia política. A PIDE, segundo Irene Pimentel (2007), fora menos eficiente em matar, não que não tenha matado, mas fora extremamente eficaz em criar a política do medo. A tortura do sono, método tido como um dos mais brutais, realçava o imaginário, fazendo com que o silêncio do outro, ou daquele que é diferente do que se quer, prevaleça. Por isso a clandestinidade fora o espaço para todo

---

<sup>169</sup> Pensamento do Ministro da Educação Nacional Carneiro Pacheco, proferido em diversos discursos.

pensamento divergente, e a troca de nomes, uma realidade. Nomes e mais nomes engrossavam as listas dos agentes da PIDE, diferente dos nomes que eram mencionados na seção dos jornais católicos, como forma de distinção social.

Nomes, como afirma Jorge Luís Borges, são carregados de significações históricas, portanto os nomes que são vistos reincidentemente nas páginas dos jornais dedicados ao público feminino comprovam que esses significados irão sendo introduzidos na sociedade estado-novista. “A mulher-mãe”, “a mulher educadora”, “a mulher cristã”, “a mulher que preserva seu matrimônio”, “a mulher que combate o divórcio”, “a volta da mulher ao lar”, “a imprensa católica: fonte da mais sagrada informação, enquanto o homem guerreia, uma cruzada necessária”, “a lei moral é universal”, “a função das elites”, “luta ou cooperação de classes”, “Juventude Católica Feminina”, “A Pátria e a Mulher”, “O pensamento católico” e “O perigo comunista” são títulos de matérias que trazem nomes e conceitos, carregados de significação, repetidos recorrentemente.

Por outro lado, a repetição como ação formativa da mulher católica, através das matérias do periodismo religioso, tem algumas oscilações nas pautas e agendas para o feminino, e isso se dá de acordo com o momento político. Verificou-se que nos anos trinta, a pauta para as mulheres era mais voltada a trabalhos manuais, receitas e moldes de roupas, o que muda nos anos quarenta, os quais introduzem os debates sobre o divórcio, e que à medida que a década avança, irão centrar seu olhar sobre as maternidades, manifestando, dessa forma, a urgência histórica que havia nessa questão, pois as altas taxas de mortalidade infantil eram expressivas e os baixos índices demográficos eram alarmantes.

Os anos cinquenta floresceram como os anos que marcam a mulher que ama a pátria, tema que se situa nas grandes crises do regime, que tem nesse momento as acusações da oposição sobre eleições fraudadas. Esses boatos fazem o regime utilizar uma série de subterfúgios para a manutenção do poder, e uma das perspectivas de Salazar é a propaganda positiva que algumas mulheres católicas lhe prestavam. Nessa década, a mulher católica que ama a pátria aparece como a devota de António Oliveira Salazar.

Os anos sessenta aparecem como a década em que a coluna irá desvanecendo-se, irá perdendo fôlego. Maria de Carvalho, que esteve à frente da coluna feminina do Jornal Novidades irá deixá-la, e com isso, a coluna perde em alguns anos o caráter semanal, ficando, em alguns momentos, de forma quinzenal. Os temas ainda perpassam as principais vertentes das questões que foram desenvolvidas ao logo da presente tese, entretanto com menos ênfase e imposição. A coluna volta os olhos à questão religiosa com mais frequência e ganha uma diagramação mais moderna, de acordo com a década de sessenta. Aos poucos, temas políticos

serão menos evidenciados, o que se situa em um movimento de não identificação direta com o regime. Todavia, o *Jornal Novidades* ficara tão atrelado ao Estado Novo que quando os capitães de abril tomam as ruas, é uma das primeiras tipografias a serem fechadas. Pela identificação e propaganda positiva do governo de António Oliveira Salazar, fica conhecido como símbolo da imprensa católica com cariz autoritário.

As revistas *Alleluia* e *Stella*: a revista da mulher católica, usadas como fontes de suporte complementar, investem em temas relacionados ao matrimônio, divórcio e maternidades, mudando as perspectivas de acordo com as novas tendências da época. Embora os cerne das questões mantenham uma coerência com os papéis sociais das mulheres, admoestam a mulher católica, lembrando-lhes as atribuições do feminino e de sua função a serviço da Igreja.

Nessa guisa à conclusão, tem-se muitas observações a fazer como forma de desfazer qualquer mal entendimento. Em nenhum momento essa investigação quis fazer juízo de valor sobre a fé dos sujeitos, se bom ou ruim; todavia, com o avanço das leituras e acesso à documentação, percebeu-se e reafirmou-se que franjas do catolicismo português foram fulcrais para o regime. Outras, como o valente Padre Abel Varzim, um personagem que à medida que foi se descobrindo, fora despertando paixões avassaladoras pelo seu papel social, pelo tratamento que dispensou às prostitutas e aos trabalhadores, na mesma dosagem de respeito e carinho, manifestando, desse modo, que sim, o catolicismo português fora plural, que existira vários períodos de tensões entre episcopado, padres e fiéis.

Outra vertente dessa pesquisa inscreve-se no pensamento formulado a partir dos discursos da imprensa católica, e esse vértice oscilou, mas tivera função pedagógica para as mulheres, criara os ideais da Mulher-Mãe e da docilidade feminina e influenciara muitas portuguesas. As mulheres desse país, fazendo alusão à obra de Maria Lamas, eram diversas, nem todas eram dadas a conhecer e suas realidades eram sistematicamente encobertas. Entretanto, Maria de Lourdes Pintasilgo, a Primeira Ministra católica, preside várias comissões relativas à situação das mulheres em Portugal e muda, juntamente com outras mulheres, a perspectiva das políticas voltadas à mulher.

Portanto, o trabalho aqui findo é o esforço de pensar as dicotomias, pluralidades, intersecções e políticas que conformam o gênero e suas interfaces.

Todavia, mesmo que findo, ele conta a história de uma esquina, para mencionar as esquinas postas na introdução dessa investigação. Acredita-se que a partir dessa pesquisa possam surgir outras problemáticas para a autora em pesquisas futuras e também para outros investigadores que queiram estudar os temas: mulheres, catolicismo e Estado Novo.

## REFERÊNCIAS

- ADÃO, Áurea (dir.). **A Educação nos artigos de jornal durante o Estado Novo (1945-1969)**: um repertório cronológico, temático e onomástico. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal, 2011.
- \_\_\_\_\_; REMÉDIOS, Maria José. A narratividade na 1ª fase da governação de Oliveira Salazar: a voz das mulheres na Assembleia Nacional Portuguesa (1935-1945). **Revista Lusófona de Educação**, [s.l.], v. 5, p. 85-109, 2005.
- AFONSO, Alice Maria Tomás. **Trabalho doméstico no jornal “Voz das criadas”**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas)–Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas. Aveiro, 2012.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 79-100, jan./dez. 2004.
- \_\_\_\_\_. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru/SP: Edusp, 2007.
- ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas**: mulheres da colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: UnB, 1993.
- ALMEIDA, Ana Nunes de. Trabalho feminino e estratégias familiares. **Análise Social**, Lisboa, v. XXI, n. 85, p. 7-44, 1985.
- ALMEIDA, Cybele Crossetti. A caixa de Pandora: um olhar sobre os mitos e os medos na representação da mulher. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.15, n. 2, p. 67-79, jul./dez. 1990.
- ALMEIDA, Jane Soares de. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 197, p. 5-15, 2000.
- \_\_\_\_\_. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 79, n. 191, p. 31-41, jan./abr. 1998.
- ALMEIDA, João Miguel. A oposição católica ao Marcelismo. **Lusitania Sacra**, Lisboa, 2ª série, n. 16, p. 273-293, 2004.
- ALMEIDA, Luciana de Andrade de. As mulheres do meu país: a viagem de Maria Lamas ao encontro das trabalhadoras portuguesas (1948-1950). **Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos**. 2010, p. 1.
- ALMEIDA, Rita Carvalho de. **António Oliveira Salazar, Manuel Gonçalves Cerejeira**: correspondência política (1928-1968). Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2010.

ANJOS, Anselmo Esteves dos. **O padre Abel Varzim e o sacerdócio ministerial no contexto da “Procissão dos Passos – uma vivência no Bairro Alto”**. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Teologia)–Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia. Porto, 2014.

ANTES do 25 de abril a mulher ideal era a dona de casa perfeita. **Ensina RTP**. Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/antes-do-25-de-abril-a-mulher-ideal-era-a-dona-de-casa-perfeita/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

ARAÚJO, Helena. Precocidade e retórica na construção da Escola de Massas em Portugal. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, n. 5, p. 161-174, 1996.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARQUIVO SALAZAR. **1ª Jornada das Mães de Família**: A maternidade honra e glorifica a mulher. Publicação do Ministério do Interior (sub-secretariado de Assistência Social), 2011. Disponível em: <<http://arepublicano.blogspot.com.br/2011/04/maes-de-familia-no-estado-novo.html>>. Acesso em: 23 maio 2015.

AZEVEDO, Ana Carina. Discurso colonial do Estado Novo na Imprensa das Organizações Femininas do Regime: a Menina e Moça e a Presença. **Ler História**, Lisboa, n. 60, p. 115-131, 2011.

AZEVEDO, Cândido de. **A censura**: de Salazar a Marcelo Caetano. Lisboa: Caminho, 1999.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAPTISTA, Virginia. **Proteção e direito das mulheres trabalhadoras em Portugal 1880-1943**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais; Universidade de Lisboa, 2016.

BARRADAS, Ana. **As clandestinas**. Lisboa: Ela por Ela, 2004.

BARRENO, Maria Isabel. **A imagem da mulher na imprensa**. Lisboa: Comissão da Condição Feminina/Ministério dos Assuntos Sociais, 1976.

BARRETO, José. Adérito Sedas Nunes e o Bispo do Porto em 1958. **Análise Social**, Lisboa, v. XLII, n. 182, p. 11-33, 2007.

\_\_\_\_\_. Comunistas, católicos e os sindicatos sob Salazar. **Análise Social**, Lisboa, v. XXIX, n. 125-126, p. 287-317, 1994.

BELEZA, Teresa Pizarro. **Direito das mulheres e da igualdade social**: a construção jurídica das relações de gênero. Coimbra: Almedina, 2010.

BELO, Ruy. **Todos os poemas**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004. v. 1.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby C. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o integralismo e o problema de descendentes de italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85-101, 2001.

BLOCK, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Tradução de Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: 34, 1995.

BORDO, Susan. A feminista como o outro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 10-29, 2000.

BORGES, Maria de Lurdes Teixeira. A escolarização da mulher em Portugal de 1900 a 1926. 2011. 617 f. Tese (Doutorado em Teoria e História da Educação)–Universidade de Salamanca, Departamento de Teoria e História da Educação. Salamanca, 2011.

BRAGA, Isabel Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond. A mocidade portuguesa feminina e a formação culinária em Menina e Moça (1947-1962). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 39, p. 201-226, dez. 2012.

BRANDÃO, Pedro Ramos. **Salazar-Cerejeira: a força da Igreja – cartas inéditas do Cardeal-Patriarca ao Presidente do Conselho**. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

BRASÃO, Inês. **Dons e disciplinas do corpo feminino: os discursos sobre o corpo na história do Estado Novo**. Lisboa: CIDM, 1999.

\_\_\_\_\_. **O tempo das criadas: a condição servil em Portugal (1940-1970)**. Lisboa: Tinta da China, 2013.

BRITO, J. M. Brandão de. Censura. In: ROSAS, Fernando; \_\_\_\_\_. **Dicionário de História do Estado Novo**. Venda Nova: Bertrand, 2001. p. 139-141.

BUARQUE, Chico. Mulheres de Atenas. In: \_\_\_\_\_. **Meus caros amigos**. Rio de Janeiro: Phillips Records. 1976. 1 disco sonoro (34 min 12 seg), estéreo, Lado A, faixa 2 (4 min 27 seg).

BUENO, Juliana Fleig. **A mulher (re)paginada: as representações da “nova mulher” e o discurso da beleza na revista Nova *Cosmopolitan* na década de 1980**. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2013.

BUITONI, Dulcília S. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

BURNEAU, Thomas Charles. Constituição: o caso de Portugal. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 68-73, 1986.

CABRERA, Ana. A censura ao teatro no período marcelista. **Media & Jornalismo**, Coimbra, n. 12, p. 27-58, 2008.



CAMPINA, Ana Claudia Carvalho. **António Oliveira Salazar**: discurso político e a retórica dos direitos humanos Programa de doctorado Pasado y presente de los derechos humanos. Universidade de Salamanca, 2012.

\_\_\_\_\_. Cidadania e Direitos Humanos no Estado Novo. **Journal of Studies on Citizenship and Sustainability**, [s.l.] n. 1, p. 20-31, nov. 2015.

CARVALHO, Rita Almeida. **A concordata de Salazar**. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013.

CEREJEIRA, Manuel Gonçalves. **Obras pastorais (1928-1970)**. Lisboa: União Gráfica, 1954. v. 4.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COLLING, Ana Maria. **A construção da cidadania da mulher brasileira**: igualdade e diferença. 2000. 382 f. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História. Porto Alegre, 2000.

COVA, Anne. **Au service de L'église, de la patrie et de la famille**: femmes catholiques et maternité sous la III république. Logiques Sociales. Paris: L'harmattan, 2000.

\_\_\_\_\_. História da Maternidade: em que ponto estamos? **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 163-185, 1º sem. 2011.

CRUZ, Manuel Braga da. **As origens da democracia cristã e o Salazarismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

\_\_\_\_\_. Notas para uma caracterização ideológica do Salazarismo. **Análise Social**, Lisboa, v. XVIII, n. 72-73-74, p. 773-775, 1982.

\_\_\_\_\_. O Estado Novo e a Igreja Católica. In: ROSAS, Fernando (coord.). **Nova História de Portugal**: Portugal e o Estado Novo (1930-1960). Barcarena: Editorial Presença, 1990.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Intenção e gesto**: pessoa, cor e a produção cotidiana e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.

DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso da Vênus Hotentote. **Fazendo Gênero 8**: Corpo, violência e poder, Florianópolis, 2008.

DIX, Steffen. As esferas seculares e religiosas na sociedade portuguesa. **Análise Social**, Lisboa, v. XLV, n. 194, p. 5-27, 2010.

DUARTE, Vânia. **Memória silenciada**: o percurso feminista de Maria de Lourdes Pintasilgo. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Feministas) - Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Coimbra, 2011.

DUBY, Georges. **A idade média: uma idade do homem**. Lisboa: Teorema, 1988.

\_\_\_\_\_. **O cavaleiro, a mulher e o padre**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

\_\_\_\_\_; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995. v. 5.

ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n. 13, p. 19-29, dez./1995.

ESTEVES, João. Da esperança à decepção: a ilusão do sufrágio feminino na Revolução Republicana Portuguesa de 1910. **História Constitucional**, Oviedo, n. 15, p. 471-507, 2014.

\_\_\_\_\_. **Mulheres e Republicanismo**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2008.

\_\_\_\_\_. Silêncios e feminismos. **Associação dos Professores de História**, Lisboa, [s.d.]. Disponível em: <[http://www.aph.pt/ex\\_assPropFeminina13.php](http://www.aph.pt/ex_assPropFeminina13.php)>. Acesso em: 10 mar. 2016.

FERMINO, Chrystiane Castellucci. **A situação jurídica das mulheres em Portugal no pré e no pós-25 de abril, em especial no âmbito das relações familiares**. 2012. 21 f. Artigo (Especialização em Direitos Humanos)–Universidade de Coimbra, Faculdade de Direito. Coimbra, 2012.

FERREIRA, António Matos; FONTES, Paulo Oliveira. Ação católica portuguesa. In: AZEVEDO, Carlos A. Moreira (dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal: A-C**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2000, p. 9-19, v. 1.

FERREIRA, Elisangela Oliveira. Mulheres de fonte e rio: solicitação no confessionário, misoginia e racismo na Bahia setecentista. **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n. 48, p. 127-171, jul./dez. 2013.

FERREIRA, Virgínia. Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 52/53, p. 199-227, nov. 1998.

FIGUEIROA, Maria Antónia. **Maria Lamas – Biografia**. Lisboa: Quetzal Editores, 2003.

FIDALGO, Lurdes dos Anjos. **(Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva**. 2000. 441 f. Tese (Doutorado)–Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Porto, 2000.

FONTES, Paulo Fernando de Oliveira. A Acção Católica Portuguesa (1933-1974) e a presença da Igreja na sociedade. **Lusitana Sacra**, Lisboa, 2ª série, n. 6, p. 61-100, 1994.

\_\_\_\_\_. A União Noelista Portuguesa: um movimento católico de mulheres. **Revista Faces de Eva**, Lisboa, n. 22, p. 105-123, 2009.

\_\_\_\_\_. **Elites católicas em Portugal: o papel da Acção Católica (1940-1961)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011.

\_\_\_\_\_. Imprensa católica. In: AZEVEDO, Carlos A. Moreira (dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**: C-I. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2000, p. 175-195. v. 2.

FORTE, Isabel. **A censura de Salazar no Jornal de Notícias**. Coimbra: Minerva, 2000.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAMA, Manuel. Da censura à autocensura no Estado Novo. **Universidade do Minho**, Minho, 2007. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28548/4/CENSURA-Col%C3%B3q.Out-07%5Bdef.%5D.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016

GINSBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Tânia Vanessa Araújo. **Uma revista feminina em tempo de guerra**: o caso da “Eva” (1939-1945). 2011. 137 p. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea: Economia, Sociedade e Relações Internacionais) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Coimbra, 2011.

GONÇALVES, Leandro Pereira, OLIVEIRA, Daniela Garces. A Obra *A mulher no século XX* e sua contribuição para a normatização feminina na sociedade portuguesa. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo (orgs.). **Cultura, Corpo e Educação**: diálogos de gênero. São Paulo: Intermeios, 2015.

GUIMARÃES, Elina. A mulher na legislação portuguesa. **Análise Social**, Lisboa, v. XXII, n. 92-93, p. 557-577, 1986.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomáz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-123.

HESPANHA, Antônio Manuel. Os bens eclesiásticos na época moderna, benefícios, padroado e comendas. In: TENGARRINHA, José (org.). **História de Portugal**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: UNESP, 2000. p. 87-104.

HORTA, Maria Teresa; BARRENO, Maria Isabel; COSTA, Maria Velho da. **Novas cartas portuguesas**. Lisboa: Dom Quixote, 1974.

INVERNO, Catarina Raquel Costa. **Mulher no país de Maria Lamas** – A questão sem nome na obra *Para além do amor*. 2010. 71 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre as Mulheres. As mulheres na sociedade e na cultura) – Universidade Nova de Lisboa, 2010.

JARDIM, Rejane Barreto. **Ave Maria, Ave Senhoras de Todas as Graças!** Um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do Século XIII. 2006. 236 f. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História. Porto Alegre, 2006.

JOAQUIM, Teresa. **Menina e Moça: a construção social da feminilidade**. Lisboa: Fim de Século, 1997.

LEAL, Caroline Pereira. **Festas carnavalescas da elite de Porto Alegre: Evas e Marias nas redes do poder (1906-1914)**. 2013. 245 f. Tese (Doutorado em História)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

LIMA, Helena. Meios de censura e formas de condicionamento do jornalismo na ditadura portuguesa. **Revista Media & Jornalismo**, Coimbra, v. 12, n. 23, p. 165-188, 2013.

LIMA, Joelma V. O jornal das senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (RJ, segunda metade do Século XIX). 2012. 191 f. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa; TEIXEIRA, Igor Salomão. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 113-126, 2008.

LOPES, Joana. **Entre as brumas da memória: os católicos portugueses e a ditadura**. Porto: Ambar, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

LOUSADA, Isabel. Escrevendo e bordando, a nação e a bandeira, as palavras e os actos: símbolos e poder pela pena de Adelaide Cabete e Carolina Beatriz Ângelo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, 14., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília; Departamento de Teoria Literária e Literaturas; GT “Mulher e Literatura” da ANPOLL, 2011.

MACHADO, Roberto [*et al.*]. **Danação da norma: Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da Unesp**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.

MARCELLO, Fabiana Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e prática de cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 226-241, jul./dez. 2009.

MARIANO, Fátima. “O silêncio é o mais belo adorno de uma mulher”: mas estiveram as mulheres sempre em silêncio? – A procura da voz das mulheres nos arquivos portugueses. **Conferência no Instituto de História Contemporânea**, Universidade Nova de Lisboa, 2015.

MARQUES, Gabriela Mota. **Cabelos à Joãozinho: a garçonne em Portugal dos anos vinte**. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

MARQUES, Isabel Pestana. **O Estado Novo e a trilogia feminina**: boa esposa, boa dona de casa, boa mãe! 1991. Dissertação (Mestrado em História dos Séculos XIX e XX)– Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 1991.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. O pensamento autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v.13, n. 2, p. 9-30, 2007.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no Século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 645-665, set./dez. 2005.

MATOS, Luís Salgado de. Cardeal Cerejeira: universitário, militante, místico. **Análise Social**, Lisboa, v. XXXVI, n. 160, p. 803-837, 2001.

MATOS, Maria Izilda. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

MATTOSO, José (org.). **História de Portugal**: o Estado Novo. 4. reimpr. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. v. 7.

MAUAD, Ana Maria. Os fatos e suas fotos: dispositivos modernos na produção do acontecimento na contemporaneidade. **Revista do Programa Avançado da Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/os-fatos-e-suas-fotos-dispositivos-modernos-na-producao-do-acontecimento-na-contemporaneidade-de-ana-maria-mauad-2/>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

MEDEIROS, Eduardo Cavalcanti de. O corpo na obra de Michel Foucault. **Pontifícia Universidade Católica**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2010/relatorios/ctch/psi/PSI-Eduardo%20Cavalcanti%20de%20Medeiros.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2010/relatorios/ctch/psi/PSI-Eduardo%20Cavalcanti%20de%20Medeiros.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2015.

MEDINA, João. A democracia frágil: a primeira República Portuguesa (1910-1926). In: TENGARRINHA, José (org.). **História de Portugal**. São Paulo: EDUSC, 2001. p. 297-312.

MENESES, Filipe Ribeiro de. **Salazar**: Biografia Definitiva. São Paulo: Leya, 2011.

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA. Curso de donas de casa. **Boletim Mensal da MPF**, n. 70, 4-5 fev. 1945.

MÓNICA, Maria Filomena. Deve-se ensinar o povo a ler? A questão do analfabetismo (1926-39). **Análise Social**, Lisboa, v. XIII, p. 321-353, 1977.

\_\_\_\_\_. **Educação e sociedade no Portugal de Salazar**: a escola primária. Lisboa: Presença, 1978.

MORAIS, Julierme; DIAS, Rodrigo Francisco. Reflexões em torno do “ofício de historiador” e sua legitimidade epistemológica: o que Veyne, White, Certeau, Gay e Chartier têm a nos dizer? **Aedos**, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 25-41, jan./jul. 2013.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. Mãe é tudo igual?? Enunciados produzindo maternidades contemporâneas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 569-594, maio/ago. 2009.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. **Retratos de mulher**: construções sociais e representações visuais do feminino. Porto: Campo das Letras, 2005.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004.

NETO, Vitor. A questão religiosa na Primeira República Portuguesa. In: MOURÃO, Alda; GOMES, Ângela de Castro (orgs). **A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. p. 137-157.

NOTO, Carolina de Souza. **A ontologia do sujeito em Michel Foucault**. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Filosofia. São Paulo, 2009.

NÓVOA, António. As minhas lições de escola. **Universidade de Lisboa**, Lisboa, 2002. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4814/1/9722411829\\_1\\_2.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4814/1/9722411829_1_2.pdf)>. Acesso em: 23 maio 2016.

NÓVOA, António. Educação Nacional. In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de. **Dicionário de História do Estado Novo**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. p. 286-288. v. 1.

O IDEAL feminino no Estado Novo. **Ensina RTP**. Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/o-ideal-feminino-do-estado-novo/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

O PENSAMENTO de Salazar. Lisboa: Secretariado Nacional de Informação, 1960.

OSÓRIO, Ana de Castro. **A mulher no casamento e no divórcio**. Lisboa: Guimarães & C Editores, 1911.

PEDRO, Isabel Maria Henriques. **A mocidade portuguesa feminina no Liceu Nacional Infanta D. Maria de Coimbra (1948/1974)**: contributo para o estudo da educação em Portugal. 2010. 309 f. Dissertação (Mestrado em Didática da História)-Universidade de Lisboa. Lisboa, 2010.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994.

\_\_\_\_\_. O feminismo de “segunda onda”: corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (orgs). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 238-259.

\_\_\_\_\_. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan./jun. 2011.

PEIXOTO, Maitê. **Identidades figuradas na cultura do trabalho**: a partilha da experiência visual e a construção da identidade operária através da produção imagética vinculada à imprensa operária e sindical no Brasil (1910-1935). 2016. 613 f. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História. Porto Alegre, 2016.

PEREIRA, Maria do Mar. Activismo na “Academia sem Paredes”: (Im)possibilidades de intervenção política em tempos de performatividade e precariedade. **LES: Journal of Lesbian Issues**, v. 3, n. 1, p. 3-13, 2011.

PEREIRA, Maria Paula. A escola portuguesa ao serviço do Estado Novo: as lições de História de Portugal do Boletim do Ensino Primário Oficial e Projeto Ideológico do Salazarismo. **Da Investigação às Práticas**, Lisboa, v. 4, p. n. 1, p. 59-81, 2014.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PESSOA, Ana Maria Pires. **A educação das mães e das crianças no Estado Novo**: a proposta de Maria Vassalo Namorado. 2005. 1.748 f. Tese (Doutorado em História da Educação)-Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Lisboa, 2005.

PIMENTEL, Irene Flunser. A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40. **Análise Social**, Lisboa, v. XXXIV, n. 151-152, p. 477-508, 1999.

\_\_\_\_\_. **A história da PIDE**. Lisboa: Círculo de Leitores, Lisboa, 2007.

\_\_\_\_\_. A situação das mulheres no século XX em Portugal. **Caminhos da Memória**, 7 jul. 2008. Disponível em: <<https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/07/07/a-situacao-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1/>>. Acesso em: 13 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **Cardeal Cerejeira**: o príncipe da Igreja. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.

\_\_\_\_\_. **História das organizações femininas do Estado Novo**. Lisboa: Temas & Debates, 2001.

\_\_\_\_\_. Influências internas e externas na Obra das Mães e na Mocidade Portuguesa Feminina. **Campus Social**, Lisboa, n. 3-4, p. 19-43, 2006-2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudo de gênero e história social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159-189, jan./abr. 2009.

\_\_\_\_\_. (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

PINTASSILGO, Joaquim António de Sousa. Igreja, Estado e família no debate sobre o ensino particular em Portugal (meados do século XX). In: CARVALHO, Carlos Henrique de;

GONÇALVES NETO, Wenceslau (orgs.). **Estado, igreja e educação: o mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX**. Campinas: Alínea, 2010. p. 181-198.

PINTO, António Costa. As elites políticas e a consolidação do salazarismo, In *Análise Social*, Lisboa. **Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**, Lisboa, n. 116-117, p. 575-613, 1992.

\_\_\_\_\_. O corporativismo nas ditaduras na época do fascismo. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 17-49, jan./abr. 2014.

\_\_\_\_\_. O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930 do século XX. In: \_\_\_\_\_; MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (orgs.). **O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 17-44.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, p. 15-23, 2010.

\_\_\_\_\_. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

REIS, Bruno Cardoso. A concordata de Salazar? Uma análise a partir das notas preparatórias de março de 1937. **Revista Lusitania Sacra**, Lisboa, 2ª série, n. 12, p. 185-220, 2000.

REMEDIOS, Maria José. O Jornal católico Novidades: sentido(s) do educar. Comunicação apresentada ao IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado de 2 a 5 de abril de 2002, em Porto Alegre – Brasil. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, PR, n. 6, p. 9-27, jul./dez. 2003.

REVEZ, Jorge. Os vencidos do catolicismo: Do poema de Ruy Belo, Nós os vencidos do Catolicismo (1970), ao problema do vencidismo católico. **Lusitania Sacra**, Lisboa, 2ª série, n. 19-20, p. 399-424, 2007-2008.

REZOLA, Maria Inácia. Católicos, operários e sindicatos. **Lusitania Sacra**, Lisboa, 2ª série, n. 6, p. 101-127, 1994.

RIBEIRO, Silvana Mota; COELHO, Zara Pinto. Imagens de mulheres na imprensa portuguesa. In: FIDALGO, António [et al.], ed. lit. **Repensar os media: novos contextos da comunicação e da informação: actas do Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM)**, 4, Aveiro, 2005 [CD-ROM]. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005.

RODRIGUES, Domingos. **Abel Varzim: apóstolo português da Justiça Social**. Lisboa: Rei dos Livros, 1990.

ROSA, Rita Robalo; PEREIRA: Rui Pedro Gonçalves. **A censura à imprensa no Estado Novo**. Ciências da Comunicação. 2º semestre, 2015. Disponível em: <<https://www.academia>



edu/28786678/A\_Censura\_%C3%A0\_Imprensa\_durante\_o\_Estado\_Novo\_-\_Portugal>.  
Acesso: 13 jan. 2017.

ROSAS, Fernando. **As primeiras eleições legislativas sob o Estado Novo**: as eleições de 16 de Dezembro de 1934. Lisboa: O Jornal, 1985.

\_\_\_\_\_. O corporativismo enquanto regime. In: \_\_\_\_\_; GARRIDO, Álvaro (orgs.). **Corporativismo, Fascismos e Estado Novo**. Coimbra: Edições Almedina, 2012. p. 297-309.

ROUSSEAU, Jean Jaques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.  
SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Livraria Quatro Artes, 1969.

SALAZAR, António de Oliveira. **Discursos (1928-1934)**. 5. ed. rev. Coimbra: Coimbra, 1961.

SALGADO, Plínio. **A mulher no Século XX**. São Paulo: Guanumby, 1947.

SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**: São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SAMPAIO, Paula Faustino. **Mulheres (in)dóceis**: discursos e práticas de mulheres na Vila de Cabaceiras – PB, 1930-1949. 2009. 157 f. Dissertação Mestrado em História–Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em História. Recife, 2009.

SANTOS, Paula Alexandra Fernandes Borges dos. **A política religiosa do Estado Novo (1933-1974)**: Estado, Leis, Governação e Interesses Religiosos. 2012. 583 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea) – Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, 2012.

SANTOS, Rogério. O jornalismo na transição do século XIX para o XX. O caso do diário Novidades (1885-1913). **Media e Jornalismo**, Coimbra, v. 9, n. 9, p. 89-104, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A vadiagem e sua inscrição nos corpos. **Revista de História, Ciências e Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 785-790, 2004.

\_\_\_\_\_. As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O Contexto Brasileiro. In: \_\_\_\_\_; QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996. p. 147-185.

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

\_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Álvaro Ferreira; AMARAL, Luciano do. A economia portuguesa na primeira república. In: AMARAL, Luciano (org.). **Outubro: a revolução republicana em Portugal**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 1-2.

SILVA, Filomena Maria. A educação cívica em Portugal desde a I República ao final do Estado Novo. **Sociedade Brasileira de História da Educação**, Uberlândia, MG, s. d. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/7141.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

SILVA, Maria Regina Tavares da. **Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911)**. Lisboa: Comissão para a Igualdade de Género, 2013.

\_\_\_\_\_. Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX. **Análise Social**, Lisboa, v. XIX, n. 77-78-79, p. 875-907, 1983.

SILVA, Mario Fábio da. Damas e donas de si: leituras de “Minha Senhora de Mim” de Maria Teresa Horta e “Minha Senhora de Quê” de Ana Luísa Amaral. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 9-20, 2013.

SILVA, Natália Ubirajara. Religião e ideologia em Ruy Belo: alguns apontamentos. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 12, p. 137-150, 2014.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Unesp, 2008.

SISSA, Giulia. Filosofias do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1993. v. 1. p. 79-123.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 218-237.

SOUSA, Maria Reynolds de. **A concessão do voto às portuguesas**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2006.

\_\_\_\_\_. As primeiras deputadas portuguesas. In: UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Instituto de História Económica e Social. *A mulher na sociedade portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de História Económica e Social, 1986. p. 427-444. v. II.

\_\_\_\_\_. Deputadas à Assembleia Nacional. In: CASTRO, Zília Osório; ESTEVES, João (dirs.). **Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)**. Lisboa: Horizonte, 2005. p. 264-270.

SOUZA, Florentina. Literatura e História: saberes em diálogo. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 15-28, dez. 2015.

SOUZA, Gleidiane de; PEDRO, Joana Maria. São honestas? Defloramentos em Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 16, p. 41-58, 1. sem. 2012.

SOUZA, Juliana. A invisibilidade das mulheres nos *media*: quando a representação de gênero define o sexo da notícia. **Revista Media e Jornalismo**, Coimbra, n. 15, p. 91-103, 2012.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. **Censura no Regime Militar e militarização das artes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TAVARES, Maria Manuela Paiva Fernandes. **Feminismo em Portugal (1947-2007)**. 2008. 625 f. Tese (Doutorado em Estudos sobre as Mulheres) – Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

\_\_\_\_\_. **Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)**, Lisboa: Textos Editores, 2011.

TENGARRINHA, José. Entrevista “O Estado Novo em Portugal, o controle da imprensa e a guerra colonial”, concedida a Tânia Alves. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 185-194, jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **História da Imprensa Periódica Portuguesa**. Lisboa: Portugália, 1965.

TESSADORI, Pietro. **O homem novo do fascismo italiano e do estado novo português**. 2014. 333 f. Tese (Doutorado em História – Dinâmicas do Mundo Contemporâneo)-Universidade de Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Universidade de Évora. Lisboa, 2014.

TIBURI, Márcia. O feminismo é para quem gosta de transformações sociais. **YouTube**, 26 maio 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bNzJufpeeto>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

TILLY, Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 29-62, 1994.

VAQUINHAS, Irene. A época contemporânea: introdução. In: MATTOSO, José (dir.). **História da vida privada em Portugal: a época contemporânea**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. p. 15-16. v. 3.

\_\_\_\_\_. Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX: Breve esboço. **História**. Porto, III série, v. 3, p. 201-221, 2002.

\_\_\_\_\_; GUIMARÃES, Maria Alice Pinto. Economia doméstica e governo do lar: os saberes domésticos e as funções de dona de casa. In: MATTOSO, José (dir.). **História da vida privada em Portugal: a época contemporânea**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. p. 194-219. v. 3.

VARELA, Raquel. Revolução, transição e democracia: o debate sobre o significado da Revolução dos Cravos. **Segle XX**, Barcelona, n. 7, p. 77-98, 2014.

VARGAS, Ana. Mulheres na Assembleia Nacional (1933/1974): eleições. **Revista de Assuntos Eleitorais**, Lisboa, v. 6, p. 43-62, 2000.

VARGUES, Isabel Nobre. **A aprendizagem da cidadania em Portugal (1820-1823)**. Coimbra: Minerva, 1997.

\_\_\_\_\_. Tesoura, rolha e lápis: os tempos da censura e do combate das liberdades de expressão e de imprensa em Portugal. Os Tempos dos Media. **Estudos do Século XX**, Coimbra, n. 7, p. 39-59, 2007.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 1998.

VICENTE, Ana Cláudia S. D. A introdução do Escutismo em Portugal. **Lusitania Sacra**, 2ª série, v. 16, p. 203-245, 2004.

\_\_\_\_\_. Guardiola, Maria Baptista dos Santos. In: BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena (dirs.). **Dicionário de História de Portugal**: suplemento. Porto: Figueirinhas, 1999, p. 741-746. v. VII.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Dispositivo: um solo para a subjetivação. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 16-22, set./dez. 2006.

WOOLF, Virgínia. **Orlando**: uma biografia. Lisboa: Biblioteca de Editores Independentes; Relógio D'Água Editores, 2007.

XAVIER FILHA, Constantina. Imprensa feminina – entre modas, bordados, cuidados com a prole e o casamento: dispositivos pedagógicos. Instrumento. **Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 33-43, jul./dez. 2010.

## FONTES DOCUMENTAIS

Acervo pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo. Caderno de apontamentos de Maria de Lourdes Pintasilgo, sobre as lições dadas na disciplina de Formação Nacionalista, no curso de graduadas da Mocidade Portuguesa Feminina. 1944/1945

Acervo pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo. Folha da Equipa. A Jucista na Equipa.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Centro de Documentação e de publicações Fundação Cuidar o Futuro.

JORNAL NOVIDADES. Acervo da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

JORNAL O SÉCULO

REVISTA ALLELUIA. Acervo da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

REVISTA MENINA E MOÇA.

REVISTA MODAS E BORDADOS.

REVISTA STELLA: a revista da mulher católica.

## OBRAS CONSULTADAS

- ABOIM, Sofia. **Conjugalidades em mudança**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- ABRANTES, Elisabeth Sousa. Ana de Castro Osório: feminismo e a educação da mulher como dote simbólico. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9 – DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 23 a 26 de agosto de 2010. **Anais...** Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278264658\\_ARQUIVO\\_Artigo-FazendoGenero\\_formulariomodelo\\_.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278264658_ARQUIVO_Artigo-FazendoGenero_formulariomodelo_.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- AZAMBUJA, Mariana Porto Ruwer de; NOGUEIRA, Conceição; SAAVEDRA, Luísa. Feminismo(s) e psicologia em Portugal. **Psico**, v. 38, n. 3, p. 207-215, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/2879/2175>>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo I: a experiência vivida**. V. 2. São Paulo: Difel, 1967.
- BELEZA, Teresa Pizarro. Antígona no reino de creonte: o impacte dos estudos feministas no direito. **Ex Aequo**, n. 6, p. 77-89, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Mulheres, direito, crime ou a perplexidade de Cassandra**. Tese (Doutorado em Direito) – AAFDL, Lisboa, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: USP, 1996.
- CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/ Edusp, 1994.
- CARDOSO, C.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CONCEIÇÃO, Livia Beatriz da. Narrativa biográfica e escrita da História: possibilidades teóricas de análise. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, Rio de Janeiro, 10 a 23 de julho de 2010, UniRio. **Anais...** Disponível em [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276529177\\_ARQUIVO\\_TextofinalANPUH-rio.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276529177_ARQUIVO_TextofinalANPUH-rio.pdf) Acesso em: 11 jun. 2015.
- COVA, Anne. **História comparada das mulheres, novas abordagens**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- \_\_\_\_\_. O primeiro congresso feminista e da educação em Portugal, numa perspectiva comparada. In: AMÂNCIO, Lúcia; TAVARES, Manuela; JOAQUIM, Teresa (Orgs.). **O**

**longo caminho das mulheres – feminismos 80 anos depois.** Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 27-43.

\_\_\_\_\_. Généalogie d'une conquête: maternité et droits des femmes en France fin XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles. **Travail, Genre et Sociétés**, n. 3, Paris L'Hamattan, 2000, p. 139-159.

\_\_\_\_\_. O que é o feminismo? Uma abordagem histórica. In: O movimento feminista em Portugal. **Actas...** 5-6 de dezembro de 1998, Lisboa, UMAR, p. 8-15.

\_\_\_\_\_; PINTO, Antônio Costa. O salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. **Penélope**, n. 17, p. 71-94, 1997.

CRUZ, Manuel Braga. Salazar e Política. In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (Orgs.). **Salazar e o salazarismo.** Lisboa: Dom Quixote, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Partido e o Estado no Salazarismo.** Lisboa: Presença, 1988.

DUARTE, Sandra. Aspectos da motivação religiosa na imprensa católica operária. In: FERREIRA, António Matos; ALMEIDA, João Miguel (Orgs.). **Religião e cidadania:** protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2011. p. 101-112.

ESTEVES, João. Dossier: história, história das mulheres, história do género, produção e transmissão do conhecimento histórico. **Ex aequo**, n. 30, Lisboa, dez. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-55602014000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-55602014000200004&script=sci_arttext) Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Da esperança à deceção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. **Historia Constitucional**, n. 15, 471-507, 2014. Disponível em: <http://www.historiaconstitucional.com/index.php/historiaconstitucional/article/view/410/369> Acesso em: 12 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Carolina Beatriz Ângelo. **Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher**, n. 11, 2004. Disponível em: [http://www.fesh.unl.pt/facesdeeva/eva\\_arquivo/revista\\_11/eva\\_arquivo\\_numero11\\_j.html#\\_ftn2](http://www.fesh.unl.pt/facesdeeva/eva_arquivo/revista_11/eva_arquivo_numero11_j.html#_ftn2) Acesso em: 15 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Os primórdios do feminismo em Portugal: a primeira década do século XX. **Penélope**, n. 25, p. 87-112, 2001.

\_\_\_\_\_. **As origens do sufragismo português.** Lisboa: Bizâncio, 1998.

\_\_\_\_\_. **A liga republicana das mulheres portuguesas:** uma organização política e feminista (1908-1919). Lisboa: Conselho Consultivo da CIDM, 1991.

FONSECA, Sandra; LOURAÇO, Sara Vidal; LOURENÇO, Sílvia. **Os movimentos femininos em Portugal no século XX – o caso particular do MDM.** [2015?] Disponível em: [http://neh.no.sapo.pt/documentos/os\\_movimentos\\_femininos\\_em\\_portugal.htm](http://neh.no.sapo.pt/documentos/os_movimentos_femininos_em_portugal.htm) Acesso em: 12 jun. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**. V. I: A vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Isabel. Intimidade afetiva e sexual no estado novo. **SRSS – Saúde Reprodutiva, Sexualidade e Sociedade**, n. 3, p. 56-61, 2013. Disponível em: <http://revistas.apf.pt/index.php/srss/article/view/39/33> Acesso em: 12 jun. 2015.

FURTADO, Rafael Nogueira. Baudelaire e a modernidade: um diálogo entre Walter Benjamin e Michel Foucault. **Kínesis**, v. IV, n. 7, p. 345-361, jul. 2012.

GÓIS, Manuela. Elina Guimarães (1904-1991). **Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães**. 2005. Disponível em: <http://www.cdofeminista.org/index.php/pt/historial> Acesso em: 25 jun. 2015.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 668f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 67-85.

GORJÃO, Vanda. Oposição feminina (?), oposição feminista (?) ao Estado Novo. In: AMÂNCIO, Lígia; TAVARES, Manuela; JOAQUIM, Teresa; ALMEIDA, Teresa Sousa de (Orgs.). **O longo caminho das mulheres**. Feminismos 80 anos depois. Lisboa: D. Quixote, 2007. p. 108-123.

\_\_\_\_\_. **Mulheres em tempos sombrios**. Oposição feminina ao Estado Novo, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

HELEIETH, Saffioti. Rearticulando classe e gênero. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Eds.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. p. 183-215.

\_\_\_\_\_. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

IRIGARAY, Luce. A questão do outro. **Labrys**, n. 1-2, p. 1-12, jul.-dez. 2002.

JOAQUIM, Teresa. **Cuidar dos outros, cuidar de si**. Questões em torno da maternidade. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

KUIN, Simon. A mocidade portuguesa nos anos 30: anteprojetos e instauração de uma organização paramilitar da juventude. **Análise Social**, Lisboa, n. 122, p. 555-588, 1993.

LAMAS, Maria. **As mulheres do meu país**. Lisboa: Actúalis, 1948.

LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. **As mulheres para além do seu tempo**. Lisboa: Bizancio, 1998.



LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências de impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEITE, Bertha. **A mulher na história de Portugal**. Lisboa: Centro Tipográfico, 1940.

LOFF, Manuel. Salazarismo e Franquismo: projeto, adaptação e história. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, n. 31, p. 449-498, 2010.

\_\_\_\_\_. **“O nosso século é fascista!”** – O mundo visto por Salazar e Franco (1936-1945). Porto: Campo das Letras, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade – refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o excêntrico”. **Labrys**, estudos feministas, n. 1-2, jul.-dez. 2002.

LOUSADA, Isabel. **Adelaide Cabete (1867-1935)**. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa, 2010. Disponível em: [http://run.unl.pt/bitstream/10362/5089/1/Adelaide%20Cabete\\_Miolo.pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/5089/1/Adelaide%20Cabete_Miolo.pdf) Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. **Gaudium Sciendi**, n. 2, p. 108-117, jul. 2012.

\_\_\_\_\_. Escrevendo e bordando, a nação e bandeira, as palavras e os atos: símbolos e poder pela pena de Adelaide Cabete e Carolina Beatriz Ângelo. XIV SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA. **Anais...** Lisboa, 2011.

\_\_\_\_\_. Pela pátria: a cruzada das mulheres portuguesas (1918-1938). In: XIX COLÓQUIO DE HISTÓRIA MILITAR. IX SESSÃO. **Actas...** Lisboa, 2011. p. 667-688.

\_\_\_\_\_. **Imprensa: amplificador da voz feminina**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2010.

\_\_\_\_\_. A batalha de Adelaide Cabete em *A batalha – higienismo no feminismo*. **Fio de Ariana**, Lisboa, 2009.

MATOS, Luís Salgado de. As associações voluntárias do Estado e da Igreja Católica no Portugal Contemporâneo. In: FERREIRA, António Matos; ALMEIDA, João Miguel. **Religião e cidadania: protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2011. p. 249-454.

MATOS, Maria Izilda S. de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003. p. 107-127.

\_\_\_\_\_. *Corpos numa pauliceia desvairada: mulheres, homens e médicos, São Paulo, 1890-1930. Projeto História: Corpo e Cultura*, n. 25, São Paulo: PUC-SP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Por uma história da mulher**. Bauru: EDUSC, 2000.

\_\_\_\_\_. Gênero, trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOHIET, Raquel; MATOS, Maria Izilda Santos de (Orgs.). **Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. p. 34-56.

\_\_\_\_\_. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 3, n. 1-2, p. 35-50, 1996.

NEVES, Helena. Amor em tempo de guerra: guerra colonial, a (in) comunicabilidade (im)possível. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 68, p. 43-63, abr. 2004.

\_\_\_\_\_. **O Estado Novo e as mulheres**. Lisboa: Câmara Municipal, Biblioteca Museu República e Resistência, 2001.

\_\_\_\_\_. **Apontamentos para a História do MDM – o retomar dos gestos**. Lisboa, MDM, 1988.

NOGUEIRA, Conceição. História, mulher e poder: invisibilidade ao gênero. In: SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel (Orgs.). **História, mulher e poder**. Vitória: EDUFES, 2006. p. 117-134.

\_\_\_\_\_. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Ó, Jorge Ramos do. Censura. In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de. **Dicionário de História do Estado Novo**. Venda Nova: Bertrand, 1996, p. 139-141. v. 1.

PAIVA, Maria Adelaide. Mulheres e crianças: um escritor brasileiro. **O Comércio do Porto**, Porto, 15 abr. 1946.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANESI, Carla (Coord.). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 278-321.

PINTO, Antônio Costa. Muitas crises, poucos compromissos: a queda da primeira república. **Penélope**, Lisboa, 1998.

\_\_\_\_\_. *et al.* **Fascismo e Juventude nos Primórdios do Estado Novo: a Ação Escolar Vanguarda (1933-36)**. Lisboa: A regra do jogo, 1982.

PORTUGAL. **Código Civil Português**. Lisboa, 1868. Disponível em: <http://www.fd.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2014/12/Codigo-Civil-Portugues-de-1867.pdf> Acesso em: 15 jun. 2015.

PULEO, Alicia H. **El feminismo como teoría y praxis**. Crítica de libros, Lisboa, 2002. p. 183-188. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned:filopoli-2003-21-0004/pdf> Acesso em: 13 jun. 2015.

RAGO, Margareth. Cartografias de si no feminismo da diferença: Amelinha, Gabriela, Norma. **Gênero**, Niterói, v. 10, n. 2, p. 151-175, 2010. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/22/10> Acesso em: 15 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Feminismo e subjetividade nos tempos pós-modernos**. Departamento de História Unicamp, 2004. p. 1-14. Disponível em: [http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo\\_e\\_subjetividade.pdf](http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf) Acesso em: 15 jun. 2015.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

REZOLA, Maria Inácia. A Igreja Católica portuguesa e a consolidação do salazarismo. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; PINTO, Antônio Costa (Orgs.). **O corporativismo em português: Estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ROSAS, Fernando. Memória da violência e violência da Memória. In: MADEIRA, João; PIMENTEL, Irene Flunser; FARINHA, Luís. **As vítimas de Salazar – Estado Novo e violência política**. Lisboa: Editora A Esfera dos Livros 2007. p. 15-30.

\_\_\_\_\_. **História de Portugal, o Estado Novo**. Lisboa: Estampa, 1996.

\_\_\_\_\_. Os anos de guerra e a primeira crise do regime. In: REIS, António (Dir.). **Portugal Contemporâneo**. Lisboa: Publicações Alfa, 1996. p. 23-49.

\_\_\_\_\_. Portugal e o Estado Novo (1930-1960). In: SERRÃO, Joel; MARQUES, A. Oliveira (Dir.). **Nova História de Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

\_\_\_\_\_. Cinco pontos em torno do estudo comparado do fascismo. **Vértice**, Coimbra, n. 13, p. 21-29, 1989.

\_\_\_\_\_. Salazar e o salazarismo: um caso de longevidade política. In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (Orgs.). **Salazar e o salazarismo**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Estado Novo nos anos trinta**. Lisboa: Estampa, 1986.

\_\_\_\_\_; ROLLO, Maria Fernanda. **História da Primeira República Portuguesa**. Lisboa: Tinta da China, 2010.

SALAZAR, António Oliveira. “As grandes certezas da Revolução Nacional”. Discurso no X Aniversário do 28 de maio, em 1936. V. II. In: SALAZAR, António Oliveira. **Discursos e novas políticas**. 1937. p. 133-134.

SAMARA, Maria Alice. O republicanismo. In: ROSAS, Fernando; ROLLO, Maria Fernanda. **História da Primeira República Portuguesa**. Lisboa: Tinta da China, 2010. p. 61-78.

SARA Vale. Um novo valor do teatro português fala a Modas & Bordados. **Modas e Bordados**. Vida Feminina, n. 2013, Sociedade Nacional de Tipografia, 6 set. 1950, p. 8-9.

SCHMITTER, Philippe C. **Portugal**: do autoritarismo à democracia. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1999.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SILVA, Maria Regina Tavares da. Estudos sobre as Mulheres em Portugal, um olhar sobre o passado. **Ex-Aequo**, n. 1, p. 17-28, 2001.

\_\_\_\_\_. **Democracia Paritária** – um conceito novo ou um novo olhar sobre a Democracia. Lisboa: CIDM, 1994.

\_\_\_\_\_. **Mulheres portuguesas, vidas e obras celebradas, vidas e obras ignoradas**. Lisboa: CIDM, Ditos & Escritos, 1982.

SILVEIRINHA, Maria João. De como tanto mudou e como tanto ficou na mesma. **Media e jornalismo**, v. 8, n. 15, p. 7-11, 2009.

SMITH, Bonnie. **Gênero e história**: homens, mulheres e prática histórica. Bauru: EDUSC, 2003.

TORGAL, Luís Reis. **Estados novos, estado novo**: ensaios de história política e cultural. V. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VIANA, Luís. **A mocidade portuguesa e o liceu**: lá vamos contando... (1936-1974). Lisboa: Educa, 2001.

### APÊNDICE A – Principais temas abordados pelas mulheres

| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA   |
|---------------------|-----------|--|
| <u>IMG_0005.JPG</u> | DA MULHER | ENQUANTO O HOMEM<br>GUERREIA...<br>MEA CULPA<br>MODAS  |
| <u>IMG_0006.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0007.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0008.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0009.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0010.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0012.JPG</u> | DA MULHER | FILHOS DE HOJE<br>A DECLARAÇÃO<br>A INTIMIDADE DOS POETAS  |
| <u>IMG_0013.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0014.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0016.JPG</u> | DA MULHER | PEQUENINOS DE BENFICA<br>BOA NOTÍCIA   |
| <u>IMG_0017.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0018.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0019.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0020.JPG</u> | DA MULHER | RESPONDENDO<br>A INTIMIDADE DOS POETAS   |
| <u>IMG_0021.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0022.JPG</u> | DA MULHER | VINTE ANOS DE COIMBRA<br>FLOR AGRESTE  |
| <u>IMG_0023.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0027.JPG</u> | DA MULHER | VIDA E ARTE<br>A FELICIDADE<br>A PREGUIÇA  |
| <u>IMG_0028.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0029.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0030.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0031.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0032.JPG</u> | DA MULHER | ASSISTÊNCIA RELIGIOSA ÀS<br>CADEIAS<br>O BARCO DE PEDRO<br>CARNAVAL E CINZAS                             |
| <u>IMG_0033.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0034.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0035.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0038.JPG</u> | DA MULHER | SE TIVESSE SÓ ISSO<br>ROMA E SUA TRADIÇÃO<br>A IGREJA E A ORDEM NOVA                                     |
| <u>IMG_0039.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0040.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0041.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0042.JPG</u> | DA MULHER | A INTIMIDADE DOS POETAS<br>PROBLEMAS... E PROBLEMAS  |
| <u>IMG_0043.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_0044.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_2013.JPG</u> | DA MULHER | AMAR O PRÓXIMO COMO A NÓS<br>MESMOS<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>DEFENDA A SAÚDE DOS SEUS<br>CABELOS |
| <u>IMG_2012.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_2011.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_2010.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_2004.JPG</u> | DA MULHER | QUEM ME AVISA MEU AMIGO É<br>OS CATÓLICOS E O PROBLEMA DA<br>PUBLICIDADE NA IMPRENSA                     |
| <u>IMG_2005.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_2007.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_2006.JPG</u> | DA MULHER | UM PENSAMENTO DE EDISON<br>DEFENDA A SAÚDE DOS SEUS<br>CABELOS<br>AMAR O PRÓXIMO COMO A NÓS<br>MESMOS    |
| <u>IMG_2014.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_2015.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_2016.JPG</u> |           |  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO                | TEMA   |
|------------------------------|----------------------|--|
| <a href="#">IMG_2017.JPG</a> | NOVIDADES            | ESCURISMO E EDUCAÇÃO PROGRESSIVA                         |
| <a href="#">IMG_2018.JPG</a> | DA MULHER            | RAZÃO E SENTIMENTO                                       |
| <a href="#">IMG_2019.JPG</a> |                      | POR UMA BOLINHA  |
| <a href="#">IMG_2020.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2021.JPG</a> | NOVIDADES            | ANTI-COMUNISMO   |
| <a href="#">IMG_2022.JPG</a> | DA MULHER            | ARTE CRISTÃ  |
| <a href="#">IMG_2023.JPG</a> |                      | DEFENDA A SAÚDE DOS SEUS CABELOS                         |
| <a href="#">IMG_2024.JPG</a> | DA MULHER            | PENSEMOS NOS POBRES                                      |
| <a href="#">IMG_2025.JPG</a> |                      | A IGREJA SEMPRE ATENTA                                   |
| <a href="#">IMG_2026.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2029.JPG</a> | DA MULHER            | A CIDADE E O CAMPO                                       |
| <a href="#">IMG_2030.JPG</a> |                      | O SEGREDO DE AMOR  |
| <a href="#">IMG_2031.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2032.JPG</a> | DA MULHER            | ALMA DE RAPAZ  |
| <a href="#">IMG_2033.JPG</a> |                      | ALMAS DE CRIANÇA   |
| <a href="#">IMG_2034.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2038.JPG</a> | DA MULHER            | ALMA DE RAPAZ  |
| <a href="#">IMG_2039.JPG</a> |                      | A CIDADE E O CAMPO                                       |
| <a href="#">IMG_2040.JPG</a> |                      | DEFENDA A SAÚDE DOS SEUS CABELOS                         |
| <a href="#">IMG_2041.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2043.JPG</a> | DA MULHER            | CRISTO   |
| <a href="#">IMG_2044.JPG</a> |                      | MISTÉRIO   |
| <a href="#">IMG_2045.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2048.JPG</a> | DA MULHER            | DEFENDA A SAÚDE DOS SEUS CABELOS                         |
| <a href="#">IMG_2049.JPG</a> |                      | MÃOS VAZIAS, CORAÇÃO CHEIO                               |
| <a href="#">IMG_2050.JPG</a> |                      | JESUS  |
| <a href="#">IMG_2051.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2056.JPG</a> | DA MULHER            | CRIANÇAS   |
| <a href="#">IMG_2057.JPG</a> |                      | A RODA DE DOM CAMILO                                     |
| <a href="#">IMG_2058.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2059.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2060.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2061.JPG</a> | NOVIDADES            | AMANHÃ SERÁ TARDE<br>PODERÁ SER UM CATÓLICO<br>ESPÍRITA? |
| <a href="#">IMG_2064.JPG</a> | NOVIDADES            | O I CONGRESSO NACIONAL DA J.U.C                          |
| <a href="#">IMG_2065.JPG</a> |                      | O SANTO PADRE  |
| <a href="#">IMG_2066.JPG</a> |                      | OS VOTOS PATERNALIS DE VOSSA SANTIDADE                   |
| <a href="#">IMG_2067.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2068.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2069.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2070.JPG</a> |                      | DA MULHER  |
| <a href="#">IMG_2071.JPG</a> | MANDATO DA PRIMAVERA |  |
| <a href="#">IMG_2072.JPG</a> |                      |  |
| <a href="#">IMG_2073.JPG</a> | NOVIDADES            | NOVIDADES NO PORTO - AS VICENTINAS                       |
| <a href="#">IMG_2074.JPG</a> | NOVIDADES            |  |
| <a href="#">IMG_2075.JPG</a> |                      | PORTUGAL AGRADECIDO -                                    |
| <a href="#">IMG_2076.JPG</a> |                      | PRESTA HOMENAGENS AO SEU                                 |
| <a href="#">IMG_2077.JPG</a> |                      | GRANDE RENOVADOR - PROF.                                 |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_2078.JPG</a> |           | OLIVEIRA SALAZAR   |
| <a href="#">IMG_2079.JPG</a> |           | O HOMEM E A OBRA   |
| <a href="#">IMG_2080.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_2081.JPG</a> | NOVIDADES | SALAZAR CONSEGUIU PARA PORTUGAL A SITUAÇÃO QUE MAIS CONVINHA                 |
| <a href="#">IMG_2082.JPG</a> | NOVIDADES | AS HOMENAGENS A SALAZAR  |
| <a href="#">IMG_2084.JPG</a> | DA MULHER | CARIDADE   |
| <a href="#">IMG_2085.JPG</a> |           | A INFALÍVEL  |
| <a href="#">IMG_2086.JPG</a> | NOVIDADES | DEUS, PORTUGAL E O BOX - OU OS 3 IDEAIS DE UM PUGILISTA QUE GOSTA DE SUA MÃE |
| <a href="#">IMG_2087.JPG</a> | DA MULHER | 1º ENCONTRO LUSO-ESPANHOL DE DIRIGENTES DO TRABALHO                          |
| <a href="#">IMG_2088.JPG</a> |           | A INFALÍVEL  |
| <a href="#">IMG_2089.JPG</a> |           | A MULHER   |
| <a href="#">IMG_2090.JPG</a> | DA MULHER | NOVOS E VELHOS   |
| <a href="#">IMG_2091.JPG</a> |           | RECEITAS   |
| <a href="#">IMG_2092.JPG</a> |           | NOCTURNO   |
| <a href="#">IMG_2093.JPG</a> | DA MULHER | A GRATIDÃO   |
| <a href="#">IMG_2094.JPG</a> |           | EDUCAÇÃO SEXUAL  |
| <a href="#">IMG_2095.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <a href="#">IMG_2096.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_2097.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_2098.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_2099.JPG</a> | NOVIDADES | DEUS SALVE A RAINHA ISABEL!  |
| <a href="#">IMG_2101.JPG</a> | NOVIDADES | NEM A ESQUERDA, NEM A DIREITA, EM FRENTE!                                    |
| <a href="#">IMG_2102.JPG</a> | DA MULHER | CRIANÇAS   |
| <a href="#">IMG_2103.JPG</a> |           | DUAS CARTAS  |
| <a href="#">IMG_2104.JPG</a> |           | O MAIS FORTE   |
| <a href="#">IMG_2105.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_2106.JPG</a> | DA MULHER | CRIANÇAS   |
| <a href="#">IMG_2107.JPG</a> |           | QUEM JULGA PELAS APARÊNCIAS...   |
| <a href="#">IMG_2108.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <a href="#">IMG_2109.JPG</a> | DA MULHER |  |
| <a href="#">IMG_2110.JPG</a> |           | CRIANÇAS   |
| <a href="#">IMG_2111.JPG</a> |           | A IMAGEM   |
| <a href="#">IMG_2112.JPG</a> |           | MODAS  |
| <a href="#">IMG_2113.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_2114.JPG</a> | NOVIDADES | A POSIÇÃO DE PORTUGAL PERANTE O COMUNISMO                                    |
| <a href="#">IMG_2115.JPG</a> | DA MULHER | DEDICAÇÃO  |
| <a href="#">IMG_2116.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <a href="#">IMG_2117.JPG</a> |           | PUERICULTURA   |
| <a href="#">IMG_2118.JPG</a> | NOVIDADES | DEFENDA-SE PORTUGAL, DE TUDO QUANTO FOR ANTI-PORTUGUÊS                       |
| <a href="#">IMG_2119.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_2120.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_2121.JPG</a> | NOVIDADES | ANTES DE MAIS, IMPORTA EDUCAR A CRIANÇA NO RESPEITO AS TRADIÇÕES             |
| <a href="#">IMG_2122.JPG</a> | NOVIDADES | DISCURSO DE SALAZAR  |
| <a href="#">IMG_2123.JPG</a> | DA MULHER | INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO   |

| IMAGENS  | SEÇÃO         | TEMA  |
|--|---------------|---|
| <a href="#">IMG_2124.JPG</a><br><a href="#">IMG_2125.JPG</a><br><a href="#">IMG_2126.JPG</a>   |               | A PROPÓSITO DE EDUCAÇÃO SEXUAL<br>O VITRAL  |
| <a href="#">IMG_2127.JPG</a>   | NOVIDADES     | ESCURISMO - SENTIDO E PROJECCÃO   |
| <a href="#">IMG_2128.JPG</a>   | NOVIDADES     | A FIGURA E A OBRA DO DR. OLIVEIRA SALAZAR   |
| <a href="#">IMG_2129.JPG</a>   | NOVIDADES     | A ESCOLA E A FORMAÇÃO DE HOMENS   |
| <a href="#">IMG_2130.JPG</a>   | NOVIDADES     | NA CORÉIA, OS COMUNISTAS LANÇARAM UM ATAQUE   |
| <a href="#">IMG_2131.JPG</a>   | NOVIDADES     | A FIGURA DE SALAZAR NO BRASIL   |
| <a href="#">IMG_2132.JPG</a><br><a href="#">IMG_2133.JPG</a><br><a href="#">IMG_2134.JPG</a><br><a href="#">IMG_2135.JPG</a>                                 | DA MULHER     | O COMUNISMO E O HOMEM CRISTÃO<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>A LENDA DAS AÇUCENAS ROXAS |
| <a href="#">IMG_2136.JPG</a><br><a href="#">IMG_2137.JPG</a>   | NOVIDADES     | A POLÍCIA COMUNISTA DE BERLIM   |
| <a href="#">IMG_2138.JPG</a><br><a href="#">IMG_2139.JPG</a>   | DA MULHER     | A GRATIDÃO<br>D. SILVIA CARDOSO - MULHER SUBLIME  |
| <a href="#">IMG_2140.JPG</a><br><a href="#">IMG_2141.JPG</a><br><a href="#">IMG_2142.JPG</a>   | DA MULHER     | DE UM EXTREMO A OUTRO EXTREMO<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?                               |
| <a href="#">IMG_2143.JPG</a><br><a href="#">IMG_2144.JPG</a>   | DA MULHER     | AINDA A GRATIDÃO<br>O QUE APRENDI NA GRANDE CARTUXA                                       |
| <a href="#">IMG_2145.JPG</a><br><a href="#">IMG_2146.JPG</a>   | NOVIDADES     | CHAGAS MORAIS   |
| <a href="#">IMG_2147.JPG</a><br><a href="#">IMG_2148.JPG</a><br><a href="#">IMG_2149.JPG</a>   | DA MULHER     | MENTIR POR BEM<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_2150.JPG</a>   | NOVIDADES     | AS RAPARIGAS APRESENTAM CUMPRIMENTOS AO CHEFE DO ESTADO                                   |
| <a href="#">IMG_2154.JPG</a>   | ACÇÃO ESCOLAR | ANUÁRIO CATÓLICO DE PORTUGAL  |
| <a href="#">IMG_2155.JPG</a><br><a href="#">IMG_2156.JPG</a><br><a href="#">IMG_2157.JPG</a><br><a href="#">IMG_2158.JPG</a><br><a href="#">IMG_2159.JPG</a> | NOVIDADES     | CASAMENTOS POR ANÚNCIO  |
| <a href="#">IMG_2160.JPG</a><br><a href="#">IMG_2161.JPG</a><br><a href="#">IMG_2162.JPG</a><br><a href="#">IMG_2163.JPG</a>                                 | DA MULHER     | A INFLUÊNCIA DA MULHER NA SOCIEDADE ACTUAL<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?                  |
| <a href="#">IMG_2164.JPG</a><br><a href="#">IMG_2165.JPG</a><br><a href="#">IMG_2166.JPG</a><br><a href="#">IMG_2167.JPG</a>                                 | DA MULHER     | A LIÇÃO DO SOFRIMENTOS<br>DOIS CORAÇÕES<br>O LIVRO PORTUGUÊS NO BRASIL                    |



| IMAGENS  | SEÇÃO     | TEMA  |
|--|-----------|---|
| <u>IMG_2172.JPG</u>  | NOVIDADES | CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA FAMÍLIA                              |
| <u>IMG_2173.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2174.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2175.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2176.JPG</u><br><u>IMG_2177.JPG</u>   | NOVIDADES | CONGRESSO INTERNACIONAL DA FAMÍLIA                                |
| <u>IMG_2178.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2179.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2180.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2181.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2182.JPG</u><br><u>IMG_2183.JPG</u><br><u>IMG_2184.JPG</u>                        | DA MULHER | FÉRIAS EM FÁTIMA<br>O QUE DIGO A MANUELA SERVE TAMBÉM A TI        |
| <u>IMG_2185.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2186.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2190.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2191.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2187.JPG</u><br><u>IMG_2188.JPG</u><br><u>IMG_2189.JPG</u><br><u>IMG_2195.JPG</u> | DA MULHER | TENDÊNCIA PERIGOSA<br>O MICROFONE DE DEUS                         |
| <u>IMG_2196.JPG</u>  | NOVIDADES | A IGREJA E O CINEMA<br>O ANTI-CLERICALISMO - UMA COBARDIA MORAL   |
| <u>IMG_2197.JPG</u><br><u>IMG_2198.JPG</u><br><u>IMG_2199.JPG</u>                        | DA MULHER | POR CAPRICHOS, NÃO!<br>MINHA MULHER É DIFERENTE                   |
| <u>IMG_2200.JPG</u><br><u>IMG_2201.JPG</u><br><u>IMG_2202.JPG</u>                        | DA MULHER | FESTA AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS<br>ROMEIRO DA MINHA TERRA       |
| <u>IMG_2203.JPG</u><br><u>IMG_2204.JPG</u><br><u>IMG_2205.JPG</u>                        | DA MULHER | LEITURAS<br>DELICADEZA DO AMOR<br>FRATERNAL<br>JOGOS FLORAIS      |
| <u>IMG_2206.JPG</u><br><u>IMG_2207.JPG</u><br><u>IMG_2208.JPG</u>                        | DA MULHER | IMPRESSÕES<br>ASSISTÊNCIA SOCIAL                                  |
| <u>IMG_2209.JPG</u><br><u>IMG_2210.JPG</u><br><u>IMG_2211.JPG</u>                        | DA MULHER | EDUCAR E INSTRUIR<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?                   |
| <u>IMG_2217.JPG</u>  | DA MULHER | TODA CARTA TEM RESPOSTA<br>O QUE DIGO A MANUELA SERVE TAMBÉM A TI |
| <u>IMG_2218.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2219.JPG</u>  |           |   |
| <u>IMG_2220.JPG</u><br><u>IMG_2221.JPG</u>   | DA MULHER | O NOSSO MEDO ANTERIOR<br>O MEDO                                   |
| <u>IMG_2222.JPG</u><br><u>IMG_2223.JPG</u>   | DA MULHER | O NOSSO TEMPO A NOSSA LIBERDADE<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?     |
| <u>IMG_2225.JPG</u><br><u>IMG_2226.JPG</u><br><u>IMG_2227.JPG</u>                        | DA MULHER | E EU?<br>FÉRIAS NO ESTORIL<br>SEMANA DA MÃE                       |

| IMAGENS   | SEÇÃO                         | TEMA  |
|---|-------------------------------|---|
| <u>IMG 2228.JPG</u><br><u>IMG 2229.JPG</u>  | DA MULHER                     | NATAL<br>IMPREVISTOS DA VIDA  |
| <u>IMG 2230.JPG</u><br><u>IMG 2231.JPG</u><br><u>IMG 2232.JPG</u>   | NOVIDADES<br>DA MULHER        | O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS<br>DIRIGE UMA SAUDAÇÃO AO POVO<br>DE PORTUGAL<br>ANO QUE VEM<br>VOAI! |
| <u>IMG 2233.JPG</u><br><u>IMG 2234.JPG</u>  | DA MULHER                     | SEMANA SANTA  |
| <u>IMG 2235.JPG</u><br><u>IMG 2236.JPG</u><br><u>IMG 2237.JPG</u><br><u>IMG 2238.JPG</u>                        | DA MULHER                     | RESSUREIÇÃO DO ESPÍRITO<br>SANTO<br>A MULHER E A GUERRA<br>REFLECTIR                              |
| <u>IMG 2239.JPG</u><br><u>IMG 2240.JPG</u>  | DA MULHER                     | O CASTELHO DE VERSALHES   |
| <u>IMG 2241.JPG</u><br><u>IMG 2242.JPG</u>  | DA MULHER                     | A PARCELA DE AMOR<br>NADA!  |
| <u>IMG 2243.JPG</u><br><u>IMG 2244.JPG</u>  | DA MULHER                     | SACRIFÍCIO  |
| <u>IMG 2246.JPG</u><br><u>IMG 2247.JPG</u><br><u>IMG 2248.JPG</u>   | NOVIDADES                     | DIAS NOVELISTAS<br>MANDAR E SERVIR  |
| <u>IMG 2249.JPG</u><br><u>IMG 2250.JPG</u>  | DA MULHER                     | ESPIRITUALIDADE   |
| <u>IMG 2251.JPG</u><br><u>IMG 2252.JPG</u><br><u>IMG 2253.JPG</u>   | NOVIDADES                     | NOVIDADES FAZ AGORA 50 ANOS   |
| <u>IMG 2254.JPG</u><br><u>IMG 2255.JPG</u><br><u>IMG 2256.JPG</u>   | NOVIDADES                     | CONSCIÊNCIA NACIONAL  |
| <u>IMG 2257.JPG</u><br><u>IMG 2258.JPG</u>  | NOVIDADES                     | "RERUM NOVARUM " E "<br>QUADRAGÉSIMO ANNO"  |
| <u>IMG 2259.JPG</u><br><u>IMG 2260.JPG</u>  | DA MULHER                     | DAS NOIVAS  |
| <u>IMG 2261.JPG</u><br><u>IMG 2262.JPG</u>  | DA MULHER                     | AMOR  |
| <u>IMG 2263.JPG</u>   | NOVIDADES                     | LUTA OU COOPERAÇÃO DE<br>CLASSES?   |
| <u>IMG 2264.JPG</u><br><u>IMG 2266.JPG</u><br><u>IMG 2267.JPG</u>   | ACÇÃO<br>ESCOLAR<br>DA MULHER | A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA<br>INFINITO   |
| <u>IMG 2268.JPG</u><br><u>IMG 2269.JPG</u><br><u>IMG 2270.JPG</u><br><u>IMG 2271.JPG</u><br><u>IMG 2272.JPG</u> | ACÇÃO<br>ESCOLAR<br>DA MULHER | O FIM DA ESCOLA?<br>PARA O BEM DE TODOS<br>PATRIOTISMO PENICHENSE                                 |
| <u>IMG 2273.JPG</u><br><u>IMG 2274.JPG</u>  | DA MULHER                     | O REFÚGIO DA PARALISIA<br>INFANTIL NA FOZ DO DOURO  |
| <u>IMG 2276.JPG</u><br><u>IMG 2277.JPG</u>  | DA MULHER                     | FLORES<br>CANÇÃO DO POBRE   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO            | TEMA  |
|------------------------------|------------------|---|
| <a href="#">IMG_2278.JPG</a> | DA MULHER        | MARIA - NASCIMENTO DE JESUS   |
| <a href="#">IMG_2280.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2281.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2283.JPG</a> | DA MULHER        | AO LADO DA MEDICINA<br>SOZINHA  |
| <a href="#">IMG_2284.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2285.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | A FAMÍLIA E A MULHER  |
| <a href="#">IMG_2286.JPG</a> | DA MULHER        | O MARTÍRIO<br>NOTAS E ECOS  |
| <a href="#">IMG_2287.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2288.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | DEUS NÃO QUERE A MISÉRIA<br>IMERECIDA QUE ATORMENTA AS<br>FAMÍLIAS  |
| <a href="#">IMG_2290.JPG</a> | DA MULHER        | HUMANIDADE  |
| <a href="#">IMG_2291.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | CATEQUESE E PEDAGOGIA   |
| <a href="#">IMG_2293.JPG</a> | DA MULHER        | SOBRE A ARTE CRISTÃ   |
| <a href="#">IMG_2295.JPG</a> | DA MULHER        | A AMIGA   |
| <a href="#">IMG_2296.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2298.JPG</a> | DA MULHER        | MISERICÓRDIA  |
| <a href="#">IMG_2299.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2301.JPG</a> | DA MULHER        | ALMAS DE CRIANÇA  |
| <a href="#">IMG_2302.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2304.JPG</a> | DA MULHER        | DIÁRIOS<br>O REI DE ROMA  |
| <a href="#">IMG_2305.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2308.JPG</a> | DA MULHER        | EDUCADORES E EDUCANDOS<br>O CASTELHO DE VERSALHES   |
| <a href="#">IMG_2309.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2310.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | INFILTRAÇÕES FEMINISTAS NA<br>MULHER DE NOSSOS DIAS   |
| <a href="#">IMG_2311.JPG</a> | NOVIDADES        | OS INIMIGOS DA AUTORIDADE   |
| <a href="#">IMG_2312.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | A IGREJA NÃO CONFIU NUNCA<br>POSIÇÃO DE COMANDO E<br>ORIENTAÇÃO AS MULHERES   |
| <a href="#">IMG_2313.JPG</a> | NOVIDADES        | A INDISCIPLINA: INIMIGA DA<br>AUTORIDADE  |
| <a href="#">IMG_2314.JPG</a> | DA MULHER        | SABER DESEJAR   |
| <a href="#">IMG_2315.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | DAR LIÇÃO   |
| <a href="#">IMG_2316.JPG</a> | DA MULHER        | A MULHER<br>ALMA QUE VOA  |
| <a href="#">IMG_2317.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2376.JPG</a> | DA MULHER        | O FERMENTO<br>TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>DO NATAL AO DIA DE REIS   |
| <a href="#">IMG_2377.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2378.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2379.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2380.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2381.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | CARTAS DE LONGE   |
| <a href="#">IMG_2383.JPG</a> | DA MULHER        | O OCASO DO LIVRE PENSAMENTO<br>- PARA QUE-DISSE LENINE-<br>LIBERDADE PARA PENSAR?<br>SIMPATIAS<br>A TRISTEZA DA TARDE<br>CHAPÉUS DE INVERNO |
| <a href="#">IMG_2384.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2385.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2386.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2387.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2388.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2389.JPG</a> |                  |   |

| IMAGENS             | SEÇÃO         | TEMA  |
|---------------------|---------------|---|
| <u>IMG_2390.JPG</u> | DA MULHER     | SEJA UMA BOA COMPANHEIRA                                    |
| <u>IMG_2391.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2392.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2393.JPG</u> | DA MULHER     | UM IDEAL  |
| <u>IMG_2394.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2395.JPG</u> | NOVIDADES     | O DEVER MISSIONÁRIO DE PORTUGAL                             |
| <u>IMG_2396.JPG</u> | NOVIDADES     | A REFORMA DOS LICEUS - QUESTÕES PRELIMINARES                |
| <u>IMG_2397.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2398.JPG</u> | DA MULHER     | QUE É A DOR?<br>PROBLEMAS DE HOJE                           |
| <u>IMG_2399.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2400.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2401.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2402.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2403.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2404.JPG</u> | DA MULHER     | A DOR<br>FESTA MAIOR DA IGREJA EM PORTUGAL                  |
| <u>IMG_2405.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2406.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2407.JPG</u> | DA MULHER     | CARTAS AS MOÇAS<br>AS PADROEIRAS DA FRANÇA                  |
| <u>IMG_2408.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2410.JPG</u> | ACÇÃO ESCOLAR | DISCIPLINA E LIBERDADE                                      |
| <u>IMG_2411.JPG</u> | DA MULHER     | INFERIORIDADE MORAL DA MULHER                               |
| <u>IMG_2412.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2414.JPG</u> | NOVIDADES     | A FILOSOFIA POLÍTICA DA IGREJA                              |
| <u>IMG_2415.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2416.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2417.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2418.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2419.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2420.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2421.JPG</u> | DA MULHER     | INFERIORIDADE MORAL DA MULHER<br>CARTAS AS MOÇAS<br>O SONHO |
| <u>IMG_2422.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2423.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2424.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2425.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2426.JPG</u> | ACÇÃO ESCOLAR | A COOPERAÇÃO DA CRIANÇA NA SUA FORMAÇÃO MORAL               |
| <u>IMG_2427.JPG</u> | DA MULHER     | A MULHER DEPOIS DA GUERRA<br>ABISMO                         |
| <u>IMG_2428.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2429.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2430.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2431.JPG</u> | DA MULHER     | A ARTE, O BOM GOSTO E A MODA<br>BENFAZER                    |
| <u>IMG_2432.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2433.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2434.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2435.JPG</u> | ACÇÃO ESCOLAR | A ALMA E O CORPO  |
| <u>IMG_2436.JPG</u> |               |   |
| <u>IMG_2437.JPG</u> | DA MULHER     | O TRABALHO  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO            | TEMA  |
|------------------------------|------------------|---|
| <a href="#">IMG_2438.JPG</a> |                  | QUARESMA  |
| <a href="#">IMG_2439.JPG</a> |                  | SEMANA SANTA  |
| <a href="#">IMG_2440.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2441.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2442.JPG</a> | DA MULHER        | A PALAVRA QUE ANIMA<br>MULHERES VISTAS POR ELAS<br>MESMAS |
| <a href="#">IMG_2443.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2444.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2446.JPG</a> | DA MULHER        | A POBREZA DOS ARTISTAS                                    |
| <a href="#">IMG_2447.JPG</a> |                  | TRAIÇÃO   |
| <a href="#">IMG_2448.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2449.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2450.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2451.JPG</a> | DA MULHER        | O PASSADO E O FUTURO                                      |
| <a href="#">IMG_2452.JPG</a> |                  | CONTO DA PÁScoa   |
| <a href="#">IMG_2453.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2454.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2455.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2457.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | PECADO E PEDAGOGIA  |
| <a href="#">IMG_2458.JPG</a> | NOVIDADES        | 17 ANOS DE BOAS FINANÇAS                                  |
| <a href="#">IMG_2459.JPG</a> |                  | CRIADAS DOS POBRES  |
| <a href="#">IMG_2460.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2461.JPG</a> | DA MULHER        | A DEVOÇÃO À VIRGEM NAS<br>TERRAS PORTUGUESAS              |
| <a href="#">IMG_2462.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2463.JPG</a> | DA MULHER        | COMO SE ECONOMIZA O TEMPO                                 |
| <a href="#">IMG_2464.JPG</a> |                  | O CRIME DE UM BOM HOMEM                                   |
| <a href="#">IMG_2465.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2466.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2467.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2468.JPG</a> | DA MULHER        | SEMPRE A MULHER   |
| <a href="#">IMG_2469.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2470.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2471.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2472.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | OPORTUNAS NORMAS<br>EDUCATIVAS                            |
| <a href="#">IMG_2473.JPG</a> | NOVIDADES        | UM LIVRO A LEMBRAR OUTRO<br>LIVRO                         |
| <a href="#">IMG_2474.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2475.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2476.JPG</a> | DA MULHER        | A MULHER ARTISTA  |
| <a href="#">IMG_2477.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2478.JPG</a> | DA MULHER        | RAINHA SENHORA D. AMÉLIA                                  |
| <a href="#">IMG_2479.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2480.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2481.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2482.JPG</a> | DA MULHER        | ALMAS DE CRIANÇA  |
| <a href="#">IMG_2483.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2484.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2485.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2486.JPG</a> | DA MULHER        | VAIDADE NAS CRIANÇAS                                      |
| <a href="#">IMG_2487.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2488.JPG</a> |                  |   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO         | TEMA  |
|------------------------------|---------------|---|
| <a href="#">IMG_2489.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2491.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2492.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2493.JPG</a> | DA MULHER     | A MULHER E O LAR                            |
| <a href="#">IMG_2494.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2495.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2497.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2498.JPG</a> | DA MULHER     | O RITMO                                     |
| <a href="#">IMG_2499.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2500.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2501.JPG</a> |               | UM EXEMPLO                                  |
| <a href="#">IMG_2502.JPG</a> | DA MULHER     |   |
| <a href="#">IMG_2503.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2504.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2505.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | NECESSIDADE DA CULTURA CATÓLICA EM PORTUGAL |
| <a href="#">IMG_2506.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2507.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2508.JPG</a> | DA MULHER     | OS NOSSOS FILHOS                            |
| <a href="#">IMG_2509.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2510.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2511.JPG</a> | DA MULHER     | O CONGRESSO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO         |
| <a href="#">IMG_2512.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2513.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | BURGUESISMO CATÓLICO                        |
| <a href="#">IMG_2514.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2515.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2516.JPG</a> | DA MULHER     | O SENHOR E A SENHORA                        |
| <a href="#">IMG_2517.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2518.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | NA ESCOLA DE FAMÍLIA                        |
| <a href="#">IMG_2519.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2520.JPG</a> | DA MULHER     | DANTE ALIGHERI                              |
| <a href="#">IMG_2521.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2522.JPG</a> | NOVIDADES     | ACABOU A GUERRA, BENDIGAMOS A PAZ!          |
| <a href="#">IMG_2523.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2524.JPG</a> | DA MULHER     | TRABALHOS FEMININOS                         |
| <a href="#">IMG_2525.JPG</a> |               | A CIGANITA DO CARACOL                       |
| <a href="#">IMG_2526.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2527.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | ENSINA-SE A MORAL?                          |
| <a href="#">IMG_2528.JPG</a> |               | LE BOM VIEUX TEMPS                          |
| <a href="#">IMG_2529.JPG</a> | DA MULHER     | FÉRIAS                                      |
| <a href="#">IMG_2530.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2531.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | AULAS DE MORAL                              |
| <a href="#">IMG_2532.JPG</a> |               | PONTUALIDADE FEMININA                       |
| <a href="#">IMG_2533.JPG</a> | DA MULHER     | A DESCOBERTA DA AMÉRICA                     |
| <a href="#">IMG_2534.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2535.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2536.JPG</a> | DA MULHER     | A MÃE E OS FILHOS                           |
| <a href="#">IMG_2537.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG_2538.JPG</a> | DA MULHER     |   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO            | TEMA  |
|------------------------------|------------------|---|
| <a href="#">IMG_2539.JPG</a> | DA MULHER        | QUANDO AS MÃES CONVERSAM...<br>A MÃE E OS FILHOS                        |
| <a href="#">IMG_2540.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2541.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2542.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2543.JPG</a> |                  | AOS QUE SÃO POSTOS DE LADO<br>A MULHER                                  |
| <a href="#">IMG_2544.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2545.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2546.JPG</a> | DA MULHER        | A VOLTA DA RAINHA<br>DUAS CURAS, DUAS GRAÇAS                            |
| <a href="#">IMG_2547.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2548.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2549.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_2550.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3001.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | PROCESSOS<br>DESCRISTIANIZADORES DA<br>PEDAGOGIA COMUNISTA              |
| <a href="#">IMG_3005.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | A COERÊNCIA DA PEDAGOGIA<br>COMUNISTA                                   |
| <a href="#">IMG_3006.JPG</a> | DA MULHER        | MEDITAÇÃO<br>DEUS DA ETERNIDADE   |
| <a href="#">IMG_3007.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3008.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3009.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3011.JPG</a> |                  | VIDA<br>AGRÁRIA   |
| <a href="#">IMG_3012.JPG</a> | DA MULHER        | A INTIMIDADE DOS POETAS<br>A LIÇÃO DOS HUMILDES                         |
| <a href="#">IMG_3013.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3014.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3015.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3016.JPG</a> |                  | ACÇÃO<br>ESCOLAR  |
| <a href="#">IMG_3017.JPG</a> | DA MULHER        | O DIÁRIO DE ELIZABETH LESEUR<br>ARTE E ARTISTAS                         |
| <a href="#">IMG_3018.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3019.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3020.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3021.JPG</a> |                  | ACÇÃO<br>ESCOLAR  |
| <a href="#">IMG_3022.JPG</a> | VIDA<br>AGRÁRIA  | A MULHER NO FOMENTO DA<br>FRUTICULTURA                                  |
| <a href="#">IMG_3023.JPG</a> | DA MULHER        | FÁTIMA<br>A CIÊNCIA DO BEM E DO MAL<br>DEUS, NO DESPERTAR DA ALMA       |
| <a href="#">IMG_3024.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3025.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3026.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3027.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3028.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3029.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3030.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | OS DESENHOS TORPES E AS<br>PALAVRAS OBSCENAS QUE SE<br>VEEM NAS PAREDES |
| <a href="#">IMG_3032.JPG</a> | VIDA<br>AGRÁRIA  | A MULHER NO FOMENTO DA<br>FRUTICULTURA                                  |
| <a href="#">IMG_3033.JPG</a> | DA MULHER        | DO DIÁRIO DE ELIZABETH LESEUR<br>EU TAMBÉM FUI POBRE                    |
| <a href="#">IMG_3034.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3035.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3036.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3037.JPG</a> | DA MULHER        |   |

| IMAGENS  | SEÇÃO            | TEMA  |
|--|------------------|---|
| <a href="#">IMG_3038.JPG</a><br><a href="#">IMG_3039.JPG</a><br><a href="#">IMG_3040.JPG</a>   |                  | A COROA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA<br>RECEM CASADOS                                 |
| <a href="#">IMG_3041.JPG</a><br><a href="#">IMG_3042.JPG</a><br><a href="#">IMG_3043.JPG</a><br><a href="#">IMG_3044.JPG</a><br><a href="#">IMG_3045.JPG</a> | NOVIDADES        | JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA<br>O DIREITO A VERDADE                                  |
| <a href="#">IMG_3048.JPG</a><br><a href="#">IMG_3049.JPG</a><br><a href="#">IMG_3050.JPG</a><br><a href="#">IMG_3051.JPG</a><br><a href="#">IMG_3052.JPG</a> | DA MULHER        | IMPRESSÕES E LEMBRANÇAS<br>PERIGOSA ANTECIPAÇÃO                                     |
| <a href="#">IMG_3053.JPG</a><br><a href="#">IMG_3054.JPG</a><br><a href="#">IMG_3055.JPG</a>   | DA MULHER        | DO DIÁRIO DE ELIZABETH LESEUR<br>RECEM CASADOS                                      |
| <a href="#">IMG_3056.JPG</a><br><a href="#">IMG_3057.JPG</a>   | ACÇÃO<br>ESCOLAR | FOERSTER E A EDUCAÇÃO MORAL   |
| <a href="#">IMG_3058.JPG</a><br><a href="#">IMG_3059.JPG</a><br><a href="#">IMG_3060.JPG</a>   | DA MULHER        | VINDE ESPÍRITO SANTO, ENCHEI O<br>CORÇÃO DOS VOSSOS FIÉIS<br>TRIUNFA A CONSCIÊNCIA! |
| <a href="#">IMG_3061.JPG</a><br><a href="#">IMG_3062.JPG</a><br><a href="#">IMG_3063.JPG</a><br><a href="#">IMG_3064.JPG</a>                                 | DA MULHER        | O DIÁRIO DE ELIZABETH LESEUR<br>FELIZ MEDIANA<br>CANÇÃO DA RUA                      |
| <a href="#">IMG_3065.JPG</a><br><a href="#">IMG_3066.JPG</a><br><a href="#">IMG_3067.JPG</a><br><a href="#">IMG_3068.JPG</a><br><a href="#">IMG_3069.JPG</a> | DA MULHER        | VIRTUDES TEOLOGAIS<br>DESTINOS  |
| <a href="#">IMG_3070.JPG</a><br><a href="#">IMG_3071.JPG</a><br><a href="#">IMG_3072.JPG</a>   | DA MULHER        | O TEMPO<br>PEDRA FEIA<br>A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGIA DA<br>CASA PIA                     |
| <a href="#">IMG_3073.JPG</a><br><a href="#">IMG_3074.JPG</a>   |                  |   |
| <a href="#">IMG_3075.JPG</a><br><a href="#">IMG_3076.JPG</a>   | NOVIDADES        | O DIVÓRCIO  |
| <a href="#">IMG_3079.JPG</a><br><a href="#">IMG_3080.JPG</a><br><a href="#">IMG_3081.JPG</a><br><a href="#">IMG_3082.JPG</a><br><a href="#">IMG_3083.JPG</a> | DA MULHER        | DO DIÁRIO DE ELIZABETH LESEUR<br>UM SONHO?<br>MODAS                                 |
| <a href="#">IMG_3086.JPG</a><br><a href="#">IMG_3087.JPG</a><br><a href="#">IMG_3088.JPG</a><br><a href="#">IMG_3089.JPG</a>                                 | DA MULHER        | A LIÇÃO DE PLÍNIO SALGADO<br>REVISTA DOS SEMANÁRIOS                                 |
| <a href="#">IMG_3090.JPG</a><br><a href="#">IMG_3091.JPG</a><br><a href="#">IMG_3092.JPG</a><br><a href="#">IMG_3093.JPG</a>                                 | DA MULHER        | SENDIBILIDADE FEMININA<br>FAZEM-ME LEMBRAR ESTES DIAS                               |



| IMAGENS                      | SEÇÃO            | TEMA   |
|------------------------------|------------------|--|
| <a href="#">IMG_3096.JPG</a> | DA MULHER        | REGRA DE VIDA<br>URBANIDADE  |
| <a href="#">IMG_3097.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3098.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3099.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3100.JPG</a> | DA MULHER        | CONVERSÃO<br>MUITÍSSIMO O QUE FAZER  |
| <a href="#">IMG_3101.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3102.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3103.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3104.JPG</a> | DA MULHER        | UM CADERNO DE RESOLUÇÕES DE<br>ELIZABETH LESEUR<br>SOMBRA E LUZ                |
| <a href="#">IMG_3105.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3106.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3107.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3109.JPG</a> | DA MULHER        | MULHERES DE HOJE<br>A VIDA DE UM MISSIONÁRIO                                   |
| <a href="#">IMG_3110.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3111.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3112.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3113.JPG</a> | NOVIDADES        | DEFESA DA FAMÍLIA  |
| <a href="#">IMG_3114.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3115.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3116.JPG</a> | DA MULHER        | TENTAÇÃO<br>A MULHER ALGARVIA  |
| <a href="#">IMG_3117.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3118.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3119.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3121.JPG</a> | DA MULHER        | PROPRIEDADE<br>A AMIZADE DELA  |
| <a href="#">IMG_3122.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3123.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3124.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3129.JPG</a> | DA MULHER        | UM CADERNO DE RESOLUÇÕES DE<br>ELIZABETH LESEUR<br>A HOMENAGEM A OLIVIA GUERRA |
| <a href="#">IMG_3130.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3131.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3132.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3133.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | NAS ESCOLAS, DEVE-SE<br>TRABALHAR PELA UNIDADE<br>ESPIRITUAL DA NAÇÃO          |
| <a href="#">IMG_3134.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3135.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3136.JPG</a> | DA MULHER        | MADRE MONFALIM<br>PARADOXO   |
| <a href="#">IMG_3137.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3138.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3139.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3140.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | EDUCAÇÃO - MAIS UMA<br>CAMPANHA NECESSÁRIA                                     |
| <a href="#">IMG_3141.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3142.JPG</a> | DA MULHER        | LAR MODESTO<br>NOTAS DE VIAGEM<br>A TUA CARTA                                  |
| <a href="#">IMG_3143.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3144.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3145.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3146.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | EM DEFESA DA CRINAÇA   |
| <a href="#">IMG_3147.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3149.JPG</a> | DA MULHER        | A IRMÃ MAIS VELHA<br>FONTE SOLITÁRIA   |
| <a href="#">IMG_3150.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3151.JPG</a> |                  |  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA  |
|------------------------------|-----------|---|
| <a href="#">IMG_3152.JPG</a> | DA MULHER | O CONGRESSO MARIANO<br>MOCIDADE   |
| <a href="#">IMG_3153.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3154.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3155.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3156.JPG</a> | DA MULHER | A INTIMIDADE DOS POETAS<br>PENSAMENTOS DE CADA DIA  |
| <a href="#">IMG_3157.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3158.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3159.JPG</a> | DA MULHER | O SANTO CURA DE ARS<br>ONTEM E HOJE   |
| <a href="#">IMG_3425.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3426.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3427.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3428.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3429.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3430.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3431.JPG</a> | DA MULHER | A INTIMIDADE DOS POETAS<br>NOTAS DE ROMA  |
| <a href="#">IMG_3432.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3433.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3434.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3435.JPG</a> | DA MULHER | HONRA OU INTERESSE?<br>FESTA EM UMA ESCOLA<br>MISSIONÁRIA                                       |
| <a href="#">IMG_3436.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3437.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3438.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3439.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3440.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3441.JPG</a> | DA MULHER | A MODA NOS TEMPLOS<br>A IMPRENSA CATÓLICA - ESSA<br>DESCONHECIDA                                |
| <a href="#">IMG_3442.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3443.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3447.JPG</a> | DA MULHER | NO VATICANO<br>PENSAMENTOS DE CADA DIA  |
| <a href="#">IMG_3448.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3449.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3450.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3451.JPG</a> | DA MULHER | A SENHORA PERÓN E SUA VISITA<br>A LISBOA  |
| <a href="#">IMG_3452.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3454.JPG</a> | DA MULHER | PENSAMENTOS DE CADA DIA<br>UMA LIÇÃO  |
| <a href="#">IMG_3455.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3456.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3457.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3458.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3459.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER NA HISTÓRIA DO<br>BRASIL - PARAGUASSU<br>SOL QUE SE ESPALHA (OS POBRES<br>DE PORTUGAL) |
| <a href="#">IMG_3460.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3461.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3462.JPG</a> | DA MULHER | A HONRA<br>ALMAS DE CRIANÇA<br>O TEMPORAL... A MÃE E A FILHA                                    |
| <a href="#">IMG_3463.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3464.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3465.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3466.JPG</a> | DA MULHER | O MAR   |
| <a href="#">IMG_3467.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3468.JPG</a> |           |   |

| IMAGENS   | SEÇÃO     | TEMA  |
|---|-----------|---|
| <u>IMG_3469.JPG</u><br><u>IMG_3470.JPG</u><br><u>IMG_3471.JPG</u><br><u>IMG_3472.JPG</u>  | DA MULHER | A MULHER NA HISTÓRIA DO BRASIL - ROSA MARIA DE SIQUEIRA   |
| <u>IMG_3473.JPG</u><br><u>IMG_3474.JPG</u><br><u>IMG_3476.JPG</u><br><u>IMG_3477.JPG</u>  |           | PAIS E FILHOS<br>A MULHER NA HISTÓRIA DO BRASIL - MARIA ÚRSULA DE ABREU                             |
| <u>IMG_3478.JPG</u><br><u>IMG_3479.JPG</u><br><u>IMG_3480.JPG</u><br><u>IMG_3481.JPG</u><br><u>IMG_3482.JPG</u><br><u>IMG_3483.JPG</u><br><u>IMG_3484.JPG</u>   | DA MULHER | UM HOMEM INSIGNIFICANTE<br>A MULHER NA HISTÓRIA DO BRASIL - FRANCISCA DE SANDI PRAIAS E CAMPOS      |
| <u>IMG_3486.JPG</u><br><u>IMG_3487.JPG</u>  | DA MULHER | UMA CHAMADA TELEFÔNICA<br>PIEIDADE<br>INTUIÇÃO  |
| <u>IMG_3488.JPG</u><br><u>IMG_3489.JPG</u><br><u>IMG_3490.JPG</u><br><u>IMG_3491.JPG</u><br><u>IMG_3492.JPG</u><br><u>IMG_3493.JPG</u><br><u>IMG_3494.JPG</u><br><u>IMG_3495.JPG</u><br><u>IMG_3496.JPG</u> | DA MULHER | BATALHA DAS SAIAS<br>AS DUAS POSSUÍRAM MEU CORAÇÃO  |
| <u>IMG_3497.JPG</u><br><u>IMG_3498.JPG</u><br><u>IMG_3499.JPG</u><br><u>IMG_3500.JPG</u><br><u>IMG_3501.JPG</u><br><u>IMG_3502.JPG</u><br><u>IMG_3504.JPG</u><br><u>IMG_3505.JPG</u>                        | DA MULHER | O PRIMEIRO DEVER<br>CRUCIFIXO DE BRONZE   |
| <u>IMG_3506.JPG</u><br><u>IMG_3507.JPG</u><br><u>IMG_3508.JPG</u><br><u>IMG_3509.JPG</u><br><u>IMG_3510.JPG</u><br><u>IMG_3511.JPG</u><br><u>IMG_3512.JPG</u>   | DA MULHER | A ESTRELA DE UMA AUTORA CATÓLICA<br>UM CURSO DA J.I.C.F<br>PREPARAÇÃO FEMININA PARA A VIDA FAMILIAR |
| <u>IMG_3513.JPG</u><br><u>IMG_3514.JPG</u><br><u>IMG_3515.JPG</u><br><u>IMG_3516.JPG</u><br><u>IMG_3517.JPG</u>   | DA MULHER | MARIA MADALENA PATRÍCIO<br>ATRIBUIÇÕES DE UMA LISBOETA EM LISBOA                                    |
|   | DA MULHER | COMO SE DEVE ESTAR NA IGREJA<br>DEUS-CHORA  |
|   | DA MULHER | VOCÇÃO PATRIMONIAL<br>UMA CALAMIDADE  |
|   | DA MULHER |   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO            | TEMA   |
|------------------------------|------------------|--|
| <a href="#">IMG_3518.JPG</a> | DA MULHER        | ADVENTO E NATAL  |
| <a href="#">IMG_3519.JPG</a> |                  | MULHER E MÃE   |
| <a href="#">IMG_3520.JPG</a> |                  | PENSAMENTOS DE ANO NOVO<br>UMA CALAMIDADE                  |
| <a href="#">IMG_3521.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3522.JPG</a> | DA MULHER        | D. CARMELA SALGADO   |
| <a href="#">IMG_3523.JPG</a> |                  | A COMPANHEIRA DO ESCRITOR                                  |
| <a href="#">IMG_3524.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3525.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3526.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3527.JPG</a> | DA MULHER        | MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA                                 |
| <a href="#">IMG_3530.JPG</a> |                  | FALA DE PORTUGAL AOS<br>BRASILEIROS                        |
| <a href="#">IMG_3531.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3532.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3533.JPG</a> | DA MULHER        | DO DIÁRIO E PENSAMENTOS DE<br>CADA DIA DE ELIZABETH LESEUR |
| <a href="#">IMG_3536.JPG</a> |                  | CONSEQUÊNCIAS DE UMA<br>CONSTIPAÇÃO                        |
| <a href="#">IMG_3537.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3538.JPG</a> | DA MULHER        | CORAGEM FEMININA   |
| <a href="#">IMG_3543.JPG</a> |                  | A CICATRIZ   |
| <a href="#">IMG_3544.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3545.JPG</a> | DA MULHER        | TALENT DE BIEN FAIRE                                       |
| <a href="#">IMG_3547.JPG</a> |                  | A CICATRIZ   |
| <a href="#">IMG_3548.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3549.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3550.JPG</a> | DA MULHER        | DO DIÁRIO DE ELIZABETH LESEUR                              |
| <a href="#">IMG_3551.JPG</a> |                  | TRÊS RETRATOS  |
| <a href="#">IMG_3552.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3553.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3554.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3555.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3556.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | A MULHER E O LAR   |
| <a href="#">IMG_3557.JPG</a> | DA MULHER        | A INTIMIDADE DOS POETAS                                    |
| <a href="#">IMG_3562.JPG</a> |                  | MANHÃ DO CREDO   |
| <a href="#">IMG_3563.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3564.JPG</a> | DA MULHER        | DO DIÁRIO DE ELIZABETH LESEUR                              |
| <a href="#">IMG_3569.JPG</a> |                  | UM VELHO CADERNO   |
| <a href="#">IMG_3570.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3571.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | O PERIGO COMUNISTA E A<br>EDUCAÇÃO                         |
| <a href="#">IMG_3577.JPG</a> | DA MULHER        | QUARESMA   |
| <a href="#">IMG_3578.JPG</a> |                  | UM APÓSTOLO DE 10 ANOS                                     |
| <a href="#">IMG_3579.JPG</a> | DA MULHER        | ESTOICISMO CRISTÃO   |
| <a href="#">IMG_3580.JPG</a> | DA MULHER        | PAIS E FILHOS  |
| <a href="#">IMG_3583.JPG</a> | DA MULHER        | POBRES CARTAS  |
| <a href="#">IMG_3585.JPG</a> |                  | QUAL DAS DUAS?   |
| <a href="#">IMG_3586.JPG</a> |                  |  |
| <a href="#">IMG_3587.JPG</a> | DA MULHER        | DO DIÁRIO DE ELIZABETH LESEUR                              |
| <a href="#">IMG_3588.JPG</a> | DA MULHER        | FÁTIMA   |
| <a href="#">IMG_3589.JPG</a> |                  | DOS CARROS DE BOIS   |
| <a href="#">IMG_3590.JPG</a> |                  |  |

| IMAGENS  | SEÇÃO     | TEMA  |
|--|-----------|---|
| <a href="#">IMG_3592.JPG</a><br><a href="#">IMG_3593.JPG</a><br><a href="#">IMG_3594.JPG</a>   | DA MULHER | A INFLUÊNCIA DOS ESTADOS<br>PSIQUICOS DE SAÚDE<br>DON GONZALO RUIZ DE TOLEDO          |
| <a href="#">IMG_3595.JPG</a><br><a href="#">IMG_3596.JPG</a><br><a href="#">IMG_3598.JPG</a>   | DA MULHER | UMA TARDE EM BETÂNIA<br>E NA MESA JAMAIS FALTOU UM<br>COPO FLORIDO                    |
| <a href="#">IMG_3599.JPG</a><br><a href="#">IMG_3600.JPG</a><br><a href="#">IMG_3601.JPG</a><br><a href="#">IMG_3603.JPG</a>   | DA MULHER | OBRA DE PREVIDÊNCIA E A<br>FORMAÇÃO DE CRIADAS<br>BELEZA OU VIRTUDE                   |
| <a href="#">IMG_3604.JPG</a><br><a href="#">IMG_3605.JPG</a><br><a href="#">IMG_3606.JPG</a><br><a href="#">IMG_3607.JPG</a><br><a href="#">IMG_3608.JPG</a><br><a href="#">IMG_3609.JPG</a><br><a href="#">IMG_3610.JPG</a>   | DA MULHER | RENDAS<br>E NA MESA JAMAIS FALTOU UM<br>COPO FLORIDO                                  |
| <a href="#">IMG_3611.JPG</a><br><a href="#">IMG_3612.JPG</a><br><a href="#">IMG_3613.JPG</a><br><a href="#">IMG_3614.JPG</a><br><a href="#">IMG_3637.JPG</a><br><a href="#">IMG_3638.JPG</a><br><a href="#">IMG_3639.JPG</a><br><a href="#">IMG_3640.JPG</a><br><a href="#">IMG_3641.JPG</a><br><a href="#">IMG_3642.JPG</a>   | DA MULHER | FÉNELON<br>UMA HISTÓRIA QUE ACONTECE<br>A POESIA DE TOLEDO                            |
| <a href="#">IMG_3643.JPG</a><br><a href="#">IMG_3644.JPG</a><br><a href="#">IMG_3645.JPG</a><br><a href="#">IMG_3646.JPG</a><br><a href="#">IMG_3647.JPG</a><br><a href="#">IMG_3650.JPG</a><br><a href="#">IMG_3651.JPG</a><br><a href="#">IMG_3652.JPG</a><br><a href="#">IMG_3653.JPG</a><br><a href="#">IMG_3654.JPG</a>   | DA MULHER | EDUCAÇÃO E CULTURA<br>O CASAMENTO<br>ATRAVÉS DO NOVO MUNDO                            |
| <a href="#">IMG_3655.JPG</a><br><a href="#">IMG_3656.JPG</a><br><a href="#">IMG_3657.JPG</a><br><a href="#">IMG_3658.JPG</a><br><a href="#">IMG_3659.JPG</a><br><a href="#">IMG_3660.JPG</a><br><a href="#">IMG_3661.JPG</a><br><a href="#">IMG_3662.JPG</a><br><a href="#">IMG_3663.JPG</a><br><a href="#">IMG_3665.JPG</a><br><a href="#">IMG_3666.JPG</a><br><a href="#">IMG_3667.JPG</a> | DA MULHER | DESDE O PRIMEIRO DIA<br>A VELHINHA<br>O SOL   |
|  | DA MULHER | A NATUREZA<br>A VELHINHA  |
|  | DA MULHER | MOMENTOS PERDIDOS<br>VIAGEM DE IDA E VOLTA<br>A CULTURA DA MULHER                     |
|  | DA MULHER | A HUMANA MORTE DO HOMEM<br>DIVINO<br>BERENICE<br>A PRUDÊNCIA DOS FILHOS DAS<br>TREVAS |
|  | DA MULHER | JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA<br>A LIBERDADE DO COMÉRCIO                                |
|  | DA MULHER | MINIATURAS MUSICAIS<br>FLOR DE MINOSA   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO            | TEMA  |
|------------------------------|------------------|---|
| <a href="#">IMG_3668.JPG</a> |                  | MARX - O DESCONHECIDO   |
| <a href="#">IMG_3669.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3670.JPG</a> | DA MULHER        | TRISTEZAS NÃO PAGAM DÍVIDAS<br>ADEUS CORAÇÃO<br>MINIATURAS MUSICAIS         |
| <a href="#">IMG_3671.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3672.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3673.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3674.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3676.JPG</a> | DA MULHER        | EDUCAÇÃO FEMININA<br>O MILAGRE DO VESTIDINHO AZUL                           |
| <a href="#">IMG_3677.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3678.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3679.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3680.JPG</a> | DA MULHER        | O BEM E O MAL<br>PORTUGAL HOSPITALEIRO<br>OLHOS QUE NÃO VÊEM                |
| <a href="#">IMG_3681.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3682.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3683.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3684.JPG</a> | DA MULHER        | POR AMOR<br>A MOEDA DE OIRO   |
| <a href="#">IMG_3685.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3686.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3687.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3688.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3689.JPG</a> | DA MULHER        | O ISOLAMENTO<br>A POESIA DE TOLEDO<br>ANTES QUERIA FICAR AQUI               |
| <a href="#">IMG_3690.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3691.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3692.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3693.JPG</a> | DA MULHER        | PRIMAVERA<br>A AULA DE MENINAS<br>ANTES QUERIA FICAR AQUI                   |
| <a href="#">IMG_3694.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3695.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3696.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3697.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3698.JPG</a> | DA MULHER        | CARIDADE<br>A POESIA DE TOLEDO  |
| <a href="#">IMG_3699.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3700.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3701.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3702.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3703.JPG</a> | DA MULHER        | CHARNECA<br>O DEVER   |
| <a href="#">IMG_3704.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3705.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3706.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3707.JPG</a> | DA MULHER        | BEBÉ A REZAR<br>HOMENAGEM DAS MULHERES<br>PORTUGUESAS A SALAZAR<br>CORTESIA |
| <a href="#">IMG_3708.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3709.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3710.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3711.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3712.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR | A ESCOLA E O SENTIDO MORAL<br>DA NOSSA CULTURA                              |
| <a href="#">IMG_3713.JPG</a> | DA MULHER        | O MOSQUITO<br>A MAGREZA EXTREMA<br>A MODA                                   |
| <a href="#">IMG_3714.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3715.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3716.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3717.JPG</a> | DA MULHER        | EDUCAÇÃO<br>MENTIRA PIEDOSA<br>NOVIDADE DA ARTE ROMÂNICA                    |
| <a href="#">IMG_3718.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3719.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_3720.JPG</a> |                  |   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO         | TEMA   |
|------------------------------|---------------|--|
| <a href="#">IMG_3721.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3722.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3723.JPG</a> | DA MULHER     | CASA SEM MULHER, CORPO SEM ALMA<br>O VÔO   |
| <a href="#">IMG_3724.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3725.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3726.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3727.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3728.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | AS MÃES E O ENSINO DA ARITMÉTICA   |
| <a href="#">IMG_3729.JPG</a> | DA MULHER     | A ESMOLA DUM POBRE QUINZE ANOS   |
| <a href="#">IMG_3730.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3731.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3732.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3733.JPG</a> | DA MULHER     | SÃO FRANCISCO DE ASSIS PRIMAVERA   |
| <a href="#">IMG_3734.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3735.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3736.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3737.JPG</a> | DA MULHER     | A ACÇÃO CATÓLICA NA AUSTRÁLIA<br>O DIA EM QUE MINHA MÃE CHOROU<br>CRIMINOSOS INCONSCIENTES |
| <a href="#">IMG_3738.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3739.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3740.JPG</a> | DA MULHER     | ASSISTÊNCIA AS CADEIAS<br>MEDITAÇÃO DA MORTE   |
| <a href="#">IMG_3741.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3742.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3744.JPG</a> | DA MULHER     | CASA PRÓPRIA<br>QUATRO ANOS CURIOSOS<br>CRUZ VERMELHA PORTUGUESA                           |
| <a href="#">IMG_3745.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3746.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3747.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3748.JPG</a> | DA MULHER     | A VERDADEIRA BELEZA<br>O AMOR E O DESTINO  |
| <a href="#">IMG_3749.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3750.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3751.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3752.JPG</a> | DA MULHER     | OS BAGATELAS<br>MORREU O PADRE CRUZ!   |
| <a href="#">IMG_3756.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3757.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3758.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3759.JPG</a> | DA MULHER     | A MULHER<br>TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>A TENTAÇÃO DA MODA                 |
| <a href="#">IMG_3763.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3764.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3765.JPG</a> | DA MULHER     | VELHOS COSTUMES<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>VIAGEM PEREGRINA PELA AMÉRICA             |
| <a href="#">IMG_3766.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3770.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3771.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3772.JPG</a> | DA MULHER     | A MENINICE<br>A PEDRA DE DESCANSO<br>TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO              |
| <a href="#">IMG_3774.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3775.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3776.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3777.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3778.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_3779.JPG</a> |               |  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_3781.JPG</a> | DA MULHER | RECOMPENSA<br>A ARTE DE VIVER EM SOCIEDADE<br>A NOSSA CASA<br>PENTEADOS                                  |
| <a href="#">IMG_3782.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3783.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3784.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3785.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3786.JPG</a> | DA MULHER | VINTE E CINCO ANOS<br>JUÍZOS TEMERÁRIOS<br>A DOENTINHA   |
| <a href="#">IMG_3788.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3789.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3790.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3791.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3792.JPG</a> | DA MULHER | O QUE EU DISSE A<br>MANUELA, SERVE TAMBÉM PARA<br>TI, MANELITA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>A ÁRVORE |
| <a href="#">IMG_3793.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3794.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3795.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3796.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3797.JPG</a> | DA MULHER | A PÉROLA COR DE ROSA<br>O NATAL NOS ESTADOS UNIDOS   |
| <a href="#">IMG_3798.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3799.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3800.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3801.JPG</a> | DA MULHER | QUE SERIA DESTE MUNDO<br>SÃO JOÃO DE DEUS<br>O QUE DIGO A MANUELA, SERVE<br>TAMBÉM A TI                  |
| <a href="#">IMG_3841.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3842.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3843.JPG</a> | DA MULHER | ONTEM E HOJE<br>BELA INICIATIVA  |
| <a href="#">IMG_3845.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3846.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3847.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3848.JPG</a> | DA MULHER | O MATRIMÔNIO<br>O PEDINTE DE SÃO JUDAS<br>QUEM ME AVISA, MEU AMIGO É                                     |
| <a href="#">IMG_3849.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3850.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3851.JPG</a> | DA MULHER | O SANTO SUDÁRIO<br>DEUS<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_3852.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3853.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3854.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3855.JPG</a> | DA MULHER | PRIMAVERA<br>O CÂNTARO<br>RESSURREIÇÃO   |
| <a href="#">IMG_3856.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3857.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3858.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3859.JPG</a> | DA MULHER | A DONA DE CASA PERFEITA<br>QUEM ME AVISA, MEU AMIGO É<br>A PROVA - MÃE E FILHA                           |
| <a href="#">IMG_3860.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3861.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3862.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3863.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3864.JPG</a> | DA MULHER | A DONA DE CASA PERFEITA<br>AMOR DE MÃE<br>CARTAS DA AMÉRICA  |
| <a href="#">IMG_3865.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3866.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3867.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3868.JPG</a> | DA MULHER | HOJE E ONTEM<br>AS SURPRESAS DO TELEFONE<br>O ARCANJO SÃO MIGUEL E<br>FÁTIMA                             |
| <a href="#">IMG_3869.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3870.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3871.JPG</a> |           |  |



| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                                    |
|------------------------------|-----------|---|
| <a href="#">IMG_3872.JPG</a> | DA MULHER | HOMENS E LOBOS                          |
| <a href="#">IMG_3873.JPG</a> |           | UMA MULHER... MULHER                    |
| <a href="#">IMG_3874.JPG</a> |           | INDIFERENÇA                             |
| <a href="#">IMG_3875.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3877.JPG</a> | DA MULHER | CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR          |
| <a href="#">IMG_3878.JPG</a> |           | UMA MULHER... MULHER                    |
| <a href="#">IMG_3879.JPG</a> |           | AS FESTAS DA CIDADE DE SANTÁREM         |
| <a href="#">IMG_3880.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3881.JPG</a> | DA MULHER | JUNHO                                   |
| <a href="#">IMG_3882.JPG</a> |           | MÃES                                    |
| <a href="#">IMG_3883.JPG</a> |           | O QUE DIGO A MANUELA, SERVE TAMBÉM A TI |
| <a href="#">IMG_3884.JPG</a> | DA MULHER | A ARTE DE NÃO ESQUECER                  |
| <a href="#">IMG_3885.JPG</a> |           | CAPOEIRA                                |
| <a href="#">IMG_3886.JPG</a> |           | POR TERRAS DE SANTA CRUZ                |
| <a href="#">IMG_3887.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3888.JPG</a> | DA MULHER | UM MISTÉRIO!                            |
| <a href="#">IMG_3889.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?              |
| <a href="#">IMG_3890.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3891.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3892.JPG</a> | DA MULHER | SÃO JOÃO DE DEUS                        |
| <a href="#">IMG_3893.JPG</a> |           | O NOIVO DE MARÍLIA                      |
| <a href="#">IMG_3894.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3895.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3896.JPG</a> | DA MULHER | A IMAGINAÇÃO                            |
| <a href="#">IMG_3897.JPG</a> |           | INQUÉRITO                               |
| <a href="#">IMG_3898.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3899.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3900.JPG</a> | DA MULHER | A DOR                                   |
| <a href="#">IMG_3901.JPG</a> |           | MODERNISMO                              |
| <a href="#">IMG_3902.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3904.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3905.JPG</a> | DA MULHER | A CANÇÃO DO SILÊNCIO                    |
| <a href="#">IMG_3906.JPG</a> |           | A MODA                                  |
| <a href="#">IMG_3907.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3908.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3909.JPG</a> | DA MULHER | EXEMPLO DE FÉ DE CANDURA                |
| <a href="#">IMG_3910.JPG</a> |           | A ESCOLHA DA CARREIRA                   |
| <a href="#">IMG_3911.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3912.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3913.JPG</a> | DA MULHER | UMA CURA MILAGROSA                      |
| <a href="#">IMG_3914.JPG</a> |           | QUEM ME AVISA, MEU AMIGO É INQUÉRITO    |
| <a href="#">IMG_3915.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3916.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3917.JPG</a> | DA MULHER | SINCERIDADE REAL                        |
| <a href="#">IMG_3918.JPG</a> |           | MULHERES ILUSTRES                       |
| <a href="#">IMG_3919.JPG</a> |           | CONSIDERAÇÕES SOBRE A CARIDADE          |
| <a href="#">IMG_3920.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_3920.JPG</a> | DA MULHER | É TEMPO DE NATAL                        |
| <a href="#">IMG_3802.JPG</a> | DA MULHER | SEM PÃO                                 |
| <a href="#">IMG_3803.JPG</a> |           | NATAL                                   |
| <a href="#">IMG_3804.JPG</a> |           | O IDEAL FEMININO                        |
| <a href="#">IMG_3804.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?              |

| IMAGENS  | SEÇÃO         | TEMA   |
|--|---------------|--|
| <a href="#">IMG_3805.JPG</a><br><a href="#">IMG_3806.JPG</a>   |               | O QUE DIGO A MANUELA, SERVE TAMBÉM A TI                                      |
| <a href="#">IMG_3807.JPG</a><br><a href="#">IMG_3808.JPG</a><br><a href="#">IMG_3809.JPG</a><br><a href="#">IMG_3810.JPG</a>                                 | DA MULHER     | DIA DA TERNURA<br>UM ANJO EM CASA<br>O SABER NÃO OCUPA LUGAR                 |
| <a href="#">IMG_3811.JPG</a>   | ACÇÃO ESCOLAR | LIBERDADE E EDUCAÇÃO   |
| <a href="#">IMG_3812.JPG</a><br><a href="#">IMG_3813.JPG</a><br><a href="#">IMG_3814.JPG</a><br><a href="#">IMG_3815.JPG</a>                                 | DA MULHER     | LAR<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>UM ANJO EM CASA                         |
| <a href="#">IMG_3816.JPG</a><br><a href="#">IMG_3817.JPG</a><br><a href="#">IMG_3818.JPG</a><br><a href="#">IMG_3819.JPG</a>                                 | DA MULHER     | O VERDADEIRO AMOR<br>PUERICULTURA<br>O MÉDICO NOVO                           |
| <a href="#">IMG_3820.JPG</a><br><a href="#">IMG_3821.JPG</a><br><a href="#">IMG_3822.JPG</a><br><a href="#">IMG_3823.JPG</a>                                 | DA MULHER     | EDUCAÇÕES DEFEITUOSAS<br>CUIDADOS COM A BOCA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <a href="#">IMG_3824.JPG</a><br><a href="#">IMG_3825.JPG</a>   | NOVIDADES     | A IMPRENSA CATÓLICA  |
| <a href="#">IMG_3826.JPG</a><br><a href="#">IMG_3827.JPG</a><br><a href="#">IMG_3828.JPG</a>   | DA MULHER     | A CASA DAS GLICINAS<br>AMOR E AMIZADE  |
| <a href="#">IMG_3829.JPG</a><br><a href="#">IMG_3830.JPG</a><br><a href="#">IMG_3831.JPG</a><br><a href="#">IMG_3832.JPG</a><br><a href="#">IMG_3833.JPG</a> | DA MULHER     | FORÇA EDUCATIVA DO EXEMPLO<br>MINHA MÃE<br>UM DIVÓRCIO                       |
| <a href="#">IMG_3834.JPG</a><br><a href="#">IMG_3835.JPG</a><br><a href="#">IMG_3836.JPG</a>   | DA MULHER     | DOCTRINA E AÇÃO<br>A MATERNIDADE DA IGREJA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?     |
| <a href="#">IMG_3837.JPG</a><br><a href="#">IMG_3838.JPG</a><br><a href="#">IMG_3839.JPG</a>   | DA MULHER     | CARINHO PARTENAL<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>QUEM ME AVISA, MEU AMIGO É |
| <a href="#">IMG_3922.JPG</a><br><a href="#">IMG_3923.JPG</a><br><a href="#">IMG_3924.JPG</a>   | DA MULHER     | INSTRUÇÃO PRIMÁRIA<br>QUEM ME AVISA, MEU AMIGO É<br>DOIS AMORES              |
| <a href="#">IMG_3925.JPG</a><br><a href="#">IMG_3926.JPG</a><br><a href="#">IMG_3927.JPG</a>   | DA MULHER     | A NOSSA PIOR INIMIGA<br>EM PAÍS ALIADO                                       |
| <a href="#">IMG_3928.JPG</a><br><a href="#">IMG_3929.JPG</a><br><a href="#">IMG_3930.JPG</a>   | DA MULHER     | DONA DE CASA<br>DEUS NO SOFRIMENTO   |
| <a href="#">IMG_3931.JPG</a><br><a href="#">IMG_3932.JPG</a><br><a href="#">IMG_3933.JPG</a><br><a href="#">IMG_3934.JPG</a>                                 | DA MULHER     | O DEMÔNIO DO OURO<br>INQUÉRITO<br>MODAS                                      |
| <a href="#">IMG_3935.JPG</a><br><a href="#">IMG_3936.JPG</a><br><a href="#">IMG_3937.JPG</a><br><a href="#">IMG_3938.JPG</a>                                 | DA MULHER     | O INVENCÍVEL ENCANTO<br>SORRIA, POR FAVOR                                    |

| IMAGENS  | SEÇÃO     | TEMA  |
|--|-----------|---|
| <a href="#">IMG_3939.JPG</a><br><a href="#">IMG_3940.JPG</a><br><a href="#">IMG_3941.JPG</a><br><a href="#">IMG_3942.JPG</a>   | DA MULHER | CATEQUIZAÇÃO<br>SORRIA, POR FAVOR<br>NÃO VALE A PENA...   |
| <a href="#">IMG_3943.JPG</a><br><a href="#">IMG_3944.JPG</a><br><a href="#">IMG_3945.JPG</a><br><a href="#">IMG_3946.JPG</a>   | DA MULHER | INQUÉRITO<br>APROVEITE AS SUAS FÉRIAS<br>SORRIA, POR FAVOR  |
| <a href="#">IMG_3947.JPG</a><br><a href="#">IMG_3948.JPG</a><br><a href="#">IMG_3949.JPG</a><br><a href="#">IMG_3950.JPG</a>   | DA MULHER | O QUE DIGO A MANUELA, SERVE<br>TAMBÉM A TI<br>SABEDORIA DO CORAÇÃO<br>INTIMIDADE                              |
| <a href="#">IMG_3951.JPG</a><br><a href="#">IMG_3952.JPG</a><br><a href="#">IMG_3953.JPG</a><br><a href="#">IMG_3954.JPG</a>   | DA MULHER | CONFIANÇA<br>OPORTUNIDADE<br>SABEDORIA DO CORAÇÃO   |
| <a href="#">IMG_3955.JPG</a><br><a href="#">IMG_3956.JPG</a><br><a href="#">IMG_3957.JPG</a><br><a href="#">IMG_3958.JPG</a>   | DA MULHER | COMPRAS (MOMENTOS<br>AGRADÁVEIS)<br>SABEDORIA DO CORAÇÃO<br>COISAS DA VIDA                                    |
| <a href="#">IMG_3959.JPG</a><br><a href="#">IMG_3960.JPG</a>   | NOVIDADES | AS NOSSAS RESPONSABILIDADES<br>DE CATÓLICOS   |
| <a href="#">IMG_3961.JPG</a><br><a href="#">IMG_3962.JPG</a><br><a href="#">IMG_3963.JPG</a><br><a href="#">IMG_3964.JPG</a>   | DA MULHER | QUEM ME AVISA, MEU AMIGO É<br>SABEDORIA DO CORAÇÃO<br>FIM DE VERÃO  |
| <a href="#">IMG_3965.JPG</a><br><a href="#">IMG_3966.JPG</a><br><a href="#">IMG_3967.JPG</a><br><a href="#">IMG_3968.JPG</a><br><a href="#">IMG_3969.JPG</a><br><a href="#">IMG_3970.JPG</a> | DA MULHER | AS CONDIÇÕES QUE DEVE REUNIR<br>A ESPOSA PERFEITA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>A CARIDADE E O PATRIOTISMO |
| <a href="#">IMG_3971.JPG</a><br><a href="#">IMG_3972.JPG</a>   | DA MULHER | O SEXO FRACO<br>O QUE DIGO A MANUELA, SERVE<br>TAMBÉM A TI<br>MÃES  |
| <a href="#">IMG_3973.JPG</a><br><a href="#">IMG_3974.JPG</a><br><a href="#">IMG_3975.JPG</a><br><a href="#">IMG_3976.JPG</a><br><a href="#">IMG_3977.JPG</a>                                 | DA MULHER | OMISSÕES<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>DOIS CORAÇÕES<br>A MULHER E SEU LUGAR E SUA<br>FUNÇÃO DE EDUCADORA  |
| <a href="#">IMG_3978.JPG</a><br><a href="#">IMG_3979.JPG</a><br><a href="#">IMG_3980.JPG</a><br><a href="#">IMG_3981.JPG</a>   | DA MULHER | A TRAGÉDIA DO REI LEOPOLDO<br>DA BÉLGICA<br>MODAS<br>ACÇÃO CATÓLICA PORTUGUESA                                |
| <a href="#">IMG_3982.JPG</a><br><a href="#">IMG_3983.JPG</a><br><a href="#">IMG_3984.JPG</a><br><a href="#">IMG_3985.JPG</a>   | DA MULHER | AS NOSSAS FILHAS<br>NOSSA SENHORA DE FÁTIMA<br>JUVENTUDE DO CORAÇÃO   |
| <a href="#">IMG_3986.JPG</a>   | DA MULHER | EXEMPLO   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_3987.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <a href="#">IMG_3988.JPG</a> |           | JUVENTUDE DO CORAÇÃO   |
| <a href="#">IMG_3989.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3990.JPG</a> | DA MULHER | A DONA DE CASA PERFEITA  |
| <a href="#">IMG_3991.JPG</a> |           | JUVENTUDE DO CORAÇÃO<br>O QUE DIGO A MANUELA, SERVE<br>TAMBÉM A TI |
| <a href="#">IMG_3992.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3993.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3994.JPG</a> | DA MULHER | NÃO TEM IMPORTÂNCIA  |
| <a href="#">IMG_3995.JPG</a> |           | EU TAMBÉM LEVO A MINHA CRUZ  |
| <a href="#">IMG_3996.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3997.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_3998.JPG</a> | DA MULHER | A AFABILIDADE  |
| <a href="#">IMG_3999.JPG</a> |           | EU TAMBÉM LEVO A MINHA CRUZ  |
| <a href="#">IMG_4806.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4807.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4808.JPG</a> |           | COISAS NOVAS E COISAS VELHAS                                       |
| <a href="#">IMG_4809.JPG</a> |           | O MUNDO MODERNO E A PAZ  |
| <a href="#">IMG_4810.JPG</a> |           | PARA DEUS  |
| <a href="#">IMG_4811.JPG</a> |           | SER MÃE  |
| <a href="#">IMG_4812.JPG</a> |           | DESAGRAVO  |
| <a href="#">IMG_4813.JPG</a> |           | CONSELHOS DE MÃE   |
| <a href="#">IMG_4814.JPG</a> |           | SER MULHER   |
| <a href="#">IMG_4815.JPG</a> |           | A MULHER EM AFRICA   |
|                              |           | A IGREJA CONDENA O   |
| <a href="#">IMG_4816.JPG</a> |           | COMUNISMO  |
| <a href="#">IMG_4817.JPG</a> |           | SER MÃE  |
| <a href="#">IMG_4818.JPG</a> |           | A FAMÍLIA E A JUVENTUDE  |
| <a href="#">IMG_4819.JPG</a> |           | RAPARIGAS  |
| <a href="#">IMG_4820.JPG</a> |           | MODAS... SINTOMAS DOS TEMPOS                                       |
|                              |           | A FAMÍLIA PRINCIPAL CENTRO   |
| <a href="#">IMG_4821.JPG</a> |           | EDUCATIVO DA CRIANÇA   |
| <a href="#">IMG_4822.JPG</a> |           | A MULHER RURAL EM PORTUGAL   |
| <a href="#">IMG_4823.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4824.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4825.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4826.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4827.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4828.JPG</a> | DA MULHER | ANO NOVO E ANO VELHO   |
| <a href="#">IMG_4829.JPG</a> |           | PUERICULTURA   |
| <a href="#">IMG_4830.JPG</a> |           | A LIÇÃO DA PONTE   |
| <a href="#">IMG_4831.JPG</a> |           | O CONSOLADOR   |
| <a href="#">IMG_4832.JPG</a> | DA MULHER | A PALAVRA QUE NÃO FOI<br>PRONUNCIADA                               |
|                              |           | DE COMO FUI ESTRANGEIRA PELA<br>PRIMEIRA VEZ                       |
| <a href="#">IMG_4833.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4834.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4835.JPG</a> | DA MULHER | LIVROS FEMININOS   |
| <a href="#">IMG_4836.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>A PALAVRA QUE NÃO FOI<br>PRONUNCIADA |
| <a href="#">IMG_4837.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4838.JPG</a> | DA MULHER | ANTES ASSIM...   |
| <a href="#">IMG_4839.JPG</a> |           | PEDRINHO TEM UMA IDÉIA   |
| <a href="#">IMG_4840.JPG</a> |           | NEM SÓ DE AZUL VIVE O HOMEM  |
| <a href="#">IMG_4841.JPG</a> |           |  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO         | TEMA                         |
|------------------------------|---------------|------------------------------|
| <a href="#">IMG_4842.JPG</a> | DA MULHER     | O RELÓGIO                    |
| <a href="#">IMG_4843.JPG</a> |               | TODA CARTA TEM RESPOSTA      |
| <a href="#">IMG_4844.JPG</a> |               | CADEIA DE FÉ E AMOR          |
| <a href="#">IMG_4845.JPG</a> |               | TODA ALMA QUE SE ELEVA,      |
| <a href="#">IMG_4846.JPG</a> |               | ELEVA O MUNDO                |
| <a href="#">IMG_4847.JPG</a> | DA MULHER     | PIO X                        |
| <a href="#">IMG_4848.JPG</a> |               | DE COMO FUI ESTRANGEIRA PELA |
| <a href="#">IMG_4849.JPG</a> |               | PRIMEIRA VEZ                 |
| <a href="#">IMG_4850.JPG</a> |               | DA BELEZA                    |
| <a href="#">IMG_4852.JPG</a> | DA MULHER     | NOUTRO TEMPO...              |
| <a href="#">IMG_4853.JPG</a> |               | NUNCA MAIS?                  |
| <a href="#">IMG_4854.JPG</a> |               | SEMPRE                       |
| <a href="#">IMG_4855.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | RESPONSABILIDADES FAMILIARES |
| <a href="#">IMG_4856.JPG</a> | DA MULHER     | QUARESMA                     |
| <a href="#">IMG_4857.JPG</a> |               | DESFECHO INESPERADO          |
| <a href="#">IMG_4858.JPG</a> |               | NUNCA MAIS                   |
| <a href="#">IMG_4859.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | RESPONSABILIDADES FAMILIARES |
| <a href="#">IMG_4860.JPG</a> | DA MULHER     | AS PAIXÕES HUMANAS           |
| <a href="#">IMG_4861.JPG</a> |               | DE COMO FUI ESTRANGEIRA PELA |
| <a href="#">IMG_4862.JPG</a> |               | PRIMEIRA VEZ                 |
| <a href="#">IMG_4863.JPG</a> |               | A PROMESSA                   |
| <a href="#">IMG_4864.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | RESPONSABILIDADES FAMILIARES |
| <a href="#">IMG_4865.JPG</a> | DA MULHER     | O CASO DE SHIRLEY TEMPLE     |
| <a href="#">IMG_4866.JPG</a> |               | UNS DIAS NO CAMPO            |
| <a href="#">IMG_4867.JPG</a> |               | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <a href="#">IMG_4868.JPG</a> | DA MULHER     | LEITURAS ACTUAIS             |
| <a href="#">IMG_4869.JPG</a> |               | UNS DIAS NO CAMPO            |
| <a href="#">IMG_4870.JPG</a> |               | O QUE DIGO A MANUELA SERVE   |
| <a href="#">IMG_4872.JPG</a> |               | TAMBÉM A TI                  |
| <a href="#">IMG_4873.JPG</a> | DA MULHER     | A QUARESMA                   |
| <a href="#">IMG_4874.JPG</a> |               | DE COMO FUI ESTRANGEIRA PELA |
| <a href="#">IMG_4875.JPG</a> | DA MULHER     | PRIMEIRA VEZ                 |
| <a href="#">IMG_4876.JPG</a> | DA MULHER     | LIVROS FEMININOS             |
| <a href="#">IMG_4877.JPG</a> |               | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <a href="#">IMG_4878.JPG</a> |               | MULHER NA FAMÍLIA            |
| <a href="#">IMG_4879.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | A LEITURA BÍBLICA NA FAMÍLIA |
| <a href="#">IMG_4880.JPG</a> | DA MULHER     | PORQUE ME FIZ PROFESSORA     |
| <a href="#">IMG_4881.JPG</a> |               | ACASOS DA VIDA               |
| <a href="#">IMG_4882.JPG</a> | DA MULHER     | TODA CARTA TEM RESPOSTA      |
| <a href="#">IMG_4883.JPG</a> |               | ACASOS DA VIDA II            |
| <a href="#">IMG_4884.JPG</a> |               | REGRAS DO DOUTOR FAUSTO      |
| <a href="#">IMG_4885.JPG</a> | DA MULHER     | HOMENAGEM E SÚPLICA          |
| <a href="#">IMG_4886.JPG</a> |               | O AVÔ DOS PAMPAS             |
| <a href="#">IMG_4887.JPG</a> | DA MULHER     | O QUE DIGO A MANUELA SERVE   |
| <a href="#">IMG_4888.JPG</a> |               | TAMBÉM A TI                  |
|                              |               | LARES                        |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_4889.JPG</a> | DA MULHER | JARDIM É A MOLDURA DA CASA<br>A PRESENÇA DE PORTUGAL NO<br>PRÓXIMO CONGRESSO<br>EUCARÍSTICO INTERNACIONAL<br>O AVÔ DOS PAMPAS - II |
| <a href="#">IMG_4890.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4891.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4892.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4893.JPG</a> | DA MULHER | MALES ACTUAIS  |
| <a href="#">IMG_4894.JPG</a> |           | MULHER PERIGOSA  |
| <a href="#">IMG_4895.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER DONA DE CASA<br>VISITA DA IMAGEM PEREGRINA A<br>CHAMUSCA  |
| <a href="#">IMG_4896.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4897.JPG</a> | DA MULHER | COISAS DE HOJE<br>HOMENS NÉSCIOS QUE ACUSAIS...  |
| <a href="#">IMG_4898.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4899.JPG</a> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>AS DORES DE MARIA  |
| <a href="#">IMG_4900.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4901.JPG</a> | DA MULHER | MANHÃ DE PRIMAVERA<br>TODA CARTA TEM RESPOSTA  |
| <a href="#">IMG_4902.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4905.JPG</a> | DA MULHER | DEFINIÇÃO DA ORAÇÃO<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_4906.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4907.JPG</a> | DA MULHER | MÁ EDUCAÇÃO<br>O CORAÇÃO VENCER<br>QUEM ME AVISA MEU AMIGO É   |
| <a href="#">IMG_4908.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4909.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4910.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4911.JPG</a> | DA MULHER | AMOR MATERNAL<br>UM CABELO BRANCO<br>CARTAS ENTRE DEUS E UM ATEU   |
| <a href="#">IMG_4912.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4913.JPG</a> | DA MULHER | A VIRGEM NA ARTE PORTUGUESA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>TODA CARTA TEM RESPOSTA   |
| <a href="#">IMG_4914.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4915.JPG</a> | DA MULHER | INSTANTÂNEOS PESSOAIS<br>O QUE DIGO A MANUELA SERVE<br>TAMBÉM A TI   |
| <a href="#">IMG_4916.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4917.JPG</a> | DA MULHER | SANTO ANTÔNIO<br>NOVE ANOS DE ESPERA   |
| <a href="#">IMG_4918.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4919.JPG</a> | DA MULHER | UMA POETISA BRASILEIRA<br>FÉ E CARIDADE DE UM CAPELÃO<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_4920.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4921.JPG</a> | DA MULHER | OS RESPONSÁVEIS<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>AS LIQUIDAÇÕES  |
| <a href="#">IMG_4922.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4923.JPG</a> | DA MULHER | ANO MARIANO<br>CONVERSANDO COM NOSSAS<br>ARTISTAS  |
| <a href="#">IMG_4924.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4925.JPG</a> | DA MULHER | MISSA DE ALVA<br>CONVERSANDO COM NOSSAS<br>ARTISTAS  |
| <a href="#">IMG_4926.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4927.JPG</a> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>O QUE O DIABO DESCOBRE   |
| <a href="#">IMG_4928.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4929.JPG</a> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>O QUE DIGO A MANUELA SERVE<br>TAMBÉM A TI<br>AMA O PRÓXIMO COMO A TI<br>MESMO                        |
| <a href="#">IMG_4930.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4931.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4932.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4933.JPG</a> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>O QUE O DIABO DESCOBRE   |
| <a href="#">IMG_4934.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4935.JPG</a> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>O QUE DIGO A MANUELA SERVE<br>TAMBÉM A TI<br>AMA O PRÓXIMO COMO A TI<br>MESMO                        |
| <a href="#">IMG_4936.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_4937.JPG</a> | DA MULHER |  |

| IMAGENS  | SEÇÃO         | TEMA  |
|--|---------------|---|
| <a href="#">IMG_4938.JPG</a><br><a href="#">IMG_4939.JPG</a><br><a href="#">IMG_4940.JPG</a>                                 | DA MULHER     | CONVERSANDO COM NOSSAS ARTISTAS<br>O MONSTRO  |
| <a href="#">IMG_4941.JPG</a><br><a href="#">IMG_4942.JPG</a><br><a href="#">IMG_4943.JPG</a>                                 | DA MULHER     | UMA REPARAÇÃO NECESSÁRIA<br>A ÚLTIMA PALAVRA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>ARTE E ARTISTAS |
| <a href="#">IMG_4944.JPG</a><br><a href="#">IMG_4945.JPG</a><br><a href="#">IMG_4946.JPG</a>                                 | DA MULHER     | CONVERSANDO COM NOSSAS ARTISTAS<br>A ÚLTIMA PALAVRA<br>EXEMPLO                                |
| <a href="#">IMG_4947.JPG</a><br><a href="#">IMG_4948.JPG</a><br><a href="#">IMG_4949.JPG</a>                                 | DA MULHER     | CONVERSANDO COM NOSSAS ARTISTAS<br>A ÚLTIMA PALAVRA   |
| <a href="#">IMG_4950.JPG</a><br><a href="#">IMG_4951.JPG</a>   | DA MULHER     | SEMANA DA MÃE<br>PARA SEMPRE!<br>CONVERSANDO COM NOSSAS ARTISTAS                              |
| <a href="#">IMG_4952.JPG</a><br><a href="#">IMG_4953.JPG</a><br><a href="#">IMG_4954.JPG</a>                                 | DA MULHER     | OS OLHOS DO AMOR<br>CONVERSANDO COM NOSSAS ARTISTAS   |
| <a href="#">IMG_4955.JPG</a><br><a href="#">IMG_4956.JPG</a><br><a href="#">IMG_4957.JPG</a><br><a href="#">IMG_4958.JPG</a> | DA MULHER     | QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>QUEM ME AVISA MEU AMIGO É<br>A CONSOADA                         |
| <a href="#">IMG_4959.JPG</a><br><a href="#">IMG_4960.JPG</a>   | DA MULHER     | NATAL A BORDO   |
| <a href="#">IMG_4962.JPG</a><br><a href="#">IMG_4963.JPG</a><br><a href="#">IMG_4964.JPG</a>                                 | DA MULHER     | CONVERSANDO COM NOSSAS ARTISTAS<br>NATAL A BORDO  |
| <a href="#">IMG_4965.JPG</a><br><a href="#">IMG_4966.JPG</a>   | DA MULHER     | FÉ E CARIDADE DE UM CAPELÃO<br>CONSOLAR   |
| <a href="#">IMG_4967.JPG</a><br><a href="#">IMG_4969.JPG</a><br><a href="#">IMG_4970.JPG</a><br><a href="#">IMG_4971.JPG</a> | DA MULHER     | UNIVERSITÁRIAS<br>QUEM ME AVISA MEU AMIGO É<br>CONSEQUÊNCIAS DA IMPUREZA                      |
| <a href="#">IMG_4972.JPG</a><br><a href="#">IMG_4973.JPG</a>   | DA MULHER     | A REALIDADE<br>O QUE DIGO A MANUELA SERVE<br>TAMBÉM A TI<br>O CORREIO                         |
| <a href="#">IMG_4974.JPG</a><br><a href="#">IMG_4975.JPG</a><br><a href="#">IMG_4976.JPG</a><br><a href="#">IMG_4977.JPG</a> | DA MULHER     | UM BOM CONSELHO<br>AMOR Á BELEZA<br>PARA O AMOR NÃO HÁ ESCOLHOS                               |
| <a href="#">IMG_4979.JPG</a><br><a href="#">IMG_4980.JPG</a>   | DA MULHER     | ORAÇÃO - LEITURA ESPIRITUAL<br>EFEITOS DA LEITURA   |
| <a href="#">IMG_4982.JPG</a>   | ACÇÃO ESCOLAR | LIBERDADE E AUTORIDADE  |
| <a href="#">IMG_4984.JPG</a><br><a href="#">IMG_4985.JPG</a><br><a href="#">IMG_4986.JPG</a>                                 | DA MULHER     | DADRÁ E A MULHER PORTUGUESE<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>ABECEDÁRIO DA DONA DE CASA       |
| <a href="#">IMG_4987.JPG</a><br><a href="#">IMG_4988.JPG</a><br><a href="#">IMG_4989.JPG</a>                                 | DA MULHER     | E A FELICIDADE VOLTARÁ<br>TODA CARTA TEM RESPOSTA<br>ORAÇÕES                                  |

| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA   |
|---------------------|-----------|--|
| <u>IMG_4990.JPG</u> | DA MULHER | PREOCUPAÇÕES   |
| <u>IMG_4991.JPG</u> |           | LILLIAN, A DOMINADORA DA SELVA                                       |
| <u>IMG_4992.JPG</u> | DA MULHER | PENSAMENTOS SOBRE A CARIDADE   |
| <u>IMG_4993.JPG</u> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>A PROPAGANDA COMUNISTA NA UNIVERSIDADE |
| <u>IMG_4994.JPG</u> | DA MULHER | AS MODAS E A DECÊNCIA  |
| <u>IMG_4995.JPG</u> |           | CENAS DO MESMO DIA   |
| <u>IMG_4996.JPG</u> | DA MULHER | SOBRE A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA  |
| <u>IMG_4997.JPG</u> |           | O QUE DIGO A MANUELA SERVE TAMBÉM A TI                               |
| <u>IMG_4998.JPG</u> | DA MULHER | COISA DE ONTEM E DE HOJE   |
| <u>IMG_4999.JPG</u> |           | QUEM ME AVISA MEU AMIGO É  |
| <u>IMG_5001.JPG</u> | NOVIDADES | O LICEU DE SALAZAR FOI INAUGURADO EM LOURENÇO MARQUES                |
| <u>IMG_5002.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_5003.JPG</u> | DA MULHER | MÃES E FILHAS  |
| <u>IMG_5004.JPG</u> |           | O AMOR E O TEMPO   |
| <u>IMG_5005.JPG</u> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <u>IMG_5006.JPG</u> |           | COMO UM SONHO DE PRIMAVERA   |
| <u>IMG_5007.JPG</u> | DA MULHER | CREIO EM TI  |
| <u>IMG_5008.JPG</u> |           | A TERRA E O CÉU  |
| <u>IMG_5009.JPG</u> | NOVIDADES | A POLÍTICA E A FAMÍLIA   |
| <u>IMG_5010.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_5011.JPG</u> | DA MULHER | MEDITAÇÃO  |
| <u>IMG_5012.JPG</u> |           | UM MAGNÍFICO NEGÓCIO   |
| <u>IMG_5013.JPG</u> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <u>IMG_5014.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_5015.JPG</u> | DA MULHER | O TRABALHO (INSTRUMENTO E NÃO FIM)                                   |
| <u>IMG_5016.JPG</u> |           | UM MAGNÍFICO NEGÓCIO   |
| <u>IMG_5017.JPG</u> | DA MULHER | O PEDAGOGO DA ALEGRIA  |
| <u>IMG_5018.JPG</u> |           | CARTA DE UM RELIGIOSO  |
| <u>IMG_5019.JPG</u> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <u>IMG_5020.JPG</u> |           | FÁTIMA   |
| <u>IMG_5021.JPG</u> | DA MULHER | CONFORMIDADE   |
| <u>IMG_5022.JPG</u> |           | CARTA DA ALDEIA  |
| <u>IMG_5023.JPG</u> | NOVIDADES | JÁ FUI FANTASMA  |
| <u>IMG_5024.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_5025.JPG</u> | DA MULHER | MORAL E DEMOGRAFIA   |
| <u>IMG_5026.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_5027.JPG</u> | DA MULHER | COISAS ACTUAIS   |
| <u>IMG_5028.JPG</u> |           | LIBERTAÇÃO   |
| <u>IMG_5029.JPG</u> | DA MULHER | A MULHER ENCANTO DO LAR  |
| <u>IMG_5030.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_5031.JPG</u> | DA MULHER | TODOS IRMÃOS   |
| <u>IMG_5032.JPG</u> |           | PAIZINHO VOLTA A CASAR!  |
| <u>IMG_5033.JPG</u> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <u>IMG_5034.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_5035.JPG</u> | DA MULHER | A CEIA DO NATAL  |
| <u>IMG_5036.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_5037.JPG</u> | DA MULHER |  |
| <u>IMG_5038.JPG</u> |           |  |



| IMAGENS             | SEÇÃO            | TEMA   |
|---------------------|------------------|--|
| <u>IMG_5039.JPG</u> | ND               | O CARVOEIRO  |
| <u>IMG_5040.JPG</u> |                  | O QUE DIGO A MANUELA SERVE TAMBÉM A TI                       |
| <u>IMG_5041.JPG</u> |                  | QUEM ME AVISA MEU AMIGO É                                    |
| <u>IMG_5042.JPG</u> |                  | A IMPRENSA CATÓLICA - VOZ DA IGREJA                          |
| <u>IMG_5043.JPG</u> | DA MULHER        | ANO BOM  |
| <u>IMG_5044.JPG</u> |                  | O DESCONHECIDO   |
| <u>IMG_5045.JPG</u> |                  | QUER SER BOA DONA DE CASA?                                   |
| <u>IMG_5046.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5047.JPG</u> | DA MULHER        | RESPONSABILIDADES FAMILIARES                                 |
| <u>IMG_5048.JPG</u> |                  | A FAMOSA LILY PONS   |
| <u>IMG_5049.JPG</u> |                  | QUER SER BOA DONA DE CASA?                                   |
| <u>IMG_5050.JPG</u> |                  | TODA CARTA TEM RESPOSTA                                      |
| <u>IMG_5051.JPG</u> | DA MULHER        | RESPONSABILIDADES FAMILIARES                                 |
| <u>IMG_5052.JPG</u> |                  | NA HORA DA FELICIDADE  |
| <u>IMG_5053.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5054.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5055.JPG</u> | DA MULHER        | RESPONSABILIDADES FAMILIARES                                 |
| <u>IMG_5056.JPG</u> |                  | NA HORA DA FELICIDADE  |
| <u>IMG_5057.JPG</u> |                  | GALINÁCEOS   |
| <u>IMG_5058.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5059.JPG</u> | ACÇÃO ESCOLAR    | NO FINAL DO ANO LECTIVO, A FORMAÇÃO MORAL DAS NOVAS GERAÇÕES |
| <u>IMG_5060.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5061.JPG</u> |                  | RESPONSABILIDADES FAMILIARES                                 |
| <u>IMG_5062.JPG</u> |                  | MORAL EM TODA PARTE  |
| <u>IMG_5063.JPG</u> | DA MULHER        | UM INQUILINO ENCANTADOR                                      |
| <u>IMG_5064.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5065.JPG</u> |                  | RESPONSABILIDADES FAMILIARES                                 |
| <u>IMG_5066.JPG</u> |                  | COISAS DE HOJE   |
| <u>IMG_5067.JPG</u> | DA MULHER        | UM INQUILINO ENCANTADOR                                      |
| <u>IMG_5068.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5069.JPG</u> |                  | ND   |
| <u>IMG_5070.JPG</u> |                  | DA MULHER  |
| <u>IMG_5071.JPG</u> | OS NOSSOS FILHOS |  |
| <u>IMG_5072.JPG</u> | DA MULHER        | ESCRÚPULOS DE CONSCIÊNCIA                                    |
| <u>IMG_5073.JPG</u> |                  | ND   |
| <u>IMG_5074.JPG</u> | DA MULHER        | O FEMINISMO MAÇONICO   |
| <u>IMG_5075.JPG</u> |                  | A MULHER - A MÃE   |
| <u>IMG_5076.JPG</u> |                  | ESCRÚPULOS DE CONSCIÊNCIA                                    |
| <u>IMG_5077.JPG</u> |                  | QUER SER BOA DONA DE CASA?                                   |
| <u>IMG_5078.JPG</u> | ACÇÃO ESCOLAR    | CINEMA E EDUCAÇÃO  |
| <u>IMG_5079.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5080.JPG</u> |                  | PARECE TÃO SIMPLES   |
| <u>IMG_5081.JPG</u> |                  | PRECEITOS DE SOCIEDADE                                       |
| <u>IMG_5082.JPG</u> | DA MULHER        | TODA CARTA TEM RESPOSTA                                      |
| <u>IMG_5083.JPG</u> |                  |  |
| <u>IMG_5082.JPG</u> | ND               | MOCIDADE PORTUGUESA  |
| <u>IMG_5083.JPG</u> |                  | DA MULHER  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO             | TEMA  |
|------------------------------|-------------------|---|
| <a href="#">IMG_5084.JPG</a> | NOVIDADES         | A ESTRELA   |
| <a href="#">IMG_5085.JPG</a> |                   | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_5086.JPG</a> |                   | CONVERSA COM O POETA<br>ADRIANO DEL VALLE                                 |
| <a href="#">IMG_5087.JPG</a> | DA MULHER         | RESPONSABILIDADES DOS CHEFES<br>DE FAMÍLIA                                |
| <a href="#">IMG_5088.JPG</a> |                   | A VITÓRIA DO PERDÃO   |
| <a href="#">IMG_5089.JPG</a> |                   | A BONECA<br>O QUE DIGO A MANUELA SERVE<br>TAMBÉM A TI                     |
| <a href="#">IMG_5090.JPG</a> | DA MULHER         | PODERÃO SER CADA VEZ<br>MELHORES AS CASAS DOS<br>OPERÁRIOS?               |
| <a href="#">IMG_5091.JPG</a> |                   | A BONECA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?                                    |
| <a href="#">IMG_5092.JPG</a> |                   | A VIDA E AS ALMAS   |
| <a href="#">IMG_5093.JPG</a> | DA MULHER         | O MELHOR CONTO DE ANDERSEN<br>FOI SUA PRÓPRIA VIDA                        |
| <a href="#">IMG_5094.JPG</a> |                   | OS LIMITES MORAIS DOS<br>MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO E<br>TRATAMENTOS MÉDICOS |
| <a href="#">IMG_5095.JPG</a> |                   | SURGE AGORA UMA NOVA<br>HUMANIDADE  |
| <a href="#">IMG_5096.JPG</a> | DA MULHER         | UMA RELIGIOSA CONDENADA A<br>MORTE PELOS COMUNISTAS<br>CHINESES           |
| <a href="#">IMG_5097.JPG</a> |                   | O MELHOR CONTO DE ANDERSEN<br>FOI SUA PRÓPRIA VIDA                        |
| <a href="#">IMG_5098.JPG</a> |                   | A MORTE DO JUSTO  |
| <a href="#">IMG_5099.JPG</a> | DA MULHER         | FÉRIAS COM SALAZAR  |
| <a href="#">IMG_5100.JPG</a> |                   | A MELHOR PARTE  |
| <a href="#">IMG_5101.JPG</a> |                   | ONDE ESTÁ A FELICIDADE<br>DE COMO FUI ESTRANGEIRA PELA<br>PRIMEIRA VEZ    |
| <a href="#">IMG_5102.JPG</a> | DA MULHER         | DANÇAR  |
| <a href="#">IMG_5103.JPG</a> |                   | A MULHER ELEGANTE   |
| <a href="#">IMG_5104.JPG</a> |                   | LEALDADE  |
| <a href="#">IMG_5105.JPG</a> | LETRAS E<br>ARTES | EM TERRAS DE VERA CRUZ COM<br>PLINIO SALGADO                              |
| <a href="#">IMG_5106.JPG</a> |                   | FÁTIMA E SEUS MILAGRES  |
| <a href="#">IMG_5107.JPG</a> |                   | LEALDADE  |
| <a href="#">IMG_5108.JPG</a> | DA MULHER         | HOMENAGEM A IMPRENSA<br>CATÓLICA  |
| <a href="#">IMG_5109.JPG</a> |                   | O RESPEITO PELA CONSCIÊNCIA<br>DO HOMEM E DA CRIANÇA                      |
| <a href="#">IMG_5110.JPG</a> |                   | OS LICEUS FEMININOS   |
| <a href="#">IMG_5111.JPG</a> | DA MULHER         | MÊS DE MARIA  |
| <a href="#">IMG_5112.JPG</a> |                   | A PROFESSORA DA ALDEIA  |
| <a href="#">IMG_5113.JPG</a> |                   | JUSTICA   |
| <a href="#">IMG_5114.JPG</a> | ACÇÃO<br>ESCOLAR  | A ALMA  |
| <a href="#">IMG_5115.JPG</a> |                   |   |
| <a href="#">IMG_5116.JPG</a> |                   |   |
| <a href="#">IMG_5117.JPG</a> | NOVIDADES         |   |
| <a href="#">IMG_5118.JPG</a> |                   |   |
| <a href="#">IMG_5119.JPG</a> |                   |   |
| <a href="#">IMG_5120.JPG</a> | DA MULHER         |   |
| <a href="#">IMG_5121.JPG</a> |                   |   |
| <a href="#">IMG_5122.JPG</a> |                   |   |
| <a href="#">IMG_5123.JPG</a> | DA MULHER         |   |
| <a href="#">IMG_5124.JPG</a> |                   |   |

| IMAGENS  | SEÇÃO         | TEMA   |
|--|---------------|--|
| <a href="#">IMG_5125.JPG</a><br><a href="#">IMG_5126.JPG</a><br><a href="#">IMG_5127.JPG</a>                                 |               | O SEGREDO DAS FLORES<br>A VÍTIMA   |
| <a href="#">IMG_5128.JPG</a>   | ACÇÃO ESCOLAR | UM NOTÁVEL PEDAGOGO<br>CATÓLICO QUE OCUPA UM LUGAR<br>DE VANGUARDA                                       |
| <a href="#">IMG_5129.JPG</a><br><a href="#">IMG_5130.JPG</a><br><a href="#">IMG_5131.JPG</a><br><a href="#">IMG_5132.JPG</a> | DA MULHER     | LER E ESCREVER<br>CAUTELA MINHA SENHORA<br>O CHAPÉU CASTANHO   |
| <a href="#">IMG_5133.JPG</a><br><a href="#">IMG_5134.JPG</a><br><a href="#">IMG_5135.JPG</a>                                 | DA MULHER     | FAZER DA FRAQUEZA FORÇA<br>UMA PALAVRA SOMENTE   |
| <a href="#">IMG_5137.JPG</a><br><a href="#">IMG_5138.JPG</a><br><a href="#">IMG_5139.JPG</a><br><a href="#">IMG_5140.JPG</a> | DA MULHER     | TODA CARTA TEM RESPOSTA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>A OBRA DE PROVIDÊNCIA E<br>FORMAÇÃO DAS CRIADAS |
| <a href="#">IMG_5141.JPG</a><br><a href="#">IMG_5142.JPG</a>   | DA MULHER     | UNS PASSOS QUE AFASTAM<br>RESPONSABILIDADES<br>FAMILIARES  |
| <a href="#">IMG_5143.JPG</a><br><a href="#">IMG_5144.JPG</a><br><a href="#">IMG_5145.JPG</a><br><a href="#">IMG_5146.JPG</a> | DA MULHER     | PROBLEMAS DE HOJE<br>UMA PAIXÃO OCULTA<br>A MÃE  |
| <a href="#">IMG_5147.JPG</a><br><a href="#">IMG_5148.JPG</a><br><a href="#">IMG_5149.JPG</a><br><a href="#">IMG_5150.JPG</a> | DA MULHER     | DIAS MAUS E DIAS BONS<br>UMA PAIXÃO OCULTA<br>MULHER NO LAR<br>QUEM ME AVISA MEU AMIGO É                 |
| <a href="#">IMG_5151.JPG</a>   | NOVIDADES     | O FISCO E A FAMÍLIA  |
| <a href="#">IMG_5152.JPG</a><br><a href="#">IMG_5153.JPG</a><br><a href="#">IMG_5154.JPG</a><br><a href="#">IMG_5155.JPG</a> | DA MULHER     | SABEDORIA CHINESA<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?<br>QUEM CORRE POR GOSTO...                               |
| <a href="#">IMG_5156.JPG</a><br><a href="#">IMG_5157.JPG</a><br><a href="#">IMG_5158.JPG</a><br><a href="#">IMG_5159.JPG</a> | DA MULHER     | UM EXEMPLO<br>A HORA DO JANTAR<br>QUER SER BOA DONA DE CASA?   |
| <a href="#">IMG_5160.JPG</a><br><a href="#">IMG_5161.JPG</a><br><a href="#">IMG_5162.JPG</a><br><a href="#">IMG_5163.JPG</a> | DA MULHER     | O PRIMEIRO DEVER<br>A FONTE E A CISTERNA   |
| <a href="#">IMG_5164.JPG</a><br><a href="#">IMG_5165.JPG</a><br><a href="#">IMG_5166.JPG</a><br><a href="#">IMG_5167.JPG</a> | DA MULHER     | AS CRIANÇAS<br>FOLHAS VERDES FOLHAS SECAS  |
| <a href="#">IMG_5168.JPG</a><br><a href="#">IMG_5169.JPG</a><br><a href="#">IMG_5170.JPG</a><br><a href="#">IMG_5171.JPG</a> | DA MULHER     | TRABALHO FEMININO<br>DE COMO FUI ESTRANGEIRA PELA<br>PRIMEIRA VEZ<br>ACÇÃO CATÓLICA                      |
| <a href="#">IMG_5172.JPG</a><br><a href="#">IMG_5173.JPG</a><br><a href="#">IMG_5174.JPG</a>                                 | DA MULHER     | PRESÉPIOS<br>BALADA DO NATAL<br>EU BEM SABIA   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA  |
|------------------------------|-----------|---|
| <a href="#">IMG_5175.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5176.JPG</a> | NOVIDADES | NATAL FESTA DA FAMÍLIA  |
| <a href="#">IMG_5177.JPG</a> |           | EDUCAÇÃO DA MULHER<br>IMPRESSÕES SOBRE O SENTIDO<br>DA VIDA       |
| <a href="#">IMG_5178.JPG</a> | DA MULHER |   |
| <a href="#">IMG_5179.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5180.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5181.JPG</a> |           | PROBLEMAS DA VIDA   |
| <a href="#">IMG_5182.JPG</a> | DA MULHER | CARIDADE  |
| <a href="#">IMG_5183.JPG</a> |           | TEU AMOR E UMA CASA!  |
| <a href="#">IMG_5184.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5185.JPG</a> | NOVIDADES | A OUTRA FACE DO COMUNISMO   |
| <a href="#">IMG_5186.JPG</a> |           | VOCAÇÃO   |
| <a href="#">IMG_5187.JPG</a> | DA MULHER | O ANIVERSÁRIO DO PAI<br>O QUE DIGO A MANUELA SERVE<br>TAMBÉM A TI |
| <a href="#">IMG_5188.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5189.JPG</a> | NOVIDADES | A IMPRENSA CATÓLICA PERANTE<br>O ACTO ELEITORAL                   |
| <a href="#">IMG_5190.JPG</a> |           | O ANIVERSÁRIO DO PAI  |
| <a href="#">IMG_5191.JPG</a> | DA MULHER | SAUDADES DE MIM   |
| <a href="#">IMG_5192.JPG</a> |           | LUZ INTERIOR  |
| <a href="#">IMG_5193.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5194.JPG</a> |           | MEDITAÇÕES  |
| <a href="#">IMG_5195.JPG</a> | DA MULHER | VISITA NO CAMPO   |
| <a href="#">IMG_5196.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_5197.JPG</a> |           | QUEM CORRE POR GOSTO...   |
| <a href="#">IMG_5198.JPG</a> | DA MULHER | VISITA NO CAMPO   |
| <a href="#">IMG_5199.JPG</a> |           | IMPRESSÕES  |
| <a href="#">IMG_5200.JPG</a> |           | MATERNIDADE   |
| <a href="#">IMG_5201.JPG</a> | DA MULHER | O MUNDO AS AVESSAS  |
| <a href="#">IMG_5202.JPG</a> |           | CORAÇÃO ERRANTE   |
| <a href="#">IMG_5203.JPG</a> |           | HARMONIAS DO LAR  |
| <a href="#">IMG_5204.JPG</a> | DA MULHER | CORAÇÃO ERRANTE   |
| <a href="#">IMG_5205.JPG</a> |           | O LIVRO E A LEITURA   |
| <a href="#">IMG_5206.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5207.JPG</a> | NOVIDADES | A MORAL NO PROGRESSO DO<br>MUNDO                                  |
| <a href="#">IMG_5208.JPG</a> |           | CORAÇÃO ERRANTE   |
| <a href="#">IMG_5209.JPG</a> | DA MULHER | PARA O BEM DE TODOS   |
| <a href="#">IMG_5210.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5211.JPG</a> |           | PRAIAS  |
| <a href="#">IMG_5212.JPG</a> | DA MULHER | O AUTOMÓVEL   |
| <a href="#">IMG_5213.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_5214.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_5216.JPG</a> | NOVIDADES | TUDO PELA FAMÍLIA   |
| <a href="#">IMG_5217.JPG</a> |           | SALVE, FAMÍLIA, LAR   |
| <a href="#">IMG_5218.JPG</a> | DA MULHER | A CAMINHO DAS NOSSAS MISSÕES                                      |
| <a href="#">IMG_5219.JPG</a> |           | ULTRAMARINAS  |
| <a href="#">IMG_5220.JPG</a> |           | PARADOXOS   |
| <a href="#">IMG_5221.JPG</a> |           | A MÃE   |
| <a href="#">IMG_5222.JPG</a> | DA MULHER | SOLIDÃO   |
| <a href="#">IMG_5223.JPG</a> |           | PARADOXOS   |
| <a href="#">IMG_5224.JPG</a> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO         | TEMA   |
|------------------------------|---------------|--|
| <a href="#">IMG_5225.JPG</a> |               | IMPRESSÕES DAS MÃES  |
| <a href="#">IMG_5226.JPG</a> |               | O QUE DIGO A MANUELA SERVE                                       |
| <a href="#">IMG_5227.JPG</a> |               | TAMBÉM A TI  |
| <a href="#">IMG_5228.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | ANO NOVO   |
|                              |               | A SAGRADA FAMÍLIA E A FAMÍLIA DE HOJE                            |
| <a href="#">IMG_5229.JPG</a> | NOVIDADES     | RESPONSABILIDADES FAMILIARES                                     |
| <a href="#">IMG_5230.JPG</a> | NOVIDADES     | RESPONSABILIDADES FAMILIARES - SALÁRIO FAMILIAR E SEU SUPRIMENTO |
| <a href="#">IMG_5231.JPG</a> |               | A SIMPLICIDADE   |
| <a href="#">IMG_5232.JPG</a> | DA MULHER     | A CARTA  |
| <a href="#">IMG_5233.JPG</a> |               | TODA ALMA QUE SE ELEVA, ELEVA O MUNDO                            |
| <a href="#">IMG_5234.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | FAMÍLIA E ESCOLA   |
| <a href="#">IMG_5235.JPG</a> | NOVIDADES     | À MEMÓRIA DE MINHA MÃE   |
| <a href="#">IMG_5236.JPG</a> |               | A ARTE DAS BOAS MANEIRAS   |
| <a href="#">IMG_5237.JPG</a> | DA MULHER     | CONHECE O TEU FILHO  |
| <a href="#">IMG_5238.JPG</a> |               | TESOURO DAS COZINHEIRAS  |
| <a href="#">IMG_5239.JPG</a> |               | AOS PÁROCOS E ALMAS DE BOA VONTADE                               |
| <a href="#">IMG_5240.JPG</a> | DA MULHER     | CAMINHOS DO ESPÍRITO E DA PAZ                                    |
| <a href="#">IMG_5241.JPG</a> |               | TODA CARTA TEM RESPOSTA  |
| <a href="#">IMG_5242.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5243.JPG</a> |               | UMA EXPOSIÇÃO  |
| <a href="#">IMG_5244.JPG</a> | DA MULHER     | A SOLIDÃO  |
| <a href="#">IMG_5245.JPG</a> |               | QUER SER BOA DONA DE CASA?                                       |
| <a href="#">IMG_5246.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5247.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | A EDUCAÇÃO SEXUAL  |
| <a href="#">IMG_5249.JPG</a> |               | UMA EXPOSIÇÃO  |
| <a href="#">IMG_5250.JPG</a> | DA MULHER     | EDUCAÇÃO   |
| <a href="#">IMG_5251.JPG</a> |               | QUEM ME AVISA MEU AMIGO É  |
| <a href="#">IMG_5252.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | AINDA A EDUCAÇÃO SEXUAL  |
| <a href="#">IMG_5253.JPG</a> |               | MULHERES EVANGILIZADORAS   |
| <a href="#">IMG_5254.JPG</a> | DA MULHER     | MÁRTIRES DO DEVER  |
| <a href="#">IMG_5255.JPG</a> |               | O TEMPO  |
| <a href="#">IMG_5256.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5257.JPG</a> |               | RESPOSTA AO INQUÉRITO  |
| <a href="#">IMG_5258.JPG</a> | DA MULHER     | O AMOR SURTIU ENTRE NUVEIS                                       |
| <a href="#">IMG_5259.JPG</a> |               | O ANHELO UNIVERSAL   |
| <a href="#">IMG_5261.JPG</a> | NOVIDADES     | IGREJA E ESTADO  |
| <a href="#">IMG_5262.JPG</a> |               | CORPO E ALMA   |
| <a href="#">IMG_5263.JPG</a> | DA MULHER     | O QUE DIGO A MANUELA SERVE TAMBÉM A TI                           |
| <a href="#">IMG_5264.JPG</a> |               | A PROJEÇÃO DA ENTREVISTA DO DR. OLIVEIRA SALAZAR NO EXTERIOR     |
| <a href="#">IMG_5265.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5266.JPG</a> |               | O AMOR   |
| <a href="#">IMG_5267.JPG</a> | DA MULHER     | MEIAS DE SEDA  |
| <a href="#">IMG_5268.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5269.JPG</a> | DA MULHER     | SOLIDÃO  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                        |
|------------------------------|-----------|-----------------------------|
| <a href="#">IMG_5270.JPG</a> |           | MEIAS DE SEDA               |
| <a href="#">IMG_5271.JPG</a> |           | ECOS E COMENTÁRIOS          |
| <a href="#">IMG_5272.JPG</a> | DA MULHER | DEUS NA ETERNIDADE          |
| <a href="#">IMG_5273.JPG</a> |           | A MISSÃO DA MÃE             |
| <a href="#">IMG_5274.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_5275.JPG</a> | DA MULHER | TENHA FÉ!                   |
| <a href="#">IMG_5276.JPG</a> |           | A FELICIDADE                |
| <a href="#">IMG_5277.JPG</a> |           | DISCURSO DA RENÚNCIA        |
| <a href="#">IMG_5278.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_5279.JPG</a> | DA MULHER | COISAS DE HOJE              |
| <a href="#">IMG_5280.JPG</a> |           | MAIS VALE A TARDE           |
| <a href="#">IMG_5281.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_5282.JPG</a> | DA MULHER | O REGRESSO                  |
| <a href="#">IMG_5283.JPG</a> |           | DAS CARTAS DE UM RELIGIOSO  |
| <a href="#">IMG_5284.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_5285.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_5286.JPG</a> | DA MULHER | EGOISMO                     |
| <a href="#">IMG_5287.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_5288.JPG</a> | DA MULHER | CONDESSA DE SABUGOSA        |
| <a href="#">IMG_5289.JPG</a> |           | PALAVRAS DE MARIA AMÁLIA DE |
| <a href="#">IMG_5290.JPG</a> |           | VAZ CARVALHO                |
| <a href="#">IMG_5291.JPG</a> | DA MULHER | INQUÉRITO                   |
| <a href="#">IMG_5292.JPG</a> |           | O HUMORISTA                 |
| <a href="#">IMG_5293.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_5294.JPG</a> | DA MULHER | NOELISTAS                   |
| <a href="#">IMG_5295.JPG</a> |           | A MULHER - A VIDA           |
| <a href="#">IMG_5296.JPG</a> |           | O QUE DIGO A MANUELA SERVE  |
| <a href="#">IMG_5297.JPG</a> | DA MULHER | TAMBÉM A TI                 |
| <a href="#">IMG_5298.JPG</a> |           | ROSAS SEM ESPINHOS          |
| <a href="#">IMG_5299.JPG</a> |           | APÓS A TEMPESTADE           |
| <a href="#">IMG_5300.JPG</a> | DA MULHER | VALORES ESPIRITUAIS         |
| <a href="#">IMG_5301.JPG</a> |           | COMPANHEIRAS                |
| <a href="#">IMG_5302.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_5303.JPG</a> | NOVIDADES | A PERSEGUIÇÃO COMUNISTA A   |
| <a href="#">IMG_5304.JPG</a> |           | IGREJA CATÓLICA             |
| <a href="#">IMG_5305.JPG</a> | DA MULHER | DEUS E O HOMEM              |
| <a href="#">IMG_5306.JPG</a> |           | TRADIÇÕES                   |
| <a href="#">IMG_5307.JPG</a> | NOVIDADES | O PATRIARCADO DE LISBOA     |
| <a href="#">IMG_5308.JPG</a> | DA MULHER | UM RETRATO DE MULHER        |
| <a href="#">IMG_5309.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_5310.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_5311.JPG</a> | NOVIDADES | IMPrensa CATÓLICA           |
| <a href="#">IMG_5694.JPG</a> | DA MULHER | HIGIENE MENTAL              |
| <a href="#">IMG_5695.JPG</a> |           | A MINHA DEMISSÃO DE AMIGO   |
| <a href="#">IMG_5696.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_5697.JPG</a> | NOVIDADES | A FAMÍLIA EM CRISE          |
| <a href="#">IMG_5698.JPG</a> | DA MULHER | SENSIBILIDADE               |
| <a href="#">IMG_5699.JPG</a> |           | O CRISTO DAS TRINCHEIRAS DA |
| <a href="#">IMG_5700.JPG</a> | DA MULHER | NOSSA PÁTRIA                |
| <a href="#">IMG_5701.JPG</a> |           | MÊS DE MARIA                |
|                              |           | MISERICÓRDIAS               |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_5702.JPG</a> | NOVIDADES | SALAZAR  |
| <a href="#">IMG_5703.JPG</a> | DA MULHER | A VIRGEM E AS CONVERSÕES                             |
| <a href="#">IMG_5704.JPG</a> |           | A GRATIDÃO DOS PORTUGUESES                           |
| <a href="#">IMG_5705.JPG</a> |           | AS RAPARIGAS   |
| <a href="#">IMG_5706.JPG</a> | DA MULHER | CARTAS   |
| <a href="#">IMG_5707.JPG</a> |           | DIREITOS E DEVERES                                   |
| <a href="#">IMG_5708.JPG</a> |           | CONVERSANDO COM AS NOSSAS                            |
| <a href="#">IMG_5709.JPG</a> |           | ARTISTAS   |
| <a href="#">IMG_5710.JPG</a> | NOVIDADES | O DISCURSO DE SALAZAR                                |
| <a href="#">IMG_5711.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5712.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5713.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5714.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5715.JPG</a> | DA MULHER | ENCONTROU DEUS                                       |
| <a href="#">IMG_5716.JPG</a> |           | DEVERES DA MULHER                                    |
| <a href="#">IMG_5717.JPG</a> |           | ILUMINURAS   |
| <a href="#">IMG_5718.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5719.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5720.JPG</a> | DA MULHER | LEITURA PARA NOSSOS FILHOS                           |
| <a href="#">IMG_5721.JPG</a> |           | COISAS PORTUGUESAS                                   |
| <a href="#">IMG_5722.JPG</a> |           | ENCONTROU DEUS                                       |
| <a href="#">IMG_5723.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5724.JPG</a> | DA MULHER | JUVENTUDE ACTUAL                                     |
| <a href="#">IMG_5725.JPG</a> |           | OS PAIS CLAUDICAM, OS FILHOS                         |
| <a href="#">IMG_5726.JPG</a> |           | IMITAM   |
| <a href="#">IMG_5727.JPG</a> | DA MULHER | EDUCAÇÃO   |
| <a href="#">IMG_5728.JPG</a> |           | CURA DIFÍCIL   |
| <a href="#">IMG_5729.JPG</a> |           | AGITAÇÃO   |
| <a href="#">IMG_5730.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5731.JPG</a> | NOVIDADES | A MÃE COMUM  |
| <a href="#">IMG_5733.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5734.JPG</a> | DA MULHER | PRAIAS   |
| <a href="#">IMG_5735.JPG</a> |           | AS NOSSAS FÉRIAS                                     |
| <a href="#">IMG_5736.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5737.JPG</a> | DA MULHER | TRADIÇÕES  |
| <a href="#">IMG_5738.JPG</a> |           | LISBOA DE HOJE                                       |
| <a href="#">IMG_5739.JPG</a> |           | A QUEIMADA   |
| <a href="#">IMG_5740.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5741.JPG</a> | DA MULHER | CASARÃO DECRÉPITO                                    |
| <a href="#">IMG_5742.JPG</a> |           | POR TERRAS DE ÁFRICA                                 |
| <a href="#">IMG_5743.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5744.JPG</a> | DA MULHER | O PAI DA NOIVA                                       |
| <a href="#">IMG_5745.JPG</a> |           | EXCEPCIONAL EDUCADORA                                |
| <a href="#">IMG_5746.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5747.JPG</a> | DA MULHER | O QUE NOS CUSTA                                      |
| <a href="#">IMG_5748.JPG</a> |           | LISBOA DE ONTEM                                      |
| <a href="#">IMG_5749.JPG</a> | NOVIDADES | VIAGEM DE LUA DE MEL                                 |
| <a href="#">IMG_5750.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5751.JPG</a> | NOVIDADES | A ACÇÃO CATÓLICA 25 ANOS                             |
| <a href="#">IMG_5752.JPG</a> |           | DEPOIS   |
| <a href="#">IMG_5753.JPG</a> | DA MULHER | A PRIMEIRA CATEDRÁTICA DE FÍSICA DE UMA UNIVERSIDADE |

| IMAGENS  | SEÇÃO            | TEMA   |
|--|------------------|--|
|  |                  | ALEMÃ  |
| <a href="#">IMG_5754.JPG</a><br><a href="#">IMG_5755.JPG</a>   |                  | UMA HOMENAGEM DE SAUDADE<br>HISTÓRIA SIMPLES                                   |
| <a href="#">IMG_5756.JPG</a><br><a href="#">IMG_5757.JPG</a><br><a href="#">IMG_5758.JPG</a>   | NOVIDADES        | PROTECÇÃO Á FAMÍLIA  |
| <a href="#">IMG_5759.JPG</a><br><a href="#">IMG_5760.JPG</a>   | DA MULHER        | SE NÃO FOSSE A AVÓ   |
| <a href="#">IMG_5761.JPG</a><br><a href="#">IMG_5762.JPG</a><br><a href="#">IMG_5763.JPG</a><br><a href="#">IMG_5764.JPG</a><br><a href="#">IMG_5765.JPG</a>   | DA MULHER        | A IMACULADA<br>SE NÃO FOSSE A AVÓ  |
|  | NOVIDADES        | REGRESSO AO LAR  |
| <a href="#">IMG_5766.JPG</a><br><a href="#">IMG_5767.JPG</a><br><a href="#">IMG_5768.JPG</a><br><a href="#">IMG_5769.JPG</a><br><a href="#">IMG_5770.JPG</a><br><a href="#">IMG_5771.JPG</a><br><a href="#">IMG_5772.JPG</a>                                 | DA MULHER        | IMAGENS DA PADROEIRA NA<br>ARTE PORTUGUESE                                     |
|  | NOVIDADES        | O JORNALISMO CATÓLICO É ECO<br>DUMA VOZ SAGRADA                                |
| <a href="#">IMG_5773.JPG</a><br><a href="#">IMG_5774.JPG</a>   | DA MULHER        | A SENHORA DE FÁTIMA TAMBÉM<br>A VISITOU<br>CORTESIA A MAIS                     |
| <a href="#">IMG_5775.JPG</a><br><a href="#">IMG_5776.JPG</a><br><a href="#">IMG_5777.JPG</a><br><a href="#">IMG_5778.JPG</a><br><a href="#">IMG_5779.JPG</a><br><a href="#">IMG_5780.JPG</a>   | DA MULHER        | LARES VAZIOS<br>FÁTIMA A CHAMAR-NOS  |
|  | NOVIDADES        |  |
| <a href="#">IMG_5781.JPG</a><br><a href="#">IMG_5782.JPG</a><br><a href="#">IMG_5783.JPG</a><br><a href="#">IMG_5784.JPG</a>   | DA MULHER        | CARTAS DO BRASIL - FORTALEZA<br>1958<br>AS MÃOS DE MINHA MÃE                   |
| <a href="#">IMG_5785.JPG</a><br><a href="#">IMG_5786.JPG</a><br><a href="#">IMG_5787.JPG</a><br><a href="#">IMG_5788.JPG</a>   | DA MULHER        | AS DECLARAÇÕES DE SALAZAR<br>PUBLICADAS EM PARIS<br>UMA CENA DA VIDA REAL      |
| <a href="#">IMG_5789.JPG</a>   | ACÇÃO<br>ESCOLAR | A ESCOLA MATERNAL E A<br>FAMÍLIA   |
| <a href="#">IMG_5790.JPG</a><br><a href="#">IMG_5791.JPG</a><br><a href="#">IMG_5792.JPG</a><br><a href="#">IMG_5793.JPG</a><br><a href="#">IMG_5794.JPG</a><br><a href="#">IMG_5795.JPG</a><br><a href="#">IMG_5796.JPG</a><br><a href="#">IMG_5797.JPG</a> | DA MULHER        | FORTALEZA 1958<br>UMA CENA DA VIDA REAL<br>VARIEDADES                          |
| <a href="#">IMG_5798.JPG</a><br><a href="#">IMG_5799.JPG</a>   | DA MULHER        | O ENTUSIASMO<br>FORTALEZA 1958<br>A RAINHA D. LEONOR<br>VARIEDADES             |
| <a href="#">IMG_5800.JPG</a>   | DA MULHER        | PRIMEIROS PASSOS<br>FORTALEZA 1958<br>O MELHOR AMIGO QUE EU TIVE<br>NA MARINHA |



| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA                         |
|---------------------|-----------|------------------------------|
| <u>IMG_5801.JPG</u> | DA MULHER | BOA NOITE, MINHA MÃE         |
| <u>IMG_5802.JPG</u> |           | O MELHOR AMIGO QUE EU TIVE   |
| <u>IMG_5803.JPG</u> |           | NA MARINHA                   |
| <u>IMG_5804.JPG</u> |           | VARIEDADES                   |
| <u>IMG_5805.JPG</u> | DA MULHER | FORTALEZA 1958               |
| <u>IMG_5806.JPG</u> |           | PÁSSAROS QUE FALAM           |
| <u>IMG_5807.JPG</u> |           | O NOSSO MILAGRE DE LURDES    |
| <u>IMG_5808.JPG</u> |           | LISBOA DE HOJE               |
| <u>IMG_5809.JPG</u> | DA MULHER | PÁSSAROS QUE FALAM           |
| <u>IMG_5810.JPG</u> |           | O NOSSO MILAGRE DE LURDES    |
| <u>IMG_5811.JPG</u> |           | VARIEDADES                   |
| <u>IMG_5812.JPG</u> |           | O EMBATE DOS RIOS            |
| <u>IMG_5813.JPG</u> | DA MULHER | A QUEIMADA                   |
| <u>IMG_5814.JPG</u> |           | DR. JOAQUIM DINIS DA FONSECA |
| <u>IMG_5815.JPG</u> |           | UM POETA PEQUENIMO           |
| <u>IMG_5816.JPG</u> |           | O NOSSO MILAGRE DE LURDES    |
| <u>IMG_5817.JPG</u> |           |                              |
| <u>IMG_5818.JPG</u> |           |                              |
| <u>IMG_5819.JPG</u> |           |                              |
| <u>IMG_5820.JPG</u> |           |                              |
| <u>IMG_5821.JPG</u> | NOVIDADES | O LUGAR DA MULHER INDÍGENA   |
| <u>IMG_5822.JPG</u> | DA MULHER | A HOLANDA EM 5 MINUTOS       |
| <u>IMG_5823.JPG</u> |           | 1958                         |
| <u>IMG_5824.JPG</u> |           |                              |
| <u>IMG_5825.JPG</u> | DA MULHER | O INVERNO E A FELICIDADE     |
| <u>IMG_5826.JPG</u> |           | A CABEÇA MISTERIOSA          |
| <u>IMG_5827.JPG</u> |           | OS PERUS                     |
| <u>IMG_5828.JPG</u> |           |                              |
| <u>IMG_5829.JPG</u> | DA MULHER | A VOLTA DE UM PENSAMENTO     |
| <u>IMG_5830.JPG</u> |           | O GALO BRANCO                |
| <u>IMG_5831.JPG</u> |           | CONVULSÕES                   |
| <u>IMG_5832.JPG</u> |           |                              |
| <u>IMG_5833.JPG</u> | DA MULHER | CHARNECA                     |
| <u>IMG_5834.JPG</u> |           | CRUZADAS DO SÉCULO XX        |
| <u>IMG_5835.JPG</u> |           | PORTUGAL DILATANDO A FÉ      |
| <u>IMG_5836.JPG</u> |           |                              |
| <u>IMG_5837.JPG</u> | DA MULHER | RECORDAÇÕES QUE NÃO          |
| <u>IMG_5838.JPG</u> |           | ESQUECEM                     |
| <u>IMG_5839.JPG</u> |           | O SILÊNCIO É DE OIRO...      |
| <u>IMG_5840.JPG</u> | NOVIDADES | A MENTIRA NA EDUCAÇÃO DOS    |
| <u>IMG_5841.JPG</u> | NOVIDADES | JOVENS COMUNISTAS            |
| <u>IMG_5842.JPG</u> | DA MULHER | O VERDADEIRO ROSTO DO        |
| <u>IMG_5843.JPG</u> |           | COMUNISMO                    |
| <u>IMG_5844.JPG</u> |           | O VALOR PESSOAL              |
| <u>IMG_5845.JPG</u> |           | A MENINA CEGA                |
| <u>IMG_5846.JPG</u> | DA MULHER | A BASÍLICA DE SÃO PEDRO      |
| <u>IMG_5847.JPG</u> |           | QUARESMA                     |
| <u>IMG_5848.JPG</u> |           | TESTAMENTO                   |
| <u>IMG_5849.JPG</u> |           | CRIANÇAS ABANDONADAS         |

| IMAGENS             | SEÇÃO         | TEMA   |
|---------------------|---------------|--|
| <u>IMG_5850.JPG</u> | NOVIDADES     | A IMPRENSA CATÓLICA NÃO PODE SER UM FARRAPO, TEM DE SER UMA BANDEIRA |
| <u>IMG_5851.JPG</u> | ACÇÃO ESCOLAR | A COLABORAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA                                |
| <u>IMG_5852.JPG</u> | DA MULHER     | A CARIDADE É VIDA  |
| <u>IMG_5853.JPG</u> |               | SER SANTO  |
| <u>IMG_5854.JPG</u> | DA MULHER     | A TUA CASA   |
| <u>IMG_5855.JPG</u> |               | A UMA MÃE PROVINCIANA  |
| <u>IMG_5856.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5857.JPG</u> | DA MULHER     | A TELEVISÃO  |
| <u>IMG_5858.JPG</u> |               | ÓCULOS DA ALMA   |
| <u>IMG_5859.JPG</u> |               | VIDA... E VIDAS  |
| <u>IMG_5860.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5861.JPG</u> | NOVIDADES     | FAMÍLIA E SOCIEDADE  |
| <u>IMG_5862.JPG</u> | DA MULHER     | JESUS EM JERUSALÉM   |
| <u>IMG_5863.JPG</u> |               | O RABI DA GALILÉIA   |
| <u>IMG_5864.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5866.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5867.JPG</u> | DA MULHER     | RECORDANDO UM PASSEIO  |
| <u>IMG_5868.JPG</u> |               | O MINHO SUAS BELEZAS E POPULAÇÃO                                     |
| <u>IMG_5869.JPG</u> |               | A HISTÓRIA DE PABLO  |
| <u>IMG_5870.JPG</u> | NOVIDADES     | O DISCURSO DE SALAZAR  |
| <u>IMG_5871.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5872.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5873.JPG</u> | DA MULHER     | SÃO MARTINHO DO PORTO  |
| <u>IMG_5874.JPG</u> |               | A HISTÓRIA DE PABLO  |
| <u>IMG_5875.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5876.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5877.JPG</u> | DA MULHER     | A FELICIDADE ESTÁ NA VIDA CRISTÃ                                     |
| <u>IMG_5878.JPG</u> |               | RECORDAÇÕES  |
| <u>IMG_5879.JPG</u> |               | COERÊNCIA E PUDOR  |
| <u>IMG_5880.JPG</u> | DA MULHER     | EDUCAÇÃO MORAL   |
| <u>IMG_5881.JPG</u> |               | FUMO   |
| <u>IMG_5882.JPG</u> |               | RECORDAÇÕES  |
| <u>IMG_5883.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5884.JPG</u> | DA MULHER     | RECORDAÇÕES  |
| <u>IMG_5885.JPG</u> |               | A INFLUÊNCIA DA MULHER   |
| <u>IMG_5886.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5887.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5888.JPG</u> | DA MULHER     | A BONDADE  |
| <u>IMG_5889.JPG</u> |               | AMAR   |
| <u>IMG_5890.JPG</u> |               | OS LUGARES SAGRADOS DA COVA DA IRIA E VALINHOS                       |
| <u>IMG_5891.JPG</u> | DA MULHER     | O CINEMA E A CRIANÇA   |
| <u>IMG_5892.JPG</u> |               | A CASA DOS QUATRO VENTOS   |
| <u>IMG_5893.JPG</u> |               | O IMPOSSÍVEL   |
| <u>IMG_5894.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5895.JPG</u> | DA MULHER     | A CASA DOS QUATRO VENTOS   |
| <u>IMG_5896.JPG</u> |               | SENTIMENTOS FEMININOS  |
| <u>IMG_5897.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_5898.JPG</u> | DA MULHER     | A CASA DOS QUATRO VENTOS   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO         | TEMA   |
|------------------------------|---------------|--|
| <a href="#">IMG_5899.JPG</a> |               | BONITOS OLHOS                                |
| <a href="#">IMG_5900.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5901.JPG</a> | DA MULHER     | UMA LUZ                                      |
| <a href="#">IMG_5902.JPG</a> |               | HOMEM-DEUS                                   |
| <a href="#">IMG_5903.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5904.JPG</a> | DA MULHER     | UMA MULHER                                   |
| <a href="#">IMG_5905.JPG</a> |               | O REGRESSO                                   |
| <a href="#">IMG_5906.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5907.JPG</a> | DA MULHER     | PONTUALIDADE                                 |
| <a href="#">IMG_5908.JPG</a> |               | O REGRESSO                                   |
| <a href="#">IMG_5909.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5910.JPG</a> | NOVIDADES     | NÓS TEMOS DE CAMINHAR                        |
| <a href="#">IMG_5911.JPG</a> | DA MULHER     | ELOGIO DO SILÊNCIO                           |
| <a href="#">IMG_5912.JPG</a> |               | TODA ORAÇÃO É OUVIDA                         |
| <a href="#">IMG_5913.JPG</a> |               | SER BELA                                     |
| <a href="#">IMG_5914.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5915.JPG</a> | DA MULHER     | BOM SENDO                                    |
| <a href="#">IMG_5916.JPG</a> |               | A LENDA BELGA DA ÁRVORE DE NATAL             |
| <a href="#">IMG_5917.JPG</a> |               | NOVA ERA                                     |
| <a href="#">IMG_5918.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5919.JPG</a> | DA MULHER     | FAMÍLIA E PÁTRIA                             |
| <a href="#">IMG_5920.JPG</a> |               | NAQUELE DIA DEIXEI DE SER ATEU               |
| <a href="#">IMG_5921.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5922.JPG</a> | DA MULHER     | A FAMÍLIA                                    |
| <a href="#">IMG_5923.JPG</a> |               | NAQUELE DIA DEIXEI DE SER ATEU               |
| <a href="#">IMG_5924.JPG</a> |               | VI CONGRESSO PARA A PAZ E CIVILIZAÇÃO CRISTÃ |
| <a href="#">IMG_5925.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5926.JPG</a> | DA MULHER     | AO ENCONTRO DE DEUS                          |
| <a href="#">IMG_5927.JPG</a> |               | CHAMARAM-LHE LOUCO!                          |
| <a href="#">IMG_5928.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5929.JPG</a> | DA MULHER     | CONVERSANDO COM AS NOSSAS ARTISTAS           |
| <a href="#">IMG_5930.JPG</a> |               | INFORMAÇÕES PARA A DONA DE CASA              |
| <a href="#">IMG_5931.JPG</a> |               | CHAMARAM-LHE LOUCO!                          |
| <a href="#">IMG_5932.JPG</a> |               | RECONHECIMENTO                               |
| <a href="#">IMG_5933.JPG</a> | DA MULHER     | MULHERES QUE GOVERNARAM OS PAÍSES BAIXOS     |
| <a href="#">IMG_5934.JPG</a> |               | NO CAMINHO DA VIDA                           |
| <a href="#">IMG_5935.JPG</a> |               | COISAS PORTUGUESAS                           |
| <a href="#">IMG_5936.JPG</a> |               |  |
| <a href="#">IMG_5937.JPG</a> | NOVIDADES     | A CASA E A FAMÍLIA                           |
| <a href="#">IMG_5938.JPG</a> | DA MULHER     | FIGURAS FEMININAS DA VIDA                    |
| <a href="#">IMG_5939.JPG</a> |               | POLÍTICA E ADMINISTRATIVA DA HOLANDA         |
| <a href="#">IMG_5940.JPG</a> |               | BONDADE                                      |
| <a href="#">IMG_5941.JPG</a> |               | OS CHORÕES                                   |
| <a href="#">IMG_5942.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | ASSISTÊNCIA ESCOLAR E A FAMÍLIA              |
| <a href="#">IMG_5943.JPG</a> | DA MULHER     | OFICINA FEMININA DE WESTLAND                 |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_5944.JPG</a> |           | A LENDA DA TULIPA  |
| <a href="#">IMG_5945.JPG</a> |           | ENSINAR A VIDA AS CRIANÇAS                                 |
| <a href="#">IMG_5946.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5947.JPG</a> | DA MULHER | A HOLANDA E SEU POVO                                       |
| <a href="#">IMG_5948.JPG</a> |           | HOMENS CÉLEBRES  |
| <a href="#">IMG_5949.JPG</a> |           | A LENDA DA VIOLETA   |
| <a href="#">IMG_5950.JPG</a> |           |  |
|                              |           |  |
| <a href="#">IMG_5951.JPG</a> | DA MULHER | VIDA QUOTIDIANA DA DONA DE CASA HOLANDESA                  |
| <a href="#">IMG_5952.JPG</a> |           | A CRUZ   |
| <a href="#">IMG_5953.JPG</a> |           | O ASILO DOS CEGOS  |
| <a href="#">IMG_5954.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5955.JPG</a> | DA MULHER | RENDAS PORTUGUESES   |
| <a href="#">IMG_5956.JPG</a> |           | VIDA QUOTIDIANA DA DONA DE CASA HOLANDESA                  |
| <a href="#">IMG_5957.JPG</a> |           | A FEIRA  |
| <a href="#">IMG_5958.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5959.JPG</a> | NOVIDADES | MENTIRA CRIMINOSA  |
| <a href="#">IMG_5960.JPG</a> | DA MULHER | CARIDADE   |
| <a href="#">IMG_5961.JPG</a> |           | O MINHO SUAS BELEZAS E POPULAÇÃO                           |
| <a href="#">IMG_5962.JPG</a> |           | A FEIRA  |
| <a href="#">IMG_5963.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5964.JPG</a> | DA MULHER | AMOR DO LAR  |
| <a href="#">IMG_5965.JPG</a> |           | FÁTIMA   |
| <a href="#">IMG_5966.JPG</a> |           | BOLLENZONDAG   |
| <a href="#">IMG_5967.JPG</a> |           | TODA ALMA QUE SE ELEVA, ELEVA O MUNDO                      |
| <a href="#">IMG_5968.JPG</a> | DA MULHER | REPORTAGENS DA PÁGINA                                      |
| <a href="#">IMG_5969.JPG</a> |           | AMOR DO LAR  |
| <a href="#">IMG_5970.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5971.JPG</a> | DA MULHER | A MÁQUINA DE MORAR   |
| <a href="#">IMG_5972.JPG</a> |           | LIVROS FEMININOS   |
| <a href="#">IMG_5973.JPG</a> |           | A FALTA DE PONTUALIDADE                                    |
| <a href="#">IMG_5974.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5975.JPG</a> | DA MULHER | VOCAÇÕES SACERDOTAIS                                       |
| <a href="#">IMG_5976.JPG</a> |           | O POBRE DAS RUÍNAS   |
| <a href="#">IMG_5977.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5978.JPG</a> | DA MULHER | EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA                                       |
| <a href="#">IMG_5979.JPG</a> |           | O TRABALHO DA MULHER                                       |
| <a href="#">IMG_5980.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5981.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5982.JPG</a> | DA MULHER | RESSUREIÇÃO  |
| <a href="#">IMG_5983.JPG</a> |           | O MELHOR CAMINHO   |
| <a href="#">IMG_5984.JPG</a> |           | 4 ANOS NUM INFERNO VERMELHO                                |
| <a href="#">IMG_5985.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5986.JPG</a> | DA MULHER | ENCONTRO LUSO-ALEMÃO DE CATÓLICO UNIVERSITÁRIOS EM COIMBRA |
| <a href="#">IMG_5987.JPG</a> |           | VIDA INTERIOR  |
| <a href="#">IMG_5988.JPG</a> |           | O MUNDO DA MUITAS VOLTAS                                   |
| <a href="#">IMG_5989.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5990.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_5991.JPG</a> | DA MULHER | CADA ALMA, SUA MÁGOA                                       |

| IMAGENS             | SEÇÃO                 | TEMA   |                              |
|---------------------|-----------------------|--|------------------------------|
| <u>IMG_5992.JPG</u> | DA MULHER             | SAUDADE  |                              |
| <u>IMG_5993.JPG</u> |                       | COISAS ÚTEIS   |                              |
| <u>IMG_5994.JPG</u> |                       | O BEM<br>O DENTE DE SISO<br>O SENHOR NÚNCIO APOSTÓLICO<br>DOS AÇORES |                              |
| <u>IMG_5995.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_5996.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_5997.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_5998.JPG</u> | DA MULHER             | TRAGÉDIA RÚSTICA   |                              |
| <u>IMG_5999.JPG</u> |                       | REPORTAGENS DA PÁGINA  |                              |
| <u>IMG_6001.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6002.JPG</u> | DA MULHER             | CONVERSANDO COM AS NOSSAS<br>ARTISTAS                                |                              |
| <u>IMG_6003.JPG</u> |                       | A VELHA TORRE  |                              |
| <u>IMG_6004.JPG</u> |                       | CONVERSANDO COM AS NOSSAS<br>ARTISTAS                                |                              |
| <u>IMG_6005.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6006.JPG</u> | DA MULHER             | PORTUGAL DILATANDO A FÉ  |                              |
| <u>IMG_6007.JPG</u> |                       | PARA ALUGAR  |                              |
| <u>IMG_6008.JPG</u> |                       | 25 ANOS DO SEMINÁRIO DE<br>CRISTO-REI                                |                              |
| <u>IMG_6009.JPG</u> | DA MULHER             | REPORTAGENS DA PÁGINA  |                              |
| <u>IMG_6010.JPG</u> |                       | CARTA DE PARIS   |                              |
| <u>IMG_6011.JPG</u> |                       | FERAS Á SOLTA<br>ESTRANGEIRA<br>PALAVRAS AUTORIZADAS                 |                              |
| <u>IMG_6012.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6013.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6014.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6015.JPG</u> | DA MULHER             | REPORTAGENS DA PÁGINA  |                              |
| <u>IMG_6016.JPG</u> |                       | LIVROS BRASILEIROS   |                              |
| <u>IMG_6017.JPG</u> |                       | MADEIMOSSELLE CLAUCHE  |                              |
| <u>IMG_6018.JPG</u> |                       | NOVIDADES  | A GRANDE FAMÍLIA CRISTÃ      |
| <u>IMG_6019.JPG</u> |                       |  | FÉRIAS                       |
| <u>IMG_6020.JPG</u> |                       |  | CONVERSAÇÃO                  |
| <u>IMG_6021.JPG</u> | DA MULHER             | MADEIMOSSELLE CLAUCHE  |                              |
| <u>IMG_6022.JPG</u> |                       | DA MULHER  | PADRE AMÉRICO                |
| <u>IMG_6023.JPG</u> | REPORTAGENS DA PÁGINA |  |                              |
| <u>IMG_6024.JPG</u> | PORQUE?               |  |                              |
| <u>IMG_6025.JPG</u> | DA MULHER             |  | A LAGRIMA                    |
| <u>IMG_6026.JPG</u> |                       | REPORTAGENS DA PÁGINA  |                              |
| <u>IMG_6027.JPG</u> |                       | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO                             |                              |
| <u>IMG_6028.JPG</u> | DA MULHER             | CASAMENTO  |                              |
| <u>IMG_6029.JPG</u> |                       | AS SAUDADES DUMA FESTA!  |                              |
| <u>IMG_6030.JPG</u> |                       | DA MULHER  | SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE |
| <u>IMG_6031.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6032.JPG</u> | DA MULHER             | SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE   |                              |
| <u>IMG_6033.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6034.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6035.JPG</u> | DA MULHER             | SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE   |                              |
| <u>IMG_6036.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6037.JPG</u> | DA MULHER             | SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE   |                              |
| <u>IMG_6038.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6039.JPG</u> | DA MULHER             | SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE   |                              |
| <u>IMG_6040.JPG</u> |                       |  |                              |
| <u>IMG_6041.JPG</u> | DA MULHER             | SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE   |                              |

| IMAGENS             | SEÇÃO         | TEMA   |
|---------------------|---------------|--|
| <u>IMG_6042.JPG</u> |               | NINGUÉM ESTÁ CONTENTE COM A SUA SORTE          |
| <u>IMG_6043.JPG</u> |               | UMA REFERÊNCIA AOS PORTUGUESES                 |
| <u>IMG_6044.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6045.JPG</u> | DA MULHER     | A DESERDADA                                    |
| <u>IMG_6046.JPG</u> |               | A PROPÓSITO DE UM DIÁLOGO                      |
| <u>IMG_6047.JPG</u> |               | ERROS INCONSCIENTES                            |
| <u>IMG_6048.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6049.JPG</u> | DA MULHER     | A DESERDADA                                    |
| <u>IMG_6050.JPG</u> |               | DA VIDA DE RELAÇÃO                             |
| <u>IMG_6051.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6052.JPG</u> | ACÇÃO ESCOLAR | AS RESPONSABILIDADES DOS PROFESSORES CATÓLICOS |
| <u>IMG_6053.JPG</u> |               | HESITAÇÃO INJUSTIFICÁVEL                       |
| <u>IMG_6054.JPG</u> | DA MULHER     | A DESERDADA                                    |
| <u>IMG_6055.JPG</u> |               | VARIÉDADES                                     |
| <u>IMG_6056.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6057.JPG</u> | DA MULHER     | A FAMÍLIA                                      |
| <u>IMG_6058.JPG</u> |               | A PRINCESA DO DESERTO                          |
| <u>IMG_6059.JPG</u> |               | A EDUCAÇÃO DA MULHER                           |
| <u>IMG_6060.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6061.JPG</u> | DA MULHER     | UM LIVRO FEMININO                              |
| <u>IMG_6062.JPG</u> |               | A PRINCESA DO DESERTO                          |
| <u>IMG_6063.JPG</u> |               | A FAMÍLIA EXISTE PARA A CRIANÇA                |
| <u>IMG_6064.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6065.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6066.JPG</u> | DA MULHER     | CARIDADE                                       |
| <u>IMG_6067.JPG</u> |               | ROSA DE SANTIDADE                              |
| <u>IMG_6068.JPG</u> |               | VARIÉDADES                                     |
| <u>IMG_6069.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6070.JPG</u> | DA MULHER     | ROSA DE SANTIDADE                              |
| <u>IMG_6071.JPG</u> |               | ONTEM E HOJE                                   |
| <u>IMG_6072.JPG</u> |               | VIDA DE SOCIEDADE                              |
| <u>IMG_6073.JPG</u> |               | A MULHER NO CINEMA                             |
| <u>IMG_6074.JPG</u> | DA MULHER     | FLORES PARA GRISELDA                           |
| <u>IMG_6075.JPG</u> |               | COR UNUM ET ANIMA UMA                          |
| <u>IMG_6076.JPG</u> |               | VARIÉDADES                                     |
| <u>IMG_6077.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6078.JPG</u> | DA MULHER     | COISAS DE FAMÍLIA                              |
| <u>IMG_6079.JPG</u> |               | FLORES PARA GRISELDA                           |
| <u>IMG_6080.JPG</u> |               | VARIÉDADES                                     |
| <u>IMG_6081.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6082.JPG</u> | DA MULHER     | MANDAR, SIM... OBEDECER, NÃO?                  |
| <u>IMG_6083.JPG</u> |               | A MÃE E A CRIANÇA                              |
| <u>IMG_6084.JPG</u> |               | VARIÉDADES                                     |
| <u>IMG_6085.JPG</u> |               |  |
| <u>IMG_6086.JPG</u> | DA MULHER     | VARIÉDADES                                     |
| <u>IMG_6087.JPG</u> |               | CARTA DE ROMA                                  |
| <u>IMG_6088.JPG</u> |               | IMPRESSÕES DAS CRIANÇAS                        |
| <u>IMG_6089.JPG</u> | DA MULHER     | INVERNO  |
| <u>IMG_6090.JPG</u> |               | HISTÓRIA DO ARANHAL                            |
| <u>IMG_6091.JPG</u> |               | VARIÉDADES                                     |

| IMAGENS                                    | SEÇÃO     | TEMA  |
|--|-----------|---|
| <u>IMG_6092.JPG</u>                        | DA MULHER | CASA DE PAIS, ESCOLA DE FILHOS<br>O POETA E A FELICIDADE          |
| <u>IMG_6093.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6094.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6095.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6096.JPG</u><br><u>IMG_6097.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6098.JPG</u>                        | NOVIDADES | O PROGRESSO MORAL E SOCIAL<br>NO PAÍS                             |
| <u>IMG_6099.JPG</u>                        | DA MULHER | PROBLEMAS DE FAMÍLIA<br>ERA DESTINO!                              |
| <u>IMG_6100.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6101.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6102.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6103.JPG</u>                        | DA MULHER | HOMENAGEM AO PAI AMÉRICO<br>ERA DESTINO!<br>IDEALISMO             |
| <u>IMG_6104.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6105.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6106.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6107.JPG</u>                        | DA MULHER | A LIÇÃO DE UM POVO MÁRTIR<br>LARES DE HOJE<br>CRÔNICAS DE LONDRES |
| <u>IMG_6108.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6109.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6110.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6111.JPG</u>                        | DA MULHER | NESTE NATAL<br>CRÔNICA DE NATAL<br>PRIMEIRA DESILUSÃO             |
| <u>IMG_6112.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6113.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6114.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6115.JPG</u>                        | DA MULHER | LEGENDA PARA O PRESÉPIO<br>O NINHO<br>PRECE                       |
| <u>IMG_6116.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6117.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6118.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6119.JPG</u>                        | DA MULHER | UM ANO PASSA...<br>ANO VELHO - ANO NOVO<br>O SR. INSPECTOR        |
| <u>IMG_6120.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6121.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6122.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6123.JPG</u>                        | NOVIDADES | PROBLEMA MORAL DO MÉTODO<br>PSICO-PROFILÁTICO                     |
| <u>IMG_6124.JPG</u>                        | DA MULHER | CONVIVÊNCIA<br>A VISITA DO SR. INSPECTOR<br>VARIEDADES            |
| <u>IMG_6125.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6126.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6127.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6128.JPG</u>                        | DA MULHER | CORTEJOS DE OFERENDAS<br>EU CUIDAREI DE TI                        |
| <u>IMG_6129.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6130.JPG</u>                        | DA MULHER | POBRE DE CRISTO<br>AS NOVIDADES<br>EU CUIDAREI DE TI              |
| <u>IMG_6131.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6132.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6133.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6134.JPG</u>                        | DA MULHER | NEVE...<br>ENCONTRO INESPERADO<br>DEUS                            |
| <u>IMG_6135.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6136.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6137.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6138.JPG</u>                        | DA MULHER | ONTEM E HOJE<br>O CAMINHO<br>FESTA DAS CONFERÊNCIAS<br>VICENTINAS |
| <u>IMG_6139.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6140.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6141.JPG</u>                        | DA MULHER |   |
| <u>IMG_6142.JPG</u>                        |           |   |
| <u>IMG_6143.JPG</u>                        |           |   |

| IMAGENS   | SEÇÃO     | TEMA   |
|---|-----------|--|
| <u>IMG_6144.JPG</u><br><u>IMG_6145.JPG</u><br><u>IMG_6146.JPG</u><br><u>IMG_6147.JPG</u>  | DA MULHER | REPORTAGENS DA PÁGINA<br>O CAMINHO<br>ARTES E ARTISTAS   |
| <u>IMG_6148.JPG</u>   | NOVIDADES | ESPAÑA MANDOU ENCERRAR AS<br>CASAS DE TOLERÂNCIA   |
| <u>IMG_6149.JPG</u><br><u>IMG_6150.JPG</u><br><u>IMG_6151.JPG</u><br><u>IMG_6152.JPG</u>  | DA MULHER | O SANTO PADRE<br>NOBREZA DOS SIMPLES<br>ANOITECER  |
| <u>IMG_6153.JPG</u><br><u>IMG_6154.JPG</u><br><u>IMG_6155.JPG</u><br><u>IMG_6156.JPG</u>  | DA MULHER | SEMANA SANTA<br>O CRISTO DE BUENOS AYRES<br>NOBREZA DOS SIMPLES  |
| <u>IMG_6157.JPG</u><br><u>IMG_6158.JPG</u><br><u>IMG_6159.JPG</u><br><u>IMG_6160.JPG</u><br><u>IMG_6161.JPG</u><br><u>IMG_6162.JPG</u>  | DA MULHER | LIVRO PARA AS CRIANÇAS<br>O MELHOR CAMINHO<br>SENHOR... EU SEI...<br>OS POBRES NOSSOS IRMÃOS<br>UM CONTO<br>O AUTÓGRAFO      |
| <u>IMG_6163.JPG</u><br><u>IMG_6164.JPG</u><br><u>IMG_6165.JPG</u><br><u>IMG_6166.JPG</u><br><u>IMG_6167.JPG</u><br><u>IMG_6168.JPG</u>  | DA MULHER | CONTEMPLAÇÃO<br>HISTORIETAS VERDADEIRAS<br>O AUTÓGRAFO   |
| <u>IMG_6169.JPG</u><br><u>IMG_6170.JPG</u><br><u>IMG_6171.JPG</u><br><u>IMG_6172.JPG</u><br><u>IMG_6173.JPG</u><br><u>IMG_6174.JPG</u>  | DA MULHER | VOLTA A CIDADE<br>COM AMOR NÃO SE BRINCA<br>O SIGNIFICADO HISTÓRICO DA<br>ARTE PORTUGUESA                                    |
| <u>IMG_6175.JPG</u><br><u>IMG_6176.JPG</u><br><u>IMG_6177.JPG</u><br><u>IMG_6178.JPG</u><br><u>IMG_6179.JPG</u><br><u>IMG_6180.JPG</u><br><u>IMG_6181.JPG</u><br><u>IMG_6182.JPG</u>                        | DA MULHER | A ARTE DE ESCUTAR<br>COM AMOR NÃO SE BRINCA<br>A SAMARITANA  |
| <u>IMG_6183.JPG</u><br><u>IMG_6184.JPG</u><br><u>IMG_6185.JPG</u><br><u>IMG_6186.JPG</u><br><u>IMG_6187.JPG</u><br><u>IMG_6188.JPG</u><br><u>IMG_6189.JPG</u><br><u>IMG_6190.JPG</u><br><u>IMG_6191.JPG</u> | DA MULHER | A PERSONALIDADE DA MULHER<br>NO CONGRESSO DA UNIÃO<br>MUNDIAL FEMININA<br>A VIAGEM DE DONA RABIGA<br>A SUPREMACIA DO PARTIDO |
|   | DA MULHER | SÃO JOÃO DE DEUS<br>UMA NOITE DE INSÔNIA   |
|   | DA MULHER | BOA VONTADE<br>MEMÓRIA DUMA SANTA<br>RELIGIOSA - MADRE ERMELINDA<br>LUCOTTI<br>ROSAS BRANCAS, ROSAS<br>VERMELHAS             |
|   | DA MULHER | AMIZADE E CRÍTICA<br>UMA NOITE DE INSÔNIA<br>HOMENAGEM RESPEITOSA  |
|   | DA MULHER | FILHO PRÓDIGO<br>SER MÃE   |



| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_6192.JPG</a> |           | UM HOMEM DE ACÇÃO  |
| <a href="#">IMG_6193.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6194.JPG</a> |           | FILHO PRÓDIGO  |
| <a href="#">IMG_6195.JPG</a> | DA MULHER | REPORTAGENS DA PÁGINA<br>SEJAMOS FIÉIS A MENSAGEM<br>CRISTÁ DE BELÉM |
| <a href="#">IMG_6196.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6197.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6205.JPG</a> |           | MARIA AMÁLIA VAZ DE<br>CARVALHO                                      |
| <a href="#">IMG_6206.JPG</a> | DA MULHER | VARIÉDADES   |
| <a href="#">IMG_6207.JPG</a> |           | LARANJEIRAS EM FLOR  |
| <a href="#">IMG_6208.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6209.JPG</a> |           | A MULHER NA OBRA DE<br>BERNARDO PASSOS                               |
| <a href="#">IMG_6210.JPG</a> | DA MULHER | ESCUTANDO BEETHOVEN  |
| <a href="#">IMG_6211.JPG</a> |           | VARIÉDADES   |
| <a href="#">IMG_6212.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6213.JPG</a> |           | A HORA DA VERDADE  |
| <a href="#">IMG_6214.JPG</a> | DA MULHER | COISAS DE HOJE   |
| <a href="#">IMG_6215.JPG</a> |           | VARIÉDADES   |
| <a href="#">IMG_6216.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6217.JPG</a> |           | A PÁTRIA E A MULHER  |
| <a href="#">IMG_6218.JPG</a> | DA MULHER | COISAS PORTUGUESAS   |
| <a href="#">IMG_6219.JPG</a> |           | O MENINO QUE CAIU NO NIÁGARA   |
| <a href="#">IMG_6220.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6221.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6222.JPG</a> | NOVIDADES | MODA FEMININA 1963   |
| <a href="#">IMG_6223.JPG</a> |           | SOBRE LISBOA A NOITE DESCE   |
| <a href="#">IMG_6224.JPG</a> | DA MULHER | O ESTIO  |
| <a href="#">IMG_6225.JPG</a> |           | PSICOLOGIA INFANTIL  |
| <a href="#">IMG_6226.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6227.JPG</a> |           | A SOLIDÃO  |
| <a href="#">IMG_6228.JPG</a> | DA MULHER | A ASSUNÇÃO DA VIRGEM MARIA<br>A MODA NA ITÁLIA E<br>INGLATERRA       |
| <a href="#">IMG_6229.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6230.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6231.JPG</a> |           | MANDA QUEM PODE  |
| <a href="#">IMG_6232.JPG</a> | DA MULHER | O MENINO QUE CAIU NO NIÁGARA<br>AS JOVENS ALEMÃS E O<br>CASAMENTO    |
| <a href="#">IMG_6233.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6234.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6235.JPG</a> |           | COISAS ESPANTOSAS  |
| <a href="#">IMG_6236.JPG</a> | DA MULHER | MOEDA CORRENTE   |
| <a href="#">IMG_6237.JPG</a> |           | APRENDER ATÉ MORRER  |
| <a href="#">IMG_6238.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6239.JPG</a> |           | OS NOSSOS FILHOS   |
| <a href="#">IMG_6240.JPG</a> | DA MULHER | CELEIROS CHEIOS  |
| <a href="#">IMG_6241.JPG</a> |           | VELOCIDADES  |
| <a href="#">IMG_6242.JPG</a> |           | COISAS PORTUGUESAS   |
| <a href="#">IMG_6243.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6244.JPG</a> | DA MULHER | PÁGINAS SOLTAS   |
| <a href="#">IMG_6245.JPG</a> |           | CORAGEM E ADEUS  |
| <a href="#">IMG_6246.JPG</a> |           | O SIGNIFICADO DE UMA PALAVRA   |
| <a href="#">IMG_6247.JPG</a> |           | SILÊNCIO   |

| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA  |
|---------------------|-----------|---|
| <u>IMG_6248.JPG</u> | DA MULHER | UNIÃO<br>COISAS PORTUGUESAS<br>CORAGEM E ADEUS                                      |
| <u>IMG_6249.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6250.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6251.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6252.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6253.JPG</u> | DA MULHER | PORTUGAL AOS PÉS DE CRISTO-REI<br>O QUE APRENDI COM HEMINGWAY<br>VARIEDADES         |
| <u>IMG_6254.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6255.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6256.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6259.JPG</u> | NOVIDADES | A LEI MORAL É UNIVERSAL   |
| <u>IMG_6260.JPG</u> | DA MULHER | PERFIL DE FERNANDO DE LACERDA<br>ENCONTRO COM O AMOR<br>HAYDÉE DE SEPULVEDA         |
| <u>IMG_6261.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6262.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6263.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6264.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6266.JPG</u> | DA MULHER | VIDAS DE OUTROS TEMPOS<br>A ÚLTIMA BATALHA DE MEU BISAVÔ<br>NUMA MANHÃ DE PRIMAVERA |
| <u>IMG_6267.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6268.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6269.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6270.JPG</u> | DA MULHER | MADRINHAS DE GUERRA<br>A ASSUNÇÃO DA VIRGEM MARIA                                   |
| <u>IMG_6271.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6272.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6273.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6274.JPG</u> | DA MULHER | A MULHER INESQUECÍVEL<br>NA HORA DA PARTIDA<br>UM PAI DIZ AO FILHO                  |
| <u>IMG_6275.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6276.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6277.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6278.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6279.JPG</u> | DA MULHER | A ALEGRIA DE DAR<br>NUMA MANHÃ DE PRIMAVERA<br>NUNCA DIGA NÃO!                      |
| <u>IMG_6280.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6281.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6282.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6283.JPG</u> | DA MULHER | A SOLIDÃO<br>O VESTIDO NOVO<br>ARTES E ARTISTAS<br>A DOCE IMAGEM                    |
| <u>IMG_6284.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6285.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6286.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6287.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6288.JPG</u> | DA MULHER | A MULHER E A MODA<br>FRATERNIDADE<br>ENQUANTO OS OUTROS DORMEM                      |
| <u>IMG_6289.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6290.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6291.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6292.JPG</u> | DA MULHER | BOAS MANEIRAS<br>CORDIALIDADE<br>QUE É A MODA?                                      |
| <u>IMG_6293.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6294.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6295.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6296.JPG</u> | DA MULHER | NOSSA SENHORA<br>A IMACULADA! A MÃE!<br>PRESENTE DE NATAL PARA O MÉDICO             |
| <u>IMG_6297.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6298.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_6299.JPG</u> |           |   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA  |
|------------------------------|-----------|---|
| <a href="#">IMG_6300.JPG</a> | DA MULHER | DE VEZ EM QUANDO<br>O ACUSADO, LEVANTE-SE<br>UMA MALHADA                                |
| <a href="#">IMG_6301.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6302.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6303.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6304.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6305.JPG</a> | NOVIDADES | O ENSINO DA RELIGIÃO E MORAL<br>NAS ESCOLAS DE ENSINO<br>PRIMÁRIO                       |
| <a href="#">IMG_6306.JPG</a> | DA MULHER | SEM PALAVRAS<br>O PERIQUITO<br>FIGURAS PORTUGUESAS                                      |
| <a href="#">IMG_6307.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6308.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6309.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6310.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6311.JPG</a> | DA MULHER | O POBRE DO NATAL<br>NO CENÁCULO - TÁBUA RASA<br>VARIEDADES                              |
| <a href="#">IMG_6312.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6313.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6314.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6315.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6316.JPG</a> | NOVIDADES | A MOCIDADE PORTUGUESA<br>COMEMORA 28º ANIVERSÁRIO                                       |
| <a href="#">IMG_6317.JPG</a> | DA MULHER | O PRINCIPE E A PRIMAVERA<br>RECITAL POÉTICO<br>A RAINHA DA HOLANDA                      |
| <a href="#">IMG_6318.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6319.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6320.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6321.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6322.JPG</a> | DA MULHER | DOCE PROTEÇÃO<br>HAYDÉE DE SEPULVEDA  |
| <a href="#">IMG_6323.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6325.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6326.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6327.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6328.JPG</a> | DA MULHER | O BRASIL E PORTUGAL<br>HAYDÉE DE SEPULVEDA<br>PONTES RIBATEJANAS                        |
| <a href="#">IMG_6329.JPG</a> | DA MULHER | CAMINHOS DE PORTUGAL,<br>CAMINHOS DO MUNDO INTEIRO<br>COISAS DE ONTEM<br>AMY VANDERBILT |
| <a href="#">IMG_6330.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6331.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6332.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6333.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6334.JPG</a> | DA MULHER | A VIDA CONTINUA<br>VOCAÇÃO<br>TERMINOU MAIO   |
| <a href="#">IMG_6335.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6336.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6337.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6338.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6339.JPG</a> | DA MULHER | ANO NOVO<br>OS GRILHÕES HÃO DE QUEBRAR-<br>SE   |
| <a href="#">IMG_6340.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6341.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6342.JPG</a> | DA MULHER | A CIDADE DE AMESTERDÃO VISTA<br>DA ÁGUA<br>OS NOMES DAS RUAS                            |
| <a href="#">IMG_6343.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6344.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6345.JPG</a> | DA MULHER | CONVERSANDO COM AS NOSSAS<br>ARTISTAS<br>SE FELIZ MINHA FILHA<br>VARIEDADES             |
| <a href="#">IMG_6346.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6347.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6348.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6348.JPG</a> | DA MULHER | VELHAS CASAS  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO            | TEMA                                    |
|------------------------------|------------------|---|
| <a href="#">IMG_6349.JPG</a> | DA MULHER        | MUNIQUE E A MODA                        |
| <a href="#">IMG_6350.JPG</a> |                  | MODA FRANCESA                           |
| <a href="#">IMG_6351.JPG</a> |                  | INFÂNCIA E A VIDA                       |
| <a href="#">IMG_6352.JPG</a> |                  | EPISCOPADO PORTUGUÊS                    |
| <a href="#">IMG_6353.JPG</a> | DA MULHER        | UMA INVOCAÇÃO                           |
| <a href="#">IMG_6354.JPG</a> |                  | FIGURAS E FACTOS                        |
| <a href="#">IMG_6355.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6356.JPG</a> | DA MULHER        | MATERNIDADE                             |
| <a href="#">IMG_6357.JPG</a> |                  | PALAVRAS DE UMA AVÓ                     |
| <a href="#">IMG_6358.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6359.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6360.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6361.JPG</a> | DA MULHER        | OS NOSSOS AVÓS                          |
| <a href="#">IMG_6362.JPG</a> |                  | A MULHER E A MODA                       |
| <a href="#">IMG_6363.JPG</a> |                  | A MORADA DE DEUS                        |
| <a href="#">IMG_6364.JPG</a> |                  | VARIEDADES                              |
| <a href="#">IMG_6365.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6366.JPG</a> | PÁGINA DA MULHER | O NOSSO LAR                             |
| <a href="#">IMG_6367.JPG</a> |                  | CONVERSANDO COM AS NOSSAS ARTISTAS      |
| <a href="#">IMG_6368.JPG</a> |                  | COISAS PORTUGUESAS                      |
| <a href="#">IMG_6369.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6370.JPG</a> | DA MULHER        | A ASSUNÇÃO DA VIRGEM MÃE DE DEUS!       |
| <a href="#">IMG_6371.JPG</a> |                  | COISAS DE HOJE                          |
| <a href="#">IMG_6372.JPG</a> |                  | A MULHER E A MODA                       |
| <a href="#">IMG_6374.JPG</a> | DA MULHER        | ROMA, CIDADE ETERNA                     |
| <a href="#">IMG_6375.JPG</a> |                  | EM PROL DOS CEGOS                       |
| <a href="#">IMG_6376.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6377.JPG</a> | DA MULHER        | OS MISSIONÁRIOS                         |
| <a href="#">IMG_6378.JPG</a> |                  | OVOS DE LARANJEIRAS - IGUARIA HOLANDESA |
| <a href="#">IMG_6379.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6380.JPG</a> | DA MULHER        | MAIS UM ANO                             |
| <a href="#">IMG_6381.JPG</a> |                  | A CRIANÇA E A MODA                      |
| <a href="#">IMG_6382.JPG</a> |                  | A SUSPEITA                              |
| <a href="#">IMG_6383.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6384.JPG</a> | DA MULHER        | OS PORTUGUESES DE 1640                  |
| <a href="#">IMG_6385.JPG</a> |                  | A MINHA MÃE                             |
| <a href="#">IMG_6386.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6387.JPG</a> | DA MULHER        | CONTRA-SENSOS                           |
| <a href="#">IMG_6388.JPG</a> |                  | A SALVA DE PRATA                        |
| <a href="#">IMG_6389.JPG</a> |                  | O NOSSO TEATRO                          |
| <a href="#">IMG_6390.JPG</a> |                  |   |
| <a href="#">IMG_6391.JPG</a> | DA MULHER        | A APOSTA                                |
| <a href="#">IMG_6392.JPG</a> |                  | A MULHER E A MODA                       |
| <a href="#">IMG_6393.JPG</a> |                  | A CHAMAR SEMPRE                         |
| <a href="#">IMG_6394.JPG</a> | DA MULHER        | UM CASAMENTO EM PERIGO                  |
| <a href="#">IMG_6395.JPG</a> |                  | PRUDÊNCIA                               |
| <a href="#">IMG_6396.JPG</a> | DA MULHER        | ABRIGO INFANTIL DE SANTA MARIA DE BELÉM |
| <a href="#">IMG_6397.JPG</a> |                  | A ALMA DE OUTRO MUNDO                   |
| <a href="#">IMG_6398.JPG</a> |                  | COISAS PORTUGUESAS                      |
| <a href="#">IMG_6399.JPG</a> | DA MULHER        | TUDO MEU AMOR                           |

| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA                                     |
|---------------------|-----------|--|
| <u>IMG_6400.JPG</u> |           | DOMITILA DE CARVALHO                     |
| <u>IMG_6401.JPG</u> |           | CONVERSANDO COM AS NOSSAS ARTISTAS       |
| <u>IMG_6402.JPG</u> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO |
| <u>IMG_6403.JPG</u> |           | SOMBRAS NO LAR                           |
| <u>IMG_6404.JPG</u> |           | CONVERSANDO COM AS NOSSAS ARTISTAS       |
| <u>IMG_6405.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6406.JPG</u> | DA MULHER | SANTO ANTÔNIO DE LISBOA                  |
| <u>IMG_6407.JPG</u> |           | LEITORAS, CAUTELA!                       |
| <u>IMG_6408.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6409.JPG</u> | DA MULHER | A SIMPLICIDADE                           |
| <u>IMG_6410.JPG</u> |           | AS PRIMEIRAS ROSAS                       |
| <u>IMG_6411.JPG</u> |           | COISAS PORTUGUESAS                       |
| <u>IMG_6412.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6413.JPG</u> | DA MULHER | COMO FIZERES                             |
| <u>IMG_6414.JPG</u> |           | A VELHA CASA                             |
| <u>IMG_6415.JPG</u> |           | COISAS PORTUGUESAS                       |
| <u>IMG_6416.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6417.JPG</u> | DA MULHER | A MISSÃO DA MULHER                       |
| <u>IMG_6418.JPG</u> |           | HOMEM AO MAR!                            |
| <u>IMG_6419.JPG</u> |           | NICHOS E ALMINHAS                        |
| <u>IMG_6420.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6421.JPG</u> | DA MULHER | LIVROS                                   |
| <u>IMG_6422.JPG</u> |           | VELHO EPISÓDIO                           |
| <u>IMG_6423.JPG</u> |           | COISAS PORTUGUESAS                       |
| <u>IMG_6424.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6425.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6426.JPG</u> | NOVIDADES | DIREITOS DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO          |
| <u>IMG_6427.JPG</u> | DA MULHER | NÓS, PORTUGUESAS                         |
| <u>IMG_6428.JPG</u> |           | COISAS PORTUGUESAS                       |
| <u>IMG_6429.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6430.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6431.JPG</u> | DA MULHER | NOVEMBRO                                 |
| <u>IMG_6432.JPG</u> |           | O MAL DE LILIANA                         |
| <u>IMG_6433.JPG</u> |           | DIZER NÃO!                               |
| <u>IMG_6434.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6435.JPG</u> | DA MULHER | PEDAÇOS DE ALMA                          |
| <u>IMG_6436.JPG</u> |           | DESTINO                                  |
| <u>IMG_6437.JPG</u> |           | O MAL DE LILIANA                         |
| <u>IMG_6438.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6439.JPG</u> | DA MULHER | QUE LHE DEIXAREMOS?                      |
| <u>IMG_6440.JPG</u> |           | A CASA EMBRUXADA                         |
| <u>IMG_6441.JPG</u> | DA MULHER | CARTA A RAPARIGA ULTRA-MODERNA           |
| <u>IMG_6442.JPG</u> |           | AMBIÇÕES DE UM POETA                     |
| <u>IMG_6443.JPG</u> | DA MULHER | TRISTEZA E ALEGRIA                       |
| <u>IMG_6444.JPG</u> |           | FESTAS DO NATAL                          |
| <u>IMG_6445.JPG</u> |           |  |
| <u>IMG_6446.JPG</u> | DA MULHER | POR UMA NOITE DE NATAL                   |
| <u>IMG_6447.JPG</u> |           | O MENIMO JESUS SORRIU!                   |
| <u>IMG_6448.JPG</u> |           |  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                                 |
|------------------------------|-----------|--------------------------------------|
| <a href="#">IMG_6449.JPG</a> | DA MULHER | MARIA                                |
| <a href="#">IMG_6450.JPG</a> |           | MURMURAR                             |
| <a href="#">IMG_6451.JPG</a> | DA MULHER | QUER SER BOA DONA DE CASA?           |
| <a href="#">IMG_6452.JPG</a> |           | CONVERSANDO COM AS NOSSAS ARTISTAS   |
| <a href="#">IMG_6453.JPG</a> | DA MULHER | RECONCILIAÇÃO                        |
| <a href="#">IMG_6454.JPG</a> |           | PRIMEIRA COMUNHÃO                    |
| <a href="#">IMG_6455.JPG</a> | DA MULHER | MÍNIMO VITAL                         |
| <a href="#">IMG_6456.JPG</a> |           | O DIA DO BOM PASTOR                  |
| <a href="#">IMG_6457.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6458.JPG</a> |           | A LENDA DAS VACAS BRANCAS E PRETAS   |
| <a href="#">IMG_6459.JPG</a> | DA MULHER | MEDITAR                              |
| <a href="#">IMG_6460.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6461.JPG</a> | DA MULHER | O ANTIGO TESTAMENTO                  |
| <a href="#">IMG_6462.JPG</a> |           | A INDÚSTRIA DA BOA VONTADE           |
| <a href="#">IMG_6463.JPG</a> | DA MULHER | O ANDANTE DO DILÚVIO                 |
| <a href="#">IMG_6464.JPG</a> |           | LIVROS FEMININOS                     |
| <a href="#">IMG_6465.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6466.JPG</a> |           | A NOSSA ESPERANÇA                    |
| <a href="#">IMG_6467.JPG</a> | DA MULHER | DIÁLOGOS EM CAMINHO DE FERRO         |
| <a href="#">IMG_6468.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6469.JPG</a> | DA MULHER | FÉRIAS                               |
| <a href="#">IMG_6470.JPG</a> |           | A CASA COR DE ROSA                   |
| <a href="#">IMG_6471.JPG</a> |           | EM LOUVOR DE PORTUGAI                |
| <a href="#">IMG_6472.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6473.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6474.JPG</a> | DA MULHER | ESTRELA DA PLANICIE                  |
| <a href="#">IMG_6475.JPG</a> |           | A CASA COR DE ROSA                   |
| <a href="#">IMG_6476.JPG</a> |           | O QUE EU PENSO DE CAUX               |
| <a href="#">IMG_6477.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6478.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6479.JPG</a> | DA MULHER | CONVERSANDO COM AS NOSSAS ARTISTAS   |
| <a href="#">IMG_6480.JPG</a> | DA MULHER | O RAPTO DE SABINA                    |
| <a href="#">IMG_6481.JPG</a> |           | A CURA PELAS FLORES                  |
| <a href="#">IMG_6482.JPG</a> |           | ORAÇÃO                               |
| <a href="#">IMG_6483.JPG</a> | DA MULHER | O MOSTEIRO DE ALCOBAÇA               |
| <a href="#">IMG_6484.JPG</a> |           | A RENÚNCIA DO AMOR                   |
| <a href="#">IMG_6485.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6486.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6487.JPG</a> | DA MULHER | A RENÚNCIA DO AMOR                   |
| <a href="#">IMG_6488.JPG</a> |           | MEIOS DE EVITAR O CANCRO             |
| <a href="#">IMG_6489.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6490.JPG</a> | DA MULHER | EDUCAR                               |
| <a href="#">IMG_6491.JPG</a> |           | O AMOR É CEGO                        |
| <a href="#">IMG_6492.JPG</a> |           |                                      |
| <a href="#">IMG_6493.JPG</a> | DA MULHER | EDUCAR                               |
| <a href="#">IMG_6494.JPG</a> |           | O TRÁGICO DESTINO DA GRADUQUEZA RUSA |
| <a href="#">IMG_6495.JPG</a> | DA MULHER | MISSIONÁRIOS NOS CAMPOS DE FRANÇA    |
| <a href="#">IMG_6496.JPG</a> |           | POR AMOR                             |
| <a href="#">IMG_6497.JPG</a> |           | JUVENTUDE AMERICANA                  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                        |
|------------------------------|-----------|-----------------------------|
| <a href="#">IMG_6498.JPG</a> | DA MULHER | POR AMOR                    |
| <a href="#">IMG_6499.JPG</a> |           | EDUCAÇÃO                    |
| <a href="#">IMG_6500.JPG</a> | DA MULHER | A VELHA CASA                |
| <a href="#">IMG_6501.JPG</a> |           | PREÇES DE CRIANÇAS          |
| <a href="#">IMG_6502.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_6503.JPG</a> | DA MULHER | OS NOSSOS PEQUENOS          |
| <a href="#">IMG_6504.JPG</a> |           | A VELHA CASA                |
| <a href="#">IMG_6505.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_6506.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_6507.JPG</a> | DA MULHER | A PROMESSA                  |
| <a href="#">IMG_6508.JPG</a> |           | UM ANO PASSA....            |
| <a href="#">IMG_6509.JPG</a> |           | MURMURAR                    |
| <a href="#">IMG_6510.JPG</a> | DA MULHER | NA ÚLTIMA HORA              |
| <a href="#">IMG_6511.JPG</a> |           | CONVERSANDO COM AS NOSSAS   |
| <a href="#">IMG_6512.JPG</a> |           | ARTISTAS                    |
| <a href="#">IMG_6513.JPG</a> |           | MEDITAÇÃO DE NAZARÉ         |
| <a href="#">IMG_6514.JPG</a> | NOVIDADES | REARMAMENTO MORAL           |
| <a href="#">IMG_6515.JPG</a> | DA MULHER | CORAÇÕES UNIDOS             |
| <a href="#">IMG_6516.JPG</a> |           | A PAZ NA FAMÍLIA            |
| <a href="#">IMG_6517.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_6518.JPG</a> | DA MULHER | MURMURAR                    |
| <a href="#">IMG_6519.JPG</a> |           | A PAZ NO LAR - SIMPLICIDADE |
| <a href="#">IMG_6520.JPG</a> |           | O QUE DIGO A MANUELA SERVE  |
| <a href="#">IMG_6522.JPG</a> |           | TAMBÉM A TI                 |
| <a href="#">IMG_6523.JPG</a> | DA MULHER | LUZ NA NEVE                 |
| <a href="#">IMG_6524.JPG</a> |           | A ÚLTIMA CEIA               |
| <a href="#">IMG_6525.JPG</a> | DA MULHER | MURMURAR                    |
| <a href="#">IMG_6526.JPG</a> |           | UMA RAPARIGA FEIA           |
| <a href="#">IMG_6527.JPG</a> |           | A NOITE DE NATAL            |
| <a href="#">IMG_6528.JPG</a> |           | CONVERSANDO COM AS NOSSAS   |
| <a href="#">IMG_6529.JPG</a> | DA MULHER | ARTISTAS                    |
| <a href="#">IMG_6530.JPG</a> |           | O CORAÇÃO                   |
| <a href="#">IMG_6531.JPG</a> |           | SERÁFICA DOÇURA             |
| <a href="#">IMG_6532.JPG</a> | DA MULHER | CASOS FAMILIARES            |
| <a href="#">IMG_6533.JPG</a> |           | SERÁFICA DOÇURA             |
| <a href="#">IMG_6534.JPG</a> | DA MULHER | MURMURAR                    |
| <a href="#">IMG_6535.JPG</a> |           | O QUE LIBERTA               |
| <a href="#">IMG_6536.JPG</a> |           | A VOZ DE SÃO MAMEDE         |
| <a href="#">IMG_6537.JPG</a> |           | A RUA ESCURA                |
| <a href="#">IMG_6538.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_6539.JPG</a> | DA MULHER | A CASA                      |
| <a href="#">IMG_6540.JPG</a> |           | ONTEM E HOJE                |
| <a href="#">IMG_6541.JPG</a> | DA MULHER | COISAS AMERICANAS           |
| <a href="#">IMG_6542.JPG</a> |           | EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS       |
| <a href="#">IMG_6543.JPG</a> |           | QUER SER BOA DONA DE CASA?  |
| <a href="#">IMG_6544.JPG</a> |           | PUERICULTURA                |
| <a href="#">IMG_6545.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_6546.JPG</a> | DA MULHER | VOLTA AO MUNDO CATÓLICO     |
| <a href="#">IMG_6547.JPG</a> |           | PERDOA, PEDRO               |
| <a href="#">IMG_6548.JPG</a> |           | CONVERSANDO COM AS NOSSAS   |
|                              |           | ARTISTAS                    |

| IMAGENS   | SEÇÃO     | TEMA   |
|---|-----------|--|
| <u>IMG_6623.JPG</u><br><u>IMG_6624.JPG</u>  | DA MULHER | A ACÇÃO DE SEMPRE DA MULHER PORTUGUESA   |
| <u>IMG_6625.JPG</u><br><u>IMG_6626.JPG</u><br><u>IMG_6627.JPG</u><br><u>IMG_6628.JPG</u>  | DA MULHER | A MULHER E A MODA<br>A VELHA CASA<br>MARCHAS DE OUTROS TEMPOS                            |
| <u>IMG_6629.JPG</u><br><u>IMG_6630.JPG</u>  | NOVIDADES | OS CATÓLICOS E O NOVO CÓDIGO CIVIL   |
| <u>IMG_6631.JPG</u><br><u>IMG_6632.JPG</u><br><u>IMG_6633.JPG</u><br><u>IMG_6634.JPG</u><br><u>IMG_6635.JPG</u>   | DA MULHER | DESCRENTES<br>VIM PARA FICAR!<br>MOVIMENTO NACIONAL FEMININO                             |
| <u>IMG_6636.JPG</u><br><u>IMG_6637.JPG</u><br><u>IMG_6638.JPG</u><br><u>IMG_6639.JPG</u><br><u>IMG_6640.JPG</u><br><u>IMG_6641.JPG</u><br><u>IMG_6642.JPG</u> | DA MULHER | ELEVEMOS A MULHER<br>A SEPARAÇÃO<br>CIÚMES<br>CONFORTO NO LAR                            |
| <u>IMG_6643.JPG</u><br><u>IMG_6644.JPG</u><br><u>IMG_6645.JPG</u><br><u>IMG_6646.JPG</u>  | NOVIDADES | O PROBLEMA DO DIVÓRCIO DO NOVO CÓDIGO CIVIL  |
| <u>IMG_6647.JPG</u><br><u>IMG_6648.JPG</u><br><u>IMG_6649.JPG</u><br><u>IMG_6650.JPG</u>  | DA MULHER | VERSO E REVERSO<br>NÃO HÁ SÓ RAPAZES MAUS<br>AQUELA CASINHA...                           |
| <u>IMG_6651.JPG</u><br><u>IMG_6652.JPG</u><br><u>IMG_6653.JPG</u><br><u>IMG_6654.JPG</u><br><u>IMG_6655.JPG</u>   | DA MULHER | GOVERNAR A CASA<br>A ASSUNÇÃO DA VIRGEM MARIA<br>DESPERTAR                               |
| <u>IMG_6656.JPG</u><br><u>IMG_6657.JPG</u>  | DA MULHER | A DOENÇA DO ZÉ LEIRAS<br>TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>ARRUMAR OS VELHOS   |
| <u>IMG_6658.JPG</u><br><u>IMG_6659.JPG</u><br><u>IMG_6660.JPG</u><br><u>IMG_6661.JPG</u><br><u>IMG_6662.JPG</u>   | DA MULHER | ACORDES LIGEIOS<br>A MORTE ESPREITA-NOS<br>ÁGUA PURA<br>PÁGINAS SOLTAS                   |
| <u>IMG_6663.JPG</u><br><u>IMG_6664.JPG</u><br><u>IMG_6665.JPG</u><br><u>IMG_6666.JPG</u>  | DA MULHER | O PECADO DE SOROR ANGÉLICA<br>OS CÃES TAMBÉM PRECISAM SER EDUCADOS<br>COISAS PORTUGUESAS |
| <u>IMG_6667.JPG</u><br><u>IMG_6668.JPG</u><br><u>IMG_6669.JPG</u>   | DA MULHER | UMA FIGURA DE TRAGÉDIA<br>O MAR<br>PÁGINAS SOLTAS  |
| <u>IMG_6670.JPG</u><br><u>IMG_6671.JPG</u><br><u>IMG_6672.JPG</u>   | DA MULHER | A MULHER E A MODA<br>A SEMANA SANTA! A PÁScoa!<br>O BEIJO DA PAZ                         |
| <u>IMG_6673.JPG</u>   | DA MULHER | TENDÊNCIAS ERRADAS   |



| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                          |
|------------------------------|-----------|-------------------------------|
| <a href="#">IMG_6674.JPG</a> | DA MULHER | MARIA ADELAIDE FORMIGAL       |
| <a href="#">IMG_6675.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6676.JPG</a> |           | LIBERTAÇÃO                    |
| <a href="#">IMG_6677.JPG</a> |           | CARIDADE                      |
| <a href="#">IMG_6678.JPG</a> |           | VARIEDADES                    |
| <a href="#">IMG_6679.JPG</a> | DA MULHER | NA VIDA E NA MORTE            |
| <a href="#">IMG_6680.JPG</a> |           | MILAGRES E LENDAS             |
| <a href="#">IMG_6681.JPG</a> |           | UM ASSASSINO ESCONDIDO        |
| <a href="#">IMG_6682.JPG</a> |           | VARIEDADES                    |
| <a href="#">IMG_6683.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6684.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6685.JPG</a> | DA MULHER | CANTINHO DA CRIANÇA           |
| <a href="#">IMG_6686.JPG</a> |           | FOI TAMBÉM NO SÃO MATEUS      |
| <a href="#">IMG_6687.JPG</a> |           | NA ERA DA VELOCIDADE          |
| <a href="#">IMG_6688.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6689.JPG</a> | DA MULHER | EVOCANDO FÁTIMA               |
| <a href="#">IMG_6690.JPG</a> |           | MODAS                         |
| <a href="#">IMG_6691.JPG</a> |           | MÚSICA - X FESTIVAL GULBEKIAN |
| <a href="#">IMG_6662.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6693.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6694.JPG</a> | DA MULHER | DIA 13 DE MAIO                |
| <a href="#">IMG_6695.JPG</a> |           | LOUVOR A MINHA MÃE            |
| <a href="#">IMG_6696.JPG</a> |           | HORA VOLUNTÁRIA DE            |
| <a href="#">IMG_6697.JPG</a> |           | TRABALHO                      |
| <a href="#">IMG_6698.JPG</a> | DA MULHER | PÁGINAS SOLTAS                |
| <a href="#">IMG_6700.JPG</a> |           | DE VEZ EM QUANDO              |
| <a href="#">IMG_6701.JPG</a> |           | HISTÓRIA? REALIDADE?          |
| <a href="#">IMG_6702.JPG</a> | DA MULHER | MOVIMENTO NACIONAL            |
| <a href="#">IMG_6703.JPG</a> |           | FEMININO                      |
| <a href="#">IMG_6704.JPG</a> |           | RAPAZES MAUS                  |
| <a href="#">IMG_6705.JPG</a> | DA MULHER | UM CANTINHO PARA NOSSO LAR    |
| <a href="#">IMG_6706.JPG</a> |           | ESCUA, HELENA...              |
| <a href="#">IMG_6707.JPG</a> |           | DORME HELENA, DORME...        |
| <a href="#">IMG_6708.JPG</a> |           | SEJA FRANCA...                |
| <a href="#">IMG_6709.JPG</a> | DA MULHER | NAQUELA NOITE DE REIS         |
| <a href="#">IMG_6710.JPG</a> |           | ANO NOVO                      |
| <a href="#">IMG_6711.JPG</a> |           | DE VEZ EM QUANDO              |
| <a href="#">IMG_6712.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6713.JPG</a> | DA MULHER | NOITE DE NATAL - EVOCÇÃO      |
| <a href="#">IMG_6714.JPG</a> |           | ROMARIA                       |
| <a href="#">IMG_6715.JPG</a> |           | AMEMOS TODOS OS FILHOS        |
| <a href="#">IMG_6716.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6717.JPG</a> |           |                               |
| <a href="#">IMG_6718.JPG</a> | DA MULHER | ESPERANÇA - ÂNCORA DE NOSSA   |
| <a href="#">IMG_6719.JPG</a> |           | VIDA                          |
| <a href="#">IMG_6720.JPG</a> |           | FUTURO INCERTO                |
| <a href="#">IMG_6721.JPG</a> |           | OS TAMANQUINHOS NOVOS         |
| <a href="#">IMG_6722.JPG</a> | DA MULHER | PROBLEMAS DOMÉSTICOS          |
| <a href="#">IMG_6723.JPG</a> |           | APONTAMENTOS SOBRE A MODA     |
| <a href="#">IMG_6724.JPG</a> |           | UMA CONFERÊNCIA               |
| <a href="#">IMG_6725.JPG</a> |           |                               |

| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA  |
|---------------------|-----------|---|
| <u>IMG 6726.JPG</u> | DA MULHER | CARNAVAL E A FOLIA<br>CANTINHO DA CRIANÇA<br>A NOSSA CASA                               |
| <u>IMG 6727.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6728.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6729.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6730.JPG</u> | DA MULHER | QUARESMA<br>E QUANDO VOLTOU...<br>A MULHER E A MODA                                     |
| <u>IMG 6731.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6732.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6733.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6734.JPG</u> | DA MULHER | A MÃO<br>CANTINHO DA CRIANÇA<br>A MULHER E A MODA                                       |
| <u>IMG 6735.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6736.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6737.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6739.JPG</u> | DA MULHER | PRIMAVERA DE 1966<br>A CAPOEIRA POVOADA<br>A CRIANÇA...                                 |
| <u>IMG 6740.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6741.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6742.JPG</u> | DA MULHER | A HOMENAGEM OPORTUNA DE<br>SEMPRE<br>CANTINHO DA CRIANÇA<br>FALSOS JUÍZOS               |
| <u>IMG 6743.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6744.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6745.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6746.JPG</u> | DA MULHER | CRSITO-REI<br>CANTINHO DA CRIANÇA<br>A FAMÍLIA NO CAMPO                                 |
| <u>IMG 6747.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6748.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6749.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6750.JPG</u> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>PÁGINAS SOLTAS<br>SAIBAMOS USAR OS PERFUMES |
| <u>IMG 6751.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6752.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6753.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6754.JPG</u> | DA MULHER | CENTENÁRIOS<br>CANTINHO DA CRIANÇA<br>A MULHER E A MODA                                 |
| <u>IMG 6755.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6756.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6757.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6758.JPG</u> | DA MULHER | FALANDO COM AMÉLIA REY<br>COLAÇO<br>PEQUENOS NADA E UMA GRANDE<br>FIGURA                |
| <u>IMG 6759.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6760.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6761.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6762.JPG</u> | DA MULHER | NO TURBILHÃO DO ERRO<br>PÁGINAS SOLTAS<br>CANTINHO DA CRIANÇA                           |
| <u>IMG 6763.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6764.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6765.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6766.JPG</u> | DA MULHER | PÁGINAS SOLTAS<br>VEM AÍ O NATAL<br>A NOSSA CASA  |
| <u>IMG 6767.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6768.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6769.JPG</u> | DA MULHER | O NATAL DO CEGO<br>NA NOITE DE NATAL<br>NATAL   |
| <u>IMG 6770.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6771.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6772.JPG</u> | DA MULHER | TEMA QUE NÃO CANSA<br>A NOSSA CASA<br>ANSIEDADE   |
| <u>IMG 6773.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6774.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6775.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG 6776.JPG</u> |           |   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                                     |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_6777.JPG</a> | DA MULHER | A SUÉCIA - UM PAÍS TRANQUILO             |
| <a href="#">IMG_6778.JPG</a> |           | POEMA A DEUS                             |
| <a href="#">IMG_6779.JPG</a> |           | VARIEDADES                               |
| <a href="#">IMG_6780.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6781.JPG</a> | DA MULHER | HOMENS, SEDE HOMENS!                     |
| <a href="#">IMG_6782.JPG</a> |           | MODA                                     |
| <a href="#">IMG_6783.JPG</a> |           | A FAMÍLIA NO CAMPO                       |
| <a href="#">IMG_6784.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6785.JPG</a> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO |
| <a href="#">IMG_6786.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA                      |
| <a href="#">IMG_6787.JPG</a> |           | AGOSTO, MÊS DAS ROMARIAS                 |
| <a href="#">IMG_6788.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6789.JPG</a> | DA MULHER | O TEMPO E A DOR                          |
| <a href="#">IMG_6790.JPG</a> |           | ESTA MODA DE ÓCULOS PRETOS...            |
| <a href="#">IMG_6791.JPG</a> |           | RECEITAS                                 |
| <a href="#">IMG_6792.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6793.JPG</a> | DA MULHER | RETALHOS DE MEMÓRIAS                     |
| <a href="#">IMG_6794.JPG</a> |           | CABELOS, O SOL E O MAR                   |
| <a href="#">IMG_6795.JPG</a> |           | MODA                                     |
| <a href="#">IMG_6796.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6797.JPG</a> | NOVIDADES | O GRANDE INIMIGO DAS<br>FAMÍLIAS         |
| <a href="#">IMG_6798.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6799.JPG</a> | DA MULHER | EGOÍSMO                                  |
| <a href="#">IMG_6800.JPG</a> |           | SORRINDO DE VEZ EM QUANDO<br>NOIVADO     |
| <a href="#">IMG_6801.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6802.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6803.JPG</a> | DA MULHER | UM PEQUENO CRUZEIRO                      |
| <a href="#">IMG_6804.JPG</a> |           | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO |
| <a href="#">IMG_6805.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA                      |
| <a href="#">IMG_6806.JPG</a> | DA MULHER | UM MUNDO MELHOR                          |
| <a href="#">IMG_6807.JPG</a> |           | A NOSSA CASA                             |
| <a href="#">IMG_6808.JPG</a> |           | PLÁSTICOS                                |
| <a href="#">IMG_6809.JPG</a> | DA MULHER | FINS DE SEMANA                           |
| <a href="#">IMG_6810.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA                      |
| <a href="#">IMG_6811.JPG</a> |           | PÁGINAS SOLTAS                           |
| <a href="#">IMG_6812.JPG</a> | DA MULHER | FÉRIAS                                   |
| <a href="#">IMG_6813.JPG</a> |           | FALEMOS PORTUGUÊS                        |
| <a href="#">IMG_6814.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA                      |
| <a href="#">IMG_6815.JPG</a> |           | MODA                                     |
| <a href="#">IMG_6818.JPG</a> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO |
| <a href="#">IMG_6819.JPG</a> |           | MODAS                                    |
| <a href="#">IMG_6820.JPG</a> |           | EM PROL DA CRIANÇA                       |
| <a href="#">IMG_6821.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA                      |
| <a href="#">IMG_6822.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6823.JPG</a> | DA MULHER | AQUELE RIBEIRO                           |
| <a href="#">IMG_6824.JPG</a> |           | CÁ SE FAZEM, CÁ SE PAGAM                 |
| <a href="#">IMG_6825.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA                      |
| <a href="#">IMG_6826.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6827.JPG</a> | NOVIDADES | A ENTREVISTA DE SALAZAR A "LE<br>FIGARO" |
| <a href="#">IMG_6828.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_6829.JPG</a> | DA MULHER | MULHERES                                 |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                       |                         |
|------------------------------|-----------|----------------------------|-------------------------|
| <a href="#">IMG_6830.JPG</a> | DA MULHER | PELA ACÇÃO CATÓLICA        |                         |
| <a href="#">IMG_6831.JPG</a> |           | MÃE DUM SARCEDOTE          |                         |
| <a href="#">IMG_6832.JPG</a> |           |                            |                         |
| <a href="#">IMG_6833.JPG</a> |           | A ADOLESCÊNCIA             |                         |
| <a href="#">IMG_6834.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA        |                         |
| <a href="#">IMG_6835.JPG</a> |           | MODAS                      |                         |
| <a href="#">IMG_6836.JPG</a> |           |                            |                         |
| <a href="#">IMG_6837.JPG</a> | DA MULHER | PÁGINAS SOLTAS             |                         |
| <a href="#">IMG_6838.JPG</a> |           | VARIEDADES                 |                         |
| <a href="#">IMG_6839.JPG</a> | NOVIDADES | CONFERÊNCIA DE IMPRENSA    |                         |
| <a href="#">IMG_6840.JPG</a> | DA MULHER | GLÓRIAS A DEUS NAS ALTURAS |                         |
| <a href="#">IMG_6841.JPG</a> |           | SER CRISTÃO                |                         |
| <a href="#">IMG_6842.JPG</a> |           | UM ANO ACABOU...           |                         |
| <a href="#">IMG_6843.JPG</a> |           |                            |                         |
| <a href="#">IMG_6844.JPG</a> |           |                            |                         |
| <a href="#">IMG_6845.JPG</a> | DA MULHER | TENDÊNCIAS CONDENÁVEIS     |                         |
| <a href="#">IMG_6846.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA        |                         |
| <a href="#">IMG_6847.JPG</a> |           | ABANDONADOS                |                         |
| <a href="#">IMG_6848.JPG</a> | NOVIDADES | A NOVA FACE DA IGREJA      |                         |
| <a href="#">IMG_6849.JPG</a> | DA MULHER | ALGUNS PROBLEMAS DA        |                         |
| <a href="#">IMG_6850.JPG</a> |           | MOCIDADE                   |                         |
| <a href="#">IMG_6851.JPG</a> |           | MANEQUINS                  |                         |
| <a href="#">IMG_6852.JPG</a> |           | PÁGINAS SOLTAS             |                         |
| <a href="#">IMG_6853.JPG</a> |           | NOVIDADES                  | A IGREJA E A AUTORIDADE |
| <a href="#">IMG_6854.JPG</a> | DA MULHER | MULHERES DE ONTEM,         |                         |
| <a href="#">IMG_6855.JPG</a> |           | RAPARIGAS DE HOJE          |                         |
| <a href="#">IMG_6856.JPG</a> |           | MODAS                      |                         |
| <a href="#">IMG_6857.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA        |                         |
| <a href="#">IMG_6858.JPG</a> |           |                            |                         |
| <a href="#">IMG_6859.JPG</a> | DA MULHER | A MODA TAMBÉM CHEGOU NA    |                         |
| <a href="#">IMG_6860.JPG</a> |           | COZINHA                    |                         |
| <a href="#">IMG_6861.JPG</a> |           | CASOS DE HOJE              |                         |
| <a href="#">IMG_6862.JPG</a> |           | JORNAL FEMININO            |                         |
| <a href="#">IMG_6863.JPG</a> | DA MULHER | E UM BÓLIDE PASSOU         |                         |
| <a href="#">IMG_6864.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA        |                         |
| <a href="#">IMG_6865.JPG</a> |           | ARTES E ARTISTAS           |                         |
| <a href="#">IMG_6866.JPG</a> |           | NOVIDADES                  | A CAMPANHA A FAVOR DO   |
| <a href="#">IMG_6867.JPG</a> |           |                            | DIVÓRCIO NA ITÁLIA      |
| <a href="#">IMG_6868.JPG</a> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,    |                         |
| <a href="#">IMG_6869.JPG</a> |           | ELEVA O MUNDO              |                         |
| <a href="#">IMG_6870.JPG</a> |           | COINCIDÊNCIA....           |                         |
| <a href="#">IMG_6871.JPG</a> |           | NOVIDADES                  | FIGURAS PORTUGUESAS     |
| <a href="#">IMG_6872.JPG</a> |           |                            |                         |
| <a href="#">IMG_6873.JPG</a> | DA MULHER | FAMÍLIA PORTUGUESA         |                         |
| <a href="#">IMG_6874.JPG</a> |           | CHEGOU A PRIMAVERA         |                         |
| <a href="#">IMG_6875.JPG</a> |           | UMA LIÇÃO DE AMOR          |                         |
| <a href="#">IMG_6876.JPG</a> |           | ESPERANÇA                  |                         |
| <a href="#">IMG_6877.JPG</a> |           | DA MULHER                  | A MULHER E A MODA       |
| <a href="#">IMG_6878.JPG</a> |           | APONTAMENTOS               |                         |
|                              |           | A PROFISSÃO                |                         |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA  |
|------------------------------|-----------|---|
| <a href="#">IMG_6879.JPG</a> | DA MULHER | MEU CAVALO BAIO<br>O VOSSO CORREIO<br>O LAR E SEU EMBELEZAMENTO   |
| <a href="#">IMG_6880.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6881.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6882.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6883.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6884.JPG</a> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>A BELEZA DA MULHER<br>CÂNTICOS FRATERNOS  |
| <a href="#">IMG_6885.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6886.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6887.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6888.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6889.JPG</a> | DA MULHER | ALEGRIAS<br>LÓGICA DUM VELHO LOBO DO<br>MAR<br>CONFERÊNCIA  |
| <a href="#">IMG_6890.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6891.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6892.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6893.JPG</a> | DA MULHER | BEM VESTIR<br>A MULHER E A BELEZA<br>AINDA OS NOSSO INTERIORES<br>PARA OS VOSSOS FILHOS                                       |
| <a href="#">IMG_6894.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6895.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6896.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6897.JPG</a> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>OS RUÍDOS E A SAÚDE<br>DIVAGANDO  |
| <a href="#">IMG_6898.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6899.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6900.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6901.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6902.JPG</a> | DA MULHER | IGREJA DE SÃO DOMINGOS -<br>SÍMBOLO DE ETERNIDADE<br>INFLUÊNCIA ESCOCESA NA MODA<br>DE QUE É FEITO AS SENHORAS DE<br>ANTANHO? |
| <a href="#">IMG_6903.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6904.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6905.JPG</a> | DA MULHER | DUC IN ALTUM<br>LIÇÕES DE CRIANÇAS<br>MODAS   |
| <a href="#">IMG_6906.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6907.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6908.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6909.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6910.JPG</a> | NOVIDADES | AS MULHERES E A GUERRA  |
| <a href="#">IMG_6911.JPG</a> | NOVIDADES | UM CATÓLICO PODE SER<br>COMUNISTA? NÃO!   |
| <a href="#">IMG_6912.JPG</a> | DA MULHER | PÁScoa DE 1962<br>A PAIXÃO DE JESUS<br>COISAS ÚTEIS   |
| <a href="#">IMG_6913.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6914.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6915.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6916.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6917.JPG</a> | DA MULHER | CONVERSANDO COM AS NOSSAS<br>ARTISTAS<br>IMITAR, PARA QUE?<br>PROCISSÃO DA SENHORA DA<br>SAÚDE                                |
| <a href="#">IMG_6918.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6919.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6920.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6921.JPG</a> | DA MULHER | TRADIÇÕES DA PÁScoa NA<br>HOLANDA<br>CAMILO E SUA SOMBRA  |
| <a href="#">IMG_6922.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6923.JPG</a> |           |   |
| <a href="#">IMG_6924.JPG</a> | NOVIDADES | TABAGISMO FEMININO  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                             |
|------------------------------|-----------|----------------------------------|
| <a href="#">IMG_6925.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6926.JPG</a> | DA MULHER | PORTUGAL E COLOMBO               |
| <a href="#">IMG_6927.JPG</a> |           | TROVAS DO BRASIL                 |
| <a href="#">IMG_6928.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6929.JPG</a> | DA MULHER | ESTABILIDADE                     |
| <a href="#">IMG_6930.JPG</a> |           | UMA VERDADE PARA CADA UM         |
| <a href="#">IMG_6931.JPG</a> |           | RECEITAS                         |
| <a href="#">IMG_6932.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6933.JPG</a> | DA MULHER | AGUARELA                         |
| <a href="#">IMG_6934.JPG</a> |           | VARIÉDADES                       |
| <a href="#">IMG_6935.JPG</a> |           | COMO SE VIAJAVA A CEM ANOS       |
| <a href="#">IMG_6936.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6937.JPG</a> | NOVIDADES | A DEFESA DA FAMÍLIA              |
| <a href="#">IMG_6938.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6939.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER DE HOJE                 |
| <a href="#">IMG_6940.JPG</a> |           | A INTELIGÊNCIA NÃO TEM IDADE     |
| <a href="#">IMG_6941.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6942.JPG</a> | DA MULHER | APONTAMENTOS                     |
| <a href="#">IMG_6943.JPG</a> |           | LARANJEIRAS EM FLOR              |
| <a href="#">IMG_6944.JPG</a> |           | IMPRESSÕES                       |
| <a href="#">IMG_6945.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6946.JPG</a> | DA MULHER | OS SINOS DA VELHA GOA            |
| <a href="#">IMG_6947.JPG</a> |           | NA HORA QUE PASSA                |
| <a href="#">IMG_6948.JPG</a> |           | O ANJO SALVADOR                  |
| <a href="#">IMG_6949.JPG</a> | DA MULHER | ONTEM E HOJE                     |
| <a href="#">IMG_6950.JPG</a> |           | O ANJO SALVADOR                  |
| <a href="#">IMG_6951.JPG</a> |           | VARIÉDADES                       |
| <a href="#">IMG_6952.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER PORTUGUESA              |
| <a href="#">IMG_6953.JPG</a> |           | BRINDEMOS A NOIVA                |
| <a href="#">IMG_6954.JPG</a> |           | VELHAS PEDRAS                    |
| <a href="#">IMG_6955.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6956.JPG</a> | DA MULHER | CARTA DE UM PAI                  |
| <a href="#">IMG_6957.JPG</a> |           | BRINDEMOS A NOIVA                |
| <a href="#">IMG_6958.JPG</a> |           | A RAZÃO DO CRIME                 |
| <a href="#">IMG_6959.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6960.JPG</a> | DA MULHER | CONCEIÇÃO DA COSTA NEVES         |
| <a href="#">IMG_6961.JPG</a> |           | RESTITUÍDO A VIDA                |
| <a href="#">IMG_6962.JPG</a> |           | A MÃE                            |
| <a href="#">IMG_6963.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6964.JPG</a> | DA MULHER | A MISSÃO DA MULHER               |
| <a href="#">IMG_6965.JPG</a> |           | POETISAS PORTUGUESAS             |
| <a href="#">IMG_6966.JPG</a> |           | UMA RECORDAÇÃO AGRADÁVEL         |
| <a href="#">IMG_6967.JPG</a> |           |                                  |
| <a href="#">IMG_6968.JPG</a> | DA MULHER | DUAS BELAS FRASES                |
| <a href="#">IMG_6969.JPG</a> |           | MOBILIÁRIO FUNCIONAL             |
| <a href="#">IMG_6970.JPG</a> |           | O CALÇADO MODERNO E A SAÚDE      |
| <a href="#">IMG_6971.JPG</a> | DA MULHER | A VIDA SEM DEUS                  |
| <a href="#">IMG_6972.JPG</a> |           | LINCOLN E A SENTINELA            |
| <a href="#">IMG_6973.JPG</a> |           | ADORMECIDA                       |
| <a href="#">IMG_6974.JPG</a> |           | VARIÉDADES                       |
| <a href="#">IMG_6975.JPG</a> | DA MULHER | DE MULHER PARA MULHER            |
| <a href="#">IMG_6976.JPG</a> |           | LONGE DOS HOMENS E PERTO DE DEUS |

| IMAGENS  | SEÇÃO     | TEMA   |
|--|-----------|--|
| <u>IMG_6977.JPG</u><br><u>IMG_6978.JPG</u>   |           | COISAS PORTUGUESAS   |
| <u>IMG_6979.JPG</u><br><u>IMG_6980.JPG</u><br><u>IMG_6981.JPG</u>                        | DA MULHER | "LABORA SICUT BONUS MILES<br>CHRISTI JESU"<br>O TEMPO DA SALVAÇÃO      |
| <u>IMG_6982.JPG</u><br><u>IMG_6983.JPG</u><br><u>IMG_6984.JPG</u><br><u>IMG_6985.JPG</u> | DA MULHER | FALEMOS DA NOSSA TERRA<br>O PAI E A MENINA<br>COISAS NOSSAS            |
| <u>IMG_6986.JPG</u><br><u>IMG_6987.JPG</u><br><u>IMG_6988.JPG</u>                        | DA MULHER | FÁTIMA-ALTAR DO MUNDO<br>SANTÍSSIMA TRINDADE                           |
| <u>IMG_6989.JPG</u><br><u>IMG_6990.JPG</u><br><u>IMG_6991.JPG</u>                        | DA MULHER | OS PAIS E OS PROFESSORAS<br>O QUE APRENDI COM MEUS AVÓS                |
| <u>IMG_6992.JPG</u><br><u>IMG_6993.JPG</u><br><u>IMG_6994.JPG</u>                        | DA MULHER | VISITANTE ILUSTRE<br>A PÁTRIA  |
| <u>IMG_6995.JPG</u><br><u>IMG_6996.JPG</u><br><u>IMG_6997.JPG</u>                        | DA MULHER | NACIONALIZAR<br>PROVIDÊNCIA  |
| <u>IMG_6998.JPG</u><br><u>IMG_6999.JPG</u><br><u>IMG_7001.JPG</u>                        | DA MULHER | UMA ESCRITORA BRASILEIRA<br>PROVIDÊNCIA                                |
| <u>IMG_7002.JPG</u><br><u>IMG_7003.JPG</u><br><u>IMG_7004.JPG</u><br><u>IMG_7005.JPG</u> | DA MULHER | EDUCAR OS FILHOS<br>INCERTEZAS<br>IMPORTÂNCIA DOS SONHOS               |
| <u>IMG_7006.JPG</u><br><u>IMG_7007.JPG</u><br><u>IMG_7008.JPG</u><br><u>IMG_7009.JPG</u> | DA MULHER | MEDITAÇÕES<br>OS MELHORES AMIGOS DOS<br>HOMENS<br>VARIEDADES           |
| <u>IMG_7010.JPG</u><br><u>IMG_7011.JPG</u><br><u>IMG_7012.JPG</u>                        | DA MULHER | UMA DEPUTADA BRASILEIRA<br>MODA PARA 1962                              |
| <u>IMG_7013.JPG</u><br><u>IMG_7014.JPG</u><br><u>IMG_7015.JPG</u>                        | DA MULHER | FÁTIMA E PIO XII<br>A FORMIGA  |
| <u>IMG_7016.JPG</u><br><u>IMG_7017.JPG</u><br><u>IMG_7018.JPG</u><br><u>IMG_7019.JPG</u> | DA MULHER | A MÃE<br>O VELUDO ESTÁ NA MODA<br>VARIEDADES                           |
| <u>IMG_7020.JPG</u><br><u>IMG_7021.JPG</u><br><u>IMG_7022.JPG</u>                        | DA MULHER | TRÊS VIRTUDES ACTUAIS<br>A NOITE DE NATAL                              |
| <u>IMG_7023.JPG</u><br><u>IMG_7024.JPG</u><br><u>IMG_7025.JPG</u>                        | DA MULHER | HORAS AMARGAS<br>ASPECTOS DO NATAL CRISTÃO NA<br>ALEMANHA              |
| <u>IMG_7026.JPG</u><br><u>IMG_7027.JPG</u>   | DA MULHER | PERSONALIDADE: O QUE É TER<br>PERSONALIDADE?<br>AS FÉRIAS DE ANA PAULA |

| IMAGENS  | SEÇÃO                  | TEMA  |
|--|------------------------|---|
| <a href="#">IMG_7028.JPG</a>   |                        |   |
| <a href="#">IMG_7029.JPG</a><br><a href="#">IMG_7030.JPG</a><br><a href="#">IMG_7031.JPG</a>   | DA MULHER              | O QUE SIGNIFICA UNIVERSO<br>VARIEDADES                                      |
| <a href="#">IMG_7032.JPG</a><br><a href="#">IMG_7033.JPG</a><br><a href="#">IMG_7034.JPG</a><br><a href="#">IMG_7035.JPG</a>                                 | DA MULHER              | CONFERÊNCIAS DE SÃO VICENTE<br>DE PAULO<br>OH, QUE SAUDADES QUE TENHO...    |
| <a href="#">IMG_7036.JPG</a><br><a href="#">IMG_7037.JPG</a><br><a href="#">IMG_7038.JPG</a><br><a href="#">IMG_7039.JPG</a>                                 | DA MULHER              | TODOS OS SANTOS, TODOS OS<br>FIÉIS DEFUNTOS<br>O VELHO PIANO                |
| <a href="#">IMG_7040.JPG</a><br><a href="#">IMG_7041.JPG</a><br><a href="#">IMG_7042.JPG</a>   | DA MULHER              | O SUMO PONTÍFICIE<br>TÚMULOS VAZIOS   |
| <a href="#">IMG_7043.JPG</a><br><a href="#">IMG_7044.JPG</a><br><a href="#">IMG_7045.JPG</a><br><a href="#">IMG_7046.JPG</a>                                 | DA MULHER              | A PROPÓSITO DE UM POSTAL<br>ALGUÉM CHORAVA NA CAVERNA                       |
| <a href="#">IMG_7047.JPG</a><br><a href="#">IMG_7048.JPG</a><br><a href="#">IMG_7049.JPG</a><br><a href="#">IMG_7050.JPG</a>                                 | DA MULHER              | PRÓXIMO NATAL<br>O NATAL E A LEI DO AMOR<br>O VELHO PIANO                   |
| <a href="#">IMG_7051.JPG</a><br><a href="#">IMG_7052.JPG</a><br><a href="#">IMG_7053.JPG</a><br><a href="#">IMG_7054.JPG</a>                                 | DA MULHER              | BONS VOTOS<br>PRESÉPIO NO CALVÁRIO<br>REGRESSO LUMINOSO                     |
| <a href="#">IMG_7055.JPG</a><br><a href="#">IMG_7056.JPG</a><br><a href="#">IMG_7057.JPG</a><br><a href="#">IMG_7058.JPG</a>                                 | DA MULHER              | NA GRUTA DE BELÉM<br>NOVO ANO, UMA ESPERANÇA                                |
| <a href="#">IMG_7059.JPG</a><br><a href="#">IMG_7060.JPG</a>   | NOVIDADES              | QUEM SÃO OS COMUNISTAS?   |
| <a href="#">IMG_7061.JPG</a><br><a href="#">IMG_7062.JPG</a><br><a href="#">IMG_7063.JPG</a><br><a href="#">IMG_7064.JPG</a>                                 | DA MULHER              | PERGUNTAS INOCENTES<br>SEMANA SANTA   |
| <a href="#">IMG_7065.JPG</a><br><a href="#">IMG_7066.JPG</a><br><a href="#">IMG_7067.JPG</a><br><a href="#">IMG_7068.JPG</a><br><a href="#">IMG_7069.JPG</a> | NOVIDADES<br>DA MULHER | AGRADECIMENTO A SALAZAR<br>A NOSSA ALMA<br>SANGUE PORTUGUES                 |
| <a href="#">IMG_7070.JPG</a><br><a href="#">IMG_7071.JPG</a><br><a href="#">IMG_7072.JPG</a>   | DA MULHER              | A MULHER PORTUGUESA<br>O ÚLTIMO GRANDE NAVEGADOR<br>PORTUGUÊS<br>VARIEDADES |
| <a href="#">IMG_7073.JPG</a><br><a href="#">IMG_7074.JPG</a><br><a href="#">IMG_7075.JPG</a><br><a href="#">IMG_7076.JPG</a>                                 | DA MULHER              | MODAS E MODOS<br>VARIEDADES<br>A ÁRVORE                                     |
| <a href="#">IMG_7077.JPG</a><br><a href="#">IMG_7078.JPG</a>   | DA MULHER              | MEDITANDO<br>FÁTIMA EM DAMASCO  |



| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_7079.JPG</a> | DA MULHER | MOCIDADE<br>HORA DE PORTUGAL, HORA DE FÁTIMA<br>COSMÉTICOS REJUVENECEDORES       |
| <a href="#">IMG_7080.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7081.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7082.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7083.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7084.JPG</a> | NOVIDADES | O MAIOR MAL DO COMUNISMO   |
| <a href="#">IMG_7085.JPG</a> | DA MULHER | CASOS DE VERÃO<br>A MULHER BRASILEIRA<br>VARIEDADES                              |
| <a href="#">IMG_7086.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7087.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7088.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7089.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7090.JPG</a> | DA MULHER | PAIS E FILHOS<br>VARIEDADES<br>PAI ESQUECIDOS                                    |
| <a href="#">IMG_7091.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7092.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7093.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7094.JPG</a> | DA MULHER | INTUITOS MALÉVOLOS<br>A ORIGEM DAS FOGAÇAS                                       |
| <a href="#">IMG_7095.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7096.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7097.JPG</a> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>MODAS E MODOS<br>ANO NOVO, ANO VELHO |
| <a href="#">IMG_7098.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7099.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7100.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7101.JPG</a> | DA MULHER | RECORDAR<br>AOS MARIDOS  |
| <a href="#">IMG_7102.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7103.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7104.JPG</a> | DA MULHER | CARTA DO CAMPO PARA A<br>CIDADE<br>ENTRE DOIS AMORES                             |
| <a href="#">IMG_7105.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7106.JPG</a> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>FACE A FACE COM A ESFINGE            |
| <a href="#">IMG_7107.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7108.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7109.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7110.JPG</a> | DA MULHER | RECORDAÇÕES<br>A LIÇÃO DAS ANDORINHAS  |
| <a href="#">IMG_7111.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7112.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7113.JPG</a> | DA MULHER | SANTA LIBERDADE<br>RETORNO A BICICLETA   |
| <a href="#">IMG_7114.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7115.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7116.JPG</a> | DA MULHER | PROBLEMAS DE HOJE<br>UM HOMEM COMO OUTRO<br>QUALQUER                             |
| <a href="#">IMG_7117.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7118.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7119.JPG</a> | DA MULHER | A GRAÇA DOS ARDINAS<br>RECORDANDO  |
| <a href="#">IMG_7120.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7121.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7122.JPG</a> | NOVIDADES | DIA DE JEJUM FAMILIAR  |
| <a href="#">IMG_7123.JPG</a> | NOVIDADES | A PROFANAÇÃO DO LAR  |
| <a href="#">IMG_7124.JPG</a> | DA MULHER | CARTAS ANÔNIMAS<br>MINHA MÃE IRLANDESA<br>A MODA PRIMAVERIL                      |
| <a href="#">IMG_7125.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7126.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7127.JPG</a> |           |  |

| IMAGENS                      | SEÇÃO         | TEMA  |
|------------------------------|---------------|---|
| <a href="#">IMG 7128.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7129.JPG</a> |               | PIONEIRAS   |
| <a href="#">IMG 7130.JPG</a> | DA MULHER     | MÃES DE FAMÍLIA   |
| <a href="#">IMG 7131.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7132.JPG</a> |               | MANDA QUEM PODE   |
| <a href="#">IMG 7133.JPG</a> | DA MULHER     | ELA SEMPRE TERIA TUDO                                   |
| <a href="#">IMG 7134.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7135.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7136.JPG</a> | NOVIDADES     | SALAZAR - UMA TARDE COM SEU ESPÍRITO                    |
| <a href="#">IMG 7137.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7138.JPG</a> |               | O DIA DA RAINHA DA HOLANDA                              |
| <a href="#">IMG 7139.JPG</a> | DA MULHER     | DIREITOS FEMININOS EM ESPANHA                           |
| <a href="#">IMG 7140.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7141.JPG</a> |               | A MULHER NOS PAÍSES BAIXOS                              |
| <a href="#">IMG 7142.JPG</a> | DA MULHER     | O DOUTOR  |
| <a href="#">IMG 7143.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7144.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | DEUS E A IMORTALIDADE DA ALMA NO ALICERÇE DA EDUCAÇÃO   |
| <a href="#">IMG 7145.JPG</a> |               | DO BOATO A REALIDADE                                    |
| <a href="#">IMG 7146.JPG</a> | DA MULHER     | RESIGNAÇÃO  |
| <a href="#">IMG 7147.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7148.JPG</a> | ACÇÃO ESCOLAR | A IMORTALIDADE DA ALMA - UM DOS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO |
| <a href="#">IMG 7149.JPG</a> |               | A ASSUNÇÃO DA VIRGEM MARIA                              |
| <a href="#">IMG 7150.JPG</a> | DA MULHER     | É BEM ASSIM   |
| <a href="#">IMG 7151.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7152.JPG</a> | NOVIDADES     | A DUPLA ESCOLA DO COMUNISMO                             |
| <a href="#">IMG 7153.JPG</a> |               | A MENTIRA   |
| <a href="#">IMG 7154.JPG</a> | DA MULHER     | A PASTORA   |
| <a href="#">IMG 7155.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7156.JPG</a> |               | JORGE BOTELHO DINIS                                     |
| <a href="#">IMG 7157.JPG</a> | DA MULHER     | O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM                                 |
| <a href="#">IMG 7158.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7159.JPG</a> |               | CUIDEMOS DO ESPÍRITO                                    |
| <a href="#">IMG 7160.JPG</a> | DA MULHER     | DESTINO   |
| <a href="#">IMG 7161.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7162.JPG</a> |               | TERRA E MAR   |
| <a href="#">IMG 7163.JPG</a> | DA MULHER     | UM MÉDICO NA FAMÍLIA                                    |
| <a href="#">IMG 7164.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7165.JPG</a> |               | ELOS INQUEBRANTÁVEIS                                    |
| <a href="#">IMG 7166.JPG</a> | DA MULHER     | UM MÉDICO NA FAMÍLIA                                    |
| <a href="#">IMG 7167.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7168.JPG</a> |               | AS FERAS DE HOJE  |
| <a href="#">IMG 7169.JPG</a> | DA MULHER     | AS NOSSAS AVÓS  |
| <a href="#">IMG 7170.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7199.JPG</a> | NOVIDADES     | CRISTO...SOCIALISTA?                                    |
| <a href="#">IMG 7200.JPG</a> |               | A BELEZA DA MULHER                                      |
| <a href="#">IMG 7201.JPG</a> | DA MULHER     | LITERATURA INFANTIL                                     |
| <a href="#">IMG 7202.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7203.JPG</a> |               |   |
| <a href="#">IMG 7204.JPG</a> | DA MULHER     | ABANDONADAS   |

| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA                            |
|---------------------|-----------|---------------------------------|
| <u>IMG 7205.JPG</u> |           | CONTO DE PÁSCOA                 |
| <u>IMG 7206.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7207.JPG</u> |           | ILUSÕES AO VENTO                |
| <u>IMG 7208.JPG</u> | DA MULHER | CANTINHO DA CRIANÇA             |
| <u>IMG 7209.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7210.JPG</u> |           | MULHERES SÓS                    |
| <u>IMG 7211.JPG</u> | DA MULHER | NOUTROS TEMPOS                  |
| <u>IMG 7212.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7213.JPG</u> |           | SEMENTE MINÚSCULA               |
| <u>IMG 7214.JPG</u> | DA MULHER | CANTINHO DA CRIANÇA             |
| <u>IMG 7215.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7216.JPG</u> |           | NÓS E A MODA                    |
| <u>IMG 7217.JPG</u> | DA MULHER | ARTE E ARTISTAS                 |
| <u>IMG 7218.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7219.JPG</u> |           | A MULHER E A MODA               |
| <u>IMG 7220.JPG</u> | DA MULHER | OS PERFUMES E A BELEZA          |
| <u>IMG 7221.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7222.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7223.JPG</u> |           | A BELEZA DA MULHER              |
| <u>IMG 7224.JPG</u> | DA MULHER | CRIANÇAS                        |
| <u>IMG 7225.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7226.JPG</u> |           | MÊS DE ALEGRIA                  |
| <u>IMG 7227.JPG</u> | DA MULHER | CANTINHO DA CRIANÇA             |
| <u>IMG 7228.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7229.JPG</u> |           | ANTES QUE CASES                 |
| <u>IMG 7230.JPG</u> | DA MULHER | APONTAMENTOS                    |
| <u>IMG 7231.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7232.JPG</u> |           | EDUCAÇÃO E CULTURA              |
| <u>IMG 7233.JPG</u> | DA MULHER | A MULHER E A MODA               |
| <u>IMG 7234.JPG</u> |           | VARIEDADES                      |
| <u>IMG 7235.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7236.JPG</u> |           | NAQUELE DOMINGO                 |
| <u>IMG 7237.JPG</u> | DA MULHER | AS NOSSAS FÉRIAS                |
| <u>IMG 7238.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7239.JPG</u> |           | TEMPO DE COBARDIA               |
| <u>IMG 7240.JPG</u> | DA MULHER | A MULHER E A MODA               |
| <u>IMG 7241.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7242.JPG</u> |           | FALEMOS PORTUGUÊS               |
| <u>IMG 7243.JPG</u> | DA MULHER | CANTINHO DA CRIANÇA             |
| <u>IMG 7244.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7245.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7246.JPG</u> |           | VARIAÇÕES SOBRE O MESMO<br>TEMA |
| <u>IMG 7247.JPG</u> | DA MULHER | EDUCAÇÃO E CULTURA              |
| <u>IMG 7248.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7249.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7250.JPG</u> |           | RESPINGANDO EM SEARA ALHEIA     |
| <u>IMG 7251.JPG</u> | DA MULHER | EDUCAÇÃO E CULTURA              |
| <u>IMG 7252.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7253.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7254.JPG</u> |           | RESPINGANDO EM SEARA ALHEIA     |
| <u>IMG 7255.JPG</u> | DA MULHER | EDUCAÇÃO E CULTURA              |
| <u>IMG 7256.JPG</u> |           |                                 |
| <u>IMG 7257.JPG</u> |           |                                 |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_7258.JPG</a> | DA MULHER | A BELEZA DA MULHER   |
| <a href="#">IMG_7259.JPG</a> |           | BRINQUEDOS IMPRÓPRIOS  |
| <a href="#">IMG_7260.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7261.JPG</a> | DA MULHER | AS CHAVES QUE ABRIRÃO TODOS OS CORAÇÕES                          |
| <a href="#">IMG_7262.JPG</a> |           | APELO A QUEM DE DIREITO  |
| <a href="#">IMG_7263.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7264.JPG</a> | DA MULHER | DEFENDEMOS A CRIANÇA   |
| <a href="#">IMG_7265.JPG</a> |           | O PAPA E A EDUCAÇÃO MODERNA                                      |
| <a href="#">IMG_7266.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7267.JPG</a> | DA MULHER | A ALEGRIA DE VIVER   |
| <a href="#">IMG_7268.JPG</a> |           | LUTAR PARA VIVER   |
| <a href="#">IMG_7269.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7270.JPG</a> | DA MULHER | O OUTONO   |
| <a href="#">IMG_7271.JPG</a> |           | CASTELGANDOLFO - UM AUTÊNTICO CRISTIANISMO                       |
| <a href="#">IMG_7272.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7273.JPG</a> | NOVIDADES | A DOENÇA DE SALAZAR  |
| <a href="#">IMG_7274.JPG</a> | NOVIDADES | O PROF. MARCELLO CAETANO TEVE ONTEM SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO |
| <a href="#">IMG_7275.JPG</a> |           | PORTUGAL TEM DE CONTINUAR  |
| <a href="#">IMG_7276.JPG</a> | NOVIDADES | PROF. MARCELLO CAETANO: A VIDA TEM DE CONTINUAR                  |
| <a href="#">IMG_7277.JPG</a> |           | NÃO EVOLUI O ESTADO DE SAÚDE DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR           |
| <a href="#">IMG_7278.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER AO VOLANTE  |
| <a href="#">IMG_7279.JPG</a> |           | DE TUDO UM POUCO   |
| <a href="#">IMG_7280.JPG</a> |           | A BELEZA DA MULHER - COMO SE DEVE LAVAR A CARA                   |
| <a href="#">IMG_7281.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7282.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER E A MODA  |
| <a href="#">IMG_7283.JPG</a> |           | COMO SE DEVE VIVER   |
| <a href="#">IMG_7284.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7285.JPG</a> | DA MULHER | A PRIMAVERA VOLTARÁ!   |
| <a href="#">IMG_7286.JPG</a> |           | DE TUDO UM POUCO   |
| <a href="#">IMG_7287.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7288.JPG</a> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,  |
| <a href="#">IMG_7289.JPG</a> |           | ELEVA O MUNDO  |
| <a href="#">IMG_7290.JPG</a> |           | UMA VEZ MAIS   |
| <a href="#">IMG_7291.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER E A MODA  |
| <a href="#">IMG_7292.JPG</a> |           | FIÉIS DEFUNTOS   |
| <a href="#">IMG_7293.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7294.JPG</a> | DA MULHER | O RITMO DOS SONHOS   |
| <a href="#">IMG_7295.JPG</a> |           | A MULHER E A MODA  |
| <a href="#">IMG_7296.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7297.JPG</a> | NOVIDADES | A CRISE DA FAMÍLIA   |
| <a href="#">IMG_7298.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7299.JPG</a> | DA MULHER | NASCIMENTO DE UMA NOVA PROFISSÃO?                                |
| <a href="#">IMG_7300.JPG</a> |           | A BELEZA DA MULHER   |
| <a href="#">IMG_7301.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7302.JPG</a> | DA MULHER | UMA OBRA INTERESSANTE  |
| <a href="#">IMG_7303.JPG</a> |           |  |

| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA  |
|---------------------|-----------|---|
| <u>IMG_7304.JPG</u> |           | COMO VI LONDRES   |
| <u>IMG_7305.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7306.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7307.JPG</u> | NOVIDADES | ESCOLA E FAMÍLIA  |
| <u>IMG_7308.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7309.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7310.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7311.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7312.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7313.JPG</u> | NOVIDADES | D. MANUEL GONÇALVES<br>CEREJEIRA - 80 ANOS<br>O AJORNAMENTO PASTORAL EM<br>PORTUGAL ANTECEDENTES<br>DA UNIVESIDADE CÁTOLICA<br>PORTUGUESA |
| <u>IMG_7314.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7315.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7316.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7317.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7318.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7320.JPG</u> |           | O DIA DA IMACULADA<br>CONCEIÇÃO<br>CAPRICHOS QUE NÃO ESTÃO<br>CERTOS  |
| <u>IMG_7321.JPG</u> | DA MULHER |   |
| <u>IMG_7322.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7323.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7324.JPG</u> |           | MÃES E FILHOS   |
| <u>IMG_7325.JPG</u> |           | A MULHER E A MODA   |
| <u>IMG_7326.JPG</u> | DA MULHER |   |
| <u>IMG_7327.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7328.JPG</u> |           | NOITE DE NATAL  |
| <u>IMG_7329.JPG</u> | DA MULHER | UM EXEMPLO DE PRESÉPIO  |
| <u>IMG_7330.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7331.JPG</u> |           | A ESCADA  |
| <u>IMG_7332.JPG</u> | DA MULHER | OPTIMISMO   |
| <u>IMG_7333.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7334.JPG</u> |           | A CONFERÊNCIA DE IMPRENSA<br>COM O MINISTRO FRANCO<br>NOGUEIRA  |
| <u>IMG_7335.JPG</u> | NOVIDADES |   |
| <u>IMG_7336.JPG</u> |           | CONTRASTES  |
| <u>IMG_7337.JPG</u> |           | A CRIANÇA E A MODA  |
| <u>IMG_7338.JPG</u> | DA MULHER | LUMINÁRIA POPULAR   |
| <u>IMG_7339.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7340.JPG</u> |           | EM DEFESA DO NOSSO IDIOMA   |
| <u>IMG_7341.JPG</u> |           | A IGREJA, O PROGRESSO E A PAZ   |
| <u>IMG_7342.JPG</u> | DA MULHER |   |
| <u>IMG_7343.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7344.JPG</u> |           | ÉPOCAS DIFERENTES   |
| <u>IMG_7345.JPG</u> |           | CANTINHO DA CRIANÇA   |
| <u>IMG_7346.JPG</u> | DA MULHER | SENTIMENTOS   |
| <u>IMG_7347.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7348.JPG</u> | NOVIDADES | FUNDAÇÃO PRESIDENTE<br>SALAZAR  |
| <u>IMG_7349.JPG</u> |           | A DELINQUÊNCIA JUVENIL  |
| <u>IMG_7350.JPG</u> | DA MULHER | A CRIANÇA E A MODA  |
| <u>IMG_7351.JPG</u> |           |   |
| <u>IMG_7352.JPG</u> | DA MULHER | DE TUDO UM POUCO<br>TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO  |
| <u>IMG_7353.JPG</u> |           |   |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA   |
|------------------------------|-----------|--|
| <a href="#">IMG_7354.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER E A MODA                              |
| <a href="#">IMG_7355.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7356.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7357.JPG</a> | DA MULHER | A LENDA DO DESERTO<br>JUSTA DEFESA             |
| <a href="#">IMG_7358.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7359.JPG</a> | DA MULHER | DE TUDO UM POUCO                               |
| <a href="#">IMG_7360.JPG</a> |           | ARTE INDÍGENA NA LUANDA                        |
| <a href="#">IMG_7361.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7362.JPG</a> | DA MULHER | A TERRA TREMEU                                 |
| <a href="#">IMG_7363.JPG</a> |           | OS VELHOS                                      |
| <a href="#">IMG_7364.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7365.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7366.JPG</a> | DA MULHER | RESPEITE-SE O PASSADO, ESPERA-<br>SE NO FUTURO |
| <a href="#">IMG_7367.JPG</a> |           | A FAMÍLIA                                      |
| <a href="#">IMG_7368.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7369.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7370.JPG</a> | DA MULHER | A NOSSA TERRA                                  |
| <a href="#">IMG_7371.JPG</a> |           | AO ACABAR DAS FÉRIAS                           |
| <a href="#">IMG_7372.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7373.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7374.JPG</a> | DA MULHER | CRONICA DO OUTONO                              |
| <a href="#">IMG_7375.JPG</a> |           | A MULHER E A MODA                              |
| <a href="#">IMG_7376.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7377.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7378.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER E A MODA                              |
| <a href="#">IMG_7379.JPG</a> |           | EXPERIÊNCIAS DESOLADORAS                       |
| <a href="#">IMG_7380.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7381.JPG</a> | DA MULHER | O QUE É AFINAL O EXÉRCITO<br>AZUL?             |
| <a href="#">IMG_7382.JPG</a> |           | DE TUDO UM POUCO                               |
| <a href="#">IMG_7383.JPG</a> |           | DE BOAS INTENÇÕES...                           |
| <a href="#">IMG_7384.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7385.JPG</a> | DA MULHER | RECUSA JUSTIFICADA                             |
| <a href="#">IMG_7386.JPG</a> |           | DE TUDO UM POUCO                               |
| <a href="#">IMG_7387.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7388.JPG</a> | DA MULHER | NO CAMINHAR DO TEMPO                           |
| <a href="#">IMG_7389.JPG</a> |           | DE TUDO UM POUCO                               |
| <a href="#">IMG_7390.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7391.JPG</a> | NOVIDADES | 40 ANOS DE PATRIARCA DE<br>LISBOA              |
| <a href="#">IMG_7392.JPG</a> | DA MULHER | PARECEU LHES FÁCIL                             |
| <a href="#">IMG_7393.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA                            |
| <a href="#">IMG_7394.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7395.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7396.JPG</a> | DA MULHER | A FORTUNA NÃO ESCOLHE                          |
| <a href="#">IMG_7397.JPG</a> |           | CANTINHO DA CRIANÇA                            |
| <a href="#">IMG_7398.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7399.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7400.JPG</a> | DA MULHER | O BEBÉ E MODA                                  |
| <a href="#">IMG_7401.JPG</a> |           | A BELEZA DA MULHER                             |
| <a href="#">IMG_7402.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7403.JPG</a> |           |  |
| <a href="#">IMG_7404.JPG</a> | DA MULHER | NOITE DE NATAL                                 |

| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                        |
|------------------------------|-----------|-----------------------------|
| <a href="#">IMG_7405.JPG</a> |           | RECORDAR É VIVER            |
| <a href="#">IMG_7406.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7407.JPG</a> |           | ALEGRIAS E TRISTEZAS        |
| <a href="#">IMG_7408.JPG</a> | DA MULHER | DE TUDO UM POUCO            |
| <a href="#">IMG_7409.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7410.JPG</a> |           | A PÁSCOA                    |
| <a href="#">IMG_7411.JPG</a> | DA MULHER | OS DESAPARECIDOS            |
| <a href="#">IMG_7412.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7413.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7414.JPG</a> | NOVIDADES | CONVERSA EM FAMÍLIA         |
| <a href="#">IMG_7415.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7416.JPG</a> |           | ONTEM E HOJE                |
| <a href="#">IMG_7417.JPG</a> | DA MULHER | SECULARIZAÇÃO DO CLERO      |
| <a href="#">IMG_7418.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7419.JPG</a> |           | MODAS INACEITÁVEIS          |
| <a href="#">IMG_7420.JPG</a> | DA MULHER | FÁTIMA                      |
| <a href="#">IMG_7421.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7422.JPG</a> |           | OS NOSSOS JARDINS           |
| <a href="#">IMG_7423.JPG</a> | DA MULHER | DE TUDO UM POUCO            |
| <a href="#">IMG_7424.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7425.JPG</a> | NOVIDADES | SALAZAR: 80 ANOS            |
| <a href="#">IMG_7426.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7427.JPG</a> |           | CRÔNICAS LIGEIRAS           |
| <a href="#">IMG_7428.JPG</a> |           | CINZAS DE ESPERANÇA         |
| <a href="#">IMG_7429.JPG</a> | DA MULHER |                             |
| <a href="#">IMG_7430.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7431.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7432.JPG</a> | NOVIDADES | MORALIDADE E DIVÓRCIO       |
| <a href="#">IMG_7433.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7434.JPG</a> | DA MULHER | TIRAR PASSAPORTE            |
| <a href="#">IMG_7435.JPG</a> |           | NOVOS CAMINHOS              |
| <a href="#">IMG_7437.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7438.JPG</a> | NOVIDADES | A IMPRENSA CATÓLICA         |
| <a href="#">IMG_7439.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7440.JPG</a> |           | DE TUDO UM POUCO            |
| <a href="#">IMG_7441.JPG</a> | DA MULHER | O NOSSO LAR                 |
| <a href="#">IMG_7442.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7443.JPG</a> | NOVIDADES | CONSCIÊNCIA E               |
| <a href="#">IMG_7444.JPG</a> |           | RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA |
| <a href="#">IMG_7445.JPG</a> |           | O DIA DA MÃE                |
| <a href="#">IMG_7446.JPG</a> |           | DE TUDO UM POUCO            |
| <a href="#">IMG_7447.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER E A MODA           |
| <a href="#">IMG_7448.JPG</a> |           | VARIEDADES                  |
| <a href="#">IMG_7449.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7450.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER E A MODA           |
| <a href="#">IMG_7451.JPG</a> |           | DE TUDO UM POUCO            |
| <a href="#">IMG_7452.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7453.JPG</a> | NOVIDADES | O CINEMA E A FAMÍLIA        |
| <a href="#">IMG_7454.JPG</a> |           |                             |
| <a href="#">IMG_7455.JPG</a> | NOVIDADES | PELA HIGIENIZAÇÃO DE LISBOA |
| <a href="#">IMG_7456.JPG</a> | DA MULHER | MULHERES DE ONTEM E         |
| <a href="#">IMG_7457.JPG</a> |           | MULHERES DE HOJE            |
|                              |           | CANTINHO DA CRIANÇA         |

| IMAGENS             | SEÇÃO     | TEMA                       |
|---------------------|-----------|----------------------------|
| <u>IMG 7458.JPG</u> |           | RECEITAS                   |
| <u>IMG 7459.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7460.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7461.JPG</u> | DA MULHER | AO TERMINAR O MÊS          |
| <u>IMG 7462.JPG</u> |           | A MULHER E A MODA          |
| <u>IMG 7463.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7464.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7465.JPG</u> | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,    |
| <u>IMG 7466.JPG</u> |           | ELEVA O MUNDO              |
| <u>IMG 7467.JPG</u> |           | DE TUDO UM POUCO           |
| <u>IMG 7468.JPG</u> | DA MULHER | MILAGRE DE SANTO ANTÔNIO   |
| <u>IMG 7469.JPG</u> |           | HAVERÁ UMA MANEIRA CRISTÃ  |
| <u>IMG 7470.JPG</u> |           | DE GUIAR?                  |
| <u>IMG 7471.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7472.JPG</u> | DA MULHER | HORA DE APAGAR AS LUZES?   |
| <u>IMG 7473.JPG</u> |           | NÃO!                       |
| <u>IMG 7474.JPG</u> |           | AS CRIANÇAS E O ORGULHO    |
| <u>IMG 7475.JPG</u> | NOVIDADES | SECULARIZAÇÃO DA IGREJA?   |
| <u>IMG 7476.JPG</u> | DA MULHER | DE TUDO UM POUCO           |
| <u>IMG 7477.JPG</u> |           | ANOS A MAIS, ANOS A MENOS  |
| <u>IMG 7478.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7479.JPG</u> |           | EDUCAR                     |
| <u>IMG 7480.JPG</u> | DA MULHER | ADÁGIOS                    |
| <u>IMG 7481.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7482.JPG</u> |           | SABER CONVERSAR            |
| <u>IMG 7483.JPG</u> | DA MULHER | PALAVRAS DUMA MÃE          |
| <u>IMG 7484.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7485.JPG</u> | DA MULHER | A FESTA DA ASSUNÇÃO NESTA  |
| <u>IMG 7486.JPG</u> |           | ERA LUNAR                  |
| <u>IMG 7487.JPG</u> |           | BELEZA FEMININA            |
| <u>IMG 7488.JPG</u> | DA MULHER | A HORA DE DEUS             |
| <u>IMG 7489.JPG</u> |           | DE TUDO UM POUCO           |
| <u>IMG 7490.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7491.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7492.JPG</u> | DA MULHER | AQUI NASCEU LISBOA         |
| <u>IMG 7493.JPG</u> |           | CANTINHO DA CRIANÇA        |
| <u>IMG 7494.JPG</u> |           | A MULHER E A MODA          |
| <u>IMG 7495.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7496.JPG</u> | DA MULHER | CANTINHO DA CRIANÇA        |
| <u>IMG 7497.JPG</u> |           | ELEGÂNCIAS                 |
| <u>IMG 7498.JPG</u> |           | A MULHER E A MODA          |
| <u>IMG 7499.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7500.JPG</u> | NOVIDADES | IMPrensa CATÓLICA, PORQUE? |
| <u>IMG 7501.JPG</u> | DA MULHER | ATÉ QUANDO?                |
| <u>IMG 7502.JPG</u> |           | ARTES E ARTISTAS           |
| <u>IMG 7503.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7504.JPG</u> | DA MULHER | PROBLEMAS DÍFICEIS         |
| <u>IMG 7505.JPG</u> |           | A MULHER E A MODA          |
| <u>IMG 7506.JPG</u> |           |                            |
| <u>IMG 7507.JPG</u> | NOVIDADES | A CRISE DA IGREJA          |



| IMAGENS                      | SEÇÃO     | TEMA                    |
|------------------------------|-----------|-------------------------|
| <a href="#">IMG_7508.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7509.JPG</a> | DA MULHER | A MULHER E A MODA       |
| <a href="#">IMG_7510.JPG</a> |           | ANSIEDADE JUSTIFICADA   |
| <a href="#">IMG_7511.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7512.JPG</a> | DA MULHER | A TRAGÉDIA CONTINUA     |
| <a href="#">IMG_7513.JPG</a> |           | A MULHER E A MODA       |
| <a href="#">IMG_7514.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7515.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7516.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7517.JPG</a> | DA MULHER | CRIMES SEM PERDÃO       |
| <a href="#">IMG_7518.JPG</a> |           | VOZ DOS PAIS            |
| <a href="#">IMG_7519.JPG</a> |           | MODAS                   |
| <a href="#">IMG_7520.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7521.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7522.JPG</a> | DA MULHER | FREI RUÃO               |
| <a href="#">IMG_7523.JPG</a> |           | AGORA É ASSIM           |
| <a href="#">IMG_7524.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7525.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7526.JPG</a> | DA MULHER | A MODA ITALIANA         |
| <a href="#">IMG_7527.JPG</a> |           | PAIS E FILHOS           |
| <a href="#">IMG_7528.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7529.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7530.JPG</a> | DA MULHER | ILUSÕES AO VENTO        |
| <a href="#">IMG_7531.JPG</a> |           | SENHORA DA RIBEIRA      |
| <a href="#">IMG_7532.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7533.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7534.JPG</a> | DA MULHER | NETOS                   |
| <a href="#">IMG_7536.JPG</a> |           | EXPOSIÇÕES              |
| <a href="#">IMG_7537.JPG</a> |           | A PRIMAVERA E A MODA    |
| <a href="#">IMG_7538.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7539.JPG</a> | DA MULHER | A CHUVA CHEGOU          |
| <a href="#">IMG_7540.JPG</a> |           | LIVRO DE MEMÓRIAS       |
| <a href="#">IMG_7541.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7542.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7543.JPG</a> | DA MULHER | FANTASIA                |
| <a href="#">IMG_7544.JPG</a> |           | SEITA INDESEJÁVEL       |
| <a href="#">IMG_7545.JPG</a> |           | ILUSÕES AO VENTO        |
| <a href="#">IMG_7546.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7547.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7548.JPG</a> | DA MULHER | DESVAIRAMENTOS          |
| <a href="#">IMG_7549.JPG</a> |           | A ALMA DO VENTO         |
| <a href="#">IMG_7550.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7552.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7553.JPG</a> | DA MULHER | A MENINA TOMASINHA      |
| <a href="#">IMG_7554.JPG</a> |           | A ARTE DE VIVER         |
| <a href="#">IMG_7555.JPG</a> |           | NOUTROS TEMPOS          |
| <a href="#">IMG_7556.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7557.JPG</a> | DA MULHER | APENAS UMA FLOR         |
| <a href="#">IMG_7558.JPG</a> |           | PROGRESSO OU RETROCESSO |
| <a href="#">IMG_7559.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7560.JPG</a> |           |                         |
| <a href="#">IMG_7561.JPG</a> | DA MULHER | ONTEM E HOJE            |
| <a href="#">IMG_7562.JPG</a> |           | O PÃO DE CADA DIA       |

| IMAGENS  | SEÇÃO     | TEMA   |  |
|--|-----------|--|--|
| <u>IMG_7563.JPG</u><br><u>IMG_7564.JPG</u>   | DA MULHER | TODA ALMA QUE SE ELEVA,<br>ELEVA O MUNDO<br>NÓS, AS MULHERES             |  |
| <u>IMG_7565.JPG</u><br><u>IMG_7566.JPG</u><br><u>IMG_7567.JPG</u><br><u>IMG_7568.JPG</u> |           |  |  |
| <u>IMG_7569.JPG</u><br><u>IMG_7570.JPG</u><br><u>IMG_7571.JPG</u><br><u>IMG_7572.JPG</u> |           |  | MORRER É COMO O APAGAR DA<br>VELA NUMA MANHÃ<br>A PAROQUIA<br>FOLCLORE LUSO-BRASILEIRO |
| <u>IMG_7573.JPG</u><br><u>IMG_7574.JPG</u><br><u>IMG_7575.JPG</u>                        |           |  | O OCIDENTE<br>AS VANTAGENS DE CAMINHAR   |
| <u>IMG_7576.JPG</u><br><u>IMG_7577.JPG</u><br><u>IMG_7578.JPG</u><br><u>IMG_7579.JPG</u> |           |  | Á BUSCA DE DEUS<br>A ASSUNÇÃO DA VIRGEM MARIA<br>MODAS                                 |
| <u>IMG_7580.JPG</u><br><u>IMG_7581.JPG</u><br><u>IMG_7582.JPG</u>                        | DA MULHER | PARIS - LUZ E SOMBRAS NOS<br>BOULEVARDS<br>VARIEDADES                    |  |
| <u>IMG_7583.JPG</u><br><u>IMG_7584.JPG</u><br><u>IMG_7585.JPG</u>                        | DA MULHER | NESTE SETEMBRO<br>UMA AGULHA CHEIA DE SONHOS                             |  |
| <u>IMG_7586.JPG</u><br><u>IMG_7587.JPG</u><br><u>IMG_7588.JPG</u>                        | DA MULHER | NUM CORAÇÃO PEQUENINO, UM<br>GRANDE AMOR<br>MUITO OBRIGADO               |  |
| <u>IMG_7589.JPG</u><br><u>IMG_7590.JPG</u><br><u>IMG_7591.JPG</u>                        | NOVIDADES | DE COMO NASCERAM E<br>CRESCERAM AS "NOVIDADES"                           |  |
| <u>IMG_7592.JPG</u><br><u>IMG_7593.JPG</u>   |           | AS "NOVIDADES" E A<br>RESTAURAÇÃO DA MENTALIDADE<br>CATÓLICA EM PORTUGAL |  |
| <u>IMG_7594.JPG</u><br><u>IMG_7595.JPG</u><br><u>IMG_7596.JPG</u>                        | NOVIDADES | O 40º ANIVERSÁRIO DAS<br>"NOVIDADES"                                     |  |
| <u>IMG_7597.JPG</u><br><u>IMG_7598.JPG</u><br><u>IMG_7599.JPG</u>                        | DA MULHER | NATAL DE 1963<br>UM INCIDENTE  |  |